REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

COLETÂNEA FRANCESA

CONTENDO

Os fatos de manifestação dos Espíritos, assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. - O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível, sobre as ciências, *a* moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro. - A história do Espiritismo na antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO

DE ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito

DÉCIMO ANO. – 1867

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPIRITA

Av Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110
Fone: (19) 541-0077 - Fax: (19) 541-0966
CEP 13 602 970 - Araras - Estado de São Paulo - Brasil
C.GC. (MF) 44.220.101/0001-43 Inscrição Estadual 182 010 405.118

Título original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 1999

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS

DO DÉCIMO VOLUME

ANO 1867

ABRIL
Galileu; a propósito do drama do Sr Ponsard
Do espírito profético, pelo conde Joseph de Maistre
A liga do ensino (2° artigo)
Manifestações espontâneas: Moinho de Vicq-Sur-Nahon
Id. de Ménilmontant
Dissertações espíritas-Missão da Mulher
Bibliografia- Mudança do título *deLaVérité*
Carta de um espiritista (Carta de um espírita)
MAIO
Atmosfera espiritual
O emprego da palavra milagre
Revista retrospectiva das idéias espíritas- Punição do ateu
Uma expiação terrestre O jovem François
Salileu Fragmentos do Drama do Sr Ponsard
Lumem (2°artigo)
Dissertações espíritas- A vida espiritual
Provas terrestres dos homens em missão
O Gênio
JUNHO
Emancipação das mulheres nos Estados Unidos
Da Homeopatia no tratamento das doenças morais (° artigo)
O sentido espiritual
Grupo curador de Marmande- Intervenção dos parentes nas eu rãs
Nova sociedade espírita de Bordeaux
Necrologia- Sr. Quinemant (deSétif)
O conde D'Ourches
Dissertações espíritas-O magnetismo e o Espiritismo comparados
Bibliografia- União Espírita de Bordeaux
Progrès espiritualiste
Pesquisas sobre as causas do ateísmo
Le Roman deTavenir
JULHO
Curta excursão espírita
A lei e os Médiuns curadores
Illiers e os Espíritas
Epidemia da Ilha Maurice
Variedades
-Fato de identidade
Poesia espírita
-Aos Espíritos Protetores
Bibliografia
-O Romance do futuro
Dissertações espíritas
-Luta dos Espíritos para retornarão bem
AGOSTO
Femande, novela espírita
Simonet, médium curador em Bordeaux
Entrada de incrédulos no mundo dos espíritos -O doutor CIaudius
Um operário de Marseille
Variedades- A liga do ensino
Senhora Walker, doutora em cirurgia

O lman, grande capelão do Sultão
Jean Ryzak. O poder do remorso - Estudo moral
Dissertações espíritas - Plano de campanha
A era nova
Considerações sobre o sonambulismo espontâneo
Os espiões
A responsabilidade moral
Reclamação ao jornal *La Marionnette*
SETEMBRO
Caracteres da Revelação Espírita
Robinson Crusoé Espírita (continuação)
Bibliografias -Deus na natureza, por Camille Flammarion
OUTUBRO
O Espiritismo por toda a parte; a propositadas poesias do Sr Marteau
Senhora condessa Adelaide de Clérambert
Os médicos médiuns
O magistrado Hassan Curador tripolitano, ou a bênção do sangue
Ozuavo Jacob
Dissertações espíritas- Conselhos sobre a mediunidade curadora
Os adeuses
NOVEMBRO
Impressões de um médium inconsciente, a propósito do Romance do futuro Pelo Sr. Bonnemère
O cura Gassner, médium curador
Os pressentimentos e os prognósticos
O zuavo Jacob (2° artigo)
Notícias bibliográficas - A razão do Espiritismo, por Michel Bonnamy
La Gênese, lês miracles et lês prédictions, segundo o Espiritismo, por Allan Kardec
Aviso sobre cartas não assinadas Resposta ao Sr SB
DEZEMBRO
O homem diante da história; antigüidade da raça humana, por C Flammarion
Um ressuscitado contrariado Extraído da viagem do SrVictor Hugo, em Zélande
Carta de Benjamin Franklin sobre a preexistência
Reflexo da preexistência, por Jean Raynaud
Jeanne D'Arc e seus comentadores
A jovem camponesa de Monin; aparição
Algumas palavras à Revista Espírita, pelo jornal *Exposition populaire illustrée*
O abade de Saint-Pierre
Dissertações espíritas- Dos erros científicos
A exposição

ERRATA

Número de julho de 1867, página 196, 10" linha: As pessoas mais *ilustres* compreendem... - Lede: *illettrés.*

Número de novembro de 1867, página 341,40" linha: É pois o fluido que agita *sem* o impulso do Espirito...- Lede: *sob* o impulso.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO | **NO. 1** | **JANEIRO 1867**

AOS NOSSOS CORRESPONDENTES

A época da renovação das assinaturas, a 1º de janeiro, é, como todos os anos, para a maioria de nossos correspondentes da França e do estrangeiro, a ocasião de nos dar novos testemunhos de simpatia dos quais somos profundamente tocados.

Na impossibilidade material em que nos encontramos de responder *a* todos, rogamos-lhes consentirem em receber aqui a expressão de nossos agradecimentos sinceros e da reciprocidade de nossos votos, rogando-lhes estarem persuadidos de que não nos esquecemos, em nossas preces, de nenhum deles, encarnados ou desencarnados, que se nos recomendam.

Os testemunhos que se consentem nos dar são, para nós, poderosos encorajamentos e muito doces compensações que nos fazem esquecer facilmente as dificuldades e as fadigas do caminho. E como não as esqueceríamos, quando vemos a Doutrina crescer sem cessar, superar todos os obstáculos, e que cada dia nos traz novas provas do benefício que distribui! Agradecemos a Deus do insigne favor que nos concede de ser testemunha de seus primeiros sucessos, e de entrever o seu futuro. Nós lhe rogamos nos dar as forças físicas e morais necessárias para cumprir o que nos resta fazer antes de retornar ao mundo dos Espíritos.

Àqueles que querem fazer muitos votos para o prolongamento de nossa estada neste mundo, no interesse do Espiritismo, diremos que ninguém é indispensável para a execução dos desígnios de Deus; o que fizemos, outros teriam podido fazê-lo, e o que não podemos fazer, outros o farão; quando, pois, lhe aprouver nos chamar, ele saberá prover a continuação de sua obra. Aquele que está chamado a tomar-lhe as rédeas cresce na sombra e se revelará, quando disto for tempo, não por sua pretensão a uma supremacia qualquer, mas *por seus atos* que o assinalarão à atenção de todos.

Nesta hora ele próprio se ignora, e é útil, para o momento, que se mantenha ainda à parte.

Cristo disse: "Quem se eleva será rebaixado." É, pois, entre os humildes de coração que ele será escolhido, e não entre aqueles que quererão se elevar de sua própria autoridade e contra a vontade de Deus; aqueles disso não recolherão senão vergonha e humilhação, porque os orgulhosos e os presunçosos serão confundidos. Que cada um leve *a* sua pedra ao edifício e se contente com o papel de simples obreiro; Deus, que lê no fundo dos corações, saberá dar a cada um o justo salário do seu trabalho.

A todos os nossos irmãos em crença diremos: "Coragem e perseverança, porque o momento das grandes provas se aproxima. Fortalecei-vos nos princípios da Doutrina, e penetrai-os cada vez mais; alargai as vossas vistas; elevai-vos pelo pensamento acima do círculo limitado do presente, de maneira a abarcar o horizonte do infinito; considerai o futuro, e então a vida presente, com seu cortejo de misérias e de decepções, vos aparecerá como um ponto imperceptível, como um minuto doloroso que logo não deixa mais traços

na lembrança; as preocupações materiais parecem mesquinhas e pueris junto aos esplendores da imensidão.

Felizes aqueles que tirarem, na sinceridade de sua fé, a força da qual terão necessidade: aqueles bendirão a Deus de lhes ter dado a luz; reconhecerão a sua sabedoria em seus objetivos insondáveis e nos meios, quaisquer que sejam, que emprega para o seu cumprimento. Caminharão através dos escolhos com a serenidade, a firmeza e a confiança que dá da certeza de atingir o porto, sem se deter nas pedras que ferem os pés.

É nas grandes provas que se revelam as grandes almas; é então também que se revelam os corações verdadeiramente espíritas, pela coragem, pela resignação, pelo devotamento, pela abnegação, e pela caridade sob todas suas formas, dos quais dão o exemplo. (Ver artigo do mês de outubro de 1866: Os tempos são chegados.)

GOLPE DE VISTA RETROSPECTIVO

SOBRE O MOVIMENTO DO ESPIRITISMO.

Não é duvidoso para ninguém, muito mais para os adversários do que para os partidários do Espiritismo, que esta questão agita, mais do que nunca, os espíritos. Esse movimento é, como alguns afetam dize-lo, um fogo de palha? Mas esse fogo de palha dura há quinze anos, em lugar de se extinguir, a sua intensidade não faz senão crescer ano a ano; ora, não está aí o caráter das coisas efêmeras e que não se dirigem senão à curiosidade. O último levante geral sob o qual esperava-se abafá-lo, não fez senão reavivá-lo superexcitando a atenção dos indiferentes. A tenacidade desta idéia nada tem que possa surpreender quem sondou a profundeza *e* a multiplicidade das raízes pelas quais ela se liga aos mais sérios interesses da Humanidade. Aqueles que se espantam com isto dele não viram senão a superfície; a maioria mesmo não o conhece senão pelo nome, mas não lhe compreende nem o objetivo, nem a importância.

Se uns combatem o Espiritismo por ignorância, outros o fazem precisamente porque lhe sentem toda a importância, que nele pressentem o futuro e nele vêem um poderoso elemento regenerador. É preciso muito se persuadir de que certos adversários se converteram. Se eram menos convencidos das verdades que ele encerra, não lhe farão tanta oposição. Sentem que a garantia de seu futuro está no bem que ele faz; fazer ressaltar esse bem aos seus olhos, longe de acalmá-los, é acrescentar à causa de sua irritação. Tal foi, no século XV, a numerosa classe dos escreventes copistas que teriam de boa vontade feito queimar Gutenberg e todos os impressores; assim não teria sido em lhes demonstrando os benefícios da imprensa, que ia suplantá-los, que os teria apaziguado.

Quando uma coisa está na verdade e que o tempo de sua eclosão chegou, apesar de tudo ela caminha sozinha. A poderosa ação do Espiritismo está atestada pela sua expansão persistente, apesar do pouco esforço que fez para se difundir. É um fato constatado, que *os adversários do Espiritismo dispensaram mil vezes mais força para abatê-lo, sem a isto chegar, do que seus partidários não o empregaram para propagá-lo.* Ele avança por assim dizer sozinho, semelhante a um curso de água que se infiltra nas terras, e abre uma passagem à direita se se o detém à esquerda, *e* pouco a pouco mina as pedras mais duras e acaba por fazer desmoronar as montanhas.

Um fato notório é que, *em seu conjunto,* a marcha do Espiritismo não sofreu nenhum tempo de parada; ela pôde ser entravada, comprimida, abrandada em algumas localidades pelas influências contrárias; mas, como o dissemos, a corrente, barrada em um ponto, se divide em uma multiplicidade de filetes. No entanto, à primeira vista dir-se-ia que a sua marcha é menos rápida do que o foi nos primeiros anos; disto é preciso inferir que se a desampara, que encontra menos simpatias? Não, mas simplesmente que o trabalho que se realiza, neste momento, é diferente, e, por sua natureza, menos ostensivo.

Desde o início, como já dissemos, o Espiritismo reuniu nele todos os homens nos quais estas idéias, de alguma sorte, estavam em estado de intuição; ele bastou se apresentar para ser compreendido e aceito. Imediatamente, ele recolheu abundantemente por toda a parte onde encontrou o terreno preparado. Feita esta primeira colheita, restavam os terrenos incultos que necessitaram de mais trabalho. Agora, é através das opiniões refratárias que ele deverá mostrar-se, e é o período em que nos encontramos. Semelhante ao mineiro que ergue sem dificuldade as primeiras camadas de terra móvel, ele chegou à rocha que é preciso cortar, e no seio da qual não pode penetrar senão pouco a pouco. Mas não há rocha, tão dura que seja, que resista indefinidamente a uma ação dissolvente contínua. Sua marcha é, pois, ostensivamente menos rápida, mas se, num tempo dado, não reúne também grande número dos adeptos francamente devotados, não abala menos as convicções contrárias, que caem, não de repente, mas pedaço a pedaço, até que a passagem seja feita. É o trabalho ao qual assistimos, e que marca a fase atual da Doutrina.

Esta fase é caracterizada por sinais inequívocos. Examinando-se a situação, torna-se evidente que a idéia ganha a cada dia terreno, que ela se aclimata; encontra menos oposição; dela se ri menos, e aqueles mesmos que não a aceitam ainda, começam a lhe conceder o direito de burguesia entre as opiniões. Os Espíritas não são mais mostrados ao dedo como outrora e considerados como animais curiosos; é o que, sobretudo, aqueles que viajam estão em condições de constatar. Por toda a parte encontram mais simpatia, ou menos antipatia pela coisa. Não se pode negar que não esteja aí um progresso real.

Para compreender as facilidades e as dificuldades que o Espiritismo encontra em seu caminho, é preciso se representar a diversidade das opiniões através das quais ele deve abrir uma passagem. Não se impondo jamais nem pela força nem pelo constrangimento, mas unicamente pela convicção, encontrou uma resistência mais ou menos grande, segundo a natureza das convicções existentes, com as quais podia mais ou menos facilmente assimilar, das quais umas o receberam de braços abertos, ao passo que outras o repeliram com obstinação.

Duas grandes correntes de idéias dividem a sociedade atual: o Espiritualismo e o materialismo; embora este último forme uma incontestável minoria, não se pode se dissimular que haja tomado uma grande extensão há alguns anos. Um e o outro se fracionam em uma multidão de nuanças que podem se resumir nas principais categorias seguintes:

1ˉ *Os fanáticos* de todos os cultos, - 0.

2- Os crentes satisfeitos, tendo convicções absolutas, fortemente atrasadas e sem restrição, embora sem fanatismo, sobre todos os pontos do culto que professam e que com eles estão satisfeitos. Esta categoria compreende também as seitas que, por isto mesmo que elas fizeram cisão e operaram reforma, se crêem na posse de toda a verdade, e são, às vezes, mais absolutas que as religiões mães. - 0.

3ˉ Os crentes ambiciosos, inimigos das idéias emancipadoras que poderiam lhes fazer perder o ascendente que exercem sobre a ignorância. - 0.

4ˉ *Os crentes pela forma,* que, por interesse, simulam uma f é que não têm, e quase sempre se mostram mais rígidos e mais intolerantes do que os religiosos sinceros. - 0.

5ˉ Os materialistas por sistema, que se apoiam sobre uma teoria raciocinada e da qual muito se obstinam contra a evidência, por orgulho, para não confessar que puderam se enganar; eles são, na maioria, tão absolutos e tão intolerantes em sua incredulidade quanto os fanáticos religiosos o são em sua crença. - 0.

6ˉ Os *sensualistas,* que repelem as doutrinas espiritualistas e espíritas com medo que venham lhes perturbar em seus gozos materiais. Fecham os olhos para não ver. - 0.

7ˉ Os negligentes, que vivem o dia-a-dia sem se preocupar com o futuro. A maioria não saberia dizer se são espiritualistas ou materialistas; o presente é para eles a única coisa séria. - 0.

8- Os panteístas, que não admitem uma divindade pessoal, mas um princípio espiritual universal no qual se confundem as almas, como as gotas de água no oceano, sem conservar a sua individualidade. Esta opinião é um primeiro passo para a espiritualidade, e, conseqüentemente, um progresso sobre o materialismo. Embora um pouco menos refratários às idéias espíritas, aqueles que a professam são em geral muito absolutos, porque é, neles, um sistema preconcebido e racional, e que muitos não se dizem panteístas senão para não se confessarem materialistas. É uma concessão que fazem às idéias espiritualistas para salvar as aparências. - 1.

9- *Os deístas,* que admitem a personalidade de um Deus único, criador e soberano senhor de todas as coisas, eterno e infinito em todas as suas perfeições, mas rejeitam todo culto exterior. - 3.

10- *Os espiritualistas sem sistema,* que não pertencem, por convicção, a nenhum culto, sem repelir nenhum deles, mas que não têm nenhuma idéia decretada sobre o futuro. - 5

11- Os *crentes progressistas,* ligados a um culto determinado, mas que admitem o progresso na religião, e o acordo das crenças com o progresso das ciências. - 5.

1*2- Os crentes não* satisfeitos, em que a fé é indecisa ou nula sobre os pontos de dogmas que não satisfazem completamente a sua razão, e que a dúvida atormenta. - 8.

13- Os *incrédulos por falta de melhor,* cuja maioria passou da fé à incredulidade e à negação de tudo, por falta de ter encontrado nas crenças, nas quais foram embalados, uma sanção satisfatória para a sua razão, mas nos quais a incredulidade deixa um vazio que ficariam felizes em ver preenchido. - 9.

14- Os *livres pensadores,* nova denominação pela qual se designam aqueles que não se sujeitam à opinião de ninguém em matéria de religião e de espiritualidade, que não se crêem ligados pelo culto onde o nascimento os coloca sem seu consentimento, nem obrigados à observação de quaisquer práticas religiosas. Esta qualificação não especifica nenhuma crença determinada; ela pode se aplicar a todas as nuanças do espiritualismo racional, tão bem quanto à incredulidade mais absoluta. Toda crença eclética pertence ao livre pensamento; todo homem que não se guia na fé cega é, por isto mesmo, livre pensador; a esse título, os Espíritas são também livres pensadores. Mas para aqueles que se podem chamar os radicais do livre pensamento, esta designação tem uma acepção mais restrita e, por assim dizer, exclusiva; para eles, ser livre pensador não é somente crer naquilo que se vê, é não crer em nada; é libertar-se de todo o freio, mesmo do temor de Deus e do futuro; a espiritualidade é uma tortura, e não a querem. Sob o símbolo da emancipação intelectual, procuram dissimular o que a qualidade de materialista e de ateu tem de repulsiva para a opinião das massas; e, coisa singular, é que em nome deste símbolo, que parece ser o da tolerância por todas as opiniões, atiram a pedra a quem não pense como eles. Há, pois, uma distinção essencial a fazer entre aqueles que se dizem *livres pensadores,* como entre aqueles que se dizem *filósofos.* Eles se dividem naturalmente em:

Livres pensadores incrédulos, que entram na 5ª categoria. - 0. Livres pensadores crentes, que pertencem a todas as nuanças do espiritualismo racional. - 9.

15- Os *Espíritas de intuição,* aqueles em que as idéias espíritas são inatas, e que as aceitam como uma coisa que não lhes é estranha. -10.

Tais são as camadas de terreno que o Espiritismo deve atravessar.

Lançando um golpe de vista sobre as diferentes categorias acima, é fácil de ver as que junto às quais ele encontra um acesso mais ou menos fácil, e as que contra às quais se choca a picareta contra o granito. Ele não triunfará destas senão com ajuda dos *novos elementos* que a renovação trará à Humanidade: esta é a obra Daquele que dirige tudo e que faz surgir os acontecimentos de onde deve sair o progresso.

As cifras colocadas em seguida de cada categoria indicam aproximadamente a proporção do número de adeptos, sobre 10, que cada uma forneça ao Espiritismo.

Admitindo-se, em média, a igualdade numérica entre essas diferentes categorias, vê-se que a parte refratária, pela sua natureza, abarca quase a metade da população. Como ela possui a audácia e a força material, não se limita a uma resistência passiva: é essencialmente agressiva; daí uma luta inevitável e necessária. Mas este estado de coisas não pode ter senão um tempo, porque o passado se vai e o futuro chega; ora, o Espiritismo caminha com o futuro.

É, pois, na outra metade que o Espiritismo deve recrutar, e o campo a explorar é muito vasto; é ali que deve concentrar seus esforços e que verá seus limites recuarem. No entanto, essa metade longe de lhe ser inteiramente simpática, ali encontra resistências renitentes, mas não insuperáveis, como na primeira, e cuja maioria prende-se a prevenções que se apagam à medida que o objetivo e as tendências da Doutrina são melhor compreendidas, e que desaparecerão com o tempo. Podendo-se admirar de uma coisa, é que, apesar da multiplicidade dos obstáculos que encontra, das armadilhas que se lhe estende, tenha podido chegar, em alguns anos, ao ponto onde está hoje.

Um outro progresso, não menos evidente, é o da atitude da oposição. À parte as invectivas lançadas, de tempo em tempo, por uma plêiade de escritores, *quase sempre os mesmos,* que não vêem por toda a parte senão a matéria para rir, que ririam mesmo de Deus, e cujos argumentos se limitam a dizer que a Humanidade torna-se demente, muito surpreende que o Espiritismo haja caminhado sem sua permissão, e é muito raro ver a Doutrina implicar com uma polêmica séria e firme. Em lugar disto, como já fizemos notar em um precedente artigo, as idéias espíritas invadem a imprensa, a literatura, a filosofia; não se as apropria sem confessá-las: é porque vê-se, a cada instante, surgirem nos jornais, nos livros, nos sermões, no teatro, pensamentos que se diria hauridos na própria fonte do Espiritismo. Seus autores, sem dúvida, protestariam contra a qualificação de Espíritas, mas com isto não sofreriam menos a influência das idéias que circulam e que parecem justas. É que os princípios sobre os quais repousa a Doutrina são de tal modo racionais, que fermentam numa multidão de cérebros e brilham com o seu desconhecimento; eles tocam a tantas questões, que é, por assim dizer, impossível entrar no caminho da espiritualidade sem fazer involuntariamente o Espiritismo. Foi um dos fatos mais característicos que marcaram o ano que acaba de se escoar.

É preciso concluir disto que a luta está terminada? Seguramente não, e devemos, ao contrário, mais do que nunca nos manter em guarda, porque teremos assaltos de um outro gênero a sustentar; mas, em esperando, as fileiras se reforçam, e os passos dados para a frente são tanto mais ganhos. Guardemo-nos de crer que certos adversários se dêem por batidos, e de tomar seu silêncio por uma adesão tácita, ou mesmo pela da neutralidade. Persuadamo-nos bem que certas pessoas não aceitarão *jamais,* nem abertamente nem tacitamente, o Espiritismo enquanto viverem, como há os que não aceitarão jamais certos regimes políticos; todos os raciocínios para a ele conduzi-los são impotentes, porque não o querem a nenhum preço; sua aversão pela Doutrina cresce em razão dos desenvolvimentos que ela toma.

Os ataques a céu aberto tornaram-se mais raros, porque se lhes reconheceu a inutilidade; mas não se desespera em vencer com a ajuda de manobras tenebrosas. Longe de dormir numa enganosa segurança, é preciso mais do que nunca desconfiar dos falsos irmãos que se insinuam em todas as reuniões para espiar, e em seguida *travestir o* que se disse e se fez; que semeiam por mão oculta os elementos de desunião; que, sob a aparência de um zelo factício e algumas vezes interessado, procuram levar o Espiritismo para fora dos caminhos da prudência, da moderação e da legalidade; que provocam em seu nome atos repreensíveis aos olhos da lei. Não tendo conseguido torná-lo ridículo, porque, por sua essência, é uma coisa séria, seus esforços tendem a *comprometê-lo* para torná-lo suspeito à autoridade, e provocar contra ele e seus adeptos as medidas de rigor. Desconfiemos, pois, dos beijo de Judas e daqueles que querem nos abraçar para nos sufocar.

É preciso se figurar que estamos em guerra e que os inimigos estão à nossa porta, prestes a agarrar a ocasião favorável, e que manejam as inteligências no lugar.

Nesta ocorrência, o que há a fazer? Uma coisa muito simples: se conter estritamente no limite dos preceitos da Doutrina; se esforçar por mostrar o que ela é por seu próprio exemplo, e declinar toda solidariedade com o que poderia ser feito em seu nome e seria de natureza a desacreditá-la, porque isto não saberia ser o fato de adeptos sérios e convictos. Não basta se dizer Espírita; aquele que o é de coração o prova por seus atos. A Doutrina não pregando senão o bem, o respeito às leis, a caridade, a tolerância e a benevolência para todos, repudiando toda violência feita à consciência alheia, todo charlatanismo, todo pensamento interessado no que concerne às realizações com os Espíritos, e todas as coisas contrárias à moral evangélica, aquele que não se afasta da linha traçada não pode incorrer nem em censura fundada, nem em perseguições legais; bem mais, quem toma a Doutrina por regra de conduta, não pode senão se conciliar à estima e à consideração das pessoas imparciais; diante do bem a própria incredulidade zombeteira se inclina, e a calúnia não pode sujar o que é sem mancha. É nestas condições que o Espiritismo atravessará as tempestades que se acumularem em seu caminho, e que sairá triunfante de todas as lutas.

O Espiritismo não pode mais ser responsável pelos erros daqueles a quem agrada se dizer espíritas, e a religião não o é dos atos repreensíveis daqueles que não têm senão a aparência da piedade. Antes, pois, de fazer recair a censura de tais atos sobre uma doutrina qualquer, é preciso saber se ela contém alguma máxima, algum ensino, que possa autorizá-los ou mesmo desculpá-los. Se, ao contrário, ela os condena formalmente, é evidente que a falta é toda pessoal e não pode ser imputada à doutrina. Mas é uma distinção que os adversários do Espiritismo não se dão ao trabalho de fazer; são muito felizes, ao contrário, de encontrar uma ocasião de desacreditá-lo certo ou errado, sem se fazerem escrúpulo de lhe atribuírem o que não lhe pertence, envenenando as coisas mais insignificantes antes que procurar-lhes as causas atenuantes.

Há algum tempo as reuniões espíritas sofreram uma certa transformação. As reuniões íntimas e de família estão consideravelmente multiplicadas em Paris e nas principais cidades, em razão da própria facilidade que encontraram para se formarem pelo crescimento do número dos médiuns e dos adeptos. No princípio, os médiuns eram raros; um bom médium era quase um fenômeno; era, pois, natural que se agrupassem ao seu redor; mas à medida que esta faculdade se desenvolveu, os grandes centros se f racionaram, como enxames, numa multidão de pequenos grupos particulares, que encontram mais facilidade para se reunir, mais intimidade e mais homogeneidade em sua composição. Este resultado, conseqüência da própria força das coisas, era previsto. Desde a origem, assinalamos os escolhos que, inevitavelmente, deveriam encontrar as sociedades numerosas, necessariamente formadas de elementos heterogêneos, abrindo a porta às ambições, e, por isto mesmo, alvo das intrigas, das cabalas, das surdas manobras da malevolência, da inveja e do ciúme, que não podem emanar de uma fonte espírita pura. Nas reuniões íntimas, sem caráter oficial, se é mais senhor de si, conhece-se melhor, e se recebe quem se quer; o recolhimento ali é maior, e sabe-se que seus resultados são mais satisfatórios. Conhecemos bom número de reuniões deste gênero, cuja organização não deixa nada a desejar. Há, pois, tudo a ganhar com esta transformação.

O ano de 1866, além disso, viu realizar as previsões dos Espíritos sobre vários pontos interessantes para a Doutrina, entre outros sobre a extensão e os novos caracteres que a mediunidade deveria tomar, assim como sobre a produção de fenômenos de natureza a chamar a atenção sobre o princípio da espiritualidade, se bem que, em aparência, estranho ao Espiritismo. A mediunidade curadora se revelou à luz nas circunstâncias mais próprias para fazer sensação; ela germina em muitas outras pessoas. Em certos grupos viram-se manifestar numerosos casos de sonambulismo espontâneo, de mediunidade falante, de segunda vista e de outras variedades da faculdade medianímica que puderam

oferecer úteis assuntos de estudo. Estas faculdades, sem serem precisamente novas, estão ainda no estado nascente numa multidão de indivíduos; elas não se mostram senão em casos isolados e se ensaiam, por assim dizer, na intimidade; mas com o tempo adquirirão mais intensidade e se vulgarizarão. É sobretudo quando se revelam espontaneamente nas pessoas estranha são Espiritismo que elas chamam mais fortemente a atenção, porque não se pode supor de conivência, nem admitir a influência de idéias preconcebidas. Limitamo-nos assinalar o fato, que cada um pode constatar, e cujo desenvolvimento necessitaria de detalhes mais extensos. Aliás, teremos ocasião de a isto retornar em artigos especiais.

Em resumo, se nada de mais estrondoso assinalou *a* marcha do Espiritismo nestes últimos tempos, podemos dizer que ela prossegue

nas condições normais traçadas pelos Espíritos, e que não temos senão que nos felicitar pelo estado das coisas.

PENSAMENTOS ESPÍRITAS QUE CORREM O MUNDO.

Em nosso último número reportamos alguns pensamentos que se encontram aqui e ali na imprensa, e que o Espiritismo pode reivindicar como partes integrantes da doutrina; continuaremos a reportar de tempos em tempos aqueles que virão ao nosso conhecimento. Estas citações têm seu lado útil e instrutivo, no que elas provam a vulgarização das idéias espíritas.

Na revista hebdomanária do *Siècle,* de 2 de dezembro, o Sr. E. Texier, dando conta de uma nova obra do Sr. P. - J. Stahl, intitulada *Bonnes fortunes parisiennes,* assim se exprime:

"O que distingue *estas Bonnes fortunes parisiennesé* a delicadeza de toque na pintura do sentimento, é o bom odor do livro que se respira como uma brisa. Raramente se tinha tratado este assunto tão vasto, tão explorado, tão repetido e sempre novo, o amor, com mais de ciência verdadeira, de observação sentida, mais de tato e de leveza de mão. *Diz-se que, numa existência anterior, Balzac tinha sido mulher; poder-se-ia dizer também que Stahl foi uma jovem.* Todos os pequenos segredos do coração que se abrem ao contato da primeira embriaguez, ele os agarra e os fixa até em suas nuanças mais finas. Fez melhor que estudar as suas heroínas; dir-se-ia que *sentiu todas* as suas impressões, todos os seus estremecimentos, todos os seus lindos choques, - alegria ou dor, - que se sucedem na alma feminina e a enchem aos primeiros brotos da floração de abril."

Não é a primeira vez que a idéia das existências anteriores é expressada fora do Espiritismo. O autor do artigo não poupou outrora os sarcasmos à crença nova, ao assunto dos irmãos Davenport, em que, como a maioria dos seus confrades em jornalismo, acreditou e crê talvez ainda a doutrina encarnada. Escrevendo estas linhas, não desconfiava, sem dúvida, que dela formulava um dos princípios mais importantes. Que o tenha feito seriamente ou não, pouco importa! A coisa não se prova menos do que os próprios incrédulos encontram-na na pluralidade das existências, não fosse ela admitida senão a título de hipótese, a explicação das aptidões inatas da existência atual. Este pensamento, lançado a milhões de leitores pelo vento da publicidade, se populariza, se infiltra nas crenças; habitua-se com ele; cada um nele procura a razão de ser de uma multidão de coisas incompreendidas, de suas próprias tendências: aqui em agradando e lá seriamente; a mãe cujo filho, embora seja pouco, é precoce sorri de bom grado com a idéia de que pode ser um homem de gênio. Em nosso século racional, se quer dar-se conta de tudo; repugna ao maior número ver, nas boas e nas más qualidades trazidas em nascendo, um jogo do acaso ou um capricho da divindade; a pluralidade das existências resolve *a* questão mostrando que as existências se encadeiam e se completam umas pelas outras. De dedução em dedução chega-se a encontrar, nesse princípio fecundo, a chave de todos os

mistérios, de todas as anomalias aparentes da vida moral e material, das desigualdades sociais, dos bens e dos males deste mundo; o homem sabe, enfim, de onde vem, onde vai, porque está sobre a Terra, porque nela é feliz ou infeliz, e o que deve fazer para assegurar a sua felicidade futura.

Achando-se racional admitir que já vivemos sobre a Terra, não o é menos que poderemos nela reviver ainda. Como é evidente, não é o corpo que revive, não pode ser senão a alma; esta alma tem, pois, conservado a sua individualidade; ela não se confundiu no todo universal; para conservar as suas aptidões, é preciso que ela tenha *permanecido ela mesma.* O único princípio da pluralidade das existências é, como se viu, a negação do materialismo e do panteísmo.

Para que a alma possa cumprir uma série de existências sucessivas no mesmo meio, é preciso que ela não se perca nas profundezas do infinito; deve permanecer na esfera de atividade terrestre. Eis, pois, o mundo espiritual que nos cerca, no meio do qual nós vivemos, no qual se derrama a humanidade corpórea, como ele mesmo se derrama nesta. Ora, chamai estas almas Espiritos, e eis-nos em pleno Espiritismo.

Se Balzac pôde ser mulher e Stahl uma jovem, as mulheres podem, pois, se encarnar homens, e, conseqüentemente os homens se encarnarem mulheres. Não há, pois, entre os dois sexos senão uma diferença material, acidental e temporária, uma diferença de veste carnal; mas, quanto à natureza essencial do ser, ela é a mesma. Ora, da igualdade de natureza e de origem, a lógica conclui pela *igualdade dos direitos sociais.* Vê-se a que conseqüências conduz tão só o princípio da pluralidade das existências. O Sr. Texier não acreditava provavelmente ter dito tanto em algumas linhas que citamos.

Mas, dir-se-á, talvez, o Espiritismo admite a presença das almas no meio de todos e suas relações com os vivos, e eis onde está o absurdo. Escutemos, sobre este ponto, o Sr. abade V..., novo cura de Saint-Vicent de Paul. No discurso que pronunciou no domingo, 25 de novembro último, para a sua instalação, fazendo o elogio do patrono da paróquia, ele disse: "O Espírito de São Vicente de Paulo está aqui, eu o afirmo, meus irmãos; sim, está no meio de nós; ele plana sobre esta assembléia; vê-nos, e nos ouve; eu o sinto perto de mim que me inspira." Que teria dito a mais um Espírita? Se o Espírito de São Vicente de Paulo está na assembléia, por quem foi ali atraído, senão o foi pelo pensamento simpático dos assistentes? É o que diz o Espiritismo. Se ele está, outros Espíritos podem igualmente ali se encontrarem: eis o mundo espiritual que nos cerca. Se o Sr. cura sofreu sua influência, ele pode sofrer a de outros Espíritos, assim como de outras pessoas; há, pois relações entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo. Se fala pela inspiração deste Espírito, ele é, pois, médium falante; mas se fala, ele pode muito bem escrever sob esta mesma inspiração, e, sem dúvida, o fez mais de uma vez sem disto desconfiar: Ei-lo, pois, médium escrevente inspirado, intuitivo. No entanto, se lhe dissesse que pregou o Espiritismo, disto se defenderia provavelmente com todas as suas forças.

Mas sob qual aparência o Espírito de São Vicente de Paulo podia estar nessa assembléia? Se o Sr. cura não o disse, São Paulo o disse: é com o corpo espiritual ou fluídico, *o corpo incorruptível que* reveste a alma depois da morte, e ao qual o Espiritismo dá o nome de perispírito.

O perispírito, um dos elementos constitutivos do organismo humano, constatado pelo Espiritismo, havia sido suposto há muito tempo. É impossível ser mais explícito a este respeito do que o Sr. Charpignon em sua obra sobre o magnetismo, publicada em 1842 (1-(1) *Physiologie, médecineetmetaphys/quedumagnétismeporChanpignon,* 1 vol. in-8 Paris, Bailliere, 17, rua da Escola de Medicina. Preço: 6 fr.).

Lê-se, com efeito, cap. II, página 355:

"As considerações psicológicas às quais acabamos de nos entregar tiveram por resultado nos fixar sobre a necessidade de admitir, na composição da individualidade humana, *uma verdadeira trindade,* e encontrar *nessa composição trinária um elemento de*

natureza essencialmente das duas outras partes, apreensível, antes por suas faculdades fenomenais, do que por suas propriedades constitutivas; porque a natureza de um ser espiritual escapa aos nossos meios de investigações. O homem é, pois, um ser *misto,* um organismo de composição dupla, a saber: combinação de átomos formando os órgãos, e um elemento de natureza material, mas *indecomponível, dinâmico por essência, em uma palavra, um fluido imponderável.* Eis para a parte material. Agora, como elemento característico da espécie hominal: esse ser simples, inteligente, livre e voluntário, que os psicólogos chamam *alma..."*

Estas citações e as reflexões que as acompanham têm por objetivo mostrar que a opinião está bem menos distante das idéias espíritas que não se poderia crê-lo, e que a força das coisas e *a* irresistível lógica dos fatos a conduzem por uma inclinação toda natural. Não é, pois, uma vã presunção dizer que o futuro está em nós.

OS ROMANCES ESPÍRITAS.

O ASSASSINATO DO PONT-ROUGE, POR CH. BARBARA.

O romance pode ser uma maneira de expressar os pensamentos espíritas sem se comprometer, porque o autor receoso de poder sempre responder à crítica zombeteira não entendeu fazer senão uma obra de fantasia, o que é verdadeiro para um grande número; ora, na fantasia tudo é permitido. Mas, fantasia ou não, o que não o é menos uma das formas em favor da qual a idéia espírita pode penetrar nos meios onde ela não seria aceita sob uma forma séria.

O Espiritismo é ainda muito pouco, ou melhor, muito mal conhecido da literatura, para ter fornecido o assunto de muitas obras deste gênero; o principal, como se sabe, é o que Théophile Gautier publicou sob o nome de *Spirite,* e ainda pode-se censurar ao autor por ter se afastado, em vários pontos, da idéia verdadeira.

Uma outra obra da qual igualmente falamos, e que, sem ser feita especialmente em vista do Espiritismo, a ele se liga por um certo lado, é a do Sr. Elie Berthet, publicado em folhetins no **S/èc/e**, em setembro e outubro de 1865, sob o título de/4 *dupla vista.* Aqui o autor dá prova de um conhecimento aprofundado dos fenômenos dos quais fala, e seu livro junta a este mérito o do estilo e de um interesse elevado. É, ao mesmo tempo, moral e instrutivo.

A segunda vista, de X.-B. Saintine, publicado em folhetins no grande *Moniteur,* em fevereiro de 1864, é uma série de novelas que não têm nem o fantástico *impossível,* nem o caráter lúgubre dos relatos de Edgard Põe, mas a doce e graciosa simplicidade de cenas íntimas entre os habitantes deste mundo e os do outro, ao qual o Sr. Saintine crê firmemente. Se bem que sejam histórias de fantasia, elas se afastam pouco, em geral, dos fenômenos dos quais muitas pessoas puderam ser testemunhas. De resto, nós sabemos que, quando vivo, o autor, que conhecemos pessoalmente, não era nem incrédulo, nem materialista: as idéias espíritas lhe eram simpáticas, e o que escrevia era o reflexo de seu próprio pensamento.

Séraphita de Balzac é um romance filosófico baseado sobre a doutrina de Swedenborg. Em *Consuelo* e a *Comtesse de Rudofstadt,* da senhora George Sand, o princípio da reencarnação desempenha um papel capital. O *Drag,* da mesma autora, é uma comédia desempenhada, há vários anos, no *Vaudeville,* cujo enredo é inteiramente espírita. Ela está fundada sobre uma crença popular entre os marinheiros da Provence. O Drag é um Espírito maligno mais traquinas do que mau, e que se alegra em pregar uma má partida. É visto sob a figura de um jovem, exercer sua influência e constranger um indivíduo a escrever contra sua própria vontade. A imprensa, comumente tão benevolente para com

esta escritora, se mostrou severa a respeito desta peça, que merecia uma melhor acolhida.

A França não é a única que tem o monopólio dessas espécies de produções. O *Progrès colonial,* da ilha Maurício, publicou em 1865, sob o título *de Histórias do outro mundo, contadas pelos Espíritos,* um romance que não ocupa menos de vinte e oito folhetins, do qual o Espiritismo fazia toda a intriga, e onde o autor, o Sr. de Germonville, deu provas de um conhecimento perfeito de seu assunto.

Em alguns outros romances, a idéia espírita fornece simplesmente o assunto de episódios. O Sr. Aurélien Scholl, em seus *Novos mistérios de Paris,* publicados pelo *Petit Journal,* o autor faz intervir um magnetizador que interroga uma mesa pela tiptologia, depois uma jovem posta em sonambulismo, cujas revelações coloca alguns dos assistentes sobre os espinhos. A cena é bem feita e perfeitamente verossímil. *(Petit Journal de* 23 de outubro de 1866.)

A reencarnação é uma das idéias mais fecundas para os romancistas, e que pode fornecer efeitos tanto mais surpreendentes quanto não se afastam em nada das possibilidades da vida material. O Sr. Charles Barbara, jovem escritor morto há alguns meses numa casa de saúde, dela fez uma das aplicações mais felizes em seu romance intitulado *o Assassinato da Ponte-fíouge,* que o *Evénement* recentemente reproduziu em folhetins.

O assunto principal é um agente de câmbio que fugiu para o estrangeiro levando a fortuna de seus clientes. Atraído por um indivíduo numa miserável casa sob o pretexto de favorecer-lhe a fuga, ali é assassinado, despojado, depois lançado ao Seine, de acordo com uma mulher chamada Rosalie, que mora com esse homem. O assassino age com tal prudência e soube tomar tão bem as suas precauções, que todo traço do crime desapareceu, e que toda suposição de morte foi afastada. Pouco depois ele esposou sua cúmplice Rosalie, e ambos puderam doravante viver no bem-estar, sem medo de nenhuma perseguição, senão a do remorso, quando uma circunstância veio levar ao auge as suas angústias. Eis como ele mesmo conta:

"Essa quietude foi perturbada desde os primeiros dias de nosso casamento. A menos da intervenção direta de uma força oculta, é preciso convir que o acaso se mostrou aqui estranhamente inteligente. Tão maravilhoso que parecesse o fato, não pensaríeis mesmo em pô-lo em dúvida, uma vez que, assim como deles tendes a prova viva em meu filho. Muitas pessoas, de resto, não deixariam de nele ver um fato puramente físico e fisiológico e de explicá-lo racionalmente. O que quer que seja, notei de repente marcas de tristeza no rosto de Rosalie. Perguntei-lhe a razão disto. Ela evitou de me responder.

"No dia seguinte e nos dias seguintes, sua melancolia não fazia senão crescer, eu a conjurava a me tirar da inquietação. Ela acabou por me confessar uma coisa que não deixa de emocionar ao mais alto grau. Na própria primeira noite de nossas núpcias, em meu leito e lugar, se bem que estivéssemos na obscuridade, ela tinha visto, mas viu, pretendia ela, como eu vos vejo, o rosto pálido do agente de câmbio. Ela havia esgotado inutilmente suas forças para expulsar o que ela tomava primeiro por uma simples lembrança; o fantasma não saía dos seus olhos senão nos primeiros clarões do crepúsculo. Além disto, o que certamente era de natureza a justificar seu terror, a mesma visão *a* tinha perseguido com uma tenacidade análoga durante várias noites seguintes.

"Eu simulava um profundo desdém e tratava de convencê-la de que tinha sido vítima unicamente de uma alucinação. Compreendi, pelo desgosto que se apoderou dela e se transformou insensivelmente nesse langor em que a vistes, que eu não tinha conseguido lhe inculcar meus sentimentos. Uma gravidez penosa, agitada, equivalente a uma doença longa e dolorosa, piorou ainda essa doença do espírito; e se um parto feliz, enchendo-a de alegria, teve uma influência salutar sobre o seu moral, esta foi de muito curta duração. Vi-me constrangido, por cima disto, de privá-la da felicidade de ter seu filho junto dela, uma vez que, com relação aos meus recursos oficiais, uma ama de leite morando em minha casa pareceu-me uma despesa acima de meus meios.

"Emocionados de sentimentos para parecer dignamente numa pastoral, íamos ver nosso filho de quinzena em quinzena. Rosalie o amava até a paixão, e eu mesmo não estava longe de amá-lo com frenesi; porque, coisa singular, sobre as ruínas amontoadas em mim, só os instintos da paternidade ainda estavam de pé. Eu me abandonava a sonhos inefáveis; prometia-me fazer dar uma educação sólida ao meu filho, de preservá-lo, se fosse possível, de meus vícios, de minhas faltas, de minhas torturas; era um consolo, minha esperança.

"Quando digo eu, falo igualmente de minha pobre Rosalie, que se sentia feliz com nada senão com a idéia de ver esse filho crescer ao seu lado. Quais não foram, pois, nossas inquietações, nossas ansiedades, quando, à medida que a criança se desenvolvia, percebemos no seu rosto linhas que lembravam as de uma pessoa que tínhamos querido esquecer pá rã sempre. Isto não foi de início senão uma dúvida sobre a qual guardamos o silêncio, mesmo frente a frente um do outro. Depois a fisionomia da criança se aproximou a este ponto da de Thillard, que Rosalie disso me falou com terror, *e* que eu mesmo não pude esconder senão pela metade minhas cruéis apreensões. Enfim, a semelhança nos pareceu tal que verdadeiramente nos pareceu que o agente de câmbio *renasceu* em nosso filho.

"O fenômeno teria transtornado um cérebro menos sólido que o meu. Muito firme ainda para ter medo, pretendi permanecer insensível ao golpe que dava à minha afeição paternal, e fazer partilhar minha indiferença com Rosalie eu lhe sustentava que não havia ali senão um acaso; acrescentava que não havia nada de mais variável do que o rosto das crianças, e que, provavelmente, essa semelhança se apagaria com a idade; finalmente, na pior das hipóteses, nos seria sempre fácil ter essa criança à parte. Fracassei completamente. Ela se obstinou em ver, na identidade dos dois rostos, um fato providencial, o germe de um castigo assustador que, cedo ou tarde, deveria nos esmagar, e, sob o domínio desta convicção, seu repouso foi para sempre destruído.

"De outra parte, sem falar da criança, que era nossa vida? Vós mesmos pudestes observar-lhe a perturbação permanente, as agitações, os abalos cada dia mais violentos. Quando toda a marca de meu crime tinha desaparecido, quando não tinha mais nada a temer absolutamente dos homens, quando a opinião sobre mim tornara-se unanimemente favorável, em lugar de uma segurança fundada nesta razão, eu sentia crescer minhas inquietações, minhas angústias, meus terrores. Eu mesmo me inquietava com as fábulas mais absurdas; no gesto, na voz, no olhar de alguém, eu via uma alusão ao meu crime.

"As alusões mantiveram-me incessantemente sobre o cavalete do carrasco. Lembrai-vos daquela noite em que o Sr. Durosoir contou uma de suas instruções. Dez anos de dores lancinantes não eqüivaleriam jamais ao que senti no momento em que, saindo do quarto de Rosalie, encontrei-me face a face com o juiz, que me olhava no rosto. Eu era de vidro; ele lia até o fundo de meu peito. Um instante entrevi o cadafalso. Lembrai-vos desde ditado: "Não é preciso falar de corda na casa de um enforcado," e vinte outros detalhes deste gênero. Era um suplício de todos os dias, de todas as horas, de todos os segundos. Qualquer coisa que eu fizesse, faziam-se em meu espírito devastações assustadoras.

"O estado de Rosalie era muito mais doloroso ainda: ela vivia verdadeiramente nas chamas. A presença da criança na casa chegou a torná-la a morada intolerável. Incessantemente, dia e noite, vivemos no meio de cenas as mais cruéis. A criança me gelava de horror. Falhei vinte vezes em sufocá-la. Além disto, Rosalie que se sentia morrer, que acreditava na vida futura, nos castigos, aspirava a se reconciliar com Deus, eu *a* escarnecia, a insultava, ameaçava bater nela. Entrei no furor de assassiná-la. Ela morreu a tempo para preservar-me de um segundo crime. Que agonia! Ela não sairá jamais de minha memória.

"Depois já não vivi. Gabava-me de não ter mais consciência: esses remorsos crescem ao meu lado, em carne e em osso, sob a forma de meu filho. Esta criança, da qual,

apesar da imbecilidade consinto em ser o guardião e o escravo, não cessa de me torturar por seu ar, seus olhares estranhos, pelo ódio instintivo que me traz. Não importa onde eu vá, ele me segue passo a passo, caminha ou se assenta em minha sombra. À noite, depois de um dia de fadiga eu o sinto ao meu lado, e seu contato basta para expulsar o sono de meus olhos ou pelo menos me perturbar com pesadelos. Temo que, de repente, a razão não lhe venha, que sua língua não se desamarre, que não fale e não me acuse.

"A Inquisição, em seu gênio das torturas, o próprio Dante, em sua *Suppliciomanie,* jamais imaginaram nada tão assustador. Disto me torno manomaníaco. Surpreendo-me desenhando com a caneta o quarto onde cometi meu crime; escrevo embaixo esta legenda: *Neste quarto, envenenei o agente de câmbio Thillard-Ducornet,* e assino. Assim é que, em minhas horas de febre, detalhei sobre meu jornal quase palavra por palavra tudo o que vos contei.

"Isto não é tudo. Consegui subtrair meu suplício com os quais os homens castigam os assassinos, e eis que esse suplício se renova para mim quase cada noite.

"Sinto uma mão sobre minha espádua e ouço uma voz que murmura ao meu ouvido:

"Assassino!" Fui levado diante das togas vermelhas; uma pálida figura se endireita diante de mim e exclama: "Hei-lo!" É meu filho. Eu nego. Meu desejo e minhas próprias memórias me são representados com a minha assinatura. Vós o vedes, a realidade se mistura ao sonho e acrescenta ao meu espanto. Assisto, enfim, a todas as peripécias de um processo criminal. Ouço a minha condenação: "Sim, é culpado." Conduzem-me a uma sala escura onde vêm me encontrar o carrasco e seus ajudantes. Quero fugir, os laços de ferro me detêm, e uma voz me grita: "Não há mais para ti misericórdia!" Sinto até a sensação de f rio dos ferros sobre meu pescoço. Um padre ora ao meu lado e me convida às vezes ao arrependimento.

"Eu o recuso com mil blasfêmias. Semi-morto, sou balançado pelos movimentos de uma charrete sobre os paralelepípedos de uma cidade; ouço os murmúrios da multidão, comparáveis aos das vagas do mar, e, acima, as imprecações de mil vozes, chego em frente do cadafalso. Escalo seus degraus. Não desperto senão justo na hora em que a faca desliza entre as ranhuras, quando, no entanto, meu sonho não continua quando não sou mais arrastado em presença daquele que quis negar, o próprio Deus, para ali ter os olhos queimados pela luz, para mergulhar no abismo de minhas inquietações, para ali ser supliciado pelo sentimento de minha própria infâmia. Eu sufoco, o suor me inunda, o horror enche a minha alma. Não sei mais quantas vezes sofri esse suplício."

A idéia de fazer reviver a vítima no próprio filho do assassino, e que está aí como a imagem viva de seu crime, atada aos seus passos, é ao mesmo tempo engenhosa e muito moral. O autor quis mostrar que, se esse criminoso soube escapar às perseguições dos homens, não saberia subtrair-se às da Providência. Há aqui mais do que o remorso, é a vítima que se ergue sem cessar diante dele, não sob a aparência de um fantasma ou de uma aparição que se poderia considerar um efeito da imaginação ferida, mas sob os traços de seu filho; é o pensamento de que esse filho pode ser a própria vítima, pensamento corroborado pela aversão instintiva da criança, embora idiota, por seu pai; é a luta da ternura paternal contra esse pensamento que o tortura, luta horrível, que não permite ao culpado gozar pacificamente o fruto de seu crime, como se dele estivesse iludido.

Esse quadro tem o mérito de ser verdadeiro, ou melhor, perfeitamente verossímil; quer dizer que nada se afasta das leis *naturais,* que sabemos hoje reger as relações dos seres humanos entre si. Aqui, nada de fantástico nem de maravilhosos; tudo é possível e justificado pelos numerosos exemplos que temos de indivíduos renascendo no meio onde já viveram, em contato com os mesmos indivíduos, para ter ocasião de reparar os erros, ou cumprir deveres de reconhecimento.

Admiremos aqui a sabedoria da Providência que lança, *durante* a *vida,* um véu sobre o passado, sem o qual os ódios se perpetuariam, ao passo que acabam por se acalmar nesse contato novo e sob o império dos bons procedimentos recíprocos. É assim que,

pouco a pouco, o sentimento da fraternidade acaba por suceder ao da hostilidade. No caso de que se trata, se o assassino tivesse tido uma certeza absoluta sobre a identidade de seu filho, teria podido procurar sua segurança num novo crime; a dúvida o deixa preso com a voz da natureza, que fala nele pela da paternidade; mas a dúvida era um cruel suplício, uma ansiedade perpétua pelo temor de que essa fatal semelhança conduzisse à descoberta do crime.

Por outro lado, o agente de câmbio, ele próprio culpado, tinha, senão como encarnado, mas como Espírito, a consciência de sua posição. Se servia de instrumento ao castigo de seus assassino, a sua posição era também para ele um suplício; assim, esses dois indivíduos, ambos culpados, se puniam um pelo outro, tudo em estando detidos em seu ressentimento mútuo pelos deveres que lhes impõe a natureza. Esta justiça distributiva que castiga por meios naturais, pela conseqüência da própria falta, mas que deixa sempre a porta aberta ao arrependimento e à reabilitação, que coloca o culpado no caminho da reparação, não é ela mais digna da bondade de Deus do que a condenação irremissível às chamas eternas? Porque o Espiritismo recusa a idéia do inferno tal como se a representa, pode-se dizer que ele levanta todo freio às más paixões? Compreende-se esse gênero de punição; é aceito porque é lógico; impressiona tanto mais quanto se o sente equitativo e *possível.* Esta crença é um freio de outro modo poderoso do que a perspectiva de um inferno no qual não se crê mais, e do qual se ri.

Eis um exemplo real da influência desta doutrina, por um caso que, se bem que menos grave, não prova menos o poder de sua ação:

Um senhor, de nosso conhecimento pessoal, Espírita fervoroso e esclarecido, vive com um parente muito próximo, que diferentes indícios, tendo um grande caráter de probabilidade, o fazem crer ter sido seu pai. Ora, esse parente não agia sempre para com ele como o deveria. Sem este pensamento, esse senhor teria, em muitas circunstâncias, para negócios de interesse, usado de um rigor que não estava em seu direito, e provocado uma ruptura; mas a idéia de que esse poderia ser seu pai o deteve; mostrou-se paciente, moderado; suportou o que não teria sofrido da parte de uma pessoa que tivesse considerado como lhe sendo estranha. Não havia, da vivência do pai, uma grande simpatia entre este e seu filho; mas a conduta do filho, nesta circunstância, não é de natureza a aproximar espiritualmente, e a destruir as prevenções que os afastavam um do outro? Se se reconhece de maneira certa, sua posição respectiva seria muito falsa e muito incômoda; a dúvida em que está o filho basta para impedir de agir mal, mas o deixa, no entanto, tudo ao seu livre arbítrio. Que o parente haja sido ou não seu pai, o filho nisto não tem menos o mérito do sentimento da piedade filial; se não lhe é nada, lhe será sempre tido em conta seus bons procedimentos, e o verdadeiro Espírito de seu pai disto estará contente.

Vós que zombais do Espiritismo, porque não o conheceis, se soubésseis o que ele contém de poder para a moralização, compreenderíeis tudo o que a sociedade ganhará com a sua propagação, e serieis o primeiro a aplaudi-lo; vós a veríeis transformada sob o império de crenças que conduzem, pela própria força das coisas e pelas próprias leis da Natureza, à fraternidade e à verdadeira igualdade; compreenderíeis que só ele pode triunfar dos preconceitos que são a pedra de toque do progresso social, e em lugar de zombar daqueles que o propagam, vós os encorajaríeis, porque sentiríeis que há de vosso próprio interesse, de vossa segurança. Mas paciência! isto virá, ou, melhor dizendo, isto já vem; a cada dia as prevenções se acalmam, a idéia se propaga, se infiltra sem barulho, e se começa a ver que há ali alguma coisa de mais sério do que se pensa. Não está longe o tempo em que os moralistas, os apóstolos do progresso, nele verão a mais possante alavanca que jamais tiveram entre as mãos.

Lendo o romance do Sr. Charles Barbara, poder-se-ia crer que era Espírita fervoroso; não o era nada, no entanto. Ele morreu, dissemos, numa casa de saúde, em se lançando pela janela num acesso de febre viva. Era um suicídio, mas atenuado pelas cir-

cunstâncias. Evocado pouco tempo depois na Sociedade de Paris, e interrogado sobre suas idéias com respeito ao Espiritismo, eis a comunicação que nos deu a esse respeito:

(Paris, 19 de outubro de 1866; méd. Sr. Morin.)

Permiti, senhores, a um pobre Espírito infeliz e sofredor, vos pedir a autorização de vir assistir às vossas sessões, todas de instrução, de devotamento, de fraternidade e de caridade. Eu sou o infeliz que tinha nome *Barbara,* e, se vos peço esta graça, é que o Espírito despojou o velho homem, e não se crê mais tão superior na inteligência quanto o acreditava quando vivo.

Eu vos agradeço pelo vosso chamado, e, tanto quanto está em meu poder, vou tentar responder à questão motivada por uma página de uma de minhas obras; mas vos pediria, antecipadamente, fazer a parte de meu estado atual, que se ressente fortemente da perturbação, toda natural, de resto, que se sente ao passar bruscamente de uma vida à outra vida.

Estou perturbado por duas causas principais: a primeira prende-se à minha prova que era de suportar as dores físicas que suportei, ou antes, que meu corpo suportou, quando me suicidei. - Sim, senhores, não temo dize-lo, suicidei-me, porque se meu Espírito estava afastado por momentos, eu o possuí antes de me ferir sobre o paralelepípedo, e... eu disse: *tanto melhor!...* Que falta e que fraqueza!... As lutas da vida material tinham acabado para mim, meu nome era conhecido, não tinha mais doravante senão que marchar no caminho que me estava aberto e que era tão fácil de seguir!... Eu tive medo!... E, no entanto, nas horas de incerteza e de desencorajamento, eu tinha lutado pelo menos. A miséria e suas conseqüências não tinham me desanimado, e foi então quando tudo estava acabado para mim, que me exclamei: *O passo está dado, tanto melhor*.... Não terei mais a sofrer*.* Egoísta e ignorante!...

A segunda, é que, quando, depois de ter errado na vida, entre a convicção do nada e o pressentimento de um Deus que não poderia ser senão uma única força, grande, justa, boa e bela, encontra-se em presença de uma multidão inumerável de seres ou Espíritos que vos conheceram, que amastes; que reencontrareis vivas vossas afeições, vossas ternuras, vosso amores; quando vos aperceberdes, em uma palavra, que não fizestes senão mudar de domicílio. Então, concebereis, senhores, que é muito natural que um pobre ser que viveu entre o bem e o mal, entre a crença e a incredulidade sobre uma outra vida, e é muito natural, digo, que esteja perturbado... de felicidade, de alegria, de emoção, um pouco de vergonha, em se vendo obrigado a confessar a si mesmo que, em seus escritos, o que ele atribuía à sua imaginação em trabalho, era uma poderosa realidade, e que, freqüentemente, o homem de letras que se bufa de orgulho vendo ler e ouvindo aplaudir as páginas que crê sua obra, às vezes não é senão um instrumento que escreve sob a influência desses mesmos poderes ocultos dos quais lança o nome ao acaso da caneta num livro.

Quantos grandes autores de todos os tempos escreveram, sem delas conhecerem todo o valor filosófico, páginas imortais, degraus do progresso, colocados por eles e por ordem de uma força superior, para que, num tempo dado, a reunião de todos esses materiais esparsos forme um todo tanto mais sólido quanto é o produto de várias inteligências, porque a obra coletiva é a melhor: de resto, é o que Deus assinará ao homem, porque a grande lei da solidariedade é imutável.

Não, senhores, não, não conhecia de nenhum modo o Espiritismo, quando escrevi este romance, e vos confesso que notava eu mesmo com surpresa a forma profunda de algumas linhas que lestes, sem compreender-lhes toda a importância que hoje vejo claramente. Desde que as escrevi, aprendi a rir do Espiritismo, para fazer como meus *esclarecidos* colegas, e não querer parecer mais avançado no ridículo do que eles mesmos

não queriam sê-lo. Eu ri!...; choro agora; mas espero também, porque me foi ensinado aqui: todo arrependimento sincero é um progresso, e todo progresso leva ao bem.

Não duvideis disto, senhores, muitos escritores, freqüentemente, são instrumentos inconscientes para a propagação das idéias que as forças invisíveis crêem úteis ao progresso da Humanidade. Não vos admireis, pois, de ver o que escrevem sobre o Espiritismo sem nele crerem; para eles é um assunto como um outro que se presta ao efeito, e eles não desconfiam que a isto são levados com o seu desconhecimento. Todos esses pensamentos espíritas que vedes emitidos por aqueles mesmos que, ao lado disto, fazem-lhe oposição, são sugeridos, e eles não fazem menos o seu caminho. Fui um deste número.

Orai por mim, senhores, porque a prece é um bálsamo inefável; a prece é a caridade que se deve fazer aos infelizes do outro mundo, e eu sou um deles.

BARBARA.

VARIEDADES
RETRATO FÍSICO DOS ESPÍRITAS

Lê-se na *Francede* 14 de setembro de 1866:

"A fé robusta das pessoas que crêem, quando mesmo em todas as maravilhas, muito freqüentemente desmentidas, do Espiritismo, é uma verdade admirável. Mostra-se-lhes *o truque das* mesas girantes, e elas crêem; se lhes revelam as imposturas do armário Davenport, e elas crêem mais fortemente; se lhes exibem todas as astúcias, lhes fazem tocar a mentira com o dedo, se lhes abrem os olhos para a evidência do charlatanismo, e sua crença com isso não se torna senão mais obstinada. Inexplicável necessidade do impossível! *Credo quia absurdum.*

"O *Messager franco-américain,* de New York, fala de uma convenção dos adeptos do Espiritismo que vêm de se reunir em Providence (Rhode-Island). Homens e mulheres se distinguem por um ar do outro mundo; palidez da pele a emaciação da face, o profético devaneio dos olhos, perdidos numa vaga oceânica, tais são, em geral, os sinais exteriores do Espírita. Acrescentai que, contrariamente ao uso geral, as mulheres têm seus cabelos cortados rente, *àmal-content,* como se dizia outrora, ao passo que os homens levam uma cabeleira abundante, absalônica, dos pés à cabeça, descendo até às espáduas. É preciso, quando se faz comércio com os Espíritos, muito se distinguir do comum dos mortais, da vil multidão.

'Vários discursos, muitos discursos, foram pronunciados. Os oradores sem mais se preocuparem com os desmentidos da ciência, quanto daqueles do senso comum, imperturbavelmente lembraram a longa série, que cada um sabe de cor, dos fatos maravilhosos atribuídos ao Espiritismo.

"Miss Susia Johnson declarou que, sem querer colocar-se como profetisa, ela previa que os tempos estão próximos em que a grande maioria dos homens não será mais rebelde às místicas revelações da religião nova. Ela apela com todos seus votos, para a criação de numerosas escolas onde as crianças, dos dois sexos, haurirão, desde a mais tenra idade, os ensinamentos do Espiritismo. Não faltaria mais do que isto!"

Sob o título de: *Toujours lês Spiriteslo Evènement,* de 26 de agosto de 1866, publicou um artigo muito longo, do qual extraímos a passagem seguinte:

"Nunca fostes em alguma reunião de Espírita, numa noite de ociosidade ou de curiosidade? É um amigo que vos conduz geralmente. Eleva-se alto, - os Espíritos gostam de se aproximar do céu, - em algum pequeno apartamento já cheio; entrais abrindo passagem.

"As pessoas se amontoam, rostos bizarros, com gestos de energúmenos. Sufoca-se nessa atmosfera, onde se espremem, onde se inclina para as mesas ou os médiuns, o olhar no teto, o lápis à mão, escrevem as elucubrações que passam por ali. De início, é uma surpresa; procura-se entre todas essas pessoas onde repousar seu olhar, interroga-se, adivinha-se, analisa-se.

"Velhas mulheres com olhos ávidos, pessoas jovens magras e cansadas, a promiscuidade das classes e das idades, as porteiras da vizinhança e as grandes damas do quarteirão, da indiana e dos guipuras, as *poetisas* do acaso e as profetas do reencontro, os alfaiates e os laureados do Instituto; confraterniza-se no Espiritismo. Espera-se, fazem-se as mesas girar, se as levanta, lêem-se em altas vozes os rabiscos que Homero ou Dante ditaram aos médiuns sentados. Estes médiuns, estão imóveis, a mão sobre o papel, sonhando. De repente sua mão se agita, brevemente, se debate, cobre as folhas, vai, vai ainda e pára bruscamente. Alguém, então, no silêncio, nomeia o Espírito que acaba de ditar e lê. Ah! essas leituras!

"Ouvi desta vez Cervantes se lamentar da demolição do teatro dos Passa tempos-Cômicos, e Lamennais contar que Jean Joumet era neste mundo seu amigo íntimo. Na maior parte do tempo Lamennais comete faltas ortográficas e Cervantes não sabe uma palavra de espanhol. De outras vezes, os Espíritos emprestam um pseudônimo angélico para disparar ao seu público algum apotegma à Pantagruel. Reescrevem. Respondem-lhes: - Nós vos queixaremos ao vosso chefe de fila!

"O médium que disse a frase entristeceu-se e se descontentou de estar em relação com *Espíritos* tão desbocados. Perguntei a que legião pertenciam esses mistificadores do outro mundo, e me responderam muito claro: - São *Espíritos vagabundos!*

"Sei deles mais amáveis, - por exemplo o Espírito *desenhista que* impeliu a mão do Sr. Victorien Sardou, e fê-lo traçar a imagem da casa que habita *lá em cima* Beethoven. Profusão de ornamento de folhagens, entrelaçamento de colcheias e semi-colcheias, é um trabalho de paciência que demandaria meses e que foi feito numa noite. Eles mo afirmaram ao menos. Somente o Sr. Sardou poderia disto me convencer.

"Pobre cérebro humano, *e* quanto estas coisas são dolorosas para se contar! Não fizemos, pois, um passo do lado da Razão e da Verdade! Ou, pelo menos, o batalhão dos retardatários engrossa dia a dia, à medida que se avança! É formidável, é quase um exército. Sabeis quanto há de *possessos* na França, neste momento?

"Mais de dois mil. Os possessos têm seu presidente, Senhora B..., que com a idade de dois anos vive em relação direta com a Virgem. Dois mil! O Auvergne guardou seus milagres, os Cévennes têm sempre seus Camisards. Os livros de Espiritismo, os tratados de misticismo têm sete, oito, dez edições. O maravilhoso é bem a doença de um tempo que, não tendo nada diante do espírito para se satisfazer, se refugia nas quimeras, como um estômago arruinado e privado de carne de açougue, que se alimentasse de gengibre.

"E o número dos loucos aumenta! O delírio é como uma onda que se eleva. Que luz é preciso, pois, encontrar, uma vez que, para destruir essas trevas, a luz elétrica não basta?

"JULES CLARETIE."

Verdadeiramente estar-se-ia errado zangando-se contratais adversários, porque acreditam de tão boa-fé e tão ingenuamente terem o monopólio do bom senso! O que é também divertido, que os singulares retratos que fazem dos Espíritos éde vê-los gemer dolorosamente sobre esses pobres cérebros humanos que não fazem nenhum passo do lado da razão e da verdade, porque querem a toda força ter uma alma e crer no outro mundo, apesar dos gastos de eloqüência dos incrédulos, para provar que assim não é, para a felicidade da Humanidade; são seus lamentos à vista desses livros espíritas que se derramam sem o socorro dos anúncios, dos reclames e dos *elogios pagos* da imprensa; desse batalhão de retardatários da razão, que, coisa desesperadora! aumenta todos os

dias e se terna tão formidável, que é quase um exército; que nada tendo diante de seu espírito para satisfazê-los, são bastante tolos para recusar a perspectiva do nada que se lhes oferece para encher o vazio. É verdadeiramente desesperador desta pobre Humanidade bastante ilógica para não preferir *nada* em troca de alguma coisa, por querer mais *reviver* do que morrer inteiramente.

Esses gracejos, essas imagens grotescas, mais divertidas do que perigosas, e que seria pueril levar a sério, têm seu lado instrutivo, e é por isto que delas citamos alguns exemplos. Outrora procurava-se combater o Espiritismo por argumentos, maus, sem dúvida, uma vez que não convenceram ninguém, mas, enfim, se tentava discutir a coisa, bem ou mal; os homens de um valor real, oradores e escritores, para combatê-lo remexeram o arsenal das objeções. Que resultou disto? Seus livros são esquecidos e o Espiritismo está de pé: eis um fato. Hoje ainda há alguns zombadores da força daqueles que acabamos de citar, pouco incomodados com o valor dos argumentos, para quem rir de tudo é uma necessidade, mas não se discute mais; a polêmica adversa parece ter esgotado suas munições, os adversários se contentam em sofrer pelo progresso do que chamam uma calamidade, como se sofre pelo progresso de u ma inundação que não se pode deter; mas as armas ofensivas para combatera Doutrina não deram nenhum passo adiante, e se não se encontrou ainda o fuzil de agulha que possa batê-la, não foi por falta de tê-lo procurado.

Seria trabalho inútil refutar as coisas que se refutam por si mesmas. Aos queixumes com os quais o jornal a France faz preceder o burlesco retrato que ele empresta ao jornal americano, não há senão uma palavra a responder. Se a fé dos Espíritas resiste à revelação dos truques e das astúcias do charlatanismo, é que lá não está o Espiritismo; se, mais se coloca a luz as manobras fraudulentas, mais a fé redobra, é que lutais para combater precisamente o que ele desaprova e ele mesmo combate; se não são abaladas por vossas demonstrações, é que estais ao lado da questão. Se, quando bateis o Espiritismo não grita, é que bateis de lado, e então os galhofeiros não estão para vós. Desmascarando os abusos que fazem de uma coisa, fortalece-se a própria coisa, como se fortalece a verdadeira religião dela estigmatizando os abusos. Aqueles que vivem dos abusos só eles podem se lamentar, em Espiritismo como em religião.

Contradição mais estranha! Aqueles que pregam a igualdade social vêem sob o império das crenças espíritas, os preconceitos de castas se apagarem, as classes extremas se aproximarem, o grande e o pequeno se estenderem mão fraterna, e disto riem! Em verdade, lendo estas coisas, pergunta-se de que lado está a aberração.

NECROLOGIA.

SR. LECLERC

A Sociedade Espírita de Paris vem de ter uma nova perda na pessoa do Sr. Charles-Julien Leclerc, antigo mecânico, com a idade de cinqüenta e sete anos, morto subitamente de um ataque de apoplexia fulminante, em 2 de dezembro, no momento em que entrava na Ópera. Ele morou muito tempo no Brasil, e foi aí que hauriu as primeiras noções do Espiritismo, ao qual o tinha preparado a doutrina de Fourrier, da qual era um zeloso partidário. Retornado à França, depois de ter feito uma posição independente por seu trabalho, se devotou à causa do Espiritismo, do qual facilmente entreviu a alta importância humanitária e moralizadora para a classe operária. Era um homem de bem, amado, estimado e lamentado por todos os que o conheceram, um Espírita, de coração, se esforçando para pôr em prática, em proveito de seu adiantamento moral, os ensinos da Doutrina, um desses homens que honram a crença que professam.

A pedido de sua família, dissemos sobre o seu túmulo a prece para as almas que acabam de deixar a Terra (O Evangelho Segundo o Espiritismo), e que fizemos seguir das palavras seguintes:

"Caro senhor Leclerc, sois um exemplo da incerteza da vida, uma vez que na antevéspera de vossa morte, estáveis em nosso meio, sem que nada pudesse fazer pressentir uma partida tão súbita. Deus nos advertiu por ali para nos mantermos sempre prontos a prestar contas do emprego que fizemos do tempo que passamos sobre a Terra; ele nos lembra no momento em que menos o esperamos. Que seu nome seja bendito por vos ter poupado as angústias e os sofrimentos que, às vezes, acompanham o trabalho da separação.

"Vós vos juntastes àqueles de vossos colegas que vos precederam, e que, sem dúvida, vieram vos receber no limiar da nova vida; mas essa vida, com a qual estáveis identificado, não deveu ser para vós nenhuma surpresa; nela entrastes como num país conhecido, e não duvidamos de que nela gozais da felicidade reservada aos homens de bem, àqueles que praticaram as leis do Senhor.

'Vossos colegas da Sociedade Espírita de Paris se honram por ter contado convosco em suas fileiras, e vossa memória lhes será sempre cara; eles vos oferecem, pela minha voz, a expressão dos sentimentos de muito sincera simpatia que soubestes vos conciliar. Se alguma coisa abranda nossos lamentos desta separação, é o pensamento de que sois feliz como o merecestes, e a esperança de que não vireis menos participar de nossos trabalhos.

"Que o Senhor, caro irmão, derrame sobre vós os tesouros de sua bondade infinita; nós lhe pedimos para vos conceder a graça de velar sobre vossos filhos, e de dirigi-los no caminho do bem, que seguistes."

O Sr. Leclerc, prontamente libertado, como o supúnhamos, pôde se manifestar na Sociedade na sessão que seguiu ao seu enterro. Conseqüentemente, não houve nenhuma interrupção em sua presença, uma vez que tinha assistido à sessão que o havia precedido. Além do sentimento de afeição que nos liga a ele, esta comunicação deveria ter seu lado instrutivo: era interessante conhecer as sensações que acompanham este gênero de morte. Nada do que pode esclarecer sobre as diversas fases dessa passagem, que todo o mundo deve passar, não poderia ser indiferente. Eis esta comunicação:

(Sociedade de Paris, 7 de dezembro de 1866. - Méd. Sr. Desliens.)

Enfim, posso, a meu turno, vir a esta mesa! Já, se bem que minha morte seja recente, estive mais de uma vez tomado de impaciência; eu não podia apressar a marcha do tempo. Também tinha a vos agradecer pela vossa solicitude em cercar meu despojo mortal, e os pensamentos simpáticos que prodigalizastes ao meu Espírito. Oh! mestre, obrigado pela vossa benevolência, pela emoção profunda que sentistes em acolhendo meu filho amado. Quanto eu seria ingrato se disto não vos conservasse um reconhecimento eterno!

Meu Deus, obrigado! meus votos estão atendidos. Este mundo, que eu não conhecia senão segundo as comunicações dos Espíritos, posso eu mesmo apreciar-lhe hoje *a* beleza. Numa certa medida, senti, aqui chegando, as mesmas emoções, mas infinitamente mais vivas, do que em abordando pela primeira vez a terra da América. Eu não conhecia esse país senão pelo relato dos viajantes, e estava longe de me fazer uma idéia de suas luxuriantes produções; ocorreu o mesmo aqui comigo. Quanto este mundo é diferente do vosso! Cada rosto é a reprodução exata dos sentimentos íntimos; nenhuma fisionomia mentirosa; nenhuma hipocrisia possível; o pensamento se revela todo ao olhar, benévolo ou malévolo, segundo a natureza do Espírito.

Pois bem! vede; sou ainda aqui punido por meu defeito principal, o que eu combatia com tanto trabalho sobre a Terra, e que já cheguei a dominar em parte; a impaciência de

me ver entre vós me perturbou a tal ponto que não sei mais exprimir minhas idéias com lucidez, e, no entanto, esta matéria que me arrastava tão freqüentemente à cólera antigamente, não está mais lá! Vamos, eu me acalmo, uma vez que é preciso.

Oh! fiquei muito surpreso por este fim inesperado! eu não temia a morte, e a considerava há muito tempo como o fim da prova; mas esta morte tão imprevista não me causou menos um profundo abalo... Que golpe para minha pobre mulher!... Como o luto sucedeu rapidamente ao prazer! Fazia-me uma verdadeira alegria escutar a boa música, mas não pensava estar tão cedo em contato com a grande voz do infinito... Quanto a vida é frágil!... Um glóbulo sangüíneo coagula; a circulação perde sua regularidade, e tudo está acabado!... Eu queria viver ainda alguns anos, ver meus filhos todos estabelecidos; nisto Deus decidiu de outro modo: que a sua vontade seja feita!

No momento em que a morte me atingiu, recebi como um golpe de clava sobre a cabeça; um peso esmagador me oprimiu; depois, de repente, me senti livre, aliviado. Planei acima de meu despojo; considerei com espanto as lágrimas dos meus, e me dei conta, enfim, do que tinha me acontecido. Prontamente me reconheci. Vi meu segundo filho, chamado pelo telégrafo, a correr. Ah! muito tentei para consolá-los; soprei-lhes meus melhores pensamentos, e vi como uma certa alegria alguns cérebros refratários pender pouco a pouco do lado da crença que fez toda a minha força nestes últimos anos, à qual devo tanto de bons momentos. Se venci um pouco o velho homem, a quem o devo, senão ao nosso caro ensinamento, aos conselhos reinterados de meus guias? E, no entanto, com isto enrubesci, se bem que em Espírito, deixei-me ainda dominar por esse maldito defeito: a impaciência. Também nisto fui punido, porque estava tão apressado em me comunicar para vos contar mil detalhes, que sou obrigado a adiá-los. Oh! serei paciente, mas com pesar. Sou tão feliz aqui, que me custa vos deixar. No entanto, bons amigos estão junto a mim, e eles mesmos se uniram para me acolher: Sanson, Baluze, Sonnez, o jovem Sonnez do qual gostava muitíssimo da verve satírica, depois Jobard, o bravo Costeau e tantos outros. Em último lugar, a senhora Dozon; depois um pobre infeliz muito a lamentar, e cujo arrependimento me toca. Orai por ele como por todos aqueles que se deixaram dominar pela prova.

Logo voltarei a conversar de novo, e estejais bem persuadidos de que não serei menos assíduo às nossas caras reuniões como Espírito, do que o era como encarnado.

LECLERC.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

POESIAS DIVERSAS DO MUNDO INVISÍVEL

Obtidas pelo Sr. Vavasseur.

Esta coletânea, que anunciamos em nosso último número como no prelo, aparecerá na primeira quinzena de janeiro. Nossos leitores puderam julgar o gênero e o valor das poesias obtidas pelo Sr. Vavasseur, como médium, seja no estado de vigília, seja no estado sonambúlico espontâneo, pelos fragmentos que delas publicamos. Limitamo-nos, pois, a dizer que, ao mérito da versificação, elas juntam o de refletir, sob a graciosa forma poética, as consoladoras verdades da Doutrina, e que a este título elas terão um lugar honrado em toda biblioteca espírita. Acreditamos dever acrescentar-lhe uma introdução, ou melhor, uma instrução sobre a poesia medianímica em geral, destinada a respondera certas objeções da crítica sobre este gênero de produções.

As modificações ocasionadas na impressão permitirão de dar-lhe o preço de 1fr.; pelo correio 1 f r. 15 c.

RETRATO DO SR. ALLAN KARDEC
Desenhado e litografado pelo Sr. BERTRAND, artista pintor.

Dimensão: papel chinês, 35 c. sobre 28, e com a moldura, 45 c. sobre 38. - Preço: 2 f r. 50; pelo correio, para a França e a Argélia, porte e estojo de embalagem 50 c. a mais. - Casa do autor, rue dês Dames, n[9] 99, em Paris - Batignolles, e escritório da Revista.

O Sr. Bertand é um dos muito bons médiuns escreventes da Sociedade Espírita de Paris, e que dá suas provas de zelo e de devotamento pela Doutrina. Esta consideração, unida ao desejo de lhe ser útil em lhe fazendo conhecer como artista de talento, fez calar o escrúpulo que tínhamos até aqui de anunciar a colocação em venda de nosso retrato, com medo de que se visse nisto uma presunção ridícula. Apressamo-nos, pois, em declarar que somos completamente estranho a esta publicação, como à dos retratos editados por vários fotógrafos.

O *Union Spiriteàe* Bordeaux, redigido pelo Sr. A. Bez, momentaneamente interrompido por uma grave doença do diretor, e de circunstâncias independentes de sua vontade, retomou o curso de suas publicações, assim como tínhamos anunciado, e deve ajeitar-se de maneira que seus associados não tenham nenhum prejuízo dessa interrupção. Felicitamos sinceramente o Sr. Bez e fazemos votos sinceros para que nada entrave no futuro a útil publicação que ele empreendeu e que deve ser encorajada.

O diretor da *Você di Dio,* jornal espírita italiano que se publica na Sicilia, nos informa que, em conseqüência dos acontecimentos sobrevindos nesse país, e sobretudo os estragos causados pelo cólera, a cidade de Catane, estando quase deserta, se vê forçado a interromper a sua publicação. Ele conta retomá-la desde que as circunstâncias o permitam.

O Sr. Roustaing, de Bordeaux, dirigiu-nos a carta seguinte com pedido de inseri-la:

Senhor Diretor da *Revista Espírita,*

Na obra que anunciastes no número da *Revista Espírita,* do mês de junho último, e *intitulado:* "Espiritismo Cristão, ou Revelação da Revelação; - os quatro evangelhos seguidos dos preceitos explicados *em Espírito e em verdade,* pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos; Moisés, recolhidas e postas em ordem por J.-B. Roustaing, advogado na Corte imperial de Bordeaux, antigo chefe da ordem dos advogados, 3 vol., Paris, Livraria central, n° 24, 1866;" da qual fiz homenagem nos meses de abril e maio últimos à direção da *Revista Espírita* de Paris, que a aceitou, e omitiu na impressão, o que escapou à correção das provas, uma passagem do manuscrito. Esta passagem omitida, e que está assim concebida, em seu lugar em continuação da última linha, página 111, III° vol.

"E esta hipótese da parte dos Espíritas: - Que o corpo de Jesus teria sido um corpo terrestre, - e que os anjos ou Espíritos superiores teriam podido torná-lo invisível, levantá-lo, e o teriam tirado, - no próprio momento em que a pedra foi desprendida e tombada, A PRIORI, *inadmissível e falsa;* ela deve, com efeito, ser *descartada* como *tal,* - em presença da revelação feita pelo anjo à Maria, depois a José; revelação que seria então mentirosa, que não pode sê-lo, emanando de um enviado de Deus, e que deve ser interpretada, explicada *segundo o espírito que vivifica, em espírito e em verdade,* segundo o curso de leis da Natureza e não rejeitada." (Ver *supra,* III° vol., páginas 23-24; - I° vol., p. 27 a 44; 67 a 86; 122 a 129;165a193;226a266;-III°vol.,p.139a145;161a163;168a175.)

Para levar, pela publicidade da qual vosso jornal dispõe, ao conhecimento daqueles que leram, que lêem e que lerão esta obra, esta omissão que teve lugar na impressão, e a fim de que aqueles que têm esta obra possam acrescentar à mão, e isto na página indicada, o parágrafo acima mencionado, - venho solicitar de vossa cortesia a inserção da presente carta no mais próximo número da *Revista Espírita de Paris,* disto vos agradecendo antecipadamente.

Admiti, Senhor Diretor, aceitar, etc.,

ROUSTAING,

Advogado na Corte imperial de Bordeaux, antigo chefe da Ordem dos Advogados, rua Saint-Siméon, 17.

AVISO AOS SRS. ASSINANTES

Para evitar a obstrução das distribuições de 1º de janeiro, a Revista deste mês é expedida em 25 de dezembro. Além disso, ela é endereçada a todos os antigos Assinantes, com exceção daqueles que o são por intermediários, e cujos nomes não nos são conhecidos. Os números seguintes não serão expedidos senão à medida das renovações.

Se bem que a Revista tenha a liberdade de aparecer de 1 a 5, não ocorreu uma única vez neste ano que ela tenha aparecido senão em 5. Uma verificação muito minuciosa tendo sido feita antes de cada envio, os atrasos na recepção não podem ser o fato da direção. Foi várias vezes reconhecido que se prendiam a causas locais, ou à má vontade de certas pessoas pelas mãos das quais passa a Revista antes de chegar ao seu destinatário.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO **NO. 2** **FEVEREIRO 1867**

O LIVRE PENSAMENTO E A LIVRE CONSCIÊNCIA.

Num artigo de nosso último número (página 6), intitulado: *Golpe de vista retrospectivo sobre o movimento do Espiritismo,* fizemos duas classes distintas dos livres pensadores: os incrédulos e os crentes, e dissemos que, para os primeiros, ser livre pensador não é somente crer naquilo que se quer, mas não crer em nada: é se libertar de todo freio, mesmo do medo de Deus e do futuro; para os segundos, é subordinar a crença à razão e se libertar do jugo da fé cega. Estes últimos têm por órgão de publicidade a *Livre consciência,* título significativo; os outros, o jornal *o Livre pensamento,* qualificação mais vaga, mas que se especializa pelas opiniões formuladas, e que vêm, de todos os pontos, corroborar a distinção que fizemos. Ali lemos no *n-2* de 28 de outubro de 1866:

"As questões de origem e de fim preocuparam até aqui a Humanidade, a ponto, freqüentemente, de perturbar sua razão. Estes problemas que se qualificaram de terríveis, e que cremos de importância *secundária,* não são do domínio imediato da ciência. Sua solução científica não pode oferecer senão uma meia certeza. Tal qual é, no entanto, ela nos basta, e não tentaremos completá-la por argúcias metafísicas. O nosso objetivo é, aliás, de não nos ocuparmos senão dos assuntos abordáveis pela observação. Entendemos permanecer sobre a Terra. Se, às vezes, dela nos afastamos para responder aos ataques daqueles que não pensam como nós, a excursão fora do real será de curta duração. Teremos sempre presente ao pensamento este sábio conselho de Helvétius: "É preciso ter a coragem de ignorar o que não se pode saber."

"Um novo jornal, *a Livre consciência,* nossa primogênita de alguns dias, como o fez notar, nos deseja a boa vinda em seu número de amostra grátis. Nós lhe agradecemos pelo modo cortês pelo qual usou de seu direito de primogenitura. Nosso confrade pensa que, apesar da analogia dos títulos, não estaremos sempre em "completa afinidade de idéias." Nós, depois da leitura de seu primeiro número, disto estamos certos; não compreendemos mais a livre consciência do que o livre pensamento com um limite dogmático assinalado antecipadamente. Quando sede clara claramente discípulo da ciência e campeão da livre consciência, é irracional, em nossa opinião, colocarem seguida como um dogma uma crença qualquer, impossível de provar cientificamente. A liberdade limitada da sorte não é a liberdade. De nosso turno, desejamos as boas-vindas à *Livre consciência,* e estamos dispostos a ver nela uma aliada, uma vez que declara querer combater por todas as liberdades... menos uma."

É estranho ver considerar a origem e o fim da Humanidade como questões secundárias próprias para perturbar a razão. Que se diria de um homem que, vivendo o dia-a-dia, não se inquietasse de como viverá amanhã? Passaria por um homem sensato? Que se pensaria daquele que, tendo uma mulher, filhos, amigos, dissesse: Que me importa que amanhã estejam mortos ou vivos! Ora, o dia seguinte da morte é longo; não é preciso, pois, se admirar que tanta gente com isto se preocupe.

Se se fizesse a estatística de todos aqueles que perdem a razão, ver-se-ia que o maior número está precisamente do lado daqueles que não crêem nesse dia seguinte ou

que dele duvidam, e isto, pela razão muito simples de que a grande maioria dos casos de loucura é produzida pelo desespero e a falta de coragem moral que faz suportar as misérias da vida, ao passo que a certeza desse dia seguinte torna menos amargas as vicissitudes do presente, e as faz considerar como incidentes passageiros, cujo moral não se afeta senão mediocremente ou nada se afeta. Sua confiança no futuro lhe dá uma força que jamais terá aquele que não tem por perspectiva senão o nada. Ele está na posição de um homem que, arruinado hoje, tem a certeza de ter amanhã uma fortuna superior àquela que acaba de perder. Neste caso, toma facilmente seu partido, e permanece calmo; se, ao contrário, ele nada espera, se desespera e sua razão pode sofrer com isto.

Ninguém contestará este princípio: saber dia por dia de onde se vem e para onde se vai, o que se fez na véspera e o que se fará amanhã, não seja uma coisa necessária para regular os negócios diários da vida, *e* que ela não influi sobre a conduta pessoal. Seguramente o soldado que sabe para onde se o conduz, que vê seu objetivo, marcha com mais firmeza, com mais vivacidade, mais entusiasmo do que se o conduzisse às cegas. Ocorre assim do pequeno ao grande, da individualidade ao conjunto; saber de onde se vem e para onde se vai não é menos necessário para regular os negócios da vida coletiva da Humanidade. No dia em que a Humanidade inteira tiver a certeza de que a morte é sem saída, ver-se-á uma confusão geral, e os homens se lançarem uns sobre os outros, dizendo: Se não deveremos viver senão um dia, vivamos o melhor possível, não importa às expensas de quem!

O jornal o *Livre pensamento* declara que entende permanecer sobre a Terra, e que, se disto sai às vezes, é para refutar aqueles que não pensam como ele, mas que suas excursões fora do real serão de curta duração. Compreenderíamos que assim o fosse com o jornal exclusivamente científico, tratando de matérias especiais; é evidente que seria intempestivo falar de espiritualidade, de psicologia ou de teogonia a propósito de mecânica, de química, de física, de cálculos matemáticos, de comércio ou de indústria; mas desde que faz entrar em seu programa a *filosofia,* não poderia enchê-la sem abordar as questões metafísicas. Se bem que a palavra *filosofia* seja muito elástica, e que haja sido singularmente desviada de sua acepção etimológica, implica, por sua própria essência, pesquisas e estudos que não são exclusivamente materiais.

O conselho de Helvetius: "É preciso ter a coragem de ignorar o que não se pode saber," é muito sábio, e se dirige sobretudo aos sábios presunçosos que pensam que nada pode ser ocultado ao homem, e o que não sabem ou não compreendem não deve existir. Seria mais justo, no entanto, dizer: "É preciso ter a coragem de *confessara sua ignorância* sobre o que não se sabe." Tal como está formulado, se poderia traduzi-lo assim: "É preciso ter a coragem *de conservara sua ignorância,"* de onde esta conseqüência: "É inútil procurar saber o que não se sabe." Sem dúvida, há coisas que o homem não saberá jamais enquanto estiver sobre a Terra, porque, qualquer que seja a sua presunção, a Humanidade está ainda no estado de adolescência; mas quem ousaria pôr limites absolutos àquilo que pode saber? Uma vez que se sabe disto infinitamente mais hoje do que os homens dos tempos primitivos, porque, mais tarde, não se saberia mais disto do que se sabe agora? É o que não podem compreender aqueles que não admitem a perpetuidade e a perfectibilidade do *ser espiritual.* Muitos dizem a si mesmos: Estou no cume da escala intelectual; o que não vejo e não compreendo, ninguém pode vê-lo e compreendê-lo.

No parágrafo reportado acima e relativo ao jornala *Livre consciência,* está dito: "Não compreendemos mais a livre consciência que o livre pensamento com um limite dogmático assinalado antecipadamente. Quando se declara discípulo da ciência, é irracional colocar como um dogma uma crença *qualquer* impossível de se provar cientificamente. A liberdade limitada da sorte não é a liberdade."

Toda doutrina está nestas palavras; *a* profissão de fé é limpa e categórica. Assim, porque Deus não pode ser demonstrado por uma equação algébrica, que a alma não é apreensível com a ajuda de um reativo, é absurdo crer em Deus e na alma. Todo discípulo da ciência deve, conseqüentemente, ser ateu e materialista. Mas, por não sair da materialidade, a ciência é sempre infalível em suas demonstrações? Não se a tem, muitas vezes, visto dar por verdades o que mais tarde foi reconhecido ser erros, *e vice-versa?* Não foi em nome da ciência que o sistema de Fulton foi declarado uma quimera? Antes de conhecer a lei da gravitação, não demonstrou ela cientificamente que não podia haver antípodas? Antes de conhecer a da eletricidade, não demonstrou ela por a mais *b* que não existia velocidade capaz de transmitir um despacho a quinhentas léguas em alguns minutos?

Tinha-se muito experimentado a luz, e, no entanto, há poucos anos ainda, quem teria suspeitado os prodígios da fotografia? No entanto, não foram os sábios oficiais que fizeram esta prodigiosa descoberta, não mais do que as do telégrafo elétrico e das máquinas a vapor. A ciência conhece ainda hoje todas as leis da Natureza? Sabe ela somente todos os recursos que se podem tirar das leis conhecidas? Quem ousaria dize-lo? Não se pode que um dia o conhecimento de novas leis torne *a* vida extra corpórea tão evidente, tão racional, tão inteligente quanto a dos antípodas? Um tal resultado interrompendo todas as incertezas, seria, pois, a desdenhar? Seria menos importante, para a Humanidade, do que a descoberta de um novo continente, de um novo planeta, de um novo engenho de destruição? Pois bem! esta hipótese se tornou realidade; é ao Espiritismo que se o deve, e é graças a ele que tantas pessoas que acreditavam morrer uma vez por todas, estão agora certas de viverem sempre.

Falamos da força da gravitação, essa força que rege o Universo, desde o grão de areia até os mundos; mas quem a viu, quem a pode segui-la, analisá-la? Em que consiste ela? Qual é a sua natureza, a sua causa primeira? Ninguém o sabe, e, no entanto, ninguém dela duvida hoje. Como se a reconheceu? Por seus efeitos; dos efeitos se concluiu a causa; fez-se mais: calculando a força dos efeitos, calculou-se a força da causa que jamais se viu. Ocorre o mesmo com Deus e com a vida espiritual que se julga também por seus efeitos, segundo este axioma: "Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. A força da causa inteligente está em razão da grandeza do efeito." Crerem Deus e na vida espiritual não é, pois, uma crença puramente gratuita, mas um resultado da observação tão positiva quanto aquela que faz crer na força da gravitação.

Depois, na falta de provas materiais, concorrentemente a estas, a filosofia não admite as provas morais que, às vezes, têm tanto e mais valor do que as outras? Vós, que não tendes por verdadeiro senão o que é provado materialmente, que diríeis se, estando injustamente acusado de um crime do qual todas as aparências seriam contra vós, assim como se vê freqüentemente a injustiça, os juizes não tivessem em nenhuma conta as provas morais que seriam em vosso favor? Não serieis o primeiro a invocá-las? a fazer valer sua preponderância sobre os efeitos puramente materiais que podem iludir? a provar que os sentidos podem enganar os mais clarividentes? Se, pois, admitis que as provas morais devem pesar na balança de um julgamento, não serieis conseqüente convosco mesmo negando-lhes o valor quando se trata de fazer uma opinião sobre as coisas que, pela sua natureza, escapam à materialidade.

O quede mais livre, de mais independente, de menos apreensível por sua própria essência, do que o pensamento? E, no entanto, eis uma escola que pretende emancipá-lo acorrentando-o à matéria; que avanço, em nome da razão, que o pensamento circunscrito sobre as coisas terrestres é mais livre do que aquele que se lança no infinito, e quer ver além do horizonte material! Tanto valeria dizer que o prisioneiro que não pode dar senão alguns passos em seu cárcere é mais livre do que aquele que corta os campos. Se, crer nas coisas do mundo espiritual que é infinito, é não ser livre, vós o sois cem vezes menos,

vós que vos circunscreveis no limite estreito do tangível, que dizeis ao pensamento: Tu não sairás do círculo que te traçamos, e se t u dele sais não és mais o pensamento sadio, mas a loucura, a tolice, o disparate, porque só a nós pertence discernir o falso do verdadeiro.

A isto o espiritualismo responde: Nós formamos a imensa maioria dos homens da qual sois apenas a milionéssima parte; com que direito vos atribuís o monopólio da razão? Quereis, dizeis, emancipar nossas idéias em nos impondo as vossas? Mas não nos ensinais nada; sabemos o que sabeis; cremos sem restrição em tudo o que credes: na matéria e no valor das provas tangíveis, e mais do que vós: em alguma coisa fora da matéria; numa força inteligente superior à Humanidade; em causas inapreciáveis pelos sentidos, mas perceptíveis pelo pensamento; na perpetuidade da vida espiritual que limitais à duração da vida do corpo. Nossas idéias são, pois, infinitamente mais amplas do que as vossas; ao passo que circunscreveis vosso ponto de vista, o nosso abarca os horizontes sem limites. Como aquele que concentra seu pensamento sobre uma ordem determinada de fatos, que coloca assim um ponto de parada aos seus movimentos intelectuais, às *suas investigações,* talvez pretender emancipar aquele que se move sem entraves, e cujo pensamento sonda as profundezas do infinito? Restringir o campo de exploração do pensamento é restringir a sua liberdade, e é o que fazeis.

Quereis, dissestes ainda, arrancar o mundo do jugo das crenças dogmáticas; fazei pelo menos uma distinção entre estas crenças? Não, porque confundis na mesma reprovação tudo o que não é do domínio exclusivo da ciência, tudo o que não se vê pelos olhos do corpo, em uma palavra, tudo o que é de essência espiritual, por conseqüência Deus, a alma e a vida futura. Mas se toda crença espiritual é um entrave à liberdade de pensar, ocorre o mesmo com toda crença material; aquele que crê que uma coisa é vermelha, porque a vê vermelha, não é livre para crê-la verde. Desde que o pensamento é detido por uma convicção qualquer, ele não é mais livre; para ser conseqüente com a vossa teoria, a liberdade absoluta consistiria em nada crer do todo, mesmo na sua própria existência, porque isto seria ainda uma restrição; mas então em que se tornaria o pensamento?

Considerado deste ponto de vista, o livre pensamento seria um contra-senso. Ele deve se entender num sentido mais amplo e mais verdadeiro; quer dizer, do uso livre que se faz da faculdade de pensar, e não na sua aplicação em uma ordem qualquer de idéias. Ele consiste, não em crer numa coisa antes do que numa outra, nem em excluir tal ou tal crença, mas na *liberdade absoluta de escolha das crenças.* É, pois, abusivamente que alguns dele fazem a aplicação exclusiva às idéias anti-espiritualistas. Toda idéia racional, que não é nem imposta, nem encadeada cegamente à de outrem, mas que é voluntariamente adotada em virtude do julgamento pessoal, é um pensamento livre, quer seja religioso, político ou filosófico.

O livre pensamento, na sua acepção mais ampla, significa: livre exame, liberdade de consciência, fé raciocinada; ele simboliza a emancipação intelectual, a independência moral, complemento da independência física; ele não quer mais escravos do pensamento do que escravos do corpo, porque o que caracteriza o livre pensador é que ele pensa por si mesmo e não pelos outros, em outras palavras, que sua opinião lhe pertence particularmente. Pode, pois, haver livres pensadores em todas as opiniões e em todas as crenças. Neste sentido, o livre pensamento eleva a dignidade do homem; dele faz um ser ativo, inteligente, em lugar de uma *máquina de crer.*

No sentido exclusivo que alguns lhe dão, em lugar de emancipar o espírito, ele restringe a sua atividade, faz dele escravo da matéria, os fanáticos da incredulidade fazem, num sentido, o que os fanáticos da fé cega fazem num outro; quando estes dizem: Para ser segundo Deus é preciso crer em tudo o que nós cremos; fora de nossa fé não há salvação, os outros dizem: Para ser segundo a razão, é preciso pensar como nós, não crer senão no que cremos; fora dos limites que traçamos à crença, não há nem liberdade

nem bom senso, doutrina que se formula por este paradoxo: Vosso espírito não é livre senão com a condição de não crer naquilo que quer, o que vem a dizer a um indivíduo: Tu és o mais livre de todos os homens, com a condição de não ir mais longe do que o fim da corda à qual vos prendemos.

Seguramente não contestamos aos incrédulos o direito de não crer em nada senão na matéria, mas convir-se-á que há singulares contradições em sua pretensão de se atribuir o monopólio da liberdade de pensar.

Dissemos que pela qualidade de livre pensador certas pessoas procuram atenuar o que a incredulidade absoluta tem de repulsivo para a opinião das massas; suponhamos, com efeito, que um jornal se intitule abertamente: *o Athée, o Incrédula ou o Matérialiste,* pode-se julgar da impressão que esse título faria sobre o público; mas que abrigue estas mesmas doutrinas sob a capa do *livre pensador,* a esta bandeira se diz: É a bandeira da emancipação moral; deve ser o da liberdade de consciência e sobretudo da tolerância; vejamos. Vê-se que não é preciso sempre reportá-lo à etiqueta.

Estar-se-ia em erro, de resto, assustando-se além da medida das conseqüências de certas doutrinas; elas podem momentaneamente seduzir alguns indivíduos, mas jamais seduzirão as massas que lhe são opostas pelo instinto e pela necessidade. É útil que todos os sistemas se mostrem à luz, para que cada um possa deles julgar o forte e o fraco, e, em virtude do direito de livre exame, possa adotá-los ou rejeitá-los com conhecimento de causa. Quando as utopias forem vistas em ação, e que terão provado sua impotência, elas cairão para não mais se levantar. Por seu próprio exagero, elas movimentam a sociedade e preparam a renovação. Está ainda aí um sinal dos tempos.

O Espiritismo é, como alguns o pensam, uma nova fé cega substituindo a uma outra fé cega; de outro modo dito, uma nova escravidão do pensamento sob uma nova forma? Para crê-lo é preciso ignorar-lhe os primeiros elementos. Com efeito, coloca como princípio que antes de crer é preciso compreender; ora, para compreender é preciso fazer uso de seu julgamento; eis porque ele procura se dar conta de tudo antes de nada admitir, em saber o porquê e o como de cada coisa; também os Espíritas são mais suscetíveis do que os outros com relação aos fenômenos que saem do círculo das observações habituais. Ele não repousa sobre nenhuma teoria preconcebida e hipotética, mas sobre a experiência e a observação dos fatos; em lugar de dizer: "Crede primeiro, e compreendais em seguida, se o puderdes," ele diz: Compreendei primeiro e crereis em seguida se o quiserdes." Ele não se impõe a ninguém; diz a todos: "Vede, observai, comparai e vinde a nós livremente se isto vos convém." Assim falando, ele se candidata e corta as chances da concorrência. Se muitos vão a ele, é que os satisfaz muito, mas ninguém o aceita de olhos fechados. Àqueles que não o aceitam, ele diz: "Sois livres, e não vos quero; tudo o que vos peço, é de deixar-me a minha liberdade, como vos deixo a vossa. Se procurais me afastar, pelo medo de que vos suplante, é que não estais muito seguros de vós."

O Espiritismo não procurando afastar nenhum dos concorrentes na liça aberta às idéias que devem prevalecer no mundo regenerado, e nas condições do verdadeiro livre pensamento; não admitindo nenhuma teoria que não esteja fundada sobre a observação, ele está, ao mesmo tempo nas do mais rigoroso positivismo; tem, enfim, sobre seus adversários de duas opiniões contrárias extremas, a vantagem da tolerância.

Nota. Algumas pessoas nos censuraram pelas explicações teóricas que, desde o princípio, procuramos dar dos fenômenos espíritas. Essas explicações, baseadas sobre uma observação atenta, remontando dos efeitos à causa, provavam, de uma parte, que queríamos nos dar conta e não crer nelas cegamente; de outra, que queríamos fazer do Espiritismo uma ciência de *raciocínio e* não de *credulidade.* Por essas explicações que o tempo desenvolveu, mas que consagrou em princípio, porque nenhuma foi contraditada pela experiência, os Espíritas acreditaram porque compreenderam, e não é duvidoso que é a isto que se deve atribuir o crescimento rápido do número dos adeptos sérios. É a essas explicações que o Espiritismo deve por ter saído do domínio do maravilhoso e de

estar ligado às ciências positivas; por elas demonstrou aos incrédulos que isto não é uma obra de imaginação; sem elas estaríamos ainda para compreender os fenômenos que surgem a cada dia. Era urgente colocar, desde o princípio, o Espiritismo sobre o seu verdadeiro terreno. A teoria fundada sobre a experiência foi o freio que impediu a credulidade supersticiosa, tanto quanto a malevolência, de fazê-lo desviar de seu caminho. Porque aqueles que nos censuram por termos tomado a iniciativa, não a tomaram eles mesmos?

AS TRÊS FILHAS DA BÍBLIA.

Sob este título, o Sr. Hippolyte Rodrigues publicou uma obra na qual prevê a fusão das três grandes religiões descendentes da Bíblia. Um dos escritores do jornal *lê Pays* fez a esse respeito ás reflexões seguintes, no número de 10 de dezembro de 1866:

"O que são as três filhas da Bíblia? A primeira é judia, a segunda é católica, a terceira é maometana.

"Compreende-se em conseqüência que se trata aqui de um livro sério, e que a obra o Sr Hippolyte Rodrigues interessa especialmente aos espíritos sérios que se comprazem nas meditações morais e filosóficas sobre o destino humano.

"O autor crê numa próxima fusão das três grandes religiões que se chama as três filhas da Bíblia, e trabalha para conduzir a esse resultado, no qual vê um progresso imenso. É desta fusão que sairá a religião nova que considera como devendo ser a religião definitiva da Humanidade.

"Não quero iniciar aqui, com o Sr. Hippolyte Rodrigues, uma polêmica inoportuna sobre a questão religiosa que agita há tantos anos no fundo das consciências e nas entranhas da sociedade. Permito-me, no entanto, uma reflexão. Quero fazer aceitar a crença nova pelo raciocínio. Até este dia, não há senão a fé que tenha fundado e mantido as religiões, por esta razão suprema de que, *quando se raciocina, não se crê mais,* e quando um povo, uma época, deixou de crer, vemos logo ruir a religião existente, não se vê levantar a religião nova."

A.DECÉSENA.

Essa tendência, que se generaliza, de prever a unificação dos cultos, como tudo o que se liga à fusão dos povos, à diminuição das barreiras que os separam moralmente e comercialmente, é também um dos sinais característicos dos tempos. Não julgaremos a obra do Sr. Rodrigues, tendo em vista que não a conhecemos; não temos, não mais, a examinar, para o momento, por quais circunstâncias poderá ser trazido o resultado que espera, e que considera a justo título como um progresso; queremos somente apresentar algumas observações sobre o artigo acima.

O autor está num grande erro quando diz que "quando se raciocina não se crê mais." Dizemos, ao contrário, que quando se raciocina sua crença, se crê mais firmemente, porque se a compreende; foi em virtude deste princípio que dissemos: Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face *a* face em todas as épocas da Humanidade.

O erro da maioria das religiões é de haver erigido em dogma absoluto o princípio da fé cega, e de haver, em favor desse princípio, que anula a ação da inteligência, feito aceitar, durante um tempo, as crenças que os progressos ulteriores da ciência vieram contradizer. Disto resultou, num grande número de pessoas, essa prevenção de que toda crença religiosa não pode suportar o livre exame, confundindo, numa reprovação geral, o que não eram senão casos particulares. Esta maneira de julgar as coisas não é mais racional de que se condenasse todo um poema, porque encerraria alguns versos

incorretos, mas é mais cômoda para aqueles que não querem crer em nada, porque, rejeitando tudo, se crêem dispensados de nada examinar.

O autor comete um outro erro capital quando diz: "Quando um povo, uma época deixou de crer, vê-se logo ruir a religião existente, não se vê levantar a religião nova." Onde viu ele, na história, um povo, uma época sem religião?

A maioria das religiões nasceram nos tempos recuados, quando os conhecimentos científicos eram muito limitados ou nulos; elas erigiram em crenças noções errôneas, que só o tempo poderia retificar. Infelizmente, todas foram fundadas sobre o princípio da imutabilidade, *e* como quase todas confundiram, num mesmo código, a lei civil e a lei religiosa, tendo disto resultado que, num momento dado, o espírito humano, tendo caminhado, ao passo que as religiões permaneceram estacionárias, estas não se encontraram mais à altura das idéias novas. Elas caem, então, pela força das coisas, como caem as leis, os costumes sociais, os sistemas políticos que não podem responder às necessidades novas. Mas como as crenças religiosas são instintivas no homem, e constituem, pelo coração e pelo espírito, uma necessidade tão imperiosa quanto à legislação civil para a ordem social, elas não se aniquilam: elas transformam-se.

A transição não se opera jamais de maneira brusca, mas pela mistura temporária das idéias antigas e das idéias novas; é de início uma fé mista que participa de umas e das outras; pouco a pouco a velha crença se extingue, a nova cresce, até que a substituição seja completa. Por vezes, a transformação não é senão parcial; são então as seitas que se separam da religião mãe modificando alguns pontos de detalhe. Foi assim que o Cristianismo sucedeu ao paganismo, que o Islamismo sucedeu ao fetichismo árabe, que o Protestantismo, a religião grega, se separaram do Catolicismo. Por toda a parte vêem-se os povos não deixara crença senão para tomar uma apropriada ao seu estado de adiantamento moral *e* intelectual; mas em nenhuma parte há solução de continuidade.

Em nossos dias se vê, é verdade, a incredulidade absoluta erigida em doutrina e professada por algumas seitas filosóficas; mas seus representantes, que constituem uma ínfima minoria na população inteligente, têm o erro de se crerem todo um povo, toda uma época, e porque não querem mais religião, pensam que sua opinião pessoal é o encerramento dos tempos religiosos, ao passo que não é senão uma transição parcial para uma outra ordem de idéias.

O ABADE LACORDAIRE E AS MESAS GIRANTES.

Extrato de uma carta do abade Lacordaire à senhora Swetchine, datada de Flavigny, em 29 de junho de 1853, tirada de sua correspondência, publicada em 1865.

"Vistes girar e ouvistes falar as mesas ? - Eu desdenhei devê-las girar, como uma coisa muito simples, mas eu as ouvi e *fiz falar.* Elas me disseram coisas bastante notáveis sobre o passado e sobre o presente. Por extraordinário que isto seja, é para um cristão, que crê nos *Espíritos,* um fenômeno muito vulgar e muito pobre. Em todos os tempos, houve modos mais ou menos bizarros para *comunicar-se com os Espíritos;* somente antigamente, fazia-se mistério desses procedimentos, como se fazia mistério da química; a justiça, por execuções terríveis, fazia entrar na sombra essas estranhas práticas. Hoje, graças à liberdade dos cultos e à publicidade universal, o que era um segredo se tornou uma fórmula. Talvez também, por essa divulgação, Deus quer proporcionar o desenvolvimento das forças espirituais ao desenvolvimento das forças materiais, a fim de que o homem não esqueça, em presença das maravilhas da mecânica, que há dois mundos incluídos um no outro: o *mundos dos corpos e o mundos dos Espíritos.*

"É provável que esse desenvolvimento paralelo irá crescente até o fim do mundo, o que causará um dia o reino do anticristo, onde severa, de uma parte e de outra, para o bem e o mal, o emprego de armas sobrenaturais, e de prodígios assustadores. Com isto

não concluo que o Anticristo esteja próximo, porque as operações das quais somos testemunhas, salvo a publicidade, nada têm de mais extraordinário do que o que se via antigamente. Os pobres incrédulos devem estar bastante inquietos com sua razão; mas têm o recurso de tudo crer para escapar à verdadeira fé, e nisto não faltarão. A profundeza dos julgamentos de Deus!"

O abade Lacordaire escreveu isto em 1853, quer dizer, quase no início das manifestações, numa época em que esses fenômenos eram muito mais um objeto de curiosidade do que um assunto de meditações sérias. Se bem que então não estivessem constituídos nem em ciência nem em corpo de doutrina, tinha-lhe entrevisto a importância, e longe de considerá-los como uma coisa efêmera, previa-lhe o desenvolvimento no futuro. Sua opinião sobre a existência e a manifestação dos Espíritos é categórica; ora, como ele é geralmente tido, por todo o mundo, como uma das altas inteligências deste século, parece difícil alinhá-lo entre os loucos depois de tê-lo aplaudido como homem de grande senso e de progresso. Pode-se, pois, ter o senso comum e crer nos Espíritos.

As mesas falantes são, disse ele, "um fenômeno muito vulgar e muito pobre;" muito pobre, com efeito, quanto ao meio de comunicar com os Espíritos, porque se não se tivessem tido outros, o Espiritismo não teria avançado pouco; então conheciam-se apenas os médiuns escreventes, e não se supunha o que iria sair desse meio em aparência tão pueril. Quanto ao reino do Anticristo, Lacordaire não parece se assustar muito com ele, porque não o vê chegar logo. Para ele essas manifestações são *providenciais;* elas devem *perturbar e confundir os incrédulos;* ele admira a profundeza dos julgamentos de Deus; não são, pois, a obra do diabo que deve levar a negar a Deus e a não reconhecer o seu poder.

O extrato acima da correspondência de Lacordaire foi lido na Sociedade de Paris, na sessão de 18 de janeiro; nessa mesma sessão, o Sr. Morin, um de seus médiuns habituais, adormeceu espontaneamente sob a ação magnética dos Espíritos; era a terceira vez que esse fenômeno se produzia nele, porque habitualmente não dormia senão pela magnetização comum. Em seu sono falou sobre diferentes assuntos, e de vários Espíritos presentes dos quais nos transmitiu o pensamento. Disse entre outras coisas o que se segue:

"Um Espírito que todos vós conheceis, e que eu conheço também; um Espírito de grande reputação terrestre, elevado na escala intelectual dos mundos, está aqui. Espírita antes do Espiritismo, eu o vi ensinando a Doutrina, não mais como encarnado, mas como Espírito. Eu o vi pregando com a mesma eloqüência, com o mesmo sentimento de convicção íntima, de quando era vivo, o que, certamente, não teria ousado pregar em púlpito abertamente, mas ao que conduziam seus ensinos. Eu o vi pregar a Doutrina aos seus, à sua família, a todos os seus amigos. Eu o vi enfurecer-se, se bem que no estado espiritual, quando encontrava um cérebro refratário, ou uma resistência obstinada às inspirações que ele soprava; sempre vivo e petulante, querendo fazer penetrar a convicção nas inteligências, como se faz penetrar na rocha viva o cinzel empurrado por um vigoroso golpe de martelo. Mas isto não entrava tão depressa; no entanto a sua eloqüência com isto converteu a mais de um. Este Espírito é o do abade Lacordaire.

"Ele pede uma coisa, não por Espírito de orgulho, não por um interesse pessoal qualquer, mas um interesse de todos e para o bem da Doutrina: a inserção na Revista, daquilo que escreveu há treze anos. Se eu peço esta inserção, diz ele, é por dois motivos; o primeiro é que mostrareis ao mundo que, como o dissestes, pode-se não ser um tolo e crer nos Espíritos. O segundo é que a publicação dessa primeira citação fará descobrir em meus escritos outras passagens que vos serão assinaladas, como estando de acordo com os princípios do Espiritismo."

REPUTAÇÃO DA INTERVENÇÃO DO DEMÔNIO.

Pelo Mons. Freyssinous, bispo de Hermopolis.

Em resposta à opinião que atribui a uma esperteza do demônio as transformações morais operadas pelo ensino dos Espíritos, dissemos muitas vezes que o diabo seria bem pouco hábil se, para chegar a perder o homem, começasse por tirá-lo do lamaçal da incredulidade e conduzi-lo a Deus; que esta seria a conduta de um tolo, de um simplório. A isto se objeta que está precisamente aí a obra-prima da malícia desse inimigo de Deus e dos homens. Confessamos não compreendera malícia.

Um de nossos correspondentes nos dirige, em apoio de nosso raciocínio, as palavras adiante do Mons. de Fryssinous, bispo de Hermopolis, tiradas de suas *conferências sobre a religião,* tomo II, página 341; Paris, 1825.

"Se Jesus Cristo tivesse operado seus milagres pela virtude do demônio, o demônio teria, pois, trabalhado para destruir seu império, e teria empregado sua força contra si mesmo. Certamente, um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude, seria um estranho demônio. Eis porque Jesus, para repelir a absurda acusação dos Judeus, lhes disse: "Se eu opero prodígios em nome do demônio o demônio está, pois, dividido consigo mesmo; ele procura, pois, se destruir," *resposta que não sofre réplica."*

Agradecemos ao nosso correspondente por ter consentido em nos assinalar esta importante passagem da qual nossos leitores tirarão seu proveito se possível. Agradecemos também a todos aqueles que nos transmitem o que encontram, em suas leituras, de interessante para a Doutrina. Nada está perdido.

Todos os eclesiásticos, como se vê, estão longe de professar, sobre a doutrina demoníaca, opiniões tão absolutas quantos certos membros do clero; o Mons. de Hermopolis é, nestas matérias, uma autoridade da qual não se saberia recusar o valor. Seus argumentos são precisamente os mesmos que os Espíritas opõem àqueles que atribuem ao demônio os bons conselhos que recebem dos Espíritos. Que fazem, com efeito, os Espíritos, se não é destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude? de conduzir a Deus aqueles que o desconhecem e o negam? Se tal fossem a obra do demônio, ele agiria como um ladrão profissional que restituísse o que roubou, e convidaria rs outros ladrões a se tornarem pessoas honestas. Então, seria preciso felicitá-los pela sua transformação. Sustentar a cooperação *voluntária* do Espírito do mal para produzir o bem, é não só um contra-senso, mas é negar a mais alta autoridade cristã: a do Cristo.

Que os Fariseus do tempo de Jesus tenham acreditado nisto de boa-fé, poder-se-ia concebê-lo, porque então não se estava mais esclarecido sobre a natureza de Satã do que sobre as de Deus, e que entrou na teogonia dos Judeus deles fazer duas forças iguais. Mas hoje uma tal doutrina, que é tão inadmissível quanto à que atribuía a Satã certas invenções industriais, como a imprensa, por exemplo; aqueles mesmos que a defendem são talvez os últimos a nela crerem; ela já cai no ridículo e não assusta ninguém, e antes de que seja por muito tempo não se ousará mais invocá-la.

A Doutrina Espírita não admite potência rival à de Deus, e ainda menos poderia admitir que um ser decaído, precipitado por Deus num abismo, pudesse ter recobrado bastante poder para contrabalançares seus desígnios, o que roubaria a Deus a sua onipotência. Segundo essa doutrina, Satã é *a personificação alegórica* do mal, como entre os Pagãos Saturno era a personificação do tempo, Marte a da guerra, Vênus a da beleza.

Os Espíritos que se manifestam são as almas dos homens, e entre eles há, como entre os homens, os bons e os perversos, avançados e atrasados; os bons dizem boas coisas, dão bons conselhos; os perversos dizem as más, inspiram maus pensamentos, e fazem o mal como faziam sobre a Terra; vendo a maldade, a patifaria, a ingratidão, a

perversidade de certos homens, reconhece-se que não valem mais do que os maus Espíritos; mas, encarnados ou desencarnados, esses maus Espíritos chegarão um dia a se melhorar, quando forem tocados pelo arrependimento.

Comparai uma e a outra doutrina, e vede a que é mais racional, a mais respeitosa para com a divindade.

VARIEDADES

EUGÉNIE COLOMBE. PRECOCIDADE FENOMENAL.

Vários jornais reproduziram o fato seguinte:

"A *Sentinelle,* de Toulon, fala de um jovem fenômeno que se admira neste momento naquela cidade.

"É uma criança com a idade de dois anos e onze meses, chamada: Eugénie Colombe.

"Esta criança já sabe perfeitamente ler e escrever, e além disto está em estado de sustentar o mais sério exame sobre os princípios da religião cristã, sobre a gramática francesa, a geografia, a história da França e as quatro regras da aritmética.

"Ela conhece a rosa dos ventos e sustenta perfeitamente uma discussão científica sobre todos estes assuntos.

Esta admirável criança começou a falar muito distintamente com a idade de quatro meses.

"Apresentada nos salões da prefeitura marítima, Eugénie Colombe, dotada de um rosto encantador, obteve um sucesso de entusiasmo."

Este artigo nos pareceu, 'assim como a muitas outras pessoas, cheio de um tal exagero, que não lhe tínhamos ligado nenhuma importância. No entanto, para saber positivamente a que nos ater, pedimos a um de nossos correspondentes, oficial da marinha, em Toulon, em consentir em indagar do fato. Eis o que nos respondeu:

"Para me assegurar da verdade, fui à casa dos pais da criança assinalada pelo *Sentinelle Toulonnaise,* de 19 de novembro; vi essa encantadora criança cujo desenvolvimento físico está em relação com a sua idade; ela não tem senão três anos. Sua mãe é professora; é ela que dirige a sua instrução. Ela a interrogou, em minha presença, sobre o catecismo, a história santa desde a criação do mundo até o dilúvio, os oito primeiros reis da França e diferentes circunstâncias relativas ao seu reino e ao de Napoleão I. Pela geografia, a criança nomeou as cinco partes do mundo, as capitais dos países que elas encerram, e várias sedes dos departamentos da França. Também respondeu perfeitamente sobre as primeiras noções da gramática francesa e o sistema métrico. Esta criança deu todas essas respostas sem a menor hesitação, divertindo-se com os brinquedos que tinha nas mãos. Sua mãe me disse que ela sabia ler desde a idade de dois anos e meio, e assegurou-me que ela pode responder da mesma maneira a mais de quinhentas perguntas."

O fato livre do exagero dos relatos dos jornais, e reduzido às proporções acima, por isso não é menos notável e importante em suas conseqüências. Ele chama forçosamente a atenção sobre os fatos análogos de precocidade intelectual e dos conhecimentos inatos. Involuntariamente procura-se explicá-los, e com as idéias de pluralidade de existências que circulam, chega-se a não lhes encontrar solução racional senão numa existência anterior. É preciso classificar esses fenômenos entre aqueles que são anunciados como devendo, pela sua multiplicidade, confirmar as crenças espíritas, e contribuir para o seu desenvolvimento.

No caso do qual se trata, certamente, a memória parecia desempenhar um papel importante. A mãe desta criança era professora, a pequenina se achava, sem dúvida,

habitualmente na classe, e teria retido as lições feitas aos alunos por sua mãe, ao passo que se vêem certas crianças possuir, por intuição, conhecimentos de alguma natureza nativos, e fora de todo o ensino. Mas por que, nela antes que nos outros, essa facilidade excepcional para assimilar o que ela ouvia, e que, provavelmente, nem se pensava em ensinar-lhe? É que, o que ela ouvia, não fazia senão despertar nela a lembrança daquilo que sabia. A precocidade de certas crianças pelas línguas, pela música, pelas matemáticas, etc., todas as idéias inatas, em uma palavra, não são igualmente senão lembranças; lembram-se daquilo que sabiam, como se vê certas pessoas se lembrarem, mais ou menos vagamente do que fizeram, ou do que lhes aconteceu. Conhecemos um menino de cinco anos que, estando à mesa, onde nada na conversação teria podido provocar uma idéia sobre esse assunto, se pôs a dizer: "Eu, eu fui casado, não me lembro bem disto; tinha uma mulher, pequena, jovem e alegre, e tive vários filhos." Certamente, não se tem nenhum meio de controlara sua afirmativa, mas pergunta-se de onde pôde lhe vir uma semelhante idéia, então que nenhuma circunstância tinha podido provocá-la.

Disto é preciso concluir que as crianças que não aprendem senão à força de trabalho foram ignorantes ou estúpidas em sua precedente existência? Seguramente, não; a faculdade de se lembrar é uma aptidão inerente ao estado psicológico, quer dizer, ao mais fácil desligamento da alma em certos indivíduos do que em outros, uma espécie de visão espiritual retrospectiva que lhes lembra o passado, ao passo que para aqueles que não a possuem, esse passado não deixa nenhum traço *aparente.* O passado é como um sonho do qual se lembra mais ou menos exatamente, ou do qual se perdeu totalmente a lembrança. *(Ver Revista Espírita* de julho de 1860, página 205;id. de novembro de 1864, página 328.)

No momento de imprimir, recebemos de um de nossos correspondentes da Argélia, que, em sua passagem por Toulon, viu a jovem Eugénie Colombe, uma carta contendo o relato seguinte, que confirma o precedente, e que acrescenta detalhes que não são sem interesse:

"Esta criança, de uma beleza notável, é de uma vivacidade extrema, mas de uma doçura angelical. Colocada sobre os joelhos de sua mãe, ela respondeu a mais de cinqüenta perguntas sobre o Evangelho. Interrogada sobre a geografia, ela me desenhou todas as capitais da Europa e dos diversos estados da América; todas as sedes dos departamentos franceses e da Argélia; explicou-me o sistema decimal, o sistema métrico. Em gramática, os verbos, os particípios e os adjetivos. Ela conhecia, ou pelo menos definiu as quatro primeiras regras. Ela escreveu sob meu ditado, mas com uma rapidez tal, que fui levado a crer que escrevia medianimicamente. Na quinta linha ela pousou sua caneta; olhou-me fixamente com seus grandes olhos azuis, dizendo-me bruscamente: "Senhor, é bastante;" depois desceu de sua cadeira e correu aos seus brinquedos.

"Esta criança, certamente, é um Espírito bastante avançado, porque se vê que ela responde e cita sem o menor esforço de memória. Sua mãe disse-me que desde a idade de doze a quinze meses ela sonha à noite e parece conversar, mas numa linguagem que não permite compreendê-la. É caridosa por instinto; atrai sempre a atenção de sua mãe quando percebe um pobre; ela não pode tolerar que se bata nem em cães, nem em gatos, nem em nenhum animal. Seu pai é um trabalhador do arsenal marítimo."

Só os Espíritas esclarecidos, como os nossos dois correspondentes, podem apreciar o fenômeno psicológico que apresenta esta criança, e dele sondar a causa; do mesmo modo que, para julgar um mecanismo é preciso um mecânico, para julgar os fatos espíritas é preciso ser Espírita; ora, quem se encarrega em geral da constatação e da explicação de fenômenos deste gênero? Precisamente as pessoas que não os estudaram, e que, negando a causa primeira, não podem admitir-lhe as conseqüências.

TOM, O CEGO, MÚSICO NATURAL.

Lê-se no *Spiritual Magazine* de Londres:

"A celebridade de *Tom, o* Cegoque, há pouco, fez seu aparecimento em Londres, já era difundida aqui, e há alguns anos, um artigo no jornal *Ali the year round,* havia descrito suas notáveis faculdades e a sensação que elas tinham produzido na América. A maneira pela qual essas faculdades se desenvolveram nesse negro, escravo e cego, ignorante e totalmente iletrado; como, toda criança, surpreendido um dia pelos sons da música da casa de seu senhor, correu sem cerimônia para tomar seu lugar ao piano, reproduzindo nota por nota o que vinha de ser tocado, rindo e fazendo contorções de alegria vendo o novo mundo de prazeres que acabava de descobrir, tudo isto foi tão freqüentemente contado, que creio inútil mencionar de novo; mas um fato significativo e interessante me foi contado por um amigo que foi a primeira testemunha e apreciador da faculdade de Tom. Um dia uma obra de Haendel lhe foi tocada. Imediatamente Tom a tocou de novo corretamente, e quando terminou, se esfregou as mãos com uma expressão de alegria indefinível exclamando: "Eu o vejo, é um velho com uma grande peruca; ele tocou primeiro e eu depois." É incontestável que Tom havia visto Haendel, e o tinha ouvido tocar.

"Tom tocou várias vezes em público, e a maneira pela qual executa *os* trechos mais difíceis faria quase duvidar de sua enfermidade. Ele repete sem erro ao piano, e necessariamente de memória, tudo o que se lhe toca, sejam sonatas clássicas antigas, sejam fantasias modernas; ora, gostaríamos muito de ver aquele que poderia aprender desta maneira as variações de Thalberg com os olhos fechados, como ele o fez.

"Este fato surpreendente de um cego ignorante, desprovido de toda instrução, mostrando um talento que outros são incapazes de adquirir com todas as vantagens do estudo, será provavelmente explicado por um grande número segundo a maneira comum de encarar essas coisas, dizendo: é um gênio e um organismo excepcional; mas não é senão o Espiritismo que pode dar a chave desse fenômeno de maneira compreensível e racional."

As reflexões que fizemos a propósito da menina de Toulon se aplicam naturalmente a Tom, o cego. Tom deve ser um grande músico ao qual basta ouvir para estar no caminho daquilo que soube. O que torna o fenômeno mais extraordinário é que se apresenta num negro, escravo e cego, tríplice causa que se oporia à cultura de suas aptidões nativas, e apesar da qual elas se manifestaram na primeira ocasião favorável, como um grão germina aos raios do sol. Ora, como a raça negra, em geral e sobretudo no estado de escravidão, não brilha pela cultura das artes, disto é preciso concluir que o Espírito de Tom não pertence a essa raça; mas que nela se encarnou, seja como expiação, seja como meio providencial de reabilitação desta raça na opinião, mostrando do que ela é capaz.

Muito se disse e muito se escreveu contra a escravidão e o preconceito da cor; tudo o que se disse é justo e moral; mas não era senão uma tese filosófica. A lei da pluralidade das existências e da reencarnação vem acrescentar-lhe a irrefutável sanção de uma lei da Natureza que consagra a fraternidade de todos os homens. Tom, o escravo, nascido e aclamado na América, é um pretexto vivo contra os preconceitos que reinam ainda nesse país. (Ver a *Revistade* abril de 1862, página 97: Perfectibilidade da raça negra. Frenologia espiritualista.)

SUICÍDIO DOS ANIMAIS

"O *Morning-Postcontou,* há alguns dias, a história estranha de um cão que teria se suicidado. O animal pertencia a um Sr. Home, de Frinsbury, perto de Rochester. Parece que certas circunstâncias o tinham feito supor estar atingido de hidrofobia, e que, conseqüentemente, se o evitava e era mantido longe da casa tanto quanto possível. Parecia sentir muita tristeza por ser tratado deste modo, e durante alguns dias notou-se que estava com o humor sombrio e tristonho, mas sem mostrar ainda nenhum sintoma de raiva. Quinta-feira foi visto deixar sua casinha e se dirigir para a residência de um amigo íntimo de seu senhor, em Upnor, onde recusaram acolhê-lo, o que lhe arrancou um grito lamentável.

"Depois de ter esperado algum tempo diante da casa, sem ser admitido ao seu interior, decidiu partir, e foi visto ir para o lado do rio, que passa ali perto, descer a margem com passo deliberado, depois, após ter retornado e ter produzido uma espécie de uivo de adeus, entrar no rio, mergulhar sua cabeça sob a água, e, ao cabo de um minuto ou dois, reaparecer sem vida na superfície.

Esse ato de suicídio extraordinário teve, disse-se, por testemunha um grande número de pessoas. O gênero de morte prova claramente que o animal não estava hidrófobo.

"Este fato parece muito extraordinário; sem dúvida, ele encontra incrédulos. No entanto, diz o *Droit,* ele não é sem precedente.

"A história nos conservou a lembrança de cães fiéis que se votaram a uma morte voluntária por não sobreviverem aos seus senhores. Montaigne cita deles dois exemplos tomados à antigüidade: "Hyrcanus, o cão do rei Lysimachus, seu senhor morto, permanece obstinado sobre o seu leito, sem querer beber nem comer, e no dia em que se lhe queima o corpo, ele toma seu curso e se lança no fogo onde foi queimado; como assim também fez o cão de um chamado Pyrrhus, porque não se mexeu de cima do leito de seu senhor desde que foi morto; e quando o levaram, deixou-se levantar e ele, finalmente se lançou na fogueira onde queimavam o corpo de seu senhor." *(Essais,* liv. II, cap. XII.) Registramos mesmo, há alguns anos, o fim trágico de um cão que, tendo incorrido na infelicidade de seu senhor, e não podendo com isto se consolar, precipitou-se do alto de uma passarela no canal Saint-Martin. O relato muito circunstanciado que então fizemos deste acontecimento jamais foi contestado e não deu lugar a nenhuma reclamação das partes interessadas."

(Petit Journal, 15 de maio de 1866.)

O suicídio não é sem exemplo nos animais. O cão, como está dito acima, que se deixa morrer de inanição pelo desgosto deter perdido seu senhor, realiza um verdadeiro suicídio.

O escorpião, cercado por um círculo de carvão ardente, vendo que dele não pode sair, mata-se a si mesmo. É uma analogia a mais a se constatar entre o espírito do homem e o dos animais.

A morte voluntária num animal prova que ele tem a consciência de sua existência e de sua individualidade; ele compreende o que é a vida e a morte, uma vez que escolhe livremente entre uma e a outra; não é, pois, tão maquinai, e não obedece tão exclusivamente a um instinto cego, que se o supõe. O instinto leva à procura dos meios de conservação, e não de sua própria destruição.

POESIAS ESPÍRITAS.

(Sociedade de Paris, 20 de julho de 1866, méd. Sr. Vavasseur.)

LEMBRANÇA.

Duas crianças, a irmã e o irmão,
Entraram juntos na cabana
Numa noite de verão. Já a noite,
Em passo lento, avançava sem ruído,
Atrás deles, branca e vaporosa
Como uma sombra misteriosa.
O pássaro dormia no fundo das florestas,
E o vento norte deslizava sem voz;
Tudo sonhava num doce mistério.
A irmã disse, baixinho, ao seu irmão:
Irmão, tenho medo; não ouves
Um sino chorar lá embaixo?
É o lúgubre e triste dobrar
De um defunto. - Não tremas,
Irmã, disse o irmão, é uma alma
Que foge da Terra e que reclama
Uma prece, para pagar
Seu lugar no eterno lar.
Vamos, irmã, orar na Igreja
Sobre a laje empoeirada e sombria
Onde se nos viu, um dia de luto,
Ambos de trás de um longo caixão
Onde dormia nossa pobre mãe.
Vamos orar pelos mortos, irmã;
Isto nos trará felicidade.
Vamos, vamos! - E irmã e irmão,
Uma lágrima sobre a pálpebra,
Ambos se dando as mãos,
Tomam o estreito e verde caminho
Que leva à velha igreja.
Uma segunda vez o vento norte
Trouxe-lhes o triste adeus
Do defunto procurando seu Deus,
E o sino cessou o seu lamento;
E mudos e trementes de medo
Nossas duas crianças silenciosas
Caminham olhando os céus.
Chegados ao limiar da igreja
Viram uma mulher sentada
À sombra da triste coluna
Que mantinha a grande pia.
Os pés nus, a face velada,
Pálida, louca e descabelada,
Ela exclamava: Ó meu Deus!
Ó vós a quem se adora em todo lugar.
Em todos os tempos, por toda a parte, na Terra
Como no céu, uma pobre mãe
Tremente, aos pés de vosso altar,
Diante de vossos desígnios eternos,
Ousa apenas, em vossa presença,
Se lamentar e narrar seu sofrimento.

Senhor! Eu não tinha senão um filho,
Um só; era róseo e branco
Como um branco raio que colore
Uma fresca manhã em sua aurora.
O espelho de seus grandes olhos azuis
Refletia o azul de vossos céus,
E em sua boca um doce sorriso
Parecia se colocar e me dizer:
Não chores mais em teu lar;
É que Deus vem de me enviar.
Vê, a tempestade está dissipada, mãe;
O céu está sem nuvem; espera!
E eu esperei. Mas, pobre criança,
Tu te enganavas em me enganando.
Quando o vento sopra sobre a praia
E destrói tudo em sua passagem,
Não deixando senão alguns caniços
Para chorar nas margens de suas águas...
E quando a morte bate à porta
De um lar, ela entra e leva
Tudo! tudo!... Não deixando em seu limiar
Senão um lençol negro para esconder seu luto.
Eu sabia, no entanto, que um belo sonho,
Se começa na manhã, termina
Uma noite neste mundo; que a noite,
Ciumenta do sol que brilha,
E que faz empalidecer sua triste sombra
Estende logo um véu sombrio
Para obscurecer seus mil fogos
E velá-lo a todos os olhos.
Sim, eu o sabia; mas a mãe
Ignora tudo; quando ela espera,
A pobre mãe crê em tudo;
Por um filho, na felicidade, sobretudo.
Eu tinha sofrido toda a minha vida,
Não podia sem loucura
Esperar um dia de felicidade?
E o foi de outro modo! Senhor,
Que a vossa vontade seja feita!
Só, neste humilde refúgio,
Onde vi morrer um esposo,
Onde, pálida e tremente, de joelhos,
Recebo o adeus de um pai,
Onde retirais à mãe
Sua última esperança, seu filho.
Diante de seu carrasco triunfante,
A morte que contempla sua presa
Com um sorriso de alegria,
Senhor! peço à mão
Que fere todos os meus, amanhã
De não poupar a mãe
Pedindo seu filho à terra.

O sino, uma última vez,
A estas palavras, fez falar sua voz.
A alma da criança sobre a terra
Voltava para consolar a mãe
Em lhe dizendo: Eu estou nos céus!
Quando irmã e irmão, preocupados
Saíram da velha igreja,
A mulher estava ainda sentada

JEAN.

DISSERTAÇÕES ESPIRITAS

AS TRÊS CAUSAS PRINCIPAIS DAS DOENÇAS.
(Paris, 25 de outubro de 1866. - Médium, Sr. Desliens).

O que é o homem?... Um composto de três princípios essenciais: o Espírito, o perispírito e o corpo. A ausência de um qualquer destes três princípios, necessariamente, levaria ao aniquilamento do ser no estado humano. Se o corpo não existe mais, há o Espírito e não mais o homem; se o perispírito falta ou não pode funcionar, o imaterial não podendo agir diretamente sobre a matéria e se encontrando assim na impossibilidade de se manifestar, poderá aí ter alguma coisa no gênero do cretino ou do idiota, mas não haverá jamais um ser inteligente. Enfim, se falta o Espírito, ter-se-á um feto vivendo da vida animal e não um Espírito encarnado. Se, pois, temos três princípios presentes, estes três princípios devem reagir um sobre o outro, e se seguirá a saúde ou a doença, segundo houver entre eles harmonia perfeita ou desacordo parcial.

Se a doença ou a desordem orgânica, como se queira chamá-la, procede do corpo, os medicamentos materiais, sabiamente empregados bastarão para restabelecera harmonia geral.

Se a perturbação vem do perispírito, se é uma modificação do princípio fluídico que o compõe, que se acha alterado, será preciso uma medicação em relação com a natureza do órgão para que as funções possam retomar seu estado normal. Se a doença procede do Espírito, não se poderia empregar, para combatê-la, outra coisa do que uma medicação espiritual. Se, enfim, como é o caso mais geral, e se pode dizer mesmo aquele que se apresenta exclusivamente, se a doença procede do corpo, do perispírito e do Espírito, será preciso que a medicação combata, ao mesmo tempo, todas as causas da desordem, por meios diversos, para obter a cura. Ora, que fazem geralmente os médicos? Eles cuidam do corpo, curam-no; mas curam a doença? Não. Por quê? Porque o perispírito, sendo um princípio superior à matéria propriamente dita, poderá se tornar causa com relação a este; e se está entravado, os órgãos materiais que se encontram em relação com ele estarão igualmente atingidos em sua vitalidade. Cuidando do corpo, destruís o efeito; mas a causa residindo no perispírito, a doença virá de novo quando os cuidados cessarem, até que se tenha percebido que é preciso levar em outra parte a sua atenção, cuidando fluidicamente o princípio fluídico mórbido.

Se, enfim, a doença procede da *mens, o* Espírito, o perispírito e o corpo, colocados sob sua dependência, serão entravados em suas funções, e não é nem cuidando de um, nem cuidando do outro que se fará desaparecer a causa.

Não é, pois, colocando a camisa de força num louco, ou em lhe dando pílulas ou duchas, que se chegará a levá-lo ao seu estado normal; somente se acalmarão seus sentidos revoltados; acalmarão seus acessos, mas não se destruirá o germe senão em combatendo-o por seus semelhantes, fazendo da homeopatia espiritual e fluidicamente, como se o faz materialmente, dando ao doente, pela prece, uma dose infinitesimal de

paciência, de calma, de resignação, segundo os casos, como se lhe dá uma dose infinitesimal de brucina, de digitalina ou de acônito.

Para destruir uma causa mórbida, é preciso combatê-la em seu terreno.

Doutor MOREL LAVALLÉE.

A CLAREZA.

(Sociedade de Paris, 5 de janeiro de 1866. - Médium, Sr. Leymarie.)

Concedei-me a hospitalidade, para vossa primeira sessão de 1866? Eu desejo, com o abraço fraternal, vos apresentar meus votos amigos; que possais ter muitas satisfações morais, muito de vontade e de caridade perseverante.

Neste século de luz, o que mais falta, é a clareza! Os semi-sábios, os Bichos-Papões da imprensa, valentemente fizeram o trabalho da aranha para obscurecer, com a ajuda de um tecido supostamente liberal, tudo que é claro, tudo o que esclarece.

Caros Espíritas, tendes encontrado em todas as camadas sociais essa força de raciocínio que é a marca de inteligência dos seres chegados? Não tendes, ao contrário, a certeza de que a grande maioria de vossos irmãos está estagnada numa ignorância malsã? Por toda a parte as heresias e as más ações! As boas intenções, viciadas em seu princípio, caem uma a uma, semelhantes a esses belos frutos dos quais um verme rói o coração e que o vento lança à terra. A clareza, nos argumentos, no saber, teria feito por acaso eleição de domicílio nas academias, entre os filósofos, os jornalistas ou os planfetários?... Poder-se-ia disto duvidar, parece-me, em vendo-os, à maneira de Diógenes, lanterna à mão, procurar uma verdade em pleno sol.

Luz, clareza, sois a essência de todo movimento inteligente! Logo inundareis com vossos raios benfazejos os recantos mais obscuros dessa pobre Humanidade; sereis vós que saireis desse lodo de tantos terrestres atordoados, embrutecidos, espíritos infelizes que devem ser lavados pela instrução, pela liberdade, sobretudo pela consciência de seu valor espiritual. A luz expulsará as lágrimas, as dificuldades, os sombrios desesperos, a negação das coisas divinas, todas as más vontades! Cercando o materialismo, ela o forçará a não mais se abrigar atrás dessa muralha factícia, carcomida, de onde arremessa inabilmente suas setas sobre tudo o que não é obra sua.

Mas as máscaras serão arrancadas e saberemos, então, se os gozos, a fortuna e o sensualismo são bem os emblemas da vida e da liberdade. A clareza é útil em tudo e a todos; ao embrião como ao homem, é preciso a luz! sem ela *tudo caminha às cegas, e a alma, às cegas, procura a alma.*

Que uma noite eterna se faça! logo as cores harmoniosas desaparecerão de vosso globo, as flores se enfraquecerão, as grandes árvores serão destruídas; os insetos, a Natureza inteira não darão mais esses mil ruídos, a eterna canção a Deus! os riachos banharão margens desoladas; o frio terá tudo mumificado, a vida terá desaparecido!...

Ocorre o mesmo com o Espírito. Se fizerdes noite ao redor dele, nela estará doente; o frio petrificará suas tendências divinas; o homem, como na Idade Média, se entorpecerá, semelhante em sua alma às solidões selvagens e desoladas das regiões boreais!

É por isto, Espíritas, que vos deveis a todas as clarezas. Mas antes de aconselhar e ensinar, começai primeiro por esclarecer as menores dobras de vossa alma. Quando, bastante depurados para nada temer, podereis elevar a voz, o olhar, o gesto, fareis uma guerra implacável à sombra, à tristeza, à ausência de vida; ensinareis as grandes leis espíritas aos irmãos que nada sabem do papel que Deus lhes assinala.

1866, possas tu, pelos anos a vir, ser essa estrela luminosa que conduziu os reis magos para a manjedoura de um humilde filho do povo; vinham prestar homenagem à encarnação que deveria representar, no sentido mais amplo, o espírito de verdade, essa

luz benfazeja que transformou a Humanidade. Por esta criança tudo foi compreendido! Foi bem ela que eternizou a graça da simplicidade, da caridade, da benevolência, do amor e da liberdade.

O Espiritismo, também estrela luminosa, deve, como a que rasgou, há dezoito séculos, o véu sombrio dos séculos de ferro, conduzir os terrestres à conquista das verdades prometidas. Saberá bem se livrar das tempestades que nos prometem as evoluções humanas e as resistências desesperadas da ciência às agonias? É que vós todos, meus amigos, e nós vossos irmãos da erraticidade, somos chamados a melhor revelar, inundando este ano com as claridades adquiridas.

Trabalhar com este objetivo é ser adepto do Filho de Belém, é ser filho de Deus, de quem emanam toda luz e toda a clareza.

SONNEZ

COMUNICAÇÃO PROVIDENCIAL DOS ESPÍRITOS.

(Grupo Delanne. - Paris, 8 de janeiro de 1865. - Médium, senhora Br. .)

Os tempos são chegados em que a palavra do profeta deverá ser cumprida: "Derramarei, disse o Senhor, de meu Espírito, sobre toda *a* carne, e vossos filhos profetizarão, vossos velhos terão sonhos." O Espiritismo é esta difusão do Espírito Divino vindo instruir e moralizar todos esses pobres deserdados da vida espiritual que, não vendo senão a matéria, esquecem que o homem não vive só de pão.

É preciso ao corpo um organismo material a serviço da alma, uma alimentação apropriada à sua natureza; mas à alma, emanação do Espírito Criador, é preciso um alimento espiritual que ela não encontra senão na contemplação das belezas celestes, resultante da harmonia das faculdades inteligentes em seu completo desabrochar.

Enquanto o homem negligencia em cultivar o seu espírito e permanece absolvido pela procura ou a posse dos bens materiais, sua alma está de alguma sorte estacionaria, e lhe é preciso um grande número de encarnações antes que ela possa, obedecendo insensivelmente e como pela força à lei inevitável do progresso, chegar a esse começo de vitalidade intelectual que a torna a diretriz do ser material ao qual está unida. É por isto que, apesar dos ensinos dados pelo Cristo para fazer a Humanidade avançar, ela está ainda tão atrasada, não tendo querido o egoísmo apagar diante dessa lei de caridade que deve mudar a face do mundo, e dele fazer uma morada de paz, e de felicidade. Mas a bondade de Deus é infinita, ela ultrapassa a indiferença e a ingratidão de seus filhos; é porque lhes envia esses mensageiros divinos que vêm lhes lembrar que Deus não os criou para a Terra, que nela não estão senão por um tempo, a fim de que, pelo trabalho, desenvolvam as qualidades depositadas em germe em sua alma, e que, cidadãos dos céus, não devem se comprazer num estágio inferior à sua ignorância, onde somente suas faltas os retêm.

Agradecei, pois, ao Senhor, e saudai com alegria o advento do Espiritismo, uma vez que é o cumprimento das profecias, o sinal brilhante da bondade do Pai de misericórdia, e para vós uma nova chamada a esse desligamento da matéria, tão desejado, uma vez que só ele pode vos proporcionar uma verdadeira felicidade.

LOUIS DE FRANCE.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MIRETTE

Romance espírita pelo Sr. Élie Sauvage, membro da Sociedade das pessoas de letras (1). (1)1 vol. in-12. Livraria dos Autores, 10, rue delaBourse. Preço 3 fr. Pelo correio, para a França e Argélia, 3 fr. 30 c.

O ano de 1867 se abriu, para o Espiritismo, pela publicação de uma obra que inaugura, de alguma sorte, o caminho novo aberto à literatura pela Doutrina Espírita. *Mirette* não é um desses livros onde a idéia espírita não é senão acesso ria, e como lançada, *pelo efeito,* ao acaso da imaginação, sem que a crença venha animá-la e aquecê-la; é desta própria idéia que ele forma dado principal menos ainda pela ação do que pelas conseqüências gerais que dela decorrem.

Em Spirite, de Théophile Gautier, o fantástico leva melhor de muito sobre o real e o possível do ponto de vista da Doutrina. É menos um romance espírita do que o romance do Espiritismo, e que este não pode aceitar como uma pintura fiel das manifestações; além disto, o dado filosófico e moral ali está quase nulo. Essa obra, por isso não foi menos útil à vulgarização da idéia, pela autoridade do nome do autor que soube lhe dar a marca de seu incontestável talento, e por sua publicação no jornal oficial. Além disto, era a primeira obra deste gênero de uma importância real, onde a idéia foi tomada a sério.

A do Sr. Sauvage está concebida sobre um outro plano; é uma pintura da vida real onde nada se afasta do possível, e do qual o Espiritismo pode tudo aceitar. É um relato simples, ingênuo, de um interesse firme, e tanto mais atraente quanto tudo ali é natural e verossímil; não se encontram situações romanescas, mas cenas enternecedoras, pensamentos elevados, caracteres marcantes segundo a natureza; vêem-se nele os sentimentos mais nobres e os mais puros lutando com o egoísmo e a baixa maldade, a fé lutando contra a incredulidade. O estilo nele é claro, conciso, sem superfluidade nem acessórios inúteis, sem ornamentos supérfluos, e sem pretensões ao efeito. O autor se propôs, antes de tudo, a fazer um livro moral, e hauriu seus elementos na filosofia espírita e suas conseqüências, bem mais do que no fato das manifestações; ele mostra a quais elevações de pensamentos conduzem essas crenças. Sobre este ponto resumimos a nossa opinião dizendo que: este livro pode ser lido com proveito pela juventude de ambos os sexos que nele encontrará belos modelos, bons exemplos, e úteis instruções, sem prejuízo do proveito e do agrado que dele se pode tirar em qualquer idade. Acrescentaremos que, por ter escrito este livro no sentido em que o fez, é preciso estar profundamente penetrado dos princípios da Doutrina.

O autor coloca sua ação em 1831; ele não pode, pois, falar *nominalmente do* Espiritismo, nem das obras Espíritas atuais; teve de fazer remontar seu ponto de partida aparente a Swedenborg; mas tudo ali está conforme os dados do Espiritismo moderno que estudou com cuidado.

Eis em duas palavras o assunto da obra.

O conde de Rouville, forçado *a* deixar subitamente a França, durante a revolução, tinha confiado, partindo para o exílio, uma soma importante e seus títulos de família a um homem sobre a lealdade do qual ele acreditava poder contar. Este homem, abusando dessa confiança, se apropriou dessa soma com a qual se enriqueceu. Quando o emigrado retornou, o depositário declarou não conhecê-lo e negou o depósito. O Sr. de Rouville, despojado de todos os recursos por essa infidelidade, morre de desespero, deixando uma filha de três anos, chamada Mirette. A criança é recolhida por um antigo servidor da família, que a educa como sua filha. Esta tinha apenas dezesseis anos quando seu pai adotivo, ele mesmo muito pobre, veio a morrer. Lucien, jovem estudante de direito, de alma grande e nobre, que tinha assistido o velho em seus últimos momentos, torna-se o protetor de Mirette, que tinha ficado sem apoio e sem asilo; fê-la admitir em casa de sua mãe, rica padeira, de coração duro e egoísta. Ora, descobre-se que Lucien é o filho de espoliador; este último, sabendo mais tarde que Mirette é a filha daquele ao qual causou a ruína e a morte, cai doente e morre atormentado de remorsos, nas convulsões de uma terrível agonia. Daí as complicações, porque os dois jovens se amam, no entanto, acabam por se casar.

Os principais personagens são: Lucien e Mirette, duas almas de elite. A mãe de Lucien, tipo perfeito do egoísmo, da cupidez, da estreiteza de idéias em luta com o amor

maternal; o pai de Lucien, personificação exata da consciência perturbada; uma carregadora de pães vilmente má e ciumenta; um velho médico, excelente homem, mas incrédulo e zombeteiro; um estudante de medicina, seu aluno, espiritualista, homem de coração, e hábil magnetizador; uma sonâmbula muito lúcida, e uma irmã de caridade de idéias grandes e elevadas, tipo modelo.

Ouvimos, sobre esta obra, ser feita a seguinte crítica:

A ação começa, sem preâmbulo, por um desses fatos de manifestações espontâneas, como se os vê freqüentemente em nossos dias, e que consistem em pancadas dadas na parede. Esses ruídos levam ao encontro dos dois principais personagens da história, Lucien e Mirette, que se desenrola em seguida. O autor deveria, diz-se, dar uma explicação do fenômeno para o uso das pessoas estranhas ao Espiritismo, e que se encontram num ponto de partida que não compreendem. Não partilhamos desta opinião, porque seria preciso dele dizer tantas cenas de visões estáticas e de sonambulismo. O autor não quis, e não podia, na oportunidade de um romance, fazer um tratado didático de Espiritismo. Todos os dias os escritores apoiam suas concepções sobre fatos científicos, históricos ou outros, que não podem menos fazer do que supor conhecidos de seus leitores, sob pena de transformar suas obras em enciclopédias; cabe àqueles que não os conhecem procurá-los, ou pedir deles a explicação. O Sr. Sauvage, colocando seu assunto em 1831, não podia desenvolver teorias que não foram conhecidas senão vinte anos mais tarde. Os Espíritos batedores, aliás, têm, em nossos dias, bastante repercussão, graças mesmo à imprensa hostil, para que poucas pessoas dele não tenham ouvido falar. Esses fatos são mais vulgares hoje do que muitos outros que se cita diariamente. O autor nos parece ter, ao contrário, realçado o Espiritismo pondo o fato como suficientemente adquirido para não ter necessidade de ser explicado.

Não partilhamos, não mais, da opinião daqueles que lhe censuram seu quadro um pouco familiar e vulgar, o pouco de complicações das forças da intriga, em uma palavra, por não ter feito uma obra literária mais magistral, assim como, certamente, teria sido capaz. Em nossa opinião, a obra é o que deveria ser para alcançar o objetivo proposto; não foi um monumento que o autor quis levantar, mas uma simples e graciosa casinhola onde o coração pode repousar.

Tal como é, se dirige a todo o mundo: grandes e pequenos, ricos e proletários, mas sobretudo a uma classe de leitores aos quais teria convencido menos se tivesse se revestido de uma forma mais acadêmica. Pensamos que a sua leitura, pode ser mais proveitosa à classe laboriosa, e a esse título gostaríamos de ver-lhe a popularidade de certos escritos cuja leitura é menos sadia.

As duas passagens seguintes podem dar uma idéia do espírito no qual está concebida a obra. A primeira é uma cena entre Lucien e Mirette, no enterro do pai adotivo desta:

"Meu pobre pai, não te verei, pois, mais! disse Mirette soluçando.

"Mirette, respondeu Lucien, com uma voz doce e séria, aqueles que crêem em Deus e na imortalidade da alma humana não devem se desolar como os infelizes que não têm a esperança. Para os verdadeiros cristãos, a morte não existe. Olhai ao vosso redor; estamos sentados no meio dos túmulos, no lugar terrível e fúnebre que a ignorância e o medo chamam o campo dos mortos. Pois bem! o sol do mês de maio nele resplandece como no seio dos mais risonhos campos. As árvores, os arbustos e as flores inundam o ar dos mais doces perfumes; desde o pássaro até o inseto imperceptível, cada ser da criação lança a sua nota nessa grande sinfonia que canta a Deus o hino sublime da vida universal. Não está aí, digo eu, um magnífico protesto contra o nada, contra a morte? A morte é uma transformação para a matéria, para os seres bons e inteligentes, é uma *transfiguração.* Vosso pai cumpriu a tarefa que Deus lhe tinha confiado: Deus chamou-o a ele; que nosso amor egoísta não inveje a palma ao mártir, a coroa ao vencedor!... Mas

não creiais que vos esqueceu. O amor é o laço misterioso que liga todos os mundos. O pai de família, forçado a cumprir uma grande viagem, não pensa em seus filhos queridos? Não vela de longe sobre sua felicidade? Sim, Mirette, que este pensamento vos console; jamais somos órfãos sobre a Terra; temos Deus primeiro que nos permitiu chamá-lo nosso pai, e depois os amigos que nos precederam na vida eterna. - Aquele que lamentais está lá, eu o vejo...ele sorri com uma ternura inefável,...ele vos fala... escutai...

"O rosto de Lucien tomou de repente uma expressão extática; seu olhar fixo, seu dedo levantado no ar, mostrava alguma coisa no espaço; seu ouvido estendido parecia ouvir palavras misteriosas.

"Filha, disse ele, como uma voz que não era mais a sua, por que fixar teu olhar velado de lágrimas sobre esse canto de terra onde se depositou meu despojo mortal? Levanta os olhos para o céu; é lá que o Espírito purificado pelo sofrimento, pelo amor e pela prece, voa para o objeto de suas sublimes aspirações! Que importa à borboleta que desdobra ao sol suas asas radiosas, que lhe importa os restos de seu envoltório grosseiro? O pó retorna ao pó, a centelha remonta ao seu divino foco. Mas o Espírito deve passar por terríveis provas antes de receber a sua coroa. A terra sobre a qual rasteja o formigueiro humano é um lugar de expiação e de preparação para a vida feliz. Grandes lutas te esperam, pobre criança, mas tem confiança: Deus e os bons Espíritos não te abandonarão. Fé, esperança, amor, que esta seja aí a tua divisa. Adeus."

A obra termina pelo relato seguinte de uma excurção *estática* dos dois jovens, então casados:

"Depois de uma viagem, da qual não puderam apreciar a duração, esses dois navegadores aéreos abordaram uma terra desconhecida e maravilhosa, onde tudo era luz, harmonia e perfumes, onde a vegetação era tão bela que diferia tanto daquela de nosso globo quanto aflora dos trópicos difere da Groenlândia e das terras austrais. Os seres que habitam esse mundo, perdido no meio dos mundos, parecem bastante com a idéia que neste mundo fazemos dos anjos. Seus corpos leves e transparentes nada têm de nosso grosseiro envoltório terrestre, seu rosto irradiando inteligência e amor. Uns repousam sob a sombra de árvores carregadas de frutos e de flores, outros passeiam como essas sombras felizes que nos mostra Virgílio em sua encantadora descrição dos Campos Elíseos. Os dois personagens, que Lucien já tinha visto várias vezes em suas visões precedentes, avançaram os braços estendidos para os dois viajantes. O sorriso com o qual os abraçaram cheio de uma alegria celeste. Aquele que tinha sido o pai adotivo de Mirette lhes disse com uma doçura inefável: "Meus caros filhos, vossas preces e vossas boas obras encontraram graça diante de Deus. Ele tocou a alma do culpado e o reenviou na vida terrestre, *para expiar suas faltas e se purificar por novas provas,* porque Deus não pune eternamente, e sua justiça é sempre temperada pela misericórdia."

Eis agora a opinião dos Espíritos sobre esta obra, dada na Sociedade de Paris, na sessão em que dela foi dado conta.

"Sociedade de Paris, 4 de janeiro de 1867. Méd. Sr. Desliens.

Cada dia a crença desliga das idéias adversas um espírito irresoluto; cada dia novos adeptos, obscuros ou ilustres, vêm se abrigar sob a sua bandeira; os fatos se multiplicam, e a multidão reflete. Depois os medrosos tomam coragem a duas mãos, e então exclamam: Para a frente! com toda a força de seus pulmões. Os homens sérios trabalham, e ciência moral ou material, romances e novelas, deixam penetrar os princípios novos nas páginas eloqüentes. Quantos Espíritas, sem o saberem, entre os espiritualistas modernos!

Quantas publicações às quais não falta senão uma palavra para serem designadas *à* atenção pública como saindo de uma fonte espírita!

O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as suas formas; mas é ainda o caule verde que encerra a espiga de trigo, e espera para mostrá-la que o calor da primavera a haja feito amadurecer e se entreabrir. 1866 preparou, 1867 amadurecerá e

realizará. O ano se abre sob os auspícios de Mirette, e ele não se escoará sem ver aparecer novas publicações do mesmo gênero, e mais sérias ainda, no sentido em que o romance se fará filosofia, e que a filosofia se fará história.

Não será mais do Espiritismo uma crença ignorada e aceita somente por alguns cérebros supostamente doentes; será uma filosofia admitida no banquete da inteligência, uma idéia nova tendo lugar ao lado das idéias progressistas que marcam a segunda metade do século dezenove. Também felicitamos vivamente aquele que soube, o primeiro, colocar de lado todo falso respeito humano, para arvorar francamente e decididamente sua crença íntima.

Doutor MORELL AVALLÉE.

ECOS POÉTICOS DE ALÉM TÚMULO

Coletânea de poesias medianímicas obtidas pelo Sr. Vavasseur; precedida de um *Estudo sobre a poesia medianímica,* pelo Sr. Allan Kardec. 1 vol. in-12, preço 1 fr. pelo correio para a França e Argélia, 1 f r. 20 c.-Paris, livraria central, 24, bulevar dos Italianos; no escritório da *Revista Espírita,* e na casa do autor, 3, rua da Mairie, em Paris-Montmartre.

Esta obra da qual falamos em nosso último número, e cuja impressão foi retardada, está à venda.

NOVA TEORIA MÉDICO-ESPÍRITA pelo doutor BRIZIO, de Turim.

Não conhecemos esta obra senão pelos prospectos em língua italiana que nos foram endereçados, mas não podemos senão nos alegrar em ver a solicitude das nações estrangeiras em seguir o movimento espírita, e felicitar os homens de talento que entram no caminho das aplicações do Espiritismo à ciência. A obra do doutor Brizio será publicada em 20 ou 30 entregas a 20 c. cada uma, e sua impressão será começada desde que tiver 300 subscritores. Subscreve-se em Turim, na livraria Degiorges, via Nuova.

O Livro dos Médiuns, tradução em espanhol sobre a *9*[1] edição francesa: Madrid, - Barcelona, - Marselha, - Paris, no escritório da *Revista Espírita.*

ALLANKARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO — **NO. 3** — **MARÇO 1867**

DA HOMEOPATIA NAS DOENÇAS MORAIS.

Pode a homeopatia modificar as disposições morais? Tal é a questão que se colocam certos médicos homeopatas, e à qual eles não hesitam em responder afirmativamente, apoiando-se sobre os fatos. Tendo em vista a sua extrema gravidade, vamos examiná-la com cuidado de um ponto de vista a que nos parece ter sido negligenciado por esses senhores, todos Espiritualistas e mesmo Espíritas que são, sem dúvida, porque há bem poucos médicos homeopatas que não sejam um ou o outro. Mas, para a inteligência de nossas conclusões, algumas explicações preliminares, sobre as modificações dos órgãos cerebrais, são necessárias, sobretudo para as pessoas estranhas à fisiologia.

Um princípio que a simples razão faz admitir, que a ciência constata cada dia, é que não há nada de inútil na Natureza, que, até nos mais imperceptíveis detalhes, tudo tem um objetivo, uma razão de ser, uma destinação. Este princípio é particularmente evidente pelo que se prende ao organismo dos seres vivos.

De todos os tempos, o cérebro foi considerado como o órgão da transmissão do pensamento, e a sede das faculdades intelectuais e morais. É hoje reconhecido que certas partes do cérebro têm funções especiais, e são afetadas a uma ordem particular de pensamentos e sentimentos, ao menos no que concerne à generalidade; é assim que, instintivamente, coloca-se, na parte anterior, as faculdades que são do domínio da inteligência, e que uma fronte fortemente deprimida e estreita tem para todo o mundo um sinal de inferioridade intelectual. As faculdades afetivas, os sentimentos e as paixões, por isto mesmo, têm sua sede nas outras partes do cérebro.

Ora, considerando-se que os pensamentos e os sentimentos são excessivamente múltiplos, e falando deste princípio de que tudo tem sua destinação e sua utilidade, é permitido concluir que, não só cada feixe fibroso do cérebro corresponde a uma faculdade geral distinta, mas que cada fibra corresponde à manifestação de uma das nuanças desta faculdade, como cada corda de um instrumento corresponde a um som particular. É uma hipótese, sem dúvida, mas que tem todos os caracteres da probabilidade, e cuja negação não infirmaria as conseqüências que deduziremos do princípio geral; ela nos ajudará em nossa explicação.

O pensamento é independente do organismo? Não vamos discutir aqui esta questão, nem refutar a opinião materialista segundo a qual o pensamento é secreta do pelo cérebro, como a bile o é pelo fígado, nasce e morre com esse órgão; além de suas funestas conseqüências morais, esta doutrina tem contra si de nada explicar.

Segundo as doutrinas espiritualistas, que são as da imensa maioria dos homens, a matéria, não podendo produzir o pensamento, este é um atributo do Espírito, do ser inteligente, que, quando está unido ao corpo, se serve dos órgãos especialmente destinados à sua transmissão, como se serve dos olhos para ver, dos pés para caminhar. O Espírito, sobrevivendo ao corpo, o pensamento também o segue.

Segundo a Doutrina Espírita, não só o Espírito sobrevive, mas *preexiste ao* corpo; não é um ser novo; quando nasce, traz as idéias, as qualidades e as imperfeições que possuía; assim se explicam as idéias, as aptidões e as tendências inatas. O pensamento é, pois, *preexistente e sobrevivente ao* organismo. Este ponto é capital, e é por falta de tê-lo reconhecido, que tantas questões permaneceram insolúveis.

Todas as faculdades e todas as aptidões estando na natureza, o cérebro contém os órgãos, ou pelo menos o germe dos órgãos necessários à manifestação de todos os pensamentos. A atividade do pensamento do Espírito sobre um ponto determinado leva ao desenvolvimento da fibra, ou, querendo-se, do órgão correspondente; se uma faculdade não existe no Espírito, ou se, existindo, ela deve permanecer no estado latente, o órgão correspondente, estando inativo, não se desenvolve ou se atrofia. Se o órgão está atrofiado congenitamente, a faculdade não podendo se manifestar, o Espírito parece dela estar privado, se bem que a possua, em realidade, uma vez que lhe é inerente. Enfim, se o órgão primitivamente em seu estado normal, se deteriora no curso da vida, a faculdade, de brilhante que era, se ofusca, depois se apaga, mas não se destrói; não é senão um véu que a obscurece.

Segundo os indivíduos, há faculdades, aptidões, tendências que se manifestam desde o próprio início da vida, outras se revelam em épocas mais tardias, e produzem as mudanças de caráter e de disposições que se notam em certas pessoas. Neste último caso, geralmente, não são disposições novas, mas aptidões preexistentes que dormitam até que uma circunstância venha estimular e despertar. Pode-se estar certo de que as disposições viciosas que se manifestam às vezes subitamente e tardiamente, tinham seu germe preexistente nas imperfeições do Espírito, porque este, caminhando sempre para o progresso, se for essencialmente bom, não pode se tornar mau, ao passo que, se for mau pode se tornar bom.

O desenvolvimento ou a depressão dos órgãos cerebrais segue o movimento que se opera no Espírito. Essas modificações são favorecidas em toda idade, mas sobretudo na juventude, pelo trabalho íntimo de renovação que se opera incessantemente no organismo da maneira seguinte:

Os principais elementos do organismo são, como se sabe, o oxigênio, hidrogênio, o azoto e o carbono que, pelas suas múltiplas combinações, formam o sangue, os nervos, os músculos, os humores, e *as* diferentes variedades de substâncias. Pela atividade das funções vitais, as moléculas orgânicas são incessantemente expulsas do corpo pela transpiração, pela exalação e todas as secreções, de sorte que se elas não forem substituídas. O corpo se enfraquece, acaba por perecer. A nutrição e a aspiração trazem, sem cessar, novas moléculas destinadas a substituir aquelas que dele se vão; de onde se segue que, num tempo dado, todas as moléculas orgânicas são inteiramente renovadas, e que numa certa idade, delas não existe mais uma única daquelas que formaram o corpo em sua origem. É o caso de uma casa da qual se arrancassem as pedras uma a uma, substituindo-as na medida por uma nova pedra da mesma forma e do mesmo tamanho, e assim por diante até a última. Ter-se-ia sempre a mesma casa, mas formada de pedras diferentes.

Assim ocorre com o corpo, cujos elementos constitutivos são, dizem os fisiologistas, totalmente renovados a cada sete anos. As diversas partes do organismo subsistem sempre, mas os materiais são mudados. Destas mudanças, gerais ou parciais, nascem as modificações que sobrevêm, com a idade, no estado sanitário de certos órgãos, as variações que sofrem os temperamentos, os gostos, os desejos que influem sobre o caráter.

As aquisições e as perdas não estão sempre em perfeito equilíbrio. Se as aquisições se sobrepõem às perdas, o corpo cresce ou engrossa; se o contrário ocorre, o corpo diminui. Assim se explicam o crescimento, a obesidade, o emagrecimento, a decrepitude.

A mesma causa produz a expansão ou aparada do desenvolvimento dos órgãos cerebrais, segundo as modificações que se operam nas preocupações habituais, das idéias e do caráter. Se as circunstâncias e as causas que agem diretamente sobre o Espírito, provocando o exercício de uma aptidão ou de uma paixão, permanecida até então no estado de inércia, a atividade que se produz no órgão correspondente, a ele faz afluir o sangue e com ele as moléculas constitutivas do órgão que cresce e toma da força em proporção dessa atividade. Pela mesma razão, a inatividade da faculdade produz o enfraquecimento do órgão; como também uma atividade muito grande e muito persistente pode conduzi-lo à desorganização ou ao enfraquecimento, por uma espécie de desgaste, assim como ocorre a uma corda muito esticada.

As aptidões do Espírito são, pois, sempre *uma causa,* e o estado dos órgãos *um efeito.* Pode ocorrer, no entanto, que o estado dos órgãos seja modificado por uma causa estranha ao Espírito, tal como doença, acidente, influência atmosférica ou climática; então são os órgãos que reagem sobre o Espírito, *não em alterando suas faculdades,* mas em perturbando-lhe a *manifestação.*

Um efeito semelhante pode resultar das substâncias ingeridas no estômago como alimentos ou medicamentos. Estas substâncias ali se decompõem, e os princípios essenciais que elas contêm, misturados ao sangue, são levados, pela corrente da circulação em todas as partes do corpo. Está reconhecido, pela experiência, que os princípios ativos de certas substâncias se dirigem mais particularmente sobre tal ou tal víscera: o coração, o fígado, os pulmões, etc., e ali produzem efeitos reparadores ou deletérios segundo sua natureza e suas propriedades especiais. Alguns, agindo desta maneira sobre o cérebro, podem exercer sobre o conjunto ou sobre partes determinadas, uma ação estimulante ou estupefaciente, segundo a dose e o temperamento, como por exemplo, as bebidas alcoólicas, o ópio e outros.

Nós nos estendemos um pouco sobre os detalhes que precedem, a fim de fazer compreender o princípio sobre o qual se apoia, com uma aparência de lógica, a teoria das modificações do estado moral por meios terapêuticos. Este princípio é o da ação direta de uma substância sobre uma parte do organismo cerebral tendo por função especial servir à manifestação de uma faculdade, de um sentimento ou de uma paixão, porque não pode vir ao pensamento de ninguém que essa substância possa agir sobre o Espírito.

Estando, pois, admitido que o princípio das faculdades está no Espírito, e não na matéria, suponhamos que se lhe reconhecesse, a uma substância, a propriedade de modificaras disposições morais, de neutralizar um mau pendor, isto não poderia ser senão pela sua ação sobre o órgão correspondente a esse pendor, a ação que teria por efeito deter o desenvolvimento desse, de atrofiá-lo ou de paralisá-lo se está desenvolvido; torna-se evidente que, neste caso, não se suprime o pendor, mas a sua manifestação, absolutamente como se se tirasse a um músico o seu instrumento.

Provavelmente, foram os efeitos dessa natureza que certos homeopatas observaram, e lhes fizeram acreditar na possibilidade de corrigir, com a ajuda de medicamentos apropriados, os vícios tais como o ciúme, o ódio, o orgulho a cólera, etc. Uma tal doutrina, se fosse verdadeira, seria a negação de toda responsabilidade moral, a sanção do materialismo, porque então a causa de nossas imperfeições estaria só na matéria; a educação moral se reduziria a um tratamento médico; o homem mais mau poderia tornar-se bom sem grandes esforços, e a Humanidade poderia ser regenerada com a ajuda de algumas pílulas. Se, ao contrário, como isto não parece duvidoso, as imperfeições são inerentes à própria inferioridade do Espírito, não se o melhoraria mais modificando seu envoltório carnal, do que não endireitando um corcunda, dissimulando sua disformidade sob o talhe de sua roupa.

Não duvidamos, no entanto, que tais resultados tenham sido obtidos em alguns casos particulares, porque, para firmar um fato tão sério, é preciso ter observado; mas estamos convencidos de que se desprezou sobre a causa e sobre o efeito. Os

medicamentos homeopáticos, por sua natureza etérea, têm uma ação de alguma sorte molecular; sem contradita, eles podem, mais do que outros, agir sobre as partes elementares e fluídicas dos órgãos, e modificar-lhes a constituição íntima. Se, pois, é racional admiti-lo, todos os sentimentos da alma têm sua fibra cerebral correspondente para a sua manifestação, um medicamento que agisse sobre esta fibra, seja para a paralisá-la, seja para exaltar-lhe a sensibilidade, paralisaria ou exaltaria por isto mesmo a *expressão* do sentimento, do qual seria o instrumento, mas o sentimento com isto não subsistiria menos. O indivíduo estaria na posição de um assassino ao qual se tirasse a possibilidade de cometer os crimes cortando-lhe os braços, mas que nisto não conservaria menos o desejo de matar. Seria, pois, um paliativo, mas não um remédio curativo. Não se pode agir sobre o ser espiritual senão pelos meios espirituais; a utilidade dos meios materiais, se o efeito acima fosse constatado, seria talvez de dominar mais facilmente o Espírito, de torná-lo mais flexível, mais dócil e mais acessível às influências morais; mas se embalaria de ilusões esperando-se de um medicamento qualquer um resultado definitivo e durável.

Isto seria de outro modo tratando-se de ajudar à manifestação de uma faculdade existente. Suponhamos um Espírito inteligente encarnado, não tendo ao seu serviço senão um cérebro atrofiado, e não podendo, consequentemente, manifestar as suas idéias, seria para nós um idiota. Em admitindo, o que cremos possível à homeopatia mais do que a todo outro gênero de medicação, que se possa dar mais flexibilidade e sensibilidade às fibras cerebrais, o Espírito manifestaria seu pensamento, como um mudo ao qual teria se desamarrado a l íngua. Mas se o Espírito sendo idiota por si mesmo, tivesse *a* seu serviço o cérebro do maior gênio, com isto não seria menos idiota. Um medicamento qualquer não podendo agir sobre o Espírito, não poderia dar-lhe o que ele não tem, nem tirar-lhe o que ele tem; mas agindo sobre o órgão de transmissão do pensamento, pode facilitar esta transmissão sem que, por isto, nada seja mudado ao estado do Espírito. O que é difícil, o mais freqüentemente mesmo impossível no idiota de nascença, porque ele tem a parada completa e quase sempre geral do desenvolvimento nos órgãos, torna-se possível quando a alteração é acidental e parcial. Neste caso, não é o Espírito que se aperfeiçoa, são seus meios de comunicação.

EXPLORAÇÃO DAS IDÉIAS ESPÍRITAS.

A PROPÓSITO DOS RELATÓRIOS DE MIRETTE.

Vários jornais deram conta, com elogio, do romance de *Mirette,* do qual falamos n Revista de fevereiro de 1867. Não podemos senão felicitar os escritores que não detiveram as idéias contidas nesta obra, embora contrárias às sua convicções. É um progresso, porque houve um tempo em que somente a cor espírita teria sido um motivo de reprovação. Viu-se com que parcimônia e com que extensão embaraçada os próprios amigos de Théophile Gautier falaram de seu romance, de *Spirite.* É verdade que, fora o que toca ao mundo espiritual, o caráter essencialmente moral de *Mirette,* pouco flanco presta à zombaria. Por cético que se seja, não se ri do que tem por conseqüência o bem.

A crítica tem se dirigido principalmente sobre este ponto: Por que misturar o sobrenatural a um simples relato? Era útil à ação se apoiar sobre fatos de visões e de aparições? Que necessidade tinha o autor de transportar seus heróis no *mundo imaginário da* vida espiritual para chegarão cumprimento da reparação decretada pela Providência? Não temos milhares de histórias muito edificantes sem o emprego de semelhantes recursos?

Seguramente, isso não era necessário; mas diremos a esses senhores: se o Sr. Sauvage tivesse feito um romance católico, lhe faríeis, céticos como sois, uma censura

por empregar como recurso de ação o inferno, o paraíso, os anjos, os demônios, e todos os símbolos da fé? Perfazer intervir os deuses, as deusas, o Olimpo e o Tártaro num romance pagão? Por que, pois, achar mau que um escritor, que seja Espírita ou não, utilize os elementos que lhe oferece o Espiritismo, que é uma crença como uma outra, tendo seu lugar ao sol, se esta crença se presta ao seu assunto? Com menos forte razão pode-se censurá-lo se, em sua convicção, ali vê os meios providenciais para chegarão castigo dos culpados e à recompensa dos bons.

Se, pois, no pensamento do escritor essas crenças são verdadeiras, porque não as exporia num romance tão bem quanto numa obra filosófica? Mas há mais: é que, como dissemos muitas vezes, essas mesmas crenças abrem à literatura e às artes um campo vasto e novo de exploração, de onde tirarão a mancheias quadros impressionantes e as situações mais atraentes. Vede o partido que tirou dele Barbara, todo incrédulo que era, em seu romance do *Assassinat du Pont-Rouge. (Revista* de janeiro de 1867, página 14). Somente como o foi com a arte cristã, aqueles que tiver uma fé, as aproveitarão melhor; nele encontrarão motivos de inspiração que jamais terão aqueles que não fazem senão obras de fantasia.

As idéias espíritas estão no ar; elas são abundantes, como se sabe, na literatura atual; os escritores mais céticos nelas têm recursos sem disto desconfiar, levados, pela própria força do raciocínio, a empregá-los como explicações ou meios de ação. Foi assim que, muito recentemente, o Sr. Ponson du Terrail, que mais de uma vez alegrou-se às expensas do Espiritismo e de seus adeptos, num romance folhetim, intitulado Mon *Village,* publicado *no Moniteur,* da noite (7 de janeiro de 1867), assim se exprimiu:

"Estas duas crianças já se amavam, e talvez não ousaram jamais dize-lo entre si.

"O amor, às vezes, é instantâneo, e creriam de boa vontade na transmissão das almas e na *pluralidade das existências.* Quem sabe? Essas duas almas que tremem ao primeiro contato, e que, recentemente, se acreditavam desconhecidas uma da outra, *não foram elas irmãs outrora?*

"E, como chegaram na Grand'Rue de Saint-Florentin, cruzaram com um homem que caminhava muito rapidamente e que, à sua visão, sentiu uma espécie de comoção elétrica. Este homem era o Mulot, que saía do café do Univers. Mas o Sr. Anatole e Mignonne não o viram. Recolhidos e silenciosos, viviam por assim dizer neles mesmos, *suas almas estavam longe, sem dúvida, desta Terra que eles pisavam."*

O autor viu, pois, no mundo, situações semelhantes àquelas que ele quer pintar, e que são um problema para o moralista; ali não encontra solução lógica se não em admitindo que essas duas almas encarnadas, solicitadas uma para outra por uma irresistível atração, puderam ser irmãs numa outra existência. Onde hauriu ele este pensamento? sem dúvida, isto não foi nas obras espíritas que provavelmente não leu, assim como o provam os erros de fato que ele comete cada vez que fala da Doutrina. Ele o tirou nessa corrente de idéias que atravessa o mundo, às quais os próprios incrédulos não podem escapar, e que crêem de boa fé tirar de seu próprio fundo. Tudo em combatendo o Espiritismo, trabalham, sem o querer, para lhe acreditar os princípios. Pouco importa a via pela qual esses princípios se infiltram; mais tarde se reconhecerá que não lhe falta senão o nome.

Sob o título de *Conto de Natal, o Avenir National de* 25 de dezembro de 1866, publicou um artigo do Sr. Taxile Delort, escritor muito pouco espírita, como se sabe, no qual o autor supõe um jornalista sentado, na véspera de natal, perto do fogo, perguntando a si mesmo em que tinha se tornado a boa nova que os anjos, em semelhante dia, tinham vindo, há dois mil anos, anunciar ao mundo. Como ele se entregava às suas reflexões, o jornalista ouviu uma voz firme e doce que lhe dizia:

"Eu sou o Espírito; o da Revolução; que fortalece os indivíduos e os povos; trabalhadores, de pé! o passado conserva ainda um sopro de vida, desafia o futuro. O progresso, mentira ou utopia, se vos exclama; não escuteis essa vozes enganosas; para tomar forcas e caminhar avante, olhai um momento atrás de vós.

"O progresso é invencível; ele se serve mesmo daqueles que lhe resistem para avançar."

Não seguiremos o jornalista e o Espírito no diálogo que se estabeleceu entre eles, e no qual este último desenrolou o futuro, porque eles caminham num terreno que nos está interditado; somente faremos notar que meio empregou o autor para chegar aos seus fins. Este meio, aos seus olhos, é de pura fantasia, mas não ficaríamos surpresos que um verdadeiro Espírito haja soprado a frase acima, que sublinhamos.

Desempenha-se neste momento, no teatro do Ambigu, um drama dos mais emocionantes, intitulado Maxwel, pelo Sr. Jules Barbier, e eis aqui em duas palavras o nó da intriga.

Um pobre tecelão, de nome Butler, é acusado do assassínio de um gentil homem, e todas as aparências são de tal modo contra ele que é condenado pelo juiz Maxwel a serem forcado. Só um homem poderia justificá-lo, mas não se sabe o que lhe aconteceu. No entanto, a mulher do tecelão, num acesso de sono sonambúlico, viu esse homem e o descreveu; poder-se-ia, pois, reencontrá-lo. Um bom e sábio doutor que crê no sonambulismo, amigo do juiz Maxwel, veio informá-lo desse incidente, a fim de obter um adiamento da execução; mas Maxwel, cético com relação às faculdades que considera sobrenaturais, mantém a sua sentença, e a execução tem lugar. Há algumas semanas daí, esse homem reaparece e conta o que se passou. A inocência do condenado é demonstrada, e a visão da sonâmbula justificada.

No entanto, o verdadeiro assassino permaneceu desconhecido. Quinze anos se passam, durante os quais se verifica uma multidão de incidentes. O juiz, acabrunhado de remorso, devota sua vida à procura do culpado. A viúva de Butler, que é expatriada levando sua filha, morre na miséria. Mais tarde essa filha se torna cortesã na moda, sob um outro nome. Uma circunstância fortuita coloca-lhe nas mãos a faca que tinha servido ao assassino; como sua mãe, ela entra em sonambulismo, e este objeto, como um fio condutor, retornando-a ao passado, ela conta todas as peripécias do crime e revela o verdadeiro culpado que não é outro senão o próprio irmão do juiz Maxwel.

Não é a primeira vez que o sonambulismo *é* posto em cena; mas o que distingue o drama novo *é* que ali *é* representado sob uma luz eminentemente séria e prática, sem nenhuma mistura de maravilhoso, e em suas conseqüências mais graves, uma vez que ele serve de meio de protesto contra a pena de morte. Em provando que o que os homens não podem ver pelos olhos do corpo, não está escondido aos da alma, é demonstrar a existência da alma, e a sua ação independente da matéria. Do sonambulismo ao Espiritismo a distância não é grande, uma vez que se explicam um pelo outro; tudo o que tende a propagar um, tende igualmente a propagar o outro. Os Espíritos não se enganaram quando anunciaram que a idéia espírita brilharia por todas as espécies de caminhos. A dupla vista e a pluralidade das existências, confirmadas pelos fatos, e acreditadas por uma multidão de publicações, entram cada dia mais diante das crenças, e não se admira mais; são duas portas completamente abertas ao Espiritismo.

ROBINSON CRUSOE ESPÍRITA.

Quem teria desconfiado de que o inocente livro de Robinson estivesse maculado dos princípios do Espiritismo, e que a juventude na mão da qual o colocaram sem desconfiança, pudesse nele haurir a doutrina malsã dos Espíritos? Nós mesmos o ignoraríamos se um dos nossos assinantes não tivesse assinalado as passagens seguintes, que se acham nas edições completas, mas não nas edições resumidas.

Esta obra, na qual se viu principalmente as aventuras curiosas próprias para divertir as crianças, está cheia de uma alta filosofia moral e de um profundo sentimento religioso.

Lê-se, à página 164 (edição ilustrada por Granville): "Estes pensamentos me inspiraram uma tristeza que durou muito tempo; mas, enfim, eles tomaram uma outra direção; senti o que devia de reconhecimento ao céu, que tinha me impedido de me entregar a um perigo cuja existência eu ignorava. Este assunto fez renascer em mim uma reflexão que já me tinha vindo mais de uma vez, depois que tinha reconhecido o quanto, em todos os perigos da vida, a Providência mostrou a sua bondade por disposições cujo fim não compreendemos. Freqüentemente, com efeito, saímos dos maiores perigos por vias maravilhosas; com freqüência, *um impulso secreto* nos decide de repente, num momento de grande incerteza, a tomar tal caminho antes que tal outro, que nos teria conduzido à nossa perda.

"Eu me fiz, pois, uma lei de jamais resistir a essas *vozes misteriosas* que nos convidam a tomar tal partido, a fazer ou não fazer tal coisa, se bem que nenhuma razão apoie esse impulso secreto. Eu poderia citar mais de um exemplo onde o respeito a semelhantes advertências tiveram um pleno sucesso, sobretudo na última parte de minha permanência nessa ilha infeliz, sem contar muitas outras ocasiões que deveram me escapar e às quais *eu teria dado atenção, se meus olhos estivessem abertos desde então sobre este ponto.* Mas nunca é muito tarde para ser sábio, e eu aconselho *a* todos os homens que refletem, cuja existência estaria sujeita, como a minha, a acidentes extraordinários, mesmo às vicissitudes mais comuns, de nunca negligenciar *esses avisos íntimos da Providência, qualquer que seja a inteligência invisível que no-los transmita.*

Página 284:

"Freqüentemente, tinha ouvido pessoas muito sensatas dizerem que tudo o que se nos contam os sonhos e as aparições, se explicam pela força da imaginação; que jamais um Espírito apareceu a alguém; mas, que sonhando assiduamente com aqueles que perdemos, eles se tornam de tal modo presentes no pensamento, que, em certas circunstâncias, se crê vê-los, falar-lhes, ouvir suas respostas, e que tudo isto não é senão uma ilusão, uma sombra, uma lembrança.

"Por mim, não posso dizer se existem, no tempo presente, as *aparições verdadeiras,* os *espectros, pessoas mortas que retomam a errar pelo mundo,* ou se as histórias que fazem sobre estas espécies de fatos são fundadas unicamente sobre as visões de cérebros enfermos, de imaginações exaltadas e desordenadas; mas sei que a minha chega a um tal ponto de exitação, me lança em tais excessos de vapores fantásticos, onde não importa que nome sequer dar-lhe, que creio às vezes estar em minha ilha, em meu velho castelo atrás da floresta; vejo meu Espanhol, o pai de Sexta-feira, e os marinheiros condenados que eu tinha deixado nessas margens; creio mesmo conversar com eles; *e* embora estivesse bem desperto, eu os olhava firmemente, como se tivessem estado diante de mim. Isto ocorre muito freqüentemente para me assustar. Uma vez, em meu sono, o primeiro Espanhol e o velho selvagem me contaram, em termos tão naturais e tão enérgicos, as maldades de três marinheiros piratas, que é com efeito surpreendente. Disseram-me como esses homens perversos tinham tentado assassinar os Espanhóis, depois de terem queimado todas suas provisões, no desejo de fazê-los morrer de fome; e este fato. que eu *não podia saber então e que se acha verdadeiro,* me foi mostrado tão claramente por minha imaginação, que fiquei convencido de sua realidade. Do mesmo modo acreditei nas conseqüências deste sonho. Eu escutava os lamentos do Espanhol com uma profunda emoção; fiz vir os três culpados diante de mim, e os condenei a serem enforcados. Ver-se-á, em seu lugar, o que havia de exato neste sonho. Mas como estes fatos me foram assim revelados? Por qual secreta *comunicação dos Espíritos invisíveis,* me eram trazidos? É o que não pude explicar. O todo não era literalmente verdadeiro; mas os pontos principais estavam confundidos com a realidade, e a conduta infame destes três celerados endurecidos tinha sido muito além do que se poderia supor. Meu

sonho, a esse respeito, não tinha senão muita semelhança com os fatos; além disto, eu quis, quando me encontrava na ilha, puni-los muito severamente, e, se os tivesse feito enforcar, teria sido justificado pelas leis divinas e humanas."

Página 289:

"Nada me demonstra mais claramente a realidade de uma vida futura e *de um mundo invisível do* que o concurso das causas secundadas com certas idéias que nos formamos interiormente, sem ter recebido nem dado, a seu respeito, nenhuma comunicação humana."

TOLERÂNCIA E CARIDADE.

CARTA DO NOVO ARCEBISPO DE ALGER.

O *Véritéde* Lyon, de 17 de fevereiro, publicou a carta seguinte, que o Mons. Lavigerie, bispo de Nancy, nomeado o arcebispo de Alger, escreveu ao Sr. prefeito de Alger, em data de 15 de janeiro último:

"Senhor Prefeito,

"Venho de saber, pelo *Moniteur, a* novidade oficial de minha promoção a arcebispo de Alger, e embora não possa exercer nenhum ato de meu ministério na diocese, sem ter recebido primeiro a missão e a instituição da Santa Sé, no entanto não posso permanecer insensível aos assentos dolorosos que ressoam em toda a França e que nos chegam ao pé do Atlas. A administração municipal de Alger tomou a generosa iniciativa de uma subscrição pública para as vítimas do último tremor de terra. Permiti-me enviar meu óbolo por vosso intermédio. Encontrareis sob esta dobra uma soma de mil francos: é tudo o que a minha pobreza me permite fazer, mas este pouco, pelo menos o faço de grande coração.

"Desejo que esta soma seja distribuída igualmente, e sem distinção de raças nem de cultos, entre todos aqueles que foram atingidos pelo flagelo. Se todos não devem, mais tarde, reconhecer-me por seu pai, eu, eu reclamo o privilégio de amá-los igualmente como meus filhos. Tomei por divisa de minhas armas episcopais uma única palavra: caridade! e a caridade não conhece nem Gregos, nem bárbaros, nem infiéis, nem israelitas; assim como fala o apóstolo São Paulo, ela não deve ver, em todos os homens, senão a imagem viva de Deus! Que eu possa, se ele me chama logo ao vosso meio, dar a todos, por meus atos e por minhas palavras, o exemplo e o amor desta virtude que prepara todas as outras.

"Aceitai, Senhor Prefeito, a expressão dos sentimentos de respeitoso devotamento com os quais tenho a honra de ser vosso humilde e obediente servidor.

"CHARLES,

"Bispo de Nancy, nomeado arcebispo de Alger."

O novo arcebispo de Alger se anuncia por um ato de beneficência que é uma digna introdução; mas o que vale ainda mais, e que será sobretudo apreciado, são os princípios de tolerância pelos quais ele inaugura sua administração. Em lugar do anátema, é a caridade que confunde todos os homens num mesmo sentimento de amor, sem distinção de crença, porque todos são a viva imagem de Deus. Aí estão as verdadeiras palavras evangélicas. Ele não fala dos Espíritas, contra os quais seu predecessor tinha lançado todos os raios da maldição. (Ver a *Revista* de novembro de 1863, página 336.) Mas é provável que se a sua tolerância se estende aos judeus e aos infiéis, ela não pode fazer

exceção para aqueles que, em conformidade com as palavras do Cristo, inscrevem em sua bandeira: Fora da caridade não há salvação.

LINCOLN E SEU ASSASSINO.

Extraído do Banner of Light de Boston.

Análise de uma comunicação de Abrahan Lincoln, obtida por um médium de Ravenswood.

"Quando Lincoln saiu de seu atordoamento, e despertou no mundo dos Espíritos, ele ficou surpreso e perturbado, porque não tinha a menor idéia de que fora morto. O tiro que o atingiu tinha suspendido instantaneamente toda sensação, e ele não compreendeu o que lhe havia ocorrido. Ele era bastante espiritualizado para compreender o que é a morte, e não ficou, como muitos outros, admirado da nova existência na qual se achava transportado. Ele se viu rodeado por muitas pessoas que sabia mortas há muito tempo, e entendeu logo a causa de sua morte. Foi recebido cordialmente por muitas pessoas para as quais tivera simpatia. Compreendeu a sua afeição por ele, e de um golpe de vista, pôde abarcar o mundo feliz no qual tinha entrado.

"No mesmo instante experimentou um sentimento de angústia pela dor que deveria sentir sua família, e uma grande ansiedade a respeito das conseqüências poderiam ter para seu país. Esses pensamentos o conduziram violentamente sobre a Terra.

"Tendo sabido que o William Booth estava mortalmente ferido, veio para ele e se inclinou sobre o seu leito de morte. Neste momento, Lincoln tinha recobrado a perfeita consciência e a tranqüilidade de seu Espírito, e esperou com calma o despertar de Booth na vida espiritual.

"Booth, em despertando, não ficou admirado porque esperava a sua morte. O primeiro Espírito que ele reencontrou foi Lincoln; ele o olhou com uma grande audácia, e como se se glorificasse do ato que havia cometido. O sentimento de Lincoln, a seu respeito, no entanto, não respirava nenhuma idéia de vingança, muito ao contrário; ele se mostrava doce e bom, e sem a menor animosidade a seu respeito. Booth não pôde suportar este estado de coisas, e o deixou cheio de emoção.

"O ato que cometeu teve vários motivos; primeiro, sua falta de julgamento que o fazia considerar como meritório, e em seguida seu amor desregrado aos louvores que o tinha persuadido que seria cumulado de elogios e olhado como um mártir.

"Depois de ter vagueado, se achou de novo atraído para Lincoln. Algumas vezes está cheio de arrependimento, de outras vezes seu orgulho o impede de se emendar. Todavia, ele compreende o quanto seu orgulho é vão, sabendo sobretudo que não pode esconder, como quando vivo, nenhum dos sentimentos que o agitam, e que seus pensamentos de orgulho, de vergonha ou de remorsos são conhecidos daqueles que o cercam. Sempre em presença de sua vítima, e dele não recebendo senão marcas de bondade, eis seu estado atual e sua punição. Quanto a Lincoln, sua bondade ultrapassou o que se havia podido esperar."

Nota. A situação desses dois Espíritos está em todos os pontos conforme aquela da qual vemos diariamente os exemplos nos relatos de além-túmulo. Ela é perfeitamente racional, e em relação com o caráter dos dois indivíduos.

POESIAS ESPÍRITAS.

A BERNARD PALISSY.

Quando sobre nosso futuro, incerto e flutuante,
Eu duvidava, apesar de mim, da imortalidade,
Tu vens ao meu chamado, e tua mão benfazeja
Rasgou a venda da incredulidade;
Dize-me, pois: De onde vinha a doce simpatia
Que te fazia deixar uma celeste morada?
Era uma lembrança de uma anterior vida
Que deixava em teu coração um fraternal amor?
Talvez, caro Espírito, numa outra existência
Foste meu protetor, meu guia, meu apoio.
Mas eu interrogo em vão: Deus, em sua previdência,
Pôs sobre meus olhos o véu do esquecimento
Esperando o tempo em que veria tua esfera,
Onde meu Espírito poderá se elevar até ti!
Se devo retornar sobre esta triste Terra,
Meu bem amado Bernard, pense sempre em mim.

Srta. L. O. Lieutaud, de Rouen.

A LIGA DO ENSINO.

Vários de nossos correspondentes estão admirados por não termos ainda falado da associação designada sob o título de *Liga do ensino.* Por seu caráter progressivo, esse projeto lhes parece merecer as simpatias do Espiritismo; no entanto, antes de nisto tomar parte, desejariam ter nossa opinião. Em lhes agradecendo por esse novo testemunho de confiança, lhes repetiremos o que dissemos muitas vezes, a saber: Jamais tivemos a pretensão de coordenar a liberdade de ninguém, nem de impor nossas idéias a quem quer que seja, não as considerando como devendo fazer lei. Guardando o silêncio, quisemos não pre julgar a questão e deixar mais inteira a liberdade de cada um. Quanto ao motivo de nossa abstenção pessoal, não temos nenhuma razão de calá-la, e uma vez que se deseja conhecê-la, a di-la-emos francamente.

Nossa simpatia, como a de todos os Espíritas, consente todas as idéias progressivas, e todas as instituições que tendem a propagá-las; mas ainda é preciso que esta simpatia tenha um objeto determinado. Ora, até o presente, a liga do ensino não nos oferece senão um *título,* sedutor é verdade, mas nenhum programa definido, nenhum plano traçado, nem objetivo preciso. Este título tem mesmo o inconveniente de sertão elástico, que poderia se prestara combinações *muito divergentes* em suas tendências e em seus resultados. Cada um pode entendê-lo à sua maneira, e, sem dúvida, se faz por antecipação um plano conforme sua maneira de ver; poder-se-ia, pois, dar-se que quando ele estiver em execução, a coisa não responda à idéia que certas pessoas dela tinham feito; daí as defecções inevitáveis.

Mas, diz-se, não se arrisca nada, uma vez que são os próprios subscritores que regularão o emprego dos fundos. - Razão a mais para que não se entenda, e, nesse conflito de opiniões e de objetivos diversos, forçosamente, haverá decepções.

Com um objetivo bem definido, ao contrário, um plano claramente traçado, sabe-se a que empenha, ou pelo menos sabe-se se da sua adesão a uma coisa praticável ou a uma utopia; pode-se apreciar a sinceridade da intenção, o valor da idéia, a combinação mais ou menos feliz dos órgãos, as garantias de estabilidade, e calcular as chances de sucesso ou de insucesso. Ora, na espécie, esta apreciação não é possível, uma vez que a idéia fundamental está cercada de mistério, e que é preciso aceitar sua palavra como boa. Queremos crê-la perfeita, o desejamos sinceramente, e quando o bem que deve dela

sair nos for demonstrado, e que nele veremos sobretudo o lado *prático,* nós a aplaudiremos de todo o coração; mas, antes de dar nossa adesão ao que quer que seja, queremos poder fazê-lo com conhecimento de causa; temos a ver muito claro em tudo o que fazemos, e saber onde colocamos o pé. No estado das coisas, não tendo os elementos necessários para louvar ou censurar, reservamos o nosso julgamento.

Essa maneira de ver que é toda pessoal, não saberia obrigar aqueles que se crêem suficientemente esclarecidos.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

COMUNICAÇÃO COLETIVA.
(Sociedade de Paris, 1º de novembro de 1866. Médium M. Bertrand.)

Em 1º de novembro último, estando a Sociedade reunida, como de hábito, para a comemoração dos mortos, recebeu um grande número de comunicações, entre as quais uma sobretudo se distinguiu pelo seu feitio inteiramente novo, e que consiste numa seqüência de pensamentos destacados, cada um assinado com um nome diferente, que se encadeiam e se completam uns pelos outros. Eis esta comunicação:

Meus amigos, quantos Espíritos, ao vosso redor, que gostariam de se comunicar convosco e vos dizer que vos amam; e quanto serieis felizes se o nome de todos aqueles que vos são caros fosse pronunciado na mesa dos médiuns! Que felicidade! que alegria, para cada um de vós, se vosso pai, vossa mãe, vosso irmão, vossa irmã, Vossos filhos e vossos amigos viessem vos falar! Mas compreendeis que é impossível que sejais todos satisfeitos; o número dos médiuns não bastaria; mas o que não é impossível é que um Espírito, em nome de todos os vossos parentes e amigos, venha vos dizer: Obrigado pela vossa boa lembrança e vossas preces ardentes; coragem! tende a esperança de que um dia, depois de vossa libertação, viremos todos vos estender a mão. Ficai persuadidos de que o que o Espiritismo vos ensina é o eco das leis do Todo-Poderoso; pelo amor, tornai-vos todos irmãos, e vos aliviais do pesado fardo que carregais.

Agora, caros amigos, todos os vossos Espíritos protetores virão lhes dar o seu pensamento. Tu, médium, escuta e deixa teu lápis ir segundo a sua idéia.

A medicina faz o que fazem os lagostins assustados;

Dr. DEMEURE.

Porque o magnetismo progride e que, progredindo, ele esmaga a medicina atual para substituí-la.

MESMER.

A guerra é um duelo que não cessará senão quando os combatentes tiverem força igual;

NAPOLEÃO.

Força igual materialmente e moralmente.

GENERAL BERTRAND.

A igualdade moral reinará quando o orgulho for destituído.

GENERAL BRUNE.

As revoluções são abusos que destroem outros abusos;

LOUIS XVI.

Mas esses abusos fazem nascer a liberdade. (Nenhum nome).

Para ser iguais é preciso ser irmãos; sem fraternidade, nenhuma igualdade e nenhuma liberdade.

LAFAYETTE.

A ciência é o progresso da inteligência;

NEWTON.

Mas o que lhe é preferível é o progresso moral.

JEAN REYNAUD.

A ciência permanecerá estacionaria até que a moral a tenha alcançado. FRANÇOIS ARAGO.

Para desenvolver a moral é preciso primeiro extirpar o vício.

BERANGER.

Para destruir o vício é preciso desmascará-lo;

EUGÈNE SUE.

É o que todos os Espíritos fortes e superiores procuram fazer.

JACQUES ARAGO.

Três coisas devem progredir: a música, a poesia, a pintura. A música transporta a alma impressionando o ouvido;

MEYERBEER.

A poesia transporta a alma abrindo o coração.

CASIMIR DELAVIGNE.

A pintura transporta a alma agradando aos olhos.

FLANDRIN.

A poesia, a música e a pintura são irmãs e se dão a mão; uma para abrandar o coraçao, a outra para abrandar os costumes, e a última para abrir a alma; todas as três para vos elevar ao vosso Criador.

ALFRED DE MUSSET.

Mas nada, nada deve momentaneamente mais progredir do que a filosofia; ela deve dar um passo imenso, deixando estacionar a ciência e as artes, mas para elevá-las tão alto, quando disto for tempo, que esta elevação será muito sutil para vós hoje.

Em nome de todos,

SÃO LUÍS.

Em 6 de dezembro, o Sr. Bertrand obteve, no grupo do Sr. Desliens, uma comunicação do mesmo gênero, que, de alguma sorte, é a continuação da precedente.

O amor é uma lira cujas vibrações são os acordes divinos.

HÉLOÍSE.

O amor tem três cordas em sua lira: a emanação divina, a poesia e a melodia; se uma delas falta, os acordes, são imperfeitos.

ABÉLARD.

O amor verdadeiro é harmonioso; suas harmonias embriagam o coração elevando a alma. A paixão entristece os acordes, abaixando a alma.
BERNARDIN DE SAINT-PIERRE.

Era o amor o que Diógenes procurava procurando um homem...que veio alguns séculos mais tarde, e que o ódio, o orgulho e a hipocrisia crucificaram.
SÓCRATES.

Os sábios da Grécia, algumas vezes, o foram mais em seus escritos e em suas palavras do que em sua pessoa.
PLATÃO.

Ser sábio é amar; procuremos, pois, o amor pejo caminho da sabedoria. FÉNELON.

Não podeis ser sábios, se não saberdes vos elevar acima da maldade dos homens. VOLTAIRE.

O sábio é aquele que não crê sê-lo.
CORNEILLE.

Quem se crê pequeno é grande; quem se crê grande é pequeno.
LAFONTAINE.

O sábio se crê ignorante, e quem se crê sábio é ignorante.
ESOPO.

A humildade se crê ainda orgulhosa, e quem se crê humilde não o é. RACINE.

Não confundais com os humildes aqueles que dizem, por fingida modéstia, ou por interesse, o contrário do que são: estaríeis no erro. Neste caso a verdade se cala. BONNEFOND.

O gênio se possui por inspiração e não se adquire; Deus quer que as coisas maiores sejam descobertas ou inventadas por seres sem instrução, a fim de paralisar o orgulho, para tornar o homem solidário do homem.
FRANÇOIS ARAGO.

Não tratam de loucos senão aqueles cujas idéias não são timbradas pela autoridade da ciência; é assim que aqueles que crêem tudo saber, rejeitam os pensamentos de gênio daqueles que não sabem nada.
BERANGER.

A crítica é o estimulante do estudo, mas é a paralisação do gênio.
MOLIÈRE.

A ciência aprendida não é senão o esboço da ciência inata; ela não se torna inteligente senão na nova encarnação.
J.-J. ROUSSEAU.

A encarnação é o sono da alma; as peripécias da vida lhe são os sonhos. BALZAC.

Algumas vezes a vida não é senão um horrível pesadelo para o Espírito, e, freqüentemente, tarda-lhe para que esteja finda;

LA ROCHEFOUCAULT.

Ali está a sua prova; se resiste, dá um passo para o progresso, se não, entrava o caminho que deve conduzi-lo ao porto.

MARTIN.

Ao despertar da alma que saiu vitoriosa das lutas terrestres, o Espírito é maior e mais elevado; se ele sucumbe, encontra-se tal qual era.

PASCAL.

É negar o progresso o querer que a língua seja o emblema da imutabilidade de uma doutrina religiosa; além disto, é forçar o homem a orar mais de lábios do que de coração. DESCARTES.

A imutabilidade não reside na forma das palavras, mas no verbo do pensamento. LAMENNAIS.

Jesus dizia aos seus apóstolos para irem pregar o Evangelho em seu idioma, e que todos os povos os compreenderiam.

LACORDAIRE.

A fé desinteressada faz milagres.

BOILEAU.

A doutrina de Jesus não se sente e não se compreende senão pelo coração; qualquer que seja, pois, a maneira pela qual se fale, ela é sempre o amor e a caridade. BOSSUET.

As preces ditas ou escritas que não são compreendidas, deixam vagar os pensamentos, permitindo aos olhos se distraírem pelo fausto das cerimônias.

MASSILLON.

Tudo mudará, sem, no entanto, retornar à simplicidade de antes, o que seria a negação do progresso. As coisas se farão sem fausto e sem orgulho.

SIBOUR.

O amor triunfará, e virão com ele: a sabedoria, a caridade, a prudência, a força, a ciência, a humildade, a calma, a justiça, o gênio, a tolerância, o entusiasmo e a glória majestosa e divina esmagará, pelo seu esplendor: o orgulho, a inveja, a hipocrisia, a maldade eo ciúme que arrastam atrás de si a preguiça, a gulodice e a luxúria.

EUG. SUE.

O amor reinará, e para que ele não tarde, é preciso, corajoso Diógenes, tomar na mão o facho do Espiritismo, e mostrar aos humanos os vermes roedores que formam ferida em sua alma.

SÃO LUÍS.

Nota. Este gênero de comunicação levanta uma questão importante. Como os fluidos de um número muito grande de Espíritos podem se assimilar quase instantaneamente com o fluido do médium, para transmitir-lhe seu pensamento, ao passo que essa assimilação, freqüentemente, é difícil da parte de um só Espírito, e não se estabelece, geralmente, senão com o tempo?

O guia espiritual do médium parece tê-lo previsto, porque dois dias depois deu, espontaneamente a explicação adiante.

"A comunicação que obtivestes no dia de Todos os Santos, assim como a última que dela é o complemento, embora nela haja nomes repetidos, foram obtidas da maneira seguinte: como sou teu Espírito protetor, meu fluido é similar ao teu. Coloquei-me acima de ti, transmitindo-te, o mais exatamente possível, os pensamentos e os nomes dos Espíritos que desejaram se manifestar. Eles formaram ao redor de mim uma assembléia cujos membros ditavam, alternativamente, todos os pensamentos que te transmiti. Isto foi espontâneo, e o que tornou naquele dia as comunicações mais fáceis, foi que os Espíritos presentes tinham *saturado* o apartamento com os seus fluidos.

"Quando um Espírito se comunica com um médium, ele o faz com tanto mais facilidade quanto as relações fluídicas estejam melhor estabelecidas entre eles, senão o Espírito é obrigado, para comunicar seu fluido ao médium, a estabelecer uma espécie de corrente magnética que chega ao cérebro deste último; e se o Espírito, em razão de sua inferioridade, ou de qualquer outra causa, não pode estabelecer essa corrente ele mesmo, ele recorre à assistência do guia do médium, e as relações se estabelecem como venho de indicá-lo."

SLENER.

Um outra questão é esta: Entre esses Espíritos, não há os que estão encarnados neste mundo ou em outros, e, neste caso, como podem se comunicar? Eis a resposta que disto nos foi dada:

"Os Espíritos de um certo grau de adiantamento têm uma irradiação que lhes permite se comunicar simultaneamente em vários pontos. Em alguns, o estado de encarnação não amortece essa irradiação de maneira bastante completa para os impedir de se manifestarem mesmo no estado de vigília. Quanto mais o Espírito é avançado, mais são fracos os laços que o unem à matéria do corpo; ele está num estado quase constante de desligamento, e pode-se dizer que está lá onde dirige seu pensamento."

UM ESPÍRITO.

MANGIN, O CHARLATÃO.

Todo o mundo conheceu esse vendedor de lápis que, montado sobre uma viatura ricamente decorada, vestido com um capacete brilhante e uma roupa estranha foi, durante muitos anos, uma das celebridades das ruas de Paris. Não era um charlatão vulgar, e aqueles que o conheceram pessoalmente concordavam em lhe reconhecer uma inteligência pouco comum, uma certa elevação no pensamento, e qualidades morais acima de sua profissão nômade. Ele morreu no ano último, e desde então se comunicou várias vezes espontaneamente a um de nossos médiuns. Segundo o caráter que se lhe reconheceu, não se ficou surpreso do verniz filosófico que se encontra em suas comunicações.

Paris, 20 de dezembro de 1866, grupo do Sr. Desliens, médium, Sr. Bertrand.

O LÁPIS.

O lápis é a palavra do pensamento. Sem o lápis o pensamento fica mudo e incompreendido de vossos sentidos grosseiros. O lápis é a alma ofensiva e defensiva do pensamento; é a mão que fala e se defende.

O lápis!.....e sobre tudo o lápis Mangin!... Oh! perdão... eis que me torno egoísta!... Mas por que não poderia eu, como outrora, fazer o elogio de meus lápis? Não são bons?... Tendes o que deles lamentar? Ah! se estivesse ainda no meu veículo francês com a minha roupa romana... me creríeis... eu sei tão bem passar minha lábia, e o pobre basbaque creria branco o que era negro, muito simplesmente porque

Mangin, o célebre charlatão, o teria dito!.....Eu disse charlatão...Não, aperfeiçoador... Vamos! os fregueses, desatai os cordões de vossa bolsa; comprai destes soberbos lápis mais negros do que a tinta e duros como pedra...Acorrei, acorrei, a venda vai acabar!...Ah! aqui, que é que digo, pois?... Creio, na verdade, que me engano de papel, e que acabei muito mal, depois de ter bem começado...

Todos vós, armados de latas, sentados ao redor desta mesa, ide dizer e provar aos jornalistas orgulhosos que Mangin não está morto. Ide dizer àqueles que esqueceram minha mercadoria, porque não estou mais lá para fazê-los crer em suas admiráveis qualidades, ide dizer a todo esse mundo que eu vivo ainda e que, se estou morto, foi para viver melhor...

Ah! Srs. jornalistas, zombais de mim, e, no entanto, se, em lugar de me considerarem como um charlatão escamoteando a moeda humana, tivésseis me estudado mais atentamente e filosoficamente, teríeis reconhecido um ser tendo reminiscências de seu passado. Teríeis compreendido o porquê de meu gosto por essa roupa de guerreiro romano, o porquê dessas arengas em praça pública. Teríeis dito, então, que, sem dúvida, eu fui soldado ou general romano e não vos teríeis enganado.

Vamos! vamos! comprai, pois, os lápis, usai-os; mas vos sirvais deles utilmente, não como eu para perorar sem motivo, mas para propagar esta bela doutrina que muitos entre vós não seguem senão de muito longe.

Armai-vos, pois, de vossos lápis, e abri um largo caminho nesse mundo de incredulidade. Fazei tocar com o dedo, a todos esses São Tomes incrédulos as sublimes virtudes do Espiritismo que farão que um dia todos os homens sejam irmãos.

MANGIN.

(Grupo do Sr. Delanne; 14 de janeiro de 1867. Médium, Sr. Bertrand).

O PAPEL

Falei de lápis e de charlatanismo, mas não falei ainda do papel. É que, sem dúvida, me reservava isto para esta noite.

Ah! quanto eu gostaria de ser papel; não quando se avilta em fazer o mal, mas, ao contrário, quando cumpre o seu verdadeiro papel que é de fazer o bem! Com efeito, o papel é o instrumento que, de combinação com o lápis, semeia aqui *e* ali os nobres pensamentos do espírito. O papel é o livro aberto onde todos podem haurir como olhar os conselhos úteis à sua viagem terrestre!...

Ah! quanto eu gostaria de ser papel, a fim de cumprir como ele o papel de moralizador e de instrutor, dando a cada um os encorajamentos necessários para suportar os males que são, muito freqüentemente, causas de tantas vergonhosas fraquezas!...

Ah! se eu fosse papel, aboliria todas as leis egoístas *e* tirânicas, para não deixar irradiar senão aquelas que proclamam a igualdade. Eu não gostaria de falar senão de amor e de caridade. Eu gostaria que todos fossem humildes e bons, e que o mau se tornasse melhor, que o orgulhoso se tornasse humilde, que o pobre se tornasse rico, que

a igualdade, enfim, brilhasse e estivesse, em todas as bocas, como a expressão da verdade, e não na esperança de esconder o egoísmo e a tirania que possuem o coração.

Se eu fosse papel, gostaria de ser branco para o inocente, verde para aquele que não tem a esperança de um alívio para os seus males. Eu gostaria de ser de ouro, nas mãos do pobre, da felicidade nas mãos do aflito, do bálsamo nas do doente. Eu gostaria de ser o perdão de todas as ofensas. Não condenaria, não maldiria, não lançaria anátema; não criticaria com malevolência; não diria nada que pudesse fazer mal a outrem. Enfim, eu faria o que fazeis: eu não gostaria senão de ensinar o bem e falar desta bela Doutrina que vos reúne todos e sob todas as formas; eu professarei sempre esta sublime máxima: Amai-vos uns e outros.

Aquele que quisesse retornar sobre a Terra, não como charlatão, não para vender somente lápis, mas para a isto juntara venda do papel, e que dissesse a todos: o lápis não pode ser útil sem o papel e o papel não pode prescindir do lápis.

MANGIN.

\

A SOLIDARIEDADE.

(Paris, 26 de novembro de 1866, médium Sr. Sabb.....)

Glória *a* Deus, e paz aos homens de boa vontade! O estudo do Espiritismo não deve ser vão. Para certos homens levianos, ele é um passatempo; para os homens sérios, ele deve ser sério.

Refleti em uma coisa antes de tudo. Não estais sobre a Terra para nela viver à moda dos animais, para nela vegetar à maneira das gramíneas ou das árvores. As gramíneas e as árvores têm a vida orgânica, e não têm a vida inteligente, do mesmo modo que os animais não têm a vida moral. Tudo vive, tudo respira na Natureza, soo homem sente e se sente.

Quanto aqueles são insensatos e a se lamentar, que se menosprezam bastante para se compararara um talo de erva, ou a um elefante! Não confundais nem os gêneros nem as espécies. Não são os grandes filósofos e os grandes naturalistas que vêem, no Espiritismo, por exemplo, uma nova edição da metempsicose, e sobretudo de uma metempsicose absurda. A metempsicose é o sonho de um homem de imaginação, ela não é outra coisa. Um animal, um vegetal produzido são congêneres, nada de mais nem nada de menos. Isto seja dito, para impedir velhas idéias falsas de se acreditarem de novo, à sombra do Espiritismo.

Homem, sede homem; sabei donde vindes e para onde ides. Sois o filho amado daquele que tudo fez e que vos deu um fim, um destino que deveis cumprir sem conhecê-lo absolutamente. Sois necessários aos seus desígnios, à sua glória, à sua própria felicidade? Perguntas ociosas, uma vez que são insolúveis. Vós SOIS, sede-o reconhecendo; mas, ser não é tudo, é preciso ser segundo as leis do Criador, que são vossas próprias leis. Lançai na existência, sois ao mesmo tempo causa e efeito. Nem como causa, nem como efeito, podeis, pelo menos quanto ao presente, determinar o vosso papel, mas as vossas leis podeis segui-las. Ora, a principal é esta: O homem não é um ser isolado, é um ser coletivo. O homem é solidário do homem. É em vão que procura o complemento do seu ser, quer dizer, a felicidade em si mesmo ou naquilo que o cerca isoladamente: ele não pode encontrá-lo senão no HOMEM ou na *Humanidade.* Não fazeis, pois, nada para ser pessoalmente felizes, enquanto a infelicidade de um membro da Humanidade, de uma parte de vós mesmos, possa vos afligir.

É da moral o que vos ensino lá, mas direis, ora a moral é um velho lugar comum. Olhai ao vosso redor, o que nade mais ordinário, de mais comum, do que o retorno periódico do dia e da noite, do que a necessidade de vos alimentar e de vos vestir? É a isto que tendem todos os vossos cuidados, todos os vossos esforços. É o preciso, a parte

material de vosso ser o exige. Mas vossa natureza não é dupla, não sois mais espírito do que corpo? Como, pois, se dá que vos seja mais duro de vos ouvir lembrar as leis morais do que de aplicar a todo instante as leis físicas? Se estivésseis menos preocupados e menos distraídos, esta repetição não seria tão necessária.

Não nos afastemos de nosso assunto: O Espiritismo bem compreendido é para a vida da alma o que o trabalho material é para a vida do corpo. Ocupai-vos dele neste objetivo, e tende por certo que, quando o tereis feito, para vos melhorar moralmente, a metade do que fizestes para melhorar a vossa existência material, tereis feito dar um grande passo à Humanidade.

UM ESPÍRITO.

TUDO VEM A SEU TEMPO.

(Odessa, grupo de família, 1866. Médium, senhorita M...)

Pergunta. - Lendo, na *Véritéde* 1866, as experiências magnéticas, com elas fiquei maravilhado, e pensei em mim mesmo que essa força, tão espantosa poderia, talvez, ser a causa de todas as maravilhas, de todas as belezas, incompreensíveis para nós, dos planetas superiores, e dos quais os Espíritos nos dão descrições. Peço aos bons Espíritos me esclarecerem a este respeito?

Resposta. - Pobres homens! A avidez de saber, a impaciência devoradora de ler no livro da criação, tudo vos vira a cabeça e ofusca vossos olhos habituados à obscuridade, quando caem sobre algumas passagens que vosso espírito, ainda escravo da matéria, não pode compreender. Mas, tende paciência, os tempos são chegados. Já o grande arquiteto começa a desenrolar, pouco a pouco, diante de vossos olhos, o plano do edifício do Universo, já levanta um canto do véu que vos esconde a verdade, e um raio de luz vos clareia. Contentai-vos com essas primícias; habituai vossos olhos à doce claridade da aurora, até que possam suportar o esplendor do sol brilhando em todo o seu brilho.

Agradecei ao Todo-Poderoso, cuja bondade infinita prepara vossa fraca visão, levantando gradualmente o véu que a cobre. Se o levantasse de repente, serieis ofuscados e nada veríeis; cairíeis na dúvida, na confusão, na ignorância da qual apenas sais. Já vos foi dito que tudo vem a seu tempo: não o antecedeis por vossa muito grande avidez de tudo saber. Deixai ao Mestre a escolha do método que ele julga mais conveniente para vos instruir. Tendes diante de vós uma sublime obra: "a Natureza, sua essência, suas forças"; ela começa pelo ABC. Aprendei, primeiro a soletrar, a compreender essas primeiras páginas; progredi com paciência e perseverança, e chegareis até o fim, ao passo que saltando páginas e capítulos, o conjunto vos parece incompreensível. Aliás, não está nos desígnios do Todo-Poderoso que o homem saiba tudo. Conformai-vos, pois, à sua vontade, que tem por objetivo o vosso bem.

Lede no grande livro da Natureza; instruí-vos, esclarecei o vosso espírito, contentai-vos em saber o que Deus julga a propósito de vos ensinar durante a vossa permanência na Terra; não tereis o tempo de chegar até a última página, e não a lereis senão quando estiverdes desligados da matéria, quando vossos sentidos espiritualizados vos permitirem compreendê-la.

Sim, meus amigos, aprendei e instruí-vos, e, antes de tudo, progredi em moralidade pelo amor do próximo, pela caridade, pela fé: é o essencial, é o passaporte à visão do qual as portas do santuário infinito vos serão abertas.

HUMBOLDT.

O RESPEITO DEVI DO ÀS CRENÇAS PASSADAS.

(Paris, grupo Delanne, 4 de fevereiro de 1867. Médium, Sr. Morin.)

A fé cega é o pior de todos os princípios! Crer com fervor num dogma qualquer, quando a sã razão se recusa a aceitá-lo como uma verdade, é fazer ato de nulidade e de se privar, voluntariamente, do mais belo de todos os dons que nos tenha feito o Criador; é renunciar à liberdade de julgar, ao livre arbítrio que deve presidir a todas as coisas na medida da justiça e da razão.

Geralmente, os homens são negligentes e não crêem numa religião senão por desencargo de consciência, e para não rejeitar inteiramente essas boas e doces preces que embalaram a sua juventude, e que *a* sua mãe lhes ensinava junto da lareira, quando a noite trazia com ela a hora do sono; mas essa lembrança se apresenta algumas vezes ao seu espírito, freqüentemente, é com um sentimento de lamento que fazem um retorno para esse passado, onde os cuidados da idade madura estavam ainda escondidos na noite do futuro.

Sim, todo homem lamenta essa idade de negligência, e muito poucos podem sonhar com seus jovens anos!. ..Mas que dele resta um instante depois?... - Nada!...

Comecei a dizer que a f é cega é perniciosa; mas não seria preciso sempre rejeitar, como essencialmente mau, tudo o que parece manchado de abuso, composto de erros e sobretudo inventado, sem razão para a glória dos orgulhosos e o benefício dos interesses.

Espíritas, deveis saber melhor do que ninguém que nada se cumpre sem a vontade do Senhor supremo; cabe, pois, a vós bem refletir antes de formular o vosso julgamento. Os homens são vossos irmãos encarnados, e é possível que *no número dos trabalhos dos tempos antigos estejam vossos obras realizadas numa existência anterior.* Os Espíritas devem, antes de tudo, ser lógicos com o seu ensino, e não lançar a pedra às instituições e às crenças de uma outra época, unicamente porque são de uma outra época. A sociedade atual teve necessidade, para se tornar o que é, que Deus lhe distribuísse pouco a pouco a luz e o saber.

Não vos cabe, pois, julgar se os meios empregados por ele foram bons ou maus. Não aceiteis senão o que vos parece racional e lógico; mas não esqueçais que as velhas coisas tiveram a sua juventude, e que o que ensinais hoje se tornará velho a seu turno. Respeitai, pois, a velhice! Os velhos são vossos pais, como as velhas coisas foram as precursoras das coisas novas. Nada envelhece, e se faltais a este princípio para tudo o que é venerável, faltareis com o vosso dever, mentis à doutrina que professais.

As velhas crenças elaboraram a renovação que começa a se realizar!...Todas, enquanto não eram exclusivamente materiais, possuíam uma centelha da verdade. Lamentai os abusos que se introduziram no ensino filosófico, mas perdoai os erros de uma outra época, se quereis a vosso turno ser escusados nos vossos, ulteriormente. Não deis vossa fé ao que vos pareça mau, mas não creiais, não mais, que tudo o que vos é ensinado hoje seja a expressão da verdade absoluta. Crede que, em cada época, Deus alarga o horizonte dos conhecimentos em razão do desenvolvimento intelectual da Humanidade.

LACORDAIRE.

A COMÉDIA HUMANA.

(Paris, grupo Desliens, 29 de novembro de 1866. Médium, Sr. Desliens).

A vida do Espírito encarnado é como um romance, ou antes como uma peça de teatro, da qual cada dia percorre-se uma folha contendo uma cena. O autor é o homem; os personagens são as paixões, os vícios e as virtudes, a matéria e a inteligência,

disputando a posse do herói que é o Espírito. O público é o mundo em geral durante a encarnação, os Espíritos na erraticidade, e o censor que examina a peça para julgá-la em última instância e estipular uma censura ou um louvor ao autor é Deus.

Fazei, pois, de sorte de vos fazer aplaudir o mais freqüentemente possível e de não ouvirdes, senão raramente, o barulho do apito ressoar desagradavelmente em vosso ouvido. Que a intriga seja sempre simples, e não procureis o interesse senão nas situações naturais que possam servir para fazer triunfar a virtude, desenvolver a inteligência e moralizar o público.

Durante a execução da obra, a intriga posta em movimento pela inveja, pode tentar criticar as melhores passagens, e não incensar senão aqueles que são medíocres ou maus. Fechai o ouvido a essas adulações, e lembrai-vos que a posteridade vos apreciará o vosso justo valor! Deixareis um nome obscuro ou ilustre, mancha do de vergonha ou coberto de glória, segundo o mundo; mas quando a peça acabar e a cortina, atirada sobre a última cena, vos colocar em presença do gerente universal, do diretor infinitamente poderoso do teatro onde se passa a comédia humana, e ali não haverá nem aduladores, nem cortesãos, nem invejosos, nem ciumentos: estareis a sós com o juiz supremo, imparcial, eqüitativo, justo.

Que a vossa obra seja séria e moralizadora, porque é a única que tem algum peso na balança do Todo-Poderoso.

É preciso que cada um restitua à sociedade pelo menos o que dela recebe. Aquele que dela tendo recebido a assistência corpórea e espiritual que lhe permite viver, dela se vá sem restituir ao menos o que lhe dispensou, é um ladrão, porque esbanjou uma parte do capital inteligente e nada produziu.

Todo o mundo não pode ser homem de gênio, mas todos podem e devem ser honestos, bons cidadãos, e restituir à sociedade o que a sociedade lhes emprestou.

Para que o mundo esteja em progresso, é preciso que cada um deixe uma lembrança útil de sua personalidade, uma cena a mais nesse número infinito de cenas úteis que os membros da Humanidade deixaram desde que a vossa Terra serve de lugar de habitação aos Espíritos.

Fazei, pois, que se leia com interesse cada uma das folhas de vosso romance, e que não se a percorra unicamente de olhar, para fechá-la com tédio, antes de dela ter lido a metade.

EUGÈNE SUE.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LUMEN

Relato de outra Terra

Por Camille Flammarion, professor de astronomia, ligado ao observatório de Paris.

Este não é um livro, mas um artigo que poderia fazer um livro interessante e sobretudo instrutivo, porque seus dados são fornecidos pela ciência positiva, e tratados com a clareza e a elegância que o jovem sábio traz em todos os seus escritos. O Sr. Camille Flammarion é conhecido de todos os nossos leitores por sua excelente obra sobre a *Pluralidade dos mundos habitados,* e pelos artigos científicos que publica no *Siècle.* Aquele do qual vamos dar conta foi publicado na *Revue du XÍX° século,* de 1° de fevereiro de 1867 (1-(1) Cada número forma um volume de 160 páginas grandes in-8. Preço 2 fr. Paris, livraria internacional, 15, bulevard Montmartre, e 18, avenida Montaigne, palais Pompéien.).

O autor supõe uma conversa entre um indivíduo vivo chamado *Sitiens,* e o Espírito de um de seus amigos chamado *Lumen,* que lhe descreve seus últimos pensamentos terrestres, as primeiras sensações da vida espiritual, e as que acompanham o fenômeno da separação. Esse quadro é de uma conformidade perfeita com o que os Espíritos nos ensinaram a esse respeito; é o Espiritismo mais exato, menos a palavra que não é pronunciada. Será julgado pelas citações seguintes:

"A primeira sensação de identidade que se sente depois da morte parece aquela que se sente ao despertar durante a vida, quando, retornando pouco a pouco à consciência da manhã, se está ainda atravessado pelas visões da noite. Solicitado pelo futuro e pelo passado, o Espírito procura, ao mesmo tempo, retomar plena posse de si mesmo e agarraras impressões fugidias do sonho desvanecido, que passam ainda nele com o seu cortejo de quadros e de acontecimentos. Por vezes, absorvido por essa retrospecção de um sonho cativante, sente sob a pálpebra que se fecha, as urdiduras da visão se renovarem, e o espetáculo continuar; ao mesmo tempo, ele cai no sonho e numa espécie de sonolência. Assim balança a nossa faculdade pensante ao sair desta vida, entra uma realidade que ela ainda não compreende, e um sonho que não está completamente desaparecido."

Nota. Nesta situação do Espírito, não há nada de espantoso em que alguns não creiam estar mortos.

"A morte não existe. O fato que designais sob este nome, a separação do corpo e da alma, não se efetua, verdadeiramente dizendo, sob uma forma material comparável às separações químicas dos elementos dissociados que se observam no mundo físico. Não se percebe mais dessa separação definitiva, que nos parece tão cruel do que a criança recém-nascida não se percebe de seu nascimento; *somos nascidos na vida futura como o fomos na vida terrestre.* Unicamente, não estando mais envolvida das faixas corpóreas que a revestem neste mundo, adquire mais prontamente a noção de seu estado e de sua personalidade. Esta faculdade de percepção varia. no entanto, de uma alma a outra. Há as que, durante a vida do corpo, não se elevaram jamais para o céu e jamais se sentiram ansiosas em penetrar as leis da criação. Aquelas, ainda dominadas pelos apetites corpóreos, permanecem por muito tempo no estado de perturbação inconsciente. Há outras delas, felizmente, que, desde esta vida, voam sobre suas aspirações aladas para os cimos do belo eterno; aquelas vêem chegar com calma e serenidade o instante da separação; elas sabem que o progresso é a lei da existência e que entrarão, no além, numa vida superior àquela sua daqui; seguem passo a passo a letargia que prepara o seu coração, que quando o último batimento, lento e insensível, o detém em seu curso, elas já estão acima de seu corpo, do qual observaram o adormecimento, e, livrando-se dos laços magnéticos, elas se sentem rapidamente levadas, por uma força desconhecida, para o ponto da criação onde suas aspirações, seus sentimentos, suas esperanças, as atraem.

"Os anos, os dias e as horas são constituídos pelos movimentos da Terra. Fora destes movimentos o tempo terrestre *não existe mais* no espaço; é, pois, absolutamente impossível ter noção desse tempo."

Nota. - Isto é rigorosamente verdadeiro; também quando os Espíritos querem nos especificar uma duração inteligível para nós, são obrigados a se identificarem de novo com os hábitos terrestres, de se refazerem homens, por assim dizer, a fim de se servir dos mesmos pontos de comparação. Logo depois de sua libertação, o Espírito de Lumen é transportado com a rapidez do pensamento para o grupo de mundos compondo o sistema de estrelas designado em astronomia sob o nome de *Capellaou a Chèvre.* A teoria que dá da visão da alma é notável.

"A visão de minha alma era de um poder incomparavelmente superior àquela dos olhos do organismo terrestre que eu vinha de deixar; e, observação surpreendente, seu poder me parecia submetido à vontade. Que me baste vos fazer pressentir que, em lugar de ver simplesmente as estrelas no céu, como as vedes na Terra, eu distinguia

claramente os mundos que gravitam em torno; quando desejava não mais vera estrela, a fim de não estar mais torturado pelo exame desses mundos, ela desaparecia de minha visão, e me deixava em excelentes condições para observar um desses mundos. Além disto, quando minha visão se concentrava sobre um mundo particular, chegava a distinguires detalhes de sua superfície, os continentes e os mares, as nuvens e os rios. Por uma intensidade particular de concentração na visão da minha alma, chegava a ver o objeto sobre o qual ela se concentrava, como, por exemplo, uma cidade, um campo, os edifícios, as ruas, as casas, as árvores, as veredas; reconhecia mesmo os habitantes e seguia as pessoas nas ruas e nas habitações. Bastava-me para isto limitar meu pensamento ao quarteirão, à casa, ou ao indivíduo que eu queria observar. No mundo a margem do qual acabava de chegar, os seres, não encarnados num envoltório grosseiro como o deste mundo, mas, livres e dotados de faculdades de percepções elevada a um eminente grau de poder, podem perceber distintamente os detalhes que, nessa distância, estariam absolutamente ocultos às organizações terrestres.

SITIENS. É que se servem para isso de instrumentos superiores aos nossos telescópios?

LUMEN. Se, por ser menos rebelde à admissão desta maravilhosa faculdade, vos é mais fácil concebê-los munidos de instrumentos, vós o podeis por teoria. Mas devo vos advertir que essas espécies de instrumentos *não são exteriores a esses seres,* e que pertencem *ao próprio organismo da visão.* É bem entendido que essa construção ótica e esse poder de visão são naturais nesses mundos, e não sobrenaturais. Pensai um pouco nos insetos que gozam da propriedade de encurtar ou de alongar seus olhos, como os tubos de uma luneta, de inchar ou achatar seu cristalino para dele fazer uma lupa de diferentes graus, ou ainda de concentrar ao mesmo foco uma multidão de olhos apontados como tantos microscópios para agarrar o infinitamente pequeno, e podereis mais legitimamente admitir a faculdade desses seres ultra terrestres."

O mundo em que se encontra Lumen está a uma distância tal da Terra que a luz não chega de um ao outro senão ao cabo de setenta e dois anos. Ora, nascido em 1793 e morto em 1864, na sua chagada em Capela, donde leva a sua visão sobre Paris, Lumen não reconhece mais a Paris que vem de deixar. Os raios luminosos partidos da Terra, não chegando a Capela senão depois de setenta e dois anos, lhe chegava a imagem do que ali se passou em 1793.

Ali está a parte realmente científica do relato; todas as dificuldades nele são resolvidas da maneira mais lógica. Os dados, admitidos em teoria pela ciência, ali são demonstrados pela experiência; mas esta experiência não podendo ser feita diretamente pelos homens, o autor supõe um Espírito que dá conta dessas sensações, e colocado em condições de poder estabelecer uma comparação entre a Terra e o mundo que habita.

A idéia é engenhosa e nova. É a primeira vez que o Espiritismo verdadeiro e sério, embora sob o anonimato, é associado à ciência positiva, e isto por um homem capaz de apreciar um e o outro, e de compreender o traço de união que deverá religá-los um dia. Esse trabalho, ao qual reconhecemos, sem restrição uma importância capital, nos parece ser um daqueles que os Espíritos nos anunciaram como devendo marcar o presente ano. Analisaremos esta segunda parte num próximo artigo.

NOVA TEORIA MÉDICO-ESPÍRITA
pelo doutor BRIZIO, de Turin.

Não conhecemos esta obra senão pelos prospectos em língua italiana que nos foram endereçados, mas não podemos senão nos alegrar em ver a deligência das nações

estrangeiras em seguir o movimento espírita, e felicitares homens de talento que entram no caminho das aplicações do Espiritismo à ciência. A obra do doutor Brizio será publicada em 20 ou 30 entregas a 20 c. cada uma, e sua impressão será começada desde que tiver 300 subscritores. Subscreve-se em Turin, na livraria Degiorgis, via Nuova.

O LIVRO DOS MÉDIUNS, tradução em espanhol sobre a 9ª edição francesa: Madrid, - Barcelona, - Marseille, - Paris, no escritório da *Revista Espírita.*

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO **NO. 4** **ABRIL 1867**

GALILEU

A PROPÓSITO DO DRAMA DO SR. PONSARD.

O acontecimento literário do dia é a representação de Galileu, drama em versos do Sr. Ponsard. Embora nele não haja questão de Espiritismo, a este se liga por um lado essencial: o da pluralidade dos mundos habitados, e deste ponto de vista podemos considerá-lo como uma das obras que são chamadas a favorecer o desenvolvimento da Doutrina, popularizando um de seus principais fundamentos.

O destino da Humanidade está ligado à organização do Universo, como o do habitante está à sua habitação. Na ignorância desta organização, o homem teve que se fazer, sobre seu passado e sobre seu futuro, idéias em relação com o estado desses conhecimentos. Se ele tivesse sempre conhecido a estrutura da Terra, jamais teria pensado em colocar o inferno em suas entranhas; se tivesse conhecido o infinito do espaço e a multidão dos mundos que nele se movem, não teria localizado o céu acima do *céu das estrelas;* não teria feito da Terra o ponto central do Universo, a única habitação dos seres vivos; não teria condenado a crença nos antípodas como uma heresia; se tivesse conhecido a geologia, jamais teria acreditado na formação da Terra em seis dias, e a sua existência há seis mil anos.

A idéia mesquinha que o homem se fazia da criação deveria lhe dar uma idéia mesquinha da divindade. Ele não pôde compreender a grandeza, o poder, a sabedoria infinitos do Criador senão quando seu pensamento pudesse abarcar a Imensidade do Universo e a sabedoria das leis que o regem, como se julga o gênio de um mecânico sobre o conjunto, a harmonia e a precisão do mecanismo, e não à vista de uma única engrenagem. Só então suas idéias puderam crescer e se elevarem acima de seu horizonte limitado. Suas crenças religiosas, em todo os tempos, foram calcadas sobre a idéia que se fazia de Deus e de sua obra; o erro de suas crenças sobre a origem e o destino da Humanidade tinha por causa sua ignorância das verdadeiras leis da Natureza; se ele tivesse, desde a origem, conhecido essas leis, seus dogmas teriam sido diferentes.

Galileu, revelando, um dos primeiros, as leis do mecanismo do Universo, não por hipóteses, mas por uma demonstração irrecusável, abriu o caminho a novos progressos; deveria, por isto mesmo, produzir uma revolução nas crenças, destruindo as bases dos sistemas científicos errôneos, sobre as quais se apoiavam.

A cada um a sua missão. Nem Moisés, nem o Cristo tinham a de ensinar aos homens as leis da ciência; o conhecimento dessas leis deveria ser *o resultado do trabalho e das pesquisas do homem, da* atividade e do desenvolvimento de seu próprio espírito, e não de uma revelação a priori**,** que lhe teria dado o saber sem dificuldade. Eles não deveram e não puderam lhe falar senão uma linguagem apropriada ao seu estado intelectual, de outro modo não o teriam compreendido. Moisés e o Cristo tiveram sua missão moralizadora; a gênios de outra ordem são deferidas as missões científicas. Ora,

como as leis morais e as leis da ciência são leis divinas, a religião e a filosofia não podem ser verdadeiras senão pela aliança dessas leis.

O Espiritismo está fundado sobre a existência do princípio espiritual, como elemento constitutivo do Universo; repousa sobre a universalidade e a perpetuidade dos seres inteligentes, sobre seu progresso indefinido através dos mundos e das gerações; sobre a pluralidade das existências corpóreas necessárias ao seu progresso individual; sobre sua cooperação relativa, como encarnados ou desencarnados, na obra geral, na medida do progresso realizado; sobre a solidariedade que liga todos os seres de um mesmo mundo e dos mundos entre si. Neste vasto conjunto, encarnados e desencarnados, cada um em sua missão, seu papel, os deveres *a* cumprir, desde os mais ínfimos até os anjos, que não são outros senão Espíritos humanos chegados ao estado de puros Espíritos, e aos quais são confiadas as grandes missões, os governos dos mundos, como a generais experimentados: em lugar das solidões desertas do espaço sem limite, por toda *a* parte a vida e a atividade, nenhuma parte ociosamente inútil; por toda a parte o emprego dos conhecimentos adquiridos; por toda a parte o desejo de avançar ainda, e de aumentar a soma da felicidade, pelo uso útil das faculdades da inteligência. Em lugar de um existência efêmera e única, passada sobre um pequeno canto de terra, que decide para sempre a sua sorte futura, impõe limites ao seu progresso, e torna estéril, para o futuro, o trabalho que se dá para se instruir, o homem tem por domínio o Universo; nada do que ele sabe e do que ele faz está perdido; o futuro é dele; em lugar do isolamento egoísta, a solidariedade universal; em lugar do nada, segundo alguns, a vida eterna; em lugar de uma beatitude contemplativa perpétua, segundo outros, que dela faria uma inutilidade perpétua, um papel ativo proporcional ao mérito adquirido; em lugar de castigos irremissíveis para faltas temporárias, a posição que cada um se dá pela sua perseverança no bem ou no mal; em lugar de uma mancha original que torna passível de faltas que não se cometeu, a conseqüência natural de suas próprias imperfeições inatas; em lugar das chamas do inferno, a obrigação de reparar o mal que se fez, *e* de recomeçar o que se fez mal; em lugar de um Deus colérico e vingativo, um Deus justo e bom, levando em conta todos os arrependimentos e todas as boas vontades.

Tal é, em resumo, o quadro que apresenta o Espiritismo, e que ressalta da própria situação dos Espíritos que se manifestam; não é mais uma simples teoria, mas um resultado de observação. O homem que encara as coisas deste ponto de vista sente-se crescer; ele se revela aos seus próprios olhos; é estimulado em seus instintos progressivos vendo uma finalidade aos seus trabalhos, aos seus esforços para *se* melhorar.

Mas pá rã compreender o Espiritismo em sua essência, na imensidade das coisas que ele abarca, para compreender o objetivo da vida *e* o destino do homem, não seria preciso relegara Humanidade sobre um pequeno globo, limitara sua existência a alguns anos, diminuir o criador e a criatura; para que o homem possa se fazer uma idéia justa de seu papel no Universo, seria preciso que compreendesse, pela pluralidade dos mundos, o campo aberto às suas explorações futuras e à atividade de seu espírito; para recuar indefinidamente os limites da criação, para destruir seus preconceitos sobre os lugares especiais de recompensa e de punição, sobre os diferentes estágios dos céus, seria preciso que ele penetrasse as profundezas do espaço; que, em lugar do cristalino e do empíreo, vê ali circular, numa majestosa e perpétua harmonia, os mundos inumeráveis semelhantes ao seu; que por toda a parte seu pensamento encontra a criatura inteligente.

A história da Terra se liga à da Humanidade; para que o homem possa se desfazer de suas mesquinhas e falsas opiniões sobre a época, a duração e o modo de criação de nosso globo, de suas crenças lendárias sobre o dilúvio e sua própria origem; para que consinta em desalojar do seio da Terra o inferno e o império de Satã, é preciso que ele possa ler, nas camadas geológicas, a história de sua formação e de suas revoluções físicas. A astronomia e a geologia, secundadas pelas descobertas da física e da química,

apoiadas sobre as leis da mecânica, são as duas poderosas alavancas que atacaram vivamente seus preconceitos sobre a sua origem e o seu destino.

A matéria e o espírito são os dois princípios constitutivos do Universo; mas o conhecimento das leis que regem a matéria deve preceder o das leis que regem o elemento espiritual; só os primeiros podiam combater vitoriosamente os preconceitos pela evidência dos fatos. O Espiritismo, que tem por objeto especial o conhecimento do elemento espiritual, não deveria vir senão sob as ordens de outro; para que ele possa lançar seu vôo e levar os frutos, para que possa ser compreendido em seu conjunto, seria preciso que ele encontrasse o terreno preparado, o campo do espírito humano deslocado dos preconceitos e das idéias falsas, senão na totalidade, pelo menos em grande parte, sem isto não teria havido senão um Espiritismo estreito, bastardo, incompleto, e misturado a crenças e a práticas absurdas como é hoje entre os povos atrasados. Considerando-se a situação moral atual das nações avançadas, reconhecer-se-á que ele veio em tempo oportuno para encher os vazios que se fazem nas crenças.

Galileu descobriu o caminho; rasgando o véu que esconde o infinito, ele alargou o domínio da inteligência, e deu um golpe fatal nas crenças errôneas; destruiu mais de superstições e de idéias falsas do que todas as filosofias, porque as solapou pela base, mostrando a realidade. O Espiritismo deve o lugar que ocupa à classe dos grandes gênios que lhe franquearam o caminho abaixando as barreiras que a ignorância lhe opunha. As perseguições das quais foi objeto, e que são o destino de quem ataque os preconceitos e as idéias recebidas, o engrandeceram aos olhos da posteridade, ao mesmo tempo que humilharam os perseguidores. Quem é hoje o maior, deles ou dele?

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita citar alguns fragmentos de belo drama do Sr. Ponsard. Fá-lo-emos no próximo número.

DO ESPÍRITO PROFÉTICO.

Pelo conde Joseph de Maistre.

O conde Joseph de Maistre, nascido em Chambéry em 1752, morto em 1821, foi enviado pelo rei da Sardanha, como ministro plenipotenciário na Rússia, em 1803. Ele deixou esse país em 1817 quando da expulsão dos Jesuítas, dos quais tinha abraçado a causa. Entre suas obras, uma das mais conhecidas na literatura e no mundo religioso, é aquela que foi intitulada: *Soirées de Saint-Pétersbourg,* publicada em 1821. Embora escrita num ponto de vista exclusivamente católico, certos pensamentos parecem inspirados pela previsão dos tempos presentes, e, a este título, merecem uma atenção particular. As passagens seguintes foram tiradas da décima primeira entrevista, tomo II, página 121, edição de 1844.

.....Mais do que nunca, Senhores, devemos nos ocupar dessas altas especulações, porque nos é preciso estar prontos para *um acontecimento imenso na ordem divina, para o qual caminhamos com uma velocidade acelerada que deve impressionar todos os observadores.* Não há mais religião sobre a Terra: o gênero humano não pode permanecer neste estado. *Terríveis oráculos anunciam, aliás, que os tempos são chegados.*

Vários teólogos, mesmo católicos, acreditaram que fatos da primeira ordem e pouco distantes estão anunciados na revelação de São João, e embora os teólogos protestantes não tenham debitado, em geral, senão tristes sonhos sobre esse mesmo livro, onde jamais viram o que desejavam, no entanto, depois de ter pago esse infeliz tributo ao fanatismo de seita, vejo que certos escritores desse partido adotam já o princípio que: *Várias profecias contidas no Apocalipse se reportam aos nossos tempos modernos. Um desses escritores mesmo foi levado até a dizer que o acontecimento já tinha começado, e que a nação francesa deveria ser o grande instrumento da maior das revelações.*

Talvez não haja um homem verdadeiramente religioso na Europa (falo da classe instruída), que não espere neste momento alguma coisa de extraordinário; ora dizei-me, Senhores, credes que esse acordo de todos os homens possa ser desprezado? Não é nada esse grito geral que anuncia grandes coisas? Remontai aos séculos passados; transportai-vos ao nascimento do Salvador. Nessa época uma voz alta e misteriosa, partida das regiões orientais, não gritava: "O Oriente está sobre o ponto de triunfar? O vencedor partirá da Judéia; um filho divino nos é dado; ele vai aparecer; ele desce do mais alto dos céus; ele restabelecerá a idade de ouro sobre a Terra." Vós sabeis o resto.

Essas idéias estavam universalmente difundidas, e como elas se prestavam infinitamente à poesia, o maior poeta latino delas se apoderou e as revestiu das cores mais brilhantes em seu Pollion, que foi depois traduzido em belíssimos versos gregos, e lido nesta língua no concilio de Nicéia, por ordem do imperador Constantino. Certamente era muito digno da Providência ordenar que esse grande brado do gênero humano ressoasse para sempre nos versos imortais de Virgílio; mas a incurável credulidade de nosso século, em lugar de ver nessa peça o que ela realmente encerra, quer dizer, um monumento inefável do espírito profético que se agitava então no universo, se diverte em nos provar sabiamente que Virgílio não era profeta, quer dizer, que uma f lauta não sabe a música, e que não há nada de extraordinário na décima primeira poesia pastoril desse poeta. *O materialismo que mancha a filosofia de nosso século o impede de ver que a doutrina dos Espíritos,* e, *em particular, a do espírito profético, é inteiramente plausível em si mesma, e, além disto, o melhor sustentáculo para a tradição, a mais universal e a mais imponente, do que foi jamais.* Como a eterna doença do homem é de penetrar o futuro, é uma prova certa que ele tem direitos sobre esse futuro, e que há meios de atingi-lo, pelo menos em certas circunstâncias. Os oráculos antigos prendiam-se a esse movimento interior do homem que o adverte de sua natureza e de seus direitos. A pesada erudição de Van Dale, e as alegres frases de Fontenelle foram empregadas em vão, no século passado, para estabelecer a nulidade geral desses oráculos. Mas, o que quer que seja, jamais o homem teria recorrido aos oráculos, jamais teria podido imaginá-los, se não tivesse partido de uma idéia primitiva em virtude da qual os considerava como possíveis, e mesmo como existentes.

O homem está sujeito ao tempo, e, no entanto, por sua natureza, estranho ao tempo. O profeta gozava do privilégio de sair do tempo; suas idéias não sendo mais distribuídas na duração, se tocam em virtude da simples analogia, e se confundem, o que, necessariamente derrama uma grande confusão em seus discursos. O próprio Salvador se submeteu a esse estado quando, entregue voluntariamente ao espírito profético, as idéias análogas de grandes desastres, separadas do tempo, o levaram a misturar a destruição de Jerusalém à do mundo. Foi ainda assim que Davi. conduzido por seus próprios sofrimentos a meditar sobre "a justa perseguição," sai de repente do tempo e se exclama, presente no futuro: "Eles atravessaram meus pés e minhas mãos; e contaram meus ossos; partilharam minhas roupas; lançaram sorte sobre as minhas vestes." (Ps. XXV, v. 17.)

Poder-se-iam acrescentar outras reflexões tiradas da astrologia judiciária, dos oráculos, das adivinhações em todos os gêneros, cujos abusos, sem dúvida, desonraram o espírito humano, mas que tinham, no entanto, uma base verdadeira, como todas as crenças gerais. O espírito profético é natural ao homem, e não cessará de agitar no mundo. O homem, tentando, em todas as épocas e em todos os lugares, penetrar no futuro, declara que não foi feito para o tempo, porque o tempo é alguma coisa forçada, que não pede senão acabar. Daí vem que, em nossos sonhos, jamais temos a idéia do tempo, e que o estado do sono foi sempre julgado favorável às comunicações divinas.

Se me perguntardes em seguida o que é esse espírito profético de que falei há pouco, eu vos responderei que "jamais houve no mundo grandes acontecimentos que não foram preditos de alguma forma." Maquiavel foi o primeiro homem de meu conhecimento

que avançou essa proposição; se nisso vós mesmos refletirdes, achareis que a sua afirmativa está justificada por toda a história. Disto tendes um último exemplo na Revolução francesa, predita de todos os lados e da maneira mais incontestável.

Mas para retornar ao ponto de que parti, acreditai que ao século de Virgílio faltavam bons espíritos que zombavam e "do grande ano, e do século de ouro, e da casta Lucine, e da augusta mãe, e do misterioso filho?" No entanto, tudo isto tinha ocorrido: "O filho, do alto do céu, estava prestes a descer." E podeis ver em vários escritos, principalmente nas notas que Pope juntou à sua tradução em versos do Pollion, que essa peça poderia passar por uma versão de Isaías. *Por que quereis que disto não seja o mesmo hoje? O universo está à espera. Como desprezaríamos esta grande persuasão; e com que direito condenaríamos os homens que, advertidos por esses sinais divinos, se entregam a santas pesquisas?*

Quereis uma nova prova daquilo que se prepara? Procurai nas ciências; considerai bem a marcha da química, da própria astronomia, e vereis onde elas nos conduzem. Creríeis, por exemplo, se disto não estivésseis advertidos, que Newton nos leva a Pitágoras, e que incessantemente será demonstrado que *os corpos celestes são movidos precisamente como os corpos humanos, por inteligências que lhes estão unidas, sem que se saiba como? No entanto, é o que está no ponto de se verificar, sem que haja logo algum meio de debater.* Esta doutrina, sem dúvida, poderá parecer paradoxal e mesmo ridícula, porque a opinião circundante o impõe; mas, *esperai que a afinidade natural da religião e da ciência as reúna na cabeça de um único homem de gênio; o aparecimento desse homem não poderia estar distante, e talvez mesmo já exista.* Aquele será famoso e porá fim ao século dezoito que dura sempre; porque os séculos intelectuais não se regem pelo calendário como os séculos propriamente ditos. *Então, as opiniões que nos parecem hoje ou bizarras ou insensatas, serão axiomas dos quais não será permitido duvidar, e se falará de nossa estupidez atual como falamos da superstição da idade média. Já mesmo a força das coisas constrangeu alguns sábios da escola material a fazerem concessões que os aproximam do Espírito.* E outros, não podendo impedir de pressentir essa tendência surda de uma opinião poderosa, tomam contra ela precauções que, talvez, fazem sobre os verdadeiros observadores mais impressão do que uma resistência direta. Daí a sua atenção escrupulosa para não empregar senão expressões materiais. Jamais se trata em seus escritos: senão de leis mecânicas, de princípios mecânicos, de astronomia física, etc. Não é porque não sintam muito bem que as teorias materiais não contentam de nenhum modo a inteligência, porque há alguma coisa evidente, para o espírito humano não preocupado, é que os movimentos do Universo não podem se explicar unicamente pelas leis mecânicas; mas é precisamente porque o sentem, que colocam, por assim dizer, palavras em guarda contra a verdade. *Não se quer confessá-lo, mas não se é mais detido senão pelo compromisso ou por respeito humano.* Os sábios europeus são, neste momento, espécies de conjurados ou de iniciados, como vos agrade chamar, que fizeram da ciência uma espécie de monopólio, e que não querem absolutamente que se saiba mais ou de outro modo que eles. Mas essa ciência será incessantemente infamada por uma posteridade iluminada que acusará justamente os adeptos de hoje de não terem sabido tirar, das verdades que Deus lhes tinha entregue, as conseqüências mais preciosas para o homem. *Então, toda a ciência mudará de face; o espírito por muito tempo destronado retomará o seu lugar.*

Será demonstrado que as tradições antigas são todas verdadeiras; que o paganismo inteiro não é senão um sistema de verdades corrompidas e deslocadas; que basta limpá-las, por assim dizer, e remetê-las ao seu lugar, para vê-las brilhar com todos os seus raios. Em uma palavra, todas as idéias mudarão; e uma vez que, de todos os lados, uma multidão de eleitos exclamará concorde: "Vinde, Senhor, vinde!" porque censuraríeis esses homens que se lançam nesse futuro majestoso e se glorificam por adivinhá-lo. Como os poetas que, até nos tempos de fraqueza e de decrepitude, apresentam ainda

alguns pálidos clarões do espírito profético, os *homens espiritualizados sentem algumas vezes movimentos de entusiasmo e inspiração que os transportam para o futuro, e lhes permitem pressentir os acontecimentos que o tempo amadurece na distância.*

Lembrai-vos, senhor conde, o elogio que me dirigistes sobre a minha erudição a respeito do número três. Este número, com efeito, se mostra de todos os lados, no mundo físico como no mundo moral, e em todas as coisas divinas. Deus falou uma primeira vez aos homens sobre o monte Sinai, e esta revelação foi restringida, por razões que ignoramos, nos limites estreitos de um único povo e de um único país. Depois de quinze séculos, uma segunda revelação se dirige a todos os homens sem distinção, e é a da qual gozamos. Mas a universalidade de sua ação deveria ser ainda infinitamente restringida pelas circunstâncias de tempo e de lugar. Quinze séculos a mais deveriam se escoar antes que a América visse a luz, e suas vastas regiões escondem ainda uma multidão de hordas selvagens tão estranhas ao grande benefício, que se seria levado a crer que elas dele são excluídas por natureza em virtude de algum anátema primitivo inexplicável. Só o grande Lama tem mais súditos espirituais do que o papa; a Bengala tem sessenta milhões de habitantes, a China tem duzentos milhões deles, o Japão vinte e cinco ou trinta. Contemplai esses arquipélagos do grande Oceano que formam hoje uma quinta parte do mundo. Vossos missionários, sem dúvida, fizeram esforços maravilhosos para anunciar o Evangelho em algumas dessas regiões longínquas, mas vede com que sucesso. Quantas miríades de homens que a boa nova jamais alcançará! A cimitarra do filho de Ismael não expulsou inteiramente o Cristianismo da África e da Ásia? E, em nossa Europa, que espetáculo se oferece ao olhar religioso!.....

Contemplai este quadro lúgubre; juntai nele à espera dos homens escolhidos, e vereis se os iluminados erraram ao considerar como *mais ou menos próxima uma terceira explosão da toda-poderosa bondade em favor do gênero humano.* Eu não terminaria se quisesse juntar todas as provas que se reunissem para justificar esta grande espera. Ainda uma vez, não censureis as pessoas que dela se ocupam que vêem, na própria revelação, razões de prever *uma revelação da revelação.* Chamai, se o quiserdes, estes homens iluminados, estarei inteiramente de acordo convosco, tendo em vista que pronunciais este nome seriamente.

Tudo anuncia, e vossas próprias observações o demonstram, *eu não sei que grande unidade para a qual caminhamos a grande passo.* Não podeis, pois, sem vos pôr em contradição consigo mesmo, condenar aqueles que saúdam de longe essa unidade, e que tentam, segundo suas forças, penetrar os mistérios tão temíveis, sem dúvida, mas, ao mesmo tempo, tão consoladores para nós.

E não dizeis que *tudo está dito, que tudo está revelado,* e que não nos é permitido esperar nada de novo. Sem dúvida, nada nos falta para a salvação; mas, *da parte dos conhecimentos divinos, nos falta muito; e, quanto às manifestações futuras, tenho, como vedes, mil razões para esperá-las, ao passo que não tendes nenhuma para me provar o contrário.* O hebreu que cumpria a lei não estava em segurança de confiança? Eu vos citaria, se fosse preciso, não sei quantas passagens da bíblia que prometem ao sacrifício judaico e ao trono de Davi uma duração igual à do sol. O judeu, *que disso tinha a aparência,* tinha toda a razão, até o acontecimento, de crer no reino temporal do Messias; todavia, se enganava, como se viu depois; mas sabemos o que espera a nós mesmos? Deus estará conosco até a consumação dos séculos; as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja, etc.; muito bem! Disto resulta, eu vos peço, que *Deus proibiu toda manifestação nova,* e que não lhe é mais permitido nos ensinar nada além do que sabemos? isto seria, é preciso confessá-lo, um estranho raciocínio.

Uma nova efusão do Espírito Santo estando doravante na classe das coisas mais razoavelmente esperadas, é preciso que os pregadores desse dom novo possam citar as Escrituras santas a todos os povos. Os apóstolos não são tradutores; eles têm muitas outras ocupações; mas a Sociedade bíblica, instrumento cego da Providência, prepara

suas diferentes versões que *os verdadeiros enviados explicarão um dia em virtude de uma missão legítima,* nova ou primitiva, não importa! que expulsará a dúvida da cidade de Deus; *e é assim que os terríveis inimigos da unidade trabalham para estabelecê-la.*

Nota. - Estas palavras são tanto mais notáveis quanto elas emanam de um homem de um mérito incontestável como escritor, e que é tido em grande estima no mundo religioso. Talvez nelas não se tenha visto tudo o que encerram, mas elas são um protesto evidente contra o absolutismo e o exclusivismo estreito de certas doutrinas. Elas denotam no autor uma amplitude de visão que frisam a independência filosófica. A ortodoxia foi muitas vezes escandalizada por menos. As passagens sublinhadas são bastante explícitas para que seja supérfluo comentá-las; os Espíritas, sobretudo, lhe compreenderão facilmente a importância. Seria impossível não ver-lhe a previsão das coisas que se passam hoje e daquelas que o futuro reserva à Humanidade, tanto essas palavras têm relação com o estado atual, e com o que os Espíritos anunciam por toda a parte.

COMUNICAÇÃO DE JOSEPHDEMAISTRE.

(Sociedade de Paris, 22 de março de 1867. Méd. Sr. Desliens.)

Pergunta. Segundo os pensamentos contidos nos fragmentos que acabaram de ser lidos, pareceis ter sido animado, vós mesmo, do espírito profético do qual falais, e que descreveis tão bem. Meio século apenas nos separa da época em que escrevestes essas linhas notáveis, que já vemos as nossas previsões se realizarem. Talvez não seja no ponto de vista exclusivo em que colocastes, então, vossas crenças, mas, certamente, tudo nos mostra como iminente e em vias de se cumprir, a grande revolução moral que pressentistes e que as idéias novas preparam. O que dissestes tem uma relação tão evidente com o Espiritismo, que podemos, com toda a razão, vos considerar como um dos profetas de seu advento. Sem dúvida que a Providência vos colocou no meio em que, pelo próprio fato de vossos princípios, as vossas palavras deveriam ter mais autoridade. Foram elas compreendidas pelo vosso partido? Este *as* compreende ainda agora? É permitido disto duvidar.

Hoje que podeis encarar as coisas de maneira mais ampla, e abarcar mais vastos horizontes, ficaríamos felizes em ter a vossa apreciação atual sobre o *espírito profético,* e sobre a parte que deve ter o Espiritismo no movimento regenerador.

Além disto ficaríamos muito honrados se pudéssemos contar convosco, doravante, em nome dos bons Espíritos que querem muito concorrer para *a* nossa instrução.

Resposta. - Senhores, se bem que não seja a primeira vez que me encontro entre vós, como aqui me introduzi oficialmente hoje, vos pedirei aceitar os meus agradecimentos pelas palavras benevolentes que consentistes em pronunciar em minha intenção, e receber as minhas felicitações pela sinceridade e o devotamento que presidem os vossos trabalhos.

O amor da verdade foi o meu único guia, e se fui quando vivo o partidário de uma seita que se aprendeu a julgar com severidade, é que eu acreditava encontrar nela os elementos, a força de ação necessários para chegar ao conhecimento desta verdade que eu suspeitava. - Vi a terra prometida, mas não pude nela penetrar quando vivo. Mais felizes do que eu, senhores, aproveitai o favor que vos é concedido por vossa boa vontade, melhorando vosso coração e vosso espírito, e fazendo partilhar vossa felicidade a todos aqueles de vossos irmãos em humanidade, que não opuseram à vossa propaganda senão a reserva natural a cada homem colocado em face do desconhecido.

Como eles, teria querido raciocinar vossa crença antes de aceitá-la, mas não a teria difamado, por bizarros que sejam seus meios de manifestação, pela única razão de que ela poderia prejudicar os meus interesses ou que me agradasse com ela agir assim.

Pudestes disto vos convencer, eu estava com o clero, adepto da moral do Evangelho, mas, eu não estava com ele, partidário da imutabilidade do ensino e da impossibilidade de novas manifestações da vontade divina. Penetrado das santas Escrituras que li, reli e comentei, a letra e o Espírito me faziam prever o advento novo. Disto agradeço a Deus, porque era feliz em esperança, por mim que sentia intuitivamente que participaria da felicidade de conhecer as novas verdades, em qualquer lugar que fosse; por meus irmãos em humanidade que veriam se dissipar as trevas da ignorância e do erro diante de uma evidência irrecusável.

O Espírito profético abrasa o mundo inteiro com seus eflúvios regeneradores. - Na Europa, como na América, na Ásia, por toda a parte, entre os católicos como entre os muçulmanos, em todos os países, em todos os climas, em todas as seitas religiosas, a nova revelação se infiltra, com a criança que nasce, com o jovem que se desenvolve, com a velhice que se vai. - Uns chegam com os materiais necessários para a edificação da obra; outros aspiram a um mundo que lhes revelará os mistérios que o pressentem. - E, se a perseguição moral vos dobra sob o seu jugo, se o interesse material, a posição social detêm alguns dos filhos do Espírito, em sua marcha ascendente, aqueles serão os mártires do pensamento, cujos suores intelectuais fecundarão o ensino, e prepararão as gerações do futuro para uma vida nova.

O Espiritismo, na França, se manifesta sobre um outro nome na Ásia. Há agentes nas diferentes nuanças da religião católica, como os há entre os sectários da religião muçulmana. - Naquele lugar, a revelação, num grau inferior de desenvolvimento, é afogada no sangue; mas, ela não persegue menos a sua marcha, e as suas ramificações cercam o mundo numa vasta rede, cujas malhas vão se apertando à medida que o elemento regenerador se revela mais. - Os católicos, os protestantes, procurando fazer penetrar a nova crença entre os filhos do Islã, teriam encontrado obstáculos insuperáveis, e muitos raros adeptos teriam vindo se alinhar sob a sua bandeira.

O espírito profético ali tomou uma outra forma; assimilou sua linguagem, suas instruções, às formas materiais e aos pensamentos íntimos daqueles aos quais se dirigia. - Bendizei nisto a Providência que vê melhor que vós como e porque ela deve conduzir o movimento que impulsiona os mundos para o infinito.

A aspiração a novos conhecimentos está no ar que se respira, no livro que se escreve, no quadro que se pinta; a idéia se imprime sobre o mármore do estatuário, como sob a penado historiador, e tal, que seria espantoso estar alinhada entre os Espíritas, é um instrumento do Todo-Poderoso para a edificação do Espiritismo.

Interrompo esta comunicação que se torna fatigante para o médium que não está habituado ao meu influxo fluídico. Continuá-la-ei uma outra vez, e virei, uma vez que tal é o vosso desejo, trazer a minha parte de ação aos vossos trabalhos, não me contentando mais de a eles assistir, testemunha invisível, ou inspirador desconhecido, como já o fiz muitas vezes.

J.DEMAISTRE.

A LIGA DO ENSINO.

2- Artigo.

(Ver o n° precedente, página 79.)

A propósito do artigo que publicamos sobre a liga do ensino, recebemos do Sr. Mace, seu fundador, a carta seguinte, que nos fazemos um dever publicar. Se expusemos os motivos sobre os quais nós apoiamos a opinião restritiva que emitimos, é de toda eqüidade mostrar as explicações do autor.

Beblenheim, 5 de março de 1867.

Senhor,

O Sr. Ed. Vauchez me comunicou o que dissestes da *liga do ensino, na Revista Espírita, e* tomo a liberdade de vos dirigir, não uma resposta para publicar em vossa *Revista,* mas algumas explicações pessoais sobre o objetivo que persigo, e *o plano que* levantei. Ficaria feliz se elas pudessem dissipar os escrúpulos que vos detêm, e vos ligar a um projeto que, pelo menos em meu espírito, não é vago quanto nele vistes.

Trata-se de agrupar, em cada localidade, todos aqueles que se sentem prontos a fazer atos de cidadãos contribuindo *pessoalmente* para o desenvolvimento da instrução pública ao seu redor. Cada grupo terá, necessariamente, de fazer seu próprio programa, a medida de sua ação sendo, necessariamente, determinada por seus meios de ação. Lá, ser-me-ia muito impossível de nada precisar; mas a *natureza* dessa ação, o ponto capital, eu o precisei da maneira mais clara e mais limpa: Fazer da instrução pública pura e simples, fora de toda preocupação de seita e de partido; está aí um primeiro artigo uniforme, escrito antecipadamente na cabeça de todos os prospectos; lá estará a sua unidade moral. Todo círculo que viesse a infringi-lo sairia de pleno direito da liga.

Sois, disto não saberia duvidar, muito leal para não convir que não teria lugar depois disso para nenhuma decepção quando se viesse à execução. Não poderia nela haver frustrados senão aqueles que teriam entrado na liga com a esperança secreta de fazê-la servir ao triunfo de uma opinião particular: eles estão prevenidos.

Quanto às intenções que poderia o autor ter do próprio projeto e à confiança que convém lhe conceder, permiti-me de nisto me prender a resposta que eu já dei uma vez a uma suspeita nos *Annales du travail, e* do qual vos peço querer ter conhecimento. Ela se dirige a uma dúvida sobre as minhas tendências liberais; ela pode se dirigir muito bem às dúvidas que poderiam se levantar em outros espíritos sobre a lealdade de minha declaração de neutralidade.

Ouso esperar, senhor, que estas explicações vos pareceram suficientemente f ranças para modificar a vossa primeira impressão, e que achareis bom, se assim o é, de dize-lo aos vossos leitores. Todo bom cidadão deve o apoio de sua influência pessoal ao que reconhece útil, e me sinto tão convencido da utilidade de nosso projeto da Liga, que me parece impossível que ela possa escapar a um espírito tão experimentado quanto o vosso.

Recebei, senhor, minhas muito cordiais e fraternas saudações;

JEAN MACE.

A estacaria, o Sr. Mace quis juntar o n^{o} dos *Annales du travail,* onde se encontra a resposta mencionada acima, e que reproduzimos integralmente.

Beblenheim, 4 de janeiro de 1867.

Senhor redator,

A objeção que fizestes relativamente a uma modificação possível de minhas idéias liberais, e consequentemente, ao perigo possível também, de uma direção má dada ao ensino da Liga, essa objeção me parece aflitiva, e vos peço a permissão de responder àqueles que vo-la fizeram, não pelo que me concerne, -julgo-o inútil, - mas em honra de minha idéia que não compreenderam. A Liga nada ensina, e não terá direção a dar; é, pois, supérfluo se inquietar desde o presente com as opiniões mais ou menos liberais daquele que procura fundá-la.

Apelo a todos aqueles que tomam de coração o desenvolvimento da instrução em seu país e que desejam nela trabalhar, seja sobre os outros, ensinando, seja sobre si mesmos, aprendendo. Eu os convido a se associarem sobre todos os pontos do território; a fazer ato de cidadãos, combatendo a ignorância, e de sua bolsa, e de sua pessoa, o que vale ainda mais; a importunar homem a homem, os maus pais que não enviam seus filhos à escola; afazer vergonha aos camaradas que não sabem nem ler, nem escrever, e a lembrá-los que é sempre tempo; se for preciso, colocar-lhes o livro e a pena à mão, improvisando professores, cada um daquilo que sabe; a criar cursos e bibliotecas, em prover todos ignorantes que desejarem cessar de sê-lo; a formar, enfim, por toda a França, um único feixe para se prestar um mútuo apoio contra as influências inimigas, - os há deles, infelizmente, de uma elevação, considerados perigosos, no nível intelectual do povo.

Que tudo isto venha a se fazer, em que, se vos apraz, e em qual sentido inquietante esse movimento universal poderia ser dirigido não importa por quem? Que se organize, por exemplo, em Paris, entre obreiros, as *Sociedades de cultura intelectual,* como as que existem por centenas nas cidades da Alemanha, e da qual o Sr. Edouard Pfeiffer, o presidente da associação de instrução popular de Wurtemberg, explicou o funcionamento de maneira tão interessante no n[s] da *Cooperação,* de 30 de setembro último, que no subúrbio de Saint-Antoine, no quarteirão do Templo, em Montmartre, nos Batignolles, grupos de trabalhadores, entrados na *Liga,* se entende em conjunto para se darem, em certos dias, noitadas de instrução com professores de boa vontade, ou mesmo retribuídos, por que não? os obreiros ingleses e alemães não se recusam *a* esse luxo, - eu gostaria muito de saber o que virão fazer lá as doutrinas de um professor de senhoritas que dá sua classe em Beblenheim, e que não tem nenhuma inveja de mudar de alunos. - É que aquelas pessoas não estarão entre eles? É que não terão permissões para se perguntar?

Não é que me proíbo ter uma doutrina em matéria de ensino popular. Seguramente, tenho uma; eu não me teria permitido, sem isto, de me colocar com a minha própria autoridade, na cabeça de um movimento como este. Hei-la tal como venho de formulá-la no *Annuaire de 1'association,* de 1867. É a própria negação de toda direção "em tal sentido mais que em outro" para me servir da expressão daqueles que não estão inteiramente seguros de mim, e me declaro pronto *a* colocar ao seu serviço tudo o que eu possa ter de autoridade pessoal, - não temo disso falar porque tenho consciência de tê-lo legalmente ganho:

"Anunciar o ignorante *num sentido ou num outro* não adianta em nada e não o adianta. Ele permanece em seguida à mercê das pregações contrárias, e delas não sabe pouco mais lento do que antes. Que ela aprenda o que sabem aqueles que o pregam, é coisa diferente; estará no estado dele mesmo pregar, e aqueles que temam que seja para si mesmo um mau pregador podem se tranqüilizar antecipadamente. A instrução não tem duas maneiras de agir sobre aqueles que a possuem. Se dela se encontram bem por sua conta, por que não prestaria o mesmo serviço aos outros?"

Se vossos correspondentes "de fora" conhecem o modo mais liberal de entender a questão do ensino popular, que consintam em me ensiná-lo. Eu não o conheço.

JEANMACÉ.

P.-S. Vós me pedis para responder a uma pergunta que vos foi feita sobre o destino futuro das somas subscritas para a *Liga.*

Uma subscrição aberta presentemente está destinada a cobrir as despesas de propaganda do projeto. Em cada boletim publicarei, como acabo de fazê-lo no primeiro, o estado das receitas e das despesas, e darei minhas contas, com peças de apoio, à comissão que será nomeada para este efeito, na primeira assembléia geral.

Quando a Liga for constituída, o emprego das cotizações anuais deverá estar determinado - pelo menos é minha opinião - no seio dos grupos aderentes que se formem. Cada grupo fixará ele mesmo a parte que lhe conviria distribuir ao fundo geral de propaganda da obra, onde iriam igualmente as cotizações dos aderentes que se julgassem no propósito de se iniciar num grupo especial.

REFLEXÕES SOBRE AS CARTAS PRECEDENTES.

Isto prende-se, sem dúvida, à falta de perspicácia de nossa inteligência, mas confessamos, com toda a humildade, não ser mais esclarecidos do que antes; diremos mesmo que as explicações acima vêm confirmara nossa opinião. Nos havia sido dito que o autor do projeto tinha um programa bem definido, mas que se reservava fazê-lo conhecer quando as adesões fossem suficientes. Esta maneira de proceder não nos pareceu nem lógica, nem prática, porque não se pode racionalmente aderir ao que não se conhece; ora, a carta que o Sr. Mace consentiu nos escrever, não dá de nenhum modo a entender que isto seja assim; ela diz ao contrário: *"Cada grupo terá necessariamente de fazer ele mesmo seu programa,* o que significa que o autor não tem um que lhe seja pessoal. Disto resulta que, se houver mil grupos, pode ali ter mil programas; é a porta aberta à anarquia dos sistemas.

Ele acrescenta, é verdade, que o ponto capital será precisado da maneira *mais clara e mais limpa* pela indicação do objetivo que é de: "Fazer da instrução pura e simples fora de toda preocupação de seita e de partido." O objetivo é louvável, sem dúvida, mas não vemos nele senão uma boa intenção, e não a precisão indispensável nas coisas práticas.

"Todo círculo, acrescenta ele, que viesse a infringi-lo sairia de pleno direito da Liga." Está aí a medida combinatória; pois bem! esses círculos com ela estarão quites para sair da Liga, e para formar outras delas ao lado, sem crer desmerecido em que quer que seja; eis, pois, a Liga principal rompida desde seu princípio, por falta de uma unidade de vista e de conjunto. O objetivo indicado é tão geral que se presta a uma falta de aplicações muito contraditórias, e que, cada um a interpretando segundo suas opiniões pessoais, crera estar na verdade. Aliás, onde está a autoridade que pode legalmente pronunciar essa exclusão? Dela não há; não há nenhum centro regulador tendo qualidade para apreciar ou controlar os programas individuais que se afastassem do plano geral. Tendo cada grupo sua própria autoridade, e seu centro de ação, é o único juiz do que faz; em tais condições, cremos num acordo impossível.

Não vemos, até aqui, nesse projeto, senão uma idéia geral; ora, uma idéia não é um programa. Um programa é uma linha traçada da qual não se pode afastar conscientemente, um plano combinado nos mais minuciosos detalhes, e que não deixa nada ao arbítrio, onde todas as dificuldades de execução estão previstas, onde os caminhos e os meios estão indicados. O melhor programa é aquele que deixa o menos possível ao imprevisto.

"Era-me bem impossível algo precisar, disse o autor, uma vez que a medida de ação de cada grupo será necessariamente determinada por seus meios de ação;" em outros termos, pelos recursos materiais dos quais poderá dispor. Mas não está lá uma razão. Todos os dias se fazem planos, elaboram-se projetos, subordinados aos meios eventuais de execução; é somente vendo um plano, que o público se decide a ele se associar segundo lhe compreenda a utilidade e nele veja os elementos de sucesso.

O que precisaria ter sido feito antes de tudo, teria sido de assinalar com precisão as lacunas do ensino que se propõe a preencher, as necessidades às quais se quer prover; dizer: se se entendia favorecer a gratuidade do ensino retribuindo ou indenizando os professores e as professoras; fundar escolas onde não as há; suprir a insuficiência do

material de instrução nas escolas muito pobres para deles se proverem; forneceres livros às crianças que não podem se proporcioná-los: instituir prêmios de encorajamento para os alunos e os professores; criar cursos de adultos; pagar homens de talento para irem. como missionários, fazer conferências instrutivas nos campos, e destruir as idéias supersticiosas com a ajuda da ciência; definir o objeto e o espírito desses cursos e dessas conferências, etc., estas coisas ou outras. Só então o objetivo teria sido nitidamente especificado. Depois, poder-se-ia dizer: "Para atingi-lo, são necessários recursos materiais; apelamos aos homens de boa vontade, aos amigos do progresso, àqueles que simpatizam com nossas idéias; que formem comissões por departamentos, circunscrições, cantões ou comunas, encarregadas de receber as subscrições. Não haveria caixa geral e central, cada comissão teria a sua da qual dirigiria o emprego segundo programa traçado, em *razão* dos recursos dos quais poderia dispor; se recolhe muito, fará muito, se recolhe pouco, fará menos. Mas haverá uma comissão diretora, encarregada de centralizar as informações, de transmitires avisos e as instruções necessárias, de resolver as dificuldades que poderiam surgir, de imprimir ao conjunto a marca de unidade, sem a qual a *liga* seria uma palavra vã. Uma *liga* se entende de uma associação de indivíduos caminhando de comum acordo e solidariamente para a realização de um objetivo determinado; ora, desde o instante que cada um pode entender esse objetivo à sua maneira, e agir à sua vontade, não há mais nem liga, nem associação.

Não se trata somente aqui de um objetivo a alcançar; desde o instante que sua realização repousa sobre capitais a recolher por via de subscrições, há combinações financeiras; a parte econômica do projeto não pode ser deixada ao capricho dos indivíduos, nem ao acaso dos acontecimentos, sob pena de periclitar; ela pede uma elaboração preliminar séria, um plano concebido com previdência em previsão de todas as eventualidades.

Um ponto essencial no qual parece não se ter pensado, é este: O objetivo que se propõe sendo *permanente,* e não temporário como quando se trata de um infortúnio a aliviar, ou de um monumento a elevar, exige *recursos permanentes.* A experiência provando que não se pode jamais contar sobre subscrições voluntárias regulares e perpétuas, operando-se diretamente com o produto das subscrições, esse produto seria logo absorvido. Querendo-se que a operação não seja detida em sua própria fonte, é preciso constituir uma renda para não viver sobre seu capital; conseqüentemente, capitalizar as subscrições da maneira mais segura e mais produtiva. Como? com que garantia e sob qual controle? Eis o que todo projeto, repousando sobre um movimento de capitais, antes de tudo, deve prever e determinar antes de nada encaixar, como deve igualmente determinar o emprego e a repartição dos fundos pagos por antecipação, no caso em que, por uma causa qualquer, não lhe seria dada seqüência. Por sua natureza, o projeto comporta uma parte econômica, tanto mais importante quanto é dela que depende seu futuro, e que aqui falta totalmente.

Suponhamos que antes do estabelecimento das sociedades de seguro, um homem tivesse dito: "Os incêndios fazem diariamente devastações; pensei que, em se associando, em se cotizando, poder-se-ia atenuar os efeitos do flagelo; como? eu o ignoro; subscrevei primeiro, e avisaremos em seguida; procurareis vós mesmo o meio que vos convenha melhor, e tratareis de vos entender" sem dúvida, a idéia teria sorrido a muitos; mas quando se estivesse posto à obra, quantas dificuldades práticas não seriam discordantes por falta de ter havido uma base preliminarmente elaborada! Parece-nos que o caso aqui é quase o mesmo.

A carta publicada *nos Annalis du travail, e* reportada acima, não elucida mais a questão; ela confirma que o plano e a execução do projeto são deixados ao arbítrio e à iniciativa dos subscritores; ora, quando a iniciativa é deixada a todo o mundo, ninguém a toma. Aliás, se os homens têm bastante julgamento para apreciar se o que se lhes

oferece é bom ou mal, todos não estão aptos a elaborar uma idéia, sobretudo quando ela abarca um campo tão vasto quanto este. Essa elaboração é o complemento indispensável da idéia primeira. Uma liga é um corpo organizado que deve ter um regulamento, estatutos, para caminhar em conjunto, se ela quer chegar a um resultado. Se o Sr. Mace tivesse estabelecido os estatutos, mesmo provisórios, com a condição de submetê-los mais tarde à aprovação dos subscritores que estariam livres para modificá-los, assim como isto se pratica em todas as associações, ele teria dado um corpo à Liga, um ponto de união, ao passo que ela não tem nem um nem o outro. Dizemos mesmo que ela não tem bandeira, uma vez que está dito na carta pre citada: *A liga não ensina nada e não terá direção a dar; portanto, é supérfluo se inquietar, desde o presente, com opiniões mais ou menos liberais daquele que procura fundá-la.* Conceberíamos este raciocínio se se tratasse de uma operação industrial; mas numa questão tão delicada quanto o ensino, que é encarado em pontos de vista tão controversos, que toca os mais graves interesses da ordem social, não compreendemos que possa ser feita abstração da opinião daquele que, a título de fundador, deve ser a alma do empreendimento. Aquela afirmativa é um erro lamentável.

Do vago que reina na economia do projeto, resulta que, em subscrevendo, ninguém sabe a que e para que se alista, uma vez que não sabe que direção tomará o grupo do qual fará parte; que se encontrará mesmo subscritores que não fazem parte de nenhum grupo. A organização desses grupos não está mesmo determinada; suas circunscrições, suas atribuições, sua esfera de atividade, tudo é deixado no desconhecido. Ninguém tem qualidade para convocá-los; contrariamente ao que se pratica em semelhante caso, nenhuma comissão de fiscalização foi instituída para regular e controlar o emprego dos fundos dados por antecipação e que servem para pagar as despesas de propaganda da idéia. Uma vez que há despesas gerais pagas com os fundos dos subscritores, seria preciso que estes últimos soubessem em que elas consistem. O autor quer lhes deixar toda latitude para se organizarem como entenderem; não quer ser senão o promotor da idéia; seja, e longe de nós o pensamento de levantar contra a sua pessoa a menor suspeita de desconfiança; mas dizemos que para a marcha regular de uma operação desse gênero e para assegurar seu sucesso, há medidas preliminares indispensáveis que foram totalmente negligenciadas, o que vemos com pesar, no próprio interesse da coisa; se é de propósito, acreditamos o pensamento mal fundado; se é esquecimento, é deplorável.

Não temos qualidade para dar nenhum conselho nesta questão, mas eis geralmente como se procede em semelhante caso.

Quando o autor de um projeto que necessita de um apelo à confiança do público, não quer assumir sozinho sobre ele a responsabilidade da execução, e também no objetivo de se cercar de mais luzes, ele reúne primeiro ao redor de si um certo número de pessoas cujos nomes são uma recomendação, que se associam à sua idéia e a elaboram com ele. Estas pessoas constituem uma primeira comissão, seja consultiva, seja cooperativa, provisória até a constituição definitiva da operação e a nomeação de um conselho permanente de vigilância pelos interesses. Essa comissão é para estes últimos uma garantia pelo controle que exerce sobre as primeiras operações das quais está encarregado de dar conta, assim como das primeiras despesas. Além disto, é um apoio e uma descarga de responsabilidade para o fundador. Este, falando em seu nome, e se ajudando com o conselho de vários, haure, nessa autoridade coletiva, uma força moral sempre mais preponderante sobre a opinião das massas do que a autoridade de um só. Se se tivesse procedido assim para a Liga do ensino, e se este projeto tivesse sido apresentado nas formas usuais, e em condições mais práticas, os adeptos, sem nenhuma dúvida, teriam s ido mais numerosos, mas tal qual é, deixa muitos na indecisão, segundo a nossa opinião.

Embora esse projeto esteja entregue à publicidade, e, conseqüentemente, ao livre exame de todos, dele não teríamos falado, se a isto de alguma forma não tivéssemos sido constrangidos pelos pedidos que nos foram endereçados. Em princípio, sobre as coisas às quais, do nosso ponto de vista, não podemos dar uma inteira aprovação, preferimos guardar o silêncio, a fim de não lhe trazer nenhum entrave. Novas explicações nos tendo sido pedidas, a propósito de nosso último artigo, acreditamos necessário motivar nossa maneira de ver com mais precisão. Mas, ainda uma vez, não damos senão nossa opinião que não obriga a ninguém; estaríamos felizes de ser somente de nossa opinião, e que o acontecimento venha a provar que não nos enganamos. Associamo-nos de grande coração à idéia-mãe, mas não ao seu modo de execução.

MANIFESTAÇÕES ESPONTÂNEAS.

MOINHO DE VICQ-SUR-NAHON,

Sob o título *de: O diabo do moinho, o Moniteur de l'lndre, deie fevereiro* de 1867, contém o relato seguinte:

"O senhor Garnier, Francês, é fazendeiro e moleiro no burgo de Vicq-sur-Nahon. É, gostamos de pensá-lo, um homem pacífico, e, no entanto, depois do mês de setembro, seu moinho é o teatro de fatos miraculosos, próprios a fazer supor que o Diabo, ou ao menos um Espírito engraçado, ali fez escolha de domicílio. Por exemplo, parece fora de dúvida que, diabo ou Espírito, o autor dos fatos que vamos contar, gosta de dormir à noite, porque ele não *trabalha* senão de dia.

"Nosso Espírito gosta de brincar com os lençóis das camas. Ele os toma sem que ninguém disto se aperceba, transporta-os e vai escondê-los seja no vigamento, seja no forro, seja debaixo das réstias de feno. Ele transporta de uma estrebaria a uma outra os lençóis da cama do moço das estrebarias, e são encontrados mais de uma hora depois sob o feno ou na manjedoura. Para abrir as portas, o Espírito de Vicq-sur-Nahon não tem necessidade de chave. Um dia o senhor Garnier, em presença de seus domésticos, fechou com dupla volta a porta da padaria e colocou a chave em seu bolso, e, no entanto, essa porta se abre quase imediatamente sob os olhos de Garnier e de seus domésticos, sem que pudessem explicar como.

"Uma outra vez, em 1º de janeiro, - um modo inteiramente novo de desejar o bom ano a alguém, - um pouco antes da noite, a cama de penas, os lençóis, os cobertores de uma cama colocada num quarto foram levantados sem que a cama fosse desarrumada, e ser e encontram esses objetos no chão perto da porta do quarto. Garnier e os seus imaginam, então, na esperança de conjurar toda essa feitiçaria, de mudar as camas de quarto, o que com efeito ocorreu; operada a mudança os fatos diabólicos, que acabamos de contar, recomeçaram cada vez mais. Em diferentes repetições, um moço da estrebaria encontra aberto o cofre onde se guardam os bens, e estes espalhados na estrebaria.

"Mas eis duas circunstâncias onde se revelam toda a habilidade diabólica do Espírito. Entre os domésticos do senhor Garnier se encontra uma jovem de 13 anos, chamada Marie Richard. Um dia, esta criança, estando num quarto, viu, de repente, se endireitar sobre a cama um pequeno oratório, e todos os objetos colocados sobre o fogão, 4 vasos, 1 cristo, 3 copos, duas taças, em uma das quais estava a água benta, e uma pequena garrafa cheia também de água benta, irem, sucessivamente, como obedecendo à ordem de um ser invisível, tomando lugar sobre o altar improvisado. A porta do quarto estava entreaberta, e a mulher do irmão da pequena Richard perto da porta. Uma sombra *saiu* da capela, no dizer da pequena Richard, se aproximou da criança e a encarregou de convidar seus senhores a dar um pão bento e afazer dizer uma missa. A criança prometeu-o; durante nove dias *a* calma reinou no moinho; Garnier fez dizer a missa pelo

cura de Vicq, ofereceu um pão bento, e desde o dia seguinte, 15 de janeiro, os sortilégios recomeçaram.

"A chave das portas desapareceram; as portas que se deixou abertas se acham fechadas, e um serralheiro chamado para abrir a porta do moinho, não pôde ali chegar e se viu na necessidade de desmontar a fechadura. Estes últimos fatos se passaram a 29 de janeiro. No mesmo dia, pelo meio-dia, como as domésticas tomavam suas refeições, a jovem Richard toma um cântaro de bebida, se serve a beber, e o relógio do senhor Garnier, pendurado em um prego do fogão, caiu em seu copo. Recoloca-se o relógio no fogão; mas a jovem Richard, servindo-se de um prato servido sobre a mesa, conduz o relógio com sua colher. Pela terceira vez, pendura-se o relógio em seu lugar, e, pela terceira vez, a pequena Richard o encontra num pote que fervia diante do fogo, assim como uma pequena garrafa encerrando um medicamento, e do qual a rolha lhe salta aos olhos.

"Breve, o terror se apoderou dos habitantes do moinho; ninguém quis mais ficar na casa enfeitiçada. Enfim, Gamier tomou a decisão de prevenir o Sr. comissário de polícia de Valençay, que foi a Vicq, acompanhado de dois guardas civis. Mas o diabo não julgou conveniente se mostrara os agentes da autoridade. Somente estes aconselharam Garniera despedira jovem Richard, o que logo fez. Teria esta medida bastado para colocar o diabo em derrota? Esperemo-lo, para o repouso das pessoas do moinho." Num número posterior, o *Moniteurde l'Indre* contém o seguinte: "Contamos, em seu tempo, todas os sortilégios que se passaram no moinho de Vicq-sur-Nahon, do qual o senhor Garnier é locatário. Esses sortilégios, até o presente cômicos, começaram a girar para a tragédia. Depois das falsas, dos malabarismos, das cenas de prestidigitação, eis que o diabo recorre ao incêndio.

"Em 12 deste mês, duas tentativas de incêndio ocorreram quase simultaneamente, nas estrebarias do senhor Garnier. A primeira teve lugar pelas cinco horas da tarde. O fogo pegou na palha, ao pé da cama dos jovens moleiros. O segundo incêndio manifestou-se em torno de uma hora depois do primeiro, mas numa outra estrebaria. O fogo pegou igualmente ao pé de uma cama e na palha.

"Esses dois incêndios foram felizmente extintos pelo pai de Garnier, com a idade de oitenta anos, e seus domésticos, prevenidos pela chamada Marie Richard.

"Nossos leitores devem se lembrar de que essa jovem, com a idade de 14 anos, era a primeira sempre a perceber os sacrilégios que ocorriam no moinho, se bem que, pelos conselhos que lhe tinham dado, Garnier havia demitido de sua casa a jovem Richard. Quando os dois incêndios se manifestaram, esta jovem tinha retornado há quinze dias à casa do senhor Garnier. Foi ela ainda quem percebeu o primeiro dos dois incêndios de 12 de março.

"Depois das pesquisas feitas no moinho, as suspeitas caíram sobre dois domésticos.

"A família Garnier foi de tal modo atingida pelos acontecimentos dos quais seu moinho foi o teatro, que ela está persuadida de que o diabo, ou pelo menos algum Espírito malfazejo, elegeu domicílio em sua moral." Um de nossos amigos escreveu ao senhor Garnier, pedindo-lhe para saber se os fatos narrados pelo jornal eram reais ou contos feitos a prazer, e, em todos os casos, o que poderia ter de verdadeiro ou de exagero nesse relato.

O Sr. Garnier respondeu que tudo era de uma perfeita exatidão e conforme a declaração que ele mesmo tinha feito ao comissário de polícia de Valençay. Confirmou também os dois incêndios e acrescentou: O próprio jornal não contou tudo. Segundo sua carta, os fatos se produziam de quatro a cinco meses, e não foi senão, perdendo a paciência por sua repetição, sem poder descobrir-lhe o autor, que ele fez a sua declaração. Termina dizendo: "Eu não sei, senhor, com qual objetivo me pedis essas informações; mas, se tendes algum conhecimento daquelas coisas, eu vos peço para tomar parte em minhas dificuldades, porque vos asseguro que não estamos à vontade em

nossa casa. Se puderdes achar um meio de descobrir o autor de todos esses fatos escandalosos, prestar-nos-eis um grande serviço."

Um ponto importante a esclarecer era de saber qual podia ser a participação da jovem, seja voluntariamente por malícia, seja inconscientemente por sua influência. Sobre esta questão, o senhor Garnier disse que a criança não tendo estado fora da casas e não durante quinze dias, não pôde julgar o efeito de sua ausência; mas que não tinha nenhuma suspeita sobre ela, como maldade, não mais do que sobre os seus outros domésticos; que ela tinha quase sempre anunciado o que se passava fora de seu entendimento; que, assim, ela dissera várias vezes: "Eis que a cama se transtorna em tal quarto," e que nele entrando sem perdê-la de vista, achava-se o leito transtornado; que ela semelhantemente preveniu dos dois incêndios ocorridos depois de seu retorno.

Estes fatos, como se vê, pertencem ao mesmo gênero de fenômenos de Poitiers (Revista de fevereiro e março de 1864, páginas 47 e 78, - id., maio de 1865, página 134); de Marseille (abril de 1865, página 121); de Dieppe (março de 1860, página 76), e tantas outras que se podem *chamar manifestações barulhentas e perturbadoras.*

Faremos primeiro notar a diferença que existe entre o tom deste relato e o do jornal de Poitiers na ocasião do que se passou nesta cidade. Lembra-se do dilúvio de sarcasmos que fez chover a esse respeito aos Espíritas, e sua persistência em sustentar, contra a evidência, que isso não poderia ser senão a obra de maus gracejadores que não se tardaria a descobrir, e que, em definitivo, jamais foram descobertos. *O Moniteur deTIndre,* mais prudente, se limita a um relato que não é condimentado com nenhum gracejo deslocado, e que implique antes uma afirmação do que uma negação.

Uma outra observação é que os fatos deste gênero tiveram lugar bem antes que o Espiritismo fosse questão, e que depois quase sempre se passaram entre pessoas que não o conheciam nem mesmo de nome, o que exclui toda influência devida à crença e à imaginação. Se se acusasse os Espíritas de simularem estas manifestações com um objetivo de propaganda, perguntar-se-ia que poderiam elas produzir antes que não eram Espíritas.

Não conhecendo o que se passou no moinho de Vicq-sur-Nahon senão pelo relato que dele foi feito, nos limitamos a constatar aqui que nada se afasta do que o Espiritismo admite a possibilidade, nem das condições normais nas quais semelhantes fatos podem se produzir; e esses fatos se explicam por leis perfeitamente naturais, e, conseqüentemente, nada têm de maravilhoso. Soa ignorância dessas leis pôde, até este dia, fazê-los considerar como efeitos sobrenaturais, assim como o foi com quase todos os fenômenos dos quais a ciência mais tarde revelou as leis.

O que pode parecer mais extraordinário, e se explica menos facilmente, é o fato das portas abertas depois de terem sido cuidadosamente fechadas à chave. As manifestações modernas disto oferecem vários exemplos, um fato análogo se passou em Limoges, há alguns anos (Revista de agosto de 1860, página 249). Do fato de que o estado de nossos conhecimentos não nos permita deles dar ainda uma explicação concludente, isto não pre julgaria nada, porque estamos longe de conhecer todas as leis que regem o mundo invisível, todas as forças que este mundo encerra, todas as aplicações das leis que conhecemos. O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra, muito longe disto, não mais sobre as coisas físicas do que sobre as coisas espirituais. Muitas das descobertas serão o fruto de observações ulteriores. O Espiritismo não fez, de alguma sorte, até o presente, senão colocar os primeiros degraus de uma ciência cuja importância é desconhecida. Com a ajuda do que já descobriu, ele abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações numa ordem especial de idéias. Não procede senão por observações e deduções. Se um fato é constatado, se diz que ele deve ter uma causa, e que esta causa não pode ser senão natural, e então ele a procura. Na falta de uma demonstração categórica, pode dar uma hipótese, mas até a confirmação, não a dá senão

como hipótese, e não como verdade absoluta. A respeito do fenômeno das portas abertas, como o dos transportes através dos corpos rígidos, nisto está ainda reduzido a uma hipótese baseada sobre as propriedades fluídicas da matéria, muito imperfeitamente conhecidas, ou, dizendo melhor, que não são ainda senão suspeitadas. Se o fato em questão for confirmado pela experiência, ele deve ter, como o dissemos, uma causa natural; se se repete, é que não é uma exceção, mas a conseqüência de uma lei. A possibilidade da libertação de São Pedro em sua prisão, narrada nos Atos dos apóstolos, cap. XII, seria assim demonstrada sem que tivesse necessidade de se recorrer a um milagre.

De todos os efeitos medianímicos, as manifestações físicas são as mais fáceis de simular; também é preciso se guardar de aceitar muito levianamente como autênticos os fatos deste gênero, quer sejam espontâneos como os do moinho de Vicq-sur-Nahon, ou conscientemente provocados por um médium. A imitação não poderia, é verdade, ser senão grosseira e imperfeita, mas com a agilidade pode-se facilmente se enganar, como se o fez num tempo pela dupla vista, àqueles que não conheciam as condições nas quais os fenômenos reais podem se produzir. Vimos supostos médiuns, de uma rara habilidade, simular os transportes, a escrita direta e outros gêneros de manifestações.

É preciso, pois, não admitir senão conscientemente a intervenção dos Espíritos nessas espécies de coisas.

No caso do qual se trata, não afirmamos essa intervenção; limitamo-nos a dizer que ela é possível. Só os dois começos de incêndio poderiam fazer supor um ato humano, suscitado pela maldade que, sem dúvida, o futuro fará descobrir. No entanto, é bom notar que, graças à clarividência da jovem, suas conseqüências puderam ser prevenidas. Com exceção deste último fato, os outros não eram senão travessuras sem conseqüências deploráveis. Se são a obra dos Espíritos, não podem provir senão de Espíritos levianos, se divertindo com os medos e as impaciências que causam. Sabe-se que os há de todos os caracteres, como neste mundo. O melhor meio para se desembaraçar deles é de não se inquietar com eles, e cansar a sua paciência que jamais é de longa duração, quando vêem que deles não tomam nenhum cuidado, o que se lhes prova rindo eles mesmos de suas malícias e desafiando-os para que façam mais. O meio mais seguro de excitá-los a perseverar é de se atormentar e de se encolerizar contra eles. Pode-se ainda deles se desembaraçar evocando-os com a ajuda de um bom médium, e pedindo por eles; então, conversando com eles, pode-se saber o que são *e o* que querem, e fazê-los escutar a razão.

Essas espécies de manifestações têm, de resto, um resultado mais sério; o de propagar a idéia do mundo invisível que nos cerca; e de afirmar a sua ação sobre o mundo material. É por isto que elas se produzem de preferência entre pessoas estranhas ao Espiritismo, antes que entre os Espíritas, que delas não têm necessidade para se convencerem.

A fraude, em semelhante caso, algumas vezes podem não ser senão uma inocente brincadeira, ou um meio de se dar importância fazendo crer em uma faculdade que não se possui, ou que não se possui senão imperfeitamente; mas, o mais freqüentemente, ela tem por móvel um interesse patenteou dissimulado, e por objetivo explorar a confiança de pessoas muito crédulas ou inexperientes; é então uma verdadeira exploração. Seria supérfluo insistir para dizer que aqueles que se tornam culpados de mentiras desse gênero não fossem para isto solicitados senão pelo amor-próprio, não são Espíritas, quando mesmo se dêem portais. Os fenômenos reais têm um caráter *sui generis, e* se produzem em circunstâncias que desafiam toda suspeita. Um conhecimento completo desses caracteres e dessas circunstâncias podem facilmente fazer descobrir a fraude.

Se estas explicações vão ao conhecimento do senhor Garnier, nelas encontrará resposta à pergunta que fez em sua carta.

Um de nossos correspondentes nos transmite um relato, escrito por uma testemunha ocular, de manifestações análogas que ocorreram em janeiro último, no burgo de Basse-Indre (Loire-Inférieure). Elas têm consistido em pancadas com obstinação durante várias semanas, e que têm emocionado todos os habitantes de uma casa. Todas as pesquisas e as investigações da autoridade para descobrir-lhe a causa não chegaram a nada. De resto, esse fato não apresenta nenhuma particularidade muito notável, se não for senão, como todas as manifestações espontâneas, chamar a atenção sobre os fenômenos, espíritas.

Como fato de manifestações físicas, aquelas que se produzem assim espontaneamente, exercem sobre a opinião pública uma influência infinitamente maior do que os efeitos provocados diretamente por um médium, seja porque elas têm mais ressonância e notoriedade, seja porque elas dão menos presa à suspeita de charlatanismo e de prestidigitação.

Isto nos lembra um fato que se passou em Paris, no mês de maio do ano último. Ei-lo, tal como foi contado no tempo pelo *Petit Journal.*

MANIFESTAÇÕES DE MÉNILMONTANT.

"Um fato singular se renova freqüentemente no quarteirão Ménilmontant, sem que se tenha podido ainda explicar-lhe a causa.

"O Sr. X..., fabricante de bronzes, mora num pavilhão que se acha no fundo da casa; nele se entra pelo jardim. As oficinas estão à esquerda e a sala de jantar está à direita. Uma campainha está colocada acima da porta da sala de jantar; naturalmente, o cordão está na porta do jardim. A caminhada é bastante longa para que uma pessoa, tendo soado, não possa desaparecer antes que não se tenha vindo abrir.

"Várias vezes o contramestre, tendo ouvido a campainha, foi à porta e não viu ninguém. Acreditou-se, no início, numa mistificação; mas se achou bom ficar à espreita e se assegurar de que nenhum fio condutor chegasse à campainha, não se pôde nada descobrir, e o manejo continuava sempre. Um dia mesmo a campainha se agitou enquanto o Sr. eaSra. X... se achavam precisamente embaixo e um aprendiz estava na ala diante do cordão. Este fato se renovou três vezes na mesma noite. Acrescentamos que às vezes a campainha se agitava muito docemente, às vezes de maneira muito barulhenta.

"Há alguns dias, esse fenômeno tinha cessado, mas, anteontem, à noite, se renovou com mais persistência.

"A Sra. X... é uma mulher muito piedosa; é uma crença em seu país que os mortos vêm reclamar as preces dos parentes. Ela pensou em sua tia defunta e acreditou ter encontrado a explicação; mas preces, missas, novenas, nada adiantou; a campainha tilinta sempre.

"Um metalúrgico distinto, aquém o fato foi contado, pensou que era um fenômeno científico e que uma certa quantidade de água forte e de vitríolo, que se achava na oficina, poderia libertar uma força bastante grande para fazer mover o fio de ferro; mas esta substância tendo sido afastada, o fato não parou de se produzir.

"Não procuraremos explicá-lo, é o ofício dos sábios, diz la *Patrie,* que poderia bem se enganar. Estas espécies de mistérios se explicam, freqüentemente, por fim, sem que a ciência tenha ali constatado o menor fenômeno ainda desconhecido."

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

MISSÃO DA MULHER.

(Lyon, 6 de julho de 1866, grupo da Sra. Ducard, méd. Sra. B...)

Cada dia os acontecimento da vida vos trazem ensinamentos de natureza a vos servir de exemplo, e, no entanto, passais sem compreendê-los, sem tirar uma dedução útil das circunstâncias que os provocaram. No entanto, nessa união íntima da Terra e do espaço, dos Espíritos livres e dos Espíritos cativos, presos ao cumprimento de sua tarefa, há desses exemplos cuja lembrança deve perpetuar-se entre vós: é a paz proposta na guerra. Uma mulher cuja posição social atrai todos os olhos, para lá vai, humilde irmã de caridade, levar a todos o consolo de sua palavra, o afeto de seu coração, a carícia de seus olhos. Ela é imperatriz, sobre sua fronte brilha a coroa de diamantes e ela esquece a sua posição, esquece o perigo para acorrerão meio do sofrimento, dizer a todos: "Consolai-vos, eis-me! Não sofrais mais, eu vos falo; ficai sem inquietações, eu tomarei cuidado de vossos órfãos!... O perigo é iminente, o contágio está no ar, e, no entanto, ela passa, calma e radiosa, no meio desses leitos, onde pernoita a dor. Ela não calculou nada, nada teme, ela foi onde a chamava o seu coração, como a brisa vai refrescar as flores murchas e endireitar seu talos vacilantes.

É o exemplo de devotamento e de abnegação, quando os esplendores da vida deveriam engendrar o orgulho e o egoísmo, certamente, é um estímulo para as mulheres que sentem vibrar em si essa distinção de sentimento que Deus lhes deu para cumprirem sua tarefa; porque são principalmente encarregadas de difundir a consolação e sobretudo a conciliação. Não têm elas a graça e o sorriso, o encanto da voz e a doçura da alma? É a elas que Deus confia os primeiros passos de seus filhos; ele as escolheu como as nutrizes das doces criaturas que vão nascer.

Este Espírito rebelde e orgulhoso, cuja existência será uma luta constante contra a infelicidade, não vem lhes pedir para inculcar outras idéias do que aquelas que traz ao nascer? É para elas que estendem suas pequenas mãos, e sua voz, outrora rude e seus acentos, que vibram como um cobre, se abrandarão como um doce eco quando dirá: mamãe.

É a mulher que ele implora, esse doce querubim que vem ensinar a ler no livro da ciência; é para lhe agradar que fará todos os seus esforços para se instruir e se tornar útil à Humanidade. - É ainda para ela que estende as mãos, esse jovem que se afastou em sua rota, e que quer retornar ao bem; ele não ousaria implorar seu pai do qual teme a cólera, mas sua mãe, tão doce, tão generosa, não terá para ele senão esquecimento e perdão.

Não são elas as flores animadas da vida, os devotamentos inalteráveis, essas almas que Deus criou mulheres. Elas atraem e encantam. São chamadas à tentação, mas se deveria chamá-las à lembrança; porque sua imagem permanece gravada em caracteres inapagáveis no coração dos seus filhos, quando elas não estão mais; não é no presente que são apreciadas, é no passado, quando a morte as restitui a Deus. - Então seus filhos as procuram no espaço, como o marinheiro procura a estrela que deverá conduzi-lo ao porto. Elas são a esfera de atração, a bússola do Espírito permanecido sobre a Terra, e que espera reencontrá-las no céu. Elas são ainda a mão que conduz e sustenta, a alma que inspira e a voz que perdoa, e do mesmo modo que foram o anjo do lar terrestre, se tornam o anjo consolador que ensina a orar.

Oh! vós que fostes oprimidas sobre a Terra, mulheres que vos acreditastes as escravas do homem, porque estáveis submetida ao seu domínio, vosso reino não é deste mundo! Contentai-vos, pois, com a sorte que vos está reservada; continuai a vossa tarefa; permanecei as medianeiras entre o homem e Deus, e compreendei bem a influência de vossa intervenção. -Aquele é um Espírito ardente, impetuoso, e o sangue fervilha em suas veias; vai se impor, será injusto; mas Deus colocou a doçura em vossos olhos, acaricia em vossa voz; olhai-o, falai-lhe, a cólera se acalmará e a injustiça será afastada. Talvez tereis sofrido, mas tereis poupado uma falta ao vosso companheiro de caminho e a vossa tarefa se cumpre. Aquele, ainda, é infeliz, sofre, a fortuna o abandona, se crê um pária!...

Mas, há lá, um devotamento à prova, uma abnegação constante para levantar esse moral abatido, para restituir a esse Espírito a esperança que o tinha abandonado.

Mulheres, sois as companheiras inseparáveis do homem; formais com ele uma cadeia indissolúvel que a infelicidade não pode romper, que a ingratidão não deve manchar, e que não poderia se quebrar, porque o próprio Deus a formou, e. se bem que tendes às vezes na alma esses sombrios cuidados que acompanham a luta, regozijai-vos no entanto, porque nesse imenso trabalho da harmonia terrestre, Deus vos deu a mais bela parte.

Coragem, pois! Ó vós que viveis humildemente trabalhando para melhorar vosso interior, Deus vos sorri, porque vos deu essa amenidade que caracteriza a mulher; que elas sejam imperatrizes, irmãs de caridade, humildes trabalhadoras ou doces mães de família, são todas filiadas sob a mesma bandeira e levam escritas na fronte e no coração estas duas palavras mágicas que enchem a eternidade: Amor e caridade.

CÁRITA.

BIBLIOGRAFIA.

Mudança do título de Ia Vérité, de Lyon.

O jornal *Ia Vérité,* de Lyon, vem de mudar o seu título; *a* partir de 10 de março de 1867, ele toma o de *La tribune universelle, Journal de Ia libre conscience e de Ia libre pensée.* Ele o anuncia e lhe expõe os motivos na nota seguinte, inserta no número de 24 de fevereiro.

Aos nossos irmãos e irmãs espíritas.

Philaléthès, o combatente infatigável que conheceis, pensou dever vos informar que, doravante, ele dirigirá suas investigações para a filosofia geral e não mais somente para o Espiritismo, do qual, graças aos seus preconceitos, os sábios não querem mesmo ouvir o nome. Mas não seria preciso vos imaginar, caros irmãos e irmãs, que, levantando a etiqueta do saco, depois de fortemente indiferente, ele queira lançá-lo, não mais do que nós mesmos, o conteúdo às urtigas! No que nos concerne pessoalmente, ficaríamos desolados que nossos leitores pudessem suspeitar um único instante de desertar uma idéia para a qual dispensamos todas as forças vivas das quais éramos capazes. A idéia espírita faz hoje parte integrante de nosso ser, e nos arrancá-la seria consagrar à morte o nosso coração, o nosso espírito.

Se somos espíritas, todavia, é precisamente porque cremos sê-lo no verdadeiro sentido da palavra, queremos nos mostrar caridosos, tolerantes para com todos os sistemas opostos, e queremos correr para eles, uma vez que se recusam vir a nós.

A etiqueta de Espíritas, colada à nossa fronte é para vós um espantalho, senhores negadores? pois bem, consentimos de boa vontade arrancá-la, nos reservando colocá-la alto em nossas almas. Não nos chamaremos, pois, mais LA VÉRITÉ, *journaldu Spiritisme,* mas LATRIBUNE UNIVERSELLE, *journal de Ia libre conscience e de Ia livre pensée.* Este terreno é tão vasto quanto o mundo, e os sistemas de todas as espécies podem nele debater à sua vontade, riscar os passe de armas com os trânsfugas de *Ia Vérité,* que reclamarão para eles mesmos o direito concedido a todos: a discussão. É então que, inflamados pela luta, inspirados pela fé e guiados pela razão, esperamos fazer brilhar, aos olhos de nossos adversários, uma luz tão viva, que Deus e a imortalidade se erguerão diante deles, não mais como um horrendo fantasma, produto dos séculos de ignorância, mas como uma doce e suave visão onde repousará, enfim, a Humanidade inteira.

E. E.

CARTA DE UM ESPIRITISTA

(Carta de um Espírita)

Ao doutor Francisco de Paula Canalejas.

Brochura impressa em Madrid (1-(1) Imprensa de Manuel Galiano, Praça dos Ministérios, 3.), em língua espanhola, contendo os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, tirados de *O que é o Espiritismo,* com esta dedicatória:

"Ao senhor Allan Kardec, o primeiro que descreveu com método e coordenou com clareza os princípios filosóficos da nova escola, é dedicado este fraco trabalho, por seu devotado correligionário." Apesar dos entraves que as idéias novas encontram em seu país, o Espiritismo aqui encontra simpatias mais profundas do que se poderia supô-lo, principalmente nas classes elevadas, onde conta adeptos numerosos, fervorosos e devotados; porque lá, em fato de opiniões religiosas, os extremos se tocam e, como aliás por toda a parte, os excessos de uns produzem reações contrárias. Na antiga e poética mitologia, ter-se-ia feito do fanatismo o pai da incredulidade.

Felicitamos o autor deste opúsculo pelo seu zelo pela a propagação da Doutrina, e lhe agradecemos por sua graciosa dedicatória, assim como as boas palavras que acompanham o envio da brochura. Seus sentimentos e aqueles de seus irmãos em crença se refletem nestas frases características de sua carta: "Estamos prontos para tudo, mesmo para abaixara cabeça para receber o martírio, do mesmo modo que a levantamos muito alto para confessar a nossa fé."

ALLAN KARDEC.

// REVISTA ESPIRITA
JORNAL
DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO NO. 5 MAIO 1867

ATMOSFERA ESPIRITUAL.

O Espiritismo nos ensina que os Espíritos constituem a população invisível do globo, que estão no espaço e entre nós, nos vendo e nos acotovelando sem cessar, de tal sorte que, quando nos acreditamos sós, temos constantemente testemunhas secretas de nossas ações e de nossos pensamentos. Isto pode parecer incômodo para certas pessoas, mas uma vez que assim é, não se pode impedir que o seja; cabe a cada um fazer como o sábio que não tinha medo de que sua casa fosse de vidro. Sem dúvida nenhuma, é a esta causa que é preciso atribuir a revelação de tantas torpezas e más ações que se cria enterradas na sombra.

Além disso sabemos que, além dos assistentes corpóreos, há sempre ouvintes invisíveis; que sendo a permeabilidade uma das propriedades do organismo dos Espíritos, estes podem se encontrar em número ilimitado num espaço dado. Freqüentemente, nos foi dito que, em certas sessões, estavam em quantidades inumeráveis. Na explicação dada ao Sr. Bertrand a propósito das comunicações coletivas que obteve, foi dito que o número dos Espíritos presentes era tão grande, que a atmosfera estava, por assim dizer, *saturada* de seus fluidos. Isto não é novo para os Espíritas, mas não se deduziu disto talvez todas as conseqüências.

Sabe-se que os fluidos emanado dos Espíritos são mais ou menos salutares segundo o grau de sua depuração; conhece-se o seu poder curativo em certos casos, e também seus efeitos mórbidos de indivíduo a indivíduo. Ora, uma vez que o ar pode estar *saturado* desses fluidos, não é evidente que. segundo a natureza dos Espíritos que proliferam em um lugar determinado, o ar ambiente se acha carregado de elementos salutares ou malsãos, que devem exercer uma influência sobre a saúde física tão bem quando sobre a saúde moral? Quando se pensa na energia da ação que um Espírito pode exercer sobre um homem, pode-se admirar daquela que deve resultar de uma aglomeração de centenas ou de milhares de Espíritos? Esta ação será boa ou má conforme os Espíritos derramem no meio dado um fluido benfazejo ou malfazejo, agindo à maneira das emanações fortificantes ou dos miasmas deletérios, que se esparramam no ar. Assim podem se explicar certos efeitos coletivos produzidos sobre as massas de indivíduos, o sentimento de bem-estar ou de mal-estar que se sente em certos meios, e que não têm nenhuma causa aparente conhecida, o arrastamento coletivo para o bem ou o mal, os impulsos gerais, o entusiasmo ou o desencorajamento, por vezes espécie de vertigem que se apodera de toda uma assembléia, de todo um povo mesmo. Cada indivíduo, em razão do grau de sua sensibilidade, sofre a influência dessa atmosfera viciada ou vivificante. Por este fato, que parece fora de dúvida, e que confirmam, ao mesmo tempo, a teoria e a experiência, encontramos nas relações do mundo espiritual com o mundo corpóreo, um novo princípio de higiene que a ciência, sem dúvida um dia fará entrar em linha de conta. Podemos, pois, subtrair-nos a essas influências emanando

de uma fonte inacessível aos meios materiais? Sem nenhuma dúvida; porque do mesmo modo que saneamos os lugares insalubres destruindo-lhes a fonte dos miasmas pestilentos, podemos saneara atmosfera moral que nos cerca, subtraindo-nos às influências perniciosas dos fluidos espirituais malsãos, e isto mais facilmente do que não podemos escapar às exalações pantanosas, porque isto depende unicamente de nossa vontade, e ali não estará um dos menores benefícios do Espiritismo quando for universalmente compreendido e sobretudo praticado.

Um princípio perfeitamente averiguado por todo Espírita, é que as qualidades do fluido perispiritual estão em razão direta das qualidades do Espírito encarnado ou desencarnado; quanto mais seus sentimentos são elevados e livres das influências da matéria, mais seu fluido é depurado. Segundo os pensamentos que dominam num encarnado, ele irradia raios impregnados desses mesmos pensamentos que os viciam ou os saneiam, fluidos realmente materiais, embora impalpáveis, invisíveis para os olhos do corpo, mas perceptíveis para os sentidos perispirituais, e visíveis para os olhos da alma, uma vez que impressionam fisicamente e tomam aparências muito diferentes para aqueles que estão dotados da visão espiritual.

Unicamente pelo fato da presença dos encarnados numa assembléia, osfluidos ambientes serão, pois, salubres ou insalubres, segundo os pensamentos dominantes sejam bons ou maus. Quem traz consigo pensamentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de animosidade, de cupidez, de falsidade, de hipocrisia, de maledicência, de malevolência, em uma palavra, pensamentos hauridos na fonte das más paixões, espalha ao seu redor eflúvios fluídicos malsãos, que reagem sobre aqueles que o cercam. Numa assembléia, ao contrário, onde todos não trouxessem senão sentimentos de bondade, de caridade, de humildade, de devotamento desinteressado, de benevolência e de amor ao próximo, o ar estará impregnado de emanações saudáveis no meio das quais sente-se viver mais comodamente.

Se se considera agora que os pensamentos atraem os pensamentos da mesma natureza, que os fluidos atraem os fluidos similares, compreende-se que cada indivíduo conduz consigo um cortejo de Espíritos simpáticos, bons ou maus, e que assim o ar *está saturado de* fluidos em relação com os pensamentos predominantes. Se os maus pensamentos estão em minoria, eles não impedirão as boas influências de se produzirem, mas as paralisam. Se eles dominam, enfraquecem a irradiação fluídica dos bons Espíritos, ou mesmo por vezes, impedem os bons fluídos de penetrar nesse meio, como o nevoeiro enfraquece ou detém os raios do sol.

Qual é, pois, o meio de se subtrair à influência dos maus fluidos? Este meio ressalta da própria causa que produz o mal. Que se faz quando se reconheceu que um alimento é contrário à saúde? É rejeitado, e se os substitui por um alimento mais sadio. Uma vez que são os maus pensamentos que engendram os maus fluidos e os atraem, é preciso se esforçar de deles não ter senão bons, repelindo tudo o que é mau, como se repele um alimento que pode nos tornar doentes, em uma palavra, trabalhar pela sua melhoria moral, e, para nos servir de uma comparação do Evangelho, "não só limpar o vaso por fora, mas limpá-lo, sobretudo, por dentro."

A Humanidade, em se melhorando, verá *se* depurar a atmosfera fluídica no meio da qual ela vive, porque não a rodeará senão de bons fluidos, e que estes últimos oporão uma barreira à invasão dos maus. Se um dia a Terra chegar a não ser povoada senão por homens praticando entre eles as leis divinas, de amor e de caridade, ninguém duvida que não se encontrem nas condições de higiene física e moral diferentes daquelas que existem hoje.

Esse tempo está ainda longe, sem dúvida, mas em esperando-o, estas condições podem existir parcialmente, e é nas assembléias espíritas que cabe dar-lhe o exemplo. Aqueles que tiverem possuído a luz, serão um tanto mais repreensíveis quanto terão tido

entre as mãos os meios de se esclarecer; incorrerão na responsabilidade dos atrasos que seu exemplo e sua má vontade terão levado na melhoria geral.

Isto é uma utopia, uma má declamação? Não; é uma dedução lógica dos próprios fatos que o Espiritismo nos revela a cada dia. Com efeito, o Espiritismo nos prova que o elemento espiritual, que, até o presente, foi considerado como antítese do elemento material, tem, com este último, uma conexão íntima, de onde resulta uma multidão de fenômenos inobservados ou incompreendidos. Quando a ciência tiver assimilado os elementos fornecidos pelo Espiritismo, ela nele haurirá novos e importantes recursos para apropria melhoria material da Humanidade. Assim, cada dia vemos se estender o círculo das aplicações da doutrina que está longe, como alguns o crêem ainda, de estar restrita ao pueril fenômeno das mesas girantes ou outros efeitos de pura curiosidade. O Espiritismo, realmente, não foi tomado em seu vôo, senão do momento em que entrou na via filosófica; é menos divertido para certas pessoas, que nele não procuravam senão uma distração, mas é melhor apreciado pelas pessoas sérias, e o será ainda mais, à medida que for melhor compreendido em suas conseqüências.

O EMPREGO DA PALAVRA MILAGRE.

O jornal *la Vérité,* de Lyon, de 16 de setembro de 1866, num artigo intitulado *Renan et son école,* continha as reflexões seguintes, a propósito da palavra *milagre.*

"Renan e sua escola não se dão ao trabalho de discutir os fatos, os rejeitam todos *à priori;* qualificando-os erroneamente de sobrenaturais, e, portanto, impossíveis e absurdos; opõe-lhes um fim de não receber absoluto, e *um desdém transcedente.* Renan disse lá em cima uma palavra eminentemente verdadeira e profunda: *"O sobrenatural não seria outra coisa do qu o sobre divino"* Aderimos com toda a nossa energia a esta grande verdade, mas fazemos observar que a própria palavra *milagre (mirum,* coisa admirável e até então inexplicável) não quer dizer, tanto que lhe seja preciso, intervenção das leis da Natureza, mas bem antes *flexibilidade dessas mesmas leis ainda desconhecidas do espírito humano.* Diremos mesmo que haverá sempre milagres, porque a ascensão da Humanidade para o conhecimento cada vez mais perfeito, sendo sempre progressiva, este conhecimento terá necessidade constantemente de ser precedido e aguilhoado por fatos que parecerão maravilhosos à época em que se produzirão e não serão compreendidos e explicados senão mais tarde. Um escritor muito acreditado de nossa escola deixou se prendera esta objeção; (Allan Kardec) repete, em muitas passagens de suas obras, que não há nem maravilhoso, nem milagres; é uma advertência resultante do falso sentido de *sobrenatural,* completamente repelido pela etimologia da palavra. Dizemos nós que se a palavra *milagre* não existisse, para qualificar os fenômenos ainda em estudo e saindo da ciência vulgar, seria preciso inventá-la, como a mais apropriada e a mais lógica.

"Nada é sobrenatural, nós o repetimos, porque fora da natureza criada e da natureza incriada, não há absolutamente nada concebível; mas há do *sobre-humano,* quer dizer, dos fenômenos que podem ser produzidos por outros seres inteligentes senão os homens, segundo as leis de sua *natureza* ou bem produzidos, seja mediatamente, seja imediatamente por Deus, segundo *a sua natureza* ainda e segundo as suas relações *naturais com* suas criaturas."

PHILALETHÈS.

Nisto não estamos, graças a Deus, ignorando o sentido etimológico da palavra *milagre;* nós o provamos em muitos artigos, e notadamente no da Revista do mês de setembro de 1860, página 267. Não é, pois, nem por desprezo nem por *inadvertência* que

repelimos a sua explicação aos fenômenos Espíritas, por extraordinários que possam parecer à primeira vista, mas bem com conhecimento de causa e com intenção.

Em sua acepção usual, a palavra *milagre* perdeu seu significado primitivo como tantas outras, a começar pela palavra *filosofia* (amor da sabedoria), da qual se serve hoje para exprimir as idéias mais diametralmente opostas, desde o mais puro espiritualismo até o materialismo mais absoluto. Não é duvidoso para ninguém que, no pensamento das massas, milagre implica a idéia de um fato extranatural. Perguntai a todos aqueles que crêem nos milagres se os consideram como efeitos naturais. A Igreja está de tal modo fixada sobre este ponto que ela anatematiza aqueles que pretendem explicar os milagres pelas leis da Natureza. A própria Academia define esta palavra: *Ato do poder divino, contrário às leis conhecidas da natureza. ~ Verdadeiro, falso milagre.-Milagre averiguado.- Operar milagres. - O dom dos milagres.*

Para ser compreendido por todos, é preciso falar como todo o mundo; ora, é evidente que. se tivéssemos qualificado os fenômenos Espíritas de *miraculosos,* o público teria desprezado o seu verdadeiro caráter, a menos de empregar, cada vez, uma circunlocução e de dizer que, se são milagres, não são milagres como se os entendem geralmente. Uma vez que a generalidade liga-lhe a idéia de uma derrogação às leis naturais, e que os fenômenos espíritas não são senão a aplicação dessas mesmas leis, é bem mais simples e sobretudo mais lógico dizer sem cerimônia: Não, o Espiritismo não faz milagres. Desta maneira, não há nem desprezo, nem falsa interpretação. Do mesmo modo que os progressos das ciências físicas destruiu uma multidão de preconceitos, e fez entrar na ordem dos fatos naturais um grande número de efeitos outrora considerados como miraculosos, o Espiritismo, pela revelação de novas leis, vem restringir ainda o domínio do maravilhoso; dizemos mais: dá-lhe o último golpe, é porque não está por toda a parte em odor de santidade, não mais do que a astronomia e a geologia.

Se aqueles que crêem em milagres entendessem esta palavra em sua acepção etimológica (coisa admirável), admirariam o Espiritismo em lugar de lhe lançar o anátema; em lugar de pôr Galileu na prisão por ter demonstrado que Josué não pôde deter o sol, ter-lhe-iam trançado coroas por ter revelado ao mundo coisas também admiráveis, e que atestam infinitamente melhor a grandeza e o poder de Deus.

Pelos mesmos motivos, repelimos a palavra *sobrenatural* do vocabulário espírita. *Milagre* teria ainda sua razão de ser em sua etimologia, salvo em determinar-lhe a acepção; *sobrenatural é* um contra-senso do ponto de vista do Espiritismo.

A palavra *sobre-humano* que propõe Philatéthès é igualmente imprópria, em nossa opinião, porque os seres que são os agentes primitivos dos fenômenos Espíritas se bem que no estado de Espírito, não pertencem menos por isto à Humanidade. A palavra *sobre-humano* tenderia a sancionara opinião há muito tempo acreditada, e destruída pelo Espiritismo, de que os Espíritos são criaturas à parte, fora da Humanidade. Uma outra razão peremptória é que muitos destes fenômenos são o produto direto dos Espíritos encarnados, por conseqüência dos homens, e

em todos os casos, requerem quase sempre o concurso de um encarnado; portanto, não são mais sobre-humanos do que sobrenaturais.

Uma palavra que está também completamente afastada de seu significado primitivo é a de *demônio.* Sabe-se que *daimôn* se dizia, entre os Antigos, dos Espíritos de uma certa ordem, intermediários entre os homens e aqueles que se chamavam **ctei/ses**. Est designação não implicava, na origem, nenhuma má qualidade; ao contrário, era tomada em boa parte; o demônio de Sócrates, certamente, não era um mau Espírito; ao passo que segundo a opinião moderna, proveniente da teologia católica, os demônios são anjos decaídos, seres à parte, essencialmente e perpetuamente votado ao mal.

Para ser conseqüente com a opinião de Philatéthès, seria preciso que, em respeito à etimologia, o Espiritismo conservasse também a qualificação de demônios. O Espiritismo chamando seus fenômenos de *milagres,* e os Espíritos *demônios,* seus adversários teriam

tido sorte! Teria sido repelido por três quartas partes que o aceitam hoje, porque nele teriam visto um retorno a crenças que não são mais de nosso tempo. Vestir o Espiritismo com *roupas usadas* teria sido uma imperícia; teria sido levar um funesto golpe à doutrina que teria tido dificuldade em dissipar as prevenções que as apelações impróprias teriam mantido.

REVISTA RETROSPECTIVA DAS IDÉIAS ESPÍRITAS

PUNIÇÃO DO ATEU.

"Viagem pitoresca e sentimental ao Campo de repouso em Montmartre e no Père-Lachaise; por Ans. Caillote, autor da Enciclopédia das senhoritas, e novas lições elementares da história da França." Tal é o título de um livro publicado em Paris, em 1808, e que deve ser muito raro hoje. O Autor, depois de ter dado a história e a descrição desses dois cemitérios, cita um grande número de inscrições dos túmulos sobre cada uma das quais faz reflexões filosóficas, cheias de um profundo sentimento religioso, provocadas pelo pensamento que as ditou. Nele primeiro notamos a passagem seguinte, onde se encontra claramente expressa a idéia da reencarnação:

"Que sábio e que homem profundamente religioso chamou o primeiro *Campo de repouso o* último asilo deste ser cuja existência, até seu último suspiro, é atormentada pelos seres que o cercam e por ele mesmo! Aqui todos repousam no seio da mãe comum, e num sono que não é senão o *precursor do despertar,* quer dizer, de uma nova *existência.* Esses restos veneráveis a terra os conserva como um depósito sagrado; e se ela se apressa em dissolvê-los, é para depurar-lhes os elementos, e torná-los mais dignos da inteligência que os *reanimará um dia para novos destinos."*

Mais longe, diz ele: "Oh! quanto o cego e audacioso mortal que ousa te expulsar de seu espírito e de seu coração (o ateu que nega a Deus), ficou admirado quando sua alma compareceu diante da Majestade infinita! Como não viu seu despojo se agitar e tremer de surpresa e de terror? Como sua língua gelada não se reanima para exprimir o pavor do qual foi tomada quando a carne não se achou mais entre ela e teus divinos olhares! Grande Deus! causa universal, alma da natureza! todos os seres te reconhecem e te celebram como seu único autor: só o homem afastaria de ti o espírito inteligente e razoável que lhe dás para te glorificar! Ah! sem dúvida, e eu gosto de crê-lo, não houve um único dos quarenta mil mortais, cujos corpos jazem aqui no pó, que não tivesse a convicção de tua existência e o sentimento de tuas adoráveis perfeições.

"Enquanto eu acabava de pronunciar com emoção estas últimas palavras, um ruído se fez ouvirão meu lado. Lancei os olhos para o lugar de onde ele vinha e percebi, coisa admirável e inaudita! um espectro que, envolvido em seu lençol, tinha saído de um túmulo, e avançava seriamente para mim, para falar-me. Esta aparição não foi senão um jogo de minha imaginação? É o que me é impossível assegurar; mas o diálogo seguinte, que retive bem, me faz crer que eu não era o único interlocutor para dois papéis ao mesmo tempo."

Aqui faremos uma pequena observação crítica, primeiro sobre a qualificação de *espectro* dada pelo autor à aparição, real ou suposta; esta palavra lembra muito as idéias lúgubres que a superstição liga ao fenômenos das aparições, hoje perfeitamente *explicado* segundo o conhecimento que se tem da constituição dos seres espirituais. Em segundo lugar, sobre o que faz sair essa aparição do túmulo, como se a alma nele fizesse a sua habitação. Mas este não é senão um detalhe de forma que se prende a preconceitos há muito tempo enraizados; o essencial está no quadro que ele apresenta da situação moral dessa alma, situação idêntica àquela que nos revelam hoje as comunicações com os Espíritos.

O autor reporta, assim como segue, o diálogo que teve com o ser que lhe tinha aparecido.

"Quando o espectro foi se aproximando de mim, me fez ouvir estas palavras uma voz tal que me é impossível especificar-lhe o som, não tendo jamais ouvido uma outra semelhante entre os homens:

"Fazes bem em adorar a Deus; guarda-te de jamais me imitar, porque fui um ateu."

EU. Não acreditavas, pois, que existia um Deus?

O ESPECTRO. Não; ou antes, fiz parecer de não crer nele.

EU. Que razões tinhas para não acreditar que o Universo foi produzido e que é governado por uma suprema inteligência?

O ESPECTRO. Nenhuma. Eu o tinha inutilmente procurado, não encontrava nele pontos sólidos, e estava reduzido a não repetir senão vãos sofismas que tinha lido nas obras de alguns pretensos filósofos.

EU. Se não tinhas boas razões para ser ateu, tinhas, pois, motivos para parecê-lo?

O ESPECTRO. Sem dúvida. Vendo todos os meus semelhantes penetrados da idéia de um Deus e do sentimento de sua existência, o orgulho que me cegava me levou a me distinguir da multidão, sustentando, a quem quisesse me ouvir, que Deus não existia, e que o Universo era obra do acaso, ou mesmo que tenha sempre existido. Eu considerava como uma glória pensar sobre esse grande assunto diferentemente do que todos os humanos, e *não achava nada de mais lisonjeador do que ser considerado no mundo como um Espírito bastante forte para se elevar contra a crença comum de todos os homens e de todos os séculos.*

EU. Não tinhas um outro motivo senão o orgulho, para abraçar o ateísmo?

O ESPECTRO. Sim.

EU. Qual era esse motivo? Dize a verdade.

O ESPECTRO. A verdade!!... Sem dúvida, eu a diria; porque me é impossível na ordem de coisas onde existo de combatê-la ou de dissimulá-la.

Como todos os meus semelhantes, nasci com o sentimento da existência de um Deus, autor e princípio de todos os seres. Este sentimento, que não era de início senão um germe, onde meu Espírito não descobria nada, se desenvolveu pouco a pouco, e quando atingi a idade da razão, e adquiria faculdade de refletir, não tive que fazer nenhum esforço para me livrar disto. Quanto as lições de meus pais e de meus mestres me agradavam, quando Deus e suas perfeições íntimas lhe eram o assunto! Como o espetáculo da Natureza me encantava, e que doce satisfação sentia quando se me falava desse grande Deus que a tudo criou pelo seu poder, sustenta, governa e conserva tudo por sua sabedoria!

No entanto, cheguei à adolescência, e as paixões começaram a me fazer ouvir sua voz sedutora. Formei ligações com as pessoas jovens de minha idade; segui seus funestos conselhos e me conformava aos seus perigosos exemplos. Entrei no mundo com essas culposas disposições, e não pensava mais senão em lhe fazer o sacrifício de todos

os exemplos de virtude e de sabedoria que se me tinham primeiro inspirado. Estes princípios, cada dia atacados por minhas paixões, se refugiaram no fundo de minha consciência e ali se mudaram em remorsos. Estes remorsos, não me deixando nenhum repouso, resolvi aniquilá-los, tanto quanto estava em mim a causa que os havia feito nascer. Achei que esta causa não era outra senão a idéia de um Deus remunerador da virtude e vingativo do crime; eu o ataquei com todos os sofismas que o meu Espírito pôde inventar ou descobrir nas obras destinadas a estender a doutrina do ateísmo.

EU. Ficaste mais tranqüilo quando amontoaste sofismas sobre sofismas contra a existência de Deus?

O ESPECTRO. Agi inutilmente, o repouso me fugia sem cessar; estava convencido, apesar de mim, embora a minha boca não pronunciasse uma palavra que não fosse uma blasfêmia, eu não tinha um sentimento que não combatesse contra mim, em favor de Deus.

EU. Que se passou em ti durante a doença da qual morreste?

O ESPECTRO. Eu quis sustentar até o fim o caráter de espírito forte; o orgulho me impedia de fazê-lo confessor de meu erro, embora disto sentisse interiormente a premente necessidade. Foi nessa criminosa e falsa disposição que deixei de existir.

EU. Que te aconteceu quando teus olhos foram para sempre fechados *à* luz?

O ESPECTRO. Achei-me todo investido da majestade de Deus, e fui tomado de um terror tão profundo que não tenho nenhuma palavra que dele possa te dar uma justa idéia. Eu esperava muito ser rigorosamente punido; mas o soberano juiz, cuja misericórdia abranda a sua justiça, relegou-me numa tenebrosa região habitada pelos Espíritos que tinham mãos inocentes e um cérebro enfermo.

EU. Qual é a sorte dos ateus que cometem crime contra a sociedade e seus semelhantes?

O ESPECTRO. O Ser dos seres os pune por ter sido maus e não por estarem enganados; porque ele despreza as opiniões e não recompensa ou não pune senão as ações.

EU. Não és, pois, punido na morada tenebrosa onde estás exilado?

O ESPECTRO. Ali sofri uma pena mais cruel que não podes imaginar. Deus, depois de me ter condenado, se afastou de mim; e logo, *perdi toda a idéia de sua existência, e o nada se apresentou diante de mim em todo o seu horror.*

EU. O quê! perdeste inteiramente a idéia da existência de Deus?

O ESPECTRO. Sim. *É o maior suplício que um Espírito imortal possa sofrer, e nada pode fazer conceber o estado de abandono, de dor e de desordem no qual ele se encontra.*

EU. Qual é, pois, a tua ocupação com os Espíritos entregues ao mesmo suplício?

O ESPECTRO. Disputamos sem cessar, sem poder nos entender; o disparate e a loucura presidem a todos os nossos debates; e, na profunda obscuridade onde nossa

inteligência se acha enterrada, e não há nenhuma opinião, nenhum sistema que ela não adote, para logo rejeitá-los e conceber novas extravagâncias. É, pois, a agitação perpétua desse fluxo e desse ref luxo de idéias sem fundamento, sem continuidade, sem ligação, que consiste o castigo dos filósofos que foram ateus.

EU. Todavia, raciocinas neste momento aqui.

O ESPECTRO. É porque o meu suplício vai logo acabar. Foi muito longo este suplício; porque, embora não se conte sobre a Terra senão dois anos depois de minha morte, sofri de tal modo de todas essas loucuras, que disse e ouvi que me parece ter já passado dois milhares de séculos na região dos sistemas e das disputas.

Quando o Espectro assim falou, inclinou-se, adorou a Deus e desapareceu.

Quando fui liberto da emoção, que o que vinha de ver e de ouvir me tinha causado, meus pensamentos se reportaram para as coisas espantosas que o espectro me havia ensinado. O que me disse do primeiro Ser responde à idéia que um tão grande número de homens dele formaram? Que venho de ouvir? O quê! o próprio ateu, o horror de seus semelhantes, acaba por encontrar graça aos olhos dessa Divindade que se me representa como uma natureza vingativa e ciumenta! Pois bem! quem ousará agora dizer-me: Se tu não adotas tal ou tal opinião, serás condenado a suplícios eternos? Que bárbaro ousará dizer: Fora de minha comunhão, não há salvação? Ser incompreensível e todo misericordioso, encarregaste alguém do cuidado de te vingar? É a uma vil criatura que cabe dizer a os seus semelhantes: pensai como eu, ou sereis sempre infelizes! Que limites, grande Deus! podemos nós seres limitados que somos, fixar à tua clemência e à tua justiça? e com que direito dir-te-ei: Aqui recompensarás, lá punirás! Respondei, ó mortos que jazeis neste pó! possível vos foi ter todas as crenças nas quais nasci? Vossas inteligências foram todas igualmente feridas pelas provas que estabelecem os mistérios que adoram e os dogmas nos quais creio? Oh! como os graus de uma crença seriam por toda a parte os mesmos, assim como os graus de convicção? Homem intolerante e cruel, vem, se tens essa coragem, sentar-te ao meu lado, e ousa dizer às vítimas da morte, das quais vim escutar as lições, ousa dizer-lhes: "Sois aqui quarenta mil; pois bem! não há de vós senão dez, cinqüenta, cem entre vós, que o Deus vingador não devotou às chamas eternas!"

Se este discurso não fosse de um insensato, de que serviria a religião dos túmulos? Por que deveria eu respeitar as cinzas daqueles que não adoram o grande Ser à minha maneira? É neste círculo, onde os inimigos de minha crença repousam, confundidos com seus seguidores, que poderei ouvir as lições da verdadeira sabedoria? E de que impiedade me tornaria culpado em me comunicando com inteligências reprovadas, aos despejos das quais venho prestar uma homenagem inspirada pela religião, como pela Humanidade?

UM A EXPIAÇÃO TERRESTRE.

O JOVEM FRANÇOIS.

As pessoas que leram O *Céu e o Inferno,* sem dúvida, se lembram da tocante história de Mareei, a criança do nº 4, reportada no capítulo VIM, *Expiações terrestres.* O fato seguinte apresenta um caso quase análogo e não menos instrutivo, como aplicação da soberana justiça, e como explicação daquilo que, freqüentemente, parece inexplicável em certas posições da vida.

Numa boa e honesta família, morreu no mês de outubro de 1866, um jovem de doze anos, cuja vida, durante nove anos, não havia sido senão um sofrimento contínuo que

nem os cuidados afetuosos dos quais estava cercado, nem os recursos da ciência não tinham podido mesmo abrandar. Estava atingido de paralisia e de hidropsia; seu corpo estava coberto de feridas invadidas pela gangrena e suas carnes caíam em pedaços. Freqüentemente, no paroxismo da dor, ele gritava: "Que fiz, pois, meu Deus, para merecer sofrer tanto! Desde que estou no mundo, não fiz mal a ninguém!" Instintivamente, essa criança compreendia que o sofrimento deveria ser uma expiação, mas na ignorância da *lei de solidariedade das existências sucessivas,* seu pensamento não remontava além da vida presente, não se dava conta da causa que poderia justificar nele um tão cruel castigo.

Uma particularidade digna de nota foi o nascimento de uma irmã, quando tinha em torno de três anos. Foi nessa época que se declararam os primeiros sintomas da terrível doença à qual deveria sucumbir. Desde esse momento também, concebeu pela recém-chegada uma repulsa tal que não podia suportar a sua presença, e que sua visão parecia redobrar seu sofrimento. Freqüentemente, se censurava esse sentimento que nada justificava, porque a pequenina não o partilhava; ao contrário, ela era para ele doce e amável. Ele dizia à sua mãe: "Por que, pois, a visão de minha pequena irmã me é tão penosa? Ela é boa para mim, e apesar de mim não posso me impedir de detestá-la." No entanto, não podia sentir que se lhe fizesse o menor mal, nem que se a atormentasse; longe de se alegrar com suas penas, afligia-se quando *a* via chorar. Era evidente que dois sentimentos se combatiam nele; compreendia a injustiça de sua antipatia, mas seus esforços para superá-la eram impotentes.

Que tais enfermidades sejam, numa certa idade, as conseqüências da má conduta, isto seria uma coisa toda natural; mas que faltas bastante graves uma criança desta idade pode ter se tornado culpada para suportar um semelhante martírio? Além disto, de onde poderia provir essa repulsa por um ser inofensivo? Aí estão os problemas que se apresentavam a cada instante, e que levam uma multidão de pessoas a duvidar da existência de Deus, porque para isto não encontram solução em nenhuma religião; essas anomalias aparentes encontram, ao contrário, sua completa justificativa na solidariedade das existências. Um observador espírita poderia, pois, dizer com toda a aparência de razão, que esses dois seres eram conhecidos, e foram colocados um ao lado do outro, na existência atual, para alguma expiação e a reparação de algum erro. Do estado de sofrimento do irmão, poder-se-ia concluir que ele era o culpado, e que os laços de parentes próximos que o uniam ao objeto de sua antipatia lhe eram impostos para preparar, entre eles, os caminhos de uma aproximação; assim se vê já no irmão uma tendência e esforços para superar o seu afastamento que reconhece injusto. Essa antipatia não tinha os caracteres do ciúme que se notam, às vezes, nas crianças de um mesmo sangue; ele provinha, pois, segundo toda a probabilidade, de lembranças penosas, e talvez de remorsos que a presença da jovenzinha despertava. Tais são as deduções que se podem racionalmente tirar, por analogia, da observação dos fatos, e que foram confirmados pelo Espírito da criança.

Evocado quase imediatamente depois de sua morte, por uma amiga da família à qual levava muita afeição, ele não pode de início se explicar de maneira completa, e prometeu dar ulteriormente os detalhes mais circunstanciados. Entre as diversas comunicações que deu, eis as duas que se reportam mais particularmente à questão.

"Esperais de mim o relato, que vos prometi, do que fui numa existência anterior e a explicação da causa de meus grandes sofrimentos; isto será para todos um ensinamento. Estes ensinamentos estão por toda a parte, eu o sei; encontram-se de todos os lados, mas o relato de fatos dos quais se viram as conseqüências, é sempre, para aqueles que existem, uma prova mais tocante.

"Eu pequei, sim eu pequei! Sabeis o que é ter sido assassino, ter atentado à vida de seu semelhante? Eu não o fiz da maneira que os assassinos empregam, matando em seguida, seja com uma corda, seja com uma faca, ou qualquer outro instrumento; não,

não foi desta maneira. Eu matei, mas matei lentamente, fazendo sofrer um ser que eu detestava! Sim, eu o detestava, essa criança que acreditava não me pertencer! Pobre inocente! tinha merecido essa triste sorte! Não, meus pobres amigos, ela não tinha merecido, ou pelo menos não cabia a mim lhe fazer suportar esses tormentos. Eu o fiz, no entanto, e eis porque fui obrigado a sofrer como vistes.

"Eu sofri, meu Deus! e bastante? vós sois muito bom, Senhor! sim, em presença de meu crime e da expiação, acho que fostes muito misericordioso.

Orai por mim, caros pais, caros amigos; agora meus sofrimentos passaram. Pobre senhora D..., eu vos fiz sofrer! e que era muito penoso para mim vir fazer a confissão desse crime imenso!

"Esperança, meus bons amigos, Deus remiu a minha falta; estou agora na alegria, e, no entanto, também na pena; vede! é bom estar num estado melhor, ter expiado: o pensamento, a lembrança de seus crimes deixam uma tal impressão, que é impossível que não se lhe ressinta, por muito tempo ainda, todo o horror, porque não foi só sobre a Terra que sofri, mas antes, na vida espiritual! e, que dificuldade tive para me decidir vir sofrer essa expiação terrível! não posso vos narrar tudo isto, seria muito horrível! A visão constante de sua vítima, e a outra, a pobre mãe! Enfim, meus amigos: preces para mim e graças ao Senhor! Eu vos tinha prometido este relato; era preciso até o fim que eu quitasse a minha dívida, o que pudesse me custar.

(Até aqui o médium tinha escrito sob o domínio de uma viva emoção; continuou com mais calma.)

E agora, meus bons pais, uma palavra de consolação. Obrigado, oh obrigado! avós que me ajudastes nesta expiação, e que dela levastes uma parte; vós abrandastes, tanto quanto dependia de vós, o que eu tinha de amargo em meu estado. Não vos atormenteis, é uma coisa passada; eu sou feliz, eu vo-lo disse, sobretudo em comparando o estado passado e o estado presente. Eu vos amo a todos; agradeço-vos; abraço-vos; amai-me sempre. Nós nos reencontraremos, e, todos juntos, continuaremos esta vida eterna, esforçando-nos para que a vida futura resgate inteiramente a vida passada.

Vosso filho, FRANÇOIS E.

Numa outra comunicação, o Espírito do jovem François completou as informações acima.

Pergunta. Cara criança, não disseste de onde vinha a tua antipatia por tua pequena irmã.

Resposta. Não o adivinhais? Essa pobre e inocente criatura era minha vítima que Deus havia ligado à minha última existência como um remorso vivo; eis porque a sua visão me fazia tanto sofrer.

Pergunta. No entanto, não sabias que era ela.

Resposta. Eu não o sabia no estado de vigília, sem isto meus tormentos teriam sido cem vezes mais terríveis; tão terríveis quanto o havia sido na vida espiritual onde eu a via sem cessar; mas credes que meu Espírito, nos momentos em que estava desligado, não o sabia? Era a causa da minha repulsa, e se eu me esforçava por combatê-la, é que, instintivamente, sentia que ela era injusta. Não estava ainda bastante forte para fazer o bem àquela que eu não podia me impedir de detestar, mas não queria que se lhe fizesse mal: era um começo de reparação. Deus me teve em conta esse sentimento, por isso permitiu que fosse livre em boa hora de minha vida de sofrimento, sem isso teria podido viver ainda muitos anos na horrível situação em que me vistes.

Bendizei, pois, minha morte que pôs termo à expiação, porque ela foi a garantia de minha reabilitação.

Pergunta (ao guia do médium). Por que a expiação e o arrependimento na vida espiritual não bastam para a reabilitação, sem que sejam necessários a eles acrescentar os sofrimentos corporais?

Resposta. Sofrer num mundo ou num outro, é sempre sofrer, e sofre-se tão longo tempo quanto a reabilitação não seja completa. Esta criança sofreu muito sobre a Terra; pois bem! isso não foi nada em comparação com o que ela sofreu no mundo dos Espíritos. Aqui tinha, em compensação, os cuidados e a afeição dos quais estava cercado. Há ainda esta diferença entre o sofrimento corporal e o sofrimento espiritual, que o primeiro é quase sempre voluntariamente aceito como complemento de expiação, ou como prova para avançar mais rapidamente, ao passo que o outro é imposto.

Mas há outros motivos para o sofrimento corporal: primeiro, é para que a reparação tenha lugar nas mesmas condições em que o mal foi feito; depois, para servir de exemplo aos encarnados. Vendo seus semelhantes sofrerem e disto sabendo a *razão,* são bem de outro modo impressionados do que saber que são infelizes como Espíritos; podem explicar melhor a causa de seus próprios sofrimentos; a justiça divina se mostra, de alguma sorte, palpável aos seus olhos. Enfim, o sofrimento corporal é uma ocasião, para os encarnados, de exercerem, entre eles, a caridade, uma prova para seus sentimentos de comiseração, e, freqüentemente, um meio de reparar os erros anteriores; porque, crede-o bem, quando um infortunado se encontra sobre vosso caminho, não é o efeito do acaso. Para os pais do jovem François era uma grande prova ter um filho nessa triste posição; pois bem! eles cumpriram dignamente seu mandato, e disso serão tanto mais recompensados quanto agiram espontaneamente, pelo próprio impulso de seu coração. Se os Espíritos não sofressem na encarnação, é que não haveria senão Espíritos perfeitos sobre a Terra.

GALILEU

FRAGMENTOS DO DRAMA DO SR. PONSARD.

(Ver o n° precedente.)

Um século antes de Galileu, Copérnico tinha concebido o sistema astronômico que leva o seu nome (1-(1) Copérnico, astrônomo polonês, nascido em Thorn (Estado prussiano) em 1473, morto em 1543. -Galileu, nascido em Florençaem 1564, condenado em 1633, morreu cego em 1644. O sistema de Copérnico era já condenado pela Igreja.)

Galileu, com a ajuda do telescópio que ele tinha inventado, juntou a observação direta à teoria, completou as idéias de Copérnico demonstrando-lhe a verdade pelo cálculo. Com seu instrumento, pôde estudara natureza dos planetas, e de sua semelhança com a Terra concluiu a sua habitabilidade. Havia igualmente reconhecido que as estrelas são tantos sóis disseminados no espaço sem limites, e pensou que cada um deveria ser o centro de movimento de um sistema planetário. Vinha de descobrir os quatro satélites de Júpiter, e este acontecimento emocionou o mundo sábio e o mundo religioso. O poeta se põe a pintar, em seu drama, a diversidade dos sentimentos que ele excita, conforme o caráter e os preconceitos dos indivíduos.

Dois estudantes da Universidade conversam sobre a descoberta de Galileu, e como não estão de acordo, se aconselham com um professor de renome.

ALBERT.

Sobre certos pontos, doutor, estamos em disputa, E queríamos saber o que disso pensais.

POMPÉE.

Ele pensa pedir conselho às pessoas sensatas - Aqui, do que se trata?

VIVIAM.

De quatro satélites
Ao redor de Júpiter, descrevendo suas órbitas.
POMPÉE.
Eles não existem.
VIVIAM.
Mas....
POMPÉE.
Não poderiam existir.
VIVIAM.
No entanto podem ser vistos e podem ser contados.
POMPÉE.
Não se podem ser contados, uma vez que não poderiam existir.
ALBERT.
Tu o ouves, Vivian?
VIVIAM.
E por que isto, mestre?
POMPÉE.
Porque sustentar que Deus pode haver feito
Quatro globos em seus sete globos que se sabe
É um propósito mau, um temaquimérico,
Anti-religioso, anti-filosófico.
(Percebendo Galileu escoltado de um grande número de estudantes.)
Papa-moscas palermas! e charlatão infame!
ALBERT A VIVIAN
Tu vês que o doutor Pompée está contra ti.
VIVIAN
Tanto melhor para a doutrina na qual tenho fé;
De toda verdade o caminho natural
É amotinar primeiro todos os convencidos contra ela.

Está bem aí a força de raciocínio de certos negadores das idéias novas: isto não é, porque isto não pode ser. Perguntou-se a um sábio: Que diríeis se vísseis uma mesa se levantar sem ponto de apoio? - Nisto não creria, respondeu, porque *eu sei* que isto não pode ser.

UM MONGE, *discursando para a multidão.*

Escutai o que disse o Apóstolo: Nos céus
Por que, Galilenos, passeais vossos olhos?
É assim que, antes, lançava o anátema
Contra ti, Galileu, e contra o teu sistema.
Nós mesmos, hoje, vemos claramente,
Em que horror o céu tem este ensinamento,
E o Arno transbordado, o granizo sobre nossas videiras,
São da cólera divina os lamentáveis sinais.
- Meus irmãos, desprezai essas mentiras grosseiras;
Porque a Terra caminha, é que ela tem pés?
Se a lua se move, é que um anjo a guia;
Porque a cada planeta um condutor preside;
Mas a Terra, onde estaria seu anjo? - Sobre os montes?
Onde se o veria. - No centro? A cabana dos demônios.

Livie, mulher de Galileu, é o tipo das pessoas com espírito limitado, mais cuidadosas com a vida material do que com a glória e a verdade.

LIVIE, *a Galileu.*

Porque, aqueceis os miolos,
Vendendo um montão de máximas novas?
Todas essas novidades são, para cortar a palavra,
invenção do diabo suspeitas de heresia.
Já da maneira, da qual cada um vos olha,
Isto acabará mal, se dela não vos guardais.
Oh! que não imiteis esses dignos professores
Que dizem o que disseram todos os seus predecessores?
Eis pessoas nas quais a ordem e o bom senso reinam;
Elas ensinam sem ruído o que se quer que ensine,
E, sem fermentar debatendo em público
Se é preciso crer em Aristóteles ou crer em Copémico,
Eles têm sabiamente que a opinião verdadeira
Deve ser aquela pela qual se lhes paga,
E que, uma vez que Aristóteles abre o cofre forte,
Aristóteles tem razão, e Copémico está errado.
Também não se fazem negócios com ninguém;
Embolsam em paz os florins que lhes dão;
Prosperam; são bem alojados, bem nutridos;
Suas filhas têm dotes e encontram maridos;
Seu auditório é doce e jamais se ajuntam;
Reentram em casa nas horas em que se ceia;
Mas vós, vós fazeis raiva, e se vos aplaude,
E, durante esse tempo, o jantar resfria.

Fragmentos do monólogo de Galileu no começo do segundo ato:

Não, os tempos não são mais em que, rainha solitária,
Sobre seu trono imóvel assentava-se a Terra;
Não, o rápido carro, levando o astro do dia,
Da aurora ao poente não descreve mais seu giro;
O firmamento não é mais a abóbada cristalina,
Que, como um teto azul, de lustres se ilumina;
Não é mais só para nós que Deus fez o universo;
Mas longe de nos manter humilhados, sejamos altivos!
Porque se abdicamos uma realeza falsa,
Até ao reino da verdade a ciência nos eleva;
Mais o corpo se diminui, mais o Espírito se toma grande;
Nossa nobreza crê ou descrê a nossa classe.
É mais belo para o homem, ínfima criatura,
Compreender os segredos velados pela Natureza,
E de ousar abarcar em sua concepção
A universal lei da criação,
Do que ser, como nos dias de uma vaidosa mentira,
Rei de uma ilusão e possuidor de um sonho.
Centro ignorante de um todo que acreditava feito para si,
E que pelo pensamento conquista hoje.

Sol, globo de fogo, gigantesca fornalha,
Caos incandescente onde termina uma gênese,
Oceano furioso onde flutuam desvairados
Os líquidos graníticos e os metais fundidos,
Chocando, quebrando, misturando suas vagas inflamadas
Sob os negros furacões carregados de fumaça,
Onda ardente, onde, às vezes, nada uma vaga vermelha,
Mancha hoje, amanhã crosta do sol;
Em tomo de ti se move, ó fecundo incêndio,
A Terra, nossa mãe, apenas resfriada,
E, resfriados como ela, e, *como ela habitados,*
Marte sangrento, e Vênus, o astro das brancas claridades;
Em teus próximos esplendores, Mercúrio que se banha,
E Saturno em exílio nos confins de teu reino,
E por Deus, depois por mim, coroado no éter
De uma quádrupla venda de luas, Júpiter.

Mas, astro soberano, centro de todos esses mundos,
Para além de teu império aos limites profundos,
Dos milhares de sóis, tão numerosos, tão densos,
Que não se pode contá-los em seus grupos confusos,
Prolongam, como tu, suas imensas crateras,
Fazem mover, como tu, os mundos satélites,
Que giram ao redor deles, que compõem a sua corte,
E têm de seu rei o calor e a luz.
Oh! sim, sóis melhores do que lâmpadas noturnas,
Que clareiam para vós os velhos taciturnos,
Inumeráveis luzes, estrelas que polvilhais,
De vossa areia de ouro os caminhos azulados;
Em vós palpita também a vida universal,
Grandes lares, onde nosso olho não vê senão uma centelha.
....
E, por toda a parte, a ação, o movimento e a alma!
Por toda a parte, rolando em tomo de seus centros em chama,
Os *globos habitados, cujos seres pensantes*
Vivem como eu vivo, sentem o que eu sinto,
Uns mais abaixados, e os outros talvez
Mais elevados que nós sobre os degraus do ser!
Quanto é grande! quanto é belo!
Em que culto profundo
O Espírito, cheio de estupor, se estraga e se confunde!
Inesgotável autor, que tua onipotência
Ali se mostra em sua glória e sua magnificência!
Que a vida, derramada em abundância no infinito,
Proclame vastamente teu nome, por toda a parte abençoado!

Ide, perseguidores! lançai vossos anátemas!
Eu sou religioso muito mais que vós mesmos.
Deus, que invocais, melhor do que vós eu o sirvo:
Esta pequena taça de lama é para vós o universo;
Para mim sobre todos os pontos a obra divina brilha;
Vós a encolheis, e eu, eu a dilato;

Como se punham os reis no carro triunfante,
Coloco os universos aos pés do Criador.

Fragmentos do diálogo entre o inquisidor e Galileu.

O INQUISIDOR

Não há verdade senão nas Escrituras;
Tudo o mais é erro, visão, imposturas
O que se crê de contrário ao seu ensino
Não é uma claridade, é uma cegueira.

GALILEU

Sim, a fé do cristão para sua regra é regia;
Só a sua autoridade reina em teologia,
E a adoração deve curvar nossos espíritos
Sob os dogmas divinos que nela se vêem escritos;
Mas o mundo físico escapa ao seu domínio;
Deus o entrega por inteiro à disputa humana;
Como se trata de objetos que caem sob os sentidos,
Os sentidos e a razão neles se mostram todo-poderosos;
A autoridade se cala; nenhuma ordem se pode fazer
Os raios desiguais no centro da esfera,
Ninguém pode de heresia acusar o compasso,
Nem decretar que um corpo girando não gire mais.
O olhar é juiz, em uma palavra, do universo visível.
Seu dogma imutável está fixado pela Bíblia,
A ciência repugna à imobilidade,
E, agonizante nos ferros, vive para a liberdade.
....

O INQUISIDOR

....

Ora, não vês, pois, que o teu novo sistema,
Perturbando a astronomia, abala a própria fé?
O erro material, admitido sobre um ponto.
Em todo o Testamento toma suspeita a testemunha;
Quem pode ter falido não é, pois, mais infalível;
A dúvida ó, pois, permitida, o exame é possível,
E se o conclui logo, desde que se ouse julgar,
Da falsa física ao dogma enganoso.

GALILEU

Eu, destruir a fé, quando engrandeço o culto!
Mostrar Deus em sua obra, é lhe fazer insulto?
Ah! compreende-a melhor, é adorada melhor,
E é mal honrá-lo que a desfigurar.
Os céus, segundo a Bíblia em que devemos crer,
Os céus de seu autor nos contam a glória;
Pois bem, melhor do que um outro escutei seu relato,
E o repeti como os céus o disseram.
....

Pode-se barrar o curso de uma verdade nova?
Deter uma gota, e se deter um rio?
Crede-me, respeitai essas aspirações,
Elas têm muito de impulso e muito de expansão
Para sofrer que um carcereiro as tenha prisioneiras;
Deixai-lhe o campo livre, ou *infelicidade às barreiras*.*
- Ah! Roma, aos primeiros dias de teu culto prescrito,
Dizias não opor ao gládio senão o espírito;
Não triunfaste senão por mudar de papel,
E tu mesmo opor o gládio à palavra?

Antônia, filha de Galileu, vendo seu pai prescrito, lhe diz:

Eis a tua Antígona. Sim, meu amor piedoso
Conduzirá o prescrito, vencedor da esfinge dos céus.
Dirigindo teu bastão de vale em vale,
Eu direi: "Dai-me pão para Galileu,
Para aquele que, privado de um teto pelos cristãos,
Teria tido altares entre os povos pagãos."

Galileu sonda as profundezas dos céus e revela a pluralidade dos mundos. Isso foi, como dissemos, toda uma revolução nas idéias; um campo novo de exploração foi aberto à ciência. O Espiritismo vem lhe operar uma não menos grande em revelando a existência do mundo espiritual que nos cerca; graças a ele o homem conhece seu passado e seu verdadeiro destino. Galileu derrubou as barreiras que circunscreviam o universo: o Espiritismo o povoa e enche o vazio dos espaços infinitos. Embora mais de dois séculos nos separem das descobertas de Galileu, muitos dos preconceitos estão ainda vivazes; a nova doutrina emancipadora encontra os mesmos obstáculos; é atacada com as mesmas armas, se lhe opõem os mesmos argumentos. Lendo o drama do Sr. Ponsard, poder-se-ia colocar nomes próprios modernos a cada um de seus personagens. No entanto, a má vontade e a perseguição não impediram a doutrina de Galileu de triunfar, porque ela era a verdade; sê-lo-á do mesmo modo com o Espiritismo, porque é também uma verdade. Seus detratores serão olhados, pela geração futura, com o mesmo olhar que olhamos os de Galileu.

LUMEN

POR CAMILLE FLAMMARION.

(2- artigo. Ver o número de março, página 93.)

Deixamos Lumen em *Capela,* ocupado em considerar a Terra que acabava de deixar. Esse mundo, estando situado a 170 trilhões, 392 bilhões de léguas da Terra, e a luz percorrendo 70.000 léguas por segundo, esta não pode chegar de um ao outro senão em 71 anos, 8 meses e 24 dias, seja em torno de 72 anos. Disto resulta que o raio luminoso que leva a impressão da imagem da Terra não chega aos habitantes de Capela senão ao cabo de 72 anos. Lumen, tendo morrido em 1864, e levando sua visão sobre Paris, ele viu tal qual era 72 anos antes, quer dizer, em 93, ano de seu nascimento.

De início, ficou muito surpreso de encontrá-la muito diferente daquilo que tinha visto, de ver as ruelas, os conventos, os jardins, os campos em lugardas avenidas, novos bulevares, estações de estrada de ferro, etc. Ele viu a praça da Concórdia ocupada por uma multidão imensa, efoitestemunhaoculardoacontecimentode21 de janeiro. Ateoria da

luz lhe deu a chave desse estranho fenômeno. Eis a solução de algumas das dificuldades que levanta. (1-1) Segundo o cálculo, e em razão da distância do Sol, que é de 38 milhões 230 mil léguas, de 4 quilômetros, a luz desse astro nos alcança em 8 minutos 13 segundos. Disto resulta que um fenômeno que se passou em sua superfície não nos aparecerá senão 8 m. 13 s. mais tarde, e que se o fenômeno fosse instantâneo já não existiria mais quando o víssemos. A distancia da Lua não sendo senão de 85 mil léguas, sua luz nos alcança quase em um segundo, e um quarto, as perturbações que poderiam ali se produzimos apareceriam, conseqüentemente, pouca coisa depois do momento em que ocorressem. Se Lumen se encontrasse na Lua, teria visto a Paris de 1864 não de 93; se tivesse estado num mundo duas vezes mais distante que Capela, teria visto a Regência.)

Sitiens. Mas então, se o passado pode se confundir assim no presente; se a realidade e a visão se casam; se os personagens mortos há muito tempo podem ainda ser vistos atuando na cena; se as construções novas e as metamorfoses de uma cidade como Paris podem desaparecer e deixar ver em seu lugar a cidade de outrora; se, enfim, o presente pode se desvanecer para a ressurreição do passado, sobre que certeza podemos doravante confiar? Em que se tornam a ciência e a observação? Em que se tornam as deduções e as teorias? Sobre que estão fundados nossos conhecimentos que nos parecem os mais sólidos? E, se estas coisas são verdadeiras, não deveremos doravante duvidar de tudo ou crer em tudo?

Lumen. Essas considerações e muitas outras, meu amigo, me absorveram e atormentaram; mas elas não impediram de ser a realidade que eu observava. Quando tive a certeza de que tínhamos *presente sob* os olhos o ano de 1793, pensei em seguida que a própria ciência, em lugar de combater essa realidade (porque duas verdades não podem ser opostas uma à outra), devia disso me dar a explicação. Interroguei, pois, a física, e esperei a sua resposta. (Segue a demonstração científica do fenômeno.)

Sitiens. Assim, o raio luminoso é como um correio que nos traz as novidades do estado da região que o envia, e que, se gasta setenta e dois anos para nos alcançar, nos dá o estado desse país no momento de sua partida, quer dizer, perto de 72 anos antes do momento em que nos chega.

Lumen. Adivinhastes o mistério. Para falar mais exatamente ainda, o raio luminoso seria um correio que nos traria não as novidades escritas, mas a fotografia, ou mais rigorosamente ainda, *o próprio aspecto* da região de onde ele saiu. Quando, pois, examinamos num telescópio a superfície de um astro, não vemos ainda essa superfície tal qual ela é no próprio momento em que a observamos, mas tal qual ela era no momento em que a luz que nos chega foi emitida por essa superfície.

Sitiens. De sorte que se uma estrela cuja luz leva, suponho, dez anos para nos chegar, fosse subitamente aniquilada hoje, nós a veríamos ainda durante dez anos, uma vez que o seu último raio não nos chegaria senão em dez anos.

Lumen. É precisamente isso. Há, pois, aí uma surpreendente transformação do passado ao presente. Para o astro observado, é o passado, já desaparecido; para o observador *é* o presente, o atual. O passado do astro é, rigorosamente e positivamente, o presente do observador.

Lumen vê a si mesmo mais tarde, criança, com a idade de seis anos, brincando e disputando com uma grupo de outras crianças na praça do Panthéon.

Sitiens. Eu vos confesso que me parece impossível que se possa se ver assim a si mesmo. Não podeis ser duas pessoas. Uma vez que tínheis 72 anos quando morrestes,

vosso estado de infância era passado, desapareceu, desvaneceu-se há muito tempo. Não podíeis ver uma coisa que não mais existe. Não pode se ver em duplo, criança e velho.

Lumen. Não refletis bastante, meu amigo. Compreendestes bem o fato geral para admiti-lo; mas não observastes suficientemente que este último fato particular entra absolutamente no primeiro. Admitis que o aspecto da Terra emprega 72 anos para vir a mim, não é ? que os acontecimentos não me alcançam senão nesse intervalo de tempo depois de sua atualidade? Pois bem! Uma vez que eu vejo esse grupo de crianças, e que fazia então parte desse grupo, por que quereis que não me veja tão bem quanto vejo ou outros?

Sitiens. Mas não estais mais nesse grupo?

Lumen. Ainda uma vez, esse próprio grupo não existe mais agora, mas eu o vejo tal quanto existia no instante em que partiu o raio luminoso que me chega hoje, e, uma vez que distingo as quinze ou dezoito crianças que o componham, não há razão para que a criança, que era eu, desapareça, porque sou eu que a olha. Outros observadores a veriam em companhia de seus companheiros. Porque quereis que haja exceção quando sou eu que olho? Eu os vejo todos, e me vejo com eles.

Lumen passa em revista a série dos principais acontecimentos políticos, ocorridos desde 1793até 1864, onde vê a si mesmo num leito de morte.

Sitiens. É que esses acontecimentos passaram rapidamente sob vossos olhares?

Lumen. Eu não saberia apreciara medida do tempo; mas todo esse panorama retrospectivo sucede certamente em menos de um dia... em algumas horas talvez.

Sitiens. Então não compreendo mais. Se 72 anos terrestres passaram sob vossos olhos, eles teriam de colocar exatamente 72 anos para vos aparecer, e não em algumas horas. Se o ano de 1793 vos aparece somente em 1864, o ano de 1864, em retorno, não deveria conseqüentemente vos aparecer senão em 1936.

Lumen. Vossa objeção é fundada, *e* me prova que compreendestes bem a teoria do fato. Também vou vos explicar como não me foi necessário esperar 72 novos anos para rever a minha vida, e como, sob o impulso de uma força inconsciente, efetivamente eu o revi em menos de um dia.

Continuando a seguir a minha existência, cheguei aos últimos anos notáveis pela transformação radical que Paris sofreu; vi meus últimos amigos e vós mesmo; minha família e meu círculo de conhecimentos; e, enfim, o momento chegou em que me vi deitar em meu leito de morte e onde eu assisti à minha última cena. É vos dizer que eu tinha retornado sobre a Terra.

Atraído pela contemplação que a absorvia, minha lama tinha depressa esquecido a montanha dos velhos e Capela. Como se sente, às vezes, em sonho, ela voava para o objetivo de seus olhares. Disso não me apercebi de início, tanto a estranha visão cativava todas as minhas faculdades. Não posso vos dizer nem por qual lei, nem por qual força as almas podem se transportar tão rapidamente de um lugar a um outro; mas a verdade é que eu tinha *retornado à Terra,* em menos de um dia, e penetrei no quarto no próprio momento de meu enterro.

Uma vez que nessa viagem de retorno eu ia adiante dos raios luminosos, eu diminuía sem cessar a distância que me separava da Terra, a luz tinha cada vez menos caminho a percorrer, ela imitava assim a sucessão dos acontecimentos. No meio do caminho, me chegando somente de 36 anos, não me mostrava mais a Terra de 72 anos

antes, mas de 36. As três quartas partes do caminho, os aspectos não tinham mais do que um atraso de 18 anos. A metade do último quarto me chegando somente nove anos depois de ter se passado, e assim em continuação; de sorte que a série inteira de minha existência se encontra condensada em menos de um dia em conseqüência do retorno rápido de minha alma, indo adiante dos raios luminosos.

Quando Lumen chegou à Capela, viu um grupo de velhos ocupados em considerar a Terra, e dissertando sobre o acontecimento de 93; um deles disse aos seus companheiros:

"De joelhos! meus irmãos; pecamos a indulgência ao Deus universal. Esse mundo, essa nação, essa cidade está manchada de um grande crime; a cabeça de um rei inocente acaba de tombar." Eu me aproximei do ancião, disse Lumen, e lhe pedi para me fazer um relato de suas observações.

"Aprendi que, pela intuição da qual estão dotados os Espíritos do grau daqueles que habitam esse mundo, e pela faculdade íntima da percepção que receberam em partilha, possuem uma espécie de relação magnética com as estrelas vizinhas. Essas estrelas são em número de doze ou quinze; são as mais próximas; fora dessa região, *a* percepção se torna confusa. Nosso Sol é uma dessas estrelas vizinhas. (1-(1) 170 trilhões, 392 milhões de léguas! Pela distância que nos separa, as estrelas *vizinhas* pode-se julgar a extensão ocupada pelo conjunto daquelas que nos parecem, no entanto, à visão tão perto uma das outras, sem contar o número infinitamente maior daquelas que não são perceptíveis senão com a ajuda do telescópio, e que não são, elas mesmas, senão uma infinita fração daquelas que, perdidas nas profundezas do infinito, escapam a todos os nossos meios de investigação. Considerando-se que cada estrela é um sol, centro de um turbilhão planetário, compreender-se-á que o nosso próprio turbilhão não é senão um ponto nessa imensidade. Que é, pois, nosso globo de 3.000 léguas de diâmetro entre esses bilhões de mundos? Que são seus habitantes que acreditaram por muito tempo o seu pequeno mundo o ponto central do universo, e que se acreditaram a si próprios como os únicos seres vivos da criação, concentrando só neles as preocupações e a solicitude do Eterno, e crendo de boa fé que o espetáculo dos céus não era feito senão para recreara sua visão? Todo esse sistema egoísta e mesquinho, que fez durante muitos séculos o fundamento da fé religiosa, desmoronou-se diante das descobertas de Galileu.).

Eles conhecem, pois, vagamente, mas sensivelmente, o estado das Humanidades que habitam os planetas dependentes desse Sol, e seu grau relativo de elevação intelectual e moral.

"Além disto, *quando uma grande perturbação atravessa uma dessas Humanidades, seja na ordem física, seja na ordem moral, dela sofrem uma espécie de comoção íntima, como se vê uma corda vibrante fazer entrar em vibração uma outra corda situada à distância.*

"Há um ano (o ano desse mundo é igual a dez dos nossos), estavam se sentindo atraídos por uma emoção particular para o planeta terrestre; e os observadores tinham seguido com interesse e inquietação a marcha desse mundo."

Estar-se-ia em erro se se induzisse do que precede, que os habitantes das diferentes esferas levem, do ponto onde estão, um olhar investigador sobre o que se passa nos outros mundos, e que os acontecimentos que nestes se cumprem passem sob seus olhos como num campo de uma luneta. Aliás, cada mundo tem as suas preocupações especiais que cativam a atenção de seus habitantes, segundo suas próprias necessidades, seus costumes todos diferentes, e seu grau de adiantamento. Quando os Espíritos encarnados em um planeta têm motivos pessoais para se interessarem com o que se passa num outro mundo, ou com alguns daqueles que o habita, sua alma para lá se transporta, como o fez a de Lumen, no estado de desligamento, e então retornam, momentaneamente, por assim dizer, habitantes espirituais desse mundo, ou bem nele se encarnam em missão. Eis, pelo menos o que resulta do ensino dos Espíritos.

Esta última parte do relato de Lumen, portanto, carece de exatidão, mas não é preciso perder de vista que esta história não é senão uma hipótese destinada a tornar mais acessível à inteligência, e de alguma sorte palpável pela colocação em ação, da demonstração de uma teoria científica, assim como o fizemos observar em nosso artigo precedente.

Chamamos a atenção sobre o parágrafo acima onde está dito que: "As grandes perturbações *físicas e morais* de um mundo produzem sobre os mundos vizinhos uma espécie de comoção íntima, como uma corda vibrante faz vibrar uma outra corda colocada à distância." O autor, que em matéria de ciência não fala levianamente, enuncia aí um princípio que poderá bem um dia ser convertido em lei. Já a ciência admite, como resultado da observação, a ação recíproca material dos astros. Se, como se começa supor, essa ação, aumentada pelo fato de certas circunstância, pode ocasionar perturbações e cataclismos, não seria nada impossível que essas mesmas perturbações tivessem seu contra-golpe. Até o presente a ciência não considerou senão o princípio material; mas levando-se em conta o princípio espiritual como elemento ativo do universo, e pensando-se que esse princípio também é todo geral, e todo também essencial quanto o princípio material, concebe-se que uma grande efervescência desse elemento e as modificações que ele sofre sobre um ponto dado possam ter sua reação, em conseqüência da correlação necessária que existe entre a matéria e o espírito. Certamente, há nesta idéia o germe de um princípio fecundo e de um estudo sério para o qual o Espiritismo abre o caminho.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

A VIDA ESPIRITUAL.

(Grupo Lampérière, 9 de janeiro de 1867. Médium, Sr. Delanne.)

Estou aqui, feliz em vir vos saudar, vos encorajar e vos dizer:

Irmãos, Deus vos enche de seus benefícios, em vos permitindo, nestes tempos de incredulidade, respirar a plenos pulmões o ar da vida espiritual, que sopra com vigor através das massas compactas.

Crede em vosso antigo associado, crede em vosso amigo íntimo, vosso irmão pelo coração, pelo pensamento, pela fé; crede nas verdades ensinadas: elas são tão seguras quanto lógicas; crede em mim que, há alguns dias, me contentava, como vós, em crer e esperar, ao passo que hoje a doce ficção é para mim uma imensa e profunda verdade. Eu toco, vejo, sou, possuo, portanto, isto é; eu analiso as minhas impressões hoje e as comparo com aquelas ainda todas frescas da véspera.

Não só me é permitido comparar, sintetizar, pesar minhas ações, meus pensamentos, minhas reflexões, julgá-las pelo critério de meu bom senso, mas eu as vejo, as sinto, *sou testemunha ocular,* sou a coisa realizada; não são mais consoladoras hipóteses, sonhos dourados, esperanças, é mais do que uma certeza moral: é o fato real, palpável, o fato material que se toca, que agarrais sob sua forma tangível, e que nos diz: isto é.

Aqui tudo respira a calma, a sabedoria, a felicidade; tudo é harmonia, tudo diz: Eis o auge do sentido íntimo; não mais quimeras, falsas alegrias, não mais medos pueris, não mais falsa vergonha, não mais de dúvidas, não mais de angústias, não mais de perjúrios, nada desse desagradável cortejo de fabulosas dores, de grosseiros erros, como se vê diariamente sobre a Terra.

Aqui se é penetrado de uma quietude inefável; admira-se, pede-se, adora-se, se dá ações de graça ao sublime autor de tantos benefícios, estuda-se, e se lhe entrevê todos os poderes infinitos; vê-se o movimento das leis que regem a Natureza. Cada obra tem um objetivo que conduz ao amor, diapasão da harmonia geral. Vê-se o progresso

presidira todas as transformações físicas e morais, porque oprogresso é infinito como Deus que o criou. Tudo é compreensível; tudo é limpo, preciso; não mais abstrações: toca-se com o dedo e a razão o porquê das coisas humanas. As legiões espirituais avançadas não têm senão um objetivo, o de se tornarem úteis aos seus irmãos atrasados para elevá-los até elas.

Trabalhai, pois, sem cessar, conforme as vossas forças, meus bons irmãos, para vos melhorar, para serdes úteis aos vossos semelhantes; não só fareis um passo na Doutrina que faz a vossa alegria, mas tereis poderosamente contribuído ao progresso de vosso planeta; a exemplo do grande legislador cristão, sereis homens, homens de amor, e concorrereis para implantar o reino de Deus sobre a Terra.

Aquele que é ainda e mais do que nunca vosso condiscípulo.

LECLERC.

Nota. Tal é, com efeito, o caráter da vida espiritual, mas seria um erro crer que basta ser Espírito para encará-la desse ponto de vista. Ocorre no mundo espiritual como no mundo corpóreo: para apreciar as coisas de uma ordem elevada, é preciso um desenvolvimento intelectual e moral que não é próprio senão dos Espíritos avançados; os Espíritos atrasados são estranhos ao que se passa nas altas esferas espirituais, como o são sobre a Terra àquilo que faz a admiração dos homens esclarecidos, porque não podem compreendê-lo; seu pensamento circunscrito num horizonte limitado, não pode abarcar o infinito, não pode ter os gozos que resultam da expansão da esfera de atividade espiritual. A soma da felicidade, no mundo dos Espíritos, ali é, pois, pela própria força das coisas, em razão do desenvolvimento do senso moral; donde resulta que, trabalhando neste mundo pela nossa melhoria e nossa instrução, aumentamos as fontes de felicidade para a vida futura. Para o materialista, o trabalho não é senão um resultado limitado à vida presente que pode acabar de uma instante para outra; o Espírita, ao contrário, sabe que nada do que adquire, mesmo na última hora, não é em pura perda, e que todo progresso realizado lhe será proveitoso.

As profundas considerações de nosso antigo colega, Sr. Leclerc, sobre a vida espiritual, são, pois, uma prova de seu adiantamento na hierarquia dos Espíritos, e disto o felicitamos.

PROVAS TERRESTRES DOS HOMENS EM MISSÃO.

(Douay, 9 de março de 1867. Med, Senhora M...)

... É preciso, meus filhos, que o sangue depure a Terra; terrível luta, mais horrível ainda pelo esplendor da civilização no meio da qual ela se manifesta. O que, Senhor! quando tudo se prepara para apertar os laços dos povos de um canto do mundo ao outro! quando na aurora da fraternidade material se vêem linhas de demarcação de raças, de costumes, de linguagem tender à unidade, a guerra chega, *a* guerra e seu cortejo de ruínas, de incêndios, de divisões profundas, de ódios religiosos; sim, tudo isto porque nada, em nosso progresso, não foi segundo o Espírito de Deus; porque vossos laços não foram apertados nem pela bondade, nem pela lealdade, mas somente pelo interesse; porque não é a verdadeira caridade que impõe silêncio aos ódios religiosos, mas a indiferença; porque as barreiras não foram abaixadas em vossas fronteiras para o amor de todos, mas pelos cálculos mercantis; enfim, porque os objetivos são humanos e instintivos e não espirituais e caridosos; porque os governantes não procuram senão seus proveitos e que cada um entre os povos isso faz também.

Sublime desinteresse de Jesus e de seus apóstolos, onde estás? - Estais tristes, meus filhos, pensando algumas vezes na rude missão desses Espíritos sublimes que vêm levantara coragem da Humanidade e morrer na tarefa depois de ter esvaziado até o fim a taça das ingratidões humanas. Gemei sem ver que o Senhor, que os envia, parece

abandoná-los no momento em que a sua proteção parece mais necessária; não falastes das provas que sofremos Espíritos elevados no momento de passarem para um degrau mais alto na iniciativa espiritual? Não se vos disseque cada grau de hierarquia celeste se conquista pelo mérito, pelo devotamento, como entre vós, no exército, pelo sangue derramado e pelos serviços realizados? Pois bem! é o caso em que se encontram os Messias sobre esta Terra de dores; são sustentados. Enquanto dura a sua obra humanitária, enquanto trabalham pelo homem e por Deus, mas, quando só eles estão em jogo. Quando a sua prova se torna individual, o recurso visível se afasta, a luta se mostra áspera e rude, como o homem deve sofrê-la.

Eis a explicação desse abandono aparente que vos aflige na vida dos missionários de todos os graus de vossa Humanidade. Não penseis que Deus abandone jamais sua criatura por capricho ou impossibilidade; não, mas no interesse de seu adiantamento a deixa às suas próprias forças, ao uso inteiro de seu livre arbítrio.

CURAD'ARS.

O GÊNIO.

(Douai, 13 de março de 11867. Médium, Sr...)

Pergunta. O gênio é distribuído a cada Espírito segundo sua aquisição, ou segundo uma lei divina em relação com as necessidades de um povo ou de uma Humanidade?

Resposta. O gênio, caros filhos, é a irradiação das aquisições anteriores. Essa irradiação é o estado de Espírito no desligamento ou nas encarnações superiores: há, pois, duas distinções afazer. O gênio, o mais comum entre vós, é simplesmente o estado de um Espírito do qual uma ou duas faculdades permaneceram abertas e em estado de agir livremente; ele recebeu um corpo que permite seu desabrochar em sua plenitude adquirida. A outra espécie de gênio é o Espírito que vem dos mundos felizes e avançados, onde a aquisição é universal sobre todos os pontos; onde todas as faculdades da alma chegaram a um grau eminente, desconhecido sobre a Terra. Estas espécies de gênios se distinguem dos primeiros por uma aptidão fora do comum a todos os talentos, a todos os estudos. Eles concebem todas as coisas por uma intuição segura e que confunde a ciência adquirida dos mais sábios. Eles excedem em bondade, em grandeza de alma, em verdadeira nobreza, em obras excelentes. Eles são as luzes, os iniciadores, os exemplos. São os homens de outras terras, vindos para fazer resplandecer a luz do alto num mundo obscuro, do mesmo modo que se enviam, entre os bárbaros para instruí-los alguns sábios de uma capital civilizada; tais foram entre vós, os homens que, em diversas épocas, fizeram a Humanidade avançar, os sábios que recuaram os limites dos conhecimentos e dissiparam as trevas da ignorância. Eles viram e pressentiram o destino terrestre, tão longe que estivessem do cumprimento desse destino; todos lançaram os fundamentos de alguma ciência, ou dela foram o ponto culminante.

O gênio não é, pois, gratuito, e não está subordinado a uma lei; ele sai do próprio homem e de seus antecedentes. Refleti que os antecedentes são inteiramente o homem. O criminoso o é por seus antecedentes; o homem de mérito, o homem de gênio são superiores pela mesma causa. Tudo não está velado na encarnação ao ponto que não transpareça nada de nosso ser anterior. A inteligência e a bondade são luzes muito vivas, focos muito ardentes para que a vida terrestre os reduzisse à obscuridade.

As provas a sofrer podem bem velar, atenuar algumas de vossas faculdades, adormecê-las, mas, se elas chegaram a um alto grau, o Espírito não pode delas perder inteiramente a posse e o exercício; há nele a segurança de que as tem sempre à sua disposição; freqüentemente mesmo, ele não pode consentir em delas se privar. Está aí o que causa as vidas tão dolorosas de certos homens avançados que gostaram mais de sofrer pelas suas altas faculdades do que deixá-las se desvanecer por um tempo.

Sim, todos nós somos pela esperança, e alguns pela lembrança, cidadãos dessas altas esferas celestes onde o pensamento irradia puro e poderoso. Sim, todos seremos Platões, Aristóteles, Erasmos; nosso Espírito não verá mais empalidecer as suas aquisições sob o peso da vida do corpo, onde se apaga sob o peso da velhice e das enfermidades.

Amigos, eis verdadeiramente a mais sublime esperança; que estão junto de tudo isto as dignidades e os tesouros que *se* colocam aos pés desses homens; os soberanos esmolam suas obras, se separam de sua presença. - Crede que essas honras vãs os bajulam? não; a lembrança de sua gloriosa pátria é muito viva. Eles remontam felizes sobre o raio de sua glória, a esses mundos que seu Espírito lamenta sem cessar.

Terra! terra! região f ria, escura, agitada; terra cega, ingrata e rebelde! não podias lhes fazer esquecer a pátria celeste onde tinham vivido, onde voltarão a viver.

Adeus, amigos, estejais seguros que todo homem de bem tornar-se-á cidadão desses mundos felizes, dessas Jerusaléns esplêndidas, onde o Espírito vive livre em seu corpo etéreo, possuindo, sem nuvens e sem véus, todas suas aquisições; então, conhecereis tudo o que aspirais conhecer, compreendereis tudo o que procurais compreender, mesmo meu nome, caro médium, que não quero dizer-te.

UM ESPÍRITO.

ALLANKARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO **NO. 6** **JUNHO 1867**

EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES NOS ESTADOS UNIDOS.

"Informa-se de New-York que, entre as petições endereçadas recentemente ao presidente dos Estados Unidos, acha-se uma que levanta de novo a questão da admissibilidade das mulheres aos empregos públicos. A senhorita Françoise Lord, de New-York, pediu para ser enviada como cônsul ao estrangeiro. O Presidente tomou seu pedido em consideração, e ela espera que o Senado lhe seja favorável. O sentimento público não se mostra tão hostil a essa inovação quanto teria se podido supô-lo, e vários jornais defendem a pretensão da senhorita Lord.

(Siècle, 5 de abril de 1867.)

"No distrito comandado pelo general Shéridan, formado pelos estados da Louisiana e do Texas, as listas eleitorais foram abertas, e a população branca ou de cor começou a nela se fazer inscrever, sem levantar objeção, a respeito da ingerência da autoridade militar em todo esse assunto. Apesar dos esforços dos legisladores de Washington, a população do norte guarda uma grande parte de seus preconceitos a respeito dos negros. Com a maioria de 35 vozes contra, a câmara dos deputados de New-Jersey lhes recusou o gozo dos direitos políticos, e o senado do estado se associou a esse voto, que é o objeto dos ataques mais vivos em toda a imprensa republicana. Em revanche, um dos estados do Oeste, o Wisconsin, deu o direito de voto às mulheres com a idade maior de vinte e um anos. Esse princípio novo fez seu caminho nos Estados Unidos, e não faltam jornalistas para aprovar a galanteria política dos senadores do Wisconsin. Fazendo alusão a um romance célebre, um orador de uma reunião exclamou: "Como recusaríamos a capacidade política à senhora Beecher Stowe, quando nós a reconhecemos no tio Tom?'

(Grand *Moniteur,* 9 de maio de 1867.)

A câmara dos comuns, da Inglaterra, também se ocupou dessa questão em sua sessão de 20 de maio último, sob a proposta de um de seus membros. Lê-se no relatório do *Morning Post:*

"Sobre a cláusula 4, o Sr. MILL pede que se retire a palavra *homem* e que se insira *a* de *pessoa.*

"Meu objetivo é, disse ele, admitir à franquia eleitoral uma muito grande parte da população que está excluída agora do regaço da constituição, quer dizer, as mulheres. Não vejo porque as senhoras não casadas, maiores, e as viúvas não teriam um voto na eleição dos membros do Parlamento.

"Dir-se-á, talvez, que as mulheres já têm bastante poder, mas sustento que se elas obtivessem os direito civis que eu proponho que se lhes conceda, elevar-se-ia por aí sua condição, e se as desembaraçaria de um obstáculo que impede hoje a expansão de suas faculdades.

"Confesso que as mulheres já tem um grande poder, mas elas não o têm muito, e não são crianças mimadas como se o supõe geralmente. De resto, qualquer que seja seu poder, quero que seja responsável, e eu lhes daria o meio de fazer conhecer suas necessidades e seus sentimentos.

"SR. LAING. -A proposição é, segundo ele, insustentável, e está persuadido de que a própria maioria das mulheres rejeitaria.

"SI R JOHN BOWYER pensa diferentemente. As mulheres podem ser agora vigilantes dos pobres, e não vê porque elas não votariam para os membros do Parlamento. O honrado baronete cita o caso da senhorita Burdetts Coutts para mostrar que a propriedade das mulheres, embora imposta como a dos homens, não está de todo representada.

"É procedente o voto: a emenda é rejeitada por 196 votos contra 73, e é ordenado que a palavra *homem* fará parte da cláusula.

O jornal la *Liberte,* de 24 de maio, faz seguir este relatório das judiciosas reflexões seguintes:

"É que já as mulheres não são admitidas a sentar-se e a votar nas assembléias de acionistas, com o mesmo título que os homens?

"Se fosse verdadeiro, assim como o pretende o honrado Sr. Laing, que as mulheres não quisessem o direito que o Sr. Stuart Mill propõe lhes reconhecer, esta não seria uma razão para não lhes atribuir se lhes pertence legitimamente. Aquelas a quem repugnaria exercê-lo estariam livres para não votar, salvo, mais tarde, reconsiderar-se quando o uso lhes tivesse feito mudar de opinião.

"Aos *Laing,* cujos olhos estão cobertos pela venda da rotina, parece monstruoso que as mulheres votem, e acho muito natural e perfeitamente simples que uma mulher reine!

"Ó inconseqüência humana! ó contradição social!

"A. FAGNAN."

Tratamos da questão da emancipação das mulheres no artigo intitulado: *As mulheres têm uma* a/ma? publicada na Revista de janeiro de 1866, e ao qual enviamos o leitor para não nos repetirmos aqui; as considerações seguintes servirão para complementá-lo.

Não é duvidoso que numa época em que os privilégios, restos de uma outra época e de outros costumes, caem diante do princípio da igualdade dos direitos de toda criatura humana, os da mulher não poderiam tardar a ser reconhecidos, e que, num futuro próximo, a lei não a tratará mais em minoridade. Até o presente, o reconhecimento desses direitos é considerado como uma concessão da força à fraqueza, é porque ela é regateada com tanta parcimônia. Ora, como tudo o que é concedido benevolentemente pode ser retirado, esse reconhecimento não será definitivo e imprescritível senão quando não estiver mais subordinado ao capricho do mais forte, mas fundado sobre um princípio que ninguém possa contestar.

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens fazem do princípio espiritual, para não considerar senão o ser material exterior. Da a força ou a

fraqueza constitucional em uns, uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consangüínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou por uma inferioridade natural; foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista *circunscrito,* são conseqüentes consigo mesmos, porque, a não considerar senão a vida material, certas classes parecem pertencer e pertencem com efeito a raças diferentes.

Mas prendendo-se seu ponto de vista do ser espiritual, o ser essencial e progressivo, do Espírito, em uma palavra, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não é senão um envoltório temporário, variando como a roupa de forma e de cor; se, além disto, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de uma natureza e de uma origem idênticas, que a sua destinação é a mesma, que todos partindo de um mesmo ponto tendem ao mesmo objetivo, que a vida corpórea não é senão um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse adiantamento o Espírito pode, sucessivamente, revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à conseqüência capital de igualdade de natureza, e daí à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo.

Vós que negais a existência do Espírito para não considerar senão o homem corpóreo, a perpetuidade do ser inteligente para não considerar senão a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual está fundado em razão da igualdade dos direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes.

Aplicando este princípio à posição social da mulher, diremos que de todas as doutrinas filosóficas e religiosas, o Espiritismo é a única que estabelece esses direitos sobre a própria natureza, provando a identidade do ser espiritual nos dois sexos. Desde que a mulher não pertence a *uma criação distinta,* que o Espírito pode nascer, à vontade, homem ou mulher, segundo o gênero de provas a que quer se submeter para o seu adiantamento, que a diferença não está senão no envoltório exterior que modifica suas aptidões, da identidade na natureza do ser, é preciso necessariamente concluir pela igualdade dos direitos. Isto decorre, não de uma simples teoria, mas da observação dos fatos, e do conhecimento das leis que regem o mundo espiritual. Os direitos da mulher encontrando na Doutrina Espírita uma consagração fundada sobre as leis da Natureza, disto resulta que a propagação desta doutrina apressará a sua emancipação, e lhe dará, de maneira estável, a posição social que lhe cabe. Se todas as mulheres compreendessem as conseqüências do Espiritismo, elas seriam todas espíritas, porque nele hauririam o mais poderoso argumento que podem invocar.

O pensamento da emancipação da mulher germina, neste momento, num grande número de cérebros, porque estamos numa época em que fermentam as idéias de renovação social, e onde as mulheres, tão bem quanto os homens, sofrem influência do sopro progressista que agita o mundo. Depois de estarem muito ocupados consigo mesmos, os homens começam a compreender que seria justo fazer alguma coisa por elas, de relaxar um pouco os laços da tutela sob a qual as mantêm. Devemos tanto mais felicitar os Estados Unidos da iniciativa que tomam a este respeito quanto foram mais longe em conceder uma posição legal e direito comum a toda uma raça da Humanidade.

Mas da igualdade dos direitos seria abusivo concluir a igualdade das atribuições. Deus dotou cada ser de um organismo apropriado ao papel que deve cumprir na Natureza. O da mulher está traçado por seu organismo, e não é o menos importante. Há, pois, atribuições bem caracterizadas reconhecidas a cada sexo pela própria Natureza, e essas atribuições implicam deveres especiais que os sexos não poderiam cumprir eficazmente saindo do seu papel. Assim o é em cada sexo como de um sexo ao outro: a constituição física determina as aptidões especiais; qualquer que seja sua constituição, todos os homens têm certamente os mesmos direitos, mas é evidente que, por exemplo, aquele que não está organizado para o canto não poderia se fazer um cantor. Ninguém

pode lhe tirar o direito decantar, mas esse direito não pode lhe dar as qualidades que lhe faltam. Se, pois, a Natureza deu à mulher músculos mais fracos do que ao homem, é que ela não está chamada aos mesmos exercícios; se sua voz tem um outro timbre, é que não está destinado a produzir as mesmas impressões.

Ora, é de se temer que, e é o que ocorrerá, na febre de emancipação que a atormenta, a mulher não se crê apta a preencher todas as atribuições do homem e que, caindo num excesso contrário, depois de ter tido muito pouco. Esse resultado é inevitável, mas não é preciso de nenhum modo temê-lo; se as mulheres têm direitos incontestáveis, a Natureza tem os seus que ela não perde jamais; elas deixarão logo os papéis que não são os seus; deixai-as, pois, reconhecer pela experiência a sua insuficiência nas coisas nas quais a Providência não as chamou; as tentativas infrutíferas as levarão forçosamente ao caminho que lhes está traçado, caminho que pode e deve ser alargado, mas que não poderia ser desviado, sem prejuízo delas mesmas, pondo atenção na influência toda especial que elas devem exercer. Elas reconhecerão que não podem senão perder na troca, porque a mulher com maneiras muito viris não terá jamais a graça e o encanto que fazem o poder daquela que sabe permanecer mulher. Uma mulher que se faz homem abdica de sua própria realeza; consideram-na como um fenômeno.

Os dois artigos reportados acima, tendo sido lidos na Sociedade de Paris, esta questão foi proposta aos Espíritos como assunto de estudo:

Que *influência o Espiritismo deve ter sobre a condição da mulher?*

Todas as comunicações obtidas concluindo no mesmo sentido, não nos reportamos senão à seguinte, como sendo a mais desenvolvida.

(Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867; méd. Sr. Morin,
em sonambulismo espontâneo; dissertação verbal.)

"Os homens, em todos os tempos, foram orgulhosos; *é* um vício constitucional inerente à sua natureza. O homem, não falo do sexo, o homem forte pelo desenvolvimento de seus músculos, pelas concepções um pouco audaciosas de seu pensamento, não teve em conta a fraqueza à qual é feita alusão nas santas Escrituras, fraqueza que fez a infelicidade de toda a sua descendência. Acreditou-se forte, e serviu-se da mulher, não como de uma companhia, de uma família: dela se serviu do ponto de vista puramente bestial; dela fez um animal bastante agradável. E tentou mantê-la à distância respeitosa do senhor. Mas como Deus não quis que uma metade da Humanidade fosse dependente da outra, não fez duas criações distintas: uma para estar constantemente ao serviço da outra; quis que todas as suas criaturas pudessem participar do banquete da vida e do infinito numa mesma proporção.

"Em cérebros que estiveram por muito tempo distantes de toda ciência, como impróprios para receber os benefícios da instrução, Deus fez nascer, como contrapeso, as astúcias que impedem as forças do homem. A mulher é fraca, o homem é forte, é sábio; mas a mulher é esperta, e a ciência contra a astúcia não tem sempre vantagem. Se fosse a verdadeira ciência, ela a dominaria; mas é uma ciência falsa e incompleta, e a mulher encontra facilmente o defeito da couraça. Provocada pela posição que lhe era feita, a mulher desenvolveu o germe que sentia nela; a necessidade de sair de seu rebaixamento lhe deu o desejo de romper suas cadeias. Segui sua marcha; tomai-a desde a era cristã e observai-a: vê-la-eis cada vez mais dominante, mas ela não dispensou toda a força; conservou-a para tempos mais oportunos, e a época se aproximam em que ela a vai ostentara seu turno. De resto, a geração que se levanta leva em seus f lanços a mudança que nos está anunciada há muito tempo, e a mulher atual quer ter, na sociedade, um lugar igual ao do homem.

"Observai bem; olhai nos interiores, e vede quanto a mulher tende a se libertar do jugo; ela reina poderosa, às vezes em despotismo. Por muito tempo a mantivestes curvada; ela se endireita como uma mola comprimida que se distende, porque começa a compreender que a sua hora chegou.

"Pobres homens! Se refletísseis que os Espíritos não têm sexo; que aquele que é homem hoje pode ser mulher amanhã; que eles escolhem indiferentemente, e algumas vezes de preferência, o sexo feminino, deveríeis antes vos alegrar do que vos afligir com a emancipação da mulher, e admiti-la no banquete da inteligência abrindo-lhe todas as grandes portas da ciência, porque ela tem concepções mais finas, mais doces, toques mais delicados do que do homem. Porque a mulher não seria médica? Não está ela chamada naturalmente a dar cuidados aos doentes, e não os daria com mais inteligência se ela tivesse os conhecimentos necessários? Não há casos em que, quando se trata de pessoas de seu sexo, uma médica mulher seria preferível? Numerosas mulheres não deram a prova de sua aptidão para certas ciências? da fineza de seu tato nos negócios? Porque, pois, se lhes reservariam o monopólio, se não é pelo temor de vê-las tomar a superioridade? Sem falar das profissões especiais, a primeira profissão da mulher não é a de mãe de família? Ora, a mãe instruída está mais no estado de dirigir a instrução e a educação de seus filhos; ao mesmo tempo que ela amamenta o corpo, pode desenvolver o coração e o espírito. Sendo a primeira infância necessariamente confiada aos cuidados da mulher, quando ela for instruída, a regeneração social terá dado um passo imenso, e é o que se fará.

"A igualdade do homem e da mulher teria ainda um outro resultado. Ser senhor, ser forte, é muito bom; mas é também assumir uma grande responsabilidade; partilhando o fardo dos assuntos da família com uma companheira capaz, esclarecida, naturalmente devotada aos interesses comuns, o homem alivia sua carga e diminui sua responsabilidade, ao passo que a mulher estando sob a tutela, e por isto mesmo num estado de submissão forçada, não tem sua voz na assembléia senão quando o homem quer condescender em lhe dar.

"As mulheres, diz-se, são muito faladoras e muito frívolas; mas a quem a falta, se não for senão aos homens que não lhes permitem a reflexão? Dai-lhes o alimento do espírito, e elas falarão menos; meditarão e refletirão. Acusai-as de frivolidade? Mas o que têm elas a fazer? - Falo, sobretudo, aqui da mulher do mundo. - Nada, absolutamente nada. Com que pode ela se ocupar? Se ela reflete e transcreve seus pensamentos, tratam-na ironicamente de *sabichonas.* Se ela cultiva as ciências ou as artes, seus trabalhos não são tomados em consideração, salvo algumas bem raras exceções, e, no entanto, tanto quanto o homem, ela tem necessidade de estímulo. Elogiar um artista é lhe dar o tom, *a* coragem; mas para a mulher, isto, verdadeiramente, vale a pena! Então lhes resta o domínio da frivolidade, no qual podem se estimular entre si.

"Que o homem destrua as barreiras que seu amor-próprio opõe à emancipação da mulher, e ele a verá logo alçar seu vôo, para a grande vantagem da sociedade. A mulher, sabei-o, tem a centelha divina como vós, porque a mulher é vós, como vós sois a mulher."

DA HOMEOPATIA NO TRATAMENTO DAS DOENÇAS MORAIS.

(Ver o nº de março de 1867, página 65.)

O artigo que publicamos no número de março sobre a ação da homeopatia nas doenças morais nos valeu, de um dos mais ardentes partidários deste sistema, e ao mesmo tempo um dos mais fervorosos adeptos do Espiritismo, o doutor Charles Grégory, a carta seguinte que nos fazemos um dever inserir, em razão da luz que a discussão pode trazer à questão.

"Caro e venerado mestre,

'Vou tratar de vos explicar como compreendo a ação da homeopatia sobre o desenvolvimento das faculdades morais.

"Admitis, como eu, que todo homem, com saúde, possui os rudimentos de todas as faculdades e de todos os órgãos cerebrais necessários à sua manifestação. Admitis também que certas faculdades vão sempre se desenvolvendo, ao passo que outras, as que não são, sem dúvida, senão rudimentares, depois de terem apenas dado alguns clarões, parecem se extinguir inteiramente. No primeiro caso, segundo vós, os órgãos cerebrais estando de acordo com as faculdades em pleno desenvolvimento, teriam sua livre manifestação, ao passo que aqueles que são rudimentares, e que, o mais freqüentemente, estão de acordo também com aptidões rudimentares, se atrofiam completamente com o progresso da idade, por falta de atividade vital.

"Se, pois, por meio de medicamentos apropriados, eu atuo sobre os órgãos imperfeitos, se neles desenvolvo um acréscimo de atividade vital, se lhes peço uma nutrição mais poderosa, é bem claro que, aumentando o volume, permitirão à faculdade rudimentar se manifestar melhor, e que, pela transmissão das idéias e dos sentimentos que terão haurido, pelos sentidos, no mundo exterior, imprimirão à faculdade correspondente uma influência salutar e a desenvolverão, a seu turno, porque tudo se liga e se prende no homem; a alma influi sobre o físico, como o corpo influi sobre a alma. Portanto, já, por isto mesmo, primeira influência dos medicamentos por meio do aumento dos órgãos sobre as faculdades correspondentes da alma; portanto, possibilidade de aumentar o homem por forças tiradas do mundo material, de aumentá-lo, digo eu, em virtudes e aptidões.

"Agora, não me está de todo provado que nossas pequenas doses chegadas a um estado de sublimação e de sutileza que ultrapassam todos os limites, não tenham nelas alguma coisa de espiritual, de alguma sorte, que age, a seu turno, sobre o Espírito. Nossos medicamentos, dados no estado de divisão que a arte lhes faz sofrer, não são mais substâncias materiais, mas bem forças que devem, necessariamente, na minha opinião, ao menos, agir sobre as faculdades da alma que, elas também, são forcas.

"E depois, como creio que o Espírito do homem, antes de se encarnar na humanidade, sobe todos os graus da escala e passa pelo mineral, a planta e o animal *e* na maioria dos tipos de cada espécie onde preludia seu completo desenvolvimento como ser humano, quem me diz que, dando-lhe medicamente o que não é mais nem o mineral, nem a planta, nem o animal, mas o que se poderia chamar a sua essência, de alguma sorte seu espírito, não se atua sobre a alma humana composta dos mesmos elementos? Porque, é preciso dize-lo, o espírito é bem alguma coisa, e uma vez que se desenvolveu e se desenvolve sem cessar, precisou tomar esses elementos de alguma parte.

'Tudo o que posso dizer é que nós não agimos sobre a alma, com nossa 200ª e 600ª diluições, materialmente, mas virtualmente e, de alguma sorte, espiritualmente.

"Agora, os fatos aí estão, fatos numerosos, bem observados, e que poderão bem demonstrar que não estou completamente errado. Para citara mim mesmo, embora não goste muito das questões pessoais, direi que, experimentando em mim, há trinta anos, os remédios homeopáticos, de alguma sorte, criei em mim novas faculdades, rudimentares sem dúvida, masque, em minha mais luxuriante juventude, não tinha conhecido, quando eu ignorava a homeopatia, e que hoje, com cinqüenta e dois anos, acho bem desenvolvidas: o sentimento da cor e das formas.

"Acrescentaria ainda que, sob a influência de nossos meios, vi caracteres mudarem completamente; à leviandade sucederam a reflexão e a solidez do julgamento; à lubricidade, a continência; à maldade a benevolência; ao ódio, a bondade e o perdão das injúrias. Evidentemente, este não é o assunto de alguns dias; é preciso bem alguns anos

de cuidados, mas chega-se a esses belos resultados por meios *tão cômodos,* que não há nenhuma dificuldade em nele decidir os clientes que vos são devotados, e um médico os tem sempre. Eu mesmo notei que os resultados obtidos por nossos meios eram adquiridos para sempre, ao passo que aqueles que nos dão a educação, os bons conselhos, as exortações seguidas, os livros de moral, não se obtêm quase diante da possibilidade de satisfazer uma paixão ardente, e as tentações relacionadas com as nossas fraquezas, antes adormecidas e entorpecidas do que curadas. Se os triunfes, neste último caso se manifestam, não é sem lutas violentas que não bastam para prolongá-los por muito tempo.

Eis, caro mestre, as observações que tinha a vos submeter sobre essa questão tão grave da influência da homeopatia sobre o moral humano.

"Para concluir: que seja pelo cérebro que o medicamento atue sobre as faculdades, ou que atue ao mesmo tempo e sobre a fibra cerebral e sobre a faculdade correspondente, não o está menos demonstrado por mim, por centenas de fatos, que a ação sutil e profunda de nossas doses sobre o moral humano *é* muito real. Além disso, me está demonstrado, que a homeopatia deprime certas faculdades, certos sentimentos ou certas paixões muito exaltadas, para levantar de novo outras muito abatidas, e como paralisadas, e, por isto mesmo, conduz ao equilíbrio e à harmonia, de onde: melhoria real e progresso do homem em todas as suas aptidões, e facilidade para vencer a si mesmo.

"Não creiais que esse resultado aniquile a responsabilidade humana, e que se chegue a esse progresso tão desejado sem sofrimentos e sem combates; não basta tomar um medicamento e dizer-se: "Vou triunfar de minha tendência à cólera, ao ciúme, à luxúria." Oh! não! O remédio apropriado, uma vez introduzido no organismo, nele leva a uma modificação profunda que ao *preço de violentos sofrimentos morais e físicos, e, freqüentemente, de longa e muito longa* duração. - sofrimentos que é preciso repetir várias vezes, variando os medicamentos e as doses, e isto durante meses, e algumas vezes anos, querendo-se chegar a resultados concludentes. Está aí o salário ao qual é preciso pagar a sua melhoria moral; está aí a prova e a expiação pelas quais tudo se resgata neste baixo mundo, e eu vos confesso que não é coisa fácil se corrigir, mesmo pela homeopatia. Não sei se, pelas angústias interiores que se sofre, não se paga mais caro esse progresso do que pela modificação mais lenta, é verdade, mas seguramente mais branda e mais suportável da ação puramente moral de todos os dias, pela observação de si mesmo *e* o desejo ardente de se vencer.

"Termino aqui; mais tarde, vos contarei numerosos fatos que poderão muito vos convencer.

"Recebei, etc."

Esta carta não modifica em nada a opinião que emitimos sobre a ação da homeopatia no tratamento das doenças morais, e que vêm confirmar, ao contrário, os próprios argumentos do Sr. doutor Grégory. Persistimos, pois, em dizer que: se os medicamentos homeopáticos podem ter uma ação sobre o moral, é agindo sobre os órgãos das manifestações, o que pode ter a sua utilidade em certos casos, mas não sobre o Espírito; que as qualidades, boas ou más, e as aptidões são inerentes ao grau de *adiantamento ou de inferioridade do* Espírito, e que não é com um medicamento qualquer que se pode fazê-lo avançar mais depressa, nem lhe darás qualidades que não pode adquirir senão sucessivamente e pelo trabalho; que uma tal doutrina, fazendo as disposições morais dependerem do organismo, tira ao homem toda a responsabilidade, o que quer disso diga o Sr. Grégory, e o dispensa de todo trabalho sobre si mesmo para se melhorar, uma vez que se poderia torná-lo bom, com seu desconhecimento, administrando-lhe tal ou tal remédio; que se, com a ajuda dos meios materiais, podem-se modificar os órgãos das manifestações, o que admitimos perfeitamente, esse meio não

pode mudar as tendências instintivas do Espírito, não mais do que em cortando a língua a um tagarela não lhe lhe tira o desejo de falar. Um uso do Oriente vem confirmara nossa afirmação por um fato material muito conhecido.

O estado patológico influi certamente sobre o moral em certos aspectos, mas as disposições que têm essa origem são acidentais, e não constituem o fundo do caráter do Espírito; são aquelas, sobretudo, que uma medicação apropriada pode modificar. Há pessoas que não são benevolentes senão depois de haverem jantado, e a quem não é preciso nada pedir quando estão em jejum; disto é preciso concluir que um bom jantar é um remédio contra o egoísmo? Não, porque essa benevolência, provocada pela plenitude da satisfação sensual, é um efeito do próprio egoísmo; não é senão uma benevolência aparente, um produto deste pensamento: "Agora que não tenho mais necessidade de nada, posso me ocupar um pouco com os outros."

Em resumo, não contestamos que certos medicamentos, e a homeopatia mais do que qualquer outra, não produzem alguns dos efeitos indicados, mas não lhes contestamos mais senão os resultados permanentes, e sobretudo *tão universais* que alguns o pretendem. Um caso em que a homeopatia, sobretudo, pareceria particularmente aplicável com sucesso, é o da *loucura patológica,* porque aqui a desordem moral é a conseqüência da desordem física, e que está constatado agora, pela observação dos fenômenos espíritas, que o Espírito não é louco; não se tem o que modificá-lo, mas dar-lhe os meios de se manifestar livremente. A ação da homeopatia pode ser aqui tanto mais eficaz quanto ela atue principalmente, pela natureza espiritualizada de seus medicamentos, sobre o perispírito, que desempenha um papel preponderante nesta afecção.

Teríamos mais de uma objeção a fazer sobre algumas das proposições contidas nesta carta; mas isto nos levaria muito longe; contentamo-nos, pois, em colocar as duas opiniões em frente. Como em tudo, os fatos são mais concludentes do que as teorias, e são eles, em definitivo, que confirmam ou derrubam estas últimas, desejamos ardentemente que o Sr. o doutor Grégory publique um tratado especial *prático* da homeopatia aplicada ao tratamento das moléstias morais, a fim de que a experiência possa se generalizar e decidir a questão. Mais do que qualquer outro, ele nos parece capaz para fazer esse trabalho ex-professo.

O SENTIDO ESPIRITUAL.

Uma segunda carta do doutor Grégory contém o que segue: "Erasto, numa comunicação, anunciou uma idéia que me tocou e me deu a refletir. O homem, disse ele, tem sete sentidos: os sentidos muito conhecidos da audição, do olfato, da visão, do gosto e do toque, e, além disto, *o sentido sonambúlico e o sentido medianímico.*

"Acrescento a estas palavras que estes dois últimos sentidos não existem senão por exceção suficientemente desenvolvidos em algumas naturezas privilegiadas, em caso que existem em todo homem no estado rudimentar. Ora, está em mim uma convicção adquirida por mais de uma observação e por uma muito longa experiência das forcas homeopáticas, é que nossos medicamentos bem escolhidos, tomados por longo tempo, podem desenvolver essas duas admiráveis faculdades." Seria errado, pensamos, que se considerasse o sonambulismo e a mediunidade como o produto de dois sentidos diferentes, tendo em vista que não são senão dois efeitos resultantes de uma mesma causa. Essa dupla faculdade é um dos atributos da alma, e tem por órgão o perispírito, cuja irradiação transporta a percepção além dos limites da ação dos sentidos materiais. Propriamente falando, *é o sexto sentido,* que é designado sob o nome de *sentido espiritual.*

O sonambulismo e a mediunidade são duas variedades da atividade desse sentido, que apresentam, como se sabe, nuanças inumeráveis, e constituem aptidões especiais. Fora dessas duas faculdades, mais notáveis, porque são mais aparentes, seria um erro crer que o sentido *espiritual* não existe senão no estado rudimentar. Como os outros sentidos, ele é mais ou menos desenvolvido, mais ou menos sutil, segundo os indivíduos, mas todo o mundo o possui, mas não é aquele que presta menos serviço, pela natureza toda especial das percepções das quais é a fonte. Longe de ser a regra, sua atrofia é a exceção, e pode ser considerada como uma enfermidade, do mesmo modo como a ausência da visão ou da audição. É por esse sentido que recebemos os eflúvios fluídicos dos Espíritos, que nos inspiram, com o nosso desconhecimento, seus pensamentos, que nos são dadas as advertências íntimas da consciência, que temos o pressentimento e a intuição das coisas futuras ou ausentes, que se exercem a fascinação, a ação magnética inconsciente e involuntária, *a* penetração do pensamento, etc. Estas percepções são dadas ao homem pela Providência, do mesmo modo que a visão, a audição, o odor, o gosto e o tato, para a sua conservação; são os fenômenos muito vulgares que se notam apenas pelo hábito que se tem de senti-los, e dos quais não se dá conta senão nesse dia, em conseqüência de sua ignorância das leis do princípio espiritual, da própria negação, e, alguns, da existência desconhecida; mas quem leva a sua atenção sobre os efeitos que acabamos de citar e sobre muitos outros da mesma natureza, reconhece o quanto são f requentes e que são completamente independentes das sensações percebidas pelos órgãos do corpo.

A *vista espiritual,* vulgarmente chamada *dupla vista ou segunda vista, é* um fenômeno menos raro do que se o crê; muitas pessoas têm esta faculdade sem disto desconfiar; somente ela é mais ou menos acentuada, e fácil de se assegurar quando é estranha aos órgãos da visão, uma vez que se exerce sem o concurso desses órgãos, que mesmo os cegos a possuem. Ela existe em certas pessoas, no estado normal mais perfeito, sem o menor traço aparente de sono nem de estado extático. Conhecemos, em Paris, uma senhora na qual ela é permanente, e tão natural quanto a visão comum; ela vê sem esforço e sem concentração o caráter, os hábitos, os antecedentes de quem dela se aproxima; descreve as doenças e prescreve tratamentos eficazes, com mais facilidade do que muitos sonâmbulos comuns; basta pensar em uma pessoa ausente para que ela a veja e a designe. Estávamos um dia em sua casa, e vimos passar na rua alguém com quem temos relação e que ela jamais viu. Sem ser nisto provocada por nenhuma pergunta, dela fez o retrato moral mais exato, e nos deu a seu respeito conselhos muito sábios.

Essa senhora, no entanto, não é sonâmbula; ela fala do que vê, como falaria de qualquer outra coisa sem se desviar de suas ocupações. Ela é médium? ela mesma não sabe nada disso, porque tem pouco tempo, não conhece o Espiritismo, nem mesmo de nome. Essa faculdade, pois, é nela muito natural e tão espontânea quanto possível. Como ela percebe, se não for pelo sentido espiritual?

Devemos acrescentar que essa senhora tem fé nos sinais da mão; também a examina quando se a interroga; nela vê, diz ela, o indício das doenças. Como ela vê certo, e que é evidente que muitas coisas que ela diz não podem ter nenhuma relação fisiológica com a mão, estamos persuadidos de que para ela é simplesmente um meio de se pôr em relação, e desenvolver sua vista fixando-a sobre um ponto determinado; a mão faz o papel de *espelho mágico ou psíquico;* ela vê como outros vêem num copo, numa garrafa ou outro objeto. Sua faculdade tem muita relação com a do *Vidente da floresta de Zimmerwald,* mas ela lhe é superior em certos aspectos. De resto, como ela disso não tira nenhum proveito, esta consideração afasta toda suspeita de charlatanismo, e, tendo em vista que dela não se serve senão para prestar serviço, deve ser assistida por bons Espíritos (Ver a Revista de outubro de 1864:0 *sexto sentido e a visão espiritual;* outubro

de 1865: *Novos estudos sobre os espelhos psíquicos. O Vidente da floresta de Zimmerwald.)*

GRUPO CURADOR DE MARMANDE.

INTERVENÇÃO DOS PARENTES NAS CURAS.

"Marmande, 12 de maio de 1867.

"Caro senhor Kardec,

"Já há algum tempo que não conversamos sobre o resultado de nossos trabalhos Espíritas que prosseguimos com perseverança e, estou feliz em dize-lo, com sucessos satisfatórios. Os obsidiados e os doentes são sempre o objeto de nossos cuidados exclusivos. A moralização e os fluidos são os principais meios indicados por nossos guias.

"Nossos bons Espíritos, que se devotaram à propagação do Espiritismo .tomaram também a tarefa de vulgarizar o magnetismo. Em quase todas as consultas, para os diversos casos de doenças, eles pedem o concurso dos parentes: um pai, uma mãe, um irmão ou uma irmã, um vizinho, um amigo, são requeridos para fazer passes. Essas bravas pessoas ficam surpresas em deter as crises, acalmar as dores. Este meio é, isto me parece, engenhoso e seguro para fazer adeptos, também a confiança se estende cada dia mais em nossa região. Os grupos que se ocupam de curas talvez fariam bem em dar os mesmos conselhos; os felizes resultados obtidos provariam de modo evidente a verdade do magnetismo, e dariam a certeza de que a faculdade de curar ou de aliviar seu semelhante não é o privilégio exclusivo de algumas pessoas; que não é preciso, para isto, senão uma boa vontade e confiança em Deus; não falo de uma boa saúde que é uma condição indispensável, se o compreendem. Em reconhecendo que se tem em si mesmo esse poder, adquire-se a certeza de que não há nem malabarismos, nem sortilégio, nem pacto com o diabo. É, pois, um meio de destruir as idéias supersticiosas.

"Eis alguns exemplos de curas obtidas.

"Uma menina de 6 a 7 anos estava acamada, tendo uma dor de cabeça contínua, febre, uma tosse freqüente com escarro, uma dor viva do lado esquerdo; dor também nos olhos que se recobriam, de tempo em tempo, de uma substância leitosa, formando uma espécie de f ronha. Sob os cabelos, a pele do crânio estava recoberta de películas brancas; a urina espessa e turva. A criança fraca e abatida não comia nem dormia. O médico tinha acabado por suspender suas visitas. A mãe, *pobre,* em presença de sua filha doente e abandonada, veio me procurar. Nossos guias consultados prescreveram, por todo remédio, a imposição das mãos, os passes fluídicos da parte da mãe, recomendando-me ir, durante alguns dias, fazê-la ver como a isto se prender. Comecei por fazer levantar os vesicatórios e fazê-los secar. Depois de três dias de passes e de imposição de mãos sobre a cabeça, os rins e o peito, efetuados *a título de lições,* mas feitos com alma, a criança pediu para se levantar; a febre estava detida, e todos os acidentes descritos mais acima desapareceram ao cabo de dez dias.

"Esta cura, que a mãe qualificava de miraculosa, me fez chamar, dois dias mais tarde, junto de uma outra menina de 3 ou 4 anos que tinha febre. Depois dos passes e imposição das mãos, a febre cessou, desde o primeiro dia.

"As curas de algumas obsessões não nos deram menos satisfação e confiança. Marie B..., jovem de 21 anos, de Samazan, perto de Marmande, se punha nua como um verme, corria pelos campos, e ia se deitar ao lado de um cão num buraco de palha. A moralização do obsessor de nossa parte, e os passes fluídicos feitos pelo marido,

segundo nossas instruções, logo a libertaram. Toda a comuna de Samazan foi testemunha da impotência da medicina em curá-la, e da eficácia do meio simples empregado para conduzi-la ao estado normal.

"A senhora D..., com a idade de 22 anos, da comuna de Sainte-Marthe, não longe de Marmande, caía em crises extraordinárias e violentas; ela rugia, mordia, rolava, sentia golpes terríveis no estômago, desmaiava, e, freqüentemente, ficava quatro ou cinco horas sem conhecimento; uma vez ela ficou oito dias sem recobrar sua lucidez. O Sr. doutor T... tinha-lhe em vão dado seus cuidados. O marido, ao cabo de cursos junto das pessoas da arte, dos padres de nossa região, reputados curadores exorcistas, adivinhos, porque confessou tê-los consultado, se dirige *a* nós com o pedido de consentirmos nos ocupar de sua mulher se, como lhe foi reputado, estava em nosso poder curá-la. Prometemos escrever-lhe para lhe indicar o que deveria fazer.

"Nossos guias nos disseram: Que cesse todo tratamento médico: os remédios seriam inúteis; que o marido elevasse sua alma a Deus, que impusesse as mãos sobre a fronte de sua mulher e lhe fizesse passes fluídicos com amor e confiança; que observasse pontualmente as recomendações que iríamos fazer-lhe, embora qualquer contrariedade que disso possa sentir (seguem essas recomendações que são todas pessoais), e se compenetre bem da idéia de que são necessárias ao proveito de sua pobre aflita, ele terá logo a sua recompensa.

"Disseram-nos também para chamar e moralizar o Espírito obsessor, sob o nome de *Lucie Cédar.* Este Espírito revela a causa que o levava a atormentara Sra. D... Essa causa se ligava precisamente às recomendações feitas ao marido. Este último estando conforme com tudo, teve a satisfação de ver sua mulher completamente livre, no espaço de dez dias. Ele me disse: Uma vez que os Espíritos se comunicam, não me admiro que tenham vos dito que não era conhecido de mim, mas estou bem mais admirado de que nenhum remédio tenha podido curar minha mulher; se estivesse me dirigido a vós desde o início, teria 150 f r. em meu bolso, que ali não estão mais, e que despendi em medicamentos.

"Eu vos aperto muito cordialmente a mão,

"DOMBRE."

Estes fatos de curas nada têm de mais extraordinário do que aqueles que já citamos, provindos do mesmo centro; mas eles provam, pela persistência do sucesso, há vários anos, o que se pode obter com a perseverança e o devotamento, também a assistência dos bons Espíritos nisso jamais falta. Eles não abandonam senão aqueles que deixam o bom caminho, o que é fácil de reconhecer pelo declínio dos sucessos, ao passo que sustentam, até o último momento, mesmo contra os ataques da malevolência, aqueles cujo zelo, sinceridade, abnegação e humanidade são à prova das vicissitudes da vida. Eles elevam aquele que se abaixa, e abaixam aquele que se eleva. Isto se aplica a todos os gêneros de mediunidade.

Nada decepcionou o Sr. Dombre; ele lutou energicamente contra todos os entraves que se lhe suscitou, e deles triunfou; desprezou as injúrias e as ameaças de nossos adversários comuns, e forçou estes ao silêncio pela sua firmeza; não poupou nem seu tempo, nem seu trabalho, nem os sacrifícios materiais; jamais procurou se prevalecer do que faz para se dar relevo ou disso fazer um degrau qualquer; seu desinteresse moral iguala seu desinteresse material; se é feliz por triunfar, é porque cada sucesso o é um para a doutrina. Aí estão os títulos sérios para o reconhecimento de todos os Espíritas, presentes e futuros, títulos aos quais é preciso associar os membros do grupo que os secundam com tanto zelo quanto abnegação, e dos quais lamentamos não poder citar os nomes.

O fato mais característico assinalado nesta carta é o da intervenção dos parentes e amigos dos doentes nas curas. É uma idéia nova cuja importância não escapará a ninguém, porque sua propagação não pode deixar de ter resultados consideráveis; é a vulgarização anunciada da mediunidade curadora. Os Espíritas notarão quanto os Espíritos são engenhosos nos meios tão variados que empregam para fazer a idéia penetrar nas massas. Como não lhe chegaria ela, uma vez que se lhe abre sem cessar novos canais, e que se lhe dá os meios de bater em todas as portas?

Essa prática não poderia, pois, ser muito encorajada; no entanto, não se deve perder de vista que os resultados estarão em razão da boa direção dada à coisa pelos chefes dos grupos curadores, e do ela que saberão imprimir por sua energia, seu devotamento e seu próprio exemplo.

NOVA SOCIEDADE ESPÍRITA DE BORDEAUX.

Desde o mês de junho de 1866, uma nova Sociedade Espírita, já numerosa, formou-se em Bordeaux, sobre bases que atestam o zelo e a boa vontade de seus membros, e uma perfeita interpretação das verdades principais da doutrina. Extraímos do relatório anual publicado pelo Presidente, algumas passagens que dela farão conhecer o espírito.

Depois de ter falado das vicissitudes que o Espiritismo experimentou nesta cidade, as circunstâncias que levaram à formação da nova sociedade e de sua organização que "permite àqueles de seus membros que lhe sentem a força, desenvolver por conversas, no começo de cada sessão, os grandes princípios da doutrina, princípios que muitos não combatem senão porque não os conhecem, ele acrescenta:

"São essas conversas que atraíram até aqui numerosos ouvintes estranhos à Sociedade. Certamente, não tenho a pretensão de crer que todos os nossos ouvintes venham em nossa casa para se instruir; muitos, sem dúvida, a ela vêm para procurar nos surpreender em falta; é seu negócio. O nosso, a nós, é de difundir o Espiritismo nas massas, e a experiência nos provou que o melhor meio, depois de pôr em prática a sublime moral que dele decorre, e as comunicações do Espíritos, é de fazê-lo pela palavra.

"Desde que nos constituímos, temos duas sessões por semana. Este duplo trabalho nos foi imposto pela necessidade de consagrar uma sessão particular (a de quinta-feira) aos Espíritos obsessores e ao tratamento das doenças que ocasionam, e de reservar uma outra sessão (a do sábado) aos estudos científicos. Acrescentarei, para justificar nossas sessões de quinta-feira, que temos a felicidade de possuir entre nós um médium curador com faculdades bem desenvolvidas, e conhecido por sua caridade, sua modéstia e seu desinteresse; é também conhecido fora quanto no seio de nossa sociedade, de sorte que os doentes não lhe faltam.

"Há, de resto, em Bordeaux, muitos casos de obsessão, e uma sessão por semana especialmente consagrada à evocação e à moralização dos obsessores está longe de ser suficiente, uma vez que o médium curador, acompanhado de um médium escrevente, de um evocador e, freqüentemente, de certos de nossos irmãos, vai ao domicílio dos doentes, a fim de treinar os obsessores e ali virem mais facilmente, lado a lado.

"Ao médium curador veio se juntar um de nossos irmãos, magnetizador de um grande poder e de um devotamento a toda aprova que, ajudado também pelos bons Espíritos, supre o primeiro, de tal sorte que podemos dizer que a Sociedade possui dois médiuns curadores, embora de graus diferentes."

Segue o relato de várias curas, entre as quais citamos a seguinte: Senhorita A..., com idade de doze anos.

Esta criança, órfã, a cargo de parentes muito pobres, nos foi apresentada num estado lamentável. Todo o seu corpo estava atormentado por movimentos convulsivos,

seu rosto, sem cessar contraído, fazia pregas horríveis; seus braços e suas pernas estavam constantemente agitados, ao ponto de usar os lençóis de sua cama num espaço de oito dias. Suas mãos, que não podiam agarrar o menor objeto, giravam sem cessar em torno dos punhos. Enfim, em conseqüência de sua doença, sua língua tinha se tornado de uma espessura extrema e o mais completo mutismo lhe tinha seguido.

À primeira vista compreendemos que havia ali também uma obsessão e nossos guias, tendo confirmado esta opinião, agimos em conseqüência.

Do conselho de um médico, que se acha *incógnito* na casa da doente, enquanto nós lhe fazemos sofrer um tratamento fluídico, a doença deveria se traduzir, *dentro de três dias,* em dança de São Guido, e, tendo em vista o estado de fraqueza no qual se achava a doente, carregá-la impiedosamente o mais tardar em oito dias.

Não detalharei aqui os inumeráveis incidentes aos quais deu lugar esta cura. Não vos falarei dos obstáculos de toda a sorte amontoados sob nossos passos por influências contrárias e que tivemos que superar. Direi somente que, dois meses depois de nossa entrevista com o médico, a criança falava como vós e eu, servia-se de suas mãos, ia à escola e estava perfeitamente curada.

Eis, acrescenta o Sr. Peyranne, os principais ensinos que saíram para nós das sessões consagradas aos Espíritos obsessores:

"Para agir eficazmente sobre um obsessor, é preciso que aqueles que o moralizam e o combatem pelos fluidos, valham mais do que ele. Isto se compreende tanto melhor quanto o poder dos fluidos está em relação direta com o avanço moral daquele que os emite. Um Espírito impuro chamado numa reunião de homens morais ali não está à vontade; ele compreende sua inferioridade; e setenta desafiar o evocador como ocorre algumas vezes, ficai persuadidos de que abandonará depressa esse papel, sobretudo se as pessoas compondo o grupo onde ele se comunica se juntam ao evocador pela vontade e pela fé.

"Creio que não compreendemos bem ainda tudo o que podemos sobre os Espíritos impuros, ou antes, que não sabemos ainda nos servir dos tesouros que Deus coloca em nossas mãos.

"Sabemos ainda que uma descarga fluídica feita sobre um obsidiado por vários Espíritas, por meio de uma corrente magnética, pode romper o laço fluídico que o liga ao obsessor e tornar para este último um remédio moral muito eficaz, provando-lhe a sua impossibilidade. "Sabemos igualmente que todo encarnado, animado do desejo de aliviar seu semelhante, agindo com fé, pode, por meio de passes fluídicos, senão curar, pelo menos aliviar sensivelmente um doente.

"Acabo com as sessões de quinta-feira, fazendo notar que nenhum Espírito obsessor permaneceu rebelde. Todos aqueles dos quais nos ocupamos acabaram por reconhecer seus erros, abandonaram suas vítimas, e entraram num caminho melhor." A respeito das sessões de sábado, diz ele: "Essas sessões são abertas, vós o sabeis, de resto, por uma conversa feita por um membro da Sociedade, sobre um assunto espírita, e terminadas por um resumo sucinto que o Presidente faz.

"Na conversa, toda liberdade de linguagem é deixada ao orador, todavia, contanto que ele não saia do quadro traçado por nosso regulamento. Ele considera do seu ponto de vista individual os diversos assuntos que trata; desenvolve-os como o entende e deles tira tais conseqüências que julga convenientes; mas não poderia jamais por aí empenhar a responsabilidade da Sociedade.

"No fim da sessão, o Presidente resume os trabalhos, e se não tem a opinião do orador, o combate, fazendo notar ao auditório que, não mais que o primeiro, ele não empenha outra responsabilidade senão a sua, deixando a cada homem o uso do seu livre arbítrio e o cuidado de julgar e decidir em sua consciência de que lado está a verdade ou, pelo menos, o que dela mais se aproxima; porque, por mim, a verdade é Deus: mais nos

aproximemos dele (o que não podemos fazer senão nos depurando e trabalhando pelo nosso progresso) e mais estaremos perto da verdade."

Chamamos ainda a atenção sobre o parágrafo seguinte: "Se bem que tenhamos excelentes instrumentos para os nossos estudos, compreendemos que o número deles tinha se tomado insuficiente, sobretudo em presença da extensão sempre crescente da Sociedade. A penúria dos médiuns, freqüentemente, veio trazer obstáculos à marcha regular de nossos trabalhos, e compreendemos que seria preciso, tanto quanto possível, desenvolver as faculdades que dormem latentes na organização de muitos de nossos irmãos. É por isto que acabamos de decidir que uma sessão especial de ensaios medianímicos, teria lugar no domingo, duas horas depois do meio-dia, na sala de nossas reuniões. Acreditei dever para isso convidar não só nossos irmãos em crença, mas ainda os estranhos que desejassem se tornar úteis. Já essas sessões deram resultados que ultrapassaram a nossa expectativa. Nela fazemos da escrita, da tiptologia, do magnetismo. Várias faculdades muito diversas nela foram descobertas, e dela saíram dois sonâmbulos que parecem dever serem muito lúcidos."

Não podemos senão aplaudir o programa da Sociedade de Bordeaux e felicitá-la por seu devotamento e a inteligente direção de seus trabalhos. Um de nossos colegas, de passagem por essa cidade, recentemente assistiu a algumas de suas sessões e elas lhe produziram a mais favorável impressão. Perseverando neste caminho, ela não pode senão obter resultados cada vez mais satisfatórios e não faltará jamais elementos para a sua atividade. A maneira pela qual ela procede para o tratamento das obsessões é ao mesmo tempo notável e instrutiva, e a melhor prova de que essa maneira é boa, é de que ela triunfa. A isto retornaremos ulteriormente num artigo especial.

Seria supérfluo fazer ressaltar a utilidade das instruções verbais que ela designa sob o simples nome de conversas. Além da vantagem de exercer a administração da palavra, elas têm a não menor de provocar um estudo mais completo e mais sério dos princípios da Doutrina, de facilitar-lhes a inteligência, de fazer deles ressaltara importância, e de levar, pela discussão, a luz sobre os pontos controvertidos. É o primeiro passo para as conferências regulares que não podem deixar de ocorrer cedo ou tarde, e que, tudo em vulgarizando a Doutrina, contribuirão poderosamente para corrigir a opinião pública falseada pela crítica malévola, ou ignorante do que ela é.

Refutar as objeções, discutir os sistemas divergentes, são pontos essenciais que importa não negligenciar, e que podem fornecer a matéria de úteis instruções; é não só um meio de dissipar os erros que poderiam se acreditar, mas é fortificar-se a si mesmo pelas discussões particulares que se pode ter a sustentar. Nessas instruções orais, muitos serão sem dúvida assistidos pelos Espíritos, e não pode deixar de dela sair médiuns falantes. Aqueles que fossem retidos pelo medo de falar diante de um auditório, deveriam se lembrar que Jesus dizia a seus apóstolos: "Não vos inquieteis do que direis; as palavras vos serão inspiradas no próprio momento."

Um grupo da província, que se pode alinhar entre os mais sérios e melhor dirigidos, introduziu este uso em suas reuniões que, igualmente, ocorrem duas vezes por semana. Ele é exclusivamente composto dos oficiais de um regimento. Mas lá não é uma faculdade deixada a cada membro; é uma obrigação que lhes é imposta pelo regulamento de falar cada um a seu turno. Em cada sessão o orador designado para a próxima reunião deve se preparar para desenvolver e comentar um capítulo ou um ponto da Doutrina. Disto resulta para eles uma maior aptidão para fazer a propagação e defender a causa, em caso de necessidade.

NECROLOGIA.

SR. QUINEMANT, DE SÉTIF.

Escrevem-nos de Sétif (Argélia):

"Venho vos comunicar a morte de um fervoroso adepto do Espiritismo, o Sr. Quinemant, falecido no sábado santo, 20 de abril de 1867. É o primeiro que dele se ocupou em Sétif comigo; constantemente o defendeu contra seus detratores, sem se importar com seus ataques nem com o ridículo. Era, ao mesmo tempo, um muito bom magnetizador, e prestou, por seu devotamento todo desinteressado, numerosos serviços às pessoas sofredoras.

Estava doente desde o mês de novembro; tinha a febre todos os dias, e quando não *a* tinha, salivava constantemente água. Comia e digeria bem, achava bom tudo o que pegava, e, apesar disto, emagrecia a olhos vistos; homem de uma muito forte corpulência, seus membros tinham chegado a não ter senão a grossura dos de uma criança. Ele se extinguia a fogo lento, e compreendia muito bem a sua posição; havia dito que queria morrer no dia em que morreu o Cristo. Conservou toda a sua lucidez de espírito e conversava como se não tivesse estado doente. Morreu, quase sem sofrimento, com a tranqüilidade e a resignação de um Espírita, dizendo à sua mulher para se consolar, que se reencontrariam no mundo dos Espíritos. No entanto, em seus últimos momentos, pediu o cura, embora pouco gostasse dos padres em geral, e que tivera com este bastante vivas altercações com respeito ao Espiritismo.

"Vós me estimulareis muito evocá-lo, se isto se puder; eu não duvido que não se faça um prazer vir ao vosso chamado, e como era um homem esclarecido e de bom senso, penso que poderá nos dar úteis conselhos. Sua opinião era de que o Espiritismo aumentaria apesar de todos os entraves que se lhe suscitassem. Quereis também perguntar-lhe a causa de sua doença, que ninguém conheceu. (DUMAS.)"

O Sr. Quinemant, evocado primeiro em particular, deu a comunicação seguinte, e no dia seguinte deu espontaneamente, à Sociedade, a que publicamos separadamente sob o título de: *O Magnetismo e o Espiritismo comparados.*

(Paris, 16 de maio de 1867. Médium, Sr. Desliens.)

"Apresso-me em atender ao vosso chamado com tanto mais facilidade quanto desde o enterro de meu despojo mortal, vim em todas as vossas sessões. Eu tinha um grande desejo de julgar o desenvolvimento da Doutrina em seu centro natural, e se não pude fazê-lo na vida de meu corpo, meus negócios materiais disto foram a única causa. Agradeço vivamente ao meu amigo Dumas pelo pensamento benevolente que me enviou ao vos assinalar a minha partida e em vos pedir a minha evocação; ele não me poderia dar um mais sensível prazer.

"Se bem que meu retorno ao mundo dos Espíritos seja recente, estou suficientemente livre para me comunicar com facilidade; as idéias que eu possuía sobre o mundo invisível, minha crença nas comunicações, e a leitura das obras espíritas tinham me preparado para ver sem admiração, mas não sem uma alegria infinita, o espetáculo que me esperava. Estou feliz pela confirmação de meus pensamentos mais íntimos. Estou convencido, pelo raciocínio, do desenvolvimento ulterior, e da importância sobre as gerações futuras, da doutrina dos Espíritos; mas, ah! eu percebia numerosos obstáculos, e assinalava uma época indefinidamente distante para a predominância de nossas idéias: efeito de minha curta visão e dos limites assinalados pela matéria à minha concepção do futuro. Hoje, tenho mais do que convicção, tenho a certeza. Não via recentemente senão efeitos muito lentos ao gosto de meus desejos; vejo hoje, toco as causas e seus efeitos, e meus sentimentos se modificaram. Sim, será preciso ainda muito tempo para que a vossa Terra seja uma Terra espírita, em toda a acepção da palavra; mas será preciso um tempo relativamente muito curto para trazer uma modificação considerável na maneira de ser dos indivíduos e das nacionalidades.

"Os ensinos que recolhi entre vós, o desenvolvimento importante de certas faculdades, os conciliábulos espirituais aos quais me foi permitido assistir desde a minha chegada aqui, persuadiram-me de que grandes acontecimentos estão próximos, e que num tempo pouco distante, quantidades de forças latentes serão postas em atividade, para ajudarem a renovação geral. O fogo esconde por toda a parte sob a cinza; que uma centelha desprenda-se vivamente, e ela sairá impetuosamente, e a conflagração se tornará universal.

"Os elementos espirituais atuais, triturados na imensa fornalha dos cataclismos físicos e morais que se preparam, uns mais depurados seguem o movimento ascensional; os outros, lançados fora com as escórias mais grosseiras, deverão sofrer ainda várias destilações sucessivas, antes de se juntarem aos seus irmãos mais avançados. Ah! eu compreendo diante dos acontecimentos que o futuro nos reserva, estas palavras do filho de Maria: Haverá pranto e ranger de dentes. Fazei, pois, de sorte, meus amigos, de serem todos convidados ao banquete da inteligência e de não fazerem parte daqueles que serão atirados para as trevas exteriores.

"Antes de morrer, cedi a uma última fraqueza, obedeci a um preconceito recebido, não que a minha crença tenha enfraquecido diante do medo do desconhecido, mas para não me singularizar. Aliás! depois de tudo, a palavra de um homem que vos falado futuro é boa para se ouvir no momento da grande viagem; essa palavra está cercada de ensinos velhos, de práticas usadas, eu o quero muito, mas ela não é menos a palavra de esperança e de consolação.

"Ah! vejo com os olhos do espírito, vejo um tempo onde o Espírita, em sua partida, será também cercado de irmãos que lhe falarão do futuro, de esperança de felicidade! Meu Deus, obrigado, uma vez que me permitistes ver a luz da verdade em meus últimos instantes; obrigado, por esse abrandamento de minhas provas. Se fiz algum bem, é a esta crença bendita que eu o devo, foi ela que me deu a fé, o vigor material e a força moral necessários para curar; foi ela que me deixou a minha lucidez de espírito até meus últimos momentos, que me permitiu suportar sem murmurar a cruel doença que me levou.

"Perguntais qual é essa afecção pela qual sucumbi; ah! meu Deus, é muito simples; as vísceras nas quais se opera a assimilação dos elementos novos, não tendo mais a força necessária para agirem, as moléculas usadas para a ação vital são eliminadas antes que outras venham substituí-las. Mas que importa a doença da qual se morre, quando a morte *é* uma libertação! Obrigado ainda, caro amigo, pelo bom pensamento que vos levou a pedir a minha evocação; dizei à minha mulher que estou feliz, que ela me reencontrará amando-a sempre, e que esperando o seu retorno, não deixarei de cercá-la de meu afeto e de ajudá-la com os meus conselhos.

"Agora, algumas palavras para vós pessoalmente, meu caro Dumas. Postes um dos primeiros chamados a plantar a bandeira da Doutrina neste país, e muito naturalmente encontrastes obstáculos, dificuldades; *se o* vosso zelo não foi recompensado com tanto sucesso quanto o esperáveis e que pareciam prometer os inícios, e que é preciso tempo para desenraizar os preconceitos e a rotina num meio entregue à vida material; é preciso já ser avançado para assimilar prontamente novas idéias que mudam os hábitos. Lembrai-vos de que o primeiro pioneiro que explica, muito raramente é aquele que colhe; ele prepara a terra para os que vêm depois dele. Postes esse pioneiro: era a vossa missão; é uma honra e uma felicidade que estou feliz de ter partilhado um pouco e que apreciareis um dia, como posso fazê-lo hoje, porque vos serão tidos em conta os vossos esforços. Não creiais que nos temos dado a um trabalho inútil; não, nenhuma das sementes que distribuímos está perdida; elas germinarão e frutificarão quando o momento de desabrochar tiver chegado. A idéia está lançada e fará o seu caminho; felicitai-vos de ter sido um dos obreiros escolhidos para esta obra. Tivestes dissabores, decepções: era a prova de vossa fé ede vossa perseverança, sem isto, onde estaria o mérito em cumprir uma missão, se não se encontrassem senão rosas em seu caminho?

"Não vos deixeis, pois, abater pelas decepções; não cedais sobretudo ao desencorajamento e lembrai-vos desta palavra do Cristo: "Bem-aventurados aqueles que perseveram até o fim" e esta: "Bem-aventurados aqueles que sofrerão por meu nome." Perseverai, pois, caro amigo, prossegui vossa obra e pensai que os frutos que se colhem para um mundo onde estou agora, vale mais do que aqueles que se colhem na terra, onde se os deixa partindo.

"Dizei, eu vos peço, a todos aqueles que me testemunharam a afeição e que me guardam um bom lugar em suas lembranças, que eu não os esqueço e que freqüentemente estou no meio deles; dizei àqueles que repelem ainda as nossas crenças, que quando estiverem onde estou, reconhecerão que era a verdade, e que lamentarão amargamente tê-la menosprezado, porque lhes será preciso recomeçar penosas provas; dizei àqueles que me fizeram mal que eu os perdôo e que peço a Deus para os perdoar.

"Aquele que vos será sempre devotado,

E. QUÍNEMANT."

O CONDE D'OURCHES.

O conde d'Ourches foi um dos primeiros que se ocuparam das manifestações espíritas em Paris, desde o momento em que ali chegaram os relatos daquelas que tiveram lugar na América. Pelo crédito que a sua posição social lhe dava, sua fortuna, suas relações de família, e, acima de tudo, sua lealdade e a honradez de seu caráter, contribuíram poderosamente para a sua vulgarização. Ao tempo da vogadas mesas girantes, seu nome tinha adquirido uma grande notoriedade e uma certa autoridade no mundo dos adeptos; tem, pois, seu lugar marcado nos anais do Espiritismo. Apaixonado pelas manifestações físicas, dava-lhe uma confiança ingênua, um tanto cega e da qual, às vezes, se abusou pela facilidade com a qual elas se prestam à imitação. Exclusivamente dado a esse gênero de manifestações do único ponto de vista do fenômeno, não seguiu o Espiritismo em sua nova fase científica e filosófica, pela qual ele tinha pouca simpatia, e permaneceu estranho ao grande movimento que se operou há dez anos.

Ele morreu em 5 de maio de 1867 com a idade de 80 anos. O *Indépendance Belge* publicou sobre ele um muito longo e muito interessante artigo biográfico, assinado por Henry de Pene, e reproduzido *n a Gazette des Etrangersde* Paris (5, rua Scribe) de quinta-feira, 23 de maio; ali prestou plena justiça às suas eminentes qualidades, e a sua crença nos Espíritos, e julgou com uma moderação à qual o primeiro desses jornais não nos tinha habituado. O artigo termina assim:

"Tudo isto, eu o sei, fará levantar as espáduas a um certo número de espíritos positivos que dizem: "Ele é louco!" de todo cérebro que tem compartimentos que eles não têm. Ele é louco, é logo dito. O conde d'Ourches era um homem superior que se tinha proposto por objetivo de o levar a seus semelhantes unido as luzes positivas da ciência às luzes e às visões do sobrenatural."

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

O MAGNETISMO E O ESPIRITISMO COMPARADOS.
(Sociedade de Paris, 17 de maio de 1867, méd, Sr. Desliens.)

"Quando vivo, ocupei-me da prática do magnetismo do pontode vista exclusivamente material; pelo menos, assim eu o acreditava; sei hoje que a elevação voluntária ou involuntária da alma que faz desejar a cura do doente, é uma verdadeira magnetização espiritual.

"A cura prende-se a causas excessivamente variáveis: Tal doença, tratada de tal maneira, cede diante da força de ação material; tal outra, que é idêntica, mas menos acentuada, não sofre nenhuma espécie de melhora, se bem que os meios curativos empregados sejam talvez mais poderosos ainda. A que se prendem, pois, essas variações de influências? -A uma causa ignorada da maioria dos magnetizadores que não atacam senão os princípios mórbidos materiais; elas são a conseqüência da situação moral do indivíduo.

"A doença material é um efeito; para destruir este efeito, não basta atacá-lo, tomá-lo corpo a corpo e aniquilá-lo; a causa existindo sempre, reproduzirá de novo efeitos mórbidos enquanto a ação curativa estiver longe.

"O fluido transmissor da saúde no magnetizador é um intermediário entre a matéria e a parte espiritual do ser, e que se poderia comparar ao perispírito. Ele une dois corpos um ao outro; é um ponto sobre o qual passam os elementos que devem levar a cura nos órgãos doentes. Sendo um intermediário entre o Espírito e a matéria, em conseqüência de sua constituição molecular, esse fluido pode transmitir tão bem uma influência espiritual quanto uma influência puramente animal.

"Em definitivo, o que é o Espiritismo, ou antes, o que é a mediunidade, esta faculdade incompreendida até aqui, e cuja extensão considerável estabeleceu sobre bases incontestáveis os princípios fundamentais da nova revelação? É puramente e simplesmente uma variedade da ação magnética exercida por um ou por vários magnetizadores *desencarnados,* sobre um sujeito humano agindo no estado de vigília ou no estado extático, conscientemente ou inconscientemente.

"O que é, de outra parte, o magnetismo? uma variedade do Espiritismo na qual os Espíritos *encarnados* agem sobre outros Espíritos encarnados.

"Existe, enfim, uma terceira variedade do magnetismo ou do Espiritismo, segundo se o tome por ponto de partida da ação de encarnados sobre desencarnados, ou a de Espíritos relativamente livres sobre Espíritos aprisionados num corpo; essa terceira variedade, que tem por princípio a ação dos encarnados sobre os Espíritos, se revela no tratamento e na moralização dos Espíritos obsessores.

"O Espiritismo não é, pois, senão do magnetismo espiritual, e o magnetismo não é outra coisa senão do Espiritismo humano.

"Com efeito, como procede o magnetizador que quer submeter à sua influência um sujeito sonambúlico? Ele o envolve com o seu fluido; o possui numa certa medida, e, notai-o, sem jamais chegar a aniquilar seu livre arbítrio, sem poder dele fazer sua coisa, um instrumento puramente passivo. Freqüentemente o magnetizado resiste à influência do magnetizador e age num sentido quando este desejaria que a ação fosse diametralmente oposta. Embora geralmente o sonâmbulo esteja adormecido, e que o seu próprio Espírito age enquanto seu corpo permanece mais ou menos inerte, ocorre também, porém mais raramente, que o sujeito simplesmente fascinado, iluminado, permanece num estado de vigília, se bem que com uma maior tensão de espírito e uma exaltação desabituada de suas faculdades.

"E agora, como procede o Espírito que deseja se comunicar? Ele envolve o médium com seu fluido; ele o possui numa certa medida, sem jamais chegar a dele fazer sua coisa, um instrumento puramente passivo. Vós me objetareis talvez que, nos casos de obsessão, de possessão, a aniquilação do livre arbítrio parece ser completa. Haveria muito a dizer sobre esta questão, porque a ação anulatória pesa mais sobre as forças vitais materiais do que sobre o Espírito que pode se encontrar paralisado, abatido e na

impossibilidade de resistir, mas cujo pensamento jamais está aniquilado, assim como se pode notá-lo em muitas ocasiões. Eu acho no próprio fato da obsessão uma confirmação, uma prova em apoio de minha teoria, lembrando que a obsessão se exerce também *de encarnado a encarnado,* e que se viram magnetizadores se aproveitarem do domínio que exerciam para fazer seus sonâmbulos cometerem ações censuráveis. Aqui como sempre, a exceção confirma a regra.

Se bem que, geralmente, o sujeito medianímico esteja desperto, em certos casos, que se tomam cada vez mais freqüentes, o sonambulismo espontâneo se declara no médium, e ele fala por si mesmo ou por sugestão absolutamente, como o sonâmbulo magnético se conduz nas mesmas circunstâncias.

"Enfim, como procedeis com relação aos Espíritos obsessores, ou simplesmente inferiores, que desejais moralizar? Agis sobre eles por atração fluídica; vós os magnetizais, inconscientemente o mais freqüentemente, para retê-los em vosso círculo de ação; conscientemente algumas vezes, quando estabeleceis ao redor deles uma toalha fluídica que não podem penetrar sem a vossa permissão, e agis sobre eles pela força moral que não é outra do que uma ação magnética quintessenciada.

"Como se vos disse muitas vezes, não há lacunas na obra da Natureza, não há saltos bruscos, mas transições insensíveis que fazem que se passe, pouco a pouco, de um estado a um outro, sem se aperceber da mudança de outro modo do que pela consciência de uma situação melhor.

"O magnetismo é, pois, um grau inferior do Espiritismo, e que se confunde insensivelmente com este último por uma série de variedades, diferindo pouco um do outro, como o animal é um estado superior da planta, etc. Num como nooutro, são dois degraus da escala infinita que liga todas as criações, desde o ínfimo átomo até Deus criador! Acima de vós está a luz ofuscante que vossos fracos olhos não podem ainda suportar; abaixo, estão as trevas profundas que vossos mais poderosos instrumentos de ótica não puderam ainda esclarecer. Ontem, nada sabíeis; hoje, vedes o abismo profundo no qual se perde a vossa origem. Pressentis o objetivo infinitamente perfeito para o qual tendem todas as vossas aspirações; e a quem deveis todos esses conhecimentos? ao magnetismo! ao Espiritismo, a todas as revelações que decorrem de uma lei de relação universal entre todos os seres e seu criador! a uma ciência eclodida ontem por vossa concepção, mas cuja existência se perde na noite dos tempos, porque ela é uma das bases fundamentais da criação.

"De tudo isto, concluo que o magnetismo, desenvolvido pelo Espiritismo, é a chave de abóbada da saúde moral e material da humanidade futura.

"E.QUINEMANT."

Nota. A justeza das apreciações e as profundezas do novo ponto de vista que esta comunicação encerra, não escaparão a ninguém. O Sr. Quinemant, embora partido depois de bem pouco tempo, se revela desde o início, e sem a menor hesitação, como um Espírito de uma incontestável superioridade. Apenas liberto da matéria, que não parece ter deixado sobre ele nenhum traço, desdobra as suas faculdades com uma força notável, que promete a seus irmãos da Terra um bom conselheiro a mais.

Aqueles que pretendiam que o Espiritismo se arrastava na rotina dos lugares comuns e das banalidades, podem ver, pelas questões que ele aborda há algum tempo, se está estacionário, e o verão melhor ainda, à medida que lhes forem permitido desenvolver suas conseqüências. No entanto, ele não ensina, propriamente falando, nada de novo; estudando-se com cuidado seus princípios constitutivos fundamentais, ver-se-á que encerram os germes de tudo; mas esses germes não podem se desenvolver senão gradualmente; se todos não florescem ao mesmo tempo, é que a extensão do círculo de suas atribuições não depende *da vontade dos homens,* mas da dos Espíritos, que regulam o grau de seu ensino sobre a oportunidade. É em vão que os homens gostariam

de antecipar no tempo; eles não podem constranger a vontade dos Espíritos que agem segundo as inspirações superiores, e não se deixam ir pela impaciência dos encarnados; eles sabem, se for preciso, *tomar essa impaciência estéril.* Deixai-os, pois, agir; fortaleçamo-nos naquilo que nos ensinam, e estejamos certos que saberão fazer dar, em tempo útil, pelo Espiritismo, o que devem dar.

BIBLIOGRAFIA.

UNIÃO ESPÍRITA DE BORDEAUX.

O último numerado *Union,* que nos chegou há pouco, e que termina o seu segundo ano, contém o aviso seguinte:

"Absorvido pelo trabalho material que nos impõe a necessidade de prover às nossas necessidades e às da família, que temos a tarefa de educar, não nos foi permitido fazer aparecer regularmente os últimos números do *Union Spirite.* Não o esconderemos, em presença dessa tarefa ao mesmo tempo tão penosa e tão ingrata, que nos impusemos, nos perguntamos se não deveríamos nos deter no caminho e deixar a outros, mais favorecidos pela fortuna do que nós, o cuidado de continuar a obra que empreendemos com tanto ardor quanto convicção e fé. Mas, cedendo às instâncias de muitos de nossos leitores, que pensam que o *Union Spirite,* não só tem a sua razão de ser, mas já prestou, e está chamado a prestar, num futuro talvez muito próximo, grandes serviços ao Espiritismo, resolvemos caminhar ainda adiante, e afrontar ainda as dificuldades de todas as espécies que se amontoam sob nossos passos. Somente, a fim de nos tomar possível uma semelhante tarefa e para evitar a irregularidade a qual, infelizmente, até aqui, fomos tão freqüentemente a vítima, tivemos que fazer grandes mudanças em nosso modo de publicação.

"A *Union Spirite* que, em junho próximo, começará seu terceiro ano, doravante aparecerá somente uma vez por mês, em caderno de 32 páginas, grande in-8.0 preço da assinatura será fixado em 40 f ranços por ano.

"Esperamos que nossos assinantes consintam em aceitar estas condições que são, de resto, as da *Revista Espíritade* Allan Kardec, e de quase todas as publicações ou revistas filosóficas de Paris, e que nos enviem o mais cedo possível sua adesão, nos tornarão tão fácil quanto possível o cumprimento da obra à qual, há mais de quatro anos, fizemos com tão grandes sacrifícios.

"A.BEZ."

Somos daqueles que consideram esse jornal como tendo sua razão de ser e sua utilidade; pelo espírito no qual é redigido, pode e deve prestar incontestáveis serviços à causa do Espiritismo. Felicitamos o Sr. Bez pela sua perseverança, apesar das dificuldades materiais que ele encontra em sua própria posição. Ele tomou, a conselho nosso, um muito sábio partido em não o fazendo aparecer senão uma vez por mês, dando-lhe a mesma quantidade de matérias. Pode-se imaginar o tempo e a despesa que causam as publicações que aparecem várias vezes por mês, quando se é obrigado a satisfazê-las sozinho ou quase; é preciso absolutamente não ter nenhuma outra coisa afazer, e renunciara qualquer outra ocupação. Aparecendo em 15 de cada mês, por exemplo, ele alternará com a nossa *Revista;* desta maneira aqueles que gostariam que esta aparecesse mais freqüentemente, o que é impossível, aí encontrarão o complemento daquilo que desejam, e não estarão privados também muito tempo da leitura dos assuntos pelos quais se interessam. Apelamos ao seu concurso, para sustentar essa publicação.

PROGRÉS ESPIRITUALISTE.

Novo jornal aparecendo duas vezes por mês, desde 15 de abril, no formato do antigo *Avenir,* ao qual ele anuncia suceder. 0 A*venir* foi feito o representante de idéias às quais não podíamos dar a nossa adesão. Não é uma razão para que essas idéias não tenham seu órgão, a fim de que cada um esteja de modo a apreciá-las, e que se possa julgar de seu valor pela simpatia que elas encontram na maioria dos Espíritas e sua concordância com o ensino da generalidade dos Espíritos. O Espiritismo não adotando senão os princípios consagrados pela universalidade do ensino, sancionado pela razão e pela lógica, sempre caminhou, e sempre caminhará com a maioria; é o que faz a sua força. Não há, pois, nada a temer das idéias divergentes; se elas são justas, prevalecerão, e serão adotadas; se são falsas, cairão.

Não podemos ainda apreciar a linha que seguirá, sob esse aspecto, o novo jornal; em todos os casos, nos fazemos um dever assinalar o seu aparecimento aos nossos leitores, a fim de que possam julgá-lo por si mesmos. Estaremos felizes de encontrar nele um novo combatente sério de sua doutrina, e, neste caso, lhe desejamos bom sucesso.

Escritório: rua da Victoire, n° 34. - Preço: 10 francos por ano.

PESQUISAS SOBRE AS CAUSAS DO ATEÍSMO.

Em resposta à brochura do Mons. Dupanloup, por um Católico.

Brochura in-8, casa dos Srs. Didier et Compagnie, 35, cais do Augustins, e no escritório da *Revista Espírita. -* Preço: fr. 25 cent. ; pelo correio: 4 fr. 45 cent.

O autor deste notável escrito, embora sinceramente ligado às crenças católicas, se propôs demonstrar ao Mons. Dupanloup quais são as verdadeiras causas da praga do ateísmo e da incredulidade que invade a sociedade; segundo ele, nas interpretações inadmissíveis hoje, e irreconciliáveis com os dados positivos da ciência. Ele prova que, em muitos pontos, a Igreja se afastou do sentido real das Escrituras e do pensamento dos escritores sacros; que a religião não pode senão ganhar com uma interpretação mais racional que, sem tocar nos princípios fundamentais dos dogmas, se conciliem com a razão; que o Espiritismo, fundado sobre as próprias leis da Natureza, é a única chave possível de uma interpretação sadia, e, por isto mesmo, o mais poderoso remédio contra o ateísmo. Tudo isto é dito simplesmente, friamente, sem ênfase nem exaltação, e com uma lógica cerrada. Este escrito é um complemento à *La Foi et Ia Raison,* pelo Sr. J. B., e aos *Dogmes de l'Eglise du Christ expliques d'après lê Spiritisme,* pelo Sr. de Bottinn.

Embora mulher, a autora faz prova de uma grande erudição teológica; ela cita e comenta com uma notável justeza os escritores sacros de todos os tempos, e com quase tanta facilidade quanto o Sr. Flammarion cita os autores científicos; vê-se que lhe são familiares, o que nos faz dizer que, provavelmente não estão nos inícios dessas matérias, e que deve ter sido algum eminente teólogo em sua precedente existência. Sem partilhar todas as suas idéias, dizemos que, do ponto de vista em que está colocado, não poderia falar nem melhor, nem de outro modo, e que fez uma coisa útil para a época em que estamos.

LÊ ROMAN DE L'AVENIR.
Por E.BONNEMÈRE.

Um volume in-12. Livraria internacional, 15, boulevard Montmartre. -Preço: 3 fr.; pelo correio: 3 fr. 30 cent.

A falta de espaço nos obriga e remeter para o próximo número o relatório desta importante obra, que recomendamos à atenção de nossos leitores, como muito interessante para o Espiritismo.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO NO. 7 JULHO 1867

CURTA EXCURSÃO ESPÍRITA.

A sociedade de Bordeaux, reconstituída, assim como dissemos em nosso número precedente, e se reuniu este ano, como no ano passado, em um banquete que teve lugar no dia do Pentecostes, banquete simples, dizemos em seguida, como convém em semelhante circunstância, e com pessoas cujo objetivo principal é encontrar uma ocasião de se reunir e estreitar os laços de fraternidade; a afetação e o luxo ali não teriam sentido. Apesar das ocupações que nos retinham em Paris, pudemos acederão gracioso e insistente convite que nos foi feito para a ele assistir. O do ano último, que foi o primeiro, não tinha reunido senão três dezenas de convivas; o deste ano havia deles quatro vezes mais, dos quais vários vindos de uma grande distância; Toulouse, Marmande, Villeneuve, Libourne, Niort, Blayee até Carcassonne, que está a 80 léguas, ali tinham seus representantes. Todas as classes da sociedade estavam nele confundidas numa comunidade de sentimentos; lá se encontravam o artesão, o cultivador ao lado do burguês, do negociante, do médico, dos funcionários, dos advogados, dos homens de ciência, etc.

Seria supérfluo acrescentar que tudo se passou como isto deveria ser entre pessoas que têm por divisa: Tora da caridade não há salvação," e que professam a tolerância por todas as opiniões e todas as convicções. Também, nas alocuções de circunstância que foram pronunciadas, nem uma palavra foi dita, cuja suscetibilidade mais sombria pudesse chocar; nossos maiores adversários mesmo se ali tivessem se encontrado, não teriam ouvido uma palavra, nem uma alusão à sua proposta.

A autoridade tinha se mostrado cheia de benevolência e de cortesia com respeito a esta reunião, e lhe devemos o agradecimento. Ignoramos se ela ali estava representada de maneira oculta, mas, seguramente, ela pôde se convencer ali, como sempre, de que as doutrinas professadas pelos Espíritas, longe de serem subversivas, são uma garantia de paz e de tranqüilidade; que a ordem pública nada tem a temer de pessoas cujos princípios são os do respeito às leis, e que, em nenhuma circunstância, não cederam às sugestões dos agentes provocadores que procuravam comprometê-los. Vistos sempre se retirarem e se absterem de toda manifestação ostensiva, todas as vezes que puderam temer que se fizesse ali um pretexto de escândalo.

É fraqueza de sua parte? Certamente, não; ao contrário, é a consciência da força de seus princípios que os torna calmos, e a certeza que têm da inutilidade dos esforços tentados para abafá-los; quando se abstêm, não é para colocar suas pessoas ao abrigo, mas para evitar o que poderia recair sobre a Doutrina. Eles sabem que ela não tem necessidade de demonstrações exteriores para triunfar. Vêem suas idéias germinarem por toda a parte se propagarem com uma força irresistível; que necessidade teriam de fazer barulho? Eles deixam esse cuidado aos seus antagonistas, que, por seus clamores,

ajudam a propagação. As próprias perseguições são o batismo necessário a todas as idéias novas um pouco grandes; em lugar de anulá-las, elas lhes dão o brilho; mede-se *a* sua importância pela obstinação que se põe em combatê-las. As idéias que não se aclimatam senão à força de reclames e de encenações não têm senão uma vitalidade factícia e de curta duração; as que se propagam por si mesmas e pela força das coisas têm a vida nelas, e são as únicas duráveis; é o caso em que se encontra o Espiritismo.

A festa terminou por uma coleta feita em proveito dos infelizes, sem distinção de crenças, e com uma precaução cuja sabedoria não se pode senão louvar. Para deixar toda liberdade, não humilhar ninguém, e não estimular a vaidade daqueles que dariam mais do que os outros, as coisas foram dispostas de maneira a que ninguém, nem mesmo os coletores, soubesse o que cada um havia dado. A receita foi de 85 fr., e os comissários foram imediatamente designados para dela fazer o emprego.

Apesar da brevidade da nossa permanência em Bordeaux, pudemos assistir a duas sessões da sociedade: uma consagrada ao tratamento dos doentes, e a outra aos estudos filosóficos. Pudemos assim constatar, por nós mesmos, os bons resultados que são sempre o fruto da perseverança e da boa vontade. No relatório que publicamos em nosso número precedente sobre a sociedade bordalesa, pudemos, com conhecimento de causa, acrescentar as nossas felicitações pessoais. Mas ela não deve se dissimular de que quanto mais prosperar, mais será o alvo dos ataques de nossos adversários; que ela desconfie, sobretudo, das surdas manobras que poderiam urdir contra ela, e dos pomos de discórdia que, sob a aparência de um zelo exagerado, poderiam lançarem seu seio.

Estando o tempo de nossa ausência de Paris limitado pela obrigação de para lá regressar em dia determinado, não pudemos, lamentavelmente, ir aos diferentes centros para os quais fomos convidados; não pudemos senão nos deter alguns instantes em Tours e em Orléans que se encontravam em nossa rota. Lá também pudemos constatar o ascendente que a Doutrina adquire a cada dia na opinião, e seus felizes resultados que, por não serem ainda senão individuais, não são por isto menos satisfatórios.

Em Tours a reunião deveria ter quase cento e cinqüenta pessoas, tanto da cidade quanto das vizinhanças, mas, em conseqüência da precipitação com a qual a convocação foi feita, somente os dois terços delas puderam ali ir. Uma circunstância imprevista não tendo permitido o aproveitamento da sala que havia sido escolhida, reuniu-se, em uma magnífica noite, no jardim de um dos membros da sociedade. Em Oriéans os Espíritas são menos numerosos, mas esse centro não contou com número menor de adeptos sinceros e devotados, aos quais ficamos felizes de apertar a mão.

Um fato constante e característico, e que se deve considerar como grande progresso, é a diminuição gradual e quase geral das prevenções contra as idéias espíritas, mesmo entre aqueles que não as partilham; reconhece-se agora a todos o direito de ser Espírita, como o de ser judeu ou protestante; é alguma coisa. As localidades onde, como em Illiers, no departamento de Eure-et-Loir, amotinaram-se os moleques para fazê-los correr sob golpes de pedras, são exceções cada vez mais raras.

Um outro sinal de progresso não menos característico é a pouco importância que, por toda a parte, os adeptos, mesmo nas classes menos esclarecidas, dão aos fatos de manifestações extraordinárias. Se os efeitos deste gênero se produzem espontaneamente, se os constata mas não comovem mais, não são procurados, e se liga ainda menos em provocá-los. Estima-se pouco o que não satisfaz senão os olhos e a curiosidade; o objetivo sério da Doutrina, suas conseqüências morais, os recursos que ela pode oferecer para o alívio do sofrimento, a felicidade de reencontrarem os parentes ou amigos que se perdeu e de conversar com eles, escutar os conselhos que vêm dar, fazem o objeto exclusivo e preferido das reuniões espíritas. Nos próprios campos e entre os artesãos, um poderoso médium de efeitos físicos seria menos apreciado do que um bom médium escrevente dando, por comunicações racionais, a consolação e a esperança. O que se procura na Doutrina, antes de tudo, é o que toca o coração. É uma coisa notável a

facilidade com a qual as pessoas, mesmo as mais ilustres, compreendem e assimilam os princípios desta filosofia; é porque não é necessário ser sábio para ter coração e julgamento. Ah! dizem eles, se nos tivessem sempre nos falado assim, jamais teríamos duvidado de Deus e de sua bondade, mesmo nas piores misérias!

Sem dúvida, é alguma coisa crer, porque já é um pé colocado no bom caminho; mas a crença sem a prática é uma letra morta; ora, somos felizes em dizer que, em nossa curta excursão, entre numerosos exemplos dos efeitos moralizadores da Doutrina, encontramos bom número desses Espíritas de coração que se poderia dizer completos se fosse dado ao homem ser completo no que quer que seja, e que se pode considerar como os tipos da geração futura transformada; há-os de todos os sexos, de todas as idades e de todas as condições, desde a juventude até o limite extremo da idade, que realizam desde esta vida as promessas que nos são feitas para o futuro. Eles são fáceis de reconhecer; há em todo o seu ser um reflexo de franqueza e de sinceridade que comanda a confiança; desde o início sente-se que não há nenhum pensamento dissimulado sob palavras douradas ou hipócritas elogios. Ao redor deles, e mesmo na mediocridade, sabem fazer reinar a calma e o contentamento. Nesses interiores benditos respira-se uma atmosfera serena que reconcilia com a Humanidade, e compreende-se o reino de Deus sobre a Terra; felizes aqueles que sabem disto gozar por antecipação! Em nossas viagens espíritas, é menos o número de crentes que calculamos e que mais nos satisfaz, que aqueles desses adeptos que são a honra da Doutrina e que são dela, ao mesmo tempo, os mais firmes sustentáculos, porque a fazem estimar e respeitar neles.

Vendo o número dos felizes que o Espiritismo faz, esquecemos facilmente as fadigas inseparáveis de nossa tarefa. Está aí uma satisfação, um resultado positivo, que a mais obstinada malevolência não pode nos tirar; poder-se-ia nos tirara vida, os bens materiais, mas jamais a felicidade de ter contribuído para levar a paz aos corações ulcerados. Para quem sonde os motivos secretos que fazem certos homens agir, há lamas que mancham aqueles que a lançam, e não aqueles a quem a lançam.

Que todos aqueles que nos deram, nesta última viagem, tão tocantes testemunhos de simpatia, recebam aqui nossos muito sinceros agradecimentos, e estejam seguros de que serão pagos em retorno.

A LEI E OS MÉDIUNS CURADORES.

Sob o título de *Um Mistério,* vários jornais do mês de maio último reportaram o fato seguinte:

"Duas senhoras do bairro Saint-Germain se apresentaram, num destes últimos dias, na casa do comissário de seu quarteirão e lhe assinalaram o nome P..., que tinha, disseram elas, abusado de sua confiança e de sua credulidade, em lhes afirmando que as curaria de doenças, contra as quais seus cuidados tinham sido impotentes.

Tendo aberto, a esse respeito, um inquérito, o magistrado concluiu de que P... passava por um hábil médico, cuja clientela aumentava cada dia, e que fazia curas extraordinárias.

"Segundo suas respostas às perguntas do comissário, P... parecia convencido que é dotado de uma faculdade sobrenatural que lhe dará o poder de curar nada senão pela imposição das mãos sobre os órgãos doentes.

"Durante vinte anos ele foi cozinheiro; e era mesmo citado por um dos hábeis em seu ofício, que abandonou há um ano para se consagrar à arte de curar.

"A se crer nele, teria tido várias visões e aparições misteriosas nas quais um enviado de Deus lhe teria revelado que tinha a cumprir, sobre a Terra, uma missão de humanidade, à qual não deveria falhar sob pena de ser condenado. Obedecendo, disse

ele, a essa ordem vinda do céu, o antigo cozinheiro instalou-se num apartamento da rua Saint-Placide, e os doentes não tardaram em fartar-se em suas consultas.

"Ele não prescreve medicamentos; examina o paciente que deve tratar quando está em jejum, apalpa-o, procura e descobre a sede do mal, sobre o qual aplica suas mãos dispostas em cruz, pronuncia algumas palavras que são, disse ele, o seu segredo; depois, na sua prece, um Espírito invisível vem e leva o mal.

"P..., certamente, é um louco; mas o que há de extraordinário, de inexplicável, é que ele provou, assim como o inquérito constatou, que, por esse singular procedimento, curou mais de quarenta pessoas afetadas de doenças graves.

"Várias lhe testemunharam seu reconhecimento pelos dons em dinheiro; uma velha senhora, proprietária nas cercanias de Fontainebleau, o tem, por um testamento encontrado em sua casa, onde uma perquirição foi praticada, por seu herdeiro com uma quantia de 40.000 f r.

"P... foi mantido em estado de encarceramento, e seu processo, que, sem dúvida, não tardará em ocorrer na polícia correcional, promete ser curioso."

Não nos fazemos nem o apologista nem o detrator do Sr. P..., que não conhecemos. Ele está em boas ou más condições? É sincero ou charlatão? Ignoramo-lo; será o futuro que no-lo provará; não tomamos fato e causa nem pró nem contra ele. Mencionamos o fato tal como nos foi reportado, porque vem juntar-se a todos aqueles que acreditam na idéia de existência de uma dessas faculdades estranhas que confundem a ciência e aqueles que não querem nada admitir fora do mundo visível e tangível. À força de deles ouvir falar e de veros fatos se multiplicarem, se está muito forçado a convir que há alguma coisa, e pouco a pouco se faz a distinção entre a verdade e a hipocrisia.

No relato que precede, sem dúvida, notou-se esta curiosa passagem, e a contradição não menos curiosa que ela encerra:

"P..., *certamente, é* um louco, mas o que há de extraordinário, de *inexplicável,* é que *ele provou,* assim como *o constata o inquérito,* que, por esse singular procedimento, ele curou mais de quarenta pessoas afetadas de doenças graves."

Assim, o inquérito *constata* as curas; mas porque o meio que ele emprega é inexplicável, e não é reconhecido pela Faculdade, ele, *certamente,* é louco. A esta conta, o abade príncipe de Hohenlohe, cujas curas maravilhosas reportamos na *Revista* de dezembro de 1866, p. 368, era um louco; o venerável cura d'Ars, que, ele também, fazia curas poresses singulares procedimentos, era um louco, e tantos outros; o Cristo, que curava sem diploma e sem emprego de medicamentos, era louco, e teria pago muitas das multas em nossos dias. Louco ou não, quando há cura, há muitas pessoas que preferem ser curadas por um louco a serem enterradas por um homem de bom senso.

Com um diploma, todas as excentricidades médicas são permitidas.

Um médico, cujo nome esquecemos, mas que ganha muito dinheiro, emprega um procedimento de outro modo bem bizarro; com um pincel ele maquila o rosto de seus doentes com pequenos losangos vermelhos, amarelos, verdes, azuis dos quais cerca os olhos, o nariz, a boca em quantidade proporcional à natureza da doença. Sobre que dado científico está fundado esse gênero de medicação? Um mau gracejo do redator pretendeu que para se poupar de enormes despesas de publicidade, esse médico os fazia levar grátis por seus doentes, sobre seu rosto. Vendo nas ruas esses rostos tatuados, pergunta-se naturalmente o que é? E os doentes respondem: É o procedimento do célebre doutor um tal. Mas ele é médico; que seu procedimento seja bom, mau ou insignificante, não está aí a questão; tudo lhe é permitido, mesmo ser charlatão: está autorizado pela Faculdade; que um indivíduo não diplomado queira imitá-lo, será perseguido por trapaça.

Reclama-se sobre a credulidade do público a respeito dos charlatães; admira-se da afluência que se leva a alguém que anuncia um novo meio de curar, nos sonâmbulos,

curadores e outros; da predileção pelos remédios de doméstica e se o liga à inépcia da espécie humana! A verdadeira causa liga-se à vontade muito natural que os doentes têm de se curar, e ao insucesso da medicina num muito grande número de casos; se os médicos curassem mais freqüentemente e mais seguramente, não se iria a outra parte; ocorre mesmo, quase sempre, que não se tem recursos a meios excepcionais senão depois de ter esgotado inutilmente os recursos oficiais; ora, o doente que quer ser curado a qualquer preço, pouco se incomoda de sê-lo segundo a regra ou contra a regra.

Não repetiremos aqui o que está hoje claramente demonstrado sobre as causas de certas curas, inexplicáveis somente para aqueles que não querem se dar ao trabalho de remontar à fonte do fenômeno. Se a cura tem lugar, é um fato, e esse fato tem uma causa; é mais racional negá-la do que procurá-la? - É o acaso, dir-se-á; o doente curou-se sozinho. - Seja; mas então o médico que o declarou incurável dava prova de uma grande ignorância. E depois, se houver vinte, quarenta, cem curas semelhantes, será sempre o acaso? Isto seria, é preciso convir, um acaso singularmente perseverante e inteligente, ao qual poder-se-ia dar o nome de *doutor Acaso.*

Examinaremos a questão sob um ponto de vista mais sério.

As pessoas não diplomadas que tratam os doentes pelo magnetismo; pela água magnetizada que não é senão uma dissolução do fluido magnético; pela imposição das mãos, que é uma magnetização instantânea e poderosa; pela prece, que é uma magnetização mental; com o concurso dos Espíritos, o que é ainda uma variedade de magnetização, são elas passíveis da lei contra o exercício ilegal da medicina?

Os termos da lei, certamente, são muito elásticos, porque ela não especifica os meios. Rigorosamente e logicamente não se pode considerar como exercendo a arte de curar, senão aqueles que dela fazem profissão, quer dizer, que dela tirem proveito. No entanto, viram-se condenações pronunciadas contra indivíduos se ocupando desses cuidados por puro devotamento, sem nenhum interesse ostensivo ou dissimulado. O delito está, pois, sobretudo, na prescrição dos remédios. No entanto, o desinteresse *notório é* geralmente tomado em consideração como circunstância atenuante.

Até o presente, não se tinha pensado que uma cura pudesse ser operada sem o emprego de medicamentos; a lei, pois, não previu o caso de tratamentos curativos sem remédios, e não seria senão por extensão que se a aplicaria aos magnetizadores e aos médiuns curadores. A medicina oficial não reconhecendo nenhuma eficácia no magnetismo e seus anexos e ainda menos na intervenção dos Espíritos, não se poderia legalmente condenar, por exercício ilegal da medicina, os magnetizadores e os médiuns curadores que nada prescrevem, ou nada mais do que água magnetizada, porque então isto seria reconhecer oficialmente uma virtude ao agente magnético, e colocá-lo na classe dos meios curativos; isto seria compreender o magnetismo e a mediunidade curadora na arte de curar, e dar um desmentido à faculdade. O que se faz, algumas vezes, em semelhante caso, é condenar por *delito de espoliação fraudulenta,* e abuso de confiança, como fazendo pagar uma coisa sem valor, aquele que dela tira um proveito direto ou indireto, ou mesmo dissimulado sob o nome de retribuição facultativa, véu no qual não é preciso sempre se fiar. A apreciação do fato depende inteiramente da maneira de encarar a coisa em si mesma; é freqüentemente uma questão de opinião pessoal, a menos que não haja abuso presumido, caso no qual a questão de boa fé entra sempre em linha de conta; a justiça, então, aprecia as circunstâncias agravantes ou atenuantes.

Ocorre inteiramente de outro modo para aquele cujo desinteresse é confirmado e completo; desde que não prescreve nada e não recebe nada, a lei não pode atingi-lo, ou bem seria preciso lhe dar uma extensão que nem o espírito nem a letra comportam. Onde não há nada a ganhar, não se poderia ver o charlatanismo. Não há nenhum poder no mundo que possa se oporão exercício da mediunidade ou magnetização curadora, na verdadeira acepção da palavra.

No entanto, dir-se-á, o Sr. Jacob não fazia pagar nada, e por isto não foi menos interditado. Isto é verdade, mas não foi nem perseguido, nem condenado pelo fato do qual se tratava; a interdição era uma medida de disciplina militar, por causa da perturbação que poderia causar ao campo de influência das pessoas que a ela se entregavam, e, se depois, foi desculpada dessa interdição, foi que isso lhe foi conveniente. Se ela não tivesse pertencido ao exército, ninguém poderia inquietá-lo. (Vide, Revista de março de 1865, página 76: *0 Espiritismo e a Magistratura.)*

ILLIERS E OS ESPÍRITAS.

Sob este título, o *Journal de Chartres,* de 20 de maio último, continha a correspondência seguinte:

"Illiers, 20 de maio de 1867.

"Estamos no mês de maio ou no carnaval? Acreditei-me nesta última época no último domingo. Como atravesso Illiers, pelas quatro horas da tarde, encontrei-me em face de um ajuntamento de sessenta, oitenta, cem moleques talvez, seguidos de uma multidão numerosa gritando a plenos pulmões, à luz dos Lampiões: Lá vai o feiticeiro! lá vai o feiticeiro! lavai o cão louco! lá vai Grezelle! e acompanhando de vaias um bravo e plácido camponês, de olhar desvairado, com ar espantado, que ficou muito feliz em encontrar uma mercearia para lhe servir de refúgio. É que, depois dos cantos e das vaias, vinham as injúrias e voavam as pedras, e o pobre diabo, sem esse asilo, talvez tivesse um mau partido.

"Perguntei a um grupo que ali se encontrava o que isso queria dizer; foi-me contado que, há algum tempo, todas as sextas-feiras havia uma reunião de Espíritas na Sorcellerie, comuna de Vieuvicq, à porta de Illiers. O grande Pontífice que presidia essas reuniões era um maçon chamado Grezelle, era esse infeliz que vinha de se ver tão maltratado. É que, dizia-se, há alguns dias, tinham se passado coisas muito esquisitas. Ele teria visto o diabo, teria evocado as almas que lhe teriam revelado coisas pouco lisongeiras para certas famílias.

Breve, várias mulheres teriam se tornado loucas, e certos homens caminharam sobre seus traços; parece mesmo que o Pontífice abre a caminhada; sempre que uma jovem de Illiers perdeu totalmente a cabeça. Ter-lhe-iam dito que, por certas faltas, lhe seria preciso que fosse ao purgatório. Sexta-feira, ela dava seus adeuses a todos os seus parentes e vizinhos, e sábado, depois de ter feito seus preparativos de partida, ela ia se jogar no rio; felizmente foi vigiada e chegaram bastante a tempo para retardar a viagem.

"Compreende-se que este acontecimento tenha emocionado a opinião pública. A família dessa jovem tinha se exaltado, e vários membros armados de um bom chicote foram levá-lo ao Pontífice, que teve *a* felicidade de escapar de suas mãos. Ele queria deixar a Sorcellerie de Vieuvicq para vir estabelecer sua algazarra em Illiers, em lugar dito a Folie-Valleran. Disseram que dois bravos pais de família que lhe serviam de meninos de coro pediram-lhe para não vir para la Folie, é a loucura que irá nele; falou-se também que a polícia dele iria se ocupar.

"Deixai, pois, os moleques de Illiers se divertirem. Eles bem saberão dele triunfar. Há dessas coisas que morrem aniquiladas pelo ridículo.

"LÉON GAUBERT."

O mesmo jornal, em seu número de 13 de junho de 1867, contém o que se segue:

Em resposta a uma carta trazendo a assinatura do Sr. Léon Gaubert, publicada em nosso número de 26 de maio último, recebemos a comunicação seguinte, à qual conservamos, escrupulosamente, a sua originalidade:

"La Certellerie, 4 de junho de 1867.

"Senhor Redator,

"Em vosso jornal de 26 de maio, tornastes pública uma carta na qual vosso correspondente me aniquila para vos fazer ver como fui maltratado em Illiers. Pedreiro e pai de família, tenho o direito de reparação depois de ter sido tão violentamente atacado, e espero que venhas a consentir em conhecer a verdade depois de deixar propagar o erro.

"É bem verdade, como essa carta o diz, que as crianças da escola e muitas pessoas que estimava, me perseguem cada vez que passo por Illiers. Duas vezes, sobretudo, deixei de sucumbir aos golpes de pedras, de bastões e outros objetos que se lançaram sobre mim, e hoje ainda, se fosse a Illiers onde sou muito conhecido, seria cercado, ameaçado, maltratado. Além dos materiais que chovem, enche-se o ar de injúrias: *louco, feiticeiro, espírita,* tais são as doçuras mais comuns com que me regalam. Felizmente, nada há de verdadeiro nisso, tudo o que vosso correspondente vos *escreveu* (o texto traz: tudo o que vosso correspondente acrescenta), é falso e jamais existiu senão na imaginação das pessoas que procuraram amotinar a população contra nós.

"O Sr. Léon Gaubert, que assinou vossa carta, é completamente desconhecido na região; disseram-me que é um anônimo, se bem retive a palavra. Eu digo que se se esconde, é que se sente que não se faz bem; diria, pois, com toda a franqueza, ao Sr. Léon Gaubert: Fazei como eu, colocai o vosso verdadeiro nome.

"O Sr. Léon Gaubert disse que uma senhora, em conseqüência de excitações e de práticas espíritas, tornou-se louca e quis se afogar. Não sei se realmente ela quis se afogar; muitas pessoas me dizem que isso não é verdadeiro, mas, quando mesmo o fosse, com isso não tenho absolutamente nada. Essa mulher é uma revendedora, sua reputação está feita aqui há muitíssimo tempo, e não se falava ainda de Espiritismo quando já era *como aqui* (o texto traz *conhecida aqui),* como ela o é nesta hora. Suas irmãs a ajudam a perseguir-me. Eu vos declaro que ela jamais se ocupou de Espiritismo: seus instintos a levam numa direção contrária. Ela jamais assistiu às nossas reuniões, e jamais colocou os pés na casa de nenhum Espírita da região.

"Porque, pois, dir-me-eis, vos querela, e porque se vos quer tanto em Illiers? É um enigma para mim; não percebi senão uma coisa, é que muitas pessoas, antes que a primeira cena aparecesse, disso pareciam instruídas antecipadamente, e nesse dia, quando entrei nas ruas de Illiers, notei bem o povo nas portas e nas janelas.

"Sou um trabalhador honesto, Senhor; ganho honradamente o meu pão. O Espiritismo não me impede de nenhum modo de trabalhar, e se alguém tiver a menor censura séria a me dirigir, que nada tema. Nós temos leis, e, nas circunstâncias em que me encontro, o primeiro que peço é que as leis do país sejam bem observadas.

"Quanto a ser Espírita, disto nada escondo; é muito verdadeiro, sou Espírita. Meus dois rapazes, jovens ativos, organizados e florescentes, ambos são médiuns. Um e o outro amam o Espiritismo e, como seu pai, crêem, oram, trabalham, se melhoram e tratam de se elevarem. Mas, que mal haveria aí? Quando a cólera me diz para me vingar, o Espiritismo me detém e me diz: Todos os homens são irmãos; faze o bem àqueles mesmos que te fazem o mal, e me encontro mais calmo, mais forte.

"O cura me recusou o confessionário, porque sou Espírita; se eu viesse carregá-lo com todos os crimes possíveis, ele me absolveria; mas Espírita, crendo em Deus e fazendo o bem segundo o meu poder, não encontro graça aos seus olhos. Muitas pessoas de Illiers não fazem de outro modo, e tal de nossos inimigos que, nessa hora, me

lança a pedra porque sou Espírita, faria melhor me absolvendo, e me aplaudiria o dia em que me encontrasse numa orgia."

Nota. Este parágrafo entre aspas, que estava na carta original, foi suprimido pelo jornal.

"Para agradar, eu não saberia dizer negro quando vejo branco; tenho convicções; o Espiritismo é para mim a mais bela das verdades; que quereis? Se quer me forçar a dizer o contrário daquilo que penso, de tudo que vejo, e quando se fala tanto de liberdade, é preciso que seja suprimida na prática?

"Vosso correspondente disse que eu queria deixar a Sorcellerie para ir estabelecer minha feitiçaria na Folie-Valleran. Ao ver o Sr. Léon Gaubert inventar tantas palavras desagradáveis, verdadeiramente, dir-se-ia que ele está possuído da raiva de dar, sobre a cabeça de todo o mundo, os mais desajeitados golpes com colher de pedreiro. O Sr. Valleran é um dos proprietários mais respeitáveis da região, e, levantando uma construção magnífica, fez ganhar dinheiro a muitos obreiros por um trabalho honesto e lucrativo. Tanto pior para aquele que nisto está vexado ou não o imitaria senão com recuos.

"Sede bastante bom, Senhor, para fazer parte de minha carta aos vossos leitores, e desenganar como justas as pessoas que, na primeira carta publicada por vós, induziram ao erro.

"Aceitai, etc.

"GREZELLE."

O redator do jornal disse que conserva *escrupulosamente* essa carta em sua originalidade; sem dúvida, ele quer dizer por aí a forma do estilo que, num pedreiro da aldeia, não é a de um literato. É provável que num estilo mais incorreto ainda, esse pedreiro tivesse escrito contra o Espiritismo, não se o teria achado ridículo. Mas uma vez que se prendia tão escrupulosamente em conservar a originalidade da carta, por que suprimir um parágrafo? Em caso de inexatidão a responsabilidade recairia sobre seu autor. Para estar rigorosamente no verdadeiro, o jornal deveria acrescentar que tinha primeiro recusado a publicação dessa carta, e que não cedeu senão diante da iminência de perseguições judiciárias, cujas conseqüências eram inevitáveis, uma vez que se tratava de um homem estimado, atacado pelo próprio jornal, em sua honra e sua consideração.

O autor da primeira carta, sem dúvida, pensou que a deturpação burlesca dos fatos não bastaria para lançar o ridículo sobre os Espíritas; acrescentou uma grande malícia, transformando o nome da localidade, que é *Ia Certellerie* no de *Ia Sorcellerie; é* talvez mais espirituoso para as pessoas que gostam do sal grosso, mas não do sal ático, e ainda menos o requerido; este gênero de ridículo nunca matou nada.

É preciso considerar esses fatos como lamentáveis? Eles o são, sem dúvida, para aqueles que lhes foram as vítimas, mas não para a Doutrina, à qual não podem senão aproveitar.

De duas coisas uma: ou as pessoas que se reúnem nessa localidade se entregam a uma indigna comédia, ou são pessoas honradas, sinceramente Espíritas. No primeiro caso, é prestar um grande serviço à Doutrina desmascarando aqueles que dela abusam ou que misturam seu nome a práticas ridículas. Os Espíritas sinceros não podem senão aplaudir a tudo o que tende a desembaraçar o Espiritismo dos parasitas de má-fé, sob qualquer forma que se apresentem, e jamais tomaram fato e causa pelos escamoteadores e pelos charlatães. No segundo, ele não pode senão ganhar pela ressonância que lhe dá uma perseguição apoiada sobre fatos controversos, porque ela excita as pessoas a se perguntarem daquilo que é; ora, o Espiritismo não pede senão ser conhecido, sendo bem certo que um exame sério é o melhor meio de destruir as prevenções naqueles que não o conhecem. Não estaríamos, pois, surpresos que essa empresa frustrada não tenha um

resultado diferente daquele que dela esperavam aqueles que a provocaram, e que ela não seja a causa de uma recrudescência no número dos adeptos da localidade. Assim o foi por toda parte onde uma oposição um pouco violenta se manifestou.

Que fazer, então, dir-se-ão os adversários? Se deixarmos fazer, o Espiritismo caminha; se agirmos contra, ele caminha mais depressa. - A resposta é muito simples: reconhecer que o que não se pode impedir está na vontade de Deus, e que o melhor a fazer é deixá-lo passar.

Dois de nossos correspondentes, estranho um ao outro, nos transmitiram, sobre esses fatos, notícias precisas e perfeitamente concordantes. O Sr. Quômes d'Arras, um deles, homem de ciência e escritor distinto, no primeiro relato desses acontecimentos, reportou que o jornal de Chartres, ignorando a causa do conflito, não quis se apressar em tomar a defesa dos fatos nem das pessoas que abandonou à severidade da crítica se as merecessem; mas tomou a do Espiritismo. Numa carta cheia de moderação e de conveniência dirigida ao jornal, se prende a demonstrar que, se os fatos fossem tais quanto eram reportados pelo Sr. Léon Gaubert, o Espiritismo nisso não estava por nada quando o mesmo se pudesse ter lhe tomado o nome. Toda pessoa imparcial teria considerado como um dever dar lugar a uma retificação tão legítima. Isto não foi assim, e as reiteradas instâncias não levaram senão a uma recusa formal. Isto se passava antes da carta de Grezelle, que, assim como se viu, deveria ter a mesma sorte. Se o jornal temesse levantarem suas colunas a questão do Espiritismo, não deveria admitir a carta do Sr. Gaubert; se reservar o direito de atacar, e recusar o da defesa, é um meio fácil, mas pouquíssimo lógico, de se dar razão.

O Sr. Quômes d'Arras, a fim de se dar conta, por si mesmo, do estado das coisas, foi para os lugares. Consentiu em nos enviar um relatório detalhado de sua visita; lamentamos que a extensão desse documento, não nos permita publicá-lo neste número, onde já tudo o que deveria nele estar não pôde encontrar lugar; resumimos suas conseqüências principais. Eis o que aprendi em Illiers, junto de diferentes pessoas honradas, estranhas ao Espiritismo.

Grezelle é um excelente pedreiro, proprietário de La Certellerie. Longe de disparatar, todos aqueles que o conhecem não podem senão prestar justiça ao seu bom senso, aos seus hábitos de ordem, de trabalho, de regularidade. É um bom pai de família; todo o seu erro é o de inquietar os materialistas e os indiferentes da região, por suas afirmações enérgicas, multiplicadas, sobre a alma, sobre suas manifestações depois da morte, e sobre nossos destinos futuros. Ele está longe de ser, na região, o único partidário do Espiritismo que ali conta, em Brou, sobretudo, adeptos numerosos e devotados.

Quanto às mulheres que, segundo o *Journal de Chartres,* o Espiritismo teria tornado loucas, ou arrastado para atos culpáveis, é uma pura invenção. O fato ao qual faz alusão é o de uma revendedora muito conhecida em Illiers, dada à bebida, e cuja razão sempre foi f raça. Ela zangou-se com Grezelle e disse mal dele, não se sabe por quê. Como as idéias espíritas circulam na região, deve delas ter ouvido falar, e as misturou aos seus propósitos incoerentes, mas delas jamais se ocupou seriamente. Quanto aoterquerido se afogar, este pensamento não teria nada de impossível, tendo em vista seu estado habitual: mas o fato parece controvertido.

Dali, o Sr. Quômes d'Arras foi para La Certellerie, a cinco quilômetros além de Illiers. "Chegando, disse ele, perguntei pela casa da senhora Jacquet, da qual se me havia dito o nome em Illiers. Ela estava no jardim, com o seu filho, no meio das flores, ocupada com os trabalhos de agulha. Logo que soube o motivo de minha viagem, conduziu-me à sua casa, onde fomos logo reunidos por sua criada, jovem de vinte anos, médium falante e Espírita fervorosa, porGrezelle e seu filho primogênito, com a idade de vinte anos. Não foi necessário conversar por muito tempo com esse grupo de pessoas para se perceber que se achava em relação, não com espíritos agitados, pesarosos, singulares, exaltados ou fanáticos, mas com pessoas sérias, razoáveis, benevolentes, de uma sociabilidade

perfeita; franqueza, limpidez, simplicidade, amor ao bem, tais eram os traços salientes que se pintavam em seu exterior, em suas palavras, *e,* eu o confessarei à minha confusão, não me esperava tão bem.

"Grezelle tem quarenta e cinco anos, é casado e tem dois rapazes; ambos são médiuns escreventes, assim como ele. Ele me contou com calma os sofrimentos que suportou e as astúcias das quais foi objeto. A senhora Jacquet me disse também que na região muitas pessoas alimentam contra eles os piores sentimentos porque são Espíritas. Aos meus olhos pareceu muito provável, e na seqüência adquiri a mais completa certeza, que essas diversas famílias são tranqüilas, benevolentes para com todo o mundo, incapazes de fazer o mal a alguém, sinceramente presas a todos os seus deveres; admiro, e disto rendo graças ao céu, a firmeza, a força de caráter, a solidez das convicções, o profundo apego ao bem dessas excelentes pessoas que, no campo, sem grande instrução, sem encorajamentos e sem recursos visíveis, cercadas de inimigos e de zombadores, mantêm alto, há quatro anos, seus princípios, sua fé, suas esperanças; elas têm para defender a sua bandeira contra os risos uma coragem que, infelizmente, muito freqüentemente, faz falta ainda aos nossos sábios das cidades, e mesmo a muitos Espíritas avançados.

"Grezelle, o único que foi positivamente maltratado, embora faça três anos que é Espírita, tem todo o fervor de um neófito, todo o zelo de um apóstolo, e também toda a atividade exuberante de uma natureza pronta, enérgica e empreendedora. Em razão de seus negócios, está continuamente misturado à população da região, e, cheio de Espiritismo, o amam mais do que a vida, não pode se impedir de dele falar, de fazê-lo ressaltar, e de mostrar-lhe as belezas, as grandezas, as maravilhas de uma palavra realmente esmagadora e forte, ele produz no meio dos indiferentes que o cercam o efeito do fogo sobre a água. Como não leva em conta nem o tempo, nem as circunstâncias contrárias, poder-se-ia dizer que peca um pouco por excesso de zelo, e talvez, também, por falta de prudência."

No dia seguinte, ao anoitecer, o Sr. Quômes assistia, na casa de Grezelle, a uma sessão espírita composta de dezoito a vinte pessoas, entre as quais se encontravam o prefeito, as notabilidades do lugar, as pessoas de uma honradez notória, que, certamente, não foram a uma assembléia de loucos e de iluminados. Tudo ali se passou na mais perfeita ordem, com o mais perfeito recolhimento, e sem o menor vestígio das práticas ridículas de magia e de feitiçaria. Começa-se pela prece, durante a qual todo o mundo se coloca de joelhos. Às preces tiradas do Evangelho Segundo o Espiritismo, acrescentam-se a prece da noite e outras, tiradas do ritual comum da Igreja. "Nossos detratores, sobretudo os eclesiásticos, acrescenta o Sr. Quômes, não tivessem talvez notado, sem embaraço e sem admiração, o fervor dessas almas sinceras, e sua atitude recolhida denotando um sentimento religioso profundo. Ali havia seis médiuns, dos quais quatro homens e duas mulheres, entre as quais a criada da senhora Jacquet, médium falante e escrevente. As comunicações são, em geral, fracas de estilo, as idéias nelas são diluídas e sem encadeamento; algumas manias mesmo aparecem no modo de comunicação; mas, em suma, nada há de mau, de perigoso, e tudo o que se obtém edifica, fortalece, traz o espírito ao bem ou o eleva a Deus.

O Sr. Quômes encontrou, entre os Espíritas, a sinceridade e um devotamento a toda a prova, mas também uma falta de experiência à qual se esforçou para suprir por seus conselhos. O fato essencial que ele constatou é que nada, na sua maneira de agir, justifica o quadro ridículo que dele faz o *Journal de Chartres.* Os atos selvagens que se passaram em Illiers foram, pois, evidentemente suscitados pela malevolência, e parecem ter sido premeditados.

De nossa parte, estamos felizes que isso seja assim, e felicitamos nossos irmãos do cantão de Illiers dos excelentes sentimentos que os animam.

As perseguições, como dissemos, são a lei inevitável de todas as grandes idéias novas, que todas têm tido mártires; aqueles que os suportam serão felizes um dia por haverem sofrido pelo triunfo da verdade. Que perseverem, pois, sem desanimar e sem se enfraquecer, e serão sustentados pelos bons Espíritos que os observam; mas também que não renunciem jamais à prudência que comanda as circunstâncias, e que evitem com cuidado tudo o que poderia dar presa aos nossos adversários; é no interesse da Doutrina.

EPIDEMIA DA ILHA MAURICE

Há alguns meses, um de nossos médiuns, o Sr. T..., que, freqüentemente, cai em sonambulismo espontâneo, sob a magnetização dos Espíritos, nos disse que a ilha Maurice estava, nesse momento, assolada por uma epidemia terrível, que dizimava a população. Esta previsão foi realizada, mesmo com circunstâncias agravantes. Acabamos de receber, de um de nossos correspondentes da Ilha Maurice, uma carta datada de 8 de maio e da qual extraímos as passagens seguintes.

"Vários Espíritos nos anunciaram, alguns claramente, os outros em termos proféticos, um flagelo destruidor prestes a nos atingir. Tomamos essas revelações do ponto de vista moral e não do ponto de vista físico. Súbito uma doença estranha eclodiu sobre nossa pobre ilha; uma febre sem nome, que reveste todas as formas, começa docemente, hipocritamente, depois cresce e derruba todos aqueles que pode atingir. É agora uma verdadeira peste; os médicos dela não entendem nada; todos aqueles que dela foram atingidos não puderam se curar até o presente. São acessos terríveis que nos cansam e nos torturam durante doze horas, pelo menos, atacando em seqüência cada órgão importante; depois, o mal cessa durante um dia ou dois, deixando a doença coberta até seu próximo retorno, e se caminha assim, mais ou menos rapidamente, para o termo fatal.

Por mim, vejo nisto tudo um desses flagelos anunciados, que devem retirar do mundo uma parte da geração presente, e destinados a operar uma renovação tornada necessária. Vou vos dar um exemplo das infâmias que se passam aqui.

A quinina, em dose fortíssima, susta os acessos por alguns dias somente; é o único específico capaz de deter, momentaneamente pelo menos, o progresso da cruel doença que nos dizima.

Os negociantes e os farmacêuticos tinham dela uma certa quantidade que lhes chegava a quase 7 f r. a onça, ora, como esse remédio estava fortemente comprado portodo o mundo, esses senhores aproveitaram a ocasião para elevarem o preço da poção de um indivíduo, de 1 f r. preço comum, até 15 f r. Depois a quinina veio a faltar; quer dizer que aqueles que a tinham, e que a recebiam pelas malas, vendiam-na ao preço fabuloso de 2 f r. 50 c. o grão no varejo, e no atacado 675 e 800 f. a onça. Numa poção entram, pelo menos, 30 grãos, o que faz 75 f r. a poção. Só os ricos podiam, pois, dela se proporcionar, e esses comerciantes viam com indiferença os milhares de infelizes expirarem ao redor deles, por falta de dinheiro necessário para se proporcionar esse medicamento.

Que dizeis disto? Pois bem! é a história! Ainda neste momento, a quinina chega em quantidade; as lojas dos farmacêuticos dela regurgitam, mas, não obstante, não querem dar uma dose a menos de 12 f r. 50 c.; também os pobres morrem sempre olhando com um olhar desolado esse tesouro que não podem alcançar!

Eu mesmo fui atingido pela epidemia, e dela estou em minha quarta recaída. Eu me arruino em quinina. Isto prolonga a minha existência, mas se, como temo, as recaídas continuem, na verdade, caro senhor, é bastante provável que dentro em pouco, eu terei o prazer de assistir em Espírito às vossas sessões parisienses, e nelas tomar parte, se Deus o permitir. Uma vez no mundo dos Espíritos, estarei mais perto de vós e da

Sociedade, do que não o sou na ilha Maurice; em *um pensamento vou* às vossas sessões sem fadiga e sem medo de mau tempo. De resto, não tenho o menor medo, eu vos juro; sou muito sinceramente Espírita por isto. Todas as minhas precauções estão tomadas, e se vier a deixar o mundo, disto sereis instruído.

À espera disso, caro senhor, tende a bondade de rogar aos meus irmãos da Sociedade Espírita de juntar suas preces às nossas para as infelizes vítimas da epidemia, pobres Espíritos muito materiais, na maioria, e cujo desligamento deve ser penoso e longo. Rogamos também por aqueles, muito diferentemente infelizes, que ao flagelo da doença, acrescentam o de desumanidade.

Nosso pequeno grupo está disseminado há três meses; todos os membros foram mais ou menos atingidos, mas nenhum de nós morreu até o presente.

Recebei, etc.

É preciso ser verdadeiramente Espírita para encarar a morte com esse sangue-frio e essa indiferença, então quando ela estende suas devastações ao nosso redor, e quando dela se sente o golpe; é que em semelhante caso, afé séria no futuro, tal qual só o Espiritismo pode dar, proporciona uma força moral que é por si mesma um poderoso preservativo, assim como isto foi dito a propósito do cólera. *(Revista* de novembro de 1865, página 336). Isto não é dizer que, nas epidemias, os Espíritas sejam necessariamente poupados, mas é certo que, em semelhante caso, foram até o presente os menos atingidos. Vai sem dizer que se trata dos Espíritas de coração, e não daqueles que deles não têm senão a aparência.

Os flageles destruidores, que devem maltratara Humanidade, não sobre um ponto do globo, mas por toda a parte, são pressentidos de todas as partes pelos Espíritos.

A comunicação seguinte, verbal e espontânea, foi dada sobre esse assunto e em conseqüência da leitura da carta acima.

(Sociedade de Paris, 21 de junho de 1867; méd. Sr. Morin, ou sonambulismo espontâneo.)

"A hora avança, a hora marcada no grande e perpétuo relógio do infinito, a hora na qual vai começar a se operara transformação de vosso globo para fazê-lo gravitar para a perfeição. Foi-vos dito, freqüentemente, que os mais terríveis flageles dizimariam as populações; não é preciso que tudo morra para se regenerar? Mas o que é isto? A morte não é senão a transformação da matéria, o Espírito não morre: ele não faz senão mudar de habitação. Observai, e vereis começar a realização de todas essas previsões. Oh! quantos são felizes, aqueles que nessas terríveis provas a fé espírita tocou! eles permanecem calmos no meio da tormenta, como o marinheiro aguerrido diante da tempestade.

"Eu, neste momento personalidade espiritual, freqüentemente acusado pelas personalidades terrestres, de brutalidade, de dureza, de insensibilidade!... É verdade, contemplo com calma todos esses flageles destruidores, todos esses terríveis sofrimentos físicos; sim, eu atravesso sem me emocionar todas essas planícies devastadas, juncadas de restos humanos! Mas se pude fazê-lo, foi porque a minha visão espiritual se leva além desses sofrimentos; é que, antecipando sobre o futuro, ele se apoia sobre o bem estar geral que será a conseqüência desses males passageiros para a geração futura, para vós mesmos que fareis parte dessa geração, e que recolhereis então os frutos que tiverdes semeado.

"Espírito do conjunto, olhando do alto de uma esfera que ele habita (freqüentemente ele fala dele na terceira pessoa), seu olhar permanece seco; no entanto, sua alma palpita, seu coração sangra em face de todas as misérias que a Humanidade deve atravessar,

mas a visão espiritual repousa do outro lado do horizonte, contemplando o resultado que lhe será a continuação certa.

"A grande emigração é útil, e a hora se aproxima em que ela deverá se efetuar... ela já começa... Aquém será fatal ou proveitosa? Olhai bem, observadores; considerai os atos desses exploradores dos flagelos humanos e distinguireis, mesmo com os olhos do corpo, os homens predestinados à queda. Vede-os depois da carniça, enrijecidos no ganho, presos como em sua vida a todas as posses terrestres, e sofrendo mil mortes na perda de uma parcela daquilo que, no entanto, lhe será preciso deixar... Quanto será terrível, para eles, a pena de talião, porque, no exílio que os espera, verão lhe recusar um copo d'água para estancar a sua sede!... Olhai-os, aqueles, reconhecereis neles, sob as riquezas que acumulam às expensas dos infelizes, os futuros humanos caídos! Considerai seus trabalhos e a vossa consciência vos dirá se esses trabalhos devem ser pagos lá em cima, ou nesse mundo! Olhai-os bem, homens de boa vontade, e vereis que ojoio começa, desde esta Terra, a ser separado do bom grão.

"Minha alma é forte, minha vontade é grande! -minha alma é forte, porque sua força é o resultado de um trabalho coletivo de alma a alma; minha vontade é grande, porque ela tem por ponto de apoio a imensa coluna formada de todos os sentimentos de justiça e de bem, de amor e de caridade. Eis porque sou forte, eis porque sou calmo para olhar; eis porque seu coração que bate a se romper em seu peito não se comove. Se a decomposição é instrumento necessário da transformação, assista, ó minha alma, calma e impassível, a essa destruição!"

VARIEDADES

FATO DE IDENTIDADE.

Um de nossos correspondentes de Maine-et-Loire nos transmite o fato seguinte, que se passou sob seus olhos, como prova de identidade.

O Sr. X.....estava, há algum tempo, gravemente doente em C...... em Touraine, e onde se esperava sua morte a cada instante. No dia 23 de abril último, tínhamos em nosso grupo, por alguns dias, uma senhora médium a quem devemos comunicações muito interessantes. Veio ao pensamento de um dos assistentes, que conhecia o Sr. X..., de pedir a um Espírito familiar de nosso grupo, Espírito leviano, mas não mau, se esse Senhor estava morto. - Sim, respondeu. - Mas, é bem verdadeiro, porque falas algumas vezes levianamente?- O Espírito respondeu de novo afirmativamente. No dia seguinte, o Sr. A. C..., que até então tinha sido pouco crente, e que conhecia tão particularmente o Sr. X..., quis tentar evocá-lo ele mesmo, se, com efeito estava morto. O Espírito veio imediatamente ao seu chamado e disse: "Por favor, não me esqueçais; orai por mim." - Há quanto tempo estais morto? perguntou-me o Sr. A. C. - Um dia. - Quando fostes enterrado? - Esta tarde, às quatro horas. - Sofreis? -Tudo o que uma alma pode sofrer. - Conservais-me rancor? - Sim. - Porquê? - Sempre fui muito rígido convosco.

As relações desses dois Senhores sempre tinham sido f rias, embora perfeitamente polidas. O Espírito, rogado para assinar, deu as três inicias de seus pre nomes e de seu nome. No mesmo dia, o Sr. A. C. recebeu uma carta, anunciando-lhe a morte do Sr. X... À noite, depois do jantar, golpes se fizeram ouvir. O Sr. A. C. pegou a caneta e escreveu sob o ditado batido pelo Espírito:

Eu fui ambicioso, todo homem o é sem dúvida;
Mas jamais rei, pontífice ou chefe ou cidadão,
Concebeu um projeto tão grande quanto o meu.

As pancadas eram fortes, acentuadas, quase imperiosas, como vindo de um Espírito iniciado há muito tempo nas relações do mundo invisível com os homens. O Sr. X.....tinha cumprido altas funções administrativas; talvez, no lazer da retirada e sob a influência de lembranças de suas antigas ocupações, seu Espírito tinha elaborado um grande projeto. Uma carta recebida há dois dias confirma todos detalhes acima.

Nota. Sem dúvida, este fato nada tem de extraordinário e que não se encontre freqüentemente; mas esses fatos íntimos não são sempre os menos instrutivos e os menos convincentes; eles fazem mais impressão nos círculos onde se passam do que não o fariam os fenômenos estranhos que se olham como excepcionais. O mundo invisível ali se revela em condições de simplicidade que o aproxima de nós, e convencem melhor da continuidade de suas relações com o mundo visível; em uma palavra, os mortos e os vivos ali estão mais em família e se reconhecem melhor. Os fatos deste gênero, por sua multiplicidade e pela facilidade de obtê-los, mais contribuíram para a propagação do Espiritismo do que as manifestações que têm as aparências do maravilhoso. Um incrédulo será bem mais tocado por uma simples prova de identidade dada espontaneamente, na intimidade, por algum parente, amigo ou conhecido, do que pelos prodígios que não o tocam senão pouco, e nos quais não crê.

POESIA ESPÍRITA.

AOS ESPÍRITOS PROTETORES.

Mais alto, mais alto ainda! Toma teu vôo, ó minha alma
Para esse puro ideal que Deus te revelou!
Para este lugar todos os céus, e esses mundos em chama,
Para o absoluto infinito, eu me sinto chamado.

De Jacob, adormecido, escalarei a escala,
Subirei sempre e não descerei;
Porque, benevolente e doce, de mão fraterna,
No caminho, um Espírito assegurará meus passos.

Ele me mostra o objetivo, me ama, me consola;
Está lá, eu sinto, e escuto a sua voz
Ressoar em meu coração, como um sopro do Eolo
Ressoa sobre os montes, as planícies e os bosques!

Que me importa seu nome! Ele não é da Terra;
Anjo misterioso dos celestes amores,
Tem do desconhecido o encanto solitário;
Ele habita bem longe, inefáveis moradas!

Lá!... seu corpo, que um raio de glória transfigura,
Tem a sutileza do impalpável éter;
Ele ignora os males da fraca natureza,
E, todavia, é bom, porque sofreu.

Tu me falas no silêncio,
Vejo-te na obscuridade;
Tu me fazes pressentir antes

As glórias da eternidade.
Se faço o mal, tu me relevas:
Em minhas vigílias e em meus sonhos,
O que empreendo tu arrematas;
Facho que, numa sombra, brilha,
És tu quem sustentas minha coragem,
Que empurras minha nau para a praia,
Que me preservas na tempestade,
E que me clareias na noite.

Tu dizes: amor; tu dizes: prece;
Tu dizes: esperança; tu dizes: virtude,
E dás o nome de irmão
À humilde criança, fraca, abatida;
Tão forte, procuras minha fraqueza,
Tão grande, procuras minha baixeza
E tão afortunado, minha aflição.
Anjo bendito, guardião sagrado,
Teu fluido depurado se mistura
Ao meu envoltório mortal,
E eu sinto o vento de tua asa
Passar sobre meu coração embriagado.

Quem sejas, obrigado, cara alma,
Obrigado, meu irmão do além;
Criança, velho, ou jovem mulher,
Que me importa! não estás lá?
Tu planas freqüentemente sobre minha
Tu que, em teu curso inquieto
Atravessaste algum cometa,
Alguma terra em formação;
Habitas na atmosfera,
Marte ou Saturno, enorme esfera,
Desces da Ursa polar,
De Aldebaran ou de Orion?

E que me faz onde tu resides!
E que me importa de onde tu vens!
Que céus estranhos e esplêndidos,
Quando eu te sinto, valem os meus?
Saudação, pois, ó minha doce estrela;
Guia meu incerto véu,
Sobre o mar que a bruma vela,
Longe dos escolhos, longe do perigo.
Sois um farol na tormenta,
Levantando sobre a vaga espumante,
A luz amiga e trêmula,
E vem me surpreender depois do exílio.

JULES-STANY DOINEL (d'Aurillac).

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

O ROMANCE DO FUTURO.
Por E. Bonnemère.

No ano último, os Espíritos nos disseram que dentro em pouco a literatura entraria no caminho do Espiritismo, e que 1867 veria aparecer várias obras importantes. Pouco depois apareceu, com efeito, *o Spirite,* de Théophile Gautier; era, como o dissemos, menos um romance espírita do que o romance do Espiritismo, mas que teve a sua importância pelo nome do autor.

Veio em seguida, no começo deste ano, a tocante e graciosa história *de Mirette.* Nessa ocasião, o Espírito do doutor Morei Lavallée disse à Sociedade:

"O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as formas; mas é ainda o talo verde que encerra a espiga do trigo e espera para mostrá-la que o calor da primavera a tenha feito amadurecer e entreabrir-se. 1866 preparou, 1867 amadurecerá e realizará. O ano se abre sob os auspícios *de Mirette,* e não se escoará sem ver aparecer novas publicações do mesmo gênero, e mais sérias ainda, neste sentido de que o romance se fará filosofia e que a filosofia se fará história." *(Revista* de fevereiro de 1867, página 64.)

Estas palavras proféticas se realizam; temos por certo que uma obra importante aparecerá dentro em pouco; essa não será um romance, que se pode considerar como uma obra de imaginação e de fantasia, mas a própria filosofia do Espiritismo, altamente proclamada e desenvolvida por um nome que poderá dar a refletir aqueles que pretendem que todos os partidários do Espiritismo são loucos.

À espera disto, eis uma obra que não tem do romance senão o nome, porque a intriga nela é quase nula, e não é senão um quadro para desenvolver, sob forma de conversa, os mais altos pensamentos da filosofia moral, social e religiosa. O título de *Romance do futuro* não parece me ter sido dado senão por alusão às idéias que regerão a sociedade no futuro, e que não estão, no instante, senão no estado de romance. O Espiritismo nele não está nomeado, mas pode tanto melhor reivindicar-lhe as idéias, que a maioria parece haurida textualmente na Doutrina, e que se dele há algumas que se afastam um pouco, elas são em pequeno número e não tocam no fundo da questão. O autor admite a pluralidade das existências, não só como racional, conforme à justiça de Deus, mas como necessária, indispensável ao progresso da alma, e adquirida da sã filosofia; mas o autor parece pender a crer, embora não o diga claramente, que a sucessão das existências se cumpre antes de mundo em mundo do que no mesmo meio, porque não fala de maneira explícita das existências múltiplas sobre o mesmo mundo, se bem que esta idéia possa ser subentendida. Talvez esteja aí um dos pontos mais divergentes, mas que, de resto, não prejudica de nenhum modo o fundo, uma vez que, em definitivo, o princípio seria o mesmo.

Essa obra pode, pois, ser colocada na classe dos livros mais sérios destinados a vulgarizar os princípios filosóficos da Doutrina no mundo literário onde o autor ocupa uma posição distinta. Foi-nos dito que, quando a escreveu, não conhecia o Espiritismo; isto parece difícil, mas se o foi assim, essa seria uma das mais brilhantes provas da fermentação espontânea dessas idéias e de seu irresistível poder, porque só o acaso não faz encontrar tantos investigadores sobre o mesmo terreno.

O prefácio não é a parte menos curiosa desse livro. Nele o autor explica a origem de seu manuscrito. "Qual é, diz ele, minha colaboração no *Romance do futuro?* Somos dois, ou três, ou bem o autor não se chama legião? Deixo essas coisas à apreciação do leitor, depois de lhe ter contado uma aventura muito verídica, se bem que tenha todas as aparências de uma história do outro mundo."

Tendo um dia parado numa modesta aldeia da Bretanha, a senhora do albergue me contou que havia na região um jovem que fazia coisas extraordinárias, verdadeiros milagres. "Sem ter nada aprendido, disse ela, ele disso sabe mais do que o padre, o

médico e o notário juntos e do que todos os feiticeiros reunidos. Ele se encerra todas manhãs em seu quarto; vê-se sua lâmpada através das cortinas, porque lhe é necessária sua lâmpada, mesmo quando faz dia, e então ele escreve coisas que jamais ninguém viu, mas que são soberbas. Ele vos anuncia desde seis meses antes, o dia, a hora, o minuto em que cairá em seus grandes acessos de feitiçaria. Uma vez que ele tenha dito ou escrito, disso não sabe mais nada, mas é verdadeiro como palavra do Evangelho, e infalível como decisão do papa, em Roma. Ele cura ao primeiro toque, e sem se fazer pagar, aqueles que lhe são simpáticos, e na barba do médico, os doentes que este não cura por seu dinheiro. O Sr. padre disse que isso não pode ser senão o diabo que lhe dá o poder de curar àqueles a quem o bom Deus envia as doenças para o seu bem, a fim de prová-los ou de castigá-los."

"Eu fui vê-lo, acrescenta o autor, e minha boa estrela quis que lhe fosse simpático. Era um jovem de vinte e cinco anos, ao qual seu pai, rico agricultor do cantão, havia feito dar uma certa educação, o que quer que dele haja dito meu hospedeiro; simples, melancólico e sonhador, levando a bondade até a excelência, e dotado de um temperamento no qual o sistema nervoso dominava sem contrapeso. Ele se levanta de madrugada, preso de uma febre de inspiração que não pode dominar, e derrama em ondas sobre o papel as idéias estranhas que germinam delas, com seu desconhecimento, e freqüentemente, apesar dele, em seu cérebro.

"Eu o vi trabalhando. No espaço de uma hora, cobria invariavelmente seu caderno de quinze ou dezesseis páginas escritas, sem hesitação, sem rasuras, sem se deter um segundo a procurar uma idéia, uma f rase, uma palavra. Era uma torneira aberta, de onde a inspiração jorrava em jato sempre igual. Absolutamente mudo durante essas horas de trabalho obstinado, os dentes cerrados e os lábios contraídos, a palavra lhe retomava no instante em que o relógio soava a retomada dos trabalhos campestres. Ele entrava, então, na vida de todo o mundo e tudo o que vinha de pensar ou descrever durante essas duas ou três horas de uma existência se apagava pouco a pouco de sua memória, como o sonho que se desvanece e desaparece à medida que se desperta. No dia seguinte, expulso de sua cama por uma força invencível, recomeçava a obra e continuava a frase ou a palavra começada no dia precedente.

"Abriu-me um armário no qual se acumulavam os cadernos carregados assim de sua escrita. - O que há em tudo isto? perguntei-lhe. - Eu o ignoro tanto quanto vós, respondeu-me sorrindo. - Mas como tudo isto vos vem? - Não posso senão vos renovar a mesma resposta: eu o ignoro tanto quanto vós. Às vezes sinto que está em mim; outras vezes ouço que se mo diz. Então, sem disso ter consciência e sem ouvir o barulho de minhas próprias palavras, eu o repito àqueles que me cercam, ou bem o escrevo.

"Isto constitui em torno de dezessete mil páginas, escritas em quatro anos. Ali se encontravam uma centena de novelas e de romances, de tratados sobre diversos assuntos, de receitas médicas e outras, de máximas, etc. Dali anotei sobretudo isto:

"Estas coisas me são reveladas, a mim simples de espírito e de instrução, porque, delas não sabendo nada, não tendo a seu respeito idéias preconcebidas, estou mais apto a assimilar as idéias dos outros.

"Os seres superiores, os primeiros partidos, depurados ainda pela transformação, vêm me envolver e me dizer:

"Dão-vos tudo o que não se ensina e que pode esclarecer o mundo onde temos, em partindo, deixado nossa marca inapagável. Mas é preciso reservar sua parte ao trabalho pessoal, sem intrometer-se sobre a ciência adquirida, nem sobre *o trabalho que cada um pode e deve fazer."*

"Nessa imensa confusão, escolhi um simples idílio, obra de fantasia, estranha, impossível, e na qual são lançadas, sob uma forma mais ou menos leviana, as bases de uma nova cosmogonia toda inteira. Nesses cadernos, esse estudo tinha por título: *1'Unité,* que acreditei dever substituir pelo *de Roman de l'Avenir."* Eis o dado principal do assunto.

Paul de Villeblanche morava na Normandie, com o seu pai, nos restos de um velho castelo, outrora morada senhorial de sua família, arruinada e dispersada pela Revolução. Era um jovem de uns vinte anos, de uma alta inteligência, com idéias mais amplas e mais avançadas, e que tinha colocado de lado todos os preconceitos de raça.

No mesmo cantão, vivia uma velha marquesa muito devota, que, para resgatar seus pecados e salvar sua alma, tinha imaginado tirar da miséria e da lama social uma pequena Cigana para dela fazer uma religiosa; desta maneira, pensava ela, teria assegurado ter alguém que, por reconhecimento e por dever, oraria sem cessar por ela, durante sua vida e depois de sua morte. Esta jovem foi, pois, educada no convento em torno de oito anos, e em esperando que tomasse o véu, vinha de dois em dois anos passar seis semanas na casa de sua benfeitora. Mas esta jovem, de uma rara inteligência, tinha intuitivamente sobre muitas coisas idéias à altura das de Paul. Ela tinha então dezesseis anos. Numa de suas férias, os dois jovens se encontram, se ligam numa afeição toda fraterna, e têm junto das conversas onde Paul desenvolve à sua inteligente companheira os princípios filosóficos novos para ela, mas que esta compreende sem esforço e freqüentemente adiantadamente. Estas duas almas de elite estão à altura uma da outra. O romance acaba por um casamento, como de interesse, mas ali ainda não há senão um pretexto para dar uma lição prática sobre pontos mais importantes da ordem social *e* os preconceitos de castas.

Inscrevemos de boa vontade este livro em nome daqueles que é útil propagar, e que têm seu lugar marcado na biblioteca dos Espíritas.

São essas conversas que fazem o assunto principal do livro; o resto não *é* senão um quadro muito simples para a exposição das idéias que deverão um dia prevalecer na sociedade.

Para reportar tudo o que, desse ponto de vista, mereceria sê-lo, seria preciso citar a metade da obra; reproduzimos somente alguns pensamentos que poderão fazer julgar do espírito no qual está concebida.

"Encontrar é a recompensa de ter procurado, e tudo o que nós mesmos podemos fazer, não é preciso pedi-lo aos outros."

"O mundo é um vasto canteiro de obras no qual Deus distribui, a cada um, a sua tarefa, nos dispensando o nosso trabalho segundo nossas forças. Desse imenso choque de inteligências diversas, opostas, hostis em aparência, a luz jorra, sem que ela se extinga na hora de nosso último sono. Ao contrário, a marcha constante das gerações que se sucedem, traz uma nova pedra ao edifício social; a luz se torna mais brilhante quando uma criança nasce trazendo, para continuar o progresso, o primeiro elemento de uma inteligência sempre renovada."

"Mas a marquesa me repete, sem cessar (diz a jovem), que nascemos todos maus, que não diferimos senão pela maior ou a menor propensão para o pecado, e que a existência toda inteira é uma luta contra nossos pendores, que todos tenderiam à condenação eterna, se a religião que ela me ensina não nos retivesse sobre a borda do abismo.

"- Não creia nesses blasfemadores. Deus seria o agente do mal, se não tivesse colocado em cada um de nós a bússola que deve guiar nossos passos para o cumprimento de nossos destinos, e se o homem não tivesse podido caminhar em seu caminho até o dia em que a Igreja veio corrigir a obra imperfeita e mal sucedida do Eterno."

"Quem sabe se, na imensa rotação do mundo, nossos filhos não se tomarão nossos pais ao seu turno, e se não nos restituirão intacta essa soma de misérias que lhes teremos deixado em partindo?"

"Nenhum mal pode vir de Deus, no tempo nem na eternidade. A dor é nossa obra, é o protesto da Natureza para nos indicar que não estamos mais nos caminhos que ela assinala à atividade humana. Ela se torna um meio de salvação, porque é seu próprio

excesso que nos impele para diante, incita nossa preguiçosa imaginação, e nos leva a fazer as grandes descobertas que acrescentam ao bem-estar daqueles que devem passar neste globo depois de nós."

"Cada um de nós é um dos anéis dessa cadeia sublime e misteriosa quer e liga todos os homens entre si, como também com a criação toda inteira, e que, jamais nem nenhuma parte, poderia ser quebrada."

"Depois da morte, os órgãos usados têm necessidade de repouso, e o corpo devolve à terra os elementos dos quais se constituem ao infinito os seres que se sucedem. Mas a vida renasce da morte."

"Nós partimos, levando conosco a lembrança dos conhecimentos adquiridos neste mundo; o mundo onde iremos nos dará os seus, e nós os agruparemos em feixe para formar o progresso."

"Todavia, arrisca a jovem, haverá um fim, um inevitável fim, tão distante quanto tu o supões.

- Por que limitar a eternidade, depois de tê-la admitido em princípio?

O que se chama o fim do mundo não é senão uma figura. Jamais houve começo, nem jamais haverá o fim do mundo; tudo vive, tudo respira, tudo é povoado. Para que o julgamento final possa chegar, seria preciso um cataclismo geral que fizesse entrar o universo inteiro no nada. Deus que tudo criou não pode destruir a sua obra. Por que o aniquilamento da vida?"

"A morte, sem dúvida, é inevitável. Mas melhor compreendida no futuro, essa morte que nos espanta não será mais do que a hora prevista, em vista talvez da partida, para fornecer uma nova etapa. Um chega, o outro se coloca no caminho, e a esperança enxuga os prantos que correm no instante dos adeuses. A imensidade, o infinito, a eternidade prolongam, aos nossos olhares ávidos, suas perspectivas, das quais o desconhecido nos atrai. Já mais aperfeiçoados, faremos uma mais bela viagem, depois ainda tomaremos a partir, e caminharemos sempre para nos elevar sem cessar. Porque depende de nós que a morte seja a recompensa do dever cumprido, ou o castigo, quando a obra ordenada não tiver sido feita."

"Em qualquer lugar que estejamos no universo, ligamo-nos por laços misteriosos e sagrados que nos tornam solidários uns dos outros, e recolheremos fatalmente a colheita do bem e do mal que cada um de nós semeou atrás de si antes de partir para a grande viagem."

"A criança que nasce traz seu germe de progresso; o homem que morre deixa seu lugar para que, depois dele, o progresso se cumpra, e que venha continuar a ali trabalhar ele mesmo, trazendo alhures, e num outro ser, sua alma aperfeiçoada."

"Aqueles a quem tu deves o dia expiaram, nesta vida, as faltas de um passado misterioso. Ele sofreram, mas sofreram corajosamente. O Deus de amor e de misericórdia tem necessidade deles, sem dúvida, para uma missão mais importante num outro mundo. Chamou-os a si, lhes concedendo assim o salário merecido antes que a jornada tivesse terminado por inteiro.

(A propósito de uma jovem que, ainda criança, operava curas surpreendentes indicando os remédios por intuição.)

Isto fez ruído, e a principal autoridade, o cura, se emocionou e interveio. Uma criança fazia, por meios naturais, o que nenhum médico com sua ciência, nem ele com suas preces podiam obter!... Evidentemente, era possuída. Para os homens de pequena fé e de inteligência obtusa, é Deus que, no objetivo de nos castigar, como se não houvesse a eternidade diante dele, ou de nos provar, como se não soubesse o que vamos fazer, nos envia todos os males, os flageles de todo gênero, as ruínas, a perda daqueles que nos são caros; é Satã, ao contrário, que dá a prosperidade, faz encontrar os

tesouros, cura os doentes, e nos prodigaliza todas as felicidades, todas as alegrias deste mundo. Deus, enfim, segundo eles, faz o mal, ao passo que o diabo é o autor de todo o bem. Maria foi, pois, exorcizada, rebatizada o que quer que aconteça, a fim de que ela não possa mais aliviar seus semelhantes. Mas nada lhe fez, e ela continua a fazer o bem em seu redor.

- Mas tu, que sabes tudo, Paul, que dizes de tudo isso?

Se jamais creio naquilo que a minha razão repele, respondeu o jovem conde, não nego os fatos atestados por numerosas testemunhas, pelo único motivo de que a ciência não sabe ainda explicá-los. Deus deu aos animais o instinto de ir direto para a planta que pode curaras raras doenças que os atingem; por que nos teria recusado esse precioso privilégio? Mas o homem saiu dos caminhos que o Criador lhe havia assinalado; ele se pôs em hostilidade com a Natureza, da qual deixou de escutar as advertências. Essa luz se apaga nele, e a ciência veio substituir o instinto que, em sua altivez de chegar, ela negou, combateu, perseguiu, aniquilando-o tanto quanto estava nela fazê-lo. Mas quem pode afirmar que não sobrevive em alguns seres simples e primitivos, decididos a se esclarecer documente de todas as claridades que eles mesmos entrevêem, animados que estão do desejo de vir em ajuda dos sofrimentos de outrem? Quem sabe se Maria, tendo já vivido outrora entre essas populações na infância, nas quais o instinto sobrevive ainda e que sabem maravilhosos segredos, ou bem em algum mundo mais avançados de onde suas faltas a fizeram cair, Deus não lhe concede de se lembrar das coisas que os outros esqueceram?

"Não é, para cada um de nós, certos conhecimentos que nos parece encontrar em nós mesmos, tanto o estudo deles nos é fácil, ao passo que outros não podem penetrar em nosso espírito, sem dúvida, porque eles vêm tocá-lo pela primeira vez, ou porque várias gerações acumularam sobre eles montanhas de ignorância e de esquecimento?"

(A propósito das visões nos sonhos.)

"É a alma mantida em seu exílio que conversa com a alma liberta de sua parte terrestre; também essas visões são clareadas por um raio luminoso que deixa entrever, aos pobres humanos, o quanto é resplendente o ponto onde chegaram aqueles que souberam dirigir sua equipe sobre os oceanos perigosos, onde flutua a existência."

"Sem dúvida, nos mundos diferentes, nossos corpos se constituem de elementos diferentes, e ali revestimos um outro envoltório, mais perfeito ou mais imperfeito, segundo o meio onde devem agir. Mas sempre é certo que esses corpos vivem, todos animados pelo mesmo sopro de Deus; que a transmissão das almas se faz, em uns como nos outros planetas sem número que povoam o espaço infinito, e que sendo a emanação de Deus, existem identicamente os mesmos em todos os mundos. Do outro lado da vida, nos dá uma alma sempre purificada, que nos permite nos aproximar incessantemente do céu; só nossa vontade a faz desviar, às vezes, do caminho reto.

Todavia, Paul, ensinam-nos que ressuscitaremos com os nossos corpos de hoje!

- Loucura e orgulho tudo isso! Nossos corpos não pertencem a nós, mas a todo o mundo, aos seres que devoramos ontem, àqueles que nos devorarão amanhã. São de um dia; a Terra no-los empresta, e nos retomará. Só a nossa alma nos pertence, só ela é eterna, como tudo que vem de Deus e a ele retorna."

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

LUTA DOS ESPÍRITOS PARA RETORNAR AO BEM.

Paris, 24 de março de 1867. Médium Sr. Rui.)

Obrigado, caro irmão, pela vossa compaixão por aquele que expia, pelo sofrimento, as faltas que cometeu; obrigado por vossas boas preces inspiradas por vosso amor aos vossos irmãos. Chamai-me algumas vezes, esse será um encontro ao qual jamais faltarei, disso ficai assegurado. Eu vos disse numa comunicação dada na Sociedade, que depois de ter sofrido me seria permitido vir vos dar a minha opinião em algumas questões das quais vos ocupais. Deus é tão bom, que depois de me ter imposto a expiação pelo sofrimento, teve piedade de meu arrependimento, porque sabe que, se fali, foi por fraqueza, e que o orgulho é filho da ignorância. É-me permitido instruir-me e se não posso, como os bons Espíritos que deixaram a Terra, penetrar os mistérios da criação, posso estudar os rudimentos da ciência universal, a fim de progredir e ajudar os meus irmãos a progredirem também.

Dir-vos-ei a relação que existe entre o estado da alma e a natureza dos fluidos que o envolvem em cada meio onde ele se encontra momentaneamente colocado; e se, como isto vos foi dito, a alma pode sanear os fluidos, crede bem que o pensamento impuro os vicia. Julgai de que esforços deve fazer o Espírito que se arrepende, para combater a influência desses fluidos dos quais está envolvido, aumentado ainda pela reunião de todos os maus fluidos que lhe trazem, para abafá-lo, os Espíritos perversos. Não creiais que me basta querer melhorar-me, para expulsar os Espíritos do orgulho do qual estive cercado durante a minha estada sobre a Terra. Estão sempre perto de mim, procurando me relerem sua atmosfera malsã. Os bons Espíritos vêm me esclarecer, me trazer a força da qual tenho necessidade para lutar contra a influência dos maus Espíritos, depois se afastam para me deixar entregue às minhas próprias f orcas para lutar contra o mal. É então que sinto a influência benfazeja de vossas boas preces, porque, sem sabê-lo, continuais a obra dos bons Espíritos de além-túmulo.

Vede, caro irmão, que tudo se encadeia na imensidade; que todos somos solidários uns com os outros, e que não há um único bom pensamento que não leve com ele os frutos do amor, da melhoria e do progresso moral. Sim, tendes razão em dizer aos vossos irmãos que sofrem que uma palavra basta para explicar o Criador; que esta palavra deve ser a estrela que guia cada Espírito, em qualquer grau da escala espírita a que pertença por todos os seus pensamentos, por todos os seus atos, nos mundo inferiores como nos mundos superiores; que esta palavra, o evangelho de todos os séculos, o alfa e o ômega de toda a ciência, a luz da verdade eterna, é amor! Amor de Deus, amor de seus irmãos. Felizes aqueles que pedem por seus irmãos que sofrem. Suas provas na Terra se tornarão leves, e *a* recompensa que os espera será acima de suas esperanças!...

Vede, caro irmão, o quanto o Senhor é cheio de misericórdia, uma vez que, apesar de meus sofrimentos, me permite vir vos falar a linguagem de um bom Espírito.

A...

ALLANKARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO **NO. 8** **AGOSTO 1867**

FERNANDE.

NOVELA ESPÍRITA

Tal é o título de um romance folhetim, pelo Sr. Jules Doinel (d'Aurillac), publicado no *Moniteurdu Cantai,* de 23 a 30 de maio, 6,13 e 20 de junho de 1866. Como se vê, o nome do Espiritismo não está dissimulado, e, por isto, deve-se felicitar tanto mais o autor, que essa coragem de opinião é mais rara nos escritores de província, onde as influências contrárias exercem uma pressão maior do que em Paris.

Lamentamos que, depois de ter sido publicada em folhetim, forma sobre a qual uma idéia se propaga mais facilmente nas massas, esta novela não tenha sido posta em volume, e que nossos leitores estejam privados do prazer de a si a proporcionar. Embora esta seja uma obra sem pretensões e circunscrita num pequeno quadro, é uma pintura verdadeira e interessante das relações do mundo espiritual e do mundo corpóreo, que traz seu contingente à vulgarização da idéia espírita do ponto de vista sério e moral. Ela mostra os puros e nobres sentimentos que esta crença pode desenvolver no coração do homem, a serenidade que ela dá nas aflições, pela certeza de um futuro respondendo a todas as aspirações da alma, e dando plena satisfação à razão. Para pintar essas aspirações com verdade, como o faz o autor, é preciso ter a fé *naquilo que se diz;* um escritor, para que um semelhante assunto não fosse senão um quadro banal, sem convicção, creria que para fazer o Espiritismo basta acumular o fantástico, o maravilhoso e as aventuras estranhas, como certos pintores crêem que basta exibir cores vistosas para fazer um quadro. O Espiritismo verdadeiro é simples; ele toca o coração e não fere a imaginação a golpes de martelo. Foi o que compreendeu o autor.

O assunto de Fernande é muito simples. É uma jovem ternamente amada por sua mãe, arrancada na flor da idade à sua ternura e ao amor de seu noivo, e que revelou sua coragem em se manifestando à sua visão, e ditando ao seu amado, que deve logo reencontrá-la, o quadro do mundo que o espera. Citaremos alguns dos pensamentos que ali observamos.

"Tinha me tornado, desde a aparição de Fernande, um adepto resoluto da ciência de além-túmulo. Por que, de resto, disso teria duvidado? O homem tem o direito de marcar os limites ao *pensamento,* e de dizer a Deus: Tu não irás mais longe?"

"Uma vez que estamos perto dele e que pisamos uma terra que é santa, vou, meu caro amigo, falar-te de coração aberto, tomando a Deus como testemunha da sinceridade de tudo o que vais ouvir. Tu crês nos Espíritos, eu o sei, e mais de uma vez me pediste para precisar tua crença neste ponto. Eu não o fiz, e é preciso bem dize-lo, sem as manifestações estranhas que tu tiveste, eu não o teria jamais feito. Meu amigo, creio que Deus deu a certas almas uma força de simpatia de tal modo grande que ela pode se propagar nas regiões desconhecidas da outra vida. É sobre esse fundamento que

repousa toda a minha doutrina. O charlatanismo e a hipocrisia de certos adeptos me fazem mal, porque não compreendo que se possa profanar uma coisa tão santa."

"Oh! Stephen Stany (o noivo) tinhas muita razão em dizer que o charlatanismo e a hipocrisia profanam as coisas mais santas. A crença nos Espíritos deve tornar a alma serena; de onde vem, pois, que, na obscuridade, o menor barulho me espanta? Vi se desenhar, às vezes, na penumbra de minha alcova, seja o fantasma de Fernande de Moeris, seja o perfil vago de sua mãe. Àquelas eu sorri. Mas, muito freqüentemente também, minha vista se desviou com medo da face careteira de alguns Espíritos maus, vindos lá para me afastarem do bem e me desviarem de Deus."

"Stany, em me falando, estava calmo. Não notei em sua face nenhum traço de exaltação. Mas, perto dessa pedra, sua diafaneidade se tornava mais visível ainda. A alma de meu amigo se mostrava inteiramente aos meus olhares. Essa bela alma não tinha nada a esconder. Eu compreendia que o laço que a prendia ao seu corpo de lama era bem fraco, e que não estava longe a hora em que ela voaria para *o outro mundo"*

"Ela me havia dito: "Vá à casa de minha mãe."- Isto me custou, eu o confesso; embora noivo de Fernande, não estava muito bem com sua prima. Sabes o quanto ela era ciumenta de tudo o que lhe retinha uma parte da afeição de sua filha. Dir-te-ei, ela me recebeu com os braços abertos e me disse chorando: "O gelo está quebrado; vamos nos compreender pela primeira vez. - Meu caro Stephen, acrescentou ela, creio ter sonhado! mas enfim a revi, e eis o que ela me disse: "Mãe, tu pedirás a Stephen Stany para permanecer oito dias no quarto que foi meu. Durante esses oito dias tu não permitirás que o perturbem. Durante esse retiro Deus lhe revelará muitas coisas."- Fui imediatamente conduzido ao quarto da prima; e desde aquele dia até ontem, dia em que a revi, sua alma esteve sem interrupção comigo mesmo. Eu a vi, e bem vi, com os olhos do meu Espírito e não os de meu corpo, se bem que estivessem abertos. Ela me falou. Quando digo que ela me falou, quero dizer que houve entre nós *transmissão de pensamento.* Sei agora tudo o que me era preciso saber. Sei que este globo não tem mais nada para mim, e que uma existência melhor me espera."

"Aprendi a estimar o mundo em seu justo valor. Retenha estas palavras, meu amigo: Todo Espírito que quer chegar à felicidade superior deve guardar seu corpo casto, seu coração puro, sua alma livre. Felizes os que sabem perceber a forma imaterial de Deus através das sombras do que se passa!"

"Não esqueçamos jamais, ó irmãos, que Deus é Espírito, e que quanto mais se torna Espírito, mais se aproxima de Deus. Não é permitido ao homem quebrar violentamente os laços da matéria, da carne e do sangue. Esses laços supõem deveres; mas lhe é permitido deles se desligar pouco a pouco pelo idealismo de suas aspirações, pela pureza de suas intenções, pela irradiação de sua alma, reflexo sagrado do qual o dever é o foco, até que, pomba livre, seu Espírito desligado das cadeias mortais voe e plane nos espaços sublimados."

O manuscrito ditado pelo Espírito de Fernande, durante os oito dias do retiro de Stephen, contém as passagens seguintes:

"Morri na perturbação, despertei na alegria. Eu vi meu corpo, apenas esfriado, se estender sobre o leito fúnebre e me senti como descarregada de um pesado fardo. Foi então que te percebi, meu bem amado, e que, pela permissão de Deus, unida ao livre exercício de minha vontade, te percebi junto de meu cadáver.

"Enquanto os vermes prosseguiam em sua obra de corrupção, eu penetrei, curiosa, os mistérios do mundo novo que habitava. Eu pensava, sentia, amava como sobre a Terra; mas meu pensamento, minha sensação, meu amor estavam aumentados. Compreendia melhor os desígnios de Deus, *aspirava sua vontade divina.* Vivemos de uma vida quase imaterial, e somos superiores a vós tanto quanto os anjos o são a nós. Vemos Deus, mas não claramente; nós o vemos como se vê o sol de vossa Terra, através

de uma nuvem espessa. Mas essa visão imperfeita basta à nossa alma, que não está ainda purificada.

"Os homens nos aparecem como fantasmas errando numa bruma crepuscular. Deus deu, a alguns entre nós, a graça de ver mais claramente aqueles que amam de preferência. Vejo-te assim, caro amor, e minha vontade te cerca de uma simpatia amorosa a todo momento. É assim que teus pensamentos vêm de mim, que teus atos te são inspirados por mim, que tua vida, em uma palavra, não é senão um reflexo de minha vida. Do mesmo modo que podemos comunicar convosco, os Espíritos superiores podem se revelar aos nossos olhares. Por vezes, na transparência imaterial, vemos passar a silhueta augusta e luminosa de algum Espírito. É-me impossível pintar-te o respeito que essa visão nos inspira. Felizes aqueles entre nós que são honrados com essas visitas divinas. Admira a vontade de Deus! os mundos se correspondem todos. Nós nos mostramos a vós; eles se mostram a nós: é a escada simbólica de Jacob."

"Ocorre que, de um só golpe de asa, se elevaram até Deus. Mas estes são raros. Outros sofrem longas provas em existências sucessivas. É a virtude que dá as posições, e o mendigo curvado para a terra, às vezes, é aos olhos do Deus justo e severo, maior do que o rei soberbo ou o conquistador invencível. Nada vale senão para a alma; é o único peso que ela leva na balança de Deus."

Agora que fizemos a parte do elogio, façamos a da crítica; ela não será longa, porque não cai senão sobre dois ou três pensamentos. No início, num diálogo entre os dois amigos, encontramos a passagem seguinte:

"Temos existências anteriores? Não o creio: Deus nada nos tira; mas do que estou seguro, é que depois do que chamamos a morte, começamos, - e quando digo nós, falo da alma, - nós começamos, digo eu, uma série de novas existências. No dia em que estivermos bastante puros para ver, compreender e amar Deus inteiramente, só nesse dia morreremos. Note bem que naquele dia não amaremos mais do que Deus e nada senão Deus. Se, pois, Fernande estivesse purificada, ela não sonharia, não poderia sonhar comigo. Do fato de que ela se manifestou, concluo que ela vive. Onde? logo o saberei! Ela é feliz de sua vida, eu creio, porque enquanto o Espírito não estiver completamente depurado, ele não pode compreender que a felicidade não está senão em Deus. Ele pode ser relativamente feliz. À medida que subimos, a idéia de Deus se engrandece em nós cada vez mais, e nós estamos, por isso mesmo, cada vez mais felizes. Mas essa felicidade não é senão uma felicidade relativa. Assim minha noiva vive. Qual *é* sua vida? eu o ignoro: só Deus pode dizer aos Espíritos para revelarem aos homens esses mistérios."

Depois das idéias como aquelas que encerram as passagens citadas, espanta-se de encontrar uma doutrina como aquela que faz da felicidade perfeita uma felicidade egoísta. O encanto da Doutrina Espírita, o que dela faz uma suprema consolação, é precisamente o pensamento da perpetuidade das afeições se depurando e se estreitando à medida que o Espírito se depura e se educa; aqui, ao contrário, quando o Espírito é perfeito, esquece aqueles que amou, para não pensar senão nele; ele está *morto para* todo outro sentimento que não seja o de sua felicidade; a perfeição lhe tiraria *a possibilidade,* o *desejo mesmo* de vir consolar aqueles que deixa na aflição. Isso seria lá, é preciso convir, uma triste perfeição, ou, melhor dizendo, seria uma imperfeição. A felicidade eterna, assim concebida, não seria mais invejável do que a da contemplação perpétua, cuja reclusão claustral nos dá imagem pela morte antecipada das mais santas afeições da família. Se fosse assim, uma mãe nisso seria reduzida a temer, em lugar de desejar, a completa depuração dos seres que lhe são mais caros. Jamais a generalidade dos Espíritos ensinou semelhante coisa; dir-se-ia uma transação entre o Espiritismo e a crença vulgar. Mas esta transação não é feliz, porque não satisfazendo as aspirações íntimas da alma, não tem nenhuma chance de prevalecer na opinião.

Quando o autor diz que não crê nas existências anteriores, mas que está seguro que, depois da morte, começamos uma série de novas existências, ele não percebeu que cometeu uma contradição flagrante; se admite, como coisa lógica e necessária ao progresso, a pluralidade das existências posteriores, sobre o que se funda para não admitir as existências anteriores? Ele não disse como explica de uma maneira conforme à justiça de Deus, a desigualdade nata, intelectual e moral, que existe entre os homens. Se essa existência é a primeira, e se todos saíram do nada, cai-se na doutrina absurda, inconciliável com a soberana justiça, de um Deus parcial, que favorece certas de suas criaturas, criando almas de todas as qualidades. Poder-se-ia igualmente nisso ver uma transação com as idéias novas, mas que não é mais feliz do que *a* precedente.

Espanta-se, enfim, de ver Fernande, Espírito avançado, sustentar esta proposição de um outro tempo: "Laura se torna mãe; Deus teve piedade dela, e chamou a ele essa criança. Às vezes ela vem revela. Ela é triste, porque estando morta sem batismo, não gozará *jamais* da contemplação divina." Assim, eis um Espírito que Deus *chama a ele,* e que é para sempre infeliz e privado da contemplação de Deus, porque não recebeu o batismo, quando não dependeu dele recebê-lo, e que a falta é do próprio Deus que o chamou muito cedo. Foram essas doutrinas que fizeram tantos incrédulos, e se esperam fazê-las passar com o favor das idéias espíritas que tomam raízes, enganam; aceitar-se-ão as idéias espíritas do que é racional e sancionado pela universalidade do ensino dos Espíritos. Se há ainda aí da transação, ela é inábil. Colocamos a esse respeito que, sobre mil centros espíritas onde as proporções que acabamos de criticar seriam submetidas aos Espíritos, delas novecentos e noventa serão resolvidas em sentido contrário.

Foi a universalidade do ensino, sancionada, além disso, pela lógica, que fez e que completará a Doutrina Espírita. Esta doutrina haure, nessa universalidade do ensino dado sobre todos pontos do globo, por Espíritos diferentes, e em centros completamente estranhos uns aos outros, e que não sofrem nenhuma pressão comum, uma força contra a qual lutariam em vão as opiniões individuais, seja dos Espíritos, seja dos homens. A aliança que se pretendia estabelecer das idéias espíritas com idéias contraditórias, não podem ser senão efêmeras e localizadas. As opiniões individuais podem ligar alguns indivíduos, mas forçosamente circunscritas, elas não podem ligar a maioria, a menos de ter a sanção dessa maioria. Repelidas pelo maior número, são sem vitalidade, e se extinguem com os seus representantes.

Isto é o resultado de um cálculo todo matemático. Se, sobre mil centros, há 990 deles onde se ensina a mesma lição, e dez de uma facção contrária, é evidente que a opinião dominante será a de 990 sobre 1000, quer dizer, a quase unanimidade. Pois bem! estamos certos de fazer uma parte muito ampla nas idéias divergentes, levando-as a um centésimo. Não formulando um princípio antes de estar assegurado pelo consentimento geral, estamos sempre de acordo com a opinião da maioria.

O Espiritismo está hoje de posse de uma soma de verdades de tal modo demonstradas pela experiência, que satisfazem ao mesmo tempo tão completamente a razão, que passaram em artigos de fé na opinião da imensa maioria dos adeptos. Ora, colocar-se em hostilidade aberta com esta maioria, machucar suas aspirações e suas convicções mais caras, é se preparar um fracasso inevitável. Tal é a causa do insucesso de certas publicações.

Mas, dir-se-á, é proibido, pois, àquele que não partilha as idéias da maioria publicar as suas opiniões? Seguramente não; é mesmo útil que o faça; mas, então, deve fazê-lo com os seus riscos e perigos, e não contar com o apoio moral e material daqueles a quem quer atacar vivamente as crenças.

Para retornara Fernande, os pontos de doutrina que combatemos parecem ser opiniões pessoais do autor, das quais parece não ter sentido o lado fraco. Endereçando-nos a sua obra, início de um homem jovem, nos disse que quando tinha escrito essa novela, não tinha senão um conhecimento superficial da Doutrina Espírita, e que, sem

dúvida, nele encontraríamos várias coisas a censurar sobre as quais solicitava a nossa opinião; que, mais esclarecido hoje, há princípios que formularia de outro modo. Felicitando-o pela sua franqueza e pela sua modéstia, informamo-lo que, se houvesse lugar de refutação, nós o faríamos na *Revista,* para instrução de todos.

À parte os pontos que acabamos de citar, não há nenhum que a Doutrina Espírita não possa aceitar; felicitamos o autor do ponto de vista moral e filosófico em que se colocou, e temos seu trabalho por eminentemente útil à difusão da idéia, porque a faz considerar sob sua verdadeira luz, que é o ponto de vista sério. (Ver no número precedente, página 213, a peça de poesia do mesmo autor, intitulada: *Aos Espíritos protetores.)*

SIMONET,

MÉDIUM CURADOR EM BORDEAUX.

O Figaro, de 5 de julho último, dava conta, nestes termos, de um julgamento feito pelo tribunal de Bordeaux:

"Nestes últimos tempos, o furor em Bordeaux era ir consultar o feiticeiro de Cauderan. Avaliou-se em mil ou mil e duzentas o número das visitas que recebia cada dia. A polícia, que faz profissão de ceticismo, se emocionou com semelhante sucesso, e quis operar uma descida no castelo de Bel-Air, onde o feiticeiro tinha eleito seu domicílio. Em torno da morada do feiticeiro encontrava-se uma multidão de pessoas se dizendo atingidas de toda espécie de doenças; grandes senhoras ali iam também em seges para consultar o iluminado.

"Os magistrados, desde que interrogaram o feiticeiro, não duvidaram que não tivesse negócio com um pobre louco que era explorado por esses mesmos que lhe davam a hospitalidade; também o feiticeiro Simonet não foi compreendido na perseguição que se contentou de dirigir contra os irmãos Barbier, ágeis compadres que recolheram todos os proveitos da credulidade gascã.

"Sua casa, que verdadeiros Gascões que são, decoraram com o nome de castelo, tinha sido convertida em albergue; somente os vinhos que ali vendiam não tinham nada de comum com o que se chama em Languedoc os vinhos de Château; depois tinham se esquecido de se prover de uma licença, se bem que a administração das contribuições indiretas fazia-lhes um processo.

"O feiticeiro Simonet era citado como testemunha.

- "Onde aprendestes a medicina, vós que sois um simples caldeireiro?

- "E que pensais da revelação? Que eram, pois, os discípulos do Cristo? Que faziam esses pobres pecadores que converteram o mundo? Deus me apareceu; deu-me sua ciência; não tenho mesmo necessidade dos remédios, sou um médico curador.

- "Onde aprendestes tudo isso?

-"Em Allan Kardec... e mesmo, Senhor presidente, eu vo-lo digo com todo o respeito possível, não pareceis conhecer a ciência do Espiritismo e vos convido fortemente a estudá-lo. (Hilaridade à qual não resistem os próprios juizes.)

- "Abusais da credulidade pública. Assim, para não citar senão um exemplo, há um pobre cego que toda Bordeaux conhece. Ele teve a fraqueza de ir em vossa casa, e vos levar os óbolos que recebia da caridade pública. Restituístes-lhe a vista?

-"Eu não curei todo o mundo, mas é preciso crer que eu fiz curas, uma vez que no dia em que a justiça veio, havia mais de 1500 pessoas que esperavam a sua vez.

-"É infelizmente verdadeiro.

"O Sr. procurador imperial. - E se isto continua, tomaremos uma dessas duas medidas: ou vos intimaremos aqui por espoliação fraudulenta, e a justiça apreciará se sois

louco, ou faremos tomar uma medida administrativa contra vós. É preciso proteger as pessoas honestas contra a sua incredulidade.

"No castelo de Bel-Air não se pedia dinheiro aos consulentes; distribuíam-lhes somente um número de ordem, que se fazia pagar vinte centavos; depois havia os que traficavam com esses números, revendendo-os até a quinze francos. Enfim, dava-se de comer aos pobres camponeses vindos algumas vezes das extremidades do departamento. Enfim, havia ali um tronco para os pobres; não há necessidade de dizer que os hóspedes do feiticeiro aplicavam o dinheiro dos pobres.

"O tribunal condenou os senhores Barbier em dois meses e um mês de prisão e 300 fr. através de contribuições indiretas.

"Ad. ROCHER."

Eis a verdade sobre Simonet, e de que maneira sua faculdade se revelou.

Os senhores Barbier foram construir em Cauderan, subúrbio de Bordeaux, um vasto estabelecimento, como deles há no quarteirão, destinado aos bailes, núpcias e repastos de corpos, ao qual deram o nome de *Château du Bel-Air,* o que não é mais gascão do que o Château-Rouge ou oChâteau dês Fleursde Paris. Simonetali trabalhava como *marceneiro* e não como *caudeireiro.* Durante os trabalhos de construção, ocorria muito freqüentemente que os operários estivessem feridos ou doentes; Simonet, Espírita há muito tempo e conhecendo um pouco o magnetismo, foi levado instintivamente, e sem desígnio premeditado, a cuidar deles pela influência fluídica, e curou a muitos. A fama dessas curas se espalhou, e logo viu uma multidão de doentes acorrer a ele, tanto é verdadeiro que, o que quer que se faça, não se tirará dos doentes o desejo de serem curados, não importa por quem. Temos testemunhas oculares de que a média daqueles que ali *se* apresentavam era mais de mil por dia. O caminho estava atravancado de viaturas de todas as espécies, vindas de várias léguas na redondeza, de charretes ao lado de carros de luxo. Havia pessoas que passavam a noite para esperarem a sua vez.

Mas nesta multidão se achavam pessoas que tinham necessidade de beber e de comer; os empreendedores do estabelecimento nisso investiram, o que se tomou para eles um negócio muito bom. Quanto a Simonet, que era uma fonte de proveitos indiretos, estava instalado e alimentado, era bem o menos, e não se poderia lhe fazer por isto uma censura. Como se acotovelavam à porta, para evitar a confusão, tomou-se a sábia decisão de dar um número de ordem aos que chegavam; mas teve-se a idéia menos feliz de fazer pagar dez centavos por esse número, e mais tarde vinte centavos; o que, tendo em vista a afluência, fazia por dia uma soma bem recheada. Por mínima que fosse essa retribuição, todos os Espíritas, e o próprio Simonet que nisso não estava por nada, a viram com pesar, pressentindo o mau efeito que isso produziria. Quanto ao tráfico de bilhetes, parece certo que certas pessoas mais apressadas, para passar mais cedo, compraram o lugar de pessoas pobres que estavam ali antes delas, muito contentes com esse ganho inesperado; nisto não havia grande mal, mas poderia e deveria necessariamente resultar em abuso. Foram esses abusos que motivaram a instância judicial, dirigida contra os senhores Barbier, como tendo aberto um estabelecimento de consumação antes de estarem providos de uma patente. Quanto a Simonet, ele não foi colocado em causa, mas simplesmente citado como testemunha.

A reprovação geral que se dá à exploração, nos casos análogos ao de Simonet, é digna de nota; parece que um sentimento instintivo leva os próprios incrédulos a ver no desinteresse absoluto uma prova de sinceridade que inspira uma espécie de respeito involuntário; eles não crêem na faculdade; zombam dela, mas alguma coisa lhes diz que, se ela existe, deve ser uma coisa santa que não pode, sem profanação, se tornar um ofício; limitam-se a dizer: É um pobre louco que é de boa fé; mas todas as vezes que a especulação, sob qualquer forma que isto seja, se mistura a uma mediunidade qualquer, a crítica se crê dispensada de toda reserva.

Simonet cura realmente? Pessoas dignas de fé, muito honradas, e que tinham antes o interesse em desmascarar a fraude do que preconizá-la, nos citaram numerosos casos de curas perfeitamente autênticas. Aliás, nos parece que, se não tivesse curado ninguém, já teria perdido todo o crédito. De resto, não há a pretensão de curar todo o mundo; ele não promete nada; diz que a cura não depende dele, mas de Deus, do qual não é senão o instrumento, e cuja assistência é preciso ser implorada; recomenda a prece e ele mesmo ora. Lamentamos muito não ter podido vê-lo durante nossa estada em Bordeaux; mas todos aqueles que o conhecem estão de acordo em dizer que é um homem afável, simples, modesto, sem jactância nem fanfarrice, que não procura se prevalecer de uma faculdade que sabe poder lhe ser retirada. Ele é benevolente para os enfermos, que encoraja com boas palavras; o interesse que lhes dá não se baseia sobre a classe que ocupam; tem tanta solicitude para o mais miserável quanto para o mais rico; se a cura não é instantânea, o que ocorre mais freqüentemente, coloca-lhe toda a continuação necessária.

Eis o que nos foi dito. Ignoramos quais serão para ele *as* conseqüências desse processo, mas é certo que, se for sincero, *e* perseverar nos sentimentos dos quais parece animado, a assistência e a proteção dos bons Espíritos não lhe faltarão; ele verá a sua faculdade se desenvolver e engrandecer, ao passo que ve-la-á declinar e se perder, se entrar no mau caminho, sobretudo se pensar em tirar dela vá idade.

Nota. - No momento de colocar no prelo, soubemos que, em conseqüência da fadiga que resultou para ele do longo e penoso exercício de sua faculdade, mais ainda para escapardos tormentos dos quais foi objeto, Simonet resolveu suspender toda recepção até nova ordem. Se os doentes sofrem por essa abstenção, um grande efeito não foi menos produzido por ela.

ENTRADA DE INCRÉDULOS NO MUNDO DOS ESPÍRITOS.

O *DOUTOR CLAUDIUS.*

Sociedade de Paris. Méd. Sr. Morin em sonambulismo espontâneo.

Um médico, que designaremos sob o nome de doutor Claudius, conhecido de alguns de nossos colegas, e cuja vida tinha sido uma profissão de fé materialista, morreu há algum tempo de uma afecção orgânica, que sabia ser incurável. Chamado, sem dúvida, pelo pensamento daqueles que o haviam conhecido e que desejavam conhecera sua posição, manifestou-se espontaneamente por intermédio do Sr. Morin, um dos médiuns da Sociedade, em estado de sonambulismo espontâneo. Já várias vezes esse fenômeno se produziu por esse médium e outras adormecido com o sono espiritual.

O Espírito que assim se manifestou se apodera da pessoa do médium, serve-se de seus órgãos como se estivesse ainda vivo. Não é, então, mais uma fria comunicação escrita; é a expressão, a pantomima, a inflexão de voz do indivíduo que se tem diante dos olhos. Foi nessas condições que se manifestou o doutor Claudius, sem ter sido evocado. Sua comunicação, que reportamos textualmente adiante, é instrutiva a mais de um título, principalmente naquilo que ela pinta os sentimentos que o agitam; a dúvida é ainda o seu tormento; a incerteza de sua situação mergulha-o numa terrível perplexidade, e é a sua punição. É uma exemplo a mais que vem confirmar aquilo que se viu muitas vezes em semelhante caso.

Depois de uma dissertação sobre um outro assunto, o médium absorvido se recolhe alguns instantes, depois, como se despertasse penosamente, assim se exprime, falando consigo mesmo:

Ah! ainda um sistema!... O que há de verdadeiro e de falso na existência humana, na criação, na criatura, no criador?... A coisa, ela é?... A matéria é bem verdadeira?... A ciência, é uma verdade?... O saber, uma aquisição?... a alma... a alma existe?

O criador, a divindade, não é um mito?.., Mas, que digo eu?... por que estas blasfêmias multiplicadas?... Por que, em face da matéria, não posso crer, ó meu Deus, não posso ver, sentir, compreender?... Matéria!...matéria!...mas, sim, tudo é matéria...Tudo é matéria!!!... e, no entanto, a invocação a Deus chegou à minha boca!... Por que, pois, eu disse: ó meu Deus?... Porque esta palavra, uma vez que tudo é matéria?...Eu sou?...Não é um eco de meu pensamento que ressoa e que se escuta?... Não são as últimas badaladas do sino que eu agito? Matéria!... Sim, a matéria existe, eu o sinto!... A matéria existe; eu a toquei!... mas!...tudo não é matéria, e, no entanto, no entanto, tudo foi auscultado, apalpado, tocado, analisado, dissecado fibra por fibra, e nada!... Nada senão a carne, a matéria sempre, que, desde o instante em que o grande movimento foi detido, se deteve também!... O movimento pára, o ar não chega mais... Mas!... se tudo é matéria, por que não se coloca mais em movimento, uma vez que tudo que existia quando ela se agitava, existe ainda?... E, no entanto... ela não existe mais!...

Mas se, eu sou!... tudo não acabou com o corpo!... em verdade... estou bem morto?... no entanto, esse roedor que alimentei, que cuidei com minhas mãos, não me perdoou!... É verdade; estou morto!... mas essa doença que vi nascer... crescer... tinha uma alma?

Ah! a dúvida! sempre a dúvida!... em resposta às minhas secretas aspirações!... Mas, se eu sou, ó meu Deus, se eu sou,... ah! fazei-me reconhecer-me!... fazei-me vos pressentir!... porque, se eu sou, que longa sucessão de blasfêmias!... que longa negação de vossa sabedoria, de vossa bondade, de vossa justiça!... Que imensa responsabilidade de orgulho assumi sobre minha cabeça, ó meu Deus!... Mas se, tenho ainda um eu, eu que não queria nada admitir fora o que pode ser tocado... Duvidei de vossa sabedoria, ó meu Deus! é justo que eu duvide!... Sim, eu duvidei; a dúvida me perseguiu e me pune.

Oh! mil mortes antes do que a dúvida na qual vivo!... Eu vejo, reencontrei antigos amigos... e, no entanto, todos morreram antes!... Méry! meu pobre louco!... mas não o sou eu antes, eu?... o epíteto de louco se adapta à sua personalidade? - Vejamos, pois; o que é a loucura?...

A loucura!... a loucura!... decididamente, a loucura é universal!!! todos os homens são loucos num grau mais ou menos grande... mas sua loucura, *nele,* não era a sabedoria ao lado de minha loucura em mim?... Nele, os sonhos, as imagens, as aspirações do além... mas, é a justiça!... Conhecia eu este desconhecido que se apresenta inopinadamente a mim?... Não, não, o nada não existe, porque se existisse essa encarnação de negação, de crimes, de infâmias, não me torturaria assim!... Eu vejo, mas vejo muito tarde, todo o mal que fiz!... Vendo-o hoje, e reparando-o pouco a pouco, talvez um dia eu seja digno de ver e de fazer o bem!...

Sistemas!...sistemas orgulhosos, produtos dos cérebros humanos, eis onde nos conduzis!... Num é a divindade; noutro, a divindade material e sensual; em um outro, o nada, nada!... Nada, divindade material, divindade espiritual, são palavras?... Oh! eu peço para ver, meu Deus!... e se existo, se existis, concedei-me o favor que vos peço; aceitai minha prece, porque eu vos peço, ó meu Deus, de me fazer ver se existo, se eu sou!... (Estas últimas palavras são ditas com um acento dilacerante.)

Nota. Se o Sr. Claudius perseverou até o fim em sua incredulidade, não foram os meios de se esclarecer que lhe faltaram; como médico, ele tinha necessariamente o espírito cultivado, a inteligência desenvolvida, um saber acima do vulgo, e, no entanto, isto não lhe bastou. Em suas minuciosas investigações da natureza morta e da natureza viva, ele não entreviu Deus, não entreviu a alma! Vendo os efeitos, não remontou à causa! ou, melhor dizendo, se fez uma causa à sua maneira, e seu orgulho de sábio impedia-o de confessar-se a si mesmo, de confessar, sobretudo, à face do mundo que

poderia estar enganado. Circunstância digna de nota, ele morreu de um mal orgânico que *ele sabia,* por sua própria ciência, ser *incurável:* esse mal que ele tratava era uma advertência permanente; a dor que lhe causava era uma voz que lhe gritava, sem cessar, para pensar no futuro. No entanto nada pôde triunfar de sua obstinação; ele fechou os olhos até o último momento. É que esse homem jamais teria podido se tornar Espírita? seguramente não; nem fatos, nem raciocínios teriam podido vencer uma opinião tomada antes, e da qual estava resolvido não se desviar. Era desses homens que não querem se entregar à evidência, porque neles a incredulidade é *inata,* como em outros a crença; o sentido pelo qual poderão um dia assimilar os princípios espirituais não eclodiu ainda; são para *a* espiritualidade o que são os cegos para a luz: não a compreendem.

A inteligência não basta, pois, para conduzir ao caminho da verdade; ela é como um cavalo que nos conduz, e que segue o caminho sobre o qual se o lançou; se esse caminho conduz a um lamaçal, ali ele precipita o cavaleiro; mas, ao mesmo tempo, lhe dá os meios de se levantar.

O Sr. Claudius tendo morrido voluntariamente em cegueira, não é de se admirar que não tenha visto logo a luz; que não se reconhecesse num mundo que não quis estudar; que, morto com a idéia do nada, duvida de sua própria existência; incerteza pungente que faz o seu tormento. Ele caiu no precipício onde impeliu seu corcel-inteligência. Mas pode se levantar dessa queda, e já parece entrever um clarão que, se o seguir, o conduzirá ao porto. É nesses louváveis esforços que é preciso sustentá-lo pela prece; quando uma vez tiver gozado dos benefícios da luz espiritual, terá horror das trevas do materialismo; e, se retornar um dia à Terra, será com intuições e aspirações diferentes daquelas que tinha em sua última existência.

UM OPERÁRIO DE MARSEILLE.

Num grupo Espírita de Marseille, a Sra. T..., um dos médiuns, escreveu espontaneamente a comunicação seguinte:

Escutai um infeliz que foi arrancado violentamente do meio de sua família, e que não sabe onde está... No meio das trevas em que me encontro, pude seguir o raio luminoso de um Espírito, ao que se me diz; mas não creio nos Espíritos. Bem sei que é uma fábula inventada pelas cabeças de vento e crédulas... De minha parte, disso não compreendo mais nada... Vejo-me duplo; um corpo mutilado jaz ao meu lado, e, no entanto, estou vivo... Vejo os meus que me lamentam, sem contar meus companheiros de infortúnio, que não vêem tão claro quanto eu; também aproveitei da luz que me conduziu aqui para vir haurir informações junto *a* vós.

Parece-me que não é a primeira vez que vos vejo; minhas idéias estão ainda perturbadas... será permitem-me retornar uma outra vez quando estiver mais habituado à minha posição atual... É indiferente, vou-me daqui lamentando; encontrava-me em meu centro... mas senti que era preciso obedecer; esse Espírito me parece bom, mas severo. Vou me esforçar para ganhar a sua boa graça para poder falar mais freqüentemente convosco.

UM OPERÁRIO DA CORTE LIEUTAUD.

No desmoronamento de uma ponte que teve lugar poucos dias antes, seis operários tinham perecido; foi um deles que se manifestou.

Depois dessa comunicação, o guia do médium lhe ditou a que segue:

Cara irmã, esse infeliz Espírito foi a ti conduzido para exercer a caridade. Como nós a praticamos para com os encarnados, a vossa deve se exercer para com os desencarnados.

Se bem que esse infeliz esteja sustentado por seu anjo guardião, esse deve lhe permanecer invisível, até que se reconheça bem em sua situação. Por isto, cara irmã, tome-o sob tua proteção, que é ainda fraco, nisto convenho; mas, sustentado pela fé, este Espírito logo verá reluzir a aurora de um novo dia, e o que recusou reconhecer desde sua catástrofe, se tornará logo para ele um motivo de paz e de alegria. Tua tarefa não será muito difícil, porque ele tem o essencial para te compreender: a bondade do coração.

Escuta, cara irmã, os impulsos de teu coração, e sairás vitoriosamente da prova que tua nova missão te impõe.

Sustentai-vos mutuamente, caros irmãos e bem amadas irmãs, e a nova Jerusalém, que estais a ponto de alcançar, vos será aberta com cantos de triunfo, porque o cortejo que vos seguirá os tornará vitoriosos. Mas para bem conhecer os obstáculos exteriores, é preciso antes de tudo ter vencido a si mesmo. Deveis manter uma disciplina severa para com o vosso coração; a menor infração deve ser reprimida, sem procurar atenuar a falta, senão jamais sereis vencedores dos outros; entre vós, vos é preciso rivalizar em virtudes e em vigilância.

Coragem, amigos; não estais sós; estais sustentados e protegidos pelos combatentes espirituais que operam em vós, e chamam sobre vós a bênção do Altíssimo.

Vosso *Guia.*

Este fato, como se vê, tem alguma analogia de situação com o precedente; é igualmente um Espírito que não se reconhece, que não compreende a sua situação, mas é fácil saber qual dos dois sairá primeiro da incerteza. Na linguagem de um, se reconhece o sábio orgulhoso, que raciocinou sua incredulidade, que, parece, nem sempre fez de sua inteligência e de seu saber o melhor uso possível; o outro é uma natureza inculta, mas boa, à qual, sem dúvida, não faltou senão uma boa direção. A incredulidade nele não é um sistema, mas uma conseqüência da falta de ensino conveniente. Aquele que, quando vivo, talvez tenha tomado o outro em piedade, poderia bem vê-lo antes numa posição mais feliz que ele. Possa Deus colocá-los em presença para a sua instrução mútua, e o sábio poderia bem ser muito feliz por receber as lições do ignorante.

VARIEDADES

A LIGA DO ENSINO.

Lê-se no Siécle de 10 de julho de 1867:

"Uma sessão da associação fundada por Jean Mace vem de ser autorizada, em Metz, pela prefeitura, sob o nome de "Cercle messin de Ia *Ligue de l'enseignement."*

"Lê-se, a esse respeito, em *Moselle'.*

"A comissão diretora eleita do círculo entrou em função e decidiu começar seus trabalhos pela fundação de uma biblioteca popular, do modelo daquelas que prestavam tão grandes serviços em Alsace.

"Para esta obra, o círculo de Metz reclama o concurso de todos e solicita a adesão de quem se interesse pelo desenvolvimento da instrução e da educação em nossa cidade. Essas adesões, acompanhadas de uma cotização, cujo valor e o modo de pagamento são facultativos e as doações de livros, serão recebidos por qualquer um dos membros da comissão."

Assim, como dissemos, quando falamos da Liga do ensino *(Revista* de março e abril de 1867, páginas 79 e 110), nossas simpatias foram adquiridas de todas as idéias progressistas nesse projeto, não criticamos senão o modo de execução. Estaremos, pois, felizes em ver as aplicações práticas desse belo pensamento.

SENHORA WALKER, DOUTORA EM CIRURGIA.

Os médicos e os internos do hospital do Charité receberam sábado, durante a visita matinal, um de seus confrades americanos, e que, na última guerra da América, fez uma certa reputação.

Esse doutorem cirurgia não era outro senão a senhora Walker que, durante a guerra da secessão, nos Estados Unidos, dirigiu um importante serviço de ambulâncias. Pequena, de um temperamento delicado, posta com a elegante simplicidade que distingue as senhoras do mundo, a senhora Walker foi recebida muito simpaticamente e muito respeitosamente. Ela se interessou vivamente em dois grande serviços, um cirúrgico, o outro médico.

Sua presença no Charité proclamava um princípio novo que recebeu sua consagração no novo mundo: a igualdade da mulher diante da ciência.

(Opinion nationale.)

(VeraRewsfadejunhode 1867, p. 161; janeiro de 1866, p. 1, sobre a emancipação das mulheres.)

OIMAN, GRANDE CAPELÃO DO SULTÃO.

Sábado (6 de julho), disse *a Presse,* o iman, ou grande capelão do sultão, Hairoulah-Effendi, retribuiu visita ao Mons. Chigi, núncio, e ao Mons. arcebispo de Paris."

A viagem do sultão a Paris é mais do que um acontecimento político, é um sinal dos tempos, o prelúdio do desaparecimento dos preconceitos religiosos que, portão longo tempo, levantaram uma barreira entre os povos e ensangüentaram o mundo. O sucessor de Maomé vindo, por sua plena vontade, visitar um país cristão, confraternizando com um soberano cristão, teria sido de sua parte, não há muito tempo, um ato audacioso; hoje, esse fato parece muito natural. O que é mais significativo ainda é a visita do iman, seu grande capelão, aos chefes da Igreja. A iniciativa que tomou nessa circunstância, porque a etiqueta não o obrigava a isso, é uma prova do progresso das idéias. Os ódios religiosos são anomalias no século em que estamos, e é um bom augúrio para o futuro, ver um dos príncipes da religião muçulmana dar o exemplo da tolerância e abjurar prevenções seculares.

Uma das conseqüências do progresso moral, certamente, será um dia a unificação das crenças; ela ocorrerá quando os diferentes cultos reconhecerem que não há senão um único Deus para todos os homens, e que é absurdo indigno dele lançar-lhe o anátema porque não se o adorar da mesma maneira.

JEAN RYZAK. O PODER DO REMORSO.

ESTUDO MORAL.

Escreve-se de Winschoten, a 2 de maio de 1867, ao *Journal de Bruxelles:*

Sábado passado chegou a nossa comuna um trabalhador em aterros que se apresentou à moradia do guarda campestre, onde notificou esse funcionário para detê-lo

e entregá-lo à justiça, diante da qual, dizia, tinha que confessar um crime cometido por ele há vários anos. Levado diante do burgomestre, esse operário, que declarou chamar-se J. Ryzak, fez o relato seguinte:

"Há mais ou menos doze anos, eu estava empregado nos trabalhos de dessecamento do lago de Harlem, quando um dia o brigadeiro, pagando a minha quinzena, entregou-me o soldo a um de meus camaradas, com ordem de passá-lo a este último. Gastei o dinheiro, e querendo me evitar o desgosto das procuras, resolvi matar o amigo a quem vinha de roubar. Para esse efeito, precipitei-o num dos sorvedouros do lago, e vendo-o retornar à superfície e fazer esforços para nadar até a margem, dei-lhe dois golpes de faca na nuca.

"Logo que meu crime se consumou, o remorso começou a se fazer sentir; logo tornou-se intolerável, e me foi impossível continuar a trabalhar. Comecei fugindo do teatro de meu crime enorme, não encontrando em nenhuma parte do país nem paz nem trégua, embarquei para as índias, onde empreguei-me no exército colonial. Mas lá também o espectro de minha vítima me perseguia noite e dia; minhas torturas foram incessantes e estranhas, e logo que meu tempo de serviço terminou, uma força irresistível me impeliu para retornar a Winschoten e pedir à justiça a paz de minha consciência. Ela mo dará impondo tal expiação que julgar conveniente; e se ordenar que eu morra, prefiro esse suplício àquele que me fez sentir há doze anos, a toda hora do dia e da noite, o carrasco que carrego dentro de mim." Depois desta declaração, e sobre a segurança adquirida pelo burgomestre de que o homem que tinha diante dele estava são de espírito, esse magistrado o remeteu à policia, que deteve Ryzak e comunicou imediatamente o fato ao oficial de justiça.

Espera-se aqui, com emoção, as conseqüências que poderão ter esse estranho acontecimento.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS SOBRE ESTE ASSUNTO.

Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867; Méd. Senhorita Lateltin.

Cada ser tem, como o sabeis, a liberdade do bem e do mal, o que chamais o livre arbítrio. O homem tem em si a consciência que o adverte quando faz o bem ou o mal, comete uma má ação, ou negligencia de fazer o bem; sua consciência que, como vigilante guardiã encarregada de velar por ele, aprova ou desaprova sua conduta. Freqüentemente ocorre que se mostre rebelde à sua voz, que repila suas inspirações; quer-se abafar para esquecer; mas jamais ela é muito completamente aniquilada para que, num momento dado, não se revele mais forte e mais poderosa, e não faça um controle severo de vossas ações.

A consciência produz dois efeitos diferentes: a satisfação de ter agido bem, a paz que deixa o sentimento do dever cumprido, e o remorso que penetra e tortura quando se faz uma ação reprovada por Deus, os homens ou a honra; propriamente falando, é o senso moral. O remorso é como uma serpente de mil pregas, que circula ao redor do coração e o devasta; é o remorso que sempre faz ouvir os mesmos acentos e vos grita: Tu fizeste uma ação má; nela deveras ser punido: teu castigo não cessará senão depois da reparação. E quando, a esse suplício de uma consciência atormentada, vem se juntar a visão constante da vítima, da pessoa a quem se fez mal; quando, sem repouso nem trégua, sua presença censura ao culpado sua conduta indigna, repete-lhe, sem cessar, que sofrerá enquanto não tiver expiado e reparado o mal que fez, o suplício se torna intolerável; é então que, para pôr fim às suas torturas, seu orgulho se dobra, e confessa seus crimes. O mal leva consigo sua pena pelo remorso que deixa e pelas censuras que faz unicamente a presença daqueles contra os quais se agiu mal.

Crede-me, escutai sempre essa voz que vos adverte quando estais prestes a falir; não a abafeis pela revolta de vosso orgulho, e se falirdes, apressai-vos em reparar o mal,

de outro modo o remorso será a vossa punição; quanto mais tardardes, mais a reparação será penosa e o suplício prolongado.

UM ESPÍRITO.

(Mesma sessão; médium Sra. B...).

Tendes hoje um exemplo notável da punição que sofrem, mesmo sobre a Terra, aqueles que se tornaram culpados de uma má ação. Não é somente no mundo invisível que a visão de uma vítima vem atormentar o assassino para forçá-lo ao arrependimento; ali onde a justiça dos homens não começou a expiação, a justiça divina faz começar, com o desconhecimento de todos, o mais lento e o mais terrível dos suplícios, o mais temido castigo.

Há certas pessoas que dizem que *a* punição infligida ao criminoso, no mundo dos Espíritos, e que consiste na visão continuada de seu crime, não pode ser muito eficaz, e que em nenhum caso, não é essa punição que determina, só ela, o arrependimento. Elas dizem que um perverso natural, como o é o de um criminoso, não pode senão se exasperar cada vez mais por essa visão, e se tornar, assim, pior. Aquelas que assim falam não fazem uma idéia do que pode se tornar um tal castigo; elas não sabem o quanto é cruel esse espetáculo contínuo de uma ação que se gostaria de não ter jamais cometido. Certamente, vemos alguns criminosos se endurecerem, mas, freqüentemente, isto não é senão pelo orgulho, e por querer parecer mais forte do que a mão que os castiga; é para fazer crer que não se deixa abater pela visão de vãs imagens; mas essa falsa coragem não é de longa duração; logo os vemos enfraquecer em presença desse suplício, que deve muito de seus efeitos à sua lentidão e à sua persistência. Não há orgulho que possa resistira essa ação semelhante à da gota d'água sobre a pedra; tão dura que possa ser a pedra, ela é inevitavelmente atacada, desagregada, reduzida a pó. É assim que o orgulho que faz enrijecer esses infelizes contra o seu soberano senhor, é cedo ou tarde abatido, e que o arrependimento possa, enfim, ter acesso em sua alma; como eles sabem que a origem de seus sofrimentos está em sua falta, pedem para reparar essa falta, a fim de trazer um abrandamento aos seus males.

Àqueles que poderiam disto duvidar, não tendes senão que citar o fato que vos foi assinalado esta noite; ali, não é apenas a hipótese, não é mais unicamente o ensino dos Espíritos, é um exemplo de alguma sorte palpável que se vos apresenta; neste exemplo, o castigo seguiu de perto a falta, e foi tal que, ao cabo de vários anos, forçou o culpado a pedir a expiação de seu crime à justiça humana, e disse a si mesmo que todas as penas, a própria morte, lhe pareceriam menos cruéis do que aquilo que sofria no momento em que se entregou à justiça.

UM ESPÍRITO.

Nota. Sem ir procurar aplicações do remorso entre os grandes criminosos, que são exceções na sociedade, são encontradas nas circunstâncias mais comuns da vida. É esse sentimento que leva todo indivíduo a se afastar daqueles para os quais sente que tem censuras a se fazer; em sua presença, ela fica constrangida; se sua falta não for conhecida, teme ser adivínhada; parece-lhe que um olhar pode penetrar ofundo de sua consciência; ele vê em toda palavra, em todo gesto, uma alusão à sua pessoa; é porque, desde que se sente desmascarado, se retira. O ingrato, ele também, foge de seu benfeitor, porque sua visão é uma censura incessante da qual procura em vão se desembaraçar, porque uma voz íntima lhe grita, no fundo de sua consciência, que *é* culpado.

Se o remorso já é um suplício sobre a Terra, quanto esse suplício será maior no mundo dos Espíritos, onde não se pode subtrair-se à visão daqueles que se ofendeu!

Felizes aqueles que tenham reparado, desde esta vida, poderão sem medo afrontar todos os olhares no mundo onde nada está escondido.

O remorso é uma conseqüência do desenvolvimento do senso moral; ele não existe ali onde o senso moral está ainda no estado latente; é por isto que os povos selvagens e bárbaros cometem, sem remorso, as piores ações. Aquele, pois, que se pretendesse inacessível ao remorso, se assemelharia ao animal. À medida que o homem progride, o senso moral se torna mais delicado; ofusca-se com o menor desvio do caminho reto; daí o remorso que é um primeiro passo para o retorno ao bem.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

PLANO DE CAMPANHA. -A ERA NOVA.
CONSIDERAÇÕES SOBRE O SONAMBULISMO ESPONTÂNEO.

(Paris, 10 de fevereiro de 1867. Médium Sr. T..., em sono espontâneo.) *Nota.* Nesta sessão, nenhuma questão preliminar havia provocado o assunto que foi tratado. O médium estava de início ocupado de saúde, depois, cada vez mais, se achou conduzido às reflexões das quais daremos adiante análise. Falou quase uma hora sem interrupção.

Os progressos do Espiritismo causam a seus inimigos um pavor que não podem dissimular. No começo brincaram com as mesas girantes, sem sonharem que acariciavam uma criança que deveria crescer;... a criança cresceu... então pressentiram o seu futuro, e se disseram que nisso teriam logo razão... Mas a criança tinha, como se disse, a vida duradoura. Ela resistiu a todos os ataques, aos anátemas, às perseguições, mesmo à zombaria. Semelhante a certos grãos que o vento carrega, produziu inumeráveis rebentos;... por um que se lhe destruísse, produzia cem outros deles.

De início, empregou-se contra ele as armas de uma outra época, as que se reuniam outrora contra as idéias novas, porque essas idéias não eram senão clarões esparsos a se fazer luz através da ignorância, e que elas não tinha ainda tomado raiz nas massas,... hoje é outra coisa; tudo mudou; os costumes, as idéias, o caráter, as crenças; a Humanidade não se emociona mais com as ameaças que atemorizavam as crianças; o diabo, tão temido por nossos avós, não faz mais medo: dele se ri.

Sim, as armas antigas se enfraqueceram com a couraça do progresso. É como se, em nossos dias, um exército quisesse atacar uma praça forte guarnecida de canhões, com as flechas, os aríetes e as catapultas de nossos ancestrais.

Os inimigos do Espiritismo viram, pela experiência, a inutilidade das armas carcomidas do passado contra a idéia regeneradora; longe de prejudicá-lo, seus esforços serviram para acreditá-lo.

Para lutar com vantagem contra as idéias do século, seria preciso estar à altura do século; às doutrinas progressistas, seria preciso opor doutrinas mais progressistas ainda...; mas o menos não pode se impor sobre o mais.

Não podendo, pois, triunfar pela violência, recorreram à astúcia, a arma daqueles que têm consciência de sua fraqueza... os lobos se fizeram ovelhas para se introduzirem no curral, ali semeara desordem, a divisão, a confusão. Porque chegaram a lançar a perturbação em algumas fileiras, se acreditaram muito cedo senhores da praça. Os adeptos isolados com isto não continuaram menos a sua obra, e a idéia faz cada dia seu caminho sem muito ruído... Foram eles que fizeram o ruído... Não a vedes penetrar por toda a parte! Nos jornais, nos livros, no teatro, e mesmo no púlpito das igrejas? Ela trabalha todas as consciências; arrasta os espíritos para novos horizontes; é encontrada no estado de intuição naqueles mesmos que dela nunca ouviram falar. Está aí um fato que ninguém pode negar, e que se torna cada dia mais evidente; não é a prova de que a idéia é irresistível, e que é um sinal do tempo?

Aniquilá-la é, pois, coisa impossível, porque seria preciso aniquilá-la não sobre um ponto, mas sobre o globo inteiro; e depois, as idéias não são levadas sobre a asa dos ventos, e como as alcançar?

Pegam-se os pacotes de mercadorias na alfândega; mas as idéias! elas são inapreensíveis.

Que fazer então? Tentar delas se apoderar para acomodá-las à sua maneira... Pois bem! é o partido pelo qual se decidiram. Disse a si mesmo: O Espiritismo é o precursor de uma revolução moral inevitável; antes que ele não esteja inteiramente realizado, tratemos de desviá-la em nosso proveito; façamos de maneira que ela não seja daquelas como certas revoluções políticas; desnaturando-lhe o espírito, poder-se-ia lhe imprimir uma outra corrente.

O plano de campanha está, pois, mudado... vereis se formarem reuniões espíritas, cujo objetivo confessado será a defesa da Doutrina, e cujo objetivo secreto será a sua destruição; supostos médiuns terão as comunicações de comando apropriadas ao objetivo que se propõem; publicações que, sob o manto do Espiritismo, se esforçarão por demoli-lo; doutrinas que lhe emprestarão algumas idéias, mas com o pensamento de suplantá-lo. Eis a luta, a verdadeira luta a ser sustentada, *e* que será perseguida com obstinação, mas da qual sairá vitorioso o mais forte. Que podem os homens contra a vontade de Deus? É possível desconhecê-la em presença do que se passa? Seu dedo não está visível nesse progresso que desafia todos os ataques? nesses fenômenos que surgem de todas as partes como um protesto, como um desmentido dado a todas as negações?... A vida dos homens, a sorte da Humanidade não estão em suas mãos?... os cegos!... Eles contam sem a nova geração que se levanta, e que cada dia domina a geração que se vai... ainda alguns anos, e esta terá desaparecido, não deixando depois dela senão a lembrança de suas tentativas insensatas para deter o impulso do espírito humano que caminha, quando mesmo... Eles contam sem os acontecimentos que vão apressar a eclosão do novo período humanitário... sem os apoios que vão se levantar em favor da nova Doutrina e cuja voz possante imporá silêncio a seus detratores pela sua autoridade.

Oh! quanto a face do mundo será mudada para aqueles que verão o começo do século próximo!...Quantas ruínas verão atrás de si, e que horizontes esplêndidos se abrirão diante deles!... isso será como a aurora pisoteando as sombras da noite;... aos ruídos, aos tumultos, aos rugidos da tempestade sucederão os cantos de alegria; após as angústias, os homens renascerão para a esperança... Sim! o vigésimo século será um século bendito, porque verá *a* era nova anunciada pelo Cristo.

Nota. Aqui o médium pára, dominado por uma emoção indizível, e como esgotado de fadiga. Depois de alguns minutos de repouso, durante o qual parece retornar ao grau de sonambulismo comum, ele retoma:

O que vos dizia, pois? - Faláveis do novo plano de campanha dos adversários do Espiritismo; depois considerastes a era nova. - Nisso estou.

Esperando, eles disputam o terreno pé a pé. Aproximadamente renunciaram às armas de uma outra época, cuja ineficácia foi reconhecida; tenta-se agora aquelas que são onipotentes neste século de egoísmo, de orgulho e de cupidez: o ouro, a sedução do amor-próprio. Ao lado daqueles que são inacessíveis ao medo, exploram-se a vaidade, as necessidades terrestres. Tal que resiste contra *a* ameaça, presta ouvido complacente à adulação, ao engodo do bem-estar material... Promete-se pão àquele que não o tem, trabalho ao artesão, práticas ao negociante, melhoria ao empregado, honras ao ambicioso se renunciarem às suas crenças; são atingidos em suas posições, em seus meios de existência, em suas afeições, se forem indóceis; depois a miragem do ouro produz sobre alguns seu efeito comum. Entre eles, necessariamente, se encontram alguns caracteres

fracos que sucumbem à tentação. Há os que caem na armadilha da boa-fé, porque a mão que o levanta se esconde... Há-os também, e muitos, que cedem à dura necessidade, mas que nele não pensam menos; sua renúncia não é senão aparente; eles se dobram, mas para se levantar na primeira ocasião... Outros, aqueles que têm no mais alto grau a verdadeira coragem da fé, desafiam resolutamente o perigo; estes se reúnem sempre porque são sustentados pelos bons Espíritos... Alguns, ai!... mas estes jamais foram Espíritas de coração...preferem o ouro da Terra ao ouro do céu; ficam, pela forma, ligados à Doutrina e, sob este manto, nisto não servem senão à causa de seus inimigos... é uma triste troca que aí fazem, e que pagarão bem caro!

Nos tempos das cruéis provas que ireis atravessar, felizes aqueles sobre os quais se estender a proteção dos bons Espíritos, porque jamais ela terá sido tão necessária!... Orai pelos irmãos desgarrados, *a* fim de que aproveitem os curtos instantes de descanso que lhes são concedidos antes que a justiça do Altíssimo pese sobre eles...

Quando virem arrebentar a tempestade, mais de um gritará por graça! Mas lhe será respondido: Que fizestes de nossos ensinamentos? Vossos médiuns não escreveram cem vezes a vossa própria condenação?... Tivestes a luz, e não a aproveitastes; tínhamos vos dado um abrigo, porque o desertastes? Sofreis, pois, a sorte daqueles que preferistes. Se vosso coração tivesse sido tocado pelas nossas palavras, teríeis permanecido firmes no caminho do bem, que vos foi traçado; se tivésseis tido a fé, teríeis resistido às seduções tendentes ao vosso amor-próprio e à vossa vaidade. Acreditastes poder, pois, se nos impor, como aos homens, por falsas aparências? Sabei, se disto tiverdes dúvida, que não há um único movimento da alma que não tenha seu contragolpe no mundo dos Espíritos.

Credes que seja por nada que se desenvolve a faculdade vidente em um tão grande número de pessoas? que seja para oferecer um novo alimento à curiosidade que tantos médiuns hoje dormem espontaneamente o sono do êxtase? Não, desenganai-vos. Essa faculdade que vos foi anunciada há muito tempo, é um sinal característico dos tempos que se cumprem; é um prelúdio da transformação, porque, como vos foi dito, esse deve ser um dos atributos da nova geração. Essa geração, mais depurada moralmente, também o será fisicamente; a mediunidade, sob todas as formas, será quase geral, e a comunhão com os Espíritos um estado por assim dizer normal.

Deus envia essa faculdade vidente, nesses momento de crise e de transição, para dar aos seus fiéis servidores um meio para desfazer as tramas de seus inimigos, porque os maus pensamentos que se crêem escondidos na sombra das dobras da consciência, repercutem nessas almas sensitivas, como num espelho, e se descobrem por si mesmas. Aquele que não exale senão bons pensamentos, não teme que sejam conhecidos. Feliz aquele que pode dizer: Lede em minha alma como num livro aberto.

Nota. O sonambulismo espontâneo, do qual já falamos, com efeito, não é senão uma forma da mediunidade vidente cujo desenvolvimento foi anunciado há algum tempo, do mesmo modo que o aparecimento de novas aptidões medianímicas. É notável que, em todos os momentos de crise geral ou de perseguição, as pessoas dotadas dessa faculdade são mais numerosas do que nos tempos comuns; houve muitas delas no momento da revolução; os Camísards dês Cévènes, perseguidos como feras, tinham numerosos videntes que os advertiram o que se passava ao longe; por esse fato, e por ironia, foram qualificados de iluminados; hoje começa-se a compreender que a visão à distância, e independente dos órgãos da visão, pode bem ser um dos atributos da natureza humana, e o Espiritismo o explica pela faculdade expansiva e as propriedades da alma. Os fatos desse gênero estão de tal modo multiplicados, que não se admira menos deles; o que parecia a alguns, outrora, milagre ou sortilégio, é hoje considerado como efeito natural. É um dos mil caminhos pelos quais penetra o Espiritismo, de sorte que, detido numa fonte, brilha por outras saídas.

Essa faculdade não é, pois, nova, mas tende *a* se generalizar, sem dúvida, pelo motivo indicado na comunicação acima, mas também como meio de provar, aos incrédulos, a existência do princípio espiritual. No dizer dos Espíritos, ela se tornará mesmo endêmica, o que se explicaria naturalmente pela transformação moral da Humanidade, esta transformação devendo levar no organismo modificações que facilitarão a expansão da alma.

Como outras faculdades medianímicas, esta pode ser explorada pelo charlatanismo; é, pois, bom manter-se em guarda contra *a* fraude que poderia, por um motivo qualquer, procurar simulá-la, e de se assegurar, por todos os meios possíveis, da boa-fé daqueles que dizem possuí-la. Além do desinteresse material e moral, e a honradez notória da pessoa, que são as primeiras garantias, convém observar com cuidado as condições e as circunstâncias nas quais o fenômeno se produz, e de ver se elas não oferecem nada de suspeito.

OS ESPIÕES.

Sociedade de Paris, 12 de julho de 1867; méd. Sr. Morin, em sono espontâneo.

Quando, em conseqüência de uma terrível convulsão humanitária, a sociedade inteira se movia lentamente, oprimida, esmagada, e ignorando a causa de sua opressão, alguns seres privilegiados, alguns velhos veteranos do bem, trazendo em comum sua experiência da dificuldade em reproduzi-la, e acrescentando a isto o respeito que deveria provocar sua conduta e sua posição, resolveram procurar aprofundar as causas dessa crise geral, da qual cada um foi tocado em particular.

A era nova começa, e com ela o Espiritismo (este nome foi criado; não resta mais senão fazê-lo compreender e aprender-lhe em si mesmo o significado. O tempo impassível caminha sempre, e o Espiritismo, que não é mais somente uma palavra, não tem mais a se fazer compreender: ele *é* compreendido!... mas, alguns veteranos espíritas, essas criaturas, esses missionários, estão sempre à frente do movimento... Seu pequeno batalhão é bem fraco quanto ao número; mas paciência!... cada vez mais ele ganha adeptos, e logo será um exército: o exército dos veteranos do bem! Porque, em geral, o Espiritismo, em seu início, em seus primeiros anos, quase sempre não tem tocado senão corações já estragados pelos atritos da vida, os corações que sofreram e pagaram, corações que trazem em germe os princípios do belo, do bem, do bom, do grande.

Descendo sucessivamente da velhice à idade madura, da idade madura à idade viril e da idade viril à adolescência, o Espiritismo está infiltrado em todas as idades, como em todos os corações, em todas as religiões, em todas as seitas, por toda a parte! A assimilação foi lenta, mas segura!... E hoje não temais que caia essa bandeira espírita, levada desde o início por uma mão firme e segura; porque hoje, as jovens falanges dos batalhões espíritas não exclamam como seus adversários: "Lugar aos jovens. "Não, não dizem: "Saí, os velhos, para deixar subir os jovens." Eles não pedem senão um lugar no banquete da inteligência, senão o direito de se sentar ao lado de seus predecessores e trazer seu óbolo ao grande todo. Hoje, a juventude se viriliza; ela traz sua aquisição à idade madura em troca da experiência desta última, em razão da grande lei de reciprocidade e das conseqüências do trabalho coletivo para a ciência, a moralidade, o bem; porque, em definitivo, se a ciência progride, em benefício de quem progride? não são os corpos humanos que aproveitam de todas as elucidações, de todos os problemas resolvidos, de todas as invenções realizadas? e isto aproveita a todos, do mesmo modo que, se progredis em moralidade, isto aproveita a todos os Espíritos. Portanto, hoje, as pessoas jovens e os velhos são iguais diante do progresso e devem combater, lado a lado, pela sua realização.

O batalhão tornou-se um exército, exército invulnerável, mas que tem a combater, não um, mas milhares de adversários coligados contra ele. Portanto, pessoas jovens,

trazei com confiança o ímpeto de vossas convicções, e vós, velhos, vossa sabedoria, vosso conhecimento dos homens e das coisas, vossa experiência sem ilusão.

O exército está em frente de batalha. Vossos inimigos são numerosos, mas não são, em face de vós, frente contra frente, peito contra peito; estão por toda a parte ao vosso lado, adiante, atrás, no vosso meio, no próprio seio de vosso coração, e não tendes para combatê-los senão vossa boa vontade, vossas consciências leais e vossas tendências ao bem. Desses exércitos coligados, um tem nome: o orgulho; os outros: a ignorância, o fanatismo, a superstição, a preguiça, os vícios de toda a natureza.

E o vosso exército que deve combater de frente, deve também saber lutarem particular, porque não estareis um contra um, mas um contra dez!... A bela vitória a conquistar!... pois bem! se combateis todos em massa, com a esperança de triunfar, combatei-vos primeiro a vós mesmos, domai as vossas más tendências; hipócritas, adquiri a sinceridade; preguiçosos, tornai-vos trabalhadores; orgulhosos, sede humildes, estendei a mão à lealdade vestida com uma blusa em farrapos, e todos, solidariamente, tomai e tende o compromisso de fazer *a* outrem o que quereríeis que vos fosse feito. Portanto, exclamemos, não mais: Lugar aos jovens, mas lugar a tudo que é belo, ou bem, a tudo que tende a se aproximar da Divindade.

Hoje, começa-se a tomá-lo em consideração esse pobre Espiritismo que se dizia natimorto; vê-se nele um inimigo sério, e porque, pois?... Temiam, em seus inícios, essa criança débil; riam-se de seus esforços impotentes; mas hoje que a criança se tornou homem, se a teme porque ela tem *a* força da idade viril; é que ela reuniu ao seu redor homens de todas as idades, de todas as posições sociais, de todos os graus de inteligência, que compreendem que a sabedoria, a ciência adquirida, pode também residir no coração de um jovem de vinte anos quanto no cérebro de um homem de sessenta.

Portanto, hoje, esse pobre Espiritismo é receado, temido; não se ousa rirem face, medir-se com ele; tomam-se os caminhos de desvio, o caminho dos frouxos!... Não se vem, à luz do dia, dizer-lhe: Tu não és; vêm no meio de seus partidários, dizer como eles, fazer como eles, aplaudir e aprovar todo o que fazem quando está com eles, para combatê-los e traí-los quando se voltam as costas. Sim, eis o que se faz hoje! No princípio, lhe diziam em face o que se pensava da criança fraca, mas hoje não se ousa mais, porque cresceu, e, no entanto, jamais mostrou os dentes.

Se me disseram para vos dizer isto, se bem que isto me seja sempre penoso, é que tinha a sua utilidade; nada, nenhuma palavra, nenhum gesto, nenhuma entonação de voz se efetuam sem que tenham a sua razão de ser e que não tragam seu contingente ao equilíbrio geral. A administração dos correios do Alto é bem mais inteligente e mais completa do que a de vossa Terra; toda palavra vai ao seu objetivo, ao seu endereço, sem subscrição, ao passo que entre vós a carta que não a leva jamais chega.

Nota. A comunicação acima é, como se vê, uma aplicação daquilo que foi dito na precedente sobre o efeito da faculdade vidente, e não é a única vez que nos foi dado constatar os serviços que essa faculdade está chamada a prestar. Não é dizer que falte acrescentar uma fé cega a tudo que pode ser dito em semelhante caso; haveria tanta imprudência em crer sem reserva em qualquer um, quanto desprezar as advertências que podem ser dadas por essa via. O grau de confiança que se pode a isso juntar depende das circunstâncias; essa faculdade pede para ser estudada; antes de tudo, é preciso agir com circunspecção, e guardar-se de um julgamento precipitado.

Quanto ao fundo da comunicação, sua coincidência com aquela que foi dada cinco meses antes, por um outro médium, e em outro meio, é um fato digno de nota, e sabemos que instruções análogas são dadas em diferentes centros. É, pois, prudente manter-se sobre a reserva com as pessoas sobre a sinceridade das quais não se tem toda razão para estar edificado. Os Espíritas, sem dúvida, não têm senão princípios altamente louváveis; não têm nada a esconder; mas o que têm a temer, é de ver suas palavras desnaturadas e suas instruções travestidas; são as armadilhas estendidas à sua boa-fé

por pessoas que demandam o falso para saber o verdadeiro; que, sob as aparências de um zelo muito exagerado para ser sincero, tendem a arrastar os grupos por um caminho comprometedor, seja para lhes suscitar embaraços, seja para lançar o desfavor sobre a Doutrina.

A RESPONSABILIDADE MORAL.
Sociedade de Paris, 9 de julho de 1867. Méd. Sr. Nivard.

Assisto a todas as tuas conversas mentais, mas sem dirigi-las: teus pensamentos são emitidos em minha presença, mas não os provoco. É o pressentimento dos casos que têm alguma chance de se apresentar, que faz nascer em ti os pensamentos próprios para resolver as dificuldades que poderiam te suscitar. Aí está o livre arbítrio; é o exercício do Espírito encarnado, tentando resolveres problemas que ele mesmo se coloca.

Com efeito, se os homens não tivessem senão as idéias que os Espíritos lhes inspiram, teriam pouco de responsabilidade e pouco de mérito; não teriam senão a responsabilidade de ter escutado maus conselhos, ou o mérito de ter seguido os bons. Ora, essa responsabilidade e esse mérito, evidentemente, seriam menores se fossem o resultado do inteiro livre arbítrio, quer dizer, atos cumpridos na plenitude do exercício das faculdades do Espírito que, neste caso, age sem nenhuma solicitação.

Resulta do que eu disse que, muito freqüentemente, os homens têm pensamentos que lhe são essencialmente próprios, e que os cálculos aos quais se entregam, os raciocínios que têm, as conclusões às quais chegam, são o resultado do exercício intelectual, ao mesmo título que o trabalho manual é o resultado do exercício corpóreo. Não seria preciso concluir daí, que o homem não é assistido em seus pensamentos e em seus atos pelos Espíritos que o cercam, muito ao contrário; os Espíritos, sejam benevolentes ou malévolos, freqüentemente, são a causa provocadora de vossos atos e de vossos pensamentos; mas ignorais completamente em que circunstância essa influência se produz, de sorte que agindo, credes fazê-lo em virtude de vosso próprio movimento: vosso livre arbítrio permanece intacto; não há diferença entre os atos que cumpris sem a eles serdes impelidos, e aqueles que cumpris sob a influência dos Espíritos, senão no grau do mérito ou nas responsabilidades.

Nume noutro caso, a responsabilidade e o mérito existem, mas, eu o repito, não existem no mesmo grau. Este princípio que anuncio, creio, não tem necessidade de demonstração; bastar-me-á, para prová-lo, fazendo uma comparação no que existe entre vós.

Se um homem cometer um crime, seduzido pelos conselhos perigosos de um homem que exerce sobre ele muita influência, a justiça humana saberá reconhecê-lo, concedendo-lhe o benefício das circunstâncias atenuantes; ela irá mais longe: punirá o homem cujos conselhos perniciosos provocaram o crime, e sem nele ter de outro modo contribuído, esse homem será mais severamente punido do que aquele que não foi senão o instrumento, porque foi seu pensamento que concebeu o crime, e sua influência sobre um ser mais fraco que o fez executar. Pois bem! o que fazem os homem neste caso diminuindo a responsabilidade do criminoso e partilhando-a com o infame que o levou a cometer o crime, como quereríeis que Deus, que é a própria justiça, não o faria tanto, uma vez que a vossa razão vos diz que é justo agir assim?

Para o que concerne o mérito das boas ações, que eu disse ser menor se o homem foi solicitado a fazê-las, é a contrapartida daquilo que venho de dizer a respeito da responsabilidade, e pode-se demonstrar invertendo a proposição.

Assim, pois, quando te ocorre refletir e passear as idéias de um assunto a um outro; quando discutes mentalmente sobre os fatos que prevês ou que já se cumpriram; quando tu analisas, quando raciocinas e quando julgas, não creia que sejam os Espíritos que te ditam teus pensamentos ou que te dirigem; eles estão lá, perto de ti, te escutam; vêem

com prazer esse exercício intelectual ao qual tu te entregas; seu prazer é duplo, quando vêem que tuas conclusões estão conformes à verdade.

Ocorre-lhes, algumas vezes, evidentemente, de se misturar a esse exercício, seja para facilitá-lo, seja para dar ao Espírito alguns alimentos, ou lhe criar algumas dificuldades, a fim de tornar essa ginástica intelectual mais proveitosa para aquele que a pratica; mas, em geral, o homem que procura, quando está entregue às suas reflexões, age quase sempre sozinho, sob o olhar vigilante de seu Espírito protetor, que intervém se o caso é bastante grave para tornar sua intervenção necessária.

Teu pai, que vela sobre ti, e que está feliz de te ver quase restabelecido. (O médium saía de uma doença grave.)

LOUISNIVARD.

RECLAMAÇÃO AO JORNAL *LA MARIONNETTE.*

La Marionnette, novo jornal de Lyon, havia publicado o artigo em seguida, em seu número de 30 de junho último:

"Assinalamos a chegada a Lyon do museu antropológico e etnológico do Sr. Neger, sucessor do Sr. Th. Petersen.

"Entre outras coisas extraordinárias, vêem-se nesse museu de cera: 1° uma infortunada princesa da corte de Coromandel que, casada com um grande chefe de tribo, teve a infâmia de esquecer seus deveres conjugais com um Europeu muito sedutor, e é morta em Londres de uma doença de apatia;

"2° Tênias vinte vezes mais grossas, do que a natural, em todas as fases de sua existência, desde a mais tenra infância até a mais extrema velhice;

"3° A célebre Mexicana *Julia Pastrana* morta na cama, em Moscou no *ano de graça* 1860.

"Não foi sem uma admiração legítima que soubemos dessa morte prematura, -tendo em vista que, em 1865, Julia Pastrana se entregava a exercícios eqüestres num circo, cujas representações se davam na corte de Napoleão.

"Como uma morta em 1860 pode rebentar círculos de papel em 1865? Isto faz sonhar!

"ALLAN KARDEC"

Este número nos tendo sido comunicado, dirigimos ao diretor a reclamação seguinte:

Senhor,

Comunicaram-me o número 6 de vosso jornal, onde se encontra um artigo assinado: *Allan Kardec.* Não penso ter homônimo; em todos os casos, como não respondo senão pelo que escrevo, peco-vos consentir em inserira presente carta em vosso próximo número, a fim de informar vossos leitores que o Sr. Allan Kardec, o autor de O *Livro dos Espíritos, é* estranho ao artigo que leva seu nome e que não autoriza ninguém a dele se servir.

Recebei, senhor, minhas atenciosas saudações.

ALLAN KARDEC.

O diretor do jornal, imediatamente, nos respondeu o que segue:

Senhor,

Nosso amigo Acariâtre, autor do artigo assinado por engano com o vosso nome, já lamenta pela negligência do revisor de provas. Eis a frase Ce/a *fait rever Allan Kardec,* alusão ao Espiritismo. As belezas de Lyon estão todas assinadas *Acariâtre.* Em nosso próximo número, retificaremos este engano.

Recebei, senhor, minhas atenciosas saudações.

E.B.LABAUME.

Nota. Esse jornal aparece todos os domingos, 5, passeio Lafayette, em Lyon.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO **NO. 9** **SETEMBRO 1867**

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA (1)

(1) Este artigo é extra ido de uma obra nova que colocamos neste momento no prelo e que *aparecerá* antes do fim deste ano. Uma razão de oportunidade nos levou a publicar por antecipação este extrato na Revista; apesar de sua extensão, acreditamos dever inseri-lo em uma só vez para não interromper o encadeamento das idéias. A obra inteira será do formato e do volume de O *Céu e o Inferno.*

1. - Pode-se considerar o Espiritismo como uma revelação? Neste caso, qual é o seu caráter? Sobre o que está fundada a sua autenticidade? Por quem e de que maneira foi ela feita? A Doutrina Espírita é uma revelação no sentido litúrgico da *palavra,* quer dizer, ela é, em todos os pontos, o produto de um ensino oculto vindo do Alto? Ela é absoluta ou suscetível de modificações? Trazendo aos homens a verdade toda feita, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso de suas faculdades, uma vez que lhes pouparia o trabalho da pesquisa? Qual pode ser a autoridade do ensino dos Espíritos, se não são infalíveis e superiores à Humanidade? Qual é a autoridade da moral que eles pregam, se essa moral não é outra senão a do Cristo que é conhecida? Quais são as verdades novas que nos trazem? O homem tem necessidade de uma revelação e não pode encontrar em si mesmo, e em sua consciência, tudo o que lhe é necessário para conduzir-se? Tais são as perguntas sobre as quais importa estar fixado.

2. - Definamos primeiro o sentido da palavra *revelação.*

Revelar, derivado da palavra *voile* (do latim *velum),* significa literalmente *tirar o* véu; e, no figurado: descobrir, fazer conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar, a mais geral, se diz de toda coisa ignorada que vêm à luz, de toda idéia nova que coloca sobre o caminho daquilo que não se sabia.

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da natureza são revelações, e pode-se dizer que há para nós uma revelação incessante; a astronomia nos revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a geologia, a formação da Terra; a química, a lei das afinidades; a fisiologia, as funções do organismo, etc.; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier são reveladores.

3. - O caráter essencial de toda revelação deve ser a verdade. Revelar um segredo é fazer conhecer um fato; se a coisa for falsa, este não é um fato, e, por conseguinte, não há revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos não é uma revelação; se ela for atribuída a Deus, Deus não podendo nem mentir nem se enganar, ela não pode emanar dele; é preciso considerá-la como o produto de uma opinião pessoal.

4. - Qual é o papel do professor diante de seus alunos, senão o de um revelador? Ele lhes ensina o que não sabem, e que não teriam nem o tempo, nem a possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a ciência é a obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trouxeram, cada um, seu contingente de observações, e da qual se aproveitam aqueles que vêm depois deles. O ensino é, pois, em realidade, a revelação

de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem, a outros que as ignoram, e que, sem isto, seriam sempre ignoradas.

5. - Mas o professor não ensina senão o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que encontrou por si mesmo: é um revelador primitivo; ele traz a luz que, cada vez mais, se vulgariza. Onde nisto estaria a Humanidade, sem a revelação dos homens de gênio que aparecem de tempos em tempos?

Mas o que são os homens de gênio? Por que são homens de gênio? De onde vêm? Que se tomam? Notemos que a maioria traz ao nascer faculdades transcendentes e conhecimentos inatos, que um pouco de trabalho basta para desenvolver. Eles pertencem muito realmente à Humanidade, uma vez que nascem, vivem e morrem como nós. Onde, pois, hauriram esses conhecimentos que não puderam adquirir quando vivos? Dir-se-á, com os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito do que um legume mais grosso e mais saboroso que um outro.

Dir-se-á, com certos espiritualistas, que Deus os dotou de uma alma mais favorecida do que a do comum dos homens? Suposição inteiramente ilógica, uma vez que acusaria Deus de parcialidade. A única solução racional deste problema está na preexistência da alma e na pluralidade das existências. O homem de gênio é um Espírito que viveu por muito mais tempo; que, por conseguinte, mais adquiriu e mais progrediu do que aqueles que são menos avançados. Em se encarnando, traz o que sabe, e como ele sabe muito mais do que os outros, sem ter necessidade de aprender, é o que se chama um homem de gênio. Mas aquilo que ele sabe não é menos o fruto de um trabalho anterior e não o resultado de um privilégio. Antes de renascer, era, pois, Espírito avançado; ele se reencarna, seja para fazer aproveitar aos outros daquilo que sabe, seja para adquirir mais.

Os homens progridem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços de sua inteligência; mas, entregues *às* suas próprias forças, esse progresso é muito lento, se não forem ajudados por homens mais avançados como o escolar o é por seus professores. Todos os povos têm seus homens de gênio, que vieram, em diversas épocas, dar um impulso e tirá-los de sua inércia.

6. - Desde que se admita a solicitude de Deus para com suas criaturas, por que não se admitiria que os Espíritos capazes, por sua energia e a superioridade de seus conhecimentos, de fazer avançar a Humanidade, se encarnando pela vontade de Deus em vista de ajudar o progresso num sentido determinado; que recebem uma missão, como um embaixador recebe uma de seu soberano? Tal é o papel dos grandes gênios. Que vêm fazer, senão ensinar aos homens as verdades que esses ignoram, e que teriam ignorado ainda durante longos períodos, ? fim de lhes dar um degrau com a ajuda do qual poderão se elevar mais rapidamente? Esses gênios que aparecem através dos séculos, como estrelas brilhantes, deixando atrás de si um longo rastro luminoso sobre a Humanidade, são os missionários, ou, querendo-se, *os* messias. Se não ensinassem nada aos homens além do que sabem estes últimos, sua presença seria completamente inútil; as coisas novas que lhes ensinam, seja na ordem física, seja na ordem filosófica, são *revelações.*

Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que são um dos elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos, cujas idéias atravessaram os séculos.

7. - No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode saber por si mesmo, que não pode descobrir por meio de seus sentidos, e cujo conhecimento lhe é dado por Deus ou por seus mensageiros, seja por meio da palavra direta, seja pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens privilegiados, designados sob o nome de profetas ou

messias, quer dizer, *enviados, missionários,* tendo *missão* de transmiti-la aos homens. Considerado sob este ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta; é aceita sem controle, sem exame, sem discussão.

8. - Todas as religiões tiveram seus reveladores, embora todos estivessem longe de ter conhecido toda a verdade, tinham suas razões de ser providenciais, porque eram apropriados ao tempo e ao meio onde viviam, ao gênio particular dos povos aos quais falavam, e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros de suas doutrinas, não comoveram menos os Espíritos, e, por isto mesmo, semearam germes de progresso que, mais tarde, deveriam desabrochar, ou desabrochariam um dia, ao sol do Cristianismo. Portanto, é errado que lhe lhes lance anátema em nome da ortodoxia, porque um dia virá em que todas essas crenças, tão diversas pela forma, mas que repousam, em realidade, sobre um mesmo princípio fundamental: Deus e a imortalidade da alma, se fundirão numa grande e vasta unidade, porque a razão terá triunfado dos preconceitos.

Infelizmente, em todos os tempos, as religiões foram instrumentos de dominação; o papel de profeta tentou as ambições secundárias, e se viu surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias que, ao favor do prestígio deste nome, exploraram a credulidade em proveito de seu orgulho, de sua cupidez ou de sua preguiça, achando mais cômodo viver às expensas de seus patetas. A religião cristã não esteve ao abrigo desses parasitas. A esse respeito, chamamos uma atenção séria sobre o capítulo XXI de O *Evangelho Segundo o Espiritismo: "Haverá falsos Cristos e falsos profetas."*

9. - Há revelações diretas de Deus aos homens? É uma pergunta que não ousaríamos responder nem afirmativamente, nem negativamente, de maneira absoluta. A coisa não é radicalmente impossível, mas nada lhe dá a prova certa. O que não nos poderia ser duvidoso é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se penetram de seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica às quais pertencem e o grau de seu saber pessoal, podem haurir suas instruções em seus próprios conhecimentos, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, ver mesmo mensageiros diretos de Deus. Estes, falando em nome de Deus, puderam, às vezes ser tomados pelo próprio Deus.

Essas espécies de comunicações nada têm de estranhas para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: Pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela visão dos Espíritos instrutores e nas visões e aparições, seja em sonho, seja no estado de vigília, assim como se vêem muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. É, pois, rigorosamente exato dizer que a maioria dos reveladores é composta de médiuns inspirados, audientes e videntes; de onde não se segue que todos os médiuns sejam reveladores, e ainda menos os intermediários diretos da Divindade ou de seus mensageiros.

10. - Só os puros Espíritos recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas sabe-se agora que os Espíritos estão longe de ser todos perfeitos, e que os há deles que se dão falsas aparências; É o que fez dizer São João: "Não creiais em todos os Espíritos, mas vede antes se os Espíritos são de Deus."(Ep. cap. IV, *v.* 4.)

Pode, pois, ali ter revelações sérias e verdadeiras, como as há hipócritas e mentirosas. O caráter essencial da revelação espirita é o da *eterna verdade.* Toda revelação manchada de erros ou sujeita a mudança não pode emanar de Deus. É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, ao passo que as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, freqüentemente em contradição com a lei do Sinai, são a obra pessoal e política do legislador hebreu. Os costumes do povo se abrandando, essas mesmas leis caem no desuso, ao passo que o Decálogo permaneceu de pé, como o farol da Humanidade. O Cristo dele fez a base de seu edifício, ao passo que aboliu as

outras leis; se elas fossem a obra de Deus, teria evitado de tocá-las. O Cristo e Moisés são os dois grande reveladores que mudaram a face do mundo, e aí está a prova da missão divina. Uma obra puramente humana não teria tal poder.

11.- Uma importante revelação se cumpre na era atual; é a que nos mostra a possibilidade de se comunicar com os seres do mundo espiritual. Este conhecimento não é novo, sem dúvida, mas tinha permanecido até os nossos dias, de alguma sorte, no estado de letra morta, quer dizer, sem proveito para a Humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações a tinham abafado sob a superstição; o homem era incapaz de tirar disso alguma dedução salutar; estava reservado à nossa época desembaraçá-la de seus acessórios ridículos, de compreender-lhe a importância, e fazer dela sair a luz que deveria clarear o caminho do futuro.

12. - O Espiritismo tendo nos feito conhecer o mundo invisível, que nos cerca, e no meio do qual vivemos sem disto desconfiar, as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam, e por conseqüência o destino do homem depois da morte, é uma verdadeira revelação na acepção científica da palavra.

13. - Por sua natureza, a revelação espírita tem um duplo caráter; prende-se, ao mesmo tempo, à revelação divina e à revelação científica. Prende-se ã primeira, naquilo em que seu advento é providencial, e não o resultado da iniciativa e de um desejo premeditado do homem; e os pontos fundamentais da doutrina são o fato do ensino dado pelos Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre as coisas que ignoravam, que não poderiam aprender por si mesmos, e que lhes importa conhecer hoje que estão maduros para compreendê-las. Ela prende-se à segunda, naquilo em que este ensino não é privilégio de nenhum indivíduo, mas que é dado a todo o mundo pela mesma via; que aqueles que o transmitem e aqueles que o recebem não são seres *passivos,* dispensados do trabalho de observação e de pesquisa; que não fazem abnegação de seu julgamento e de seu livre arbítrio; que o controle não lhe é interditado, mas ao contrário recomendado; enfim, que a Doutrina não foi *ditada de uma só vez, nem imposta à crença* cega; que ela é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos colocam sob seus olhos, e das instruções que lhe dão, instruções que estuda, comenta, compara, e das quais tira ele mesmo as conseqüências e as aplicações. Em uma palavra, *o que caracteriza a revelação espírita é que sua fonte é divina, que a iniciativa pertence aos Espíritos, e que a elaboração é o fato do trabalho do homem.*

14. - Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente do mesmo modo que as ciências positivas, quer dizer, que aplica o método experimental. Fatos de uma ordem nova se apresentam, que não podem se explicar pelas leis conhecidas; ele os observa, os compara, os analisa, e dos efeitos remontando às causas, chega à lei que os rege; depois, deduzindo-lhe as conseqüências e procurando-lhe as aplicações úteis. *Ele não estabelece nenhuma teoria preconcebida;* ele não colocou como hipótese, nem a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem nenhum dos princípios da Doutrina; ele concluiu pela existência dos Espíritos quando essa existência ressaltou com evidência da observação dos fatos, e assim os outros princípios. Não foram os fatos que vieram depois para confirmar a teoria, mas a teoria que veio subseqüentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação, e não o produto da imaginação.

15. - Citemos um exemplo. Passa-se, no mundo dos Espíritos, um fato muito singular, e que, seguramente, ninguém teria suspeitado, que é o dos Espíritos que não se acreditam mortos. Pois bem! Os Espíritos superiores, que o conhecem perfeitamente, não vieram dizer por antecipação: "Há Espíritos que crêem ainda viver a vida terrestre; que conservaram seus gostos, seus hábitos e seus instintos;" mas provocaram a manifestação de Espíritos dessa categoria para nos fazer observá-los. Tendo, pois, visto

Espíritos incertos de seu estado, ou afirmando que estavam ainda neste mundo e crendo vagar em suas ocupações comuns, do exemplo se concluiu a regra. A multiplicidade dos fatos análogos provou que isso não era uma exceção, mas uma das fases da vida espírita; ela permitiu estudar todas as variedades e as causas dessa singular ilusão; de reconhecer que essa situação é, sobretudo, própria dos Espíritos pouco avançados moralmente, e que ela é particular a certos gêneros de morte; que ela não é senão temporária, mas pode durar dias, meses e até anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. Ocorre o mesmo com todos os outros princípios da Doutrina.

16. - Do mesmo modo que a ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual; ora, como este último princípio é uma das forcas da Natureza, que reage incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, disto resulta que o conhecimento de um não pode ser completo sem o conhecimento do outro; que o Espiritismo e a ciência se completam um pelo outro; que a ciência sem o Espiritismo se encontra na impossibilidade de explicar certos fenômenos unicamente pelas leis da matéria, e que foi por ter feito abstração do princípio espiritual que ela se deteve em tão numerosos impasses; que o Espiritismo sem a ciência lhe faltaria apoio e controle, e poderia se embalar de ilusões. O Espiritismo vindo antes das descobertas científicas teria sido uma obra abortada, como tudo que vem antes de seu tempo.

17. - Todas as ciências se encadeiam e se sucedem numa ordem racional; elas nascem, umas das outras, à medida em que encontram um ponto de apoio nas idéias e nos conhecimentos anteriores. A astronomia, uma das primeiras que tendo sido cultivada, permaneceu nos erros da infância até o momento em que a física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a química, nada podendo sem a física, deveria lhe suceder de perto, para em seguida marchar de concerto em se apoiando uma sobre a outra. A anatomia, a fisiologia, a zoologia, a botânica, a mineralogia não se tornaram ciências sérias senão com a ajuda das luzes trazidas pela física e pela química. A geologia, nascida ontem, sem a astronomia, a física, a química e todas as outras, sentiria a falta de seus verdadeiros elementos de vitalidade; ela não poderia vir senão depois.

18. -A ciência moderna fez justiça aos quatro elementos primitivos dos Antigos, e de observação em observação, chegou à concepção de *um único elemento gerador* de todas as transformações da matéria; mas a matéria, por si mesma, é inerte; ela não tem nem vida, nem pensamento, nem sentimento; é-lhe preciso a sua união com o princípio espiritual. Se o Espiritismo não descobriu, nem inventou esse princípio, mas o primeiro, ele o demonstrou por provas irrecusáveis; ele estudou, analisou e lhe deu a ação evidente. Ao *elemento material* veio juntar o *elemento espiritual. Elemento material* e *elemento espiritual,* eis doravante os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indissolúvel desses dois elementos explica-se sem dificuldade uma multidão de fatos até então inexplicáveis. Por sua própria essência, e como tendo por objeto o estudo de um dos dois elementos constitutivos do universo, o Espiritismo toca forçosamente à maioria das ciências; ele não poderia vir senão depois da elaboração dessas ciências, e sobretudo depois que elas tivessem provado sua impossibilidade de tudo explicar unicamente pelas leis da matéria.

19. - Acusa-se o Espiritismo de parentesco com a magia e a feitiçaria; mas esquece-se que a astronomia tem por filha primogênita a astrologia judiciária, que não está tão distante de nós; que a química é filha da alquimia, da qual nenhum homem sensato ousaria se ocupar hoje. Ninguém nega, no entanto, que houve, na astrologia e na alquimia, o germe das verdades de onde saíram as ciências atuais. Apesar de suas fórmulas ridículas, a alquimia colocou sobre o caminho dos corpos simples e da lei das afinidades; a astrologia se apoiava sobre a posição e o movimento dos astros que ela havia estudado; mas, na ignorância das verdadeiras leis que regiam o mecanismo do universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos aos quais a superstição

emprestava uma influência moral e um sentido revelador. Quando Galileu, Newton, Keppler fizeram conhecer essas leis, que o telescópio rasgou o véu, e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar, que certas pessoas acharam indiscreto, os planetas nos apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso, e toda a base do maravilhoso se desmoronou.

Ocorre o mesmo com o Espiritismo com relação à magia e à feitiçaria; essas se apoiavam também sobre a manifestação dos Espíritos, como a astronomia sobre o movimento dos astros; mas na ignorância das leis que regem o mundo espiritual, elas misturavam a essas relações práticas e crenças ridículas, das quais o Espiritismo moderno, fruto da experiência e da observação fez justiça. Seguramente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que aquela que existe entre a astronomia e a astrologia, a química e alquimia; querer confundi-los é provar que disso não se sabe a primeira palavra.

20. - Só o fato da possibilidade de se comunicar com os seres do mundo espiritual tem conseqüências incalculáveis da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se nos revela, e que tem tanto mais importância, quanto espera todos os homens sem exceção. Este conhecimento não pode deixar de trazer, em se generalizando, uma modificação profunda nos costumes, no caráter, nos hábitos, nas crenças que têm uma tão grande influência sobre as relações sociais. É toda uma revolução que se opera nas idéias, revelação tanto maior, tanto mais poderosa, quanto ela não está circunscrita a um povo, *a* uma casta, mas que atinge simultaneamente pelo coração todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.

É, pois, com razão que o Espiritismo é considerado como a terceira grande revelação. Vejamos em que elas diferem, e por qual laço elas se ligam uma à outra.

21. - MOISÉS, como profeta, revelou aos homens o conhecimento de um Deus único, soberano senhor e criador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e colocou os fundamentos da verdadeira fé; como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa fé primitiva, em se depurando, deveria se derramar sobre toda a Terra.

22. - O CRISTO, tomando da antiga lei o que era eterno e divino, e rejeitando o que não era senão transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou *a revelação da vida futura,* da qual Moisés não tinha falado, a das penas e das recompensas que esperam o homem depois da morte. (Ver *Revista Espirita,* 1861, p. 90 e 280.)

23. -A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de que ela é a fonte primeira, a pedra angular de toda a doutrina, é o ponto de vista todo novo sob o qual faz encarar a divindade. Não é mais o Deus terrível, ciumento, vingativo de Moisés, o Deus cruel e impiedoso que irriga a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, que castiga aqueles que poupam as vitimas; não é mais o Deus injusto que pune todo um povo pela falta de seu chefe, que se vinga do culpado pela pessoa do inocente, que fere as crianças pela falta de seu pai, mas um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e de misericórdia, que perdoa o pecador arrependido, *e dá a cada um segundo as suas obras;* não é mais um Deus de um único povo privilegiado, *o Deus dos exércitos* presidindo os combates para sustentar a sua própria causa contra o Deus de outros povos, mas o Pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção sobre todos os seus filhos, e os chama todos a si; não é mais o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravização dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas que diz aos homens: "Vossa verdadeira pátria não é neste mundo, ela está no reino celeste; é lá que os humildes de coração serão elevados e que os orgulhosos serão rebaixados. Não é mais o Deus que faz uma virtude da vingança e ordena restituir olho por olho e dente por dente, mas o Deus de misericórdia, que diz: "Perdoai as ofensas, se quiserdes que vos seja perdoado; restituí o bem pelo mal; não

fazei a outrem o que não gostaríeis que vos fosse feito." Não é mais o Deus mesquinho e meticuloso que impõe, sob as penas mais rigorosas, a maneira pela qual ser adorado, que se ofende na inobservância de uma fórmula, mas o Deus grande, que olha o pensamento e não se honra pela forma; não é mais, enfim, o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24. - Sendo Deus o centro de todas as crenças religiosas, o objetivo de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões é conforme à idéia que elas dão de Deus.* Aquelas que fazem dele um Deus vingativo e cruel, crêem honrá-lo por atos de crueldade, pelas fogueiras e as torturas; aquelas que dele fazem um Deus parcial e ciumento, são intolerantes, elas são mais ou menos meticulosas na forma, segundo elas o crêem mais ou menos manchado das fraquezas e das pequenezes humanas.

25. - Toda a Doutrina do Cristo está fundada sobre o caráter que ele atribui à divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, pôde fazer do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição expressa da salvação, e dizer: *Aí está toda a lei e os profetas e dela não há outra.* Somente sobre esta crença, ele pôde assentar o princípio da igualdade dos homens diante de Deus, e da fraternidade universal.

Esta revelação dos verdadeiros atributos da divindade, junto à da imortalidade da alma e da vida futura, modificou profundamente as relações mútuas dos homens, lhes impôs novas obrigações, fê-los encarar a vida presente sob uma outra luz; foi, por isto mesmo, toda uma revolução nas idéias, revolução que deveria forçosamente reagir sobre os costumes e as relações sociais. Incontestavelmente, por suas conseqüências é o ponto mais capital da revelação do Cristo, e do qual não se compreendeu bastante a importância; é lamentável dize-lo, é também aquele do qual se esta mais afastado, que se o tem mais desconhecido na interpretação de seus ensinamentos.

26. - No entanto o Cristo acrescenta: Muitas das coisas que vos digo não podeis ainda compreendê-las, e delas teria muitas outras a vos dizer que não compreenderíeis; é porque vos falo por parábolas; mas, mais tarde, *eu vos enviarei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas.*

Se o Cristo não disse tudo o que teria podido dizer, foi porque acreditou dever deixar certas verdades na sombra até que os homens estivessem em estado de compreendê-las. Como ele declara, seu ensino estava, pois, incompleto, uma vez que anuncia a vinda daquele que deverá completá-lo; ele previa, pois, que desprezariam suas palavras, que desviariam seu ensinamento, em uma palavra, que se desfariam o que fez, uma vez que toda coisa deve ser restabelecida; ora, não se *restabelece* senão o que tem defeito.

27. - Por que chama ele o novo Messias Consolador? Este nome significativo e sem ambigüidade é toda uma revelação. Ele previa pois, que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que encontraram na crença que iriam se fazer. Jamais, talvez, o Cristo foi mais claro e mais explícito do que nestas últimas palavras, as quais poucas pessoas guardaram, talvez porque evitaram de colocá-las à luz e de aprofundar-lhes o sentido profético.

28. - Se o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que estes não poderiam adquirir senão com o tempo, e sem os quais não poderiam compreendê-lo; há coisas que teriam parecido insensatas no estado dos conhecimentos de então. Completar o seu ensino deve, pois, se entender no sentido de *explicar e* de *desenvolver,* bem mais do que acrescentar-lhe verdades novas; porque ali tudo se encontra em germe; faltava a chave para entender o sentido de suas palavras.

29. - Mas quem ousa permitir-se interpretar as Escrituras sagradas? Quem tem este direito? Quem possui as luzes necessárias, se não são os teólogos?

Quem o ousa? A ciência primeiro, que não pede permissão a ninguém para fazer conhecer as leis da Natureza, e salta de pés juntos sobre os erros e os preconceitos. -

Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todo o mundo, e as Escrituras não são mais a arca santa na qual ninguém ousava tocar o dedo, sem se arriscar de ser fulminado. Quanto às luzes especiais necessárias, sem contestar às dos teólogos, e por muito esclarecidos que fossem os da Idade Média, e em particular os Pais da Igreja, no entanto, não o eram ainda bastante para não condenar, como heresia, o movimento da Terra e a crença nos antípodas; e sem remontar mais alto, os de nossos dias não lançaram anátema aos períodos da formação da Terra?

Os homens não puderam explicar as Escrituras senão com a ajuda do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da Natureza, mais tarde reveladas pela ciência; eis porque os próprios teólogos puderam, de boa-fé, se enganar sobre o sentido de certas palavras e de certos fatos do Evangelho. Querendo a todo preço nele encontrar a confirmação de um pensamento preconcebido, giravam sempre no mesmo círculo, sem mudar seu ponto de vista, de tal sorte que ali não viam senão o que queriam nele ver. Por sábios teólogos que fossem, não podiam compreender as causas dependentes de leis que não conheciam.

Mas quem será juiz das interpretações diversas, e freqüentemente contraditórias, dadas fora da teologia? - O futuro, a lógica e o bom senso. Os homens, cada vez mais esclarecidos à medida que novos fatos *e* novas leis vierem se revelar, saberão fazer a parte dos sistemas utópicos e da realidade; ora, a ciência faz conhecer certas leis; o Espiritismo delas faz conhecer outras; umas e as outras são indispensáveis à inteligência dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Buda, até o Cristianismo. Quanto à teologia, ela não saberia judiciosamente escusar as contradições da ciência, então que ela não está sempre de acordo consigo mesma.

30. - O Espiritismo tomando seu ponto de partida nas próprias palavras do Cristo, como o Cristo tomou as suas de Moisés, é uma conseqüência direta de sua doutrina.

À idéia vaga da vida futura, ele acrescenta a revelação do mundo invisível que nos cerca e povoa o espaço, e por aí ele precisa a crença; dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade no pensamento.

Ele define os laços que unem a alma e o corpo, e levanta o véu que escondia, aos homens, os mistérios do nascimento e da morte.

Pelo Espiritismo, o homem sabe de onde vem, para onde ele vai, porque está sobre a Terra, porque nela sofre temporariamente, e ele vê por toda a parte a justiça de Deus.

Ele sabe que a alma progride sem cessar, através de uma série de existências sucessivas, até que ela tenha alcançado o grau de perfeição que pode aproximá-la de Deus.

Ele sabe que todas as almas tendo um mesmo ponto de partida, são criadas iguais, com uma mesma aptidão de progredir em virtude de seu livre arbítrio; que todas são da mesma essência, e que não há entre elas senão a diferença do progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão o mesmo objetivo, mais ou menos prontamente segundo seu trabalho e sua boa vontade.

Ele sabe que não há criaturas deserdadas, nem mais favorecidas umas do que as outras; que Deus não as criou que sejam privilegiadas nem dispensadas do trabalho imposto a outras para progredir; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que aqueles designados sob o nome de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que fazem o mal no estado de Espíritos, como o faziam no estado de homens, mas que avançarão e se melhorarão; que os anjos ou puros Espíritos não são seres à parte na criação, mas Espíritos que alcançaram o objetivo, depois de ter seguido a fieira do progresso; que, assim, não há criações múltiplas de diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda criação ressalta da grande lei de unidade que rege o universo, e que todos os seres gravitam para um objetivo comum, que

é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos às expensas dos outros, todos sendo os filhos de suas obras.

31. - Pelas relações que o homem pode agora estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, há não só a prova material da existência e da individualidade da alma, mas compreende a solidariedade que religa os seres e os mortos deste mundo, e aqueles deste mundo com aqueles dos outros mundos. Ele conhece sua situação no mundo dos Espíritos; segue-os em suas migrações; é testemunha de suas alegrias e de suas dificuldades; sabe porque são felizes ou infelizes, e a sorte que espera ele mesmo segundo o bem ou o mal que fez. Essas relações o iniciam na vida futura, que pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro não é mais uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Então a morte não tem mais nada de atemorizante, porque é para ele a libertação, a porta da verdadeira vida.

32. - Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e *a* infelicidade na vida espiritual são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; cada um sofre as conseqüências diretas e naturais de suas faltas, de outro modo dito, ele é punido por onde pecou; que essas conseqüências duram tão longo tempo quanto a causa que as produziu; que, assim, o culpado sofreria eternamente, se persistisse eternamente no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada um se melhorar, cada um pode, em virtude de seu livre arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre de seus excessos por tão longo tempo que não lhe ponha um fim.

33. - Se a razão repele, como incompatível com a bondade de Deus a idéia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, freqüentemente infligidas por uma única falta, os suplícios do inferno que não pode abrandar o arrependimento mais ardente e mais sincero, ela se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que tudo leva em conta, não fecha jamais a porta do retorno, e, sem cessar, estende *a* mão ao náufrago em lugar de repeli-lo para o abismo.

34. - A pluralidade das existências, da qual o Cristo colocou o princípio no Evangelho, mas sem mais defini-lo do que muitos outros, é uma das leis mais importantes reveladas pelo Espiritismo, no sentido que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Por esta lei, o homem explica todas as anomalias aparentes que a vida humana apresenta; as diferenças de posições sociais; as mortes prematuras que, sem a reen-carnação, tornariam inúteis para a alma as vidas abreviadas; a desigualdade das aptidões intelectuais e morais, pela antigüidade do Espírito, que mais ou menos viveu, mais ou menos aprendeu e progrediu, *e* que traz, em renascendo, a aquisição de suas existências anteriores. (N° 5.)

35. - Com a doutrina da criação da alma em cada existência, cai-se no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os religa, os laços de família são puramente carnais; não são solidários de um passado em que não existiam; com a do nada depois da morte, toda relação cessa com a vida; eles não são solidários do futuro. Pela reencarnação, são solidários do passado e no futuro; suas relações se perpetuam no mundo espiritual e no mundo corpóreo, a fraternidade tem por base as próprias leis da Natureza; o bem tem um objetivo, o mal as suas conseqüências inevitáveis.

36. - Com a reencarnação caem os preconceitos de raças e de castas, uma vez que o próprio Espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, senhor ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, não há nenhuma que prepondere em lógica o fato material da reencarnação se, pois, a reencarnação funda-se sobre uma lei da Natureza o princípio da fraternidade universal ela funda-se sobre a mesma lei no da igualdade dos direitos sociais, e, conseqüentemente no da liberdade.

Os homens não nascem inferiores e subordinados senão pelo corpo; pelo Espírito, eles são iguais e livres. Daí o dever de tratar os inferiores com bondade, benevolência e humanidade, porque aquele que é nosso subordinado hoje, pode ter sido nosso igual ou nosso superior, talvez um parente ou um amigo, e que podemos nos tornar, por nossa vez, o subordinado daquele ao qual comandamos.

37. - Tirai ao homem o Espírito livre, independente, sobrevivente à matéria, dele fareis uma máquina organizada, sem objetivo, sem responsabilidade, sem outro freio que o da lei civil, e *bom para explorar como* um animal inteligente. Nada esperamos depois da morte, nada nos detém para aumentar os gozos do presente; se sofre, não tem em perspectiva senão o desespero e o nada por refúgio. Com a certeza do futuro, a de reencontrar com aqueles a quem amou, *o medo de rever aqueles a quem ofendeu,* todas as suas idéias mudam. O Espiritismo não teria feito senão tirar o homem da dúvida quanto à vida futura, teria feito mais para a sua melhoria moral do que todas as leis disciplinares que o reprimem algumas vezes, mas não o mudam.

38. - Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não é somente irreconciliável com a justiça de Deus, que toma todos os homens responsáveis pela falta de um único, ela seria um contra-senso, e tanto menos justificável quanto a alma não existia na época em que se pretende fazer remontar a sua responsabilidade. Com a preexistência e a reencarnação, o homem traz, em renascendo, o germe de suas imperfeições passadas, as faltas das quais não pôde se corrigir e que se traduzem por seus instintos natos, suas propensões a tal ou tal vício. Está aí o seu verdadeiro pecado original, do qual sofre muito naturalmente as conseqüências; mas com esta diferença capital de que carrega a pena de suas próprias faltas, e não as da falta de um outro; e esta outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, encorajadora, e soberanamente eqüitativa, que cada existência lhe oferece os meios de resgatar pela reparação, e de progredir, seja em se despojando de alguma imperfeição, seja em adquirindo novos conhecimentos, e isto até que, estando suficientemente purificado, não tenha mais necessidade da vida corpórea, e possa viver exclusivamente da vida espiritual, eterna e feliz.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente, traz em renascendo, qualidades nativas, como aquele que progrediu intelectualmente traz idéias inatas; está identificado com o bem; pratica-o sem esforços, sem cálculo, e, por assim dizer, sem nele pensar. Aquele que está obrigado a combater as suas más tendências, nisto ainda está em luta; o primeiro já venceu, o segundo está em vias de vencer. *A mesma causa produz o pecado original e a virtude.*

39. - O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e sua ação sobre a matéria. Ele demonstrou a existência do *perispírito,* suposto desde a antigüidade, e designado por São Paulo sob o nome de Corpo *Espiritual,* quer dizer, de corpo fluídico da alma depois da destruição do corpo tangível. Sabe-se hoje que esse envoltório é inseparável da alma; que ele é um dos elementos constitutivos do ser humano; que ele é o veículo de transmissão do pensamento, e que, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito desempenha um papel tão importante no organismo e em uma multidão de afecções, que se liga à fisiologia tão bem quanto à psicologia.

40. - O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma, abrem novos horizontes à ciência, e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então por falta de se conhecer a lei que os rege; fenômenos negados pelo materialismo, porque se ligam à espiritualidade, qualificados por outros de milagres ou de sortilégios, segundo as crenças. Tais são, entre outros, os fenômenos da dupla vista, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos físicos, da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas

instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Em demonstrando que esses fenômenos repousam sobre leis tão naturais quanto os fenômenos elétricos e as condições normais nas quais podem se reproduzir, o Espiritismo destrói o império do maravilhoso e do sobrenatural, e, conseqüentemente a fonte da maioria das superstições. Se faz crer na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, impede de crer em muitas outras das quais demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.

41. - O Espiritismo muito longe de negar ou de destruir o Evangelho, ao contrário, vem confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza que revela, tudo o que disse e fez o Cristo; ele traz a luz sobre os pontos obscuros de seu ensino, de tal sorte que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram ininteligíveis, ou pareciam *inadmissíveis,* as compreendem sem dificuldade com a ajuda do Espiritismo, e as admitem; vêem melhor a sua importância e podem fazer a parte da realidade *e* da alegoria; o Cristo lhes pareceu maior: não é mais simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42. - Se se considera, além disso, o poder moralizador do Espiritismo pelo objetivo que ele assinala para todas as ações da vida, pelas conseqüências do bem *e* do mal que ele faz tocar com o dedo; a força moral, a coragem, as consolações que dá nas aflições por uma inalterável confiança no futuro, pelo pensamento de ter perto de si os seres que se amou, a segurança de revê-los, a possibilidade de conversar com eles, enfim, pela certeza de que tudo o que se fez, tudo que se adquiriu em inteligência, em ciência, em moralidade, *até a última hora da vida,* nada está perdido, que tudo aproveita ao adiantamento, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo com relação ao Conso/ador anunciado. Ora, como é o *Espírito de Verdade* que preside ao grande movimento de regeneração, a promessa de seu advento se encontra do mesmo modo realizada, porque, pelo fato, ele é que é o verdadeiro *Consolador* (1). (1) Muitos pais de família deploram a morte prematura de crianças pela educação das quais fizeram grandes sacrifícios, e dizem a si mesmos que tudo isso é pura perda. Com o Espiritismo, não lamentam esses sacrifícios, e estariam prontos a fazê-lo, mesmo com a certeza de ver morrer seus filhos, porque sabem que, se estes últimos não aproveitam desta educação no presente, ela servirá, primeiro ao seu adiantamento como Espírito, depois isso será tanto adquirido para uma nova existência, e que quando retornarem, terão uma bagagem intelectual que os tomará mais aptos para adquirirem novos conhecimentos. Tais são essas crianças que trazem, em nascendo, idéias inatas, e que sabem, por assim dizer, sem ter necessidade de aprender. Se, como pais não têm a satisfação imediata de ver seus filhos aproveitarem essa educação, disto gozarão certamente mais tarde, seja como Espíritos, seja como homens. Talvez serão de novo os pais dessas mesmas crianças que se dizem felizmente dotadas pela Natureza, e que devem suas aptidões a uma precedente educação; como também, se as crianças voltam mal em conseqüência da negligência de seus pais, estes podem ter que deles sofrer mais tarde pelas contrariedades e desgostos que lhes suscitarão numa nova existência.

43. - Se, a esses resultados, acrescentar-se a rapidez inaudita da propagação do Espiritismo, apesar de tudo que se fez para abatê-lo, não se pode desconvir que a sua vinda não seja providencial, uma vez que triunfa de todas as forças e de todas as más vontades humanas. A facilidade com o qual é aceito por um tão grande número, e isto sem constrangimento, e sem outros recursos do que o poder da idéia, prova que ele responde a uma necessidade: a de crer, depois do vazio cavado pela incredulidade, e que, por conseqüência, ele veio a seu tempo.

44. - Os aflitos são em grande número, não é, pois, surpreendente que tantas pessoas acolham uma doutrina que consola de preferência àquelas que desesperam; porque é aos deserdados, mais do que aos felizes do mundo, que se dirige o Espiritismo. O doente vê chegar o médico com mais alegria do que aquele que está bem; ora, os aflitos são os doentes, e o Consolador é o médico.

Vós que combateis o Espiritismo, se quiserdes que se o deixe para vos seguir, dai mais e melhor do que ele; curai mais seguramente as feridas da alma; fazei como o mercador que, para lutar contra um concorrente, dá a mercadoria de melhor qualidade e a

melhor preço. Dai, pois, mais consolações, mais satisfações do coração, esperanças mais legítimas, certezas maiores; fazei do futuro um quadro mais racional, mais sedutor; mas não penseis vencê-lo, vós, com a perspectiva do nada, vós, com a alternativa das chamas do inferno ou da beata e inútil contemplação perpétua. Que diríeis do comerciante que tratasse de toucos todos os clientes que não querem a sua mercadoria, e vão à casa do vizinho? Fazeis do mesmo modo, tachando de loucura e de inépcia todos aqueles que não querem vossas doutrinas, que têm o erro de não achar de seu gosto (1). (1) O Espiritismo não é contrário à crença dogmática com respeito à natureza do Cristo, e, neste caso, pode-se dizer o complemento do Evangelho, se o contradiz?

A solução desta questão não toca senão de maneira acessória ao Espiritismo, que não tem que se preocupar dogmas particulares de tal ou de tal religião; simples doutrina filosófica, não se coloca nem em combatente, nem em adversário sistemático, de nenhum culto, e deixa a cada um a sua crença.

A questão da natureza do Cristo é capital do ponto de vista cristão; ela não pode ser tratada levianamente, e não são as opiniões pessoais *nem* de *homens nem de Espíritos* que podem decidi-lo; em semelhante assunto, não basta afirmar ou negar, é necessário provar; ora, de todas as razões alegadas pró ou contra, não há dentre elas nenhuma que não seja mais ou menos hipotética, uma vez que todas são controversas; os materialistas não viram a coisa senão com os olhos da incredulidade e a negação prévia; os teólogos, com os olhos da fé cega, e a decisão tomada da afirmação; nem uns nem os outros estão nas condições de imparcialidade necessárias; interessados em sustentar sua opinião, não viram e procuraram senão o que poderia lhes ser favorável, e fecharam os olhos sobre o que poderia lhes ser contrário. Se há muito tempo a questão é agitada, ela não está ainda resolvida de maneira peremptória, é que faltaram os *únicos* elementos que poderiam dar-lhe a chave, absolutamente como faltava aos sábios da antigüidade o conhecimento das leis da luz para explicar o fenômeno do arco-íris.

O Espiritismo é neutro na questão; ele não tem mais interesse em uma solução do que em uma outra; caminhou sem isso, e caminhará ainda qualquer que lhe seja o resultado; colocado fora dos dogmas particulares, isso não é para ele uma questão de vida ou de morte. Quando o abordar, apoiará todas as suas teorias sobre os fatos, e a resolverá pelos fatos, e isto em tempo oportuno; se tivesse havido urgência, ela já teria sido resolvida. Os elementos de uma solução são hoje completos, mas o terreno não está ainda pronto para receber a semente; uma solução prematura, qualquer que ela seja, encontraria muita oposição de parte a parte, e afastaria do Espiritismo mais partidários do que ela lhe daria; eis porque a prudência nos faz um dever nos abstermos de toda polêmica sobre esse assunto, até que estejamos seguros de podermos colocar o pé sobre um terreno sólido. A espera disto, deixamos discutir o pró e o contra *fora do Espiritismo* sem nisso tomar parte , deixando as duas partes esgotarem seus argumentos. Quando o momento for propício, traremos na balança não mais a nossa opinião pessoal que não tem nenhum peso e não pode fazer lei, mas *fatos* até este momento não *observados, e* então cada um poderá julgar com conhecimento de causa. Tudo que podemos dizer, sem prejulgar a questão, é que a solução, em qualquer sentido que ela seja dada, não contradirá nem os atos nem as palavras do Cristo, mas, ao contrário, os confirmará elucidando-os.

Àqueles, pois, que nos perguntam o que o Espiritismo diz da natureza do Cristo, respondemos invariavelmente: "É uma questão de dogma estranha ao objetivo da doutrina." O objetivo que todo Espírita deve perseguir, se quiser merecer esse título, é a sua própria melhoria moral. Sou melhor do que era? Corrigi-me de algum defeito? Fiz bem ou mal ao meu próximo? Eis o que todo Espírita sincero e convicto deve se perguntar. Que importa saber se o Cristo era Deus ou não, sendo-se sempre egoísta, orgulhoso, ciumento, invejoso, colérico, maldizente, caluniador? A melhor maneira de honrar o Cristo é imitá-lo em sua conduta; mais se o eleve em seu pensamento, menos se ó digno dele, e mais se o insulta e o profana, fazendo o contrário daquilo que ele disse. "O Espiritismo diz a seus adeptos: praticai as virtudes recomendadas pelo Cristo, e sereis mais cristãos do que muitos daqueles que se dão por tais." Aos católicos, protestantes e outros, ele diz: "Se temeis que o Espiritismo perturbe vossa consciência, não vos ocupeis dele." Ele não se dirige senão àqueles que vêm a ele livremente, e que dele têm necessidade. Ele não se dirige àqueles que têm uma fé qualquer e a quem essa fé basta, mas àqueles que não a têm ou que duvidam, e lhes dá a crença que lhes falta, não mais a do catolicismo do que a do protestantismo, do judaísmo ou do islamismo, mas a crença fundamental, base indispensável de toda religião; aí termina o seu papel. Esta base posta, cada um fica livre de seguir o caminho que satisfaça melhor à sua razão.

45. - A primeira revelação estava personificada em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não o está em nenhum indivíduo. As duas primeiras são individuais, a terceira é coletiva; está aí um caráter essencial de uma grande importância. Ela é coletiva no sentido de que não foi feita por privilégio de ninguém; que ninguém, por conseguinte, pode dela se dizer o profeta exclusivo. Ela foi feita simultaneamente sobre toda a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades, de todos os tempos e de todas as condições,

desde o mais baixo até o mais alto da escala, segundo esta predição reportada pelo autor dos Atos dos apóstolos: "Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei de meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; as pessoas jovens terão visões, e vossos velhos terão sonhos." Ela não saiu de nenhum culto especial, a fim de servir um dia a todos de ponto de união (1). (1) Nosso papel pessoal, no grande movimento das idéias que se *prepara* pelo Espiritismo, e que já começa a se operar, é a de um observador atento que estuda os fatos para deles procurar a causa e dela tirar as conseqüências. Confrontamos todos aqueles que nos foi possível juntar; comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos do globo, depois coordenamos o todo metodicamente; em uma palavra, temos estudado e dado ao público o fruto de nossas pesquisas, sem atribuir ao nosso trabalho outro valor que o de uma obra filosoficamente deduzida da observação e da experiência, sem jamais nos termos colocado como chefe de doutrina, nem ter querido impor nossas idéias a ninguém. Publicando-as, nós usamos de um direito comum, e aqueles que as aceitam o fazem livremente. Se essas idéias encontraram numerosas simpatias, é que elas têm a vantagem de responder às aspirações da maioria, do que não poderíamos tirar vaidade, uma vez que a sua origem não nos pertence. Nosso maior mérito é o da perseverança e do devotamento à causa que abraçamos. Em tudo isto fizemos o que outros teriam podido fazer como nós; é por isso que jamais tivemos a pretensão de nos crer profeta ou messias, e ainda menos de nos dar por tal.

Sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva, não contestamos em sermos assistidos em nossos trabalhos pelos Espíritos, porque temos deles provas muito evidentes para disto duvidar, o que devemos, sem dúvida, à nossa boa vontade, e o que é dado a cada um de merecer. Além das idéias que reconhecemos nos serem sugeridas, é notável que os assuntos de estudo e observação, em uma palavra, tudo o que pode ser útil à realização da obra, nos chega sempre a propósito, - em outros tempos eu teria dito: como por encantamento; - de sorte que os materiais e os documentos do trabalho jamais nos fazem falta. Se temos que tratar de um assunto, estamos certos que, sem pedi-lo, os elementos necessários à sua elaboração nos são fornecidos, e isto por meios que nada têm senão de muito natural, mas que são, sem dúvida, provocados por colaboradores invisíveis, como tantas coisas que o mundo atribui ao acaso.

46. - Sendo as duas primeiras revelações o produto de um ensino pessoal, forçosamente, foram localizadas, quer dizer, que elas tiveram lugar sob um único ponto, ao redor do qual a idéia se propagou passo a passo; mas foram precisos muitos séculos para que elas atingissem as extremidades do mundo, sem invadi-lo por inteiro. A terceira tem isto de particular, que não estando personificada num indivíduo, ela se produziu simultaneamente sobre milhares de pontos diferentes, que todos se tornaram centros ou focos de irradiação. Esses centros se multiplicando, seus raios se tocam de novo, pouco a pouco, como os círculos formados por uma multidão de pedras lançadas na água; de tal sorte que, em um tempo dado, acabarão por cobrir a superfície inteira do globo.

Tal é uma das causas da rápida propagação da Doutrina. Se ela tivesse surgido sobre um único ponto, se tivesse sido a obra exclusiva de um homem, teria formado seita ao seu redor; mas meio século não teria talvez se escoado antes que ela atingisse os limites da região onde ela teria nascido, ao passo que depois de dez anos, ela já tem balizas plantadas de um pólo ao outro.

47. - Esta circunstância estranha na história das doutrinas, dá a esta uma força excepcional e um poder de ação irresistível; com efeito, comprimindo-a sobre um ponto, em uma região, é materialmente impossível comprimi-la sobre todos os pontos, em todos os países. Por um lugar onde ela for entravada, haverá milhares deles ao lado onde ela florirá. Muito mais, sendo atingida num indivíduo, não se pode atingi-la nos Espíritos que lhe são a fonte. Ora, como os Espíritos estão por toda a parte, e que deles haverá sempre, se, por impossível, se chegasse a abafá-la sobre todo o globo, ela reapareceria algum tempo depois, porque repousa sobre um *fato, que este fato está na Natureza,* e que não se podem suprimir as leis da Natureza. Eis do que devem se persuadir aqueles que sonham com o aniquilamento do Espiritismo. *(Revista Espirita,* fevereiro de 1865, p. 38: *Perpetuidade do Espiritismo.)*

48. - No entanto, esses centros disseminados teriam podido permanecer ainda muito tempo isolados uns dos outros, confinados que são alguns em regiões distantes. Seria preciso entre eles um traço de união que os colocassem em comunhão de pensamentos com seus irmãos em crença, em lhes informando o que se faz alhures.

Esse traço de união, que teria faltado *ao* Espiritismo na antigüidade, encontra-se nas publicações que vão por toda a parte, que condensam sob uma forma única, concisa e metódica, o ensino dado por toda a parte sob formas múltiplas e em línguas diversas.

49. -As duas primeiras revelações não poderiam ser senão o resultado de um ensino direto; elas deveriam se impor à fé pela autoridade da palavra do mestre, não estando os homens bastante avançados para concorrerem à sua elaboração.

Observamos, todavia, entre elas, uma nuança bem sensível que se prende ao progresso dos costumes e das idéias, se bem que elas tenham sido feitas no mesmo povo e no mesmo meio, mas com quase dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica; ela não admite discussão e se impõe a todo o povo pela força. A de Jesus é essencialmente *conselheira;* ela é livremente aceita e não se impõe senão pela persuasão; ela é controvertida mesmo quando em vida de seu fundador, que não desdenhava discutir esse assunto com seus adversários.

50. - A terceira revelação vinda numa época de emancipação e de maturidade intelectual, onde a inteligência desenvolvida não pode se dispor a um papel passivo, onde o homem não aceita nada cegamente, mas quer ver aonde *é* conduzido, saber o porquê e o como de cada coisa, devia ser, ao mesmo tempo, o produto de um ensino e o fruto de um trabalho, da pesquisa e do livre exame. Os Espíritos não ensinam senão justamente o que é preciso para pôr sobre o caminho da verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode achar por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, de controlar e de submeter tudo ao cadinho da razão, deixando-o mesmo, freqüentemente, adquirir a experiência às suas expensas. Eles lhe dão o princípio, os materiais, para deles tirar proveito e pô-los à obra (n° 15).

51. - Os elementos da revelação espírita tendo sido dados simultaneamente sobre uma multidão de pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução, é bem evidente que as observações não poderiam ser feitas por toda a parte com o mesmo proveito; que as conseqüências a delas tirar, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em uma palavra, a conclusão que devia assentar as idéias, não podiam sair senão do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito num círculo restrito, não vendo, o mais freqüentemente, senão uma ordem particular de fatos, algumas vezes em aparência contraditórios, não tendo geralmente relações senão com uma mesma categoria de Espíritos, e, além disto, entravada pelas influências locais e o espírito de partido, se encontrava na impossibilidade material de abarcar o conjunto e, por isto mesmo, na impossibilidade de ligar as observações isoladas a um princípio comum. Cada um apreciando os fatos do ponto de vista de seus conhecimentos e de suas crenças anteriores, ou da opinião particular dos Espíritos que se manifestam, haveria tido logo tantas teorias e sistemas quantos centros, *e* dos quais nenhum teria podido ser completo, por falta de elementos de comparação e de controle.

52. - É de notar, além disto, que em nenhuma parte o ensino espírita foi dado de maneira completa; ele toca a um tão grande número de observações, a assuntos tão diversos, que exigem tanto conhecimentos, quanto aptidões medianímicas especiais, que teria sido impossível reunir no mesmo ponto todas as condições necessárias. O ensino devendo ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho disseminando os assuntos de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida entre diferentes trabalhadores.

A revelação é assim feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é desta maneira que ela prosseguirá ainda neste momento, porque tudo não está revelado. Cada centro encontra, nos outros centos, o complemento daquilo que obtém, e é o conjunto, a coordenação de todos os ensinos parciais, que constituíram a *Doutrina Espirita.*

Era, pois, necessário agrupar os fatos esparsos para ver a sua correlação, recolher os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e

sobre todos os assuntos, para compará-los, analisá-los, estudar as analogias e as diferenças. As comunicações sendo dadas por Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, seria preciso apreciar o grau de confiança que a razão permitia lhes conceder, distinguir as idéias sistemáticas individuais e isoladas daquelas que tinham a sanção do ensino geral dos Espíritos, as utopias das idéias práticas; desmentir aquelas que eram notoriamente desmentidas pelos dados das ciências positivas e da lógica sadia; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos próprios Espíritos de mais baixo estágio, para o conhecimento do estado do mundo invisível, e dele formar um todo homogêneo. Seria preciso, em uma palavra, um centro de elaboração, independente de toda idéia preconcebida, de todo preconceito de seita, *resolvido a aceitar* a *verdade tornada evidente, devesse ela ser contrária às suas opiniões pessoais.* Este centro se formou por si mesmo, pela força das coisas, e sem *desígnio premeditado* (1). (1) O *Livro dos Espíritos,* a primeira obra que fez entrar o Espiritismo na via filosófica, pela dedução das conseqüências morais dos fatos, que abordaram todas as partes da doutrina, tocando as questões mais importantes que ela levanta, foi, desde o seu aparecimento, o ponto de união para o qual espontaneamente convergiram os trabalhos individuais. É notório que, da publicação deste livro, data a era do Espiritismo filosófico, até ali permanecido no domínio das experiências de curiosidade. Se este livro conquistou as simpatias da maioria, foi porque era a expressão dos sentimentos dessa mesma maioria, e respondia às suas aspirações; foi também porque cada um nele encontrou a confirmação ou uma explicação racional do que obtinha em particular. Se ele estivesse em desacordo com o ensino geral dos Espíritos, não teria tido nenhum crédito, e teria prontamente caído no esquecimento. Ora, a que se reuniu? Não foi ao homem que não é nada por si mesmo, agente principal que morre e desaparece, mas à idéia que não perece, quando ela emana de uma fonte superior ao homem.

Essa concentração espontânea das forcas esparsas deu lugar a uma correspondência imensa, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem, ao mesmo tempo, os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que fizeram nascer a Doutrina, os resultados morais, os devotamentos e os desfaletimentos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas sobre peças autênticas. Em presença destes testemunhos irrecusáveis, em que se tornarão, na seqüência, todas as falsas alegações, as difamações da inveja e do ciúme?

53. - Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de idéias: umas indo das extremidades ao centro, as outras retornando do centro à circunferência. Foi assim que a Doutrina prontamente caminhou para a unidade, apesar da diversidade de fontes de onde ela emanou; que os sistemas divergentes pouco a pouco caíram, pelo fato de seu isolamento, diante do ascendente da opinião da maioria, por falta de ali encontrar ecos simpáticos. Uma comunhão de pensamentos foi, desde então, estabelecida entre os diferentes centros parciais; falando a mesma língua espiritual, se compreendem e simpatizam de um canto do mundo ao outro.

Os Espíritas, que se acharam mais fortes, lutaram com mais coragem, e caminharam com passo mais seguro, quando não são mais vistos isolados, quando sentiram um ponto de apoio, um laço que os ligava à grande família; os fenômenos dos quais eram testemunhas não lhes pareceram mais estranhos, anormais, contraditórios, quando puderam ligá-los às leis gerias da harmonia, abarcar de um golpe de vista o edifício, e ver em todo o conjunto um objetivo grande e humanitário (1). (1) Um testemunho significativo, tão notável quanto tocante desta comunhão de pensamentos que se estabelecem entre os Espíritas pela conformidade das crenças, são os pedidos de preces que nos vêm das regiões mais longínquas, desde o Peru até a extremidade da Ásia, da parte de pessoas de religiões e de nacionalidades diversas, e que jamais vimos. Não é o prelúdio da grande unificação que se prepara? a prova das raízes sérias que toma por toda a parte o Espiritismo?

É notável que, de todos os grupos que se formaram com a intenção premeditada de fazer cisão proclamando princípios divergentes, do mesmo modo que aqueles que, por razões de amor-próprio ou outras, não querendo ter o ar de sofrer a lei comum, acreditaram-se bastante fortes para caminhar sozinhos, com bastante luzes para não necessitarem de conselhos, nenhum chegou a constituir uma unidade preponderante e viável; todos se extinguiram ou vegetaram na sombra. Como poderia isso ser de outro modo, desde que, para se distinguir, em lugar de se esforçarem por dar uma maior soma de satisfações, rejeitaram os princípios da doutrina precisamente os que de fato eram os mais poderosos atrativos, o que não há de mais consolador, de mais encorajador e de mais racional? Se tivessem compreendido a força dos

elementos morais que constituíram a unidade, não teriam se embalado numa ilusão quimérica; mas tomando seu pequeno círculo pelo universo, não viram nos adeptos senão uma pequena associação que poderia facilmente ser derrubada por uma contra associação. Era equivocar-se estranhamente sobre os caracteres essenciais da Doutrina, e este erro não podia conduzir senão a decepções, porque não se fere impunemente o sentimento de uma massa que tem convicções assentadas sobre bases sólidas; em lugar de romper a unidade, quebraram o único laço que poderia lhes dar a força e a vida (Ver *revista Espirita,* abril de 1866, páginas 106 e 111: O *Espiritismo sem os Espíritos: o Espiritismo independente.)*

54. - Não há nenhuma ciência que tenha saído inteiramente do cérebro de um homem; todas, sem exceção, são o produto de observações sucessivas se apoiando sobre as observações precedentes, como sobre um ponto conhecido para chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam para com o Espiritismo; é por isso que o seu ensino é graduado; senão à medida que os princípios sobre os quais devem se apoiar estejam suficientemente elaborados, e que a opinião está madura para assimilá-los. É mesmo notável que todas as vezes que os centros particulares quiseram abordar questões prematuras, não obtiveram senão respostas contraditórias não concludentes. Quando, ao contrário, o momento favorável chegou, o ensino foi idêntico sobre toda a linha, na quase universalidade dos centros.

Há, no entanto, entre a marcha do Espiritismo e a das ciências uma diferença capital, é que estas não chegaram ao ponto onde chegaram senão depois de longos intervalos, ao passo que bastaram alguns anos ao Espiritismo, senão para atingir o ponto culminante, pelo menos para recolher uma soma muito grande de observações próprias para constituírem uma doutrina. Isto prende-se à multidão inumerável de Espíritos que, pela vontade de Deus, manifestaram-se simultaneamente, trazendo cada um o contingente de seus conhecimentos. Disto resulta que todas as partes da doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante vários séculos, o foram quase simultaneamente em alguns anos, e que bastou agrupá-las para delas formar um todo.

Deus quis que assim fosse, primeiro para que o edifício ficasse mais prontamente feito; em segundo lugar, para que se pudesse, pela comparação, ter um controle por assim dizer imediato e permanente na universalidade do ensino, cada parte não tendo valor e *autoridade* senão pela conexão com o conjunto, todas devendo se harmonizarem, e chegar cada uma a seu tempo e em seu lugar. Não confiando a um único Espírito o cuidado da promulgação da doutrina, quis, além disto, que o menor quanto o maior, entre os Espíritos como entre *os* homens, trouxesse sua pedra ao edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas saídas de uma fonte única.

De um lado, cada Espírito, do mesmo modo que cada homem, não tendo senão uma soma limitada de conhecimentos, individualmente estão inabilitados para tratarem *ex professo* as inumeráveis questões em que o Espiritismo toca; eis igualmente porque a Doutrina, para cumprir *os* objetivos do Criador, não poderia ser a obra de um único Espírito, nem de um único médium; ela não poderia sair senão da coletividade dos trabalhos controlados uns pelos outros. (Ver em O *Evangelho Segundo o Espiritismo,* introdução, p. VI, e *Revista Espírita,* abril de 1864, p. 90: *Autoridade da Doutrina Espírita; controle universal do ensino dos Espíritos.)*

55. - Um último caráter da revelação espírita, e que ressalta das próprias condições nas quais foi feita, é que, se apoiando sobre fatos, ela é e não pode ser senão essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Por sua essência, ela contrai aliança com a ciência, que, sendo a exposição das leis da Natureza, em uma certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus, o autor dessas leis. *As descobertas da ciência glorificam a Deus em lugar de rebaixá-lo; elas não destroem senão o que os homens edifícaram sobre as idéias falsas que se fizeram de Deus.*

O Espiritismo não coloca, pois, como princípio absoluto senão o que é demonstrado com evidência, ou que ressalta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos

da economia social, aos quais presta o apoio de suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que elas sejam, chegadas ao estado de *verdades práticas,* e saídas do domínio da utopia, sem isto ele se suicidaria; cessando de ser o que ele é, mentiria à sua origem e ao seu objetivo providencial. O *Espiritismo, caminhando com o progresso, não será jamais transbordado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está no erro sobre um ponto, ele se modificará sobre esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita* (1). (1) Diante das declarações tão claras e tão categóricas quanto as que estão contidas neste capítulo, caem todas as alegações de tendência ao absolutismo e a autocracia dos princípios, todas as falsas assimilações que, pessoas prevenidas ou mal informadas, emprestam à Doutrina. Essas declarações, aliás, não são novas; nós a temos muito freqüentemente repetidas em nossos escritos, para não deixar nenhuma dúvida a esse respeito. Elas nos assinalam, além disso, o nosso verdadeiro papel, o único que ambicionamos: o de trabalhador.

ROBINSON CRUSOÉ ESPÍRITA.

- Continuação –

Na *Revista Espírita* de março de 1867, página 74, citamos algumas passagens das aventuras de Robinson, marcadas de um pensamento evidentemente espírita. Devemos à cortesia de um de nossos correspondentes de Anvers o conhecimento do complemento dessa história, onde os princípios do Espiritismo estão expressados e afirmados de maneira muito mais explícita e não se encontra em nenhuma das edições modernas. A obra completa, traduzida do inglês sobre a edição original, compreende três volumes e faz parte de uma coleção em trinta e poucos volumes intitulados: *Viagens imaginárias, sonhos, visões e romances cabalísticos,* impresso em Amsterdã em 1787.0 título traz que ela se encontra também em Paris, rua e hotel Serpente.

Os dois primeiros volumes dessa coleção contêm as viagens propriamente ditas de Robinson; o terceiro volume, que nosso correspondente de Anvers consentiu em nos confiar, tem portítulo:Re/7exões sérias e *importantes de Robinson Crusoé.* O tradutor disse em seu prefácio:

"Eis enfim o enigma das aventuras de Robinson Crusoé; é uma espécie de *Telêmaco burguês,* cujo objetivo é levar os homens comuns à virtude e à sabedoria, pelos acontecimentos acompanhados de reflexões. Há, portanto, alguma coisa a mais na história de Robinson do que nas aventuras de Telêmaco; não é um simples romance, é antes uma história alegórica, da qual cada incidente é um emblema de algumas particularidades da vida de nosso autor. Nisso não dou mais vantagem sobre este artigo, porque ele mesmo tratou a fundo, em seu prefácio, que traduzi do inglês, e doqual aconselho muito a leitura a todos esses homens rudes, que se fizeram um hábito bastante ridículo saltar todos os discursos preliminares dos livros.

"A obra que se dá aqui ao público, e que faz o terceiro volume de *Robinson Crusoé,* é muito diferente das duas partes precedentes, embora tenda ao mesmo fim. O autor nela coloca, por assim dizer, a última mão em seu projeto de reformar os homens, e de convidá-los a se conduzirem de maneira digna da excelência de sua natureza. Não estando contente de lhes ter dado instruções envolvidas em fábulas, achou bom estender os seus preceitos, e dá-los de maneira direta, a fim de que nada nela escape à penetração do grande número de leitores que não têm bastante gênio para desembaraçar a alma da alegoria, do corpo que o envolve."

Este volume compreende duas partes; na primeira, Robinson reentra na vida calma do lar, se entrega às meditações sugeridas pelas peripécias de sua existência agitada; essas reflexões estão marcadas por uma alta moralidade e de um profundo sentimento religioso, no gênero destes:

Página 301. -"Reconheçamos, querendo-se, que não podemos compreender a imutabilidade da Natureza, e das ações de Deus, e que nos é absolutamente impossível conciliá-la com essa variedade da Providência, que, em todas as suas ações, nos parece numa liberdade inteira e perfeita de formar todos os dias novos planos, de virar os acontecimentos de um tal e de um tal lado, como apraz à soberana sabedoria. Pode-se concluir do fato de que não saberíamos conciliar essas coisas, que elas são absolutamente incompatíveis? Valeria tanto sustentar que a natureza de Deus é inteiramente incompreensível, porque não a compreendemos, e que, na Natureza, todo fenômeno onde não penetramos, é impenetrável. Onde está o filósofo que ouse se gabar de compreender a causa que faz girar para o pólo uma agulha imantada, e a maneira pela qual a virtude magnética é comunicada por um simples toque? Quem me dirá por que essa virtude não pode ser comunicada senão ao ferro, e por que a agulha não se liga ao ouro, à prata e aos outros metais? Que comércio secreto há entre o ímã e o pólo do norte, e por qual força misteriosa a agulha que se esfregou se volta para lado do pólo do sul, desde que se tenha passado a linha equinoxial? Nada compreendemos dessas operações da Natureza, no entanto, nossos sentidos nos asseguram da maneira mais incontestável do mundo, da realidade dessas operações. A menos que levemos o ceticismo até o mais alto grau do absurdo, devemos confessar que não há nada de contraditório nesses fenômenos, embora nos seja impossível conciliar-lhes o conjunto, e que são compreensíveis, embora não os compreendamos.

"Por que a nossa sabedoria não nos leva a seguir o mesmo método de raciocinar com ao objeto da questão? É natural crer que, apesar dessa aparência de mudança que descobrimos nos atos da providência, apesar desses planos que parecem se destruir mutuamente, e se elevar um sobre a ruína do outro, nada é mais certo e mais real do que a imutabilidade da Natureza e dos decretos de Deus. Que há de mais temerário do que alegar a fraqueza e a pequena extensão da razão como uma prova contra e existência das coisas? Nada é mais ridículo que raciocinar justo sobre os limites de nosso espírito, com relação aos objetos limitados da física, e de não dar atenção à natureza de nossa alma, quando se trata das operações de um ser infinito, tão superioras nossas fracas luzes.

"Se é, pois, razoável crer que a Providência divina é livre em suas ações, e que, dirigida por sua própria soberania ela segue, no curso ordinário das coisas humanas, esses métodos que acha oportunos, é nosso dever ligar um comércio estreito com essa parte ativa da providência, que influi diretamente em nossa conduta, sem nos embaraçar o espírito com vãs discussões sobre a maneira pela qual essa providência influi em nossos assuntos, e sobre o objetivo que ela se propõe.

"Entrando nessa correspondência com essa virtude ativa da sabedoria de Deus, devemos nela examinares caminhos, tanto quanto eles pareçam acessíveis à nossa penetração e às nossas pesquisas; devemos prestar a mesma atenção à voz secreta que já tive o cuidado de descrever, quanto àquela voz clara e forte que nos fala nos acontecimentos mais próprios a nos tocar.

"Quem não se faz um estudo sério de penetrar no sentido dessa voz secreta que se oferece à sua intenção, se priva, deliberadamente, de um grande número de conselhos úteis e de grandes consolações, das quais, muito freqüentemente, sente a necessidade na carreira que deve correr neste mundo.

"Que consolação não é para aqueles que escutam essa voz, de ver, a cada momento, que um poder invisível e infinitamente poderoso ocupa-se de conservá-los e de manejar os seus interesses! Com essa atenção religiosa, não é possível não se aperceber

dessa proteção; não é possível refletir sobre essa liberdade inesperada que todo homem encontra na variedade dos incidentes da vida humana, sem ver, evidentemente, que não o deve à sua própria prudência, mas unicamente ao socorro eficaz de um poder infinito, que o favorece porque o ama." - A segunda parte, intitulada: *Visão do mundo angélico,* contém o relato dos fatos que pertencem mais particularmente à ordem dos fatos Espíritas, e aos quais retiramos as passagens seguintes:

Página 359. -"O Espírito que apareceu a Saul devia ser, segundo penso, um bom Espírito, que se chamava o anjo de um homem, como parece pelo que disse àquela serva dos Atos do Apóstolos, vendo diante da porta Pedro sair miraculosamente da prisão. Tomando-se a coisa desta maneira, ele confirma a minha idéia, no que toca ao comércio dos Espíritos puros com os Espíritos enfermos em corpos, e no que toca às vantagens que os homens podem retirar de um tal comércio. - Aqueles que pretendem que esse foi um mau Espírito devem supor, ao mesmo tempo, que Deus pode se servir do diabo como de um profeta, colocar na boca da mentira as verdades que acha bom revelar aos homens, e sofrer que pregue aos transgressores de suas leis, a justiça dos castigos que resolveu lhes infligir. Não sei de que meio indireto esses intérpretes se serviram para salvar todos os inconvenientes de uma tal opinião; por mim, não vejo que convenha à sua majestade divina emprestar a Satã seu Espírito de verdade, e dele fazer um pregador e um profeta."

Página 365. - "Os mais diretos efeitos de nosso comércio com as inteligências puras, e que me parecem tão sensíveis que é impossível negá-los, são: os sonhos, certas vozes, certos ruídos, as advertências, os pressentimentos, as apreensões, uma tristeza involuntária."

Página 380.-"Parece-me que examinais com muita atenção a natureza dos sonhos e as provas que deles se podem tirar da realidade do mundo dos Espíritos; mas, dizei-me, eu vos peço, o que pensais dos sonhos que nos vêem todo desperto, transportes, êxtases, visões, ruídos, voz, pressentimentos? Não vedes que são provas ainda mais forte do que a própria verdade, uma vez que elas nos tocam no tempo que a nossa razão está senhora de si mesma, e que a sua luz não é envolvida dos vapores do sono?"

Página 393. - "Eu vi ainda, como de um único golpe de vista, a maneira pela qual esses maus Espíritos exercem o seu poder; até a que ponto ele se estende, que obstáculos têm a superar, e quais outros Espíritos se opõem ao sucesso de seus abomináveis desígnios...

"... Embora o diabo esteja a seu serviço, um número infinito de ministros infiéis, que nada negligenciam para executar seus projetos, não há somente um número igual, mas infinitamente maior de Anjos e de bons Espíritos que, armados de um poder superior, vigiam de um lugar muito mais elevado, sobre a sua conduta, e fazem todos os seus esforços para fazer fracassar as suas maquinações. Esta descoberta faz ver ainda mais claramente que nada poderia fazer senão pela .sutileza e pela astúcia, sustentadas de uma vigilância e de uma atenção extraordinária, uma vez que a mortificação de se ver a todo momento detido e transtornado em seus desígnios pela prudente atividade dos bons Espíritos, que têm o poder de castigar e de decompô-lo, como um homem faz a um mau cão de guarda que espreita os que passam para se lançar sobre eles."

Página 397. - "As inspirações não são outra coisa, a meu ver, do que discursos que nos são imperceptivelmente soprados ao ouvido, ou pelos bons anjos que nos favorecem, ou por esses diabos insinuadores que nos espreitam continuadamente para nos fazer dar em alguma armadilha. *A única maneira de distinguir os autores desses discursos é de ficarem guarda quanto à natureza dessas inspirações, e examinar se elas tendem a nos levar ao bem ou ao mal."*

Página 401. - "Vale infinitamente mais para nós que um véu espesso nos esconda esse mundo invisível tão bem quanto a conduta da Providência em relação ao futuro. A bondade divina parece mesmo naquilo que o comércio dos Espíritos e as advertências

que nos são dadas são efetuadas de maneira alegórica pelas inspirações e pelos sonhos, e não de maneira direta, clara, evidente. Aqueles que desejam uma visão mais distinta das coisas futuras, não sabem o que desejam, e, se seus desejos fossem atendidos, encontrariam talvez a sua curiosidade cruelmente punida."

Página 408. - "Uma manhã que ela tinha despertado, e que uma multidão de pensamentos aflitivos entram em seu espírito, ela sente com força, em sua alma, uma espécie de voz que lhe diz: Escrevei-lhe uma carta. Essa voz era tão inteligível e tão natural, que, se ela não estivesse certa de estar sozinha, teria acreditado que essas palavras haviam sido pronunciadas por alguma criatura humana. Durante vários dias, elas lhe foram repetidas a cada momento; enfim, passeando no quarto onde estava escondida, cheia de pensamentos sombrios e melancólicos, ela os ouviu de novo, e respondeu muito alto: Aquém quereis, pois, que se escreva? E a voz lhe replicou imediatamente: Escrevei ao juiz. Estas palavras lhe foram ainda repetidas em diferentes vezes, e a levaram, enfim, a tomar da pena e se pôr em estado de compor uma carta, sem ter no espírito nenhuma idéia necessária ao seu desígnio; *dabiturin hoec hora,* etc. Os pensamentos e as expressões não lhe faltaram; correram de sua pena com tanta abundância e uma tão grande facilidade, que ela isso fez no maior espanto e que nela concebeu as mais fortes esperanças de um feliz sucesso."

Página 413. -"O que se pode, no entanto, se imaginar lá em cima de mais racional, é que esses Espíritos nos dão, nessas ocasiões, todas as luzes que estão em estado de nos dar, e que nos dizem o que sabem, ou pelo menos tudo o que seu mestre e o nosso lhes permitem nos comunicar. Se não tinham um desígnio real e sincero de nos favorecer e de nos garantir da infelicidade que nos pende sobre a cabeça, não nos diriam nada de tudo, e, conseqüentemente, se suas advertências não são mais extensas e melhor desenvolvidas, é certo que não deve estar em seu poder nos dar mais úteis."

Página 416. - "Uma vez que sentimos pressentimentos que são verificados pela experiência, é preciso, por necessidade, que haja Espíritos instruídos do futuro; que haja uma morada para os Espíritos onde as coisas futuras se desenvolvem à sua penetração, e que não saberíamos melhor fazer do que acrescentar fé às novidades que nos vêm de lá. O dever de prestar atenção a esses pressentimentos não é a única conseqüência que se pode tirar desta verdade; há outras delas que podem nos ser de uma utilidade muito considerável:

" 1 ° E/a nos *explica a natureza do mundo dos Espíritos e nos prova a certeza de nossa alma depois da morte;*

"2° Ela nos faz ver que a direção da Providência, em relação aos homens e aos acontecimentos futuros, não é tão oculta aos habitantes do mundo espiritual quanto ela o é a nós;

"3° Disso podemos concluir que a penetração dos Espíritos desligados da matéria é de um bem maior em extensão do que a dos Espíritos encerrados nos corpos, uma vez que os primeiros sabem o que deve nos ocorrer, quando nós mesmos o ignoramos.

"A persuasão da existência do mundo dos Espíritos nos pode ser útil de muitas maneiras diferentes. Somos senhores, sobretudo, de tirar grandes vantagens da certeza em que estamos que sabem revelar o futuro, e nos comunicar as luzes que têm lá em cima, de maneira que nos faça vigiar a nossa conduta, evitar infelicidades, pensarem nossos interesses e mesmo esperara morte de uma alma firme e de um Espírito preparado a receber com constância e com uma firmeza cristã. Este seria também um meio seguro de se alargar a esfera de nossas luzes e nos fazer raciocinar com justeza sobre o verdadeiro valor das coisas.

Página 427. - "Se se fizesse um semelhante uso (arrependimento e reforma de má conduta) das aparições reais do diabo, estou convencido de que este seria um meio de expulsá-lo para sempre do mundo invisível. É muito natural crer que nos realizariam visitas muito raras, se estivessem persuadidos, por sua experiência, de que elas nos

levariam à virtude, muito longe de nos armarem armadilhas; pelo menos, jamais viriam nos ver de seu próprio movimento, e seria preciso uma força superior para isso determiná-lo."

Página457.-"Minha conversão vem diretamente do céu. A luz que cerca São Paulo, no caminho de Damasco, não o feriu mais vivamente do que aquela que me ofuscou. É verdade que não estava acompanhada por qualquer voz do céu, mais estou seguro de que uma voz secreta falou eficazmente à minha alma; ela me fez compreender que eu estava exposto à cólera desse poder, dessa majestade, desse deus que neguei antes com toda a impiedade imaginável."

Página 462. -"Em uma palavra, semelhantes acidentes são de uma grande força para nos convencer da influência da Providência divina nos assuntos humanos, por pequenas que sejam em aparência, da existência de *um mundo invisível, e* da realidade do comércio das *existências puras com os* Espíritos enfermos no corpo. Eu espero que não terei nada dito sobre essa matéria delicada, que seja própria a levar meus leitores para fantasias absurdas e ridículas. Pelo menos posso protestar que disto não tive o desígnio, e que a minha intenção foi unicamente excitar no coração dos homens sentimentos respeitosos pela divindade e a docilidade para as advertências dos *bons Espíritos* que se interessam por aquilo que nos concerne."

Nota. - Há quase um século que Daniel de Foè, o autor de *Robinson,* escreveu essas coisas que dir-se-iam emprestadas, até nas expressões, à Doutrina Espírita moderna. Em uma segunda comunicação dada à Sociedade de Paris, em seguida à leitura desses fragmentos, ele explicou suas crenças sobre este ponto, dizendo que ele pertencia à seita dos *teósofos,* seita que, com efeito, professava estes mesmos princípios. Por que, pois, esta doutrina não tinha tomado então a extensão que tem hoje? Para isto, há várias razões: 1º os teósofos tinham suas doutrinas quase secretas; 2° a opinião das massas não estava ainda madura para assimilá-las; 3° era preciso que uma sucessão de acontecimentos desse um outro curso às idéias; 4° *era* preciso que a incredulidade preparasse os caminhos, e que, pelo seu desenvolvimento, ela fez sentir o vazio que cava sob os passos da Humanidade, e *a* necessidade de alguma coisa para enchê-lo; 5° enfim, a Providência não tinha julgado que fosse ainda tempo de tornar gerais as manifestações dos Espíritos; foi a generalização desta ordem de fenômenos que vulgarizou a crença nos Espíritos, e a doutrina que dela foi o corolário.

Se as manifestações tivessem permanecido o privilégio de alguns indivíduos, o Espiritismo não teria ainda saído do lar onde nasceu; estaria ainda, para as massas, no estado de teoria, de opinião pessoal, sem consistência; é a sanção prática que, de um canto do mundo ao outro, e quase instantaneamente, todos encontraram nas manifestações, *provocadas ou* espontâneas, que vulgarizou a Doutrina, e lhe dá uma força irresistível, malgrado aqueles que a combatem.

Se bem que os teósofos tenham tido pouca ressonância e tenham apenas saído da obscuridade, seus trabalhos não se perderam por essa causa; eles semearam germes que não deveriam frutificar senão mais tarde, mas que formaram homens predispostos à aceitação das idéias espíritas, assim como o fez a seita dos swedenborgianos, e, mais tarde, a dos fourrieristas. É de notar que jamais uma idéia pouco grande fez uma erupção brusca no mundo. Freqüentemente ela lança seus balões de ensaio vários séculos antes de sua eclosão definitiva; é o trabalho de criação.

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA

DEUS *NA NATUREZA*

Por Camille Flammarion (1) (1) Um grande volume in-12. Preço, 4fr. Paris, DidiereComp., cais dos Grands-Augustins, 35.

Depois de haver tratado, como se sabe, do ponto de vista da ciência, a questão da habitabilidade dos mundos, que se liga intimamente ao Espiritismo, o Sr. Flammarion aborda hoje a demonstração de uma outra verdade, a mais capital sem contradita, porque é a pedra angular do edifício social, aquela também sem *a* qual o Espiritismo não teria a sua razão de *ser. A existência de Deus.* O título de sua obra: Deus *na Natureza,* dela resume toda a economia; ele disse de início que não é um livro litúrgico, nem místico, mas filosófico.

Do ceticismo de um grande número de sábio, conclui-se erradamente que a ciência, por si mesma, é ateia, ou conduz fatalmente ao ateísmo; é um erro que o Sr. Flammarion trata de refutar, demostrando que se os sábios não viram Deus em suas pesquisas, foi porque não quiseram vê-lo. Todos os sábios, aliás, estão longe de ser ateus, mas confundem-se, freqüentemente, os ceticismo com relação aos dogmas particulares de tal ou tal culto com o ateísmo. O Sr. Flammarion se dirige especialmente à classe dos filósofos que fazem abertamente profissão de materialismo.

"O homem, diz ele, traz em sua natureza uma tão imperiosa necessidade de se deter em convicção, particularmente ao ponto de vista da existência de um ordenador do mundo e da destinação dos seres, que se nenhuma fé não o satisfaz, ele tem necessidade de se demonstrar que Deus não existe, e procura o repouso de sua alma no ateísmo e na doutrina do nada. Também a questão atual que nos apaixona não é mais saber qual é a forma do Criador, o caráter da mediação, a influência da graça, nem discutir o valor dos argumentos teológicos: a verdadeira questão é saber se Deus existe ou se não existe."

Nesse trabalho, o autor procedeu da mesma maneira que em sua *Pluralidade dos mundos habitados,* colocou-se sobre o próprio terreno de seus adversários. Se tivesse haurido seus argumentos na teologia, no Espiritismo ou em doutrinas espiritualistas quaisquer, teria colocado premissas que teriam sido rejeitadas. É porque ele toma a dos negadores e demostra, pelos próprios fatos, que se chega a uma conclusão diametralmente oposta; ele não invoca novos argumentos controvertidos; não se perde nas nuvens da metafísica, do subjetivo e do objetivo, nas sutilezas da dialética; permanece sobre o terreno do positivismo; combate os ateus com os suas próprias armas; tomando um a um seus argumentos, os destrói com a ajuda da própria ciência que eles invocam. Não se apoia sobre a opinião dos homens; sua autoridade é a Natureza e nela mostra Deus em tudo e por toda a parte.

"A Natureza explicada pela ciência, diz ele, no-lo mostrou num caráter particular. Ele está lá, visível, como a força íntima de todas as coisas. Nenhuma poesia humana nos pareceu comparável à verdade natural, e o verbo eterno falou com mais eloqüência nas obras mais modestas da Natureza, do que o homem em seus cantos mais pomposos."

Dissemos os motivos que induziram o Sr. Flammarion a se colocar fora do Espiritismo, e não podemos senão aprová-lo; se algumas pessoas pensam que por antagonismo pela Doutrina, bastaria, para desenganá-los, citara passagem seguinte:

"Poderíamos acrescentar, para fechar o capítulo da personalidade humana, algumas reflexões sobre certos assuntos de estudo ainda misteriosos, mas não insignificantes. O sonambulismo natural, o magnetismo, o Espiritismo, oferecem aos experimentadores sérios que sabem examiná-los cientificamente, fatos característicos que bastariam para demonstrar a insuficiência das teorias materialistas.

É triste, nós o confessamos, para o observador consciencioso, ver o charlatanismo cínico insinuar sua atividade pérfida em causas que deveriam ser respeitadas; é triste constatar que noventa e nove fatos sobre cem podem ser falsos ou imitados; mas um único fato bem constatado desmancha todas as negações. Ora, que partido tomam certas doutas personagens diante desses fatos? Elas o negam simplesmente. *"A ciência não duvida,* diz em particular o Sr. Buchner, que todos os casos de pretensa clarividência não sejam efeitos de malabarismo e de conluio. A lucidez é, por razões naturais, uma

impossibilidade. Está nas leis da natureza que os efeitos dos sentidos sejam limitados a certos limites do espaço que não possam transpor. Ninguém tem a faculdade de adivinhar os pensamentos nem de ver com os olhos fechados o que se passa ao redor de si. Estas verdades são baseadas sobre as leis naturais que são imutáveis e sem exceção." "Ora! senhor juiz, vós as conheceis bem, pois, as leis naturais? Homem feliz! Que não sucumbistes sob o excesso de vossa ciência! Mas quê? Viro duas páginas, e eis o que leio:

"O sonambulismo é um fenômeno do qual, infelizmente, não temos senão observações muito inexatas, embora fosse de desejar que tivéssemos dele noções precisas por causa de sua *importância para a ciência.* No entanto, sem *dele ter os dados certos (*escutai!), pode se *relegar entre as* fábulas todos os fatos maravilhosos que se contam dos sonâmbulos. Não é dado a um sonâmbulo escalar muros, etc." Ah! senhor, que raciocinais, pois, sabiamente! e que teríeis feito bem, antes de escrever, saber um pouco daquilo que pensais!"

Um relatório analítico da obra exigiria desenvolvimentos que a falta de espaço nos interdita, e seria, aliás, supérfluo. Bastar-nos-ia mostrar o ponto de vista em que se coloca o autor para fazer-lhe compreender a utilidade. Reconciliara ciência com as idéias espiritualistas é aplainar os caminhos de sua aliança com o Espiritismo. O autor fala em nome da ciência pura e não de uma ciência fantasista ou superficial, e o faz com a autoridade que lhe dá o seu saber pessoal. Seu livro é um daqueles que têm um lugar marcado nas bibliotecas espíritas, porque é uma monografia de uma das partes constituintes da Doutrina, onde o crente encontra com que se instruir tão bem quanto o incrédulo. Teremos mais de uma vez ocasião de retornar ao assunto.

ALLANKARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO **NO. 10** **OUTUBRO 1867**

O ESPIRITISMO POR TODA A PARTE

A PROPÓSITO DAS POESIAS DO SR. MARTEAU.

É uma coisa verdadeiramente curiosa ver aqueles mesmos que repelem o nome do Espiritismo com maior obstinação, semear suas idéias em profusão. Não há dia que, na imprensa, nas obras literárias, na poesia, nos discursos, nos próprios sermões, não se encontrem pensamentos pertencentes ao mais puro Espiritismo. Perguntai a esses escritores se são Espíritas, eles responderão com desdém que disto se guardam bem; se lhes disserdes que o que escreveram é do Espiritismo, responderão que isto não pode ser, porque não é a apologia dos Davenport e das mesas girantes. Para eles, todo o Espiritismo está ali, e dali não saem, e não querem sair; eles decidiram: seu julgamento é sem apelação.

Ficariam muito surpresos, no entanto, se soubessem que fazem, a cada instante, Espiritismo sem o saber, que o acotovelam sem desconfiar que dele estão tão perto! Mas que importa o nome se as idéias fundamentais são aceitas! Que faz a forma do arado, contanto que ele prepare o terreno? Em lugar de chegar toda de uma vez, a idéia chega por fragmentos, eis toda a diferença; ora, quando, mais tarde, virem que esses fragmentos reunidos não são outra coisa que o Espiritismo, voltarão forçosamente à opinião que se tinham feito dele. Os Espiritas não são bastante pueris para ligar mais importância à palavra do que à coisa; é porque eles se felicitam em ver suas idéias se difundirem sob uma forma qualquer.

Os Espíritos que conduzem o movimento se dizem: Uma vez que não querem da coisa sob este nome, vamos lhes fazer aceitar em detalhes sob uma outra forma; crendo-se os inventores da idéia, eles mesmos dela serão os propagadores. Faremos como com os doentes que não querem certos remédios e que se o faz tomar sem que disto desconfiem, mudando-lhes a cor.

Os adversários conhecem em geral tão pouco o que constitui o Espiritismo, que colocamos como fato que o Espírita mais fervoroso, que não fosse conhecido por tal, poderia, com a ajuda de algumas precauções oratórias, e contanto sobretudo que se abstenha de falar dos Espíritos, desenvolver os princípios mais essenciais da Doutrina, e se fará aplaudir por aqueles mesmos que não o teriam deixado tomar a palavra, se tivesse se apresentado como adepto.

Mas de onde vêm essas idéias, uma vez que aqueles que a emitem não as hauriram na Doutrina que não conhecem?

Já dissemos várias vezes: quando uma verdade chegou a termo, é que o espírito das massas está maduro para assimilá-la, a idéia germina por toda a parte; ela está no ar, levada sobre todos os pontos pelas correntes fluídicas; cada um dela aspira algumas parcelas, e as emite com se fosse eclodidas em seu cérebro. Se alguns se inspiram da idéia espírita sem ousar confessá-lo, é certo que entre muitos ela é espontânea. Ora, o Espiritismo se achando entre a coletividade e a coordenação dessas idéias parciais, pela

força das coisas será, um dia, o traço de união entre aqueles que as professem; é uma questão de tempo.

Há que se notar que quando uma idéia deve tomar lugar na Humanidade, tudo concorre para lhe abrir o caminho; ocorre assim com o Espiritismo. Observando-se no mundo neste momento, os acontecimentos grandes e pequenos que surgem ou se preparam, não há um Espírita que não se diga que tudo parece feito de propósito para aplainar as dificuldades e facilitar o seu estabelecimento; seus próprios adversários parecem levados por uma força inconsciente a limpar o caminho, e a cavar um abismo sob seus passos, para melhor fazer sentir a necessidade de enchê-lo.

E que não se creia que os contrários sejam nocivos; longe disto. Jamais a incredulidade, o ateísmo e o materialismo levantaram a cabeça tão ousadamente, e fixaram suas pretensões. Não são mais opiniões pessoais, respeitáveis como tudo o que é da alçada da consciência íntima, são doutrinas que se quer impor, e com ajuda das quais pretende-se governar os homens malgrado seu. O exagero mesmo dessas doutrinas é o seu próprio remédio, porque se pergunta o que seria da sociedade, se nunca viessem a prevalecer.

Seria preciso este exagero para melhor fazer compreender o benefício das crenças que podem ser a salvaguarda da ordem social.

Mas cegueira estranha! ou para melhor dizer, cegueira providencial! aqueles que querem se substituir ao que existe, como aqueles que querem se opor à idéias novas, no momento em que as mais graves questões se agitam, em lugar de atrair a eles, de se conciliar as simpatias pela doçura, a benevolência e a persuasão, parecem tomar a tarefa de tudo fazer para inspirara repulsa; eles não encontram nada melhor do que se imporem pela violência, de comprimiras consciências, de melindrar as convicções, de perseguir. Singular meio de se fazerem bem-vindos das populações!

No estado atual de nosso mundo, a perseguição é o batismo obrigatório de toda crença nova de qualquer valor. O Espiritismo recebendo o seu, é a prova da importância que ligam a ele.

Mas nós o repetimos, tudo isso tem sua razão de ser e sua utilidade: é preciso que seja assim para preparar os caminhos. Os Espíritas devem se considerar como soldados num campo de batalha; eles se devem à causa, e não podem esperar o repouso senão quando a vitória for alcançada. Felizes aqueles que terão contribuído para a vitória ao preço de quaisquer sacrifícios!

Para o observador que contempla de sangue-frio o trabalho de criação da idéia, é alguma coisa de maravilhoso ver como tudo, mesmo o que, à primeira vista, parece insignificante ou contrário, converge em definitivo para o mesmo objetivo; de vera diversidade e a multiplicidade dos meios que as forças invisíveis colocam em jogo para atingir esse objetivo; tudo lhes serve, tudo é utilizado, mesmo o que nos parece mau.

Não há, pois, que se inquietar com as flutuações que o Espiritismo pode sentir no conflito das idéias que estão em fermentação; é um efeito da própria efervescência que produz na opinião, onde não pode encontrar simpatia por toda a parte; é preciso esperar nessas flutuações que o equilíbrio seja restabelecido. À espera, a idéia caminha, é o essencial; e, como dissemos no começo, ela se faz luz por todos os poros; todos, amigos e inimigos, nela trabalham com valentia, e não é duvidoso que sem a ativa cooperação involuntária dos adversários, os progressos da Doutrina, que jamais fez reclames para se fazer conhecer, não teriam sido tão rápidos.

Crê-se abafar o Espiritismo proscrevendo-lhe o nome; mas como ele não consiste nas palavras, fechando-lhe a porta por causa de seu nome, ele penetra sob a forma impalpável da idéia. E o que há de curioso é que muitos daqueles que o repelem não o conhecem, não querem conhecê-lo, ignorando, por conseguinte, seu objetivo, suas tendências e seus princípios mais sérios, aclamando certas idéias, que às vezes são as

suas, sem desconfiar que, freqüentemente, elas fazem parte essencial e integrante da Doutrina. Se o soubessem é provável que se abstivessem.

O único meio de evitar o equívoco seria estudar a Doutrina afundo, para saber o que ela diz e o que ela não diz. Mas, então, surgiria um outro embaraço: o Espiritismo toca em tantas questões, as idéias que se agrupam a torno dele são tão múltiplas, que querendo-se abster de falar de tudo o que a ele se liga, freqüentemente, encontrar-se-ia singularmente impedido, e, freqüentemente mesmo, detido nos impulsos de suas próprias inspirações; porque se convenceria, por esse estudo, que o Espiritismo está em toda a parte e por toda a parte, este ficaria surpreso por encontrá-lo entre os escritores mais acreditados; bem mais, se surpreenderia em si mesmo, em muitas circunstâncias, fazendo-o querer; ora, uma idéia que se torna o patrimônio comum é imperecível. Várias vezes já reproduzimos os pensamentos espiritas que se encontram em profusão na imprensa e nos escritos de todos os gêneros, e nós continuaremos a fazê-lo, de tempo em tempo, sob este título: *o Espiritismo por toda a parte.* O artigo seguinte vem sobretudo em apoio das reflexões acima; foi extraído *do Phare de Ia Manche,* jornal de Cherbourg, de 18 de agosto de 1867.

O autor ali dá conta de uma coletânea de poesias do Sr. Amédée Marteau (1-*(1) Espoirs et Souvenirs,* casa Hachette, 77, boulevard Saint- Germain.), e a esse respeito se exprime assim:

"Há dois mil anos, algum tempo antes do estabelecimento do Cristianismo, a casta sacerdotal dos druidas ensinava aos seus adeptos uma doutrina estranha. Ela dizia: Nenhum ser acabará jamais; mas todos os seres, exceto Deus, tiveram um começo. Todo ser é criado no mais baixo grau da existência. A alma, no início, não tem consciência de si mesma; submetida às leis invariáveis do mundo físico, espírito escravo da matéria, força latente e obscura, ela sobe fatalmente os degraus da natureza inorgânica, depois da natureza organizada. Então o relâmpago tomba do céu, o ser se conhece, ele é homem.

"A alma humana começa numa meia-luz as provas de seu livre-arbítrio; ela faz o destino dela mesma, avança de existência em existência, de transmigração em transmigração, para a liberdade que lhe dá a morte; ou bem, ela gira sobre si mesma, cai de degrau em degrau, se ela não mereceu se elevar, sem que nenhuma queda, no entanto, seja jamais irreparável.

"Quando a alma chegou ao mais alto grau de ciência, de força, de virtude, cuja condição humana é suscetível, ela escapa do círculo das provas e das transmigrações, atinge o termo da felicidade: o céu. Uma vez chegada a esse termo, o homem não cai mais; ele sobe sempre, se eleva para Deus por um progresso eterno, sem, no entanto, jamais se confundir com ele. Bem longe de perder no céu sua atividade, sua individualidade, é lá que cada alma lhes adquire a plena posse, com memória de todos os estados anteriores pelos quais passou. Sua personalidade, sua natureza própria se desenvolvem cada vez mais distintas, à medida que ela sobe numa escala infinita, cujos degraus não são senão as realizações da vida, que não são mais separadas pela morte.

"Tal era a concepção que o druidismo fazia da alma e de seus destinos. Era a idéia pitagórica aumentada, tornada dogma e aplicada ao infinito.

"Como esta opinião, depois de ter dormido tantos séculos nos limbos da inteligência humana, se reanima hoje? talvez tenha a sua razão de ser na revolução que, depois de Galileu, se operou no sistema astronômico; talvez deva a ela a sua ressurreição às sedutoras perspectivas que apresenta aos sonhos dos filósofos e dos pensadores; ou, enfim, a essa curiosidade natural que impele, sem cessar, o homem para o desconhecido.

O que quer que seja, Fontenelle foi o primeiro cuja pena espírita renovou essas questõe sem seu encantador gracejo sobre a pluralidade dos mundos.

"Da habitabilidade dos mundos à transmigração das almas a inclinação é escorregadia, e nosso século a isso se deixa arrastar. Apoderando-se desta idéia, e, ajudando-a com a astronomia, ele tentou elevá-la à altura de uma ciência. Jean Reynaud a desenvolveu, sob uma forma magistral em *Ciel et Terre;* Lamennais a adota e a generaliza no *Esquisse d'un ephilosophie;* Lamartine e Hugo a preconizam; Maxime

Ducamp *a* popularizou num romance; Flammarion publicou um livro em seu favor; e, enfim, o Sr. Amédée Marteau, numa obra poética, que lemos com o mais vivo interesse reveste das cores de sua paleta sedutora a essa vasta e magnífica utopia.

"O Sr. Marteau é o poeta da idéia nova; ele é um crente entusiasmado e devotado da transmigração das almas nos corpos celestes, e é preciso convir que ele conseguiu tratar com mão de mestre este esplêndido assunto. Deus, o homem, o tempo, o espaço são os inspiradores de sua musa. Abismos vertiginosos, elevações incomensuráveis, nada não o detém, nada o amedronta. Ele se joga na imensidade, costeia sem enfraquecer as margens do infinito, ele viaja nos astros, como uma águia sobre os altos cimos. Ele descreve numa linguagem harmoniosa, com uma precisão matemática, suas cores, seus contornos."

Depois de ter citado um fragmento de uma das odes da coletânea, o autor do artigo acrescenta:

"O Sr. Marteau não é somente um poeta de uma alta distinção, é, além disto, um filósofo e um sábio. A astronomia lhe é familiar; ele matiza sua poesia com a poeira de ouro que faz cair das esferas siderais. Não saberíamos dizer o que mais nos cativou, ou o interesse da dicção, ou a originalidade do pensamento. Tudo isso se ajusta, se coordena de maneira tão limpa, tão clara, tão natural, que se permanece como fascinado sob o encanto.

"Não conhecemos o Sr. Marteau; mas pensamos que, se para compor um livro como este é preciso ser dotado de um grande talento, é preciso também ser dotado de um grande coração; porque, neste autor, tudo respira o amor do homem e o amor de Deus.

'Também não podemos muito obrigar todos aqueles que não absorvem os cuidados e os interesses materiais, a lançar um golpe de vista sobre as obras do Sr. Marteau .Nelas encontrarão consolações e esperanças, sem contar os gozos intelectuais que a leitura de uma poesia generosa faz sentir, rica de concepções, ideal, e destinada, disto não duvidamos, a um brilhante sucesso."

DIGARD.

O exposto da doutrina druida sobre os destinos da alma, pelo qual começa o artigo, é, como se vê, um resumo completo da Doutrina Espírita sobre o mesmo assunto. O autor o sabe? É permitido disto duvidar, de outro modo seria estranho que tivesse se abstido de citar o Espiritismo, a menos que não tivesse medo de lhe fazer uma parte dos elogios que prodigalizou às idéias do autor. Não lhe faremos a injúria supondo-lhe esta pueril parcialidade; gostamos mais, pois, de acreditar que ignore até a sua existência. Quando ele se pergunta: "Como esta opinião, depois de ter dormitado tantos séculos nos limbos da inteligência humana, se reanima hoje?" se tivesse estudado o Espiritismo, o Espiritismo lhe teria respondido, e teria visto que essas idéias são mais populares do que se crê.

"O Sr. Marteau, disse, é o poeta da idéia nova; é um crente entusiasmado e devotado da transmigração das almas nos corpos celestes, e é preciso convir que ele triunfou tratando com mão de mestre esse esplêndido assunto." Mais adiante, acrescenta: "Se, para compor um livro como este é preciso ser dotado de um grande talento, é preciso também ser dotado de um grande coração, porque, nesse autor, tudo respira o amor do homem e o amor de Deus." O Sr. Marteau não é, pois, um louco por professar semelhantes idéias? Jean Reynaud, Lamennais, Lamartine, VictorHugo, Louis Jourdan, Maxime Ducamp, Flammarion não são, pois, loucos por tê-los preconizado? Fazer o elogio dos homens não é fazer o elogio de seus princípios? E, aliás, pode-se fazer um maior elogio de um livro do que dizer que os leitores ali haurirão esperanças e consolações? Uma vez que estas doutrinas são as do Espiritismo, não é acreditá-las na opinião?

Assim eis um artigo onde dir-se-ia que o nome do Espiritismo foi omitido de propósito, e onde se lhe aclamam as idéias que professa sobre os pontos mais essenciais: a pluralidade das existências e os destinos da alma.

SENHORA CONDESSA ADELAIDE DE CLÉRAMBERT,

Médium médico.

A senhora condessa de Clérambert morava em Saint-Symphorien-sur-Coise, departamento do Loire; ela morreu há alguns anos com uma idade avançada. Dotada de uma inteligência superior, havia, desde a juventude, mostrado um gosto particular pelos estudos médicos, e se comprazia na leitura das obras que tratavam desta ciência. Nos últimos vinte anos de sua vida, esteve consagrada ao alívio do sofrimento com um devotamento todo filantrópico e da mais inteira abnegação. As numerosas curas que ela operava sobre pessoas reputadas incuráveis lhe tinham dado uma certa reputação; mas, tão modesta quanto caridosa, disto ela não tirava nem vaidade nem proveito.

Aos seus conhecimentos médicos adquiridos, dos quais ela fazia uso, sem dúvida em seus tratamentos, ela juntava uma faculdade de intuição que não era outra senão uma mediunidade inconsciente, porque ela tratava, freqüentemente, por correspondência, e, sem ter visto os doentes, descrevia perfeitamente a doença; de resto, ela mesma dizia que recebia instruções, sem explicar sobre a maneira pela qual lhe eram transmitidas. Teve muitas vezes manifestações materiais, tais como transportes, deslocamento de objetos e outros fenômenos deste gênero, embora não conhecesse o Espiritismo. Um dia um de seus doentes lhe escreveu que lhe tinha sobrevindo abscesso, e, para lhe dar uma idéia, dele talhou o molde sobre um folha de papel; mas, tendo esquecido de juntá-lo à sua carta, essa senhora lhe respondeu pelo retorno do correio: "O molde do qual me anunciaste o envio não estando em vossa carta, pensei que foi um esquecimento de vossa parte; venho de encontrá-lo uma manhã em minha gaveta, que deve ser semelhante ao vosso e que vos remeto." Com efeito, esse molde reproduzia exatamente a forma e o tamanho do abscesso.

Ela não tratava nem pelo magnetismo, nem pela imposição das mãos, nem pela intervenção ostensiva dos Espíritos, mas pelo emprego de medicamentos que, o mais freqüentemente, ela mesma preparava, depois das indicações que lhe eram fornecidas. Sua medicação variava para a mesma doença, segundo os indivíduos; ela não tinha receita secreta de uma eficácia universal, mas se guiava segundo a circunstância. O resultado era, algumas vezes, quase instantâneo, e, em certos casos, não se obtinha senão depois de um tratamento continuado, mas sempre curto relativamente à medicina comum. Ela curou radicalmente um grande número de epilépticos e de doentes atingidos de afecções agudas ou crônicas, abandonados pelos médicos.

A senhora de Clérambert não era, pois, um Médium curador no sentido ligado a esta palavra, mas *um Médium médico.* Ela gozava de uma clarividência que lhe fazia vero mal, e a guiava nas aplicações dos remédios que lhe eram inspirados, secundada além disto pelo conhecimento que tinha da matéria médica, e, sobretudo, das propriedades das plantas. Por seu devotamento, seu desinteresse moral e material, que jamais foram desmentidos, pela sua inalterável benevolência por aqueles que a ela se dirigiam, a senhora de Clérambert, do mesmo modo que o abade príncipe de Holenlohe, deveu conservar até o fim de sua vida a preciosa faculdade que lhe havia sido concedida, que, sem dúvida, ela teria visto se enfraquecer e desaparecer, se não tivesse perseverado no nobre uso que dela fazia.

Sua posição de fortuna, sem ser muito brilhante, era suficiente para tirar todo pretexto a uma remuneração qualquer; ela não pedia, pois, absolutamente nada, mas recebia os recursos, reconhecedores de terem sido curados, o que acreditavam dever

dar, e ela o empregava para preverás necessidades daqueles que carecem do necessário.

Os documentos da nota acima foram fornecidos por uma pessoa que foi curada pela senhora de Clérambert, *e* foram confirmados por outras pessoas que a conheceram. Tendo esta notícia sido lida na Sociedade Espírita de Paris, a senhora de Clérambert deu a resposta adiante.

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de abril de 1867. Méd. Sr. Desliens.)

Evocação. - O relato que acabamos de ler nos dá naturalmente o desejo de conversar convosco, e de vos contar entre os Espíritos que consentem concorrer à nossa instrução. Esperamos que consintais atender ao nosso chamado, e, neste caso, tomamos a liberdade de vos dirigir as perguntas seguintes:

1- Que pensais da notícia que se acaba de ler e das reflexões que a acompanham?

2- Qual é a origem do vosso gosto inato pelos estudos médicos?

3- Por que via recebíeis as inspirações que vos eram dadas para o tratamento dos doentes?

4- Podeis, como Espírito, continuar a prestar os serviços que prestáveis como encarnada, quando fordes chamada por um doente, com a ajuda de um Médium?

Reposta.- Eu vos agradeço, senhor presidente, pelas palavras benevolentes que consentistes pronunciar em minha intenção, e aceito de boa vontade o elogio que fizestes de meu caráter. É, creio, a expressão da verdade, e não teria o orgulho ou a falsa modéstia de recusá-lo. Instrumento escolhido pela Providência, sem dúvida, por causa de minha boa vontade e da aptidão particular que favorecia o exercício de minha faculdade, não fiz senão o meu dever em me consagrando ao alívio daqueles que reclamavam o meu socorro. Recebendo algumas vezes pelo reconhecimento, freqüentemente pelo esquecimento, meu coração não mais se orgulhava dos apoios de um que não sofreu da ingratidão dos outros, tendo em vista que já sabia muito bem ser indigna de uns e me colocar acima dos outros.

Mas bastante se ocupou de minha pessoa; vejamos a faculdade que me valeu *a* honra de ser chamada no meio desta Sociedade simpática, onde se gosta de repousar sua visão, sobretudo quando se esteve como eu alvo da calúnia e dos ataques malévolos daqueles aos quais se melindrou as crenças ou embaraçou seus interesses. Que Deus os perdoe como eu mesma o fiz!

Desde a minha mais tenra infância, e por uma espécie de atração natural, ocupei-me do estudo das plantas e de sua ação salutar sobre o corpo humano. De onde me veio este gosto comumente pouco natural ao meu sexo? Eu o ignorava então, mas sei hoje que não foi a primeira vez que a saúde humana foi objeto das minhas mais vivas preocupações: eu havia sido médico. Quanto à faculdade particular que me permitia ver à distância o diagnóstico das afecções de certos doentes (porque eu não via por todo o mundo), e de prescrever os medicamentos que deveriam restituir a saúde, ela era muito semelhante à de vossos Médiuns médicos atuais; como eles, eu estava em relação com um ser oculto que se dizia Espírito, e cuja influência salutar me ajudou poderosamente a aliviar os infortunados que reclamavam a mim. Ele me havia prescrito o desinteresse mais completo, sob pena de perder instantaneamente uma faculdade que fazia a minha felicidade. Não sei por qual razão, talvez porque teria sido prematuro revelar a origem de minhas prescrições, ele havia igualmente me recomendado, da maneira mais formal, não dizer de quem eu tinha a receita que dirigia aos meus doentes. Enfim, considerou o desinteresse moral, a humildade e abnegação como uma das condições essenciais à perpetuação de minha faculdade. Segui seus conselhos, e com isto me achei muito bem.

Tendes razão, senhor, de dizer que os médicos serão chamados um dia a desempenharem um papel da mesma natureza que o meu, quando o Espiritismo tiver

tomado influência considerável que o fará, no futuro, o instrumento universal do progresso e da felicidade dos povos! Sim, certos médicos terão faculdades dessa natureza, e poderão prestar serviços tanto maiores quanto seus conhecimentos adquiridos lhes permitirão assimilar espiritualmente mais facilmente as instruções que lhes serão dadas. Há um fato que deveis ter notado, é que as instruções que tratam de assuntos especiais são tanto mais facilmente e tanto mais largamente desenvolvidas, quanto os conhecimentos pessoais do Médium estejam mais aproximados da natureza daquelas que está chamado a transmitir. Também, certamente, eu poderia prescrever os tratamentos aos doentes que a mim se dirigissem para obter sua cura, mas eu não o faria com a mesma facilidade com todos os instrumentos; ao passo que uns transmitiriam facilmente minhas receitas, outros não poderiam fazê-lo senão incorretamente ou incompletamente. No entanto, se meu concurso puder vos ser útil, em qualquer circunstância que seja, me farei um prazer vos ajudar em vossos trabalhos segundo a medida de meus conhecimentos, ai! bem limitados fora de certas atribuições especiais.

ADÉLE DE CLÉRAMBERT.

Nota. O Espírito assina *Adéle,* ao passo que, quando viva, ela se chamava *Adelaide;* tendo-lhe perguntado a razão, ela respondeu que *Adéle* era seu verdadeiro nome, e que não era senão por um hábito de infância que se a chamava *Adelaide.*

OS MÉDICOS MÉDIUNS.

A senhora condessa de Clérambert, da qual falamos no artigo precedente, oferecia uma das variedade da faculdade de curar, que se apresenta sob uma infinidade de aspectos e de nuanças apropriadas às aptidões especiais de cada indivíduo. Ela era, em nossa opinião, o tipo que poderiam ser muitos médicos; daquele que muitos serão, sem dúvida, quando entrarem no caminho da espiritualidade que o Espiritismo lhes abre, porque muitos verão se desenvolver, neles, as faculdades intuitivas que lhes serão de um precioso socorro na prática.

Dissemos, e repetimos, seria um erro crer que a mediunidade curadora venha a destronara medicina e os médicos; ela vem lhes abrir um novo caminho, mostrar-lhes, na Natureza, os recursos e as forças que eles ignoram, e com a qual podem beneficiar a ciência e seus doentes; provar-lhes, em uma palavra, que não sabem tudo, uma vez que há pessoas que, fora da ciência oficial, obtêm oque eles mesmos não obtêm. Portanto, não temos nenhuma dúvida de que não haja um dia *os médicos-médiuns,* como há *os médiuns-médicos,* que, à ciência adquirida, juntam o dom de faculdades medianímicas especiais.

Somente como essas faculdades não têm valor efetivo senão pela assistência dos Espíritos, que podem paralisar-lhes os efeitos em retirando seu concurso, que desmancham à sua vontade os cálculos do orgulho e da cupidez, e é evidente que não prestaram sua assistência àqueles que os negam, e entendem se servirem deles secretamente, em proveito de sua própria reputação e de sua fortuna. Como os Espíritos trabalham para a Humanidade, e não vêm para servir os interesses egoístas individuais; que agem, em tudo o que fazem, tendo em vista a propagação das doutrinas novas, são-lhes necessários soldados corajosos e devotados, e não têm o que fazer com covardes que têm medo da sombra da verdade. Eles secundam, pois, aqueles que colocam, sem reticência e *pensamento dissimulado,* suas aptidões ao serviço da causa que se esforçam por fazer prevalecer.

O desinteresse material, que é um dos atributos essenciais da mediunidade curadora, será também uma das condições da medicina medianímica? Como, então, conciliar as exigências da profissão com uma abnegação absoluta?

Isto demanda algumas explicações, porque a posição não é mais a mesma.

A faculdade do médium curador nada lhe custou; não exigiu dele nem estudo, nem trabalho, nem despesas; ele a recebeu gratuitamente para o bem de outrem, e deve dela usar gratuitamente. Como lhe é preciso viver antes de tudo, se não tem, por si mesmo, recursos que lhe dêem independência, ele deve procurar-lhe os meios em seu trabalho comum, como o teria feito antes de conhecer a mediunidade; ele não dá ao exercício de sua faculdade senão o tempo que pode materialmente consagrar-lhe. Se toma este tempo de seu repouso, se emprega, para ser útil aos seus semelhantes, o que seria consagrado às distrações mundanas, é do verdadeiro devotamento, e disto não tem senão mais mérito. Os Espíritos dele não pedem mais e não exigem nenhum sacrifício insensato. Não se poderia considerar como devotamento e abnegação o abandono de sua condição de viver para se entregara um trabalho menos penoso e mais lucrativo. Na proteção que lhe concedem, os Espíritos, aos quais não se pode lhe impor, sabem perfeitamente distinguir os devotamentos reais dos devotamentos factícios.

Toda outra seria a posição dos médicos-médiuns. A medicina é uma das carreiras sociais que se abraça para dela fazer uma profissão, e a ciência médica não se adquire senão a título oneroso, por um trabalho assíduo, freqüentemente penoso; o saber do médico é, pois, uma aquisição pessoal, o que não é o caso da mediunidade. Se, ao saber humano, os Espíritos acrescentam seu concurso pelo dom de uma aptidão medianímica, é para o médico um meio a mais de se esclarecer, de agir mais seguramente e mais eficazmente, do que deve ser reconhecido, mas por isto não é menos sempre médico; é seu estado que não o deixa para se fazer médium; ele não tem, pois, nada de repreensível em que continue disso viver, e isso com tanto mais razão quanto mais a assistência dos Espíritos é freqüentemente inconsciente, intuitiva, e que a sua intervenção se confunde, às vezes, com o emprego dos meios comuns de cura.

Do fato de que um médico se torne médium e seja assistido pelos Espíritos no tratamento de seus doentes, não se seguiria, pois, que deve renunciara toda remuneração, o que o obrigaria a procurar fora da medicina os meios de existência, e pelo fato de renunciar à sua profissão. Mas se ele está animado de um sentimento das obrigações que lhe impõe o favor que lhe foi concedido, saberá conciliar seus interesses com os deveres da Humanidade.

Não ocorre o mesmo com o desinteresse moral que pode e deve em todos os casos ser absoluto. Aquele que, em lugar de ver na faculdade medianímica um meio a mais de ser útil aos seus semelhantes, não procuraria nela senão uma satisfação de amor-próprio; quem se fizesse um mérito pessoal os sucessos que obtêm por esse meio, dissimulando a causa verdadeira, faltaria ao seu primeiro dever. Aquele que, sem negar os Espíritos, não visse em seu concurso, direto ou indireto, senão um meio de suprir à insuficiência de sua clientela produtiva, de alguma aparência filantrópica que se cobre aos olhos dos homens, faria, por isto mesmo, ato de exploração; em um e no outro caso tristes decepções lhe seriam a conseqüência inevitável, porque os simulacros e os subterfúgios não podem enganar os Espíritos que lêem no fundo do pensamento.

Dissemos que a mediunidade de cura não matará nem a medicina nem os médicos, mas ela não pode deixar de modificar profundamente a ciência médica. Sem dúvida, haverá sempre médiuns curadores porque deles sempre os houve, e que esta faculdade está na Natureza; mas serão menos numerosos e menos procurados à medida que o número dos *médicos-médiuns* aumentar, e quando a ciência e a mediunidade se prestarem mútuo apoio. Ter-se-á mais confiança nos médicos quando forem médiuns, e mais confiança nos médiuns quando f ore m médicos.

Pode-se contestar as virtudes curativas de certas plantas e outras substâncias que a Providência colocou sob a mão do homem, pondo o remédio ao lado do mal; o estudo dessas propriedades é da alçada da medicina. Ora, como os médiuns curadores não agem senão pela influência fluídica, sem o emprego de medicamento, se devessem um

dia suplantar a medicina, isto resultaria que, dotando as plantas de propriedades curativas, Deus teria feito uma coisa inútil, o que não é admissível. É preciso, pois, considerar a mediunidade curadora como um modo especial e não como um meio absoluto de cura; o fluido, como um novo agente terapêutico aplicado a certos casos, e vindo acrescentar um novo recurso à medicina; consequentemente, a mediunidade curadora e a medicina, como devendo doravante caminhar concorrentemente, destinada a se entre ajudarem, a se suprir e a se completar uma pela outra. Eis porque pode-se ser médico sem ser médium curador, e médium curador sem ser médico.

Então, por que esta faculdade se desenvolve hoje quase exclusivamente entre os ignorantes antes que entre os homens de ciência? Pela razão muito simples que, até o presente, os homens de ciência a repelem; quando a aceitarem, vê-la-ão se desenvolver entre eles como entre os outros. Aquele que a possuísse hoje iria proclamá-la? Não; ele a esconderia com maior cuidado. Uma vez que seria inútil em suas mãos, porque lha dar? tanto valeria dar um violão a um homem que não sabe ou não quer tocá-lo.

A este estado de coisas, há um outro motivo capital. Dando aos ignorantes o dom de curar os males que os sábios não podem curar, é para provar a estes que não sabem tudo, e que há leis naturais fora daquelas que a ciência reconhece. Quanto mais *a* distância entre a ignorância e o saber é grande, mais o f ato é evidente. Quando se produz naquele que nada sabe, é uma prova certa de que o saber humano ali não está por nada.

Mas como a ciência não pode ser um atributo da matéria, o conhecimento do mal e dos remédios por intuição, assim como a faculdade vidente, não podem ser os atributos senão do Espírito; eles provam no homem a existência do ser espiritual, dotado de percepções independentes dos órgãos corporais, e, freqüentemente, dos conhecimentos adquiridos anteriormente, numa precedente existência. Esses fenômenos têm, pois, ao mesmo tempo, por conseqüência de serem úteis *à* Humanidade, e de provar a existência do princípio espiritual.

O CHEFE HASSAN, CURADOR TRIPOLITANO
OU A BÊNÇÃO DO SANGUE.

O fato seguinte, publicado no *Tour du monde,* páginas 74 e seguintes, foi tirado dos *Promenades dans la Tripolitaine,* pelo Sr. barão de Krafft.

"Tenho freqüentemente por guia e por companhia de passeio em minhas voltas fora da cidade o *cavas-bachi* (chefe dos janízaros) do consulado da França, que o cônsul geral tem a obrigação de pôr à minha disposição. É um magnífico negro do Ouadaí, com a altura de seis pés, e que, apesar de sua barba grisalha, conservou toda a atividade e toda a energia da juventude. O chefe Hassan não é um homem comum: ele governou durante dezoito anos, ao tempo dos Caramanlys, atribodos Querchéfâna, e ninguém soube melhor do que ele controlar essa população inquieta. Bravo até a temeridade, sempre defendeu os interesses de seus administrados contra as tribos vizinhas, e, sendo preciso, contra o seu próprio governo; mas, ao mesmo tempo, os seus não podiam mais se entregar aos seus caprichos, e não se gracejava com a severidade do chefe *Hassam.* Para ele, a vida do homem era apenas mais preciosa do que um carneiro, e certamente se lhe embaraçava muito em lhe pedindo o número exato das cabeças que se faziam tombar de sua mão, tanto sua consciência é tranqüila a esse respeito. Excelente homem, de resto, e todo devotado ao consulado, ao qual serve há dez anos.

"Numa de nossas primeiras saídas, vi um grupo de cinco ou seis mulheres se aproximar dele com ar suplicante. Duas dentre elas tinham nos braços pobres filhinhos de peito, cujo rosto, a cabeça e o pescoço estavam cobertos de uma placa herpética e de crostas purulentas. Era horrível e repugnante para ver.

"- Nosso pai, disseram as mães desoladas ao magistrado Hassam, foi o profeta de Deus que te conduziu junto de nossa casa, porque queríamos ir à cidade para te encontrar, e eis bem dez dias que esperamos a ocasião. O *Djardoun* (pequeno lagarto branco muito inofensivo) passou sobre nosso seio, e envenenou nosso leite; vê o estado de tuas crianças e cura-as para que Deus te abençoe.

"- És-tu, pois, médico? disse ao meu companheiro.

"- Não, respondeu-me ele, mas tenho *a bênção do sangue* nas mãos, e quem a tem como eu pode, como eu, curar essa doença. É um dom natural de todo homem cujo braço cortou algumas cabeças. -Vamos, as mulheres, dai-me o que é preciso.

"E logo, uma das mães apresentou ao doutor uma galinha branca, sete ovos e três moedas; depois, ela se agachou ao seus pés, elevando acima de sua cabeça o pequeno paciente. Hassan tirou seriamente de sua cintura seu fuzil e sua pedra de afiar, como se quisesse acender uma pipa. *Bismillah!(* em nome de Deus!) disse ele, e se pôs a fazer jorrar do sílex numerosas faíscas sobre a criança doente, tudo em recitando o *sourat-el-fatéha,* o primeiro capítulo do Corão.

"Terminada a operação, a outra criança teve a sua vez, mediante a mesma oferenda, e as mulheres partiram felizes depois de terem beijado respeitosamente a mão que vinha de restituir a saúde aos seus filhos.

"Parecia que meu rosto revelava claramente a minha incredulidade, porque o chefe Hassan, tudo recolhendo, para levá-los, os honorários de sua cura maravilhosa, gritou aos seus clientes: "Não deixeis de vir em sete dias me apresentar vossos filhos na *skifa* do consulado." (A s/r/fa é o vestíbulo exterior, a sala de espera nas grandes casas.)

"Com efeito, uma semana mais tarde, as pequenas criaturas me foram apresentadas; uma estava completamente curada, a outra não tinha mais que algumas cicatrizes de uma aparência muito satisfatória, indicando uma cura muito próxima. Eu fiquei estupefato, mas não convencido; no entanto, mais de vinte experiências semelhantes forçaram-me a crer na incrível virtude das mãos abençoadas pelo sangue."

Há pessoas que os fatos, mesmo os mais patentes, não podem convencer; é preciso, todavia, convir que, neste, é logicamente permitido de não crer na eficácia da *bênção do sangue,* obtida sobretudo em tais condições, não mais do que nas das faíscas do fuzil. No entanto, o fato material da cura, por isto não existe menos; se não tiver esta causa, deverá ter uma outra; se vinte experiência semelhantes, do conhecimento do narrador, vieram confirmá-lo, essa não pode ser fortuita, e deve proceder de uma lei; ora, essa lei não é outra do que a faculdade curativa da qual este homem estava dotado. Em sua ignorância do princípio, ele atribuía essa faculdade ao que chamava a bênção do sangue, crença em relação com os costumes do país onde a vida de um homem é contada por nada. O fuzil e as outras fórmulas são acessórios que não têm valor senão em sua imaginação, e que servem, sem dúvida, pela importância que ele lhes liga, dando-lhe mais confiança em si mesmo, e, em conseqüência, aumentando a sua força fluídica.

Este fato levanta naturalmente uma questão de princípio tocando o o dom da faculdade de curar, e ao qual responde a comunicação seguinte dada a este respeito.

(Sociedade de Paris, 23 de fevereiro de 1867, méd. Sr. Desliens.)

Espanta-se algumas vezes, com uma aparência de razão, de encontramos indivíduos indignos faculdades notáveis desenvolvidas, e que pareceriam dever ser, de preferência, o quinhão dos homens virtuosos e desprovidos de preconceitos; e, no entanto, a história dos séculos passados apresenta, quase em cada página, exemplos de mediunidades notáveis possuídas por Espíritos inferiores e impuros, por fanáticos sem razão! Qual pode ser o motivo de uma tal anomalia? No entanto, não há nada lá que possa espantar, e um estudo um pouco sério e refletido do problema dele dará a chave.

Quando fenômenos salientes, pertencentes à ordem extra corpórea, são produzidos, o que acontece com efeito? - É que individualidades encarnadas servem de *órgãos de transmissão* à manifestação. Elas são os instrumentos movidos por uma vontade exterior. Ora, perguntar-se-ia a um simples instrumento o que lhe exigiria o artista que o põe em vibração?.... Se é evidente que um bom piano é preferível àquele que estivesse defeituoso, não o é menos que se o distinguira, no outro, o toque do artista daquele do escolar. - Se, pois, o Espírito que intervém na cura encontram um bom instrumento, dele se servirá de boa vontade; senão, empregará aquele que se lhe oferecer, por defeituoso que seja.

É preciso também considerar que, no exercício da faculdade medianímica, e em particular no exercício da mediunidade curadora, podem se apresentar dois casos muito distintos: ou o médium pode ser curador por sua própria autoridade, ou pode não ser senão o agente mais ou menos passivo de um motor extra corpóreo.

No primeiro caso, ele não poderá agir senão se suas virtudes e sua força moral lhe permitirem. Ele será um exemplo em sua conduta privada ou pública, um modelo, um missionário vindo para servir de guia ou de sinal de união aos homens de boa vontade. O Cristo é a personificação suprema do curador.

Quanto àquele que não é senão médium, sendo instrumento, ele pode ser mais ou menos defeituoso, e os atos que se operam por seu intermédio não o impedem, de nenhum modo, de ser imperfeito, egoísta, orgulhoso ou fanático. Membro da grande família humana, ao mesmo título que a generalidade, ele participa em todas as suas fraquezas.

Lembrai-vos destas palavras de Jesus: "Não são aqueles que passam bem que têm necessidade de médico." É preciso, pois, ver uma marca de bondade da Providência nessas faculdades que se desenvolvem nos meios e nas pessoas imperfeitas; é um meio de lhes dar a fé que os conduzirá, cedo ou tarde, ao bem; se não for hoje, isso será amanhã; são sementes que não estão perdidas, porque, vós, Espíritas, sabeis que nada se perde para o Espírito.

Se não é raro encontrar, nas naturezas mais rudes, moral e fisicamente, faculdades transcendentais, isto prendes-se igualmente a que essas individualidades, não tendo senão pouco ou nada de vontade pessoal, se limitam a deixar agir a influência que os dirige. Poder-se-ia dizer que operam de instinto, ao passo que uma inteligência mais desenvolvida, querendo se dar conta da causa que a põe em movimento, às vezes, coloca-se em condições que não permitiriam um cumprimento tão fácil dos desígnios providenciais.

Por estranhos e inexplicáveis que sejam os efeitos que se produzem sob vossos olhos, estudai-os atentamente antes de considerá-los um só como uma infração às leis eternas do Senhor supremo! Não há um deles que não afirme sua existência, sua justiça e sua sabedoria eternas, e, se a aparência diz o contrário, crede que não é senão uma aparência que desaparecerá para dar lugar à realidade, com estudo mais aprofundado das leis conhecidas e o conhecimento daquelas cuja descoberta está reservada ao futuro.

CLÉLIE DUPLANTIER.

OZUAVO JACOB

A faculdade curadora estando na ordem do dia, não será surpresa que lhe tenhamos consagrado a maior parte deste numero, e, seguramente, estamos longe de ter esgotado o assunto; é porque a ele retornamos.

Para fixar primeiramente as idéias de um grande número de pessoas interessadas na questão relativa ao Sr. Jacob, e que nos escreveram ou poderão nos escrever sobre este assunto, dizemos:

1[9] Que as sessões do Sr. Jacob foram suspensas; que, assim, seria inútil se apresentar no lugar onde eles as tinha, rua da Roquette, 80, e que não as tem, até o presente, retomado em nenhuma parte. O motivo foi o atravancamento excessivo que embaraçava a circulação numa rua muito frequentada e num beco sem saída, ocupado por um grande número de industriais que se achavam impedidos em seus negócios, não podendo nem receber os clientes, nem expedir as suas mercadorias. Neste momento, o Sr. Jacob não tem sessões nem públicas, nem particulares.

2- Tendo em vista a afluência, cada um devendo esperar a sua vez por muito tempo, àqueles que nos pediram, ou gostariam de nos pedir no futuro, se, conhecendo pessoalmente o Sr. Jacob, com nossa recomendação poderiam obter uma forma de favor, diremos que jamais lhe pedimos e que não o pediremos jamais, sabendo que isto seria inútil. Se as formas de favor tivessem sido concedidas, teria sido um prejuízo daqueles que esperam, e isto não teria deixado de levantar reclamações fundadas. O Sr. Jacob não faz exceção para ninguém; o rico deve esperar como o infeliz, porque, em definitivo, o infeliz sofre tanto quanto o rico; não há, como este, o confortável por compensação, e mais, freqüentemente ele espera a saúde para ter do que viver. Nisto felicitamos o Sr. Jacob, e se não tivéssemos assim agido, não teríamos feito, em solicitando um favor, uma coisa que teríamos censurado nele.

3- Aos doentes que nos pediram, ou poderiam nos pedir, se lhes aconselhamos fazer a viagem a Paris, dizemos: o Sr. Jacob não cura todo o mundo, assim como ele mesmo declara; ele não sabe jamais antecipadamente se curará ou não um doente; não é senão quando está em sua presença que ele julga da ação fluídica, e vê o resultado; é porque ele nunca promete nada e não responde nada. Induzir alguém a fazer a viagem a Paris, seria tomar uma responsabilidade sem certeza de sucesso. É, pois, uma chance a correr, e não se obtendo resultado, se está quites por suas despesas de viagem, ao passo que se despende, freqüentemente, em consultas, somas enormes sem maior sucesso. Se se não está curado, não se pode dizer que se pagou os cuidados em pura perda.

4- Àqueles que nos perguntam se, indenizando o Sr. Jacob de suas despesas de viagem, uma vez que não quer aceitar honorários, ele consentiria em ir em tal ou tal localidade para cuidar de um doente, nós respondemos: o Sr. Jacob não atende aos convites desse gênero, pelas razões acima desenvolvidas. Não podendo responder antecipadamente pelo resultado, ele olharia como uma indelicadeza induzir em despesa sem certeza; e, em caso de não conseguir, isso seria dar motivo à critica.

5- Àqueles que escrevem ao Sr. Jacob, ou que nos enviam cartas para fazer chegar a ele, dizemos: o Sr. Jacob tem em sua casa um armário cheio de cartas que não lê, e não responde a ninguém. Que poderia dizer, com efeito? ele não cura em outra parte por correspondência. Fazer frases? não é o seu gênero; dizer se tal doente foi curado por ele? disto ele nada sabe; do fato de que ele curou uma pessoa de tal doença, não se segue que ele curaria a mesma doença numa outra pessoa, porque as condições fluídicas não são mais as mesmas; indicar um tratamento? ele não é médico, e muito se guardaria de não dar essa arma contra si.

Escrever-lhe é, pois, trabalho inútil. A única coisa a fazer, no caso em que retomasse as suas sessões, que erradamente se têm qualificado de consultas, uma vez que não se o consulta, é de se apresentar ali como qualquer um, tomar seu lugar, esperar pacientemente e disso correr a chance. Se não se é curado, não se pode lamentar de ter sido enganado, uma vez que não promete nada.

Há fontes que têm a propriedade de curar certas doenças; ali se vai; uns nelas se acham bem; outros não são senão aliviados, outros, enfim, não sentem nada de todo. É preciso considerar o Sr. Jacob como uma fonte de fluidos salutares, à influência dos quais se vai submeter-se, mas que, não sendo uma panacéia universal, não cura todos os males, e pode ser mais ou menos eficaz, segundo as condições do doente.

Mas, enfim, houve curas? um fato responde a esta pergunta: Se ninguém houvesse sido curado, a multidão para lá não teria ido, como o fez.

Mas a multidão crédula não pode ter sido enganada por falsas aparências, e ali ir sobre a fé de uma reputação usurpada? Os compadres não podem ter simulado doenças para terem o ar de ser curados?

Sem dúvida, isto se viu e se vê todos os dias, quando os compadres têm interesse em representar a comédia. Ora, aqui, que proveito eles teriam tirado? Quem os teria pago? Seguramente, não foi o Sr. Jacob que pagou os músicos zuavos; não foi mesmo em lhes fazendo um desconto no preço de suas consultas, uma vez que não recebia nada. Compreende-se que aquele que quer se fazer uma clientela a todo o custo, empregue semelhantes meios; mas o Sr. Jacob não tinha nenhum interesse em atrair a multidão a ele; ele não a chamou, foi ela que veio a ele, e se pode dizer que com seu desagrado. Se não tivesse havido fatos, ninguém teria vindo, uma vez que não chamaria ninguém. Os jornais, sem dúvida, contribuíram para aumentar o número dos visitantes, mas dele falaram porque a multidão já existia, sem isto dele não teriam dito nada, o Sr. Jacob não lhes tendo pedido para falar de si, nem pago para lhe fazer a propaganda. É preciso, pois, afastar toda idéia de subterfúgios que não teriam tido nenhuma razão de ser, na circunstância da qual se trata.

Para apreciar os atos de um indivíduo, é preciso procurar um interesse que pode solicitá-lo em sua maneira de agir; ora, foi averiguado que não tinha nenhum interesse da parte do Sr. Jacob; que ali não tivera vantagem para o Sr. Dufayet, que dava seu local gratuitamente, e colocava seus empregados aos serviços dos doentes, para levantar os enfermos, e isto em prejuízo de seus próprios interesses; enfim, que os compadres nada teriam a ganhar.

As curas operadas pelo Sr. Jacob, nestes últimos tempos, sendo do mesmo gênero daquelas que obteve no último ano, no campo de Châlons, e tendo os fatos *se* passado quase da mesma maneira, somente em uma maior escala, reenviamos nossos leitores aos relatórios e às apreciações que dele demos na *Revista* de outubro e de novembro de 1866. Quanto aos incidentes particulares deste ano, não poderíamos senão repetir o que todo o mundo soube pela via dos jornais. Nós nos limitaremos, pois, quanto ao presente, a algumas considerações gerais sobre o fato em si mesmo.

Há mais ou menos dois anos, os Espíritos nos tinham anunciado que a mediunidade curadora tomaria grandes desenvolvimentos, e seria um poderoso meio de propagação para o Espiritismo. Até ali não havia tido senão curadores operando, por assim dizer, na intimidade e em silêncio. Dissemos aos Espíritos que, para que a propagação fosse mais rápida, seria preciso que deles surgissem muitos poderosos para que as curas tivessem ressonância no público. - Isso ocorrerá, nos foi respondido, e deles haverá mais de um.

Esta previsão teve um começo de realização no ano passado, no campo de Châlons, e Deus sabe se a ressonância faltou este ano nas curas da rua da Roquette, não só na França, mas no estrangeiro.

A emoção geral que esses fatos causaram foi justificada pela gravidade das questões que eles levantam. Não é preciso enganar-se, não esta aqui um desses acontecimentos de simples curiosidades que apaixonam um momento a multidão ávida de novidades e de distração. Não se distrai ao espetáculo das misérias humanas; a visão desses milhares de doentes correndo atrás da saúde, que não puderam encontrar nos recursos da ciência, nada tem de divertido, e leva-nos a fazer sérias reflexões. Sim, há aqui outra coisa mais do que um fenômeno vulgar. Sem dúvida, admira-se de curas obtidas em condições tão excepcionais, que elas parecem dever-se ao prodígio; mas o que impressiona mais ainda do que o fato material, é que ali se apresenta a revelação de um princípio novo cujas conseqüências são incalculáveis, de uma dessas leis por muito tempo permanecidas veladas no santuário da Natureza, que, em seu aparecimento, mudam o curso das idéias e modificam profundamente as crenças.

Uma secreta intuição diz que se os fatos em questão são reais, é mais do que uma mudança nos hábitos, mais do que uma transferência de indústria: é um elemento novo introduzido na sociedade, uma nova ordem de idéias que se estabelece.

Se bem que os acontecimentos do campo de Châlons tenham preparado o que veio de se passar, em conseqüência da inatividade do Sr. Jacob durante um ano, se os havia quase esquecido; a emoção foi acalmada; quando, de repente, os mesmos fatos se manifestam no seio da capital, e tomam subitamente proporções estranhas. Está-se, por assim dizer, despertado como no dia seguinte de uma revolução, e não se abordava senão perguntando: Sabeis o que se passa na rua da Roquette? Tendes novidades? Passavam aos jornais como se tratasse de um grande acontecimento. Em quarenta e oito horas, toda a França foi instruída.

Há, nesta instantaneidade alguma coisa de notável e mais importante do que se crê.

A impressão do primeiro momento f oi a de estupor; *ninguém riu.* A própria imprensa facciosa simplesmente relatou os fatos e os boatos sem comentários; cada dia ela dava deles um boletim, sem se pronunciar nem pró nem contra, e se pode notar que a maioria dos artigos não eram feitos no tom de zombaria; eles exprimiam a dúvida, a incerteza sobre a realidade de fatos tão estranhos, mas pendendo antes para a afirmação do que para a negação. É que o assunto, por si mesmo, era sério; tratava-se do sofrimento, e o sofrimento tem alguma coisa de sagrado, que impõe o respeito; em semelhante caso o gracejo estaria deslocado e universalmente reprovado. Jamais se viu a verve zombadora se exercer diante de um hospital, mesmo de loucos, ou um comboio de feridos. Os homens de coração e de sentimento não podiam deixar de compreender que, numa coisa que toca uma questão de humanidade, a zombaria teria sido imprópria, porque teria sido insultar a dor. Também é com um sentimento de pena e uma espécie de desgosto que se vê hoje o espetáculo desses infelizes enfermos reproduzidos grotescamente nos teatros de feiras e traduzidos em canções burlescas. Em admitindo de sua parte uma credulidade pueril e uma esperança mal fundada, não é uma razão para faltar ao respeito que se deve ao sofrimento.

Em presença de uma tal ressonância, a negação absoluta era difícil; a dúvida só é permitida àquele que não sabe ou que não viu; entre os incrédulos de boa-fé por ignorância, muitos compreenderam que haveria imprudência em se inscrever prematuramente em falso contra os fatos que poderiam, um dia ou outro, receber uma consagração e lhes dar um desmentido. Sem, pois, nada negar nem afirmar, a imprensa está geralmente limitada a consignar o estado das coisas, deixando à experiência o cuidado de confirmá-las ou de desmenti-las, e, sobretudo, explicá-las; era o partido mais sábio.

O primeiro momento de surpresa passado, os adversários obstinados de toda coisa nova que contrarie suas idéias, aturdidos pela violência da irrupção, tomaram coragem, sobretudo quando viram que o zuavo era paciente e de humor pacífico; começaram o ataque, empregando contra ele uma carga pesada e apressada, com as armas habituais daqueles que não têm boas razões para opor: a zombaria e a calúnia exagerada; mas sua polêmica acrimoniosa mostravam a cólera e um evidente embaraço, e seus argumentos que, para a maioria, levam à falsidade e sobre alegações notoriamente inexatas, não são daqueles que convencem, porque se refutam por si mesmos.

O que quer que seja, não se trata aqui de uma questão de pessoa; que o Sr. Jacob sucumba ou não na luta, é uma questão de princípio que está em jogo, que está colocada com uma imensa repercussão, e que seguirá o seu curso. Ela faz lembrar os inumeráveis fatos do mesmo gênero, que história faz menção, e que se multiplicam em nossos dias. Se é uma verdade, ela não está encarnada num homem, e nada poderia abafá-la; a própria violência dos ataques prova que se tem medo que isso não seja uma verdade.

Nesta circunstância, aqueles que testemunham menor surpresa e se comovem menos, são os Espíritas, pela razão que essas espécies de fato não têm nada do que não se dêem perfeitamente conta; conhecendo a causa, não se admiram do efeito.

Quanto àqueles que não conhecem nem a causa do fenômeno, nem a lei que o rege, se perguntam naturalmente se é uma ilusão ou uma realidade; se o Sr. Jacob era um charlatão; se curava realmente todos os doentes; se está dotado de um poder sobrenatural e de quem o tem; se chegamos ao tempo dos milagres? vendo a multidão que o assedia e o segue, como outrora a que seguia Jesus na Galiléia, alguns se perguntam mesmo se não seria o Cristo reencarnado, ao passo que outros pretendem que a sua faculdade é um presente do diabo.

Todas essas questões estão há muito tempo resolvidas pelos Espíritas, que delas têm a solução nos princípios da Doutrina. No entanto, como disso podem sair vários ensinamentos importantes, nós os examinaremos num próximo artigo, no qual faremos igualmente ressaltar a inconseqüência de certas críticas.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

CONSELHOS SOBRE A MEDIUNIDADE CURADORA.

I (Paris, 12 de março de 1867, grupo Oesliens; Méd. Sr. Desliens.)

I

Como vos foi dito muitas vezes, em diferentes instruções, a mediunidade curadora, com a ajuda da faculdade vidente, está chamada a desempenhar um grande papel no período atual da revelação. São os dois agentes que cooperam com maior força para a regeneração da Humanidade, e à fusão de todas as crenças em uma única crença, tolerante, progressiva, universal.

Quando, recentemente, comuniquei-me em uma reunião da Sociedade, onde se me havia evocado, eu o disse e repito, todo o mundo possui, mais ou menos, a faculdade curadora, e se cada um quisesse se consagrar seriamente ao estudo desta faculdade, aqueles médiuns que se ignoram poderiam prestar serviços úteis aos seus irmãos em humanidade. O tempo não me permite então desenvolver todo o meu pensamento a este respeito; aproveitaria do vosso pedido para fazê-lo hoje.

Em geral, aqueles que procuram a faculdade curadora têm por único desejo o restabelecimento da *saúde material,* de dar a liberdade de sua ação a tal *órgão* impedido em suas funções por uma *causa material* qualquer. Mas, sabei-o bem, aí está o menor dos serviços que esta faculdade está chamada a prestar, e não a conheceríeis senão em suas premissas e de maneira inteiramente rudimentar, se lhe assinalais este único papel... Não, a faculdade curadora tem uma missão mais nobre e mais extensa!... Se ela pode dar aos corpos o vigor da saúde, deve também dar às almas toda a pureza das quais sejam suscetíveis, e é somente neste caso que ela poderá ser chamada *curativa* no sentido absoluto da palavra.

Foi-vos dito com freqüência, e vossos instrutores não saberiam mais repeti-lo, o efeito aparentemente material, o sofrimento, tem quase constantemente uma causa mórbida e material, residindo no estado moral do Espírito. Se, pois, o médium curador ataca o corpo, ele não ataca senão o efeito, e a causa primeira do mal permanecendo, o efeito pode se reproduzir, seja sob sua forma primordial, seja sob qualquer aparência. Freqüentemente, aí está uma das razões pelas quais tal doente, subitamente curado pela influência de um médium, reaparece com todos os seus acidentes, desde que a influência benfazeja se afaste, porque não fica nada, absolutamente nada para combater a causa mórbida.

Para evitar esses retornos, é preciso que o remédio espiritual ataque o mal em sua base, como o fluido material o destrói em seus defeitos; *é* preciso, em uma palavra, tratar

ao mesmo tempo o corpo e a alma. Para ser bom médium curador, é preciso que não só o corpo esteja apto a servir de canal aos fluidos materiais reparadores, mas é preciso ainda que o Espírito possua uma força moral que ele não pode adquirir senão pela sua própria melhoria. Para ser médium curador, é preciso, pois, para isto se preparar, não só pela prece, mas pela depuração de sua alma, a fim de tratar fisicamente o corpo por meios físicos, e de influenciar a alma pela força moral.

Uma última reflexão. Aconselha-se-vos procurar de preferência os pobres que não têm outros recursos do que a caridade do hospital; eu não sou inteiramente desta opinião. Jesus dizia que o médico tem por missão cuidar dos doentes e não daqueles que estão saudáveis; lembrai-vos que em caso de saúde moral, a doentes por toda a parte, e que o dever do médico é de ir por toda a parte onde seu socorro é necessário.

Abade Príncipe de Hohenlohe.

II

(Sociedade de Paris, 15 de março de 1867; Méd. Sr. Desliens.)

Em uma comunicação recente, falei da mediunidade curadora do ponto de vista amplo que ela não foi considerada até aqui, e a fiz consistir antes no tratamento moral do que no tratamento físico dos doentes, ou pelo menos reuni esses dois tratamentos num só. Eu vos pedirei para dizer algumas palavras a esse respeito.

O sofrimento, a doença, a própria morte, nas condições sob as quais as conheceis, não são mais especialmente o quinhão dos mundos habitados pelos Espíritos inferiores ou pouco avançados? O desenvolvimento moral não tem por objetivo principal conduzir a Humanidade à felicidade, em lhe fazendo adquirir conhecimentos mais completos, em a desembaraçando das imperfeições de toda natureza, que retardam sua marcha ascensional para o infinito? Ora, em melhorando o Espírito dos doentes, não se os coloca em melhores condições para suportarem seus sofrimentos físicos? Em atacando os vícios, os maus pendores, que são a fonte de quase todas as desorganizações físicas, não se colocam essas desorganizações na impossibilidade de se reproduzirem? Destruindo-se a causa, impede-se necessariamente o efeito de se manifestar de novo.

A mediunidade curadora pode, pois, comportar duas formas, e esta faculdade não estará em seu apogeu, naqueles que a possuírem, senão quando neles reunirem essas duas maneiras de ser. Ela pode compreender unicamente o alívio material dos doentes, e então se dirige aos encarnados; ela pode compreender a melhoria moral dos indivíduos, e, neste caso, se dirige tão bem aos Espíritos quanto aos homens; ela pode compreender, enfim, a melhoria moral como o alívio material, e neste caso a causa como o efeito poderão ser combatidos vitoriosamente. O tratamento dos Espíritos obsessores é outra coisa, com efeito, que uma espécie de influência semelhante à mediunidade curadora exercida em conjunto por médiuns e Espíritos sobre uma personalidade desencarnada?

A mediunidade curadora abarca, pois, ao mesmo tempo, a saúde moral e a saúde física, o mundo dos encarnados e o dos Espíritos.

Abade Príncipe de Hohenlohe.

III

(Paris, 24 de março de 1867. Médium, Sr. Rui.)

Venho continuara instrução que dei a um médium da Sociedade. Porque duvidastes que eu viesse ao vosso chamado? Não sabeis que um bom Espírito é sempre feliz em ajudar os seus irmãos da Terra, no caminho da melhoria e do progresso?

Conheceis hoje o que eu disse do papel extenso reservado à mediunidade curadora; sabeis que, segundo o estado de vossa alma e as aptidões de vosso organismo, podereis, se Deus vo-lo permitir, curar, sejam as dores físicas, sejam os sofrimentos morais, ou ambos. Duvidais de serdes capazes de fazer um ou o outro, porque conheceis as vossas imperfeições; mas Deus não pede a perfeição, a pureza absoluta aos homens da Terra. A esse título, nenhum de vós seria digno de ser médium curador.

Deus pede para vos melhorar, fazer esforços constantes para vos purificar, e vos tem em conta a vossa boa vontade.

Uma vez que desejais seriamente aliviar os vossos irmãos que sofrem fisicamente e moralmente, tende confiança, esperai que o Senhor vos concederá esse favor. Mas, eu vo-lo repito, não sejais exclusivos na escolha de vossos doentes; todos, quaisquer que sejam, ricos ou pobres, crentes ou incrédulos, bons ou maus, todos têm direito ao vosso socorro. Acaso o Senhor priva os maus do calor benfazejo do Sol que aquece, que reanima, que vivifica? Acaso a luz é recusada a quem não se prosterne diante da bondade do Todo-Poderoso? Curai, pois, quem sofra, e aproveitai do bem que haveis dado ao corpo para purificar a alma sofredora ainda e ensiná-la a orar. Não vos desanimeis pelas recusas que encontrardes; fazei sempre a vossa obra de caridade e de amor, e não duvideis de que o bem, embora retardado para alguns, jamais será perdido. Melhorai-vos pela prece, pelo amor ao Senhor, de vossos irmãos, e não duvideis que o Todo-Poderoso não vos dê as ocasiões freqüentes de exercer a vossa faculdade medianímica. Sede felizes quando, depois da cura, vossa mão apertará a de vosso irmão reconhecido, e que ambos, prosternados aos pés de vosso Pai celeste, orardes juntos para agradecer-lhe e para adorá-lo; mais feliz ainda, quando, acolhido pela ingratidão, depois de ter curado o corpo, impossibilitado de curar a alma endurecida, elevardes o vosso pensamento ao Criador, porque a vossa prece será a primeira centelha destinada a alumiar, mais tarde, o facho que brilhará aos pés de vosso irmão curado de sua cegueira, e direis a vós mesmos que quanto mais um doente sofre, mais o médico deve lhe dar cuidados.

Coragem, irmão, esperai *e* esperai, que os bons Espíritos que vos dirigem, vos inspirem quando devereis começar, junto aos vossos irmãos que sofrem, a aplicação de vossa nova faculdade medianímica. Até lá orai, progredi pela caridade moral, pela influência do exemplo, e jamais deixeis fugir à menor ocasião de esclarecer os vossos irmãos. Deus vela sobre cada um de vós, e aquele que hoje é o incrédulo, amanhã, poderá ser o mais fervoroso e o mais crente.

Abade Príncipe de Hohenlohe.

Os adeuses.

(Sociedade de Paris, 16 de agosto de 1867;
méd. Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo.)

Nota. - Entre as comunicações obtidas na última sessão da Sociedade, antes das férias, esta apresentou um caráter particular, que saiu da forma habitual. Vários Espíritos, daqueles que são assíduos às sessões, e nela se manifestam algumas vezes, vieram sucessivamente dirigir algumas palavras aos membros da Sociedade antes de sua separação, por intermédio do Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo. Era como um grupo de amigos vindo se despedir, e dar um testemunho de simpatia, no momento da partida. A cada interlocutor que se apresentava, o intérprete mudava de tom, de postura, de expressão, de fisionomia, e pela linguagem se reconhecia o Espírito que falava antes que fosse nomeado; era bem ele que falava, servindo-se dos órgãos de um encarnado, e não seu pensamento traduzido, mais ou menos fielmente dado passando por um intermediário; também a identidade era patente, e, salvo a semelhança física, tinha-se

diante de si o Espírito como quando vivo. Depois de cada alocução, o médium permanecia alguns minutos absorvido; era o tempo da substituição de um Espírito por um outro; depois, retornando pouco a pouco a si, retomava a palavra num outro tom. O primeiro que se apresentou foi o nosso antigo colega Leclerc, falecido no mês de dezembro do ano último.

Alguns de vossos irmãos que partiram vêm aproveitara ocasião de vos manifestar sua simpatia, no momento de vossa separação.

A morte não é nada quando tem por resultado fazer nascer uma vida muito maior, muito mais ampla, muito mais útil do que a vida humana!...Um atordoamento sobrevem, um abaixamento se segue (alusão à maneira da qual se morre), e, me levando mais livre e feliz entrando neste mundo invisível, que a minha alma tinha pressentido, que todo o meu ser desejava!... Livre!... planar no espaço!... Eu vi, observei, e a minha delirante alegria não era temperada senão pelo pesar exagerado que os meus tinham da ausência de minha personalidade material; mas hoje que pude lhes provara minha existência, e que lhes demostrei que se meu corpo não está mais lá, o meu Espírito ali está mais tempo, hoje sou feliz, bem feliz; porque o que não pude fazer encarnado, pude obtê-lo num estado de espiritualidade. Hoje sou útil, muito útil, e graças à simpática afeição daqueles que me conheceram, a minha utilidade é mais eficaz.

Quanto é bom poder servir seus irmãos, e ser útil assim à Humanidade inteira! Quanto é bom, quanto é doce à alma poder participar à Humanidade um pouco de saber que se adquire pelo sofrimento! Eu que, outrora aprisionado nesse corpo obtuso, hoje sou grande, e se não fosse o medo de vosso ridículo, eu me admiraria; porque, vede, ser bom, é fazer parte de Deus; e esta bondade, é a que eu a possuía? oh! respondei-me, vosso testemunho será uma alegria a mais, juntada à felicidade da qual eu gozo; mas, quanto tenho necessidade de vossas palavras? não posso ler em vossos corações, e veros vossos sentimentos mais íntimos? Hoje, graças à minha desmaterialização, não posso ver os vossos pensamentos mais secretos?

Oh! Deus é grande, e a sua bondade é sublime! Meus amigos, como eu, inclinai-vos diante de sua majestade; trabalhai para o cumprimento de seus desígnios, fazendo mais e melhor, do que eu mesmo pude fazer.

LECLERC.

Para a alma que aspira à liberdade, quanto o tempo é longo sobre a Terra, e quanto o momento tão sonhado se faz esperar! Mas também, uma vez rompido o laço, com que rapidez o Espírito voa e brevemente para o reino celeste, que quando vivo via em sonho, *e* ao qual aspirava sem cessar! O belo, o infinito, o impalpável, todos os sentimentos mais puros, eis qual é o apanágio daqueles que desprezam os tesouros humanos, querendo caminhar na via santa do bem, da caridade e do dever. Tive a minha recompensa e estou muito feliz, porque agora, não espero mais as visitas daqueles que me são caros; agora não há mais limites para a minha visão, e esse sofrimento, esse longo emagrecimento do corpo não há mais; hoje sou jovial, alegre, cheia de vivacidade. Não espero mais os visitantes, vou visitá-los.

ERNESTINE DOZON.

São muito felizes aqueles que, neste dia, podem vir sem embaraço ao vosso meio, vos comunicar à sua alegria, o seu prazer, entrando aqui! mas eu que tomei o caminho dos frouxos para evitar o caminho trilhado; eu, que entrei de surpresa num mundo que não me era conhecido; eu, que quebrei a porta da prisão, em lugar de esperar que ela me fosse amplamente aberta, é em razão mesmo dessa vergonha que me cobre a fronte, que venho a esta mesa, porque aqui encontro o meio de vos dizer: Obrigado por vosso perdão sincero, obrigado por vossas preces, pelo interesse que me tendes prodigalizado e que abreviaram os meus sofrimentos! Obrigado, ainda, pelos pensamentos de futuro que vejo

germinar em vossos corações, pela coletividade fraterna de vossas simpatias, das quais eu beneficiarei!

Hoje, o clarão apenas entrevisto se tornou um farol luminoso, de raios grandes e brilhantes; doravante vejo o caminho, e se as vossas preces me sustentarem como o pressinto, se a minha humildade e o meu arrependimento não me desmentirem, podereis contar com um viajante a mais neste longo caminho que se chama o bem.

D.

Eu fali... eu pequei... muito pequei!... e, no entanto, se Deus coloca no cérebro de um homem uma inteligência, e que ao lado coloca desejosa saciar, pendores impossíveis de serem superados, porque faria o Espírito suportar as conseqüências desses obstáculos que não pôde vencer?... Mas eu me perco, blasfemo!...porque, uma vez que me tinha dado uma inteligência, era um instrumento com a ajuda

do qual podia vencer os obstáculos... quanto maior era inteligência, menos sou desculpável...

Minha própria inteligência, minha presunção sobretudo me perderam... sofri moralmente de todas minhas decepções, muito mais do que fisicamente, e isto não é pouco dizer!... em vos fazendo estas confissões, sofro do passado e de todos os sofrimentos dos meus, que vêm aumentar a bagagem dos males que já me esmagam... Oh! orai por mim! Hoje, é um dia de indulgência; pois bem! eu reclamo a vossa. Que aqueles a quem ofendi e desconheci me perdoem!

X

Espectador invisível, assisto há algum tempo aos vossos estudos com uma muito grande alegria! Vossos trabalhos absorvem ainda mais as minhas faculdades intelectuais que não o faziam quando vivo. Vejo, observo, estudo, e hoje que as minhas fibras cerebrais não estão mais obstruídas pela matéria, abri meus olhos espirituais, e posso ver os fluidos que em vão procurei perceber quando vivo.

Pois bem! Se pudésseis ver essa imensa rede, esse emaranhado fluídico, vossos raios visuais seriam de tal modo aniquilados que não perceberíeis senão as trevas. Eu vejo, sinto, ressinto!... e, nessas moléculas fluídicas, átomos impalpáveis, distingo as diferentes forças propulsoras; eu as analiso, delas formo um todo que emprego ainda em benefício dos pobres corpos sofredores; eu reuno, aglomero os fluidos simpáticos, e vou simplesmente, gratuitamente, derramá-los sobre aqueles que deles têm necessidade.

Ah! o estudo dos fluidos é uma bela coisa! E compreenderíeis o quanto todos esses mistérios têm de prêmio para mim, se, como eu, tivésseis consagrado em vão toda a vossa existência para penetrá-los. Graças ao Espiritismo o caos aparente desses conhecimentos foi colocado em ordem; o Espiritismo distinguiu o que é do domínio físico do que pertence ao mundo espiritual; reconheceu duas partes bem distintas no magnetismo; tornou seus efeitos fáceis de se reconhecer, e Deus sabe o que o futuro lhe reserva!

Mas percebo que absorvo todo o vosso tempo em meu benefício, ao passo que outros Espíritos desejam ainda vos falar. Retornarei, pela escrita, continuara vos desenvolver minhas idéias sobre esses estudos dos quais gostava tanto de me entreter quando vivo.

E.QUINEMANT.

Meus caros filhos, o ano social espírita foi frutífero para os vossos estudos, e venho com prazer disto vos testemunhar toda a minha satisfação. Muitos fatos foram analisados,

muitas coisas incompreendidas foram elucidadas, e tocastes certas questões que não tardarão a ser admitidas em princípio. Eu estou, ou antes, nós estamos satisfeitos.

Apesar de todo o ardor empregado até aqui, no vosso meio e por vossos inimigos, contra as vossas boas intenções, a vossa falange foi a mais forte, e, se o mal fez algumas vítimas, é que a lepra já existia nelas; mas já a ferida se cicatriza; os bons entram e os maus se vão; e para os maus que permanecem entre vós, mais tarde o remorso será terrível, porque juntam às suas taras, a da hipocrisia; mas aqueles que são sinceros, aqueles que se juntam a vós hoje, aqueles que trazem o seu devotamento à verdade e o desejo de comunicar a todos, aqueles, eu vo-lo digo, meus filhos, serão muito felizes, porque levarão a felicidade não só para eles, mas para todos aqueles que os escutam. Olhai em vossas fileiras e vereis que os vazios criados pelas defecções são bem depressa preenchidos com vantagem por novas individualidades, e estas gozarão os benefícios que serão o apanágio da geração futura.

Ide, meus filhos! vossos estudos não são ainda senão muito elementares; mas cada dia traz os meios de mais aprofundar, e para isto novos instrumento virão se juntar àqueles que já tendes. Tereis instruções mais extensas, e isto para uma maior glória de Deus e para o maior bem-estar da Humanidade.

Há entre vós vários desses instrumentos que tomarão lugar à vossa mesa, na reabertura; eles não ousam ainda se declarar; mas encorajai-os; conduzi ao vosso lado os tímidos e orgulhosos que crêem fazer melhor que os outros, e veremos então se os tímidos têm medo, e se os orgulhosos não terão que rebaixar as suas pretensões.

SÃO LUÍS.

A epidemia que vem dizimar o mundo em certos momentos, e que convencionaram chamar cólera, fere de novo e com golpes redobrados sobre a Humanidade; seus efeitos são prontos e sua ação rápida. Sem nenhuma advertência o homem passa da vida à morte, e aqueles, mais privilegiados, que poupa sua mão fulminante, permanecem estupefatos, trementes, diante das espantosas conseqüências de um mal desconhecido em suas causas e do qual se ignora completamente o remédio.

O medo se apodera, nesses tristes momentos, daqueles que não consideram senão a ação da morte, sem pensar no além, e que, por este único fato, ficam mais facilmente expostos ao mal; mas como a hora de cada um de nós está marcada, é preciso partir apesar de tudo, se ela soou. A hora está marcada para um bom número de habitantes no universo terrestre; dela partem todos os dias; o flagelo ganha cada vez mais e vai se estender sobre toda *a* superfície do globo.

O mal é desconhecido, e o é talvez mais ainda hoje; porque, em sua constituição própria, se juntam diariamente outros elementos que confundem o saber humano e impedem de encontrar o remédio necessário para deter sua marcha. Os homens, pois, apesar de sua ciência, devem lhe sofrer as conseqüências, e esse flagelo destruidor é muito simplesmente um dos meios pára ativara renovação humanitária, que deve se cumprir.

Mas não vos inquieteis; para vós Espíritas, que sabeis que morrer é renascer, se fordes atingidos e que partis, não ireis para a felicidade? se, ao contrário, fostes poupados, agradecei a Deus por isto, e vos permitirá assim aumentar a soma de vosso sofrimento e pagar mais pela prova.

De um lado como do outro, que a morte vos fira ou que ela vos poupe, não tendes senão a ganhar, ou então não vos digais Espíritas.

Doutor DEMEURE.

Isto é para ele (o médium fala de si mesmo na terceira pessoa). -Vede, vos foi dito que um momento viria onde poderia ver, ouvir, repousar a seu turno. Pois bem! esse momento chegou, para vós e não para os outros; na reentrada não dormirá mais, salvo

alguns casos excepcionais, onde a utilidade se fará sentir; neste momento, ele lamenta, mas quando o souber, dentro em pouco, quando for despertado, ele será bem feliz.....o egoísta!.....No entanto, ele tem ainda muito afazer; aqui

ela, dormirá; raramente felicitará e fustigará com mais freqüência: é a sua tarefa. Orai para que ela lhe seja fácil; para que a sua palavra leve, onde for necessária, a paz, a consolação e a conciliação. Ajudai-o pelo vosso pensamento; em seu retomo, ele porá toda a sua boa vontade em vos secundar, e o fará de todo o coração; mas sustentai-o, porque ele tem grande necessidade. De resto, as circunstâncias excepcionais onde dormirá, talvez não sejam, infelizmente, senão muito freqüentemente motivadas. Enfim, dizei como ele: Que a vontade de Deus seja feita!

MORIN.

ALLANKARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO **NO. 11** **NOVEMBRO 1867**

IMPRESSÕES DE UM MÉDIUM INCONSCIENTE

A PROPÓSITO DO ROMANCE DO FUTURO
Pelo Sr. Eug. Bonnemère.

O Sr. Bonnemère consentiu nos transmitir, sobre o jovem bretão, o qual é assunto no prefácio do interessante livro que publicou sob o título de *Romance do Futuro,* detalhes circunstanciados que completam aqueles que demos a esse respeito na Revista de julho de 1867, página 215. Estas novas informações são do mais alto interesse, e nossos leitores ficarão gratos ao autor, como nós mesmos lhe agradecemos, por tê-los posto à nossa disposição. Nós o faremos seguir de algumas observações.

Senhor,

Um amigo me envia muito tardiamente o número da *Revista Espírita,* no qual dais conta do *Romance do Futuro,* que assinei com o meu nome. Permiti-me vos dar alguns esclarecimentos a respeito de uma passagem desse artigo, onde se encontra esta reflexão: "Nos foi dito que, quando escreveu este livro, o autor não conhecia o Espiritismo; isto parecia difícil, etc."

No entanto, isto é rigorosamente verdadeiro. Eu o confesso com toda sinceridade e humildade, Senhor, tive o erro de não vos oferecer esse volume; jamais fui até a vossa casa; não conhecia mesmo o título da *Revista Espírita,* e a minha biblioteca não possuía nenhuma obra sobre as questões que ali tratam; foi porque chamei meu jovem bretão um extático natural, ao passo que ele é para vós um médium.

Contei, no prefácio *úo Romance do Futuro* em conseqüência daquela aventura estranha, eu que me fiz um historiador na maturidade de minha vida, ia tornar-me um romancista depois de ultrapassar os cinqüenta anos. Os leitores não viram ali senão um desses procedimentos familiares aos autores, para dar algo picante ao seu relato. Atesto sobre a honra que, com exceção de um detalhe que não tem nada com o assunto, e que não é permitido revelar ainda, tudo o que adianto neste prefácio é verdadeiro, e, bem longe de exagerar, eu não digo tudo.

Meu jovem bretão explica, em vinte passagens desses volumosos manuscritos (quase 18.000 páginas) as causas e os efeitos dessa espécie de condenação aos trabalhos forçados que sofre em a maldizendo.

"Cada noite, escreveu em data de 24 de agosto de 1864, eu me deito muito fatigado depois de uma jornada de trabalho; durmo; uma hora depois desperto; estou triste, um crepe negro parece me envolver; fico sem falar, mas não sofro. Alguma coisa de vago está em meu cérebro; é sob esta impressão que meus olhos se fecham, freqüentemente, com lágrimas no coração. Depois, pela manhã, desperto com um mutismo persistente,

quer dizer, com intoleráveis sofrimentos no lado esquerdo e no coração, que não me permitem reencontrar o sono. Sinto um estado de angústia intolerável, que me força a levantar-me. Eu sufoco; há o muito cheio em mim que é preciso derramar. Então, vou ao meu escritório, e lá sou constrangido a trabalhar.

"Quanto mais eu sofro, mais e melhor eu trabalho. Tenho, então, um transbordamento de imaginação extremo. Quando uma obra está composta, e que ela não tem mais necessidade do que ser lançada sobre o papel, invento uma outra, sem procurá-la jamais, e tudo escrevendo mecanicamente aquela que chegou à maturidade.

"Quando devo servir de instrumento a algum de meus amigos desaparecidos, seu nome ressoa em meu ouvido. Quando escrevo, esse nome não me deixa e sinto, mesmo no meio de meus sofrimentos físicos, às vezes agudos, sobretudo no coração, uma espécie de doçura a escrever o que coloca em mim. É como uma inspiração, mas muito involuntária. Todas as fibras de meu ser moral são postas em aviso. Então sinto mais vivamente; parece-me que vibro; todos os ruídos são mais fortes, mais perceptíveis; vejo as vibrações intelectuais e morais ao mesmo tempo.

"Quando estou nesse estado de mutismo, sinto-me como envolvido numa rede que estabelece uma separação entre meu ser intelectual e a massa dos objetos materiais ou de pessoas que me cercam. É um isolamento absoluto em meio da multidão; minha palavra e meu Espírito estão em outra parte. O ser inspirador que vem em mim não me deixa mais; *é uma espécie de penetração íntima dele em mim; sou como uma esponja embebida de seu pensamento.* Eu o pressiono, e dele sai a quintessência de sua inteligência, livre de todas mesquinharias de nossa vida neste mundo.

"Às vezes, mesmo sem mutismo, que eu esteja só ou com outros, pouco importa, converso, rio, apareço na conversa dos outros, e, no entanto, eu trabalho; as idéias se acumulam, mas fugitivas; eu aí sou e aí não sou mais; retorno a mim, e não tenho mais lembrança de nada; mas o estado de mutismo faz reviver as imagens apagadas.

Se for um romance que devo escrever, o título me vem primeiro, os acontecimentos chegam em seguida; algumas vezes, é o trabalho de um ou dois dias para compô-lo inteiro. Tratando-se de coisas mais sérias, o título igualmente me é ditado, depois os pensamentos super abundam, e até mesmo quando pareço mais fortemente distraído. A elaboração se faz em sua hora até o instante em que o muito cheio extravasa sobre o papel.

"Freqüentemente, me ocorre, depois de um longo romance terminado, e quando não tinha nenhuma outra coisa pronta para ser lançada sobre meus cadernos, de sentir essa estranha sensação, como se, em meu cérebro, houvesse um compartimento vazio. Sofro muito mais então; é um estado de fraqueza completo até o momento em que a minha cabeça se enche de outra coisa.

"Geralmente, desde a própria noite, ou na manhã em minha cama, eu combino algum plano novo. Às vezes, no entanto, levanto-me sem pensarem nada do que vou fazer e sem ter nada antes elaborado. Minha vela acesa, coloco-a diante do meu papel. Ouço, então, do lado esquerdo, no ouvido esquerdo, um nome, uma palavra, um assunto de romance em duas ou três palavras. Isto basta; as palavras se sucedem sem interrupção; os acontecimentos vêm se alinhar por si mesmos sob minha pena sem um instante de parada, até que a história esteja terminada. Quando as coisas se passam assim, é que não se trata senão de uma novela muito curta, que será terminada em uma sessão.

"Há, ainda, em meu estado, uma particularidade muito singular, é quando estou inquieto com a saúde de alguém que amo. Isto se torna verdadeiramente para mim uma atroz doença, e creio que sofro mais do que a própria pessoa. Durante alguns instantes, sou tomado na cabeça, no estômago, no coração e nas entranhas, de uma pressão cheia de angústias que vai até uma dor extrema. Vem o momento em que só a cabeça sofre. Então, um nome de remédio, ou vários nomes estão em mim. Eu não quero falar, porque

duvido e temo fazer mal, quando tanto queria aliviar! Mas essas palavras retornam sem cessar; sou vencido, cedo e as digo com esforço, ou as escrevo. Então está acabado, não penso mais nisso, e tudo está apagado."

Não sei se me engano, mas me parece encontrar aí todos os caracteres da *possessão* de outrora, e creio bem que se queimaram outrora muitos possessos que não eram mais feiticeiros do que o meu jovem extático. Evidentemente, ele vive uma vida dupla, da qual ambas não têm nenhuma relação uma com *a* outra. Freqüentemente eu o vi, quando uma das pessoas que se confiavam a ele, vinha lhe dizer que sofria; olhar fixo, pálpebras abertas, a pupila dilatada, ele parecia escutar, procurar. - "Sim, sim!" murmurava, como se repetisse a si mesmo o que uma voz interior lhe dizia. Ele indicava, então, o remédio necessário, conversava um momento sobre a natureza e a causa do mal, depois, pouco a pouco, tudo isto se dissipava, e ele não tinha consciência nem do instante em que o êxtase viera, nem daquele em que havia cessado. Este rápido momento de ausência não existia para ele, e evitava-se de lhe falar dele.

"Eu quero e devo viver na sombra, escreveu em outra parte. Dizem-me: Estais numa sociedade desviada em conseqüência de má direção. O *bem que se faz sem interesse, emanando de uma fonte natural, mas um pouco extraordinária,* parece culpável, ridículo, indiscreto pelo menos. Não é preciso se expor à zombaria, às vezes ao desprezo por uma boa ação. Segundo um velho provérbio: "Falta confessada é pela metade perdoada", pode-se dizer que uma boa ação oculta é pela metade perdoada. É preciso, pois, fazer aos outros o bem sem que disto desconfiem. É a verdadeira caridade, que dá sem esperar que se lhe restitua."

Tudo isto não se realizou sem lutas. Às vezes ele se revolta contra essa obsessão tirânica. Eu o vi resistir, se debater com cólera, depois, domado por uma vontade superior à sua, se pôs a trabalhar.

Ele havia anunciado um grande e longo trabalho sobre a liberdade. Declarava-se incapaz de fazê-lo, e protestava que não o faria. Uma manhã escreveu:

"Não, eu quero lutar ainda hoje. Sinto que a forma não veio ainda muito clara... Quando, pois, me deixarei sem repouso?... Eu estou quebrado!... Ah! chamais isto uma liberdade de pensamento que introduzis em mim! É a servidão de vossos pensamentos que é preciso dizer! Pretendeis que dela tenho hoje o germe, e que é me prestar um imenso serviço desenvolvê-la, acrescentando-lhe o que podeis nela colocar!

"Começarei por esta pergunta já tratada: O que *é a* vida?"

Uma espécie de anúncio de programa a cumprir continuou assim durante dez páginas de sua escrita e tinha escrito em quarenta minutos.

Todas essas coisas, que me pareceram muito estranhas, talvez o serão menos para vós, Senhor. Em suma, tenho fé em seu poder misterioso, porque ele me curou de mais de uma afecção que talvez tivesse embaraçado a Faculdade. Jamais alguém fica doente junto dele sem que escreva a sua pequena receita. Freqüentemente, ele o faz a seu malgrado, sentindo bem que não se dará conta de suas prescrições. Ele terminou um dia, por estas linhas, uma consulta a respeito de uma pessoa doente do peito, da qual pensava-se mal, na sua opinião, e que acreditava poder salvar ainda:

"Eis as coisas que posso dizer. Que se lhe faça o que se julgar conveniente; são minhas observações, eis tudo. Não terei a me censurar de tê-las deixado dormir em mim. Não é preciso fazer nada sem o conselho do médico. Com naturezas como são todos, isto não pode servir senão como indicação. Que disso se não me fale jamais; que se não me agradeça. *Eu não sou um homem, mas uma alma que desperta ao grito do sofrimento, e que não se lembra mais depois que o alívio chegou."*

Quando não tinha doentes sob a mão, ele escrevia remédios gerais para as afecções que a ciência oficial não sabia ainda curar. Que valem essas prescrições? Eu o ignoro. No entanto, o que vi, o que pude experimentar, me leva a crer que elas poderão talvez colocar no caminho de procedimentos curativos novos.

Se o indivíduo que jamais abriu um livro de medicina escreve, sem disto ter consciência, remédios que podem curar, em muitos casos, a maioria dos males declarados hoje incuráveis, parece-me incontestável que estas coisas lhe são reveladas por uma força desconhecida e misteriosa. Em presença de um semelhante fato, a questão me parece nítida. Deve-se aceitar, como demonstrado, que existem sensitivos aos quais é concedido servir de intermediários aos amigos desaparecidos que, não tendo mais órgãos ao serviço de sua vontade, vêm emprestara voz ou a mão desses seres privilegiados, quando querem curar nosso corpo, ou fortalecer nossa alma, esclarecendo-a sobre as coisas que lhes é permitido nos fazer conhecer.

Pode-se arriscar uma experiência *in anima vili,* sobre os bichos-da-seda, por exemplo, que não são quase nada bons senão para serem lançados, eles mesmos, aos vermes da sepultura, quando estão doentes. A questão é grave, e é por centenas de milhões de francos que é preciso contar a perda que nos faz sofrer, cada ano, a doença que os colhe. O resultado a ser obtido vale a pena que se tente essa primeira experiência que, em todos os casos, se ela fracassar, não poderá agravara situação.

Pode-se se ter aqui um mistério, mas afirmo que não há mistificação. Se eu sou mistificado, me restarão sempre os cento e poucos romances e novelas desse romancista sem o saber, cuja publicação vai ocupar agradavelmente os lazeres dos últimos anos de minha existência, e dos quais deixarei a maior parte a outros depois de mim.

Neste inverno eu darei um novo romance de meu jovem extático bretão. No prefácio, transcreverei textualmente tudo o que escrevi sobre a cura dos bichos-da-seda; e mesmo acrescentarei, querendo-se, suas prescrições para prevenir e curar o cólera e as doenças do peito.

Pouco importa o que seria de mim durante alguns dias; mas importa muito que esses segredos, dos quais o acaso me fez depositário, não morram comigo, se contêm alguma coisa de séria, e que se saiba se existem relações possíveis entre as inteligências superiores, do outro lado da vida, e as inteligências dóceis deste; creio que seria muito importante para nós estabelecer as relações cada vez mais continuadas com esses mortos, de boa vontade, que parecem dispostos a nos dar conta de semelhantes serviços.

Aceitai, etc.

E.BONNEMÈRE.

O quadro das impressões desse jovem, traçado por ele mesmo, é tanto mais notável quanto tendo sido escrito na ausência de todo conhecimento Espírita, não pode ser o reflexo de idéias hauridas num estudo qualquer que teria exaltado a sua imaginação. É a impressão espontânea dessas sensações, de onde ressaltam com a última evidência todos os caracteres de uma mediunidade inconsciente: a intervenção de inteligências ocultas ali está expressada sem ambigüidade; a resistência que opõe, mesmo a contrariedade que disso sentem, provam super abundantemente que se age sob o domínio de uma vontade que não é a sua. Esse jovem *é,* pois, um médium em toda a acepção da palavra, e, além disto, dotado de faculdades múltiplas, porque é, ao mesmo tempo, médium escrevente, falante, vidente, mecânico, intuitivo, inspirado, impressionável, sonâmbulo, médico, literato, filósofo, moralista, etc. Mas nos fenômenos expostos, não há nenhum dos caracteres do *êxtase;* é, pois, impropriamente que Sr. Bonnemère o qualifica de extático, porque é precisamente uma das faculdades que lhe faltam. O êxtase é um estado particular bem definido, que não está presente no caso do qual se trata. Ele não parece, não mais, dotado da mediunidade de efeitos físicos, nem da mediunidade curadora.

Há médiuns naturais, como há sonâmbulos naturais, que agem espontaneamente e inconscientemente; nos outros, os fenômenos medianímicos são provocados pela vontade, a faculdade é desenvolvida pelo exercício, como em certos indivíduos o sonambulismo é provocado e desenvolvido pela ação magnética.

Há, pois, os *médiuns inconscientes* e os *médiuns conscientes.* A primeira categoria, à qual pertence o jovem bretão, é a mais numerosa; ela é quase geral, e pode-se dizer, sem exagero, que sobre 100 indivíduos há deles 90 que são dotados dessa aptidão em graus mais ou menos ostensivos; se todos se estudassem, encontrar-se-ia neste gênero de mediunidade, que reveste as aparências mais múltiplas, a razão de uma multidão de efeitos que não se explicam por nenhuma das leis *conhecidas* da matéria.

Esses efeitos, quer sejam materiais ou não, aparentes ou ocultos, por ter essa origem, não são menos naturais por isto; o Espiritismo não admite nada de sobrenatural nem de maravilhoso; segundo ele, tudo entra na ordem das leis da Natureza. Quando a causa de um efeito é desconhecida, é preciso procurá-la no cumprimento dessas leis, e não em sua perturbação provocada por ato de uma vontade qualquer, o que seria o verdadeiro milagre; um homem investido do dom de milagres, teria o poder de suspender o curso das leis que Deus estabeleceu, o que não é admissível. Mas o elemento espiritual sendo uma das forças ativas da Natureza, dá lugar a fenômenos especiais que não parecem sobrenaturais senão porque obstina-se em procurar-lhe a causa unicamente nas leis da matéria. Eis porque os Espíritas não fazem milagres, e jamais tiveram a pretenção de fazê-lo. A qualificação de taumaturgos, que lhes dá crítica por ironia, prova de que ela fala de uma coisa da qual não entende rimeira palavra, uma vez que chama *fazedores de milagres* os mesmos que vêm destruí-los.

Um outro fato ressalta das explicações dadas na carta acima é que *Romance do futuro é* bem uma obra medianímica do jovem bretão, ao se pode senão estar satisfeito com o Sr. Bonnemère por dele ter declinado a paternidade. Pensamentos tão elevados e tão profundos da tinham que pudessem nos espantar de sua parte, foi porque não hesitamos em lhos atribuir, e com isso não teríamos senão maior :ima por seu caráter, e por seu talento de escritor que nos era conhecido; mas eles emprestam um interesse particular pela fonte de de emanam; por estranha que essa fonte pareça, *à* primeira vista, ela da tem de surpreendente para quem conhece o Espiritismo. Fatos deste gênero se vêm freqüentemente, e não há um Espírita esclarecido e deles não tenha perfeita conta, sem recorrer aos milagres.

Atribuindo, pois, a obra ao Sr. Bonnemère, e nela encontrando fatos e pensamentos que parecem emprestados *à* própria Doutrina, nos parece difícil que o autor a ela fosse estranho. Desde que ele afirma o contrário, o cremos sem dificuldade, e achamos na sua própria ignorância a confirmação desse fato muitas vezes repetido nos escri-3, que as idéias Espíritas estão de tal modo na Natureza, que elas germinam fora *do ensino do Espiritismo,* e que uma multidão de isso as é ou se tornam Espíritas sem o saberem e por intuição; não falta *às* suas idéias senão o nome. O Espiritismo é como estas plantas cujas sementes são levadas pelos ventos e que produzem sem cultura; 9 nasce espontaneamente no pensamento, sem estudo preliminar. Que podem, pois, contra ele aqueles que sonham com o seu aniquilamento batendo na cepa mãe?

Assim, eis um médium completo, notável, e um observador que não desconfiam, nem um nem o outro, do que é o Espiritismo, e o observador, por uma dedução lógica daquilo que vê, chega ele mesmo todas as conseqüências do Espiritismo. O que ele constata, de início, que os fatos que tem sob os olhos lhe apresentam, no mesmo indivíduo, uma *dupla vida da qual uma não tem nenhuma relação com a outra.* Evidentemente, essas duas vidas, onde se manifestam pensamentos divergentes, estão submetidas a condições diferentes; ambas não podem proceder da matéria; é a constatação da vida espiritual; é a alma que se vê agir fora do organismo.

Este fenômeno é muito vulgar; produz-se diariamente durante o sono do corpo, nos sonhos, no sonambulismo natural ou provocado, na catalepsia, na letargia, na dupla vista, no êxtase. O princípio inteligente isolado do organismo é um fato capital, porque é a prova de sua individualidade. A existência, a independência *e a* individualidade da alma podem, assim, ser o resultado da observação. Se, durante a vida do corpo, a alma pode agir sem

o concurso dos órgãos materiais, é que ela tem uma existência própria; a extinção da vida corpórea não arrasta, pois, forçosamente, a da vida espiritual. Vê-se por aí onde, de conseqüência em conseqüência, chega-se a uma dedução lógica.

O Sr. Bonnemère não chegou a esse resultado por uma teoria preconcebida, mas pela observação; o Espiritismo não procedeu de outro modo; o estudo dos fatos precedeu a Doutrina, e os princípios não foram formulados, como em todas as ciências de observação, senão *à* medida que foram deduzidos da experiência. O Sr. Bonnemère fez o que todo observador sério pode fazer, porque todos os fenômenos espontâneos que ressaltam do mesmo princípio são numerosos e vulgares; somente o Sr. Bonnemère, não tendo visto senão um ponto, não pôde chegar senão a uma conclusão parcial, ao passo que o Espiritismo, tendo abarcado todo o conjunto desses fenômenos, tão complexos e tão variados, pôde analisá-los, compará-los, controlá-los uns pelos outros, e nisto encontrar a solução de um maior número de problemas.

Uma vez que Espiritismo é um resultado da observação, quem tem olhos de ver, julgamento para raciocinar, paciência e perseverança para ir até o fim, poderá chegara constituir o Espiritismo, do mesmo modo que se poderia reconstituir todas as ciências; mas o trabalho estando feito, é tempo ganho e trabalho poupado. Se fosse preciso recomeçar sem parar, não haveria progresso possível.

Como os fenômenos estão na Natureza, produziram-se em todas as épocas; e precisamente porque eles tocam de maneira mais direta *à* espiritualidade, se encontram misturados a todas as teogonias. O Espiritismo, vindo numa época menos acessível aos preconceitos, esclarecida pelo progresso das ciências naturais que faltaram aos primeiros homens, e por uma razão mais desenvolvidas, pôde observar melhor do que se fazia outrora; ele vem hoje libertar o que é verdadeiro da mistura introduzida pelas crenças supersticiosas, filhas da ignorância.

O Sr. Bonnemère se felicita pelo acaso que lhe colocou nas mãos os documentos fornecidos pelo jovem bretão. O Espiritismo não admite mais o acaso do que o *sobrenatural* nos acontecimentos da vida. O acaso, que por sua natureza é cego, se mostraria, às vezes, singularmente inteligente. Pensamos, pois, que foi intencionalmente que esses documentos caíram em sua posse depois que ele se colocou no estado de constatar-lhe a origem. Nas mãos do jovem, teriam sido perdidos, e, sem dúvida, era o que não deveria ser. Era preciso, pois, que alguém se encarregasse dê tirá-los da obscuridade, e foi, parece, ao Sr. Bonnemère deferida esta missão.

Quanto aos valores destes documentos, julgando-os pelas amostras dos pensamentos contidos no *Romance do futuro,* seguramente, deve neles haver excelentes coisas; todas elas são boas? é uma outra questão. Sob esse aspecto, sua origem não é uma garantia de infalibilidade, tendo em vista que os Espíritos, não sendo senão as almas dos homens, não têm soberana ciência. Sendo seu adiantamento relativo, há-os uns mais esclarecidos do que os outros; se há deles que sabem mais do que os homens, há também homens que sabem mais do certos Espíritos. Até hoje consideravam-se os Espíritos como seres fora da Humanidade, e dotados de faculdades excepcionais; aí está um erro capital que engendrou tantas superstições e que o Espiritismo veio retificar. Os Espíritos fazem parte da Humanidade, e até que tenham atingido o ponto culminante da perfeição para a qual gravitam, estão sujeitos a se enganarem. É porque não se deve jamais se desinteressar de seu livre-arbítrio e de seu julgamento, mesmo com respeito àquilo que vem do mundo dos Espíritos; não é preciso aceitar jamais nada de olhos fechados, e sem o controle severo da lógica. Sem nada pre julgar sobre os documentos em questão, poder-se-ia, pois, que ali tivesse do bom e do mau, do verdadeiro e do falso, e que, em conseqüência, deveria ser feita uma escolha judiciosa para a qual os princípios da Doutrina podem fornecer úteis indicações.

Entre esses princípios, há um que importa não perder de vista, é o objetivo providencial da manifestação dos Espíritos. Eles vêm para testarem a sua existência e

provar ao homem que tudo não acaba para ele com a vida corpórea; eles vêm instruí-lo sobre a sua condição futura, excitá-lo a adquirir o que é útil ao seu futuro e o que pode levar, quer dizer, as qualidades morais, mas não para lhe dar os meios de se enriquecer. O cuidado de sua fortuna e da melhoria de seu bem-estar material deve ser o fato de sua própria inteligência, de sua atividade, de seu trabalho e de suas pesquisas. Se isto fosse de outro modo, o preguiçoso e o ignorante poderiam se enriquecer sem dificuldade, uma vez que bastaria se dirigir aos Espíritos para obter uma invenção lucrativa, fazer descobrir tesouros, ganhar na bolsa ou na loteria; também todas as esperanças de fortuna fundadas sobre o concurso dos Espíritos fracassaram deploravelmente.

O que nos inspira algumas dúvidas sobre a eficácia dos bichos-da-seda, procedimento que teria por efeito fazer ganhar milhões, e de acreditara idéia de que os Espíritos podem dar meios de enriquecer, idéia que perverteria a própria essência do Espiritismo. Seria, pois, imprudente de se criar quimeras a esse respeito, porque poderia isso ser como certas receitas que deveriam fazer correr fonte de riquezas em certas mãos, e que não chegaram senão a ridículas mistificações. Essa não é, no entanto, uma razão ocultar o procedimento, e para negligenciá-lo; se o sucesso deve ter um resultado mais importante mais sério do que a fortuna, pode-se que uma semelhante revelação seja permitida. Mas, na incerteza, é bom não se embalar de esperanças que poderiam ser frustradas. Aprovamos, pois, o projeto do Sr. Bonnemère de publicar as receitas que foram dadas ao seu jovem bretão, porque, entre elas, podem-se encontrar receitas úteis, sobretudo para as doenças.

O CURA GASSNER
MÉDIUM CURADOR

No jornal a *Exposition populaire illustrée,* 24° número, encontramos num artigo intitulado: *Correspondência sobre os taumaturgos,* uma interessante notícia sobre o cura Gassner, quase tanto conhecido, em seu tempo, quanto o príncipe Hohenlohe por seu poder curador.

"Gassner(Jean-Joseph) nasceu em 20 de agosto de 1727, em Bratz perto de Bludens (Souabe); fez seus primeiros estudos em Inspruck e em Prague, recebeu as ordens eclesiásticas e foi provido, em 1758, da paróquia de Kloesterle, na região dos Grisons.

"Depois de quinze anos de uma vida solitária, revelou-se ao mundo como dotado de uma força excepcional, a de curar todas as doenças pela simples aposição das mãos, e isto sem empregar nenhum remédio, e sem exigir nenhuma retribuição. Os doentes afluíram logo de todas as partes, e em tão grande número que, para se colocar mais ao alcance de socorrê-los, Gassner solicitou e obteve a permissão de se ausentar de sua paróquia, e foi sucessivamente a Wolfegg, a Wein-garten, a Ravensperg, a Detland, a Kirchberg, a Morspurg e Constan-ce. Os infelizes lhe faziam cortejo; o corpo médico se levantou contra ele. Uns proclamavam as curas maravilhosas, outros as contestavam. "O bispo de Constance o constrangeu a um inquérito feito pelo diretor do seminário. Gassner declarou não ter jamais tido o pensamento de fazer milagres e que se limitou a aplicar o poder que a *ordenação confere* a iodos os padres de *exorcizar, em nome de Jesus Cristo, os demônios que são uma das causas mais freqüentes de nossas doenças.* Ele declarou dividir todas as doenças naturais ou lesões, em doenças de obsessões e em doenças complicadas de obsessões. Ele estava, dizia, sem poder sobre as primeiras e fracassava sobre a da terceira categoria, quando a doença natural era superiora doença de obsessão.

"O bispo não ficou convencido e ordenou a Gassner de reentrar em sua paróquia, mas logo depois o autorizou a continuar seus exorcismos; o cura apressou-se em

aproveitar a autorização e surpreendeu os habitantes de d'Elwangen, de Sulzbach e de Ratisbonne, por uma multidão imensa de doentes que a sua fama atraiu da Suíça, da Alemanha e da França. O duque de Wurtemberg se declarou abertamente seu admirador e seu protetor; seus sucessos lhe atraíam poderosos adversários. O célebre Haen e o autor Sterzingen o atacaram com perseverança e paixão; vários bispos prestaram seu apoio ao fogoso autor e lhe foi interditado exorcizar em suas dioceses. Enfim, Joseph 11 pronunciou uma decisão que ordenava a Gassner para deixar Ratisbonne; mas, por força da proteção do príncipe bispo daquela cidade, que lhe havia conferido o título de conselheiro eclesiástico, com o cargo de capelão da corte, ele perseverou; essa resistência se prolongou até 1777, época na qual Gassnerfoi provido da paróquia de Bondorf, onde se retirou e morreu em 4 de abril de 1779, com a idade de 52 anos.

Nota.- O Espiritismo protesta contra a qualificação de *taumaturgos* dada aos curadores, pela razão de que ele não admite que nada se faça fora das leis naturais. Os fenômenos que pertencem à ordem dos fatos espirituais não são mais miraculosos do que os fatos materiais, tendo em vista que o elemento espiritual é uma das forças da Natureza, tão bem quanto o elemento material. O cura Gassner não fazia, pois, mais milagres do que o príncipe de Hohenlohe e do que o zuavo Jacob, e podem-se ver singulares aproximações entre o que se passava então, a esse respeito, e o que se passa hoje.

OS PRESSENTIMENTOS E OS PROGNÓSTICOS.

Emprestamos ao mesmo artigo do jornal pré-citado os fatos adiante que acompanham a notícia sobre o cura Gassner, porque o Espiritismo pode tirar disto um útil assunto de instrução. O autor do artigo os faz seguir de reflexões dignas de nota neste tempo de ceticismo a respeito das causas extra materiais.

"Gassner havia desfrutado de um grande favor junto da imperatriz Marie-Thérèse, e freqüentemente o consultavam, dando crédito às suas inspirações. Conta-se (veras Memórias da Sra. Campan) que na época em que a idéia havia sido concebida de unir a filha de Marie-Thérès e ao filhinho de Louis XV, a grande imperatriz fez vir Gassner e lhe perguntou: "Minha ANTOINETTE deverá ser feliz?"

"Gassner, depois de refletir longo tempo, empalideceu estranhamente e persistiu em guardar o silêncio.

"Pressionado de novo pela imperatriz e procurando, então, dar uma expressão geral à idéia da qual parecia muito ocupado: *Senhora,* respondeu ele, *há cruz para todos os ombros.*

"O casamento teve lugar em 16 de maio de 1770; o delfim e Marie-Antoinette receberam a bênção nupcial na capela de Versailles (Marie-Antoniette tinha chegado a Compiègne em 14); três horas depois do meio-dia o céu se cobriu de nuvens, torrentes de chuva inundaram Versailles; o acontecimento imprevisto repercutiu, e a multidão de curiosos que enchia o jardim foi obrigada a se retirar.

"A chegada de Marie-Antoinette no palácio dos reis da França (lemos na *vida pública e privada de LouisXVI,* pelo Sr. A*** e de Salex; Paris, 1814, p.340), foi assinalada por um desses prognósticos do qual não se lembra comumente senão quando se os vê realizar na seqüência dos tempos.

"No momento em que essa princesa, entrando pela primeira vez nas cortes do castelo de Versailles, pôs o pé no pátio de mármore, um violento acontecimento imprevisto abalou o castelo: *Presságio de infelicidade!* exclamou o marechal de Richelieu.

"A noite foi triste na cidade, e as iluminações não puderam produzir nenhum efeito.

"Acrescentai a isso o terrível acidente ocorrido em 30 de maio na rua Royale, no dia da festa que deu na praça Louis XV na cidade de Paris pelo casamento do Delfim e da

Delfina. ANQUETIL leva a 300 o número de mortos na praça, e a 1.200 o número daqueles que sucumbiram nos hospitais ou no domicílio poucos dias depois, ou bem que ficaram estropiados.

"Em 1757 (veros *Cartazes* de Tours, 25°ano, n° 14.-quinta-feira, de abril de 1792), a senhora de Pompadour fez vir diante de Louis XV um astrólogo que, depois de ter calculado seu tema de nascimento, disse-lhe: "Senhor, vosso reino é celebre pelos grandes acontecimentos, aquele que o seguirá, o será por grandes desastres."

"No dia da morte de Louis XV houve em Versailles uma tempestade horrível.

"Que acúmulo de prognósticos!

"Durante 8 anos o leito da rainha foi estéril. - Em 19 de dezembro de 1778 nasceu uma filha, Marie-Thérèse-Charlotte (mais tarde chamada pelo título de seu esposo, senhora Dauphine, duquesa de Angoulême). Ainda três anos e em 22 de outubro de 1781, Marie-Antoinette deu um herdeiro à coroa. A cidade de Paris vota, nessa ocasião, à rainha, uma festa na qual fez ostentar a mais suntuosa munificência.

"Essa festa teve lugar em 21 *de janeiro* de 1782. *Onze* anos mais tarde a comuna de Paris deu ao povo o ESPETÁCULO DA MORTE DO REI. A rainha estava prisioneira esperando que a visão de Gassner se cumprissem.

"Uma vez que tocamos nessas questões ardentes, escutai ainda as revelações da Sra. Campan. - Estava-se em maio de 1789; os dias 4 e 5 tinham diversamente impressionado os espíritos; quatro velas clareavam o gabinete da rainha, que contava alguns acidentes notáveis que tinham acontecido durante o curso do dia. -"Uma vela se apagou por si mesma; eu a reacendi, disse a senhora Campan; logo a segunda, depois a terceira, se apagaram também; então a rainha, apertando-lhe a mão com movimento de pavor, lhe disse: "A infelicidade pode fazer supersticiosa; se essa quarta vela se apagar como as outras, nada poderá me impedir de considerar esse sinal como um sinistro presságio..." A quarta vela se apagou!!!

"Poucas noites antes, a rainha tinha, dizia ela, tido um sonho *medonho* do qual ela ficou profundamente afetada.

"Sem dúvida, os espíritos fortes riem de todos esses prognósticos, de todas essas profecias, desse dom de visão anterior. Não crêem nisso ou fingem nisso não crerem! Mas, por que, em todas as épocas, houve personagens de algum valor, de alguma importância, que, *sem nenhum interesse qualquer,* afirmaram fatos desse gênero, que declararam absolutos, positivos.

"Citemos alguns exemplos:

"Théodore-Agrippa d'Aubigné, avô da Sra. de MAINTENON, relata em suas Memórias tertido ao seu serviço, em Poitou, um surdo-mudo de nascença DOTADO DO DOM DA ADIVINHAÇÃO. "Um dia, dizela, as filhas da casa tinham perguntado quantos anos o rei (Henri IV) viveria ainda, o tempo e as circunstâncias de sua morte, ele lhes marcou três anos e meio, e designou a cidade, a rua e a carruagem com os dois golpes de faca que ele receberia no coração."

"Algumas palavras ainda sobre esse mesmo Henri IV.

"Que julgamento faremos sobre os negros pressentimentos, que não foram muito constantes, que esse infeliz príncipe teve de seu cruel destino?- disse Sully, em suas Memórias, liv. XXVII.- São de uma singularidade que tem alguma coisa de assustador; já relatei com que repugnância ele se deixou levar a permitir que a cerimônia de coroação da rainha se fizesse antes da sua partida; quanto mais via lhe aproximar o momento, mais sentia o pavor e o horror redobrar em seu coração; ele vinha se abrir inteiramente a mim, nesse estado de amargura e de abatimento, dos quais eu o tomava como de uma fraqueza imperdoável. Estas próprias palavras farão uma toda outra impressão, tudo o que eu poderia dizer: - *"Ah! meu amigo,* dizia-me, *que essa sagração me desagrada; não sei o que é, mas o coração me diz que me chegará alguma infelicidade."* Ele sentava-se,

dizendo-me estas palavras, sobre uma cadeira baixa, que mandei fazer de propósito para ele, e, entregue a todos os negrumes de suas idéias, ele batia os dedos sobre o estojo de seus óculos, sonhando profundamente.

"Se saía desse devaneio, era para se levantar bruscamente batendo as mãos sobre suas coxas e para exclamar: *"Por Deus, eu morrerei nesta cidade, dela não sairei jamais; eles me matarão; vejo bem e colocam seu último recurso em minha morte. Ah! maldita sagração, tu serás causa de minha morte!*

" Meu Deus, senhor, disse-lhe um dia, a que idéia vos entregais ali? Se ela continuar, sou de opinião que suspendais essa sagração, e coroação, e guerra; vós o quereis? Isto será feito logo.

"-Sim, disse-me ele, enfim, depois que lhe fiz este discurso duas ou três vezes; *sim, canceleis essa sagração, e que dela não se ouça mais falar; terei por esse meio curado o espírito das impressões que alguns avisos lhe fizeram; sairei desta cidade e não temerei mais nada."*

"A que sinal se reconheceria esse grito secreto e imperioso do coração desconhecendo-se a estes: *"Eu não quero vos* ocultar, disse-me ainda, que *foi dito que eu deveria ser morto na primeira magnificência que eu fizesse e que eu morreria numa carruagem, eéo que faz que eu seja tão medroso."*

- Não me tínheis, isto me parece, jamais dito isso, senhor, respondi-lhe; várias vezes me admirei, em vos ouvindo gritar numa carruagem, de vos ver tão sensível a um pequeno perigo, depois de vos ter visto tantas vezes no meio de tiros de canhão e de mosquete, e entre as lanças e espadas nuas; mas, uma vez que essa opinião vos perturba até esse ponto, em vosso lugar, senhor, eu partiria já amanhã: deixaria fazer a sagração sem vós, ou eu a remeteria para uma outra vez, e por muito tempo não reentraria em Paris, nem numa carruagem; quereis que eu envie tudo, nesta hora, a Notre-Dame e a Saint-Denis, fazer tudo cessar e dispensar os operários?

"-Eu muito o <7ue/"o,disse-me ainda o príncipe, mas *que dirá minha mulher? porque ela tem na cabeça essa maravilhosa sagração.*

"- Ela dirá o que quiser, retomei, vendo o quanto minha proposta havia agradado ao rei. Mas eu não poderia crer que, quando ela soubesse que a inquietação em que estais deve ser a causa de tanto mal, ela nisso não perseveraria mais."

Eu não esperei outra ordem para dar a de interromper os preparativos da coroação; não é senão com verdadeiro pesar que me vejo obrigado a dizer que, qualquer esforço que eu faça, não posso jamais convidar a rainha a dar essa satisfação ao seu esposo.

Eu silenciei quanto às solicitações, às preces, e às contestações que empreguei durante três dias inteiros para tratar de comovê-la; cabia ao príncipe ceder. Mas Henri retornou mais fortemente às suas primeiras apreensões, que ele me expressava comumente por estas palavras que freqüentemente tinha à boca: *-Ah! meu amigo, jamais sairei desta cidade; eles me matarão aqui. Ó maldita sagração, tu serás a causa de minha morte!"*

"A sagração se fez em Saint-Denis na quinta-feira, 13 de maio, e a rainha deveria, no domingo, dia 16 do mesmo mês, fazer sua entrada em Paris.

"No dia 14, o rei quis visitar a Sully, visita que lhe havia anunciado no sábado, 15, de manhã; ele tomou sua carruagem e saiu, modificando várias vezes seu itinerário em caminho, etc., etc.

"Péréfixe, seu historiador, faz observar que "o céu e a terra não tinham dado senão muitos prognósticos daquilo que lhe aconteceu."

O BISPO DE RODEZ coloca entre esses prognósticos *um eclipse do sol, o aparecimento de um terrível cometa, tremores de terra, monstros nascidos em diversas regiões da França, chuvas de sangue que caíram em alguns lugares, uma grande peste que havia afligido Paris em 1606, aparições de fantasmas e vários outros prodígios (*ver a

História de Henri o Grande, por Hardouin de Péréfixe, bispo de Rhodez, *Vida do duque de Epernon, Mercúrio francês,* Mathieu, l'Estoile, etc.)

"Detenhamo-nos! escreveremos um volume, os volumes, tanto os fatos são abundantes. Mas é, pois, tão necessário ter recursos nos relatos dos outros? Que cada um questione a si mesmo; que cada um deles apele às suas próprias lembranças e se responda com lealdade e franqueza e cada um dirá: *Há em mim um desconhecido que somos nós, que ao mesmo tempo comanda minha matéria e lhe obedece.* -Esse desconhecido, espírito, alma, que é ele? como ele é? porque ele é? Mistério; série de mistérios; inexplicável mistério. Como tudo na Natureza, no organismo, na vida, a vida e a morte não são dois impenetráveis mistérios? O sono, esse ensaio da morte, não é um inexplicável mistério? A assimilação dos alimentos, que se nos tornam: inexplicável, incompreensível mistério[1] A geração: misteriosa obscuridade! Essa obediência passiva de meus dedos que traçam essas linhas e obedecem à minha vontade: trevas das quais só Deus sonda as profundezas e que se iluminam, por si só, da luz da verdade!

"Baixai a cabeça, filhos da ignorância e da dúvida; humilhai essa orgulhosa que chamais a razão; livres pensadores, sofrei a dependência que estreita a vossa inteligência; dobrai o joelho: só Deus sabe!"

Nesses fatos há duas coisas bem distintas a considerar: os pressentimentos e os fenômenos considerados como os prognósticos de acontecimentos futuros.

Não se poderia negar os pressentimentos dos quais poucas pessoas não tenham tido exemplos. É desses fenômenos dos quais só a matéria é impotente para dar a explicação, porque se a matéria não pensa, ela não pode, não mais, pressentir. É assim quer o materialismo se choca a cada passo contra as coisas mais vulgares que vêm desmenti--lo.

Para ser advertido, de maneira oculta, do que se passa ao longe e cujo conhecimento não podemos ter senão num futuro mais ou menos próximo pelos meios comuns, é preciso que alguma coisa se desembarace de vós, veja e ouça o que não podemos perceber pelos olhos e pelos ouvidos, para dela reportar a intuição ao nosso cérebro. Essa alguma coisa deve ser inteligente, uma vez que compreende, e que, freqüentemente, de um fato atual prevê as conseqüências futuras; é assim que temos, às vezes o pressentimento do futuro. Essa alguma coisa não é outra do que nós mesmos, nosso ser espiritual, que não está confinado no corpo como um pássaro numa gaiola, mas que, semelhante a um balão cativo, se afasta momentaneamente da terra, sem deixar de a ela estar ligado.

É sobretudo nesses momentos em que o corpo repousa, durante o sono, e o Espírito, aproveitando o repouso, que ele deixa o cuidado de seu envoltório, recobra em parte a sua liberdade e vai haurir, no espaço, entre outros Espíritos, encarnados como ele ou desencarnados, e naquilo que vê, as idéias das quais traz a intuição ao despertar.

Essa emancipação da alma, freqüentemente, tem lugar no estado de vigília, nos momentos de absorção, de meditação e de devaneio, onde a alma parece não estar mais preocupada com a Terra; sobretudo, ela ocorre, de maneira mais efetiva e mais ostensiva, nas pessoas dotadas do que se chama *dupla vista* ou *visão espiritual.*

Ao lado das intuições pessoais do Espírito, é preciso colocar as que lhe são sugeridas por outros Espíritos, seja durante a vigília, seja durante o sono, pela transmissão do pensamento de alma a alma. É assim que, freqüentemente, se é advertido de um perigo, solicitado para tomar tal ou tal direção, sem por isto que o Espírito deixe de ter seu livre-arbítrio. São conselhos, e não ordens, porque ele permanece sempre senhor para agir à sua vontade.

Os pressentimentos têm, pois, sua razão de ser, e acham a sua explicação natural na vida espiritual, da qual não deixamos um instante de viver, porque é a vida normal.

Não ocorre o mesmo com os fenômenos físicos considerados como prognósticos de acontecimentos felizes ou infelizes. Esses fenômenos, em geral, não têm nenhuma

ligação com as coisas que parecem pressagiar. Eles podem ser os precursores de efeitos físicos que lhes são a conseqüência, como um ponto negro no horizonte pode pressagiar, ao marinheiro, a tempestade, ou certas nuvens anunciarem o granizo, mas o significado desses fenômenos para as coisas de ordem moral deve ser alinhado entre as crenças supersticiosas que não se poderia combater com mais energia.

Essa crença, que não repousa absolutamente sobre nada de racional, faz que, quando um acontecimento chegue, lembre-se de algum fenômeno que o precedeu, e ao qual o espírito tocado o prende, sem se inquietar com a impossibilidade de relações que não existem senão na imaginação. Não se pensa que os mesmos fenômenos se repetem diariamente sem que disso resulte nada de deplorável, e que os mesmos acontecimentos chegam, a cada instante, sem serem precedidos de nenhum pretenso sinal precursor. Tratando-se de acontecimentos que tocam aos interesses gerais, os narradores crédulos, ou mais freqüentemente, *oficiosos,* para exaltar-lhes a importância aos olhos da posteridade, ampliam nos prognósticos que se esforçam de tornar mais sinistros e mais terríveis, ajuntando-lhes pretensas perturbações da Natureza, cujos tremores de terra e os eclipses são acessórios obrigatórios, assim como o faz o bispo de Rodez a propósito da morte de Henri IV. Esses relatos fantásticos, que, freqüentemente, têm sua fonte nos interesses dos partidos, foram aceitos sem exame pela credulidade popular que viu, ou à qual queria fazer ver, milagres nesses fenômenos estranhos.

Quanto aos acontecimentos vulgares, o homem é, o mais freqüentemente, ele próprio a sua causa primeira; não querendo confessar as suas próprias fraquezas, procura uma desculpa colocando por conta da Natureza as vicissitudes que são quase sempre o resultado de sua imprevidência e de sua imperícia. É em suas paixões, em seus defeitos pessoais que é preciso procurar os verdadeiros prognósticos de suas misérias, e não na Natureza, que não se desvia da rota que Deus lhe traçou de toda a eternidade.

O Espiritismo, explicando por uma lei natural a verdadeira causa dos pressentimentos, demostra, por isto mesmo, o que há de absurdo na crença nos prognósticos. Longe de acreditar a superstição, tira-lhe seu último refúgio: o sobrenatural.

OZUAVO JACOB

(Segundo artigo, ver o número de outubro).

O Sr. Jacob é um charlatão? Seu desinteresse pessoal é um fato constante, e pode ser um daqueles que mais desorientaram a crítica. Como acusar de charlatanismo um homem que não pede nada e que não quer nada, mesmo agradecimentos?

Qual seria, pois, seu móvel? O amor-próprio, diz-se. O desinteresse moral absoluto, sendo o sublime da abnegação, seria preciso ter a virtude dos anjos para não sentir uma certa satisfação quando se vê a multidão se pressionar subitamente ao seu redor, quando na véspera se era desconhecido. Ora, como o Sr. Jacob não tem as pretensões de ser um anjo, isto supondo-lhe, o que ignoramos, que seja um pouco exaltada sua importância aos seus próprios olhos, não se poderia disto lhe fazer um grande crime, e isto não destruiria os fatos se os há. Gostamos de crer que aqueles que lhe imputam esses defeitos estão muito acima das coisas terrestres para ver, sob esse aspecto, a menor censura a se fazer. Mas, em todos os casos, esse sentimento não poderia ser senão *consecutivo* e não preconcebido. Se o Sr. Jacob tivesse premeditado o desejo de se popularizar, dando-se por curador emérito sem poder provar outra coisa que a sua impossibilidade, em lugar do aplauso, não teria recolhido, desde o primeiro dia, senão vaias, o que não teria sido muito lisonjeiro para ele. Para se orgulhar de alguma coisa é preciso uma causa preexistente; seria preciso, pois, que ele curasse antes de lhe tirar vaidade.

Ele queria, acrescenta-se, fazer falar dele, seja; se tal foi seu objetivo, é preciso convir que, graças à imprensa, ele foi servido a gosto. Mas qual é o jornal que pode dizer que o Sr. Jacob haja querido procurar a menor propaganda, o menor artigo, que haja pago uma única linha? Ele foi ver um único jornalista? Não, foram os jornalista que foram a ele, e que não puderam vê-lo sempre facilmente. A imprensa falou espontaneamente dele quando ela viu a multidão, e a multidão não veio senão quando houver os fatos. Ele fez sua corte aos grandes personagens? Ele se se mostrou para eles mas acessível, mais amável? Todo o mundo sabe que ele levou, sob esse aspecto, o rigorismo até o excesso. Seu amor-próprio, no entanto, teria encontrado mais elementos de satisfação no grande mundo, do que entre os obscuros indigentes. É preciso, pois, afastar qualquer imputação de intriga e de charlatanismo.

Ele cura todas as doenças? Não só não as cura todas, mas de dois indivíduos atingidos do mesmo mal, freqüentemente, ele curará um e não fará nada no outro. Ele não sabe antecipadamente se curará um doente, eis porque jamais promete; ora sabe-se que os charlatães não são avaros de promessas. Acura prende-se à afinidades fluídicas que se manifestam instantaneamente, como um abalo elétrico, e que não podem ser pre julgados.

Ele é dotado de um poder sobrenatural? Somos - nós retornamos ao tempo dos milagres? Interrogai-o, e ele vos responderá que não há nessas curas nada de sobrenatural nem de miraculoso; que ele está dotado de uma força fluídica independente de sua vontade, que se manifesta com mais ou menos energia, segundo as circunstâncias e o meio onde se encontrem; que o fluido que emite cura certas doenças em certas pessoas, sem que saiba nem porquê, nem como.

Quanto àqueles que pretendem que essa faculdade seja um presente do diabo, pode-se responder que, uma vez que não se exerce senão para o bem, é preciso admitir que o diabo tem bons momentos dos quais se faz bem aproveitar. Pode-se, também, lhe perguntar que diferença há entre as curas do príncipe de Hohenlohe e as do zuavo Jacob, porque umas são reputadas santas e miraculosas, e as outras diabólicas? Passemos sobre esta questão que não pode ser tomada a sério nestes tempos.

A questão do charlatanismo prejudica todas as outras, é porque nela insistimos; esta questão estando afastada, vejamos que conclusões se podem tirar da observação.

O Sr. Jacob curou instantaneamente doentes reputados incuráveis, é um fato positivo. A questão do número dos doentes curados é aqui secundária; que deles não houvesse senão um em cem, o fato não subsistiria menos, por isso; ora, esse fato tem uma causa.

A faculdade curadora levada a esse grau de poder, achando-se num soldado que, por homem honesto que seja, não tem nem o caráter, nem os hábitos, nem a linguagem, nem as maneiras dos santos; exercida fora de toda forma ou aparelho místico, nas condições mais vulgares e mais prosaicas; aliás, encontrando-se em diferentes graus numa multidão de outras pessoas, entre os heréticos como entre os Muçulmanos, os Indus, os Budistas, etc., exclui a idéia de milagres no sentido litúrgico da palavra. É, pois, uma faculdade inerente ao indivíduo; e, uma vez que ela não é um fato isolado, é que ela depende de uma lei como todo efeito natural.

Acura é obtida sem o emprego de nenhum medicamento, portanto, ela é devida a uma influência oculta; e tendo em vista que se trata de um resultado efetivo, material, e que nada pode produzir alguma coisa, é preciso que essa influência seja alguma coisa de material; isso não pode, pois, ser senão um fluido material, embora impalpável e invisível. O Sr. Jacob não tocando o doente, não fazendo mesmo nenhum passe magnético, o fluido não pode ter por motor e propulsor senão a vontade; ora, a vontade não sendo um atributo da matéria, não pode emanar senão do espírito; é, pois, o fluido que age sem o impulso do espírito. A maioria dos doenças curadas por esse meio sendo daquelas contra as quais a ciência é impotente, há, pois, agentes curativos mais poderosos do que

aqueles da medicina comum; esses fenômenos são, conseqüentemente, a revelação de leis desconhecidas da ciência; em presença de fatos patentes é mais prudente duvidar do que negar. Tais são as conclusões às quais chega forçosamente todo observador imparcial.

Qual é a natureza desse fluido? É da eletricidade ou do magnetismo? Provavelmente, há de um e de outro, e talvez alguma coisa a mais; em todos os casos, deles é uma modificação, uma vez que os efeitos são diferentes. A ação magnética é evidente embora mais poderosa do que *a* do magnetismo comum, do qual esses fatos são a confirmação, e ao mesmo tempo a prova, de que não disse a sua última palavra.

Não entra no quadro desse artigo explicar o modo de ação desse agente curativo, já descrito na teoria da mediunidade curadora; basta ter demostrado que o exame dos fatos leva a reconhecer a existência de um princípio novo, e que este princípio, por estranhos que sejam os efeitos, não sai do domínio das leis naturais.

Nos fatos concernentes ao Sr. Jacob, por assim dizer, ele não fez menção do Espiritismo, ao passo que toda atenção se concentrou sobre o magnetismo; isto tinha sua razão de ser e sua utilidade. Se bem que o concurso de Espíritos desencarnados nessas espécies de fenômenos seja uma fato constatado, sua ação não é aqui evidente, é porque disso fazemos abstração. Pouco importa que os fatos sejam explicados com ou sem a intervenção de Espíritos estranhos; o magnetismo e o Espiritismo se dão a mão; são duas partes de um mesmo todo, dois ramos de uma mesma ciência que se completam e se explicam um pelo outro. Acreditar o magnetismo é abrir o caminho ao Espiritismo, e reciprocamente.

A crítica não tem poupado o Sr. Jacob; na falta de boas razões, ela lhe tem, como de hábito, prodigalizado a zombaria e as injúrias grosseiras, da qual não se emociona de modo nenhum; ele desprezou uns e outros, e as pessoas sensatas lhe ficaram gratas por sua moderação. Alguns foram até solicitar sua prisão como impostor abusando da credulidade pública: mas um impostor é aquele que promete e não tem; ora, como o Sr. Jacob jamais prometeu nada, ninguém pode se lamentar de ter sido enganado. Que se poderia lhe censurar? Em que estava em contravenção legal? Ele não exercia a medicina, nem mesmo ostensivamente o magnetismo. Qual é a lei que proíbe curar as pessoas em as olhando?

Fizeram-lhe uma queixa de que a multidão de doentes que vinha a ele dificultava a circulação; mas foi ele que chamou a multidão? Convocou-a com anúncios? Qual é o médico que se lamentaria se tivesse uma semelhante à sua porta? E se um deles tivesse essa boa fortuna, mesmo ao preço de anúncios caramente pagos, que se diria querendo-se inquietá-lo por este fato? Foi dito que houve mil e quinhentas pessoas por dia durante um mês, isto faz quarenta e cinco mil doentes que se apresentaram, e que nessa conta, se os tivesse curado, não deveria mais deles haver coxos nem estropiados nas ruas de Paris. Seria supérfluo revelar essa singular objeção, mas diremos que quanto mais aumenta o número dos doentes que, curados ou não, se pressionam no beco na rua da Roquette, mais se prova o quanto *é* grande o número daqueles que a medicina não pode curar, porque *é* evidente que, se esses doentes tivessem sido curados pelos médicos, eles não teriam vindo ao Sr. Jacob.

Como, apesar das negações, havia fatos patentes de curas extraordinárias, quiseram explicá-las dizendo que o Sr. Jacob agia, pela própria rudeza de suas palavras, sobre a imaginação dos doentes; seja, mas, então, se reconheceis à influência da imaginação um tal poder sobre as paralisias, as epilepsias, os membros anquilosados, porque não empregais esse meio, em lugar de deixar sofrer tantos infelizes e enfermos, ou de lhes dar drogas que sabeis inúteis?

A prova, foi dito, de que o Sr. Jacob não tinha o poder que se atribuía, foi que se recusou ir curar num hospital sob os olhos de pessoas competentes para apreciara realidade das curas.

Duas razões deveram motivar essa recusa. Primeiro não se podia dissimular que a oferta que lhe era feita não era ditada pela simpatia, mas um desafio que se lhe propunha. Se, numa sala de trinta doentes, se não tivesse posto de pé ou aliviado senão três ou quatro, não teria faltado de dizer que isso não provava nada e que havia fracassado.

Em segundo lugar, é levar em conta as circunstâncias que podem favorecer ou paralisar sua ação fluídica. Quando está cercado de doentes, que vêm a ele voluntariamente, a confiança que ele dá os predispõem. Não admitindo nenhum estranho atraído pela curiosidade, encontra-se num meio simpático que predispõe a ele mesmo; está tudo para ele; seu espírito se concentra livremente, e sua ação tem toda a sua força. Numa sala de hospital, desconhecido dos doentes habituados aos cuidados de seus médicos, dos quais seria suspeitar da habilidade tendo fé em outra coisa do que em sua medicação, sob os olhares inquisidores e zombadores de pessoas prevenidas, interessadas em denegri-lo; que em lugar de secundá-lo pelo concurso de intenções benevolentes, suspeitando mais que não desejavam vê-lo ter sucesso, porque o sucesso de um zuavo ignorante seria um desmentido dado ao seu saber, é evidente que, sob o império dessas impressões e desses eflúvios antipáticos, sua faculdade se encontraria neutralizada. O erro desses senhores, nisto como quando se trata do sonambulismo, sempre foi o de crer que essas espécies de fenômenos se manobram à vontade, como uma pilha elétrica.

As curas desse gênero são espontâneas, imprevistas e não podem ser premeditadas, nem postas em concurso. Acrescentamos a isto que o poder curador não é permanente; quem o possui hoje, pode vê-lo cessar no momento em que menos espera; essas intermitências provam que ele depende de uma causa independente da vontade do curador, e frustam os cálculos do charlatanismo.

Nota. O Sr. Jacob não retomou ainda o curso de suas curas; nós disto ignoramos o motivo, e parece que não há nada fixado sobre a época em que as recomeçará, se isto deve ocorrer. À espera, informamos que a mediunidade curadora se propaga em diferentes localidades, com aptidões diversas.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A RAZÃO DO ESPIRITISMO

POR MICHEL BONNAMY (1-(1) Um volume in-12; preço 3 francos, pelo correio, 3 fr. 35 c. Librairie intemational, 15, bulevarde Montmartre, em Paris.)

Juiz de instrução; membro dos congressos científicos da França; antigo membro do conselho geral de Tarn-et-Garonne.

Quando apareceu o romance de *Mirette,* os Espíritos disseram estas palavras notáveis à Sociedade de Paris:

"O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as suas formas; mas é ainda o caule verde que encerra a espiga de trigo, e espera para mostrá-lo que o calor da primavera a faz amadurecer e se entreabrir. 1866 preparou, 1867 amadurecerá e realizará. O ano se abre sob os auspícios de *Mirette e* ele não se escoará sem ver aparecer novas publicações do mesmo gênero, e mais sérias ainda, no sentido de que o romance se fará filosofia e que a filosofia se fará história." (Revista de fevereiro de 1867, página 64.)

Precedentemente, eles já haviam dito que se preparavam várias obras sérias sobre a filosofia do Espiritismo, onde o nome da Doutrina não seria timidamente dissimulado, mas altamente confessado e proclamado, por homens cujo nome e posição social dariam peso à sua opinião; e eles acrescentaram que o primeiro apareceria provavelmente pelo fim do presente ano.

A obra que anunciamos realiza completamente essa previsão. É a primeira publicação desse gênero onde a questão está encarada em todas as suas partes e de toda a sua altura; pode-se, pois, dizer que ela inaugura uma das fases da existência do Espiritismo. O que o caracteriza, é que não é uma adesão banal aos princípios da Doutrina, uma simples profissão de fé, mas uma demonstração rigorosa, onde os próprios adeptos encontrarão resumos novos. Lendo essa argumentação cerrada, levada, podendo-se assim dizer, até a minúcia, e por um encadeamento metódico das idéias, perguntar-se-á, sem dúvida, por qual estranha extensão da palavra poder-se-ia aplicar aoautoroepíteto de *louco.* Se é um louco que discute assim, poder-se-á dizer que os loucos, às vezes, fecham a boca às pessoas supostamente sensatas. É um discurso de defesa em regra, onde se reconhece o advogado que quer reduzir a réplica aos seus últimos limites; mas ali se reconhece também aquele que estudou sua causa seriamente e a escrutou em seus mais minuciosos detalhes. O autor não se limita a emitir a sua opinião: ele a motiva e dá a razão de ser de cada coisa; foi por isto que justamente intitulou o seu livro: *A Razão do Espiritismo.*

Publicando esta obra, sem cobrira sua personalidade com o menor véu, o autor prova que tem a verdadeira coragem de sua opinião, e o exemplo que dá é um título ao reconhecimento de todos os Espíritas. O ponto de vista em que se colocou é principalmente aquele das conseqüências filosóficas, morais e religiosas, as que constituem o objetivo essencial do Espiritismo e dele fazem uma obra humanitária.

Eis, de resto, como se expressa em seu prefácio.

"Está nas vicissitudes das coisas humanas, ou antes, parece fatalmente reservado a toda idéia nova, ser mal acolhida em seu aparecimento. Como tem ela por missão, o mais freqüentemente, transtornar as idéias que a precederam, encontra uma resistência muito grande da parte do juízo humano.

"O homem que viveu com os preconceitos, não acolhe senão com desconfiança a novidade que chega, que tende a modificar, a destruir mesmo as combinações e as idéias atrasadas em seu espírito, a forçá-lo, em uma palavra, a se colocar de novo à obra, para correr atrás da verdade. Aliás, ele se sente humilhado em seu orgulho, por ter vivido no erro.

"A repulsa que a idéia nova inspira é muito mais acentuada ainda, quando ela traz consigo obrigações, deveres; quando ela impõe uma linha de conduta mais severa.

"Ela encontra, enfim, ataques sistemáticos, ardentes, obstinados, quando ameaça as posições adquiridas, e, sobretudo, quando ela se acha em face do fanatismo ou de opiniões profundamente enraizadas na tradição dos séculos.

"As doutrinas novas têm, pois, sempre numerosos detratores; freqüentemente, têm mesmo perseguição a sofrer, o que fez Fontenelle dizer: "Que se tivesse todas as verdades em sua mão, se guardaria muito de abri-la."

"Tais eram o desfavor e os perigos que esperavam o Espiritismo em seu aparecimento no mundo das idéias. Os insultos, as zombarias a calúnia não lhe foram poupados; e, talvez, virá também o dia da perseguição. Os adeptos do Espiritismo foram tratados de iluminados, alucinados, ingênuos, loucos, e nesse fluxo de epítetos que parecem, no entanto, se contradizer e se excluir, acrescentam-se as de impostores, de charlatães, e, enfim, de cúmplices de Satã.

"A qualificação de louco é a que parece mais especialmente reservada a todo promotor ou propagador de idéias novas. Foi assim que se tratou de louco aquele que, o primeiro, achou de dizer que a Terra gira em torno do Sol.

"Era louco também o celebre navegador que descobriu um mundo novo. Era ainda um louco, para o areópago da ciência, aquele que encontrou a força do vapor; e a douta assembléia acolheu, com um desdenhoso sorriso, a sábia dissertação de Franklin sobre a propriedade da eletricidade e a teoria do pára-raios.

"Ele também não foi tratado de louco, o divino regenerador da Humanidade, o reformador autorizado da lei de Moisés? Não espiou ele, por um suplício ignominioso, a inoculação à Terra dos benefícios da moral divina?

"Galileu não expiou como herético, num cruel isolamento e pelas mais amargas perseguições morais, a glória de ter a primeira iniciativa do sistema planetário do qual Newton deveria promulgar as leis?

"São João Batista, o precursor do Cristo, foi também sacrificado à vingança dos culpados, dos quais marcava os crimes.

"Os apóstolos, depositários dos ensinos do divino Messias, deveram selar com seu sangue a santidade de sua missão. E a religião reformada não foi perseguida, a seu turno, e depois dos massacres de São Bartolomeu, não teve que sofrer as perseguições aos protestantes?

"Enfim, remontando até o ostracismo inspirado por outras paixões, vemos Aristides exilado, e Sócrates condenado a beber cicuta.

"Sem dúvida, graças aos costumes brandos que caracterizam o nosso século, sob o domínio de nossas instituições e às luzes que põem freio à intolerância fanática, as fogueiras não se levantaram para purificar pelas chamas as doutrinas espíritas, das quais se pretendem fazer remontar a paternidade a Satã. Mas elas devem esperar, elas também, um levante geral dos mais hostis, e os ataques de ardentes adversários.

"No entanto, esse estado militante não poderia enfraquecer a coragem daquele que estão animados de uma conviccão profunda, daqueles que têm a certeza de ter, em suas mãos, uma dessas verdades fecundas que constituem, em seus desenvolvimentos, um grande benefício para a Humanidade.

"Mas, qualquer que seja o antagonismo das idéias ou das doutrinas que o Espiritismo suscitará; quaisquer que sejam os perigos que ele deve abrir sob os passos dos adeptos, o Espírita não poderia deixar essa luz sob o alqueire, e se recusar a lhe dar todo o brilho que ela comporta, o apoio de suas convicções e o testemunho sincero de sua consciência.

"O Espiritismo, revelando ao homem a economia de seu organismo, iniciando-o no conhecimento de seus destinos, abre um campo imenso às sua mediações. Assim a filosofia espírita, chamada a trazer suas investigações para esses novos e esplêndidos horizontes, não tem por limite senão o infinito. Ele assiste, de alguma sorte, ao conselho supremo do Criador. Mas o entusiasmo é o obstáculo que deve evitar, sobretudo quando lança seus olhares sobre o homem, tornado tão grande, e que, no entanto, se faz orgulhosamente tão pequeno. Não é, pois, senão esclarecido pelas luzes de uma prudente razão, e que tomando por guia a fria e severa lógica, que ele deve dirigir suas peregrinações no domínio da ciência divina, cujo véu foi levantado pelos Espíritos.

"O livro é o resultado de nossos próprios estudos e de nossas mediações sobre este assunto que, desde o início, nos pareceu de uma importância capital, e ter conseqüências da mais alta gravidade. Nós reconhecemos que essas idéias são raízes profundas, e nelas entrevemos a aurora de uma era nova para a sociedade; a rapidez com a qual elas se propagam é um indício de sua admissão entre as crenças recebidas. Em razão de sua própria importância, não nos contentamos com afirmações e argumentos da doutrina; não só estamos assegurados da realidade dos fatos, mas escrutamos, com uma atenção minuciosa, os princípios que se fazem dela decorrer; dela temos procurado a razão com uma fria imparcialidade, sem negligenciar o estudo não menos consciencioso das objeções opostas pelos antagonistas; como um juiz que escuta as duas partes adversas, pesamos maduramente o pró e o contra. Foi, pois, depois de ter adquirido a convicção que as alegações contrárias nada destroem; que a doutrina repousa sobre bases sérias, sobre uma lógica rigorosa, e não sobre sonhos quiméricos; que ela contém o germe de uma renovação salutar do estado social surdamente minado pela incredulidade; que é, enfim, uma barreira poderosa contra a invasão do materialismo e da desmoralização, que

acreditamos dever dar a nossa apreciação pessoal, e as deduções que tiramos de um estudo atento.

Tendo, pois, encontrado uma razão de ser nos princípios desta ciência nova que vem tomar lugar entre os conhecimentos humanos, intitulamos o nosso livro: *A Razão do Espiritismo.* Este título é justificado pelo ponto de vista sob o qual encaramos o assunto, e aqueles que nos lerão reconhecerão, sem dificuldades, que este trabalho não é o produto de um entusiasmo inconsiderado, mas de um exame maduramente e friamente refletido.

Estamos convencidos de que quem, sem tomar a oposição sistemática, fizer, como nós o fizemos, um estudo consciencioso da Doutrina Espírita, considerá-la-á como uma das coisas que interessam, no mais alto grau, ao futuro da Humanidade.

"Dando a nossa adesão a esta doutrina, usamos do direito de liberdade de consciência que não pode ser contestado a ninguém, qualquer que seja sua crença; com mais forte razão, essa liberdade deve ser respeitada quando tem por objetivo os princípios da mais alta moralidade e conduzem os homens à prática dos ensinos do Cristo, e por isso mesmo são a salvaguarda da ordem social.

"O escritor que consagra sua pena a retratar a impressão que tais ensinos deixaram no santuário de sua consciência, deve bem se guardar de confundir as elucubrações eclodidas em seu horizonte terrestre com os traços luminosos partidos do céu. Se restam pontos obscuros ou ocultos em suas explicações, pontos que não lhe são dados ainda conhecer, é que nos objetivos da sabedoria divina ficam reservados para um grau superior na escala ascendente de sua depuração progressiva e de sua perfectibilidade.

"No entanto, apressemo-nos em dizer, todo homem convencido e consciencioso, consagrando suas meditações à difusão de uma verdade fecunda para a felicidade da Humanidade, tempera a sua pena na atmosfera celeste onde o nosso globo está imerso, e recebe incontestavelmente a centelha da inspiração."

A indicação do título dos capítulos fará conhecer o quadro abarcado pelo autor.

I.Definiçãodo Espiritismo.-2. Princípiodo bem e do mal.-3. União da alma com o corpo. - 4. Reencarnação. - 5. Frenologia. - 6. Do pecado original.-7.0 inferno.-8. Missão do Cristo.-9.0 purgatório. -10.0 céu. -11. Pluralidade dos globos habitados. -12. A caridade. - 13. Deveres do homem. - 14. Perispírito. - 15. Necessidade da revelação. - 16. Oportunidade da revelação. - 17. Os anjos e os demônios. - 18. Os tempos preditos. - 19. A prece. - 20. A fé. - 21. Resposta aos insultadores. - 22. Resposta aos incrédulos, ateus ou materialistas. - 23. Apelo ao clero.

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita reproduzir tantas passagens quanto tínhamos desejado. Limitar-nos-emos a algumas citações.

Cap. III, página 41. - "A utilidade recíproca e indispensável da alma e do corpo para a sua cooperação respectiva constitui, pois, a razão de ser dessa união. Além disto, ela constitui, para o Espírito, as condições militantes no caminho do progresso onde ele é chamado a conquistar a sua personalidade intelectual e moral.

"Como esses dois princípios cumprem, normalmente, no homem, o objetivo de sua destinação? Quando o espírito é fiel às suas aspirações divinas, ele restringe os instintos animais e sensuais do corpo e os reduz à sua ação providencial na obra do Criador; ele se desenvolve, cresce. É a própria perfeição da obra que se cumpre. Ele chega à felicidade, cujo último termo é inerente ao grau supremo de sua perfectibilidade.

"Se, ao contrário, abdicando o domínio que ele está chamado a exercer sobre o corpo, cede ao arrastamento dos sentidos, e se aceita sua condição de prazeres terrestres como *único objetivo de suas aspirações,* ele falseia a razão de ser de sua existência, e, longe de cumprir seus destinos, permanece estacionário; amarrado a esta vida terrestre que, no entanto, não teria devido ser para ele senão uma condição acessória, uma vez que não poderia ser seu fim, o Espírito, de chefe que era, torna-se subordinado; ele aceita insensatamente a felicidade terrestre que seus sentidos lhe fazem

sentir e que lhe propõem satisfazer, abafando assim nele a intuição da felicidade verdadeira que lhe está reservada. Ai está a sua primeira punição."

No capítulo XII, do inferno, página 99, encontramos esta notável apreciação da morte e dos flagelos destruidores:

"Seria enumerando os flagelos que passam sobre a terra o terror e o pavor, o sofrimento e a morte, que se creria poder dar a prova das manifestações da cólera divina?

"Sabei, pois, temerários *evocadores* das vinganças celestes, que os cataclismos que assinalais, longe de terem o caráter exclusivo de um castigo infligido à Humanidade, são, ao contrário, um ato da misericórdia divina, que fecha a esía o abismo onde a precipitariam a sua desordem, e lhe abre os caminhos do progresso que devem levá-la ao caminho que deve seguir para assegurar a sua regeneração.

"Que são os cataclismos, senão uma nova fase na existência do homem, uma era feliz marcando para os povos e para a Humanidade inteira, o ponto providencial de seu adiantamento?

"Sabei, pois, que a morte não é um mal; farol da existência do Espírito, aquele é sempre, quando vem de Deus, o sinal de sua misericórdia e de sua assistência benevolente. A morte não é senão o fim do corpo, o termo de uma encarnação, e nas mãos de Deus, é o aniquilamento de um meio corruptor e vicioso, a interrupção de uma corrente funesta, à qual, num momento solene, a Providência arranca o homem e os povos.

"A morte não é senão um tempo de parada na prova terrestre; longe de prejudicar o homem, ou antes o Espírito, ele o chama a se recolher num mundo invisível, seja para reconhecer suas faltas e lamentá-las, seja para se esclarecer e se preparar, por firmes e salutares resoluções, a retomar a prova da vida terrestre.

"A morte não gela o homem de frio senão porque, muito identificado à Terra, ele não tem fé em seu augusto destino, do qual a Terra não é senão a dolorosa oficina onde deve se cumprir a sua depuração.

"Cessai, pois, de crer que a morte seja um instrumento de cólera e de vingança nas mãos de Deus; sabei, ao contrário, que ela é, ao mesmo tempo, a expressão de sua misericórdia e de sua justiça, seja detendo o mal no caminho da iniqüidade, seja abreviando o tempo de provas ou de exílio do justo sobre a Terra.

"E vós, ministros do Cristo, que do alto do púlpito de verdade proclamais a cólera e a vingança de Deus, e pareceis, por vossas eloqüentes descrições da fantástica fornalha, atiçando as chamas inextinguíveis para devorar o infeliz pecador; vós que, de vossos lábios tão autorizados, deixais cair essa terrificante epígrafe: "Jamais! -Sempre!" esquecestes, pois, as instruções de vosso divino Mestre?"

Citaremos ainda as passagens seguintes, extraídas do capítulo sobre o pecado original.

"Em lugar de criara alma perfeita, Deus quis que não fosse senão por longos e constantes esforços que ela chega a se libertar desse estado de inferioridade inata, e gravitar para seus augustos destinos.

"Para chegar a esses fins, ela tem, pois, que romper os laços que a prendem à matéria, resistir aos arrastamentos dos sentidos, com a alternativa de sua supremacia sobre o corpo, ou da obsessão exercida sobre ela pelos instintos animais.

"São estes laços terrestres, dos quais lhe importa se libertar e que constituem nela as próprias condições de sua inferioridade; eles não são outro senão o pretenso pecado original, o alvéolo que vela sua essência divina. O pecado original constitui, assim, o ascendente primitivo que os instintos animais deveram exercer de início sobre as aspirações da alma. Tal é o estado do homem que a Gênese quis representar sobre a figura ingênua da árvore da ciência do bem e do mal. A intervenção da serpente tentadora não é outra senão os desejos da carne e a solicitação dos sentidos; o cristianismo

consagrou esta alegoria como um fato real ligando-se à existência do primeiro homem; foi sobre esse fato que se baseou o dogma da redenção.

"Colocado neste ponto de vista, é preciso reconhecê-lo, o pecado original deveu ser, e foi, com efeito, o de toda a posteridade do primeiro homem, e assim será durante uma longa seqüência de séculos, até a libertação completa do Espírito dos constrangimentos da matéria; libertação que, sem dúvida, tende a se realizar, mas que não se cumpriu ainda em nossos dias.

"Em uma palavra, o pecado original constitui as condições da natureza humana, portanto, os primeiros elementos de sua existência, com todos os vícios que ela engendrou.

"O pecado original é o egoísmo, é o orgulho que presidem a todos os atos da vida do homem;

"É o demônio da inveja e do ciúme que roem seu coração;

"É a ambição, que perturba o seu sono;

"É a cupidez que não pode saciar a sua avidez ao lucro;

"É o amor e a sede de ouro, esse elemento indispensável para dar satisfação a todas as exigências do luxo, do confortável e do bem-estar, que persegue o século com tanto ardor.

"Eis o pecado original proclamado pela *Gênese,* e que o homem sempre escondeu nele; não será apagado senão no dia em que, penetrado de seus altos destinos, o homem abandonar, de conformidade com a lição do bom La Fontaine, a sombra pela presa; no dia em que renunciar à miragem da felicidade terrestre, para voltar as suas aspirações para a felicidade real que lhe está reservada.

"Que o homem aprenda, pois, a se tornar digno de seu título de chefe entre todos os seres criados, e da essência etérea emanada do próprio seio de seu Criador e da qual está cheio. Que seja forte para lutar contra as tendências de seu envoltório terrestre, cujos instintos são estranhos às suas aspirações divinas e não poderiam constituirá sua personalidade espiritual; que o seu objetivo único seja sempre de gravitar para a perfeição de seu último fim, e o pecado original não existirá mais para ele."

O Sr. Bonnamy já é conhecido de nossos leitores que puderam apreciar a firmeza, a independência de seu caráter, e a elevação de seus sentimentos, pela carta notável que publicamos dele na *Revista* de março de 1866, página 76, no artigo intitulado: O *Espiritismo e* a *magistratura.* Ele vem hoje, por um trabalho de alta importância, emprestar resolutamente o apoio e a autoridade de seu nome a uma causa que, em sua consciência, considera como a da Humanidade.

Entre os adeptos já numerosos que o Espiritismo conta na magistratura, o Sr. Jaubert, vice-presidente do tribunal de Carcassonne, e o Sr. Bonnamy, juiz de instrução em Villeneuve-sur-Lot, foram os primeiros que arvoraram a sua bandeira abertamente; e o fizeram, não no dia seguinte à vitória, mas no momento da luta, quando a doutrina era o alvo dos ataques de seus adversários, e onde de seus adeptos estão ainda sob o golpe da perseguição. Os Espíritas presentes e os do futuro saberão apreciá-lo e não o esquecerão. Quando uma doutrina recebe os votos de homens tão justamente considerados, é *a* melhor resposta às diatribes das quais pode ser o objeto. A obra do Sr. Bonnamy marcará, nos anais do Espiritismo, não só como primeira em data em seu gênero, mas, sobretudo, por sua importância filosófica. O autor nela examina a Doutrina em si mesma, e nela discute os princípios dos quais tira a quintessência, fazendo abstração completa de toda personalidade, o que exclui todo pensamento de associação.

NO PRELO PARA APARECER EM DEZEMBRO

LA GÊNESE, LÊS MIRACLES ET LÊS PRÉDICTIONS

SEGUNDO O ESPIRITISMO

por ALLANKARDEC

1 vol. in-12 de 500 páginas.

AVISO

Resposta ao Sr. S. B. de Marseille.

Não se tem nenhuma conta das cartas que não são ostensivamente assinadas, ou que são sem endereço certo, quando o nome é desconhecido. Elas são postas de lado.

Esta resposta se dirige igualmente a uma série de cartas trazendo o timbre de *route de Besançon e* vindas cotidianamente durante um certo tempo. Se este aviso chegar ao seu autor, ele será informado que, pelo motivo acima, e tendo em vista a sua extensão, não foram mesmo lidas *à* medida de sua chegada, a pessoa encarregada do exame da correspondência as colocou de lado, como todas as que são cercadas de mistério, e que, por esta razão, não se consideram como bastante sérias para lhe dar o tempo em prejuízo dos trabalhos de uma importância real, e aos quais se bastam com dificuldade.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

10º ANO **NO. 12** **DEZEMBRO 1867**

O HOMEM ANTES DA HISTÓRIA.

ANCIANIDADE DA RAÇA HUMANA (1-(1) Este artigo foi tirado dos artigos científicos que o Sr. Rammarion publicou no S/ec/e. Acreditamos dever reproduzi-lo, primeiro porque sabemos do interesse que nossos leitores têm nos escritos desse jovem sábio, e, além disto, porque ele toca, do ponto de vista da ciência, em alguns pontos fundamentais da Doutrina expostos em nossa obra sobre a *Gênese.*).

Na história da Terra, a Humanidade talvez não tenha sido senão um sonho, e quando nosso velho mundo dormir nos gelos de seu inverno, a passagem de nossas sombras sobre sua fronte, talvez, não tenha deixado nele nenhuma lembrança. A Terra possui, em si própria, uma história incomparavelmente mais rica e mais complexa do que a do homem. Muito tempo antes do aparecimento de nossa raça, durante os séculos dos séculos, ela foi alternativamente ocupada por habitantes diversos, pelos seres primordiais, que estenderam sua dominação sucessiva em sua superfície, e desapareceram com as modificações elementares da física do globo.

Num dos últimos períodos, na época terciária, à qual podemos assinalar, sem medo, uma data de várias centenas de milhares de anos antes de nós, com respeito onde Paris ostenta hoje seus esplendores, era um Mediterrâneo, um golfo do oceano universal, acima do qual se elevavam, na França, o terreno cretácio de Troie, Rouen, Tours; o terreno jurássico de Chaumont, Bourges, Níort; o terreno triássico dos Vosges, e o terreno primitivo dos Alpes, do Auvergnee dos lados da Bretagne. Mais tarde, a configuração mudou. Na época em que viviam ainda os mamutes, o urso das cavernas, o rinoceronte de narinas separadas, podia-se ir pode ir por terra de Paris a Londres; e talvez esse trajeto fosse efetuado pelos nossos avós daquele tempo, porque havia homens aqui antes da formação da França geográfica.

Sua vida diferia tanto da nossa quanto a dos selvagens com os quais nos entretemos recentemente. Uns tinham construído seus pequenos burgos sobre pilotis no meio de grandes lagos; essas cidades lacustres, comparadas às dos castores, foram decifradas em 1853, quando, em conseqüência de uma grande seca, os lagos da Suíça, tendo baixado a um estágio inusitado, puseram a descoberto os pilotis, os utensílios de pedra, de chifre, de ouro e de argila, os vestígios inequívocos da antiga habitação de homens; e essas cidades aquáticas não sendo uma exceção: delas se encontraram mais de duzentas só na Suíça. Hérodote conta que os Pagãos habitavam cidades semelhantes sobre o lago Prasias. Cada cidadão que tomava mulher era obrigado a fazer virtrês pedras da floresta vizinha e de fixá-las no lago. Como o número das mulheres não era limitado, o soalho da cidade crescia depressa. As cabanas estavam em comunicação com a água por um alçapão, e as crianças eram amarradas pelo pé a uma corda, de medo de acidente. Homens, cavalos, gado, viviam juntos, nutriam-se de peixe. Hippocrate reporta os mesmos costumes aos habitantes de Phase. Em 1826, Dumont d'Urville descobriu cidades lacustres análogas sobre os lados da Nova-Guiné.

Outros habitavam as cavernas, as grutas naturais, ou formavam um refúgio grosseiro contra os animais ferozes. Encontram-se hoje seus ossos misturados ao da hiena, do urso das cavernas, do rinoceronte tricórnio. Em 1852, um escavador querendo julgar a profundidade de uma cova pela qual os coelhos se esquivavam dos caçadores, em Aurignac (Haute-Garonne), retirou dessa abertura ossos de grande dimensão. Atacando, então, o franco do montículo na esperança de ali encontrar um tesouro, ele se acha logo em face de um verdadeiro ossuário. O rumor público, se apoderando do fato, pôs em circulação relatos de falsos moedeiros, de assassinatos, etc. A autoridade julgou oportuno fazer recolher todas as ossadas para levá-las ao cemitério; e quando, em 1860, o Sr. Lartet quis examinar esses velhos restos, o coveiro nem mesmo se lembrava do lugar de sua sepultura. Com a ajuda de vários vestígios que cercam a caverna, dos traços de um lar, de ossos rachados para extrair a medula, pode-se, no entanto, se assegurar de que as três espécies acima nomeadas, viveram sobre esse ponto da França ao mesmo tempo que o homem. O cão já era o companheiro do homem, e, sem dúvida, foi sua primeira conquista.

A alimentação desses homens primitivos já era muito variada. Um professor pretende que eram carnívoros como doze e frutífero como vinte. O Sr. Flourens prefere que sejam exclusivamente alimentados de frutas. Mas a verdade *é* que, desde o começo, o hornem foi onívoro. Os kjokkenmoddings da Dinamarca nos conservaram os restos de cozi-*nha antediluviana* provandoesse fato até a evidência. Seu desjejum já tinha ostras e peixes, já conheciam o ganso, o cisne, o pato; apreciavam o galo selvagem, o veado, o cabrito montes, a rena, que caçavam e dos quais se encontraram os restos atravessados por flechas de pedra. O boi primitivo lhes dava já a sopa; o lobo, a raposa, o cão e o gato lhes serviam de pratos de resistência. As bolotas, as cevadas, as aveias, as ervilhas, os morangos e as framboesas terminavam essas comidas dos antigos Dinamarqueses. As Suíças da idade da pedra tinham, além disso, apropriado a carne do bisão, do alce, do touro selvagem, tinham submetido a cabra e a ovelha ao estado doméstico. A lebre e o coelho eram desdenhados por alguma razão supersticiosa; mas, em compensação, o cavalo já tinha tomado seu lugar em suas refeições. Todas as carnes se comiam cruas e fumegantes na origem, e, observação curiosa, os antigos Dinamarqueses não se serviam, como nós, de seus dentes incisivos para cortar, mas bem para *agarrar,* para retere mascarseu alimento; de sorte que esses dentes não eram cortantes como os nossos, mas achatados como os molares e que as duas arcadas dentárias paravam uma sobre a outra, em lugar de se encaixar.

Todos os selvagens primitivos não eram nus. Os primeiros habitantes das latitudes boreais, da Dinamarca, da Gália e da Helvécia, deveram se garantir do frio por cascas e peles de animais. Mais tarde, pensaram nos ornamentos. "O coquetismo, o amor ao adorno não datam de ontem, madames: testemunham esses colares formados com dentes de cão, de raposa e de lobo, de um buraco de suspensão. Mais tarde, os grampos de cabelo, os braceletes, os colchetes em bronze se multiplicaram ao infinito, e admira-se da variedade e mesmo do bom gosto dos objetos servindo para o toucador das pequenas proprietárias e os jovens ricos daquele tempo.

Durante essas épocas recuadas, encerravam-se os mortos sob abóbadas sepulcrais. Os cadáveres eram colocados de cócoras, os joelhos quase em contato com o queixo, os braços curvados sobre o peito e próximos da cabeça. Ai está, como se notou, a posição da criança no seio da sua mãe. Esses homens primordiais, certamente, o ignoravam e foi por uma espécie de intuição que eles assimilaram o túmulo a um berço.

Vestígios das épocas desaparecidas, esses grandes cones, essas colinas, que se chamavam nos séculos passados "túmulos dos gigantes" e que serviam de limites invioláveis, são as câmaras mortuárias sob as quais nossos ancestrais escondiam seus mortos. Quais eram esses primeiros homens? "Não é apenas por curiosidade, disse Virchow, que perguntamos quem eram esses mortos, se pertenciam a uma raça de

gigantes, quando viveram. Estas questões nos tocam. Esses mortos são nossos ancestrais, e as perguntas que dirigimos a esses túmulos são igualmente indícios de nossa própria origem. De que raça saímos? De quais começos saiu nossa cultura atual e onde ela nos conduz?"

Não é necessário remontará criação para receber alguma luz sobre nossas origens; de outro modo seria preciso nos ver condenados a morar sempre numa noite completa a esse respeito. Unicamente sobre a data da criação se contaram mais de 140 opiniões, e da primeira à última não há menos de 3.194 anos de diferença! Acrescentar uma 141ª hipótese não esclareceria o problema. Assim nos limitaremos a estabelecer que, do ponto de vista geológico, o último período na história da Terra, o período *quaternário,* o que dura ainda hoje, foi dividido em três fases: a fase diluviana, durante a qual houve imensas inundações parciais, e vastos depósitos e acumulações de saibro; a fase glacial, caracterizada pela formação das geleiras e por um maior resfriamento do globo; enfim, a fase moderna. Em suma, a importante questão, quase resolvida hoje, era de saber se o homem não data senão desta última época ou das precedentes.

Ora, está agora averiguado que ele data pelo menos da primeira, e que nossos primeiros ancestrais têm direito ao título de fósseis, tendo em vista que seus esqueletos (o pouco que resta) jazem com os do urso das cavernas, da hiena, dos felinos de cavernas, do elefante primitivo, do veado das florestas, etc., numa camada pertencente a uma ordem de vida diferente da ordem atual.

Nessas épocas recuadas reinava uma natureza muito diferente daquela que desdobra hoje seus esplendores ao nosso redor; outros tipos de plantas decoravam as florestas e os campos, outras espécies animais viviam na superfície do solo e nos mares. Quais foram os primeiros homens que despertaram nesse mundo primordial? Quais cidades foram edificadas? Que linguagem foi falada? Quais costumes foram usados? Estas perguntas estão ainda cercadas, para nós, de um profundo mistério. Mas do que nós temos a certeza é que lá onde nós fundamentamos hoje as dinastias e os monumentos, *várias raças de homens* habitaram sucessivamente durante os períodos seculares.

Sir John Lubbock, na obra assinalada no cabeçalho deste estudo, demostrou a antigüidade da raça humana pelas descobertas relativas aos usos e costumes de nossos ancestrais, como sir Charles Lyell o havia demostrado do ponto de vista geológico. Qualquer que seja o mistério que ainda envolve nossas origens, preferimos esse resultado ainda incompleto da ciência positiva, às fábulas e aos romances da antiga mitologia.

CAMILLEFLAMMARION.

UM RESSUSCITADO CONTRARIADO

Extraído da viagem do Sr. Victor Hugo à Zélande.

O episódio seguinte foi tirado do relato publicado pelo jornal *la Liberte,* de uma viagem do Sr. Victor Hugo à Holanda, na província de Zélande. Este artigo se acha no número de 6 de novembro de 1867.

"Acabamos de entrar na cidade. Eu tinha os olhos erguidos e fazia notar a Stevens, meu vizinho de banco, a moldura pitoresca de uma sucessão de telhados hispano-flamengos, quando, a seu turno, ele me tocou o ombro e me fez sinal para olhar o que se passava no cais.

"Uma multidão barulhenta de homens, mulheres e crianças cercou Victor Hugo. Descendo da viatura e escoltado pelas autoridades da cidade, ele avançava, o ar

simplesmente emocionado, a fronte descoberta, com dois buquês nas mãos e duas jovens de túnica branca ao seu lado.

Eram as jovens que vinham lhe oferecer os dois buquês.

"Que dizeis, por esse tempo de visitas coroadas e de ovações artificiais ou oficiais, dessa entrada ingenuamente triunfante de um homem universalmente popular que chega, de improviso, a uma região perdida, da qual nem suspeitava a existência, e que se encontra muito naturalmente em seus Estados? Quem teria podido fazer o poeta prever que essa pequena cidade desconhecida, da qual tinha considerado de longe a silhueta com curiosidade, era a boa cidade de Ziéricsée? "Ao jantar, o Sr. Van Maenen disse a Victor Hugo: " - Sabeis quais são essas duas lindas crianças que vos ofertaram os buquês? "-Não.

" - São as filhas de um fantasma.

"Isto pede uma explicação, e o capitão nos contou a aventura estranha que eis aqui:

"Há mais ou menos um mês disto. Uma tarde, ao crepúsculo, uma viatura onde estavam um homem e um rapaz entrou na cidade. É preciso dizer que esse homem tinha, pouco tempo antes, perdido sua mulher e um de seus filhos, e com isto ficou muito triste. Se bem que tivesse ainda duas jovens e o rapaz que estava nesse momento com ele, não tinha se consolado e vivia na melancolia.

"Naquela tarde, seguindo um desses aterros elevados e abruptos que estão, à direita e *à* esquerda, bordados de um fosso de água estagnada e freqüentemente profunda. Súbito o cavalo, mal dirigido, sem dúvida, através da bruma da tarde, perdeu bruscamente o equilíbrio e rolou do talude no fosso, arrastando consigo a viatura e a criança. "Houve, nesse grupo de seres precipitados, um momento de angústia horrível, do qual ninguém foi testemunha, e o esforço obscuro e desesperado para a salvação. Mas o tragamento se fez com a desordem da queda, e tudo desapareceu na cloaca, que se fechou com a espessa lentidão da lama.

"Só a criança, que permaneceu por milagre fora do fosso, gritava e chamava lamentavelmente, agitando seus bracinhos. Dois camponeses, que atravessavam, a alguma distância dali, um campo de garança, ouviram seus gemidos e acorreram. Eles retiraram a criança. "A criança gritava: "Meu papá! meu papá! eu quero meu papá!" " - E onde está, pois, teu papá? - Lá, dizia a criança, mostrando o fosso. "Os dois camponeses compreenderam, e consideraram a tarefa. Ao cabo de um quarto de hora, eles retiraram a viatura quebrada; ao cabo de meia hora, eles retiraram o cavalo morto. O pequeno gritava sempre e pedia seu pai.

"Enfim, depois de novos esforços, no mesmo buraco da fossa que *a* viatura e o cavalo, eles repescaram e trouxeram fora da água alguma coisa de inerte e de fétida que estava inteiramente negra e coberta de lodo: era um cadáver, o do pai.

Tudo isto havia tomado em torno de uma hora. O desespero da criança redobrava; não queria que seu pai estivesse morto. Os camponeses o acreditavam bem morto, no entanto; mas como a criança lhes suplicava e se agarrava a eles, e que eram brava gente, eles tentaram para acalmar o pequeno, o que se faz sempre em semelhante caso naquela região, e se puseram a rolar o afogado no campo de garança.

"Eles o rolaram assim um bom quarto de hora. Nada se mexeu. Eles o rolaram ainda. A mesma imobilidade. O pequeno seguia e chorava. Eles recomeçaram uma terceira vez, e iam renunciar por tudo de bom, quando lhes pareceu que o cadáver movimentava um braço. Eles continuaram. O outro braço se agitou. Eles se animaram. O corpo inteiro deu vagos sinais de vida, e o morto se pôs a ressuscitar lentamente.

"Isto é extraordinário, não é? Pois bem! Eis o que é mais inesperado ainda. O homem suspirou longamente em retornando *à* vida e gritou com desespero: "Ah! meu Deus! o que fizestes? Eu estava tão bem lá onde eu estava. Eu estava com minha mulher, com meu filho. Eles tinham vindo a mim, e eu a eles. Eu os via, estava no céu, estava na luz. Ah! meu Deus! o que fizestes? Eu não estou mais morto."

"O homem que assim falava vinha de passar uma hora na lama. Tinha o braço quebrado e contusões graves.

"Foi levado para cidade, e somente acabara de sarar, acrescentou o Sr. Van Maenen acabando de nos contar esta história. O Sr. D..., é uma das mais altas inteligências, não só da Zélande, mas da Holanda. É um de nossos melhores advogados. Todo mundo o estima e honra aqui. Quando ele soube, senhor Victor Hugo, que iríeis passar pela cidade, ele quis absolutamente se levantar de seu leito, que não tinha deixado ainda há um mês, e fez hoje sua primeira saída para ir diante de vós e vos apresentar suas duas jovens, a quem tinham dado para vós os buquês.

"Não houve senão um grito por toda a mesa.

"Ai estão as coisas que não se passam senão em Zélande! Os viajantes a ela não vêm mais, mas os habitantes a ela retornam.

"Dever-se-ia convidá-lo para jantar, opinou a parte feminina da mesa.

" - Convidá-lo! exclamei; mas nós já éramos doze! Não era precisamente o momento de convidar um fantasma. Gostaríeis, senhoras, de ter um morto por décimo terceiro?

" - Há, disse Victor Hugo, que tinha ficado em silêncio, dois enigmas nessa história, o enigma do corpo e o da alma. Eu não me encarrego de explicar o primeiro, nem de dizer como se pode que um homem permaneça tragado toda uma grande hora numa fossa sem que a morte se siga. A asfixia, é preciso crê-lo, é um fenômeno ainda mal conhecido. Mas o que compreendo admiravelmente, é *a* lamentação dessa alma. O quê! ela já tinha saído da vida terrestre, dessa sombra, desse corpo enlameado, desses lábios negros, dessa fossa negra! Ela tinha começado a evasão encantadora. Através da lama, ela tinha chegado à superfície do fosso, e lá apenas ligada ainda pela última pena de sua asa a esse horrível último suspiro apertado de lama, ela já respirava, silenciosamente o fresco inefável de fora da vida. Ela já podia volitar até seus amores perdidos e alcançar a mulher, e se levantar até a criança. De repente, a semi-evasão estremece; sente que o laço terrestre, em lugar de se romper inteiramente, se restabelece sob ela, e que, em lugar de subir na luz, desce bruscamente na noite, e que ela, aalma, se a faz violentamente reentrar no cadáver. Então, ela produz um grito terrível.

"O que resulta disto para mim, acrescentou Victor Hugo, é que a alma pode permanecer um certo tempo acima do corpo, no estado flutuante, não estando mais prisioneira e não estando ainda liberta. Esse estado flutuante é a agonia, é a letargia. O estertor é a alma que se lança fora da boca aberta e que ali cai por instantes, e que sacode, ofegante, até que se quebre o fio vaporoso do último sopro. Parece-me que eu a vejo. Ela luta, se escapa pela metade dos lábios, ali reentra, se escapa de novo, depois dá um grande golpe de asa, e ei-la que voa de um impulso e que desaparece no imenso céu. Ela está livre. Mas, algumas vezes também, o agonizante retorna à vida; então, a alma desesperada retorna ao agonizante. O sonho nos dá, às vezes, a sensação dessas estranhas idas e vindas da prisioneira. O sonho são alguns passos cotidianos da alma fora de nós. Até que ela tenha acabado seu tempo no corpo, a alma faz, cada noite, em nosso sono, o giro do pátio do sonho.

"PAULDELAMILTIÈRE."

O fato em si mesmo é eminentemente espírita, como se o vê; mas se é alguma coisa de mais espírita ainda, é *a* explicação que lhe dá o Sr. Victor Hugo; dir-se-ia textualmente na Doutrina; de resto, não é a primeira vez que ele se expressa nesse sentido. Se lhe lembra o encantador discurso que ele pronunciou, há três anos, na tumba da jovem Emily Putron (Revista Espírita de fevereiro de 1865, página 59); seguramente, o Espírita, o mais convicto, não falaria de outro modo. A tais pensamentos não falta absolutamente senão a palavra; mas que importa a palavra se as idéias se acreditam! O Sr. Victor Hugo, por seu nome autorizado, dela é um vulgarizador. E, no entanto, aqueles que as aclamam em sua boca ridicularizam o Espiritismo, nova prova que não sabem em que ele consiste. Se o

soubessem, não tratariam a mesma idéia de loucura em uns, e de verdade sublime nos outros.

CARTADE BENJAMIM FRANKLIN À SENHORA JONE MECONE.

SOBRE A PREEXISTÊNCIA.

Dezembro de 1770.

Em minha primeira estada em Londres, há quase quarenta e cinco anos, conheci uma pessoa que tinha uma opinião quase semelhante à de vosso autor. Seu nome era Hive; era a viúva de um impressor. Ela morreu pouco depois de minha partida. Pelo seu testamento, obrigou seu filho a ler publicamente, em Salter's-Hall, um discurso solene cujo objeto era provar que esta Terra é o verdadeiro inferno, o lugar de punição para os Espíritos que pecaram num mundo melhor. Em expiação de suas faltas, eles são enviados a este mundo sob formas de toda espécie. Eu vi, há muito tempo, esse discurso que foi impresso. Creio me lembrar que as citações das Escrituras ali não faltavam; supunha-se ali que, ainda bem que hoje não tenhamos nenhuma lembrança de nossa preexistência, nós dela retomamos conhecimento depois de nossa morte, e nos lembraremos os castigos sofridos, de modo a serem corrigidos. Quanto àqueles que não tinham ainda pecado, a visão de nossos sofrimentos deveria lhes servir de advertência.

De fato, vemos neste mundo que cada animal tem seu inimigo, e esse inimigo tem instintos, faculdades, armas para assombrá-lo, feri-lo, destruí-lo. Quanto ao homem, que está no primeiro grau da escala, ele é um diabo para seu semelhante. Na doutrina recebida da bondade e da justiça do grande Criador, parece que falta uma hipótese como a da senhora Hive para conciliar com a honra da divindade esse estado aparente de mal geral e sistemático. Mas, na falta da história e dos fatos, nosso raciocínio não pode ir longe quando queremos descobrir o que fomos antes de nossa existência terrestre, ou o que seremos mais tarde. *(Magasin pittoresque,* outubro de 1867, página 340.)

Reportamos na *Revista* de agosto de 1865, página 244, o epitáfio de Franklin, composto por ele mesmo, e que está assim concebido: "Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de Benjamin Franklin, impressor, como a cobertura de um velho livro cujas folhas são arrancadas, e o título e a douradura apagados; mas, por isto a obra não estará perdida, porque ele reaparecerá, *como o acreditava,* numa nova e melhor edição, revista e corrigida pelo autor."

Ainda uma das grandes doutrinas do Espiritismo, a pluralidade das existências, professada, há mais de um século, por um homem considerado, ajusto título, como uma das luzes da Humanidade. Esta idéia é de resto tão lógica, tão evidente que pelos fatos que se têm diariamente sob os olhos, que está no estado de intuição numa multidão de pessoas. Ela é mesmo positivamente admitida, hoje, por inteligências de elite, como princípio filosófico, fora do Espiritismo. O Espiritismo, portanto, não a inventou; mas a demonstrou e provou, e do estado de simples teoria a fez passar ao estado de fato positivo. É uma das numerosas portas abertas às idéias espíritas, porque, assim como explicamos numa outra circunstância, este ponto de partida admitido, de dedução em dedução chega-se forçosamente a tudo o que o Espiritismo ensina.

REFLEXO DA PREEXISTÊNCIA

Por JEAN RAYNAUD.

Eis o homem que toca o fim de sua carreira; em algumas horas ele não será mais deste mundo. Nesse momento supremo, tem ele consciência do resultado, do produto líquido da vida? Dela vê o resumo como num espelho? Pode dela se fazer uma idéia? Não, sem dúvida. No entanto, esse produto líquido, esse resumo existe em alguma parte. Está na alma de maneira latente, sem que ela possa discerni-lo. Ela o discernirá no grande dia; então o resumo de todo o passado, tomando vida ao mesmo tempo, se o conhecerá realmente. Neste mundo, não nos conhecemos senão por parcelas; a luz de um dia é apagada pelas trevas de um outro dia; a alma fecha e guarda em seu tesouro uma multidão de impressões, de percepções, de desejos que esquecemos.

Nossa memória está muito longe de ser proporcional à capacidade de nossa alma; e tantas coisas que agiram sobre nossa alma, das quais perdemos a lembrança, são para nós como se elas jamais tivessem sido. No entanto, elas têm seu efeito e seu efeito permanece; a alma deles guarda a impressão, que se encontrará no resumo final, que será nossa vida futura. (Extraído dos *Pensamentos genoveses,* por François Roget. *Magasin pittoresque,* 1861, página 222.)

JEANNE D'ARC E SEUS COMENTADORES.

Jeanne d'Arc é uma das grandes figuras da França, que se levanta na história como um imenso problema, e, ao mesmo tempo como um protesto vivo contra a incredulidade. É digno de nota que, neste tempo de ceticismo, foram os adversários mais obstinados do maravilhoso que se esforçaram por exaltar a memória dessa heroína quase lendária; obrigados a folhear nesta vida cheia de mistérios, se vêem constrangidos a reconhecer a existência de fatos que só as leis da matéria não poderiam explicar, porque tirando-se esses fatos, Jean d'Arc não é mais do que uma mulher corajosa, como se as vê sempre. Provavelmente, não foi sem uma razão de oportunidade que a atenção pública foi chamada sobre este assunto neste momento; foi um meio, como um outro, de abrir o caminho às idéias novas.

Jeanne d'Arc não é nem um problema, nem um mistério para os Espíritas; é um tipo eminente de quase todas as faculdades medianímicas, cujos efeitos, como uma multidão de outros fenômenos, se explicam pelos princípios da Doutrina, sem que seja necessário procurar-lhes a causa no sobrenatural. Ela é a brilhante confirmação do Espiritismo, do qual foi um de seus mais eminentes precursores, não por suas informações, mas pelos fatos, tanto quanto por suas virtudes, que denotam nela um Espírito superior.

Propomo-nos fazer, a este respeito, um estudo especial, desde que nossos trabalhos no-lo permitam; à espera disto não é inútil conhecer a maneira pela qual suas faculdades são encaradas pelos comentadores.

O artigo seguinte foi tirado do *Propagateur de Lille,* de 17 de agosto de 1867.

"Sem dúvida, nossos leitores recordam que este ano, na festa de aniversário do levante do cerco de Orléans, o Sr. abade Freppel pediu, com uma humilde e generosa audácia, a canonização de nossa Jeanne d'Arc. Lemos hoje na *Bibliothèque de* l'École dês *Chartes* um excelente artigo do Sr. Natalis de Wailly, membro da Académie dês Inscriptions, que, *a* propósito da *Jeanne d'Arc* de Sr. Wallon, das suas conclusões e as da verdadeira ciência sobre a história sobrenatural daquela quefoi, ao mesmotempo, uma heroína da Igreja e da França. Os argumentos do Sr. de Wailly são bem feitos para encorajar as esperanças do Sr. abade Freppel e os nossos. - Léon Gautier *(Monde)."*

"Não há muitos personagens que tenham sido, mais do que Jeanne d'Arc, alvo da contradição dos contemporâneos e da posteridade; no entanto, deles não há cuja vida seja mais simples e melhor conhecida. "Saída de repente da obscuridade, ela não aparece em cena senão para ali cumprir um papel maravilhoso, que logo atrai a atenção de todos. É uma jovem, hábil somente para fiar e costurar, que se pretende enviada de

Deus para vencer os inimigos da França. No início, ela não tem senão um pequeno número de partidários devotados, que crêem em sua palavra; os hábeis desconfiam e lhe fazem obstáculo: cedem, enfim, e Jeanne d'Arc pode alcançar as vitórias que havia predito. Logo ela arrasta até Reims um rei incrédulo e ingrato, que a trai no momento em que ela se prepara para vencer Paris, que a abandona quando ela cai prisioneira na mão dos Ingleses, que nem tenta mesmo protestar, nem proclamá-la inocente quando ela vai expirar por ele. No dia de sua morte, não foram, pois, somente os inimigos que a declararam apóstata, idolatra, impudica, ou os amigos fiéis que a veneravam como uma santa; havia também os ingratos que a esqueceram, sem falar dos indiferentes que não se incomodaram com ela, e as pessoas hábeis que se gabavam de não ter jamais acreditado em sua missão ou de não ter acreditado senão pela metade.

"Todas essas contradições, no meio das quais Jeanne d'Arc teve que viver e morrer, lhe sobreviveram e a acompanharam através dos séculos. Entre o vergonhoso poema de Voltaire e eloqüente história do Sr. Wallon, as opiniões mais diversas se produziram; e se todos concordam hoje em respeitar esta grande memória, pode-se dizer que, sob a admiração comum se escondem ainda profundas divergências. Com efeito, quem lê ou escreve a história de Jeanne d'Arc, vai erguer em face de si um problema que a crítica moderna não gosta de encontrar, mas que lá se impõe como uma necessidade. Este problema é o caráter sobrenatural que se manifesta no conjunto dessa vida extraordinária, e mais especialmente em certos fatos particulares.

"Sim, a questão do milagre se põe, inevitavelmente, na vida de Jeanne d'Arc; ela embaraçou mais de um escritor e provocou freqüentemente estranhas respostas. O Sr. Wallon pensou, com razão, que o primeiro dever de um historiador de Jeanne d'Arc era de não evitar esta dificuldade: abordá-la de frente, e explicá-la pela intervenção miraculosa de Deus. Tentarei mostrar que esta solução está perfeitamente conforme às regras da crítica histórica.

"As provas metafísicas sobre as quais se pode apoiar a possibilidade do milagre, escapam ou desagradam a certos espíritos; mas a história não tem que fazer essas provas. Sua missão não é estabelecer teorias; é de constatar os fatos, e registrar todos aqueles que lhe apareçam como certos. Que um fato miraculoso ou inexplicável deva ser verificado com mais atenção, ninguém o contestará; por conseqüência também, o mesmo fato, mais atentamente verificado do que os outros, adquire, de alguma sorte, um maior grau de certeza. Raciocinar de outro modo é violar todas as regras da crítica, e transportar mal a propósito à história os preconceitos da metafísica. Não há argumentação contra a possibilidade de um milagre, que dispensa examinar as provas históricas de um fato miraculoso, e de admiti-las quando são de natureza a produzirem a convicção num homem de bom senso e de boa fé. Ter-se-á mais tarde o direito de procurar para esse fato uma explicação que satisfaça tal ou tal sistema científico; mas, antes de tudo, e a qualquer coisa que chegue, a existência do fato deve ser reconhecida, quando repousa sobre provas que satisfazem às regras da crítica histórica.

"Há, sim ou não, fatos desta natureza na história de Jeanne d'Arc? Esta pergunta foi discutida e discutida por um sábio que precedeu o Sr. Wallon, e que adquiriu nessa matéria urna autoridade incontestável. Se cito aqui o Sr. Quicherat, de preferência ao Sr. Wallon, não é somente porque um constatou antes do outro os fatos que quero lembrar; é também porque ele se propôs estabelecê-los sem pretender explicá-los, de maneira que sua crítica, independente de todo sistema preconcebido, se limitou a colocar as premissas das quais não quis mesmo preverás conclusões.

"Está claro, disse ele, que os curiosos quererão ir mais longe, e raciocinar sob uma causa da qual não lhes bastará admirar os efeitos. Teólogos, psicólogos, fisiologistas, não tenho soluções a lhes indicar: que procurem, se o podem, cada um de seu ponto de vista, os elementos de uma apreciação que desafie todo contraditor. A única coisa que me sinto capaz de fazer na direção para onde se exercerá uma semelhante pesquisa, é de

apresentar, sob sua forma mais precisa, as particularidades da vida de Jeanne d'Arc, que parecem sair do círculo das faculdades humanas.

"A particularidade mais importante, a que domina todas as outras, é o fato da voz que ela ouvia várias vezes por dia, que a interpelava ou lhe respondia, da qual ela distinguia as entonações, com relação sobretudo a São Miguel, à Santa Catarina e *à* Santa Margarida. Ao mesmo tempo, se manifestava uma viva luz, onde ela percebia o rosto de seus interlocutores: "Eu os vejo com os olhos de meu corpo, dizia ela aos seus juizes, tão bem quanto vejo a vós mesmos." Sim, ela sustentava, com uma firmeza inquebrantável, que Deus a aconselhava por intermédio dos santos e dos anjos. Um instante, ela se desmentiu, fraquejou diante do medo do suplício; mas ela chorará essa fraqueza e a confessará publicamente; seu último grito nas chamas foi de que suas vozes não a tinham enganado e que suas revelações eram de Deus. É preciso, pois, concluir com o Sr. Quicherat que "sobre esse ponto a crítica mais severa não teve suspeita a levantar contra a sua boa fé." Uma vez constatado o fato, como certos sábios o explicaram? De duas maneiras: ou pela *loucura,* ou pela simples alucinação. Que disse disso o Sr. Quicherat? Que ele previa grandes perigos para aqueles que quisessem classificar o fato da Pucelle entre os casos patológicos.

"Mas, acrescenta ele, que a ciência ali encontre ou não sua conta, por isto não será preciso admitir menos as visões, e, como vou fazê-lo ver, estranhas percepções de espírito provenientes dessas visões. "Quais são as estranhas percepções de espírito? Foram revelações que permitiram a Jeanne: ora conhecer os mais secretos pensamentos de certas pessoas, ora de perceber objetos fora do alcance de seus sentidos, ora de discernir e de anunciar o futuro.

"O Sr. Quicherat cita para cada dessas três espécies de revelação "um exemplo assentado sobre bases tão sólidas, que não se pode, diz ele, rejeitá-lo sem rejeitar o próprio fundamento da História."

"Em primeiro lugar, Jeanne revela a Charles VII um segredo conhecido de Deus edela, único meio que ela teve para forçara fé deste príncipe desconfiado.

"Em seguida, encontrando-se em Tours, ela discerniu que havia, entre Loches e Chinon, na igreja de Santa Catarina de Fierbois, enfiada a uma certa profundidade perto do altar, uma espada enferrujada e marcada com cinco cruzes. A espada foi encontrada, *e* seus acusadores lhe imputaram, mais tarde, de ter sabido por ouvir dizer que a arma estava lá, ou de tê-lo feito ela mesma.

"Sinto, disse a este propósito o Sr. Quicherat, quanto uma semelhante interpretação parece forte num tempo como o nosso; quão fracos, ao contrário, são os fragmentos do interrogatório que coloco em oposição; mas, quando se tem o processo inteiro sob os olhos, e que nele se vê de que maneira o acusado põe sua consciência a descoberto, então, é seu testemunho que é forte, e a interpretação dos raciocínios que é fraca.

"Deixo, enfim, o próprio Sr. Quicherat contar uma das predições de Jeanne d'Arc:

"Numa de suas primeiras conversações com Charles VII, anuncia-lhe que, operando a libertação de Orléans, ela seria ferida, mas sem ser colocada fora do estado de agir; seus dois santos lhe haviam dito, e o acontecimento lhe prova que eles não a tinha enganado. Ela confessou isto em seu quarto interrogatório. Nisto seríamos reduzidos a esse testemunho, que o ceticismo, sem pôr em dúvida sua boa fé, poderia imputar seu dizer a uma ilusão de memória. Mas o que demonstra que ela predisse, efetivamente, seu ferimento, é que ela a recebeu em 7 de maio de 1429, e que, em 12 de abril precedente, um embaixador flamengo, que estava na França, escreveu ao governo de Brabant uma carta onde era reportada não só a profecia, mas a maneira pela qual ela se cumpriria. Jeanne teve o ombro furado por um tiro de balista no assalto do forte Tourelles, e o enviado flamengo havia escrito: *Ela deverá ser ferida com um tiro num combate diante de Orléans, mas não morrerá por isto.* A passagem de sua carta foi consignada nos registros da Chambre dês comples de Bruxelles.

"Um dos sábios cuja opinião lembrei ainda há pouco, o que fez de Jeanne d'Arc uma alucinada antes que uma louca, não contesta suas predições, e as atribui "a uma espécie de impressionabilidade sensitiva, a uma irradiação da força nervosa cujas leis ainda não são conhecidas."

"Se está bem seguro de que essas leis existem, e que jamais devem ser conhecidas? Enquanto elas não o forem, não vale mais confessar francamente sua ignorância do que propor tais explicações? Toda hipótese é boa quando se trata de negar a ação da Providência, e a incredulidade a dispensa de todo raciocínio? Não deveria se dizer que desde a origem dos tempos a imensa maioria dos homens concordou acreditar que existe um Deus pessoal, que depois de ter criado o mundo, o dirige e se manifesta quando lhe apraz por sinais extraordinários? Se se fizesse calar seu orgulho, não ouviriam esse concerto de todas as raças e de todas as gerações? O que é maravilhoso é que se possa ter uma fé tão robusta em si mesma quando se fala em nome de uma ciência que é a mais incerta e a mais variável de todas, de uma ciência cujos adeptos não cessam de se contradizer, cujos sistemas morrem e nascem como a moda, sem que jamais a experiência haja podido deles arruinar ou assentar, definitivamente, um único. Eu diria de bom grado a esses doutores em patologia: Se encontrardes enfermidades como as de Jeanne d'Arc, guardai-vos de curá-las; tratai antes que elas se tornem contagiosas.

"Melhor inspirado, o Sr. Wallon não pretendeu conhecer Jeanne d'Arc melhor do que ela mesma se conheceu. Colocado em face dos mais sinceros dos testemunhos, ouviu-o com interesse e concedeu-lhe uma confiança inteira. Essa mistura de bom senso e de elevação, de simplicidade e de grandeza, essa coragem sobre-humana, realçada ainda pelos curtos desfalecimentos da natureza, lhe apareceram não como sintomas de loucura ou de alucinação, mas como sinais brilhantes de heroísmo e de santidade. Lá, e não em outra parte, estava a crítica; de lá vem que, procurando a verdade, encontrou tanta eloqüência, e ultrapassou todos aqueles que o tinham antecedido nesse caminho. Ele merece estarcolocado na cabeça desses escritores dos quais o Sr. Quicherat disse excelentemente:

"Restituíram Jeanne tão inteira quanto puderam, e quanto mais se prenderam em reproduzir sua originalidade, mais encontraram o segredo de sua grandeza.

O Sr. Quicherat achará muito natural que eu empreste suas palavras para caracterizar um sucesso para o qual contribuiu mais do que ninguém; porque, se não convencionou escrever ele mesmo *a* história de Jeanne d'Arc, é doravante impossível empreendê-la sem recorrer aos seus trabalhos. O Sr. Wallon, em particular, deles tirou um imenso proveito, sem ter quase nada a modificar, nem nos textos recolhidos pelo editor, nem em suas conclusões. No entanto, não as aceitou sem controle. É assim que assinala uma omissão involuntária da qual prevaleceu um escritor que pende antes para a alucinação do que para a inspiração de Jeanne d'Arc. Lê-se, à página216doProcés(tomo 1°) que Jeanne d'Arc estava em jejum no dia em que ouviu, pela primeira vez, a voz do anjo, mas que ela não tinha jejuado no dia precedente. À página 52, ao contrário, Sr. Quicherat havia impresso: *et ipsa Johanna jejun averat die proecedenti. Em* suprimento à página 216a negação que falta à página 52, tinham-se dois jejuns consecutivos que pareciam uma causa suficiente de alucinação. O manuscrito não se presta, pois, a essa hipótese; o Sr. Wallon constatou que a exatidão habitual do Sr.Quicherat achava-se aqui em falta, e que era preciso ler, à página *52,non jejunaverat.*

"A única divergência um pouco grave que se percebe entre os dois autores é quando eles apreciam os vícios de forma assinalados no processo. O Sr. Quicherat sustenta que Pierre Cauchon era muito hábil para cometer ilegalidades, e o Sr. Wallon o crê muito apaixonado por haver podido disso se defender. Eu não estou no estado de decidir essa questão; faria somente notar que ela tem no fundo pouca importância, uma vez que, de uma parte e de outra, se está de acordo sobre a iniqüidade do julgamento e a inocência da vítima.

"Encontro o Sr. Wallon afirmando como Sr. Quicherat, contrariamente a uma opinião já antiga e que conserva ainda partidários, que Charles VII, uma vez sagrado em Reims, Jeanne d'Arc não tinha ainda cumprido toda a sua missão; porque ela mesma tinha anunciado como devendo, além disso, expulsar os Ingleses. Deixo de propósito de lado a libertação do duque de Orléans, porque é um ponto sobre o qual suas declarações não são tão explícitas. Mas pelo que concerne à expulsão dos Ingleses, tem-se a própria carta que ela lhe dirigiu no dia 22 de março de 1429: "Aqui vim da parte de Deus, *o* rei do céu, corpo por corpo, para vos empurrar fora de toda a França." Seus curtos desmaios nada podem contra esse texto autêntico que, aliás, ela confirmou em muitas ocasiões, até que ela o consagrou, sobre sua fogueira, por um protesto supremo. Eu não me explico, pois, que uma dúvida possa existir, sobretudo no espírito daqueles que crêem na inspiração de Jeanne d'Arc. Como podem conhecer sua missão, senão por ela? E porque lhe recusar aqui a crença que se lhe concede em outra parte? "Ela fracassou, dir-se-á, portanto ela não tinha missão de Deus para empreender. Tal foi, com efeito, o triste pensamento que se apoderou dos espíritos quando a souberam prisioneira dos Ingleses. Mas o piedoso Gerson, alguns meses antes de morrer e no dia seguinte à libertação de Orléans, tinha de alguma sorte previsto os reveses depois da vitória, não como uma reprovação para Jeanne d'Arc, mas como um castigo para os ingratos que ela vinha defender. Ele escreveu em 14 de maio de 1529:

"Quando muito mesmo (que a Deus não apraza!) ela teria se enganado em sua esperança e na nossa, e disto não seria preciso concluir que o que ela fez vem do espírito maligno e não de Deus; mas antes isto se prende à nossa ingratidão e ao justo julgamento de Deus, embora secreto......porque Deus, sem mudar de conselho, muda a sentença segundo os méritos.

"Ainda aqui, o Sr. Wallon fez boa crítica: ele não divide os testemunhos de Jeanne d'Arc, aceita-os todos e os proclama sinceros, mesmo quando parecem não ser mais proféticos. Eu acrescento que ele o justifica plenamente mostrando que, se ela tinha a missão de expulsar os Ingleses, não tinha prometido de tudo executar por ela mesma, mas que ela começou a obra e lhe predisse o término. O Sr. Wallon sentiu-a bem; não é compreender Jeanne d'Arc senão glorificá-la em seus triunfos para negá-la em sua paixão.

"Nós sobretudo, que conhecemos o desfecho desse drama maravilhoso, nós que sabemos que os Ingleses foram, com efeito, expulsos do reino e a coroa de Reims consolidada na fronte de Charles VII, devemos crer, com o Sr. Wallon, que Deus não cessou jamais de inspirar aquela da qual lhe aprouve consagrar a grandeza pela prova e a santidade pelo martírio." - N. de Wailly.

Aquele de nossos correspondentes de Anvers, que consentiu em nos enviar o artigo acima, acrescentou-lhe a nota adiante proveniente de suas pesquisas pessoais sobre o processo de Jeanne d'Arc:

"Pierre Cauchon, bispo de Beauvais, e um inquisidor chamado Lemaire, assistidos por sessenta assessores, foram os juizes de Jeanne. Seu processo foi instruído segundo as formas misteriosas e bárbaras da Inquisição, que havia jurado sua perda. Ela nele quis se reportar ao julgamento do Papa e do Concilio de Bale, mas o bispo a isto se opôs. Um padre, L'Oyseleur, a engana abusando da confissão, e lhe dá funestos conselhos. Em conseqüência de intrigas de toda sorte, ela foi condenada, em 1431, a ser queimada viva, "como mentirosa, perniciosa, abusadora do povo, adivinha, blasfemadora de Deus, descrente da fé de Jesus Cristo, vaidosa e idolatra, cruel, dissoluta, invocadora dos diabos, cismática e herética."

O Papa Calixte III, em 1456, fez pronunciar, por uma comissão eclesiástica, a reabilitação de Jeanne, e foi declarado, por um decreto solene, que Jeanne foi morta mártir pela defesa de sua religião, de sua pátria e de seu rei. O Papa quis muito canonizá-la, mas sua coragem não foi tão longe.

"Pierre Cauchon morreu subitamente, em 1443, fazendo a barba; ele foi excomungado; seu corpo foi desenterrado e lançado na lixeira.

A JOVEM CAMPONESA DE MONIN.

FATO DE APARIÇÃO.

Um de nossos correspondentes de Oloron (Basses-Pyrénées), nos dirigiu o relato do fato seguinte, que é de seu conhecimento pessoal:

"Pelo fim do mês de dezembro de 1866, não longe da aldeia de Monin (Basses-Pyrénées), uma camponesa com a idade de vinte e quatro anos, chamada Marianne Courbet, achando-se ocupada em recolher as folhas de uma campina, perto da casa em que ela mora com seu pai, com a idade de sessenta e quatro anos, e uma irmã com a idade de vinte e nove anos. Já há alguns instantes, um velho de uma estatura mediana, vestindo roupa de camponês, mantinha-se no canto da clarabóia que dá passagem para pradaria. De repente, ele chama a jovem que não tarda a se aproximar, e lhe pergunta se ela poderia lhe dar esmola.

" - Mas que poderia eu vos dar, disse-lhe ela, que nada tenho; a menos que queirais aceitar um pedaço de pão?

- O que quiserdes, replicou o velho; aliás, podeis ficar tranqüila, com isto, ele não vos faltará.

" E a camponesa se apressou em ir procurar o pedaço de pão. No seu retorno, o velho lhe disse:

- Já faz muito tempo que tínheis me respondido.

" - Como, retomou a camponesa admirada, eu poderia vos responder? vós não me tínheis ainda chamado.

- Eu não vos havia chamado, é verdade, mas meu Espírito tinha se transportado junto a vós, havia penetrado o vosso Espírito, e foi assim que conheci antecipadamente as vossas intenções. Parei também diante de uma outra casa, ali em baixo; meu Espírito penetrou o seu interior e conheci as disposições pouco caridosas daqueles que a habitam. Também pensei que era inútil ali pedir. Se essas pessoas não mudam, se elas continuam a não exercer a caridade, são bem a se lamentar. Por vós, não recusei jamais de dar a esmola, e Deus vos terá em conta os vossos sentimentos e vos restituirá bem além do que haveis dado aos infelizes... Estais mal dos olhos?

" - Ai! sim, responde a camponesa, e o mais freqüentemente a minha visão é de tal modo fraca que não posso me entregar aos trabalhos do campo.

" - Pois bem! continuou o velho, eis um par de óculos com o qual vereis perfeitamente. Tínheis uma irmã que vos amava muito e que morreu há oito anos e quatro meses.

"- É verdade, responde a camponesa, cada vez mais admirada.

" -Vossa mãe morreu há um ano.

" - É verdade, continuou ela, do mesmo modo.

" - Pois bem! ireis dizer cinco *Pater* e cinco *Ave* em sua tumba. Aliás, as duas se encontram num lugar onde são felizes e onde as revereis um dia. Antes de vos deixar, tenho uma coisa a vos recomendar: é ir à casa de tal pessoa (uma filha de má conduta, tendo vários filhos), e lhe pedireis vos deixar levar um de seus filhos, que educareis até a época de sua primeira comunhão.

"Enfim, eis um livro de missa que devereis guardar preciosamente e ao qual está ligada uma graça para todos aqueles que o tocarem. As pessoas que virão vos ver deverão dizer, ao chegar ou ao retornar, dois Pater e duas Ave para as almas do purgatório. Entre essas pessoas, cujo número aumentará dia a dia, de maneira

considerável, haverá as que rirão, que zombarão; a estas não contareis nada. Não deixeis de recomendará pessoa na casa da qual devereis pegar a criança, de se converter, porque creio que ela viverá ainda muito tempo.

"Eu vos previno de que tereis uma grave enfermidade pelo fim do mês de março; não chameis o médico, isto seria inútil; é uma prova à qual deveis vos submeter com resignação. Aliás, retornarei a vos ver.

"E o velho se afastou. Chegado a um pequeno ponto muito próximo, ele desapareceu de repente.

"Naturalmente, a jovem camponesa se apressou em ir contar o fato ao Sr. cura, ao qual ela mostrou o livro de missa. O cura lhe disse que pensava que havia ali alguma coisa de extraordinária e convidou-a a guardar com cuidado esse livro de missa. Ela se apressou também de fazer tudo o que o velho lhe havia recomendado, e depois, a viam sempre com seus óculos e a criança da qual se encarregou. Ela foi visitada por uma multidão inumerável, e, no último domingo, sua casa estava cheia ao ponto que o Sr. cura teve que cântaras vésperas quase

só para ele. Não devo esquecer uma circunstância importante, é que, segundo a predição do velho, a camponesa ficou acamada alguns dias. Agora, é preciso vos d**ize** que em Monin, como em Oloron, as opiniões são muito divididas com relação ao fato em questão; uns nele crêem e os outros ficam incrédulos. O cura de Monin, que havia de início achado a coisa muito extraordinária, pregou várias vezes para dissuadir seus paroquianos de ir visitara camponesa. Segundo esta, o personagem que se apresentou a ela lhe disse seu nome e lhe confiou várias coisas que ela não deve revelar, pelo menos para o momento. Em tudo isto, o que me fez refletir um pouco, foi que manifestou o desejo que se elevasse uma estátua representando-o, no lugar onde ele apareceu.

"A opinião geral, entre os crentes é que deve ser São José. Para mim, seu fato é verdadeiro, nele não posso ver senão uma manifestação espírita tendo por objetivo chamar a atenção sobre nossa filosofia, numa região dominada por influências contrárias."

ALGUMAS PALAVRAS À REVISTA ESPÍRITA

pelo jornal L‘exposition populaire illustrée.

O *Exposition populaire illustrée* contém, em seu trigésimo quarto número, o artigo seguinte, a respeito das reflexões com as quais fizemos seguir os dois artigos, de nosso último número, sobre o cura Gassner e os prognósticos, que havíamos emprestado a este jornal:

"Revista Espírita é um jornal especial mensal que, há dez anos, sustenta corajosamente a luta contra a numerosa classe dos escritores e dos homens superficiais que tratam, à porfia um dos outros, os adeptos da fé nova "de iluminados, de alucinados, de tolos, de loucos, de impostores, de charlatães, enfim, de cúmplices de Satã." Vedes que certos escritores gostam mais de insultar, ultrajar do que discutir.

"Ó meu Deus! todo esse vocabulário foi esgotado há trinta e cinco, a trinta e seis anos, contra os SAINT-SIMONIANOS, e, se não erramos, a eloqüência do Parquet se coloca à parte, e nos parece que o PAI, e um de seus ardentes discípulos, foram atingidos por uma condenação que os deixou livres para dirigir grandes administrações, ter assento no Instituto, serem elevados à dignidade de senador, de levara *tiracolo as* insígnias de diversas condecorações, a cruz de honra contida, mas que não lhes permite sentar no Conselho municipal de sua aldeia, mas ainda de usar do direito cívico do voto. "Vede bem que o ultraje não significa grande coisa; contudo, também, vedes sempre que dele resta alguma coisa; **-** é uma espécie de calúnia; ora, a calúnia, se disse bem muito tempo antes de nós, *quando ela não queima, enegrece.*

"Retornemos aos Espíritas; quem sabe o que está reservado aos homens da escola espírita? Talvez os vejamos um dia fazendo curta escada para chegar às sumidades do poder, assim como o fizeram os Srs. saint-simonianos.

"Sempre é que eles progridem (os Espíritas), que engrossam suas fileiras com homens sérios e inteligentes, magistrados reputados em suas corporações.

"Nós falamos hoje da REVISTA ESPÍRITA, porque a *Revista Espírita* consentiu em se ocupar de nós em seu último número (o de novembro)... Ela reproduziu diversas passagens de nosso vigésimo quarto número, relativo a *uma correspondência sobre os taumaturgos, e* se apressou em *protestar* contra a qualificação de taumaturgo que demos, em diversos outros artigos, ao *curador Jacob e aos curadores passados, presentes e futuros,* quando eles curam fora da terapêutica científica.

"A *Revista Espírita* protesta contra esta palavra TAUMATURGO, pela razão de que *ela não admite que nada se faça fora das leis naturais...',* mas me parece que é o que o nosso pequeno jornal já disse mais de vinte vezes.

"Não há nada, nada, nada, fora das leis naturais. "Tudo o que é, tudo o que advém, tudo o que se produz, é a resultante de leis naturais, de fenômenos naturais CONHECIDOS OU DESCONHECIDOS.

"Sim, mil vezes sim, "os fenômenos que pertencem à ordem dos fatos *espirituais* não são mais *miraculosos* do que os fatos materiais, tendo em vista que o ELEMENTO espiritual é uma das forças da Natureza, tão bem quanto o ELEMENTO material," dissestes!

"Sim, senhores, mil vezes sim, nós partilhamos vossos sentimentos; mas *protestamos* contra essa expressão *elemento,* tanto quanto haveis protestado contra *a qualifícação de taumaturgo dada* por nós a um *Espírita consciente* ou *inconsciente.*

"A palavra *taumaturgo* vos choca; dai-me uma outra, racional, lógica, compreensível...eu aceitarei.

"Por conseqüência lógica, a palavra milagre deve vos chocar; - dai-nos uma outra para representar, para exprimir o que representa, o que exprime a palavra *milagre, e eu a* adotarei.

"Mas enquanto o vosso, o nosso dicionário não for conhecido, é preciso *recorrer aodicionário da Academia;* verdadeiramente, senhores Espíritas, não é preciso outorgara pretensão de ter um outro vocabulário quanto *os Srs. Quarenta.*

"Linguisticamente, academicamente falando, o que é um taumaturgo? um fazedor de milagres.

"O que é um milagre? - Um ato do poder divino, contrário às leis *conhecidas da* Natureza.

"Portanto, Srs. curadores, os Hohenlohe, os Gassner, os Jacob, são *taumaturgos, fazedores de milagres,* porque agem fora das leis *conhecidas da* Natureza.

Inventai, criai, dai, promulgai uma nova palavra e nós a adotaremos; mas, até lá, permiti-nos conservar o velho vocabulário e a ele nos conformar até nova instrução, não podemos fazer de outro modo.

"Sabeis como age Jacob? dizei-o; - se não o sabeis, fazei como nós, reconheçais que age fora das leis conhecidas da Natureza, portanto é um taumaturgo.

"Por nossa conta, protestamos, como dissemos, contra a palavra *elemento,* por uma razão muito simples, é que declaramos ignorar completamente qual é e o *que é o elemento espiritual,* não mais do que não sabemos *o que é o elemento material.*

"Com respeito *ao elemento espiritual,* não reconhecemos senão o elemento criador: *Deus..*. - Com toda humildade, com toda veneração, curvamos a cabeça e respeitamos o inexplicável mistério *da encamação do sopro de Deus em nós...* nos limitando a repetir o que dissemos: *"há em nós um desconhecido que somos nós, que ao mesmo tempo comanda o nosso eu matéria e lhe obedece."*

"Para o que é do elemento *material,* proclamamos com toda força de nossa sinceridade que não estamos menos embaraçados... a criação do primeiro homem, da primeira mulher, enquanto seres *materiais,* é um mistério tão inextricável quanto o da espiritualização desse ser criado.

"Véu de trevas, segredo do criador que não é permitido levantar, penetrar.

"O elemento primitivo é Deus ou está em Deus... não procuremos, e dizemos com o mais sábio dos doutores da Igreja: "Não procureis penetrar esse mistério, vos tomareis louco."

"Agora, perguntaremos aos senhores da Revista *Espírita,* aqueles que crêem *na dupla vista,* na *visão espiritual,* por que se levantam *contra os fenômenos físicos considerados como prognósticos de acontecimentos felizes ou infelizes.*

Estes fenômenos, dizeis, não têm em geral nenhuma ligação com as coisas que parecem pressagiar. Podem ser os precursores de efeitos físicos dos quais são a conseqüência, como um ponto negro no horizonte pode pressagiar, ao marinheiro, a tempestade, ou certas nuvens anunciarem a chuva de granizo, mas o significado desses fenômenos, para as coisas de ordem moral, deve, acrescentai, ser alinhado entre as crenças supersticiosas que não se poderiam combater senão com muita energia.

"Explicai-vos um pouco melhor, senhores, porque tocais aqui uma das graves questões das ciências cabalísticas, das previsões proféticas.

"Dizei-nos francamente, lealmente, em qual categoria classificais as *influências numéricas;* vós as negais, as contestais, credes nelas?... Jamais refletistes sobre estas perguntas?

"Ficai em guarda; tudo se encadeia nos mistérios da criação, no segredo das correlações dos mundos, das correlações planetárias. Credes em vós mesmos, em vosso eu espiritual, *em vosso Espírito encarnado,* e credes também nos *Espíritos desencarnados:* portanto, aos Espíritos que estiveram *encarnados* e que, depurados de sua *encarnação* precedente, esperam uma *encarnação,* não dizemos mais celeste, mais divina, mas mais angélica... eis vossa fé; e depois, detereis a matemática divina, e vos direis: não creio nessa presciência regular que atingiria meu livre-arbítrio; não creio nesses cálculos de detalhe... Limitai-vos a duvidar, senhores; mas não negais.

"Se estudásseis a história da Humanidade tomando por guia as *concordâncias numéricas,* ficaríeis derrotados e não ousaríeis mais dizer que não poderiam combater essa crença supersticiosa com muita energia.

"Podemos colocar, sob vossos olhos, mais de QUATRO MIL concordâncias numéricas, históricas, indiscutíveis. Fazei chegar um acontecimento, nascer ou morrer um ano antes ou mais tarde, e a concordância cessa... Que lei as rege?... Mistério de Deus, -segredo desconhecido da criatura...;-e, como tudo se liga e se encadeia, ousai, vós que, em vossa qualidade de Espírita, deveis crer no magnetismo, na *sono-atividade,* no sonambulismo; vós que deveis crer no AGENTE (e não ELEMENTO) ESPIRITUAL, como podereis NEGAR as leis desconhecidas que regem as relações dos mundos entre eles?... Credes nas relações dos Espíritos ENCARNADOS com os Espíritos DESENCARNADOS! Sede, pois, lógicos e não recueis diante de nenhuma possibilidade oculta ainda nas trevas do desconhecido.

"Retornaremos a esta questão, que não é nova, mas que sempre permaneceu nos LIMBOS DA CIÊNCIA. (Servimo-nos desta palavra intencionalmente.)"

RESPOSTA.

As razões pelas quais o Espiritismo repudia a palavra *milagre,* pelo que lhe concerne em particular, e, em geral, pelos fenômenos que não saem das leis naturais, foram muitas

vezes desenvolvidas, seja nas obras sobre a Doutrina, seja em vários artigos da *Revista Espírita.* Elas estão resumidas na passagem seguinte, tirada do número de maio de 1867, página 132:

"Em sua acepção usual, a palavra *milagre* perdeu seu significado primitivo, como tantas outras, a começar pela palavra *filosofia* (amor à sabedoria), da qual se serve hoje para exprimir as idéias mais diametralmente opostas, desde o mais puro espiritualismo, até o materialismo mais absoluto. Não é duvidoso para ninguém que, no pensamento das massas, *milagre* implica a idéia de um fato extranatural. Perguntai a todos aqueles que crêem nos milagres se os consideram como efeitos naturais. A Igreja está de tal modo fixada sobre este ponto, que ela anatematiza aqueles que pretendem explicar os milagres pelas leis da Natureza. A própria Academia definiu esta palavra *:Ato do poder divino, contrário às leis conhecidas da Natureza. - Verdadeiro, falso milagre. - Milagre averiguado. - Operar milagres. - O dom dos milagres.*

"Para ser compreendido de todos, é preciso falar como todo o mundo; ora, é evidente que, se tivéssemos qualificado os fenômenos espíritas de *miraculosos,* o público teria menosprezado seu verdadeiro caráter, a menos de empregar cada vez uma circunlocução e dizer que são milagres que não são milagres como se o entende geralmente. Uma vez que a generalidade liga-lhe a idéia de uma derrogação das leis naturais, e que os fenômenos espíritas não são senão a aplicação dessas mesmas leis, é bem mais simples, e sobretudo mais lógico, decididamente: Não, o Espiritismo não faz milagres.

Desta maneira, não há nem desprezo, nem falsa interpretação. Do mesmo modo que o progresso das ciências físicas destruiu uma multidão de preconceitos, e fez reentrar na ordem dos fatos naturais um grande número de efeitos considerados outrora como miraculosos, o Espiritismo, pela revelação de novas leis, vem restringir ainda o domínio do maravilhoso; dizemos mais: ele lhe dá o último golpe, é porque não está, por toda parte, com odor de santidade, não mais que a astronomia e a geologia."

De resto, a questão dos milagres está tratada de maneira completa, e com todos os desenvolvimentos que ela comporta, na segunda parte da nova obra que publicamos sob o título de a *Gênese, os milagres e as predições, segundo o Espiritismo.* A causa natural dos fatos reputados *miraculosos,* no sentido vulgar da palavra, é explicada. Se o autor do artigo acima se der ao trabalho de lê-la, verá que as curas do Sr. Jacob, e todas as do mesmo gênero, não são um problema para o Espiritismo que, há muito tempo, sabe a que se pegar sobre este ponto; é uma questão quase elementar.

A acepção da palavra *milagre,* no sentido de fato sobrenatural, está consagrada pelo uso; a Igreja a reivindica, por sua conta, como parte integrante de seus dogmas; parece-nos, pois, difícil fazer retornar esta palavra à sua acepção etimológica sem expor a qüiproquós. Seria preciso, disse o autor, uma palavra nova; ora, como tudo o que não está fora das leis da Natureza é natural, nisto não encontramos outra podendo abarcá-los todos senão a *de fenômenos naturais.*

Mas os fenômenos naturais, reputados miraculosos, são de duas ordens; uns dependem das leis que regem a matéria, os outros das leis que regem o princípio espiritual. Os primeiros são da alçada da ciência propriamente dita, os segundos estão mais especialmente no domínio do Espiritismo. Quanto a estes últimos, como eles são, para a maioria, uma conseqüência dos atributos da alma, a palavra existe; são chamados *fenômenos psíquicos,* e, quando são combinados com os efeitos da matéria, poder-se-ia chamá-los *psico-materiais* ou *semi-psíquicos.*

O autor critica a expressão de *elemento espiritual,* pela razão, diz ele, que o único elemento espiritual é Deus. A isto, a resposta é muito simples. A palavra *elemento* não é tomada aqui no sentido de *corpo simples, elementar, de moléculas primitivas,* mas no de parte *constituinte de um todo.* Neste sentido, pode-se dizer que *o elemento espiritual* tem uma parte ativa na economia do universo, como se diz que o *elemento civil* e o *elemento*

militar figuram por tal proporção na quantidade de uma população; que o *elemento religioso* entra na educação; que, na Argélia, há o *elemento árabe* e o *elemento europeu,* etc. A nosso turno, diremos ao autor que, na falta de uma palavra especial para esta última acepção da palavra *elemento,* é-se forçado dela se servir. De resto, como estas duas acepções não representam idéias contraditórias, como a da palavra *milagre,* não há confusão possível, sendo a mesma a idéia radical.

Se o autor se der ao trabalho de estudar o Espiritismo, contra o qual constatamos com prazer que ele não tem uma posição de negação, nele encontrará a resposta às dúvidas que parecem exprimir algumas partes de seu artigo, no que toca à maneira de encarar certas coisas, salvo, todavia, no que concerne à ciência das concordâncias numéricas das quais jamais nos ocupamos, e sobre a qual, conseqüentemente, não poderíamos ter uma opinião definida.

O Espiritismo não tem a pretensão de ter a última palavra sobre todas as leis que regem o universo, por isto jamais *disse: Neoplus ultra.* Pela sua própria natureza ele abre o caminho a todas as novas descobertas, mas até que um princípio novo seja constatado, não o aceita senão a título de hipótese ou de probabilidade.

O ABADE DE SAINT-PIERRE

As Efemérides do Siécle, de 29 de abril último, continham a notícia seguinte:

1743. -A morte do abade de Saint-Pierre (Charles-lrénée Gastei de), escritor e filantropo, em nome do qual permanecerá eternamente ligado a lembrança do *projeto de paz perpétua,* cuja concepção parece se tornar, cada dia, mais impraticável. A vida inteira desse digno abade se consumiu em trabalhos e em ações que tinham por objetivo a felicidade dos homens. Dar e perdoar deveria ser, em sua opinião, a base de toda a moral, e a colocava constantemente em prática; foi ele também quem criou, ou pelo menos ressuscitou a palavra *beneficência,* exprimindo uma virtude que exercia diariamente. O abade de Saint-Pierre nasceu em 18 de fevereiro de 1658, e a Academia francesa lhe abriu suas portas em 1695; mas, um dia, em sua *Polysynodie, o* abade se expressou severamente sobre o reinado de Louis XIV. O cardeal de Polignac denuncia o livro à Academia, que condena o autor sem se dignar ouvi-lo, e o exclui, de seu seio, em 1718. J.-J. Rousseau, que partilha e desenvolve algumas das idéias do abade de Saint-Pierre, disse dele: "Era um homem raro, a honra de seu século e de sua espécie."

O abade de Saint-Pierre era um homem de bem e de talento, justamente estimado. Nas circunstâncias presentes, a idéia que ele tinha perseguido quando vivo dava, à sua evocação, uma espécie de atualidade.

(Sociedade de Paris; 17 de maio de 1867; méd. Sr. Rui.)

Evocação. A nota que acabamos de ler nas Efemérides do Siecle, nos evocou vossa lembrança, e nela lemos com interesse o justo tributo de elogios prestado às qualidades que vos mereceram a estima de vossos contemporâneos, e vos asseguram a da posteridade. Um homem que teve idéias tão elevadas não pode ser senão um Espírito avançado; por isto ficaremos felizes em aproveitar vossas instruções, se consentirdes vir entre nós. Ficaremos particularmente encantados em conhecer vossa opinião atual sobre a paz perpétua que foi objeto de vossas preocupações.

Resposta. Venho com prazer responder ao chamado do presidente. Sabeis que, em todas as épocas, os Espíritos vêm se encarnar sobre a Terra, para ajudar o adiantamento de seus irmãos menos avançados. Eu fui um desses Espíritos. Eu tinha o dever de procurar persuadir os homens que têm o hábito de lutas fratricidas, que viria uma época

onde as paixões que engendram a guerra dariam o lugar ao apaziguamento e à concórdia. Eu queria lhes fazer pressentir que, um dia, os irmãos inimigos se reconciliariam, dar-se-iam o beijo da paz, que não haveria lugar, em seu coração, senão para o amor e a benevolência, e que não pensariam mais em forjaras armas que semeiam a morte, a devastação e as ruínas! Se fui benevolente, era o efeito de minha natureza mais avançada do que as de meus contemporâneos. Hoje, um grande número entre vós pratica essa virtude evangélica, e, se ela é menos notada, é que está mais difundida e que os costumes se abrandaram.

Mas retorno à questão que foi o objeto desta comunicação, à paz perpétua. Não há um único Espírita que duvide que o que se chama uma utopia, o sonho do abade de Saint-Pierre, não se torne mais tarde a realidade.

Não se tem sorte hoje, no meio de todos esses clamores que anunciam a aproximação de graves acontecimentos, de falar de paz perpétua; mas, estejais bem persuadidos de que essa paz descerá sobre vossa Terra. Assistis a um grande espetáculo, o da renovação de vosso globo. Mas quantas guerras antes! quanto sangue derramado! quantos desastres! Infelizes aqueles que, por seu orgulho, por sua ambição, terão desencadeado a tempestade! Terão que prestar contas de seus atos àquele que julga os grandes e os poderosos, como os menores de seus filhos!

Perseverai todos, irmãos, que sois também os apóstolos da paz perpétua, porque ser os discípulos do Cristo é pregar a paz, a concórdia. No entanto, eu vos digo ainda, antes que não sejais testemunhas desse grande acontecimento, vereis novos engenhos de destruição, e mais os meios de se matar mutuamente se multiplicarão, mais depressa os homens prepararão o acontecimento da paz perpétua.

Eu vos deixo vos repetindo as palavras do Cristo: "Paz sobre a Terra aos homens de boa vontade."

Aquele que foi o Abade de Saint-Pierre.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

DOS ERROS *CIENTÍFICOS.*

(Paris, 20 de março de 1867, grupo do Sr. Lampérière).

Do mesmo modo que o corpo tem seus órgãos de locomoção, de nutrição, de respiração, etc., do mesmo modo o Espírito tem faculdades variadas que se relacionam respectivamente com cada situação particular de seu ser. Se o corpo tem sua infância, se os membros desse corpo são fracos e débeis, incapazes de sacudir os fardos que poderão mais tarde levantar sem dificuldade, o Espírito possui desde o início faculdades que devem, como tudo que existe, passar da infância à juventude, e da juventude à idade madura. Pedireis a criança de berço para agir com a rapidez, a segurança e a habilidade do homem feito? Não, isto seria loucura, não é? Não é preciso exigir de cada um senão o que entra no quadro de suas forças e de seus conhecimentos. Mandar àquele que jamais tocou um livro de matemática ou de física, raciocinar sobre um ramo qualquer dos conhecimentos que dependem dessas ciências, seria tão pouco lógico quanto pretender exigir uma descrição exata de uma região longínqua, de um Parisience que jamais deixou o recinto de sua cidade natal, e algumas vezes de seu bairro!

É, pois, necessário, para julgar sadiamente uma coisa, ter dessa coisa um conhecimento tão completo quanto possível. Seria absurdo fazer sofrer um exame de leitura corrente àquele que começa apenas a soletrar; e, no entanto!... no entanto, o homem, esse humanimal dotado de razão, esse poder da criação, para quem tudo é obstáculo no livro dos mundos, essa criança terrível que apenas balbucia as primeiras palavras da verdadeira ciência, esse mistificado da aparência, pretende ler, sem

hesitação, as páginas mais indecifráveis do manual que a Natureza apresenta, cada dia, aos seus olhos. O desconhecido nasce sob seus passos; ele o choca em seus lados; para diante, para trás, por toda parte, em tudo, o que não são senão problemas sem solução, ou cujas soluções conhecidas são ilógicas e irracionais, e a grande criança desvia seus olhos do livro, dizendo: Eu te conheço, a um outro!... Ignorante das coisa, apega-se às causas dessas coisas, e sem bússola, sem compasso, embarca no mar agitado dos sistemas preconcebidos, que o conduz fatalmente a um naufrágio do qual a dúvida e a incredulidade são o resultado! O fanatismo, filho do erro, o tem sob seu cetro; porque, sabei-o bem, o fanático não é aquele que crê sem prova e que, por uma fé incompreendida, daria a sua vida; há fanáticos de incredulidade, como há fanáticos de fé!

O caminho da verdade é estreito, e é necessário sondar o terreno antes de avançar, para não se precipitar nos abismos à direita e à esquerda.

Apressa-te lentamente, diz a sabedoria das nações, e como sempre quando ela está de acordo com o bom senso, a sabedoria das nações tem razão. - Não deixes o inimigo atrás de ti, e não avances senão quando estiver seguro de não seres obrigado a retornar para trás. - Deus é paciente porque é eterno; o homem, que tem a eternidade diante dele, pode, ele também, ser paciente.

Que julgue sobre a aparência, que se engane e reconheça seu erro no futuro, é lógico; mas que pretenda não poder se enganar, que assinale um limite qualquer ao entendimento humano, a criança reaparecerá sobre a água com seus caprichos e suas fúrias impotentes!... O potro ainda não fez loucura; ele se enfurece, se empina! o sangue quente circula em suas veias!... Deixai-o fazer, a idade saberá acalmar seu ardor sem destruí-lo, e disso tirará mais proveito medindo mais sabiamente a despesa!

Em nascendo, o homem vê um plano formado de terra e de rocha se estender sem limite sob seus passos; um plano azul salpicado de luzes cintilantes se estender sobre sua cabeça e parecendo se mover regularmente; disto concluiu que a Terra era um grande platô acidentado, dominado por uma cúpula animada por um movimento constante. Relacionando tudo a ele, se fez o centro de um sistema criado para si, e a Terra imutável contempla o sol no plano celeste. Hoje, o sol não gira mais e a Terra está posta em movimento; o primeiro ponto não seria, talvez, difícil de elucidar *segundo a Bíblia,* porque, se Josué ordenou um dia ao sol para parar, não se vê em nenhuma parte que ele tenha mandado que retomasse seu curso.

A inteligência humana, hoje, dá um desmentido aos trabalhos das inteligências de uma época mais recuada, e, assim, de época em época, desde a origem, e, no entanto, apesar das lições do passado, bem que se percebe, por precedentes, que a utopia de ontem é, freqüentemente, amanhã realidade, o homem se obstina em dizer: Não, tu não irás mais longe! Quem poderia fazer mais do que nós? A inteligência está no cume da escala; depois de nós, não se pode senão descer!... E, no entanto, aqueles que dizem isso são as testemunhas, os propagadores e os promotores das maravilhas realizadas pela ciência atual. Fizeram numerosas descobertas que modificaram singularmente as teorias de seus predecessores; mas que importa!... O eu fala neles mais alto do que a razão. Gozando de uma realeza da um dia, não podem admitir que serão submetidos amanhã a uma força que o futuro mantém ao abrigo de seus olhares.

Eles negam o Espírito, como negaram o movimento da Terra!... Lamentamo-los, e nos consolemos de sua cegueira em nos dizendo que o que é não pode permanecer eternamente escondido; a luz não pode se tornar a sombra; a verdade não pode se tornar erro; as trevas se desfazem diante da aurora.

Ó Galileu!... onde estejas, te rejubilas, porque *ela se move....* e podemos nos alegrar, também nós, porque nossa Terra para nós, nosso mundo, a inteligência, o Espírito tem também seu movimento incompreendido, desconhecido, mas que se tornará logo tão evidente quanto os axiomas reconhecidos pela ciência.

FRANÇOIS ARAGO.

A EXPOSIÇÃO.

Paris. Grupo Desliens. Méd. Sr. Desliens.

O observador superficial que lançasse neste momento os olhos sobre o vosso mundo, sem muito se preocupar com algumas pequenas manchas disseminadas em sua superfície, e que parecem destinadas a fazer ressaltar os esplendores do conjunto, diria, sem nenhuma dúvida, que a Humanidade jamais apresentou uma fisionomia mais feliz. Por toda parte, celebram-se com rivalidade as núpcias de Gamache. Não são senão festas, maneiras de prazer, cidades enfeitadas *e* rostos felizes. Todas as grandes artérias do globo conduzem em vossa capital muito estreita a multidão matizada de todos os climas. Em seus bulevares, o Chinês e o Persa saúdam o Russo e o Alemão; a Ásia em cachemira dá a mão à África em turbante; o novo mundo e o antigo, a jovem América e os cidadãos do mundo europeu se chocam, se acotovelam, conversam no tom de uma inalterável amizade.

É, pois, verdadeiramente que o mundo esteja convidado à festa da paz? A Exposição francesa de 1867 seria o sinal tão esperado da solidariedade universal? - Estar-se-ia tentado em crê-lo, se todas as animosidades estivessem apagadas; se cada um, pensando na prosperidade industrial e no triunfo da inteligência sobre a matéria, deixando tranqüilamente os engenhos de morte, os instrumentos de violência e de força, dormir no fundo de seus arsenais no estado de relíquias boas para satisfazer a curiosidade dos visitantes.

Mas estais lá? Ai! não; o rosto fingido sob o sorriso, o olhar ameaçador quando a boca cumprimenta, e não se aperta cordialmente a mão, no próprio momento em que cada um medita a ruína de seu vizinho. Ri-se, canta-se, dança-se; mas escutai bem, e ouvireis o eco repetir esses risos e esses cantos como soluços e gritos de agonia!

A alegria está sobre os rostos, mas a inquietação está nos corações. Alegram-se para distrair-se, e, pensando-se no dia seguinte, fecham-se os olhos para não ver.

O mundo está em crise, e o comércio se pergunta o que fará quando o zunzum da Exposição tiver passado. Cada um medita sobre o futuro, e sente-se que neste momento não se vive senão hipotecando o tempo futuro.

Que falta, pois, a todos esses felizes? Não são hoje o que eram ontem? não serão amanhã o que são hoje? Não, o arco comercial, intelectual e moral, endireita-se cada vez mais, a corda se estende a flecha vai partir! - Onde os levará ela? - Eis o segredo do medo instintivo que se reflete sobre muitas frontes! Não vêem, não sabem, eles pressentem um eu não sei quê; um perigo está no ar, e cada um treme, cada um se sente moralmente oprimido, como quando uma tempestade prestes a manifestar-se age sobre os temperamentos nervosos. Cada um está à espera, e o que acontecerá? uma catástrofe ou uma solução feliz? Nem uma nem a outra, ou antes, os dois resultados coincidirão.

O que falta às populações inquietas, às inteligências desesperadas, é o senso moral atacado, macerado, semi-destruído pela incredulidade, pelo positivismo, pelo materialismo. Crêem no nada, mas não se o temem; sentem-se no limiar deste nada e tremem!.. Os demolidoras fizeram sua obra, o terreno está desobstruído. - Construí, pois, com rapidez para que a geração atual não permaneça mais sem abrigo! Até aqui o céu se manteve estrelado, mas uma nuvem aparece no horizonte; cobri depressa vossos telhados hospitalares; convidai a todos os habitantes da planície e da montanha. O furacão vai logo maltratar com rigor, *e,* então, infelizes dos imprudentes, confiantes na certeza do bom tempo. Terão a solução de seus temores vagos, e, se saírem da liça contundidos, atormentados, vencidos, não deverão a isto ligar senão a si mesmos do que à sua recusa em aceitara hospitalidade tão generosamente oferecida.

À obra, pois; construí sempre o mais depressa; acolhei o viajante que venha a vós, mas ide também procurar, e tentai conduzir a vós aqueles que se afastam sem baterá vossa porta, porque Deus sabe a quantos sofrimentos estaria exposto antes de encontrar o menor refúgio capaz de preservá-lo dos prejuízos do flagelo.

MOKI.

ALLAN KARDEC